



MAHA AKHTAR

MEL *e*  
AMÊNDOAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

MEL *e*  
AMÊNDOAS

MAHA AKHTAR

MEL *e*  
AMÊNDOAS

Tradução  
Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

Copyright © Roca Editorial, 2012

Publicado originalmente em espanhol pela Roca Editorial e publicado no Brasil conforme acordo com SalmaiaLit.

Todos os direitos reservados

Título original: *Miel y almendras*

*Preparação:* Alyne Azuma

*Revisão:* Paula B. P. Mendes

*Diagramação:* Ingrid Velasques

*Capa:* adaptada do projeto gráfico original de Mario Arturo

*Imagem de capa:* Jayne Szekely/Arcangel Images

Conversão ePub: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A267m

Akhtar, Maha

Mel e amêndoas / Maha Aakhtar ; [tradução Sandra Martha Dolinsky]. – 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2013

448p. : il

Tradução de: Miel y almendras

ISBN 978-85-422-0188-8

1. Romance libanês. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

13-00716.

CDD: 892.73  
CDU: 821.411.21-3

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3o andar – cj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

Para minha mãe...

E para Dougall,  
meu fiel terrier e meu melhor amigo,  
que esteve sentado a meu lado enquanto eu escrevia este livro.

# Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21



Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Glossário

Agradecimentos



## Capítulo 1

O esbelto braço moreno de Mouna surgiu por debaixo da colcha e bateu em busca do despertador, mas os longos dedos não o encontraram. Continuou sonhando. Bateu de novo, e como não conseguia alcançá-lo, deixou escapar um gemido exasperado. Levantou a cabeça, pegou-o e apertou o botão do alarme. O quarto ficou em silêncio. Mas não por muito tempo. Logo o estridente repique voltou a soar, acompanhado de uma forte batida na porta.

– Mouna! São nove horas! – gritou sua mãe do outro lado da porta. – Mouna!

A porta se abriu, e a figura de Fátima se desenhou no umbral, enquanto a brilhante luz do sol invadia o quarto.

– Mouna, se você não se levantar agora mesmo, vai chegar atrasada outra vez ao trabalho – censurou-a, antes de murmurar alguma coisa sobre a roupa jogada no chão e soltar um palavrão ao tropeçar em um par de sapatos. – Mouna! Pelo amor de Deus, levante-se! Você não é mais uma criança. Tem 37 anos, tem um emprego, responsabilidades... Já devia estar casada – reprimou-a.

– *Immi*, por favor! Tão cedo não – resmungou debaixo dos lençóis.

– Não entendo por que ainda não a pediram em casamento. Você tem sorte de parecer mais nova do que é. Nenhuma mãe, em seu juízo perfeito, deixaria que o filho se casasse com você se soubesse sua verdadeira idade. Se seu pai e seus irmãos estivessem vivos, já teriam lhe arranjado um marido. Céus! Por que uma maldição dessas caiu sobre esta família? – acrescentou com teatralidade, levando as mãos ao rosto. – Por que a guerra os arrancou de mim?

A mãe abriu as cortinas de algodão, e a luz entrou em abundância.

– Mouna, isto aqui está um desastre! – gritou horrorizada. – Você não vai limpar nunca?

Ter de recolher a roupa espalhada no chão fez que Fátima esquecesse temporariamente a tragédia de ter perdido o marido e os filhos em julho de 2006, durante a guerra entre o Hezbolah e Israel.

– Mouna, estou avisando... – começou de novo.

A garota gemeu. Quando sua mãe retirou o travesseiro, pode-se ver seu longo cabelo preto despenteado, mas o rosto continuou escondido nos lençóis.

– Já vou me levantar – garantiu Mouna com um fio de voz enquanto afastava a roupa de cama.

Usava uma camisola de algodão rosa com renda branca que estava levantada e revelava suas coxas exatamente antes da suave turgidez das nádegas. Sua abundante cabeleira escura caía pelas costas, e as onduladas mechas chegavam até a cintura.

– Volto daqui a cinco minutos, e é bom que você esteja de pé – ameaçou a mãe.

– Sim, *immi*. Feche a porta, por favor – murmurou meio adormecida, mas a mãe saiu carregando um monte de roupa e deixou o pequeno quarto banhado pela suave, radiante e quente luz de uma bela manhã de primavera.

Ela abriu os olhos pouco a pouco. Fez um esforço para tirar as pernas da cama e suspirou ao enfiar os pés nas pantufas. Ficou sentada alguns minutos antes de se obrigar a ir ao banheiro. Apesar de ele ter o tamanho do armário das vassouras, não tinha de dividi-lo com sua mãe ou sua tia. A pintura branca das paredes estava descascada; quase todos os azulejos cor de limão, quebrados. O vaso sanitário era de um tom marrom escuro, com tampa de plástico branca, e a pia, verde. Como não havia espaço para o chuveiro, um cano havia sido ligado ilegalmente pela janela ao encanamento que descia do depósito do edifício. Não havia cortina, de modo que, cada vez que tomava banho, tudo ficava inundado.

Olhou-se no pequeno espelho caindo aos pedaços e soltou um grunhido. Seu aspecto era horrível: olhos inchados, manchas de rímel e delineador nas pálpebras e resto de batom nos cantos dos lábios carnudos e sensuais. “Ainda bem que *immi* não percebeu”, pensou enquanto se inclinava para pegar algodão e loção para se limpar, guardados em uma cesta de vime. Dentro dela havia desde antigos frascos de xampu e condicionador até pedaços de sabonete e tubos quase vazios de cremes de todo tipo. Mouna remexeu tudo. Como não encontrou o que buscava, esvaziou o conteúdo no chão e pegou um pedaço de algodão e um pequeno pote de Cold Cream Pond’s. Colocou tudo de novo na cesta e abriu o pote, que estava vazio.

“*Haraam!*”, praguejou em árabe, enfiando um dedo no pote para tentar tirar um pouco de creme. Aplicou o que restava, concentrando-se nos olhos. Mas não foi suficiente; teria de usar água e sabonete, coisa que odiava, pois ressecava sua pele. Pegou um sabonete verde que supostamente era feito com azeite de oliva e fez espuma com as mãos. Não via graça nenhuma nisso, mas era a única coisa que podia se permitir. Os sabonetes importados Camay e Dove, de que tanto gostava, eram caros demais. Também não podia comprar os cremes Elizabeth Arden e os demais artigos de cosmética e perfumes que costumavam lotar seu banheiro em Sídón. Agora só usava uma colônia barata que mal cheirava a rosas; quando saía de casa, costumava passar por grandes lojas de departamentos para sentir um pouco do cheiro de seus perfumes favoritos. Mas não valia a pena pensar na vida que havia levado, pensar na enorme e bela casa junto ao Mediterrâneo onde havia crescido, comparar sua vida com a que havia usufruído quando seu pai e seus irmãos estavam vivos e tinham comida e bebida em abundância, e água quente nos banheiros o dia todo.

Lavou o rosto e escovou os dentes. Se quisesse tomar banho teria de se apressar, ou não poderia fazê-lo até à noite. Havia água a partir das seis, mas era cortada poucas horas depois, e tornava a sair entre as seis e as oito da noite. Abriu a torneira antes de tirar a camisola e pendurá-la em um prego atrás da porta. Fez um

improvisado coque alto, olhou-se no espelho e se perguntou de que lado gostava mais. Tinha uma testa ampla, grossas sobrancelhas arqueadas, olhos amendoados e castanhos, como os de um felino, nariz longo e boca grande. Seu rosto era oval; a pele, cor de oliva. Enquanto esperava os borbotões que indicavam que seus gananciosos vizinhos não haviam gastado toda a água, desejou ter a pele mais clara. Queria comprar um creme branqueador que havia acabado de chegar ao mercado, mas não tinha dinheiro. Tocou o próprio nariz e apertou a ponta, tentando imaginar que aspecto teria se fosse menor e arrebitado; certamente pareceria mais europeia. E, se tivesse nascido com os olhos azuis de sua mãe, sua vida seria perfeita. Estudou seus cílios e chegou à conclusão de que, junto com o cabelo, eram seus melhores trunfos. O resto precisava ser melhorado. Enquanto o encanamento ecoava, ficou na ponta dos pés para ver seus seios. Havia um espelho de corpo inteiro atrás da porta, mas em um dos bombardeios ele havia se soltado e se estilhaçado.

A água começou a sair, e ela se colocou embaixo. Ensaboou-se e enxaguou-se o mais rápido que pôde. Quando o jato se transformou em pingos, antes de desaparecer, ainda tinha restos de sabonete na pele e amaldiçoou os vizinhos. Pegou a caneca de estanho que boiava no balde que guardava para emergências e tentou se enxaguar. Exasperada, levantou o balde e o esvaziou sobre si. Gastou a água toda, mas tudo bem. Deixaria a torneira aberta, e quando a água voltasse, à tarde, o balde se encheria. Secou-se, enrolou-se em uma toalha e saiu do banheiro.

Seu quarto era pouco maior que o banheiro. Havia uma cama pequena encostada na parede sob a janela, um criado-mudo branco de fórmica e uma pequena penteadeira com apenas dois pés, apoiada em uma caixa de frutas. Assim como no caso do banheiro, sentia-se afortunada por ter seu próprio quarto, de onde às vezes escapava para ver Amin. Quando não podia, isso lhe permitia ligar para ele ou mandar uma mensagem de texto sem que os intrometidos olhos de sua mãe ou os ouvidos biônicos de sua tia supostamente surda estivessem presentes.

Ainda enrolada na toalha, percebeu que as cortinas estavam abertas. Ajoelhou-se na cama e fechou-as para evitar os olhares indiscretos dos vizinhos do edifício da frente. Mas, ao fazer isso, o tecido opaco que ficava colado nas andrajosas cortinas ficou pendurado em forma de “V”.

Teria de consertá-lo de novo. Olhou a sua volta. Tudo era de terceira mão; tudo estava rachado, descascado ou caindo. Aquele tecido era a única coisa que sua mãe havia comprado ultimamente, por conta dos bombardeios israelitas.

Abriu o armário minúsculo e tirou dele um vestido de alcinhas estampado, azul marinho e branco, muito sexy, que ela adorava, e sua mãe odiava. Mas naquele dia se sentia sexy. Havia passado a noite anterior com Amin Chaiban e tinha certeza de que ele estava prestes a pedi-la em casamento. Ela havia tentado tocar no assunto, mas ele a silenciara com um profundo e longo beijo. Enquanto explorava sua boca com a língua, introduzira a mão por baixo do vestido dela, subindo pelas coxas até que, gemendo de prazer, ela lhe permitira chegar muito mais acima. Depois havia cedido a suas súplicas, e a seu volumoso desejo, e deixado que ele a penetrasse no banco de trás do carro, em um lugar escuro e afastado debaixo de uma ponte, onde ninguém podia ouvir os sons agitados de seu encontro ilícito.

Enquanto voltavam para casa, ela tentara pegar sua mão, mas Amin não parecia ter qualquer romantismo.

– Por favor, estou dirigindo – comentara tenso, e ela teve de se afastar.

Naquele momento, ainda encantada com o fulgor de suas carícias, não notou o gélido tom de sua voz. Quando pararam no beco escuro atrás de sua casa, ela se inclinou para beijá-lo, como fazia sempre, mas ele a afastou.

– E se alguém nos vir? – sussurrou, tentando soltar as mãos que ela havia colocado ao redor de sua nuca.

– Podemos dizer que estamos noivos – replicara enquanto o olhava com olhos de felino, transbordantes de desejo.

– Mas não estamos, e não posso permitir que me prendam. Seria uma humilhação para minha família, especialmente agora que meu pai está na mira por conta das próximas eleições.

– Mas eles sabem quem eu sou, não sabem? Você falou de mim para eles, não falou? Você disse que me apresentaria a sua mãe semana que vem.

– Vamos, desça. Saia do carro antes que venha alguém e tenhamos problemas – apressou-a sem responder a suas perguntas.

– Lembre que você é muçulmana, seria muito pior.

– Ok, *tayeb, habibi* – despediu-se, encantada pelo fato de ele se preocupar com sua segurança e reputação.

Achou um pouco estranho não ser acompanhada até a porta, que havia deixado aberta para poder ir sorrateiramente até seu apartamento se chegasse tarde. Em geral prolongavam a despedida com beijos apaixonados e com súplicas para que o deixasse entrar. Mas, naquela ocasião, assim que começara a andar rumo à porta, ele saiu em disparada cantando pneus.

– *Ana b'hebbek* – disse enquanto as luzes vermelhas desapareciam na esquina.

Mouna sorriu enquanto se vestia. Havia sido ótimo com Amin na noite anterior; quando chegaram ao orgasmo ao mesmo tempo, pareceu-lhe a coisa mais natural. Tinha certeza de que daquela vez havia acertado. Ele não era como os outros; era inteligente, bonito e rico. Vinha de boa família, seu pai concorria ao Parlamento, e ele trabalhava no serviço diplomático e esperava ser nomeado cônsul.

Ela o conhecera por acaso em uma festa de casamento da alta sociedade, ocasião em que havia feito o penteado da noiva. Quando saía da suíte nupcial com sua pesada bolsa nas costas, ele se ofereceu para ajudá-la e insistiu para que seu motorista a levasse de volta ao salão de beleza. Ela aceitou e aproveitou o passeio naquela grande e confortável Mercedes preta, em vez de em um lotado táxi de Beirute<sup>1</sup>.

Duas semanas depois, Amin lhe telefonou, convidando-a para um café. Não sabia o que dizer. Assim que ouviu sua voz, sentiu um nó

na garganta e suas entranhas derreterem com a calorosa e entusiasmada sensação que acompanha o arroubo inicial de toda atração. Surpreendeu-se com o fato de ele marcar o encontro em um afastado café em Jounieh, em vez de em um dos modernos estabelecimentos que ela imaginava que ele frequentasse. Quando lhe perguntou, ele se limitou a responder que gostava do café árabe e que naquele local serviam o melhor de Beirute. De fato, todas as vezes que se encontraram foi em locais escuros. Algumas vezes haviam saído da cidade, normalmente à noite, para ir a cabanas abandonadas ou se sentar no campo sob as estrelas, onde se deixou beijar e acariciar. Apesar de tudo aquilo parecer estranho a ela, Amin sempre tinha uma explicação verossímil diante de suas perguntas. Mas, uma vez consumada a relação, Mouna tinha certeza de que esta seria mais aberta e que Amin a mostraria em público e a apresentaria a seus amigos e família como sua noiva, a mulher que amava e com quem iria se casar.

“Talvez eu devesse ligar para ele agora”, pensou, enquanto fechava o zíper do vestido.

– Mouna, são dez horas! O café está pronto!

A voz de sua mãe a tirou do devaneio. “Não é possível!” Olhou o despertador. “Não posso chegar atrasada de novo!”, pensou enquanto calçava sandálias brancas. Pegou uma bolsa grande que combinava com elas e esvaziou nela o conteúdo da bolsa preta que usou no dia anterior.

Deu uma olhada rápida no espelho. Normalmente passava por uma mulher de 25 anos, e todo mundo acreditava, inclusive Amin. Mas, naquele dia, sem maquiagem e com o cabelo despenteado, aparentava sua verdadeira idade. Não podia fazer nada, teria de esperar até chegar ao salão. Colocou uma jaqueta azul de algodão nos ombros, amarrou as mangas para que não caísse e saiu correndo pelo corredor, onde pegou as chaves penduradas em um prego enferrujado.

– Tchau, *immi!* Até logo!

– Mouna! E o café da manhã? – ouviu sua mãe perguntar enquanto descia as escadas.



- Como alguma coisa no salão.
- E o almoço? – inquiriu Fátima apoiada na balaustrada do terceiro andar.
- Não se preocupe, *immi* – respondeu parando um instante para olhar para ela.
- Mouna! – gritou escandalizada. – Descarada! Aonde vai sem *abaya*? Como pode sair à rua assim, vestida como essas estrangeiras desavergonhadas ou essas garotas libanesas que se comportam como elas? Volte agora mesmo!

Mouna sabia que sua mãe sofria com isso, mas não podia usar *hiyab* e ser cabeleireira. Quem lhe confiaria o cabelo se ela própria não mostrasse o seu? Quem pediria conselhos sobre maquiagem, penteados, roupas e imagem a uma mulher vestindo *abaya*? Sabia que as vizinhas fofoqueiras haviam ouvido sua mãe e que deviam estar nas sacadas ou nas janelas para olhar para ela enquanto atravessava o pátio rumo à pequena Vespa que sobrevivera ao míssil israelita que destruíra a casa dos Al-Husseini em Sídon. A explosão havia matado toda sua família, exceto sua mãe, sua tia e ela, que visitavam um parente em um povoado próximo.

Como imaginava, quando colocou o capacete e passou a perna sobre a moto, olhou para cima, e viu as escuras silhuetas das mulheres de *abaya*. Sabia que deviam estar fofocando, estalando a língua e meneando a cabeça em desaprovação, certas de que – apesar de poderem culpar sua mãe por não ter sido mais dura com ela – sua rebeldia se devia ao fato de não estar sujeita à disciplina de um marido.

Faltavam poucos minutos para as onze quando parou em frente ao Cleópatra, seu salão de beleza, situado à *rue Gouraud*, em Gemmayzeh, bairro do distrito de Achrafieh, um dos assentamentos cristãos mais antigos de Beirute oriental. Aquela rua margeava o Saifi Village e seguia a leste do centro, da avenida Georges Haddad à Corniche. Era meio residencial, meio comercial, e cada quarteirão possuía personalidade própria. A área próxima à Corniche era mais elegante e moderna, conhecida como o “Soho junto ao mar”, por conta dos coloridos cafés, bares, clubes e restaurantes. No centro

erguiam-se os antigos edifícios de apartamento dos anos 1950 e as minúsculas lojas que haviam sobrevivido às insurreições sofridas na cidade.

O Cleópatra ficava em um quarteirão que um dia fora muito refinado e que nesse momento era principalmente residencial; mas estava muito sujo. O escapamento da Vespa explodira durante todo o caminho; ela sabia que, se não a levasse ao mecânico, teria de recorrer aos ônibus para ir trabalhar. Amal, sua ajudante, esperava-a sentada em uma cesta, com óculos de sol grandes demais para seu rosto, os braços cruzados sobre os joelhos, fones de ouvido nas orelhas e fumando um cigarro. Mouna fez uma careta ao estacionar, admirada pelo fato de Amal sempre chegar antes dela; morava mais longe e tinha de usar o parco transporte público que ainda funcionava.

Queria que começasse a trabalhar às dez e meia, dar-lhe um jogo de chaves, mas, quando lhe perguntara se queria ser promovida e cuidar da importante tarefa de abrir o salão, ela perguntara se isso significava mais dinheiro. Mouna tentara convencê-la de que era uma questão de prestígio, mas não houve jeito. Sabia que Mouna não era de acordar cedo e que seria bom que ela abrisse o salão, mas não ia fazer isso por amor à arte. Se quisesse que trabalhasse mais horas, teria de lhe pagar. Mouna havia argumentado que para crescer era preciso trabalhar duro, que ela também havia começado assim, trabalhando muitas horas por pouco dinheiro, mas para Amal aquilo não interessava. Tornou a colocar os fones de ouvido e a varrer o chão, pouco disposta a prestar atenção a nada que não significasse algumas libras a mais. Além do mais, não queria ser cabeleireira, estilista ou maquiadora. Era pintora e tinha talento.

De qualquer maneira, pouco importava que Mouna chegasse tarde, pois as poucas e avarentas clientes que tinha nunca apareciam antes do meio-dia. Apesar de ter vontade de mandá-las passear, precisava manter o negócio funcionando. Gostaria de ter mais trabalhos como o do casamento no qual conhecera Amin, algumas semanas antes.

Havia sido um verdadeiro golpe de sorte. Um domingo, quando estava tentando fazer as contas, olhando distraída pela janela, viu passar uma Mercedes a toda velocidade. “Alguém está com muita pressa”, pensou, voltando os olhos para o livro de contabilidade e mordiscando o lápis para se concentrar nos números. Segundos depois ouviu o chiado de freios e viu o carro dar marcha a ré e parar bruscamente em frente ao salão. Observou incrédula uma mulher meio gordinha sair com dificuldade do carro, caminhar com rapidez rumo a seu estabelecimento e bater com força na porta de vidro. Ficou tão surpresa que por um momento nem sequer se mexeu e continuou olhando para a mulher que gesticulava freneticamente para que abrisse. Meneou a cabeça e apontou para o cartaz que dizia “Fechado”, mas a mulher juntou as mãos e suplicou que abrisse. Parecia desesperada.

Abriu a porta e levantou um pouco mais a porta de ferro enferrujada.

– *Madame*.

– *Iza betriide!* – suplicou a mulher, arfando e segurando suas mãos. – Por favor, por favor!

– *Madame*, sente-se, por favor – pediu Mouna, levando-a pelo cotovelo e acompanhando-a até uma das cadeiras que havia perto do balcão.

Quando recuperou o fôlego, tornou a baixar a porta de ferro, caso aquela mulher precisasse de um lugar onde se esconder em vez de arrumar o cabelo. Beirava os 70 anos, e as rugas acentuadas de sua testa indicavam que estava em apuros.

– Em que posso ajudá-la, *madame*? – perguntou Mouna, sentando-se a seu lado.

– Por favor! Minha filha vai se casar em poucas horas – começou a dizer, e depois lhe contou que a cabeleireira havia ficado doente e que todas as mulheres por parte da noiva precisavam arrumar o cabelo, algumas se maquiar e outras fazer as unhas.

Mouna ouviu-a pacientemente enquanto pormenorizava a situação, assentindo e aprovando tudo o que a mulher lhe contava, sem rir com os detalhes exagerados da tragédia iminente. Acariciou

sua mão e a consolou quando brotaram lágrimas em seus olhos ao descrever o desastre que significaria um casamento sem penteados elegantes nem maquiagem, e a vergonha que recairia sobre sua família, para não mencionar a terrível maneira como sua amada filha começaria sua vida de casada.

– Pagarei o que me pedir, mas, por favor, salve o casamento de minha filha e a reputação das mulheres de minha família – suplicou.

– Não podemos ir de qualquer jeito.

– Vou ajudá-la, *madame* – garantiu Mouna compadecida.

– Deus abençoe seus filhos – desejou-lhe segurando sua cabeça para dar-lhe um beijo na testa. – Que Alá a encha de bênçãos e que você e seu marido usufruam a felicidade de ter muitos filhos que levem seu sobrenome para sempre.

A mulher havia suposto que ela era casada, e, evidentemente, Mouna não negara. Como ia explicar seus dois noivados desfeitos se nem ela mesma entendia por que nenhum havia acabado em casamento? Como ia lhe contar o que havia representado para sua família a guerra de julho, e que enfrentava o desafio de ser uma libanesa moderna que tentava levar em conta as lendárias tradições de sua mãe e de sua tia enquanto se esforçava para ser uma profissional respeitada?

– *Madame*, quantas pessoas precisam arrumar o cabelo? – perguntou, ávida por dar seu preço e sair correndo, sabendo que se não acabasse a tempo teria problemas para receber.

– Não muitas – respondeu de maneira imprecisa. – Deixe-me pensar...

– *Madame*, normalmente cobro 7.500 libras, mas hoje é domingo, em cima da hora, de modo que serão 15 mil por cabeça, além do transporte até minha casa – pediu julgando ser razoável.

– Quinze mil libras por um penteado? Mas eu nem sequer a conheço! Como vou saber que vai fazer direito? São pelo menos dez mulheres, de modo que vai ter que me dar um desconto.

– Lamento, *madame*, mas não posso – replicou Mouna com calma.

“Típico. Está no sangue dos libaneses. Depois de dizer que vai pagar o que for, agora tenta pechinchar”, pensou. Além do mais,

tinha certeza de que ela tinha dinheiro. Não só andava de Mercedes, como também usava uma bolsa Gucci; e apesar da roupa brega, sem dúvida era cara.

“Por que quanto mais dinheiro têm mais mão-de-vaca são? Se está tão desesperada, por que não paga o que lhe peço? Também não é que eu esteja cobrando o mesmo que um salão da *rue Verdun*”, refletiu enquanto escutava o que a mulher lhe dizia.

Finalmente *madame* Nasr concordou; Mouna pegou uma grande bolsa e colocou nela tudo que julgou necessário para a festa do casamento de Dina, onde conheceu Amin, o amor de sua vida. Aquela noite, enquanto recordava o que havia acontecido, teve a certeza de que sua vida havia sofrido uma guinada radical, que a fortuita visita de *madame* Nasr lhe rendera todo tipo de proveitos. Havia feito um bom trabalho com as mulheres. Todas a haviam elogiado, haviam agradecido profusamente seu trabalho e garantiram que trocariam seus salões pelo Cleópatra, apesar de terem de ir de seus luxuosos apartamentos no porto esportivo até Gemmayzeh.

– Olá, Amal! – cumprimentou alegremente e tirou o capacete. A garota olhou para ela com os fones de ouvido colocados e um cigarro na boca, e fez o sinal da vitória com os dedos.

– *Kifek?* – perguntou, enquanto procurava um pesado chaveiro em forma de mão de Fátima na bolsa. – Tudo bem?

Amal deu de ombros sem dizer uma palavra, meneando a cabeça ao ritmo da música. “Com esses óculos de sol enormes é impossível saber o que está pensando”, refletiu Mouna enquanto se inclinava para abrir o primeiro dos três cadeados da porta de ferro, que protegiam o salão de ladrões, saqueadores e tiros indiscriminados. Nunca tirava os fones de ouvido nem os óculos, nem mesmo quando lavava o cabelo das clientes no fundo do salão. Trabalhava com Mouna havia só alguns meses, desde dezembro, e continuava sem saber nada sobre sua vida ou sua família. Nunca havia chegado tarde, exceto no dia em que um míssil israelita destruiu uma ponte, e o ônibus teve de fazer um caminho mais longo para chegar a Gemmayzeh.

Era bonita, mas não fazia nenhum esforço para ressaltar a beleza de sua linda pele clara e seu cabelo preto de ébano. Usava jeans folgados e puídos, camisas xadrez e velhos tênis brancos Converse falsos um pouco grandes. Às vezes, Mouna lhe dizia que esse jeito de se vestir não era adequado para a imagem do salão, mas a garota dava de ombros e replicava que se não gostava podia arranjar outra ajudante. De modo que voltava atrás, pois, apesar do mau humor de Amal a irritar e de ela não ter o dom de lidar com pessoas, seu trabalho era perfeito. O salão estava sempre impecável; as toalhas, dobradas; os rolos, grampos e pentes, lavados; os secadores, perfeitamente posicionados; e a área de depilação e maquiagem, limpa e organizada. Além do mais, as clientes comentavam que lavava a cabeça delas muito bem e fazia uma massagem relaxante, motivo pelo qual as mais generosas lhe davam boas gorjetas.

– Acho que o telefone tocou várias vezes – informou Amal, enquanto Mouna abria os outros dois cadeados enferrujados.

– Por que não me avisou antes?

– E o que você ia fazer? Não estava aqui quando ligaram.

– *Haraam!* – resmungou em voz baixa.

– Você devia comprar uma secretária eletrônica.

Mouna empurrou a porta metálica para cima, mas rangeu e ficou presa.

– Pode me ajudar?

Amal se aproximou e, juntas, as duas a levantaram o suficiente para que Mouna abrisse a porta de batente cor-de-rosa. O salão cheirava a pó e umidade. Amal se dirigiu à parte de trás para pegar a vassoura, e Mouna deixou a bolsa no pequeno balcão, desabou na cadeira e suspirou. Sim, precisava de uma secretária eletrônica, pintar o local, comprar novos secadores, novos móveis, novas plantas, novo tudo. Também tinha de arranjar mais clientes e aumentar os preços.

Olhou em volta. O local não era muito grande, havia só uma sala com três poltronas e três antiquados secadores cor-de-rosa em forma de ovo. Não custaria muito, mas nesse momento não

dispunha do capital necessário. Confiava que Amin a ajudaria. Ainda não lhe havia pedido, mas tinha certeza de que não se negaria, especialmente depois da noite anterior. Ao pensar nele relaxou e pegou o celular para ver se havia ligado, mas não havia nenhuma chamada perdida nem mensagens. Girou a cadeira e checkou todas as opções do telefone para tornar a comprovar, caso houvesse apagado sem querer algum aviso. Uma vez convencida de que não havia nada, deixou o celular no balcão. Talvez a rede tivesse caído. De qualquer maneira, estava decepcionada. Nas poucas semanas de seu relacionamento ele havia ligado várias vezes ao dia e enviado mensagens sensuais dizendo quanto a desejava, como era linda, que mal podia esperar para estar com ela, que a amava muito e até o que faria se permitisse que fizessem amor. Então, se havia cedido a seus desejos, por que não ligava?

Olhou para o velho telefone de disco cor-de-rosa e desejou que tocasse. Na rua, uns policiais estacionaram suas motos. “O que está acontecendo?”, pensou. De repente, Amal apareceu a seu lado, silenciosa como um gato.

– O que estão fazendo? – perguntou Mouna com os braços cruzados e semicerrando os olhos por conta da luminosidade externa.

Amal deu de ombros, seu gesto habitual, que reunia indiferença e apatia.

Um dos policiais bateu suavemente na porta de vidro.

– Pode me mostrar sua licença comercial? – inquiriu quando Mouna abriu a porta.

– Algum problema? – respondeu ela, enquanto se dirigia ao balcão e lhe entregava o envelope plástico onde a guardava.

O policial pegou a licença sem dizer uma palavra e a estudou. A campainha de bicicleta que Amal havia colocado na porta tocou debilmente, e Mouna se voltou para ver quem havia entrado. Era sua octogenária senhoria cristã, Claudine Haddad, cliente habitual, que morava em um apartamento do edifício ao lado, também de sua propriedade.

– *Tante* Claudine – cumprimentou-a respeitosamente, dirigindo-se a ela como “tia”. – *Marhaba, ahlan*. Entre, por favor.

Claudine era uma senhora idosa resmungona e mal-humorada muito melindrosa que sempre se queixava e culpava Mouna de todos os seus problemas, inclusive a perda de cabelo. Nunca pagava, pois insistia que Mouna não fazia o que ela pedia. Até gritava com Amal porque, segundo ela, seu cabelo caía por causa do xampu barato que a garota utilizava. Amal, evidentemente, de fones de ouvido, não escutava as infundadas queixas e oportunamente se esquecia de abrir a água quente e enxaguava sua cabeça com água fria.

– Está tentando me matar, idiota? – gritava. – Mouna! Mouna Husseini, essa idiota está tentando me mandar para a tumba! Vai me matar de pneumonia!

– Desculpe, *madame* Haddad – desculpava-se Amal inocentemente. – O que foi que disse?

– A água fria! – começava a dizer.

– Não tenho culpa se a senhora não pagou a conta da água quente – recriminava Amal.

Claudine olhava para ela atônita, incapaz de responder, porque não se lembrava se havia pagado ou não. Era sabido que guardava dinheiro debaixo do colchão porque não confiava nos bancos e achava que todo mundo queria roubá-la. Tinha fama de pagar as contas atrasadas ou em cima da hora, quando a companhia elétrica ou a da água ameaçava cortar o abastecimento do edifício de apartamentos, que também provia o salão.

Normalmente Mouna murmurava com seus botões ao ver os horríveis vestidos de ficar em casa e as pantufas da idosa, mas não naquela ocasião, pois talvez precisasse de sua ajuda.

– *Tante* Claudine, *kifek? Ça va?*

– O que está acontecendo aqui? O que você fez? – perguntou ao ver o policial. – Veio prendê-la? – inquiriu voltando-se para o agente.

– Vim verificar se tudo está em ordem.

– Tenha um pouco de respeito! – recriminou-o. – Tire esses óculos estúpidos para que ao menos eu saiba com quem estou falando!

Envergonhado, o homem tirou o Ray-Ban espelhado.



– Tenho de me certificar de que todos os estabelecimentos comerciais deste quarteirão estão regulares e informar sobre o novo imposto que devem recolher, assim como os moradores.

– Que imposto?

– O que será utilizado para a reconstrução do bairro.

– Tenho de pagar para morar nesta rua? Ninguém vai pagar.

– Se não pagar, *madame*, vamos ter de prendê-la – ameaçou o policial.

– Pois eu não tenho dinheiro – desafiou-o de forma ameaçadora.

– Não sou coletor de impostos, *madame*, sou policial. Só vim para informar sobre essa nova contribuição e me certificar de que os carros estacionados pertencem aos residentes.

– Quando terei de pagar?

– A senhora receberá uma carta.

– E a senhora... – disse o policial voltando-se para Mouna e procurando seu sobrenome na licença –, *madame* Husseini, terá de pagar o imposto e renovar a licença.

– Achei que valesse por dez anos – estranhou Mouna.

– Sim, normalmente sim, mas os residentes deste quarteirão solicitaram que fosse reclassificado como zona residencial, e agora é obrigatório renová-la.

– É por causa desse idiota e sua música? – interveio Claudine.

– Que idiota? – perguntou Mouna.

– Um vizinho montou uma casa noturna e um *after* em seu apartamento – explicou o policial. – A prefeitura recebeu muitas reclamações.

– Mas não sabíamos que obrigariam os demais comércios honrados a pagar uma taxa anual. Só queríamos nos livrar desse delinquente – protestou Claudine.

– *Madame*, não se pode impor uma regra comercial a uns negócios e a outros não.

– De quanto em quanto tempo terei de renová-la a partir de agora? – perguntou Mouna.

– Todos os anos.

Ela ficou estarecida. De onde ia tirar dinheiro?

- Há alguém com quem se possa falar?
- Pode tentar com o prefeito – respondeu o policial com ironia.
- O senhor comentou que estava checando se os carros pertencem aos residentes. E minhas clientes que moram em outros bairros, não vão poder estacionar aqui?
- Só os residentes têm permissão – cortou o policial levemente abatido.

Ele havia percebido que o salão não andava muito bem das pernas e que a nova regulamentação afetaria ao negócio. “É uma mulher muito bonita”, pensou enquanto Mouna lia as cartas que ele lhe havia entregado e depois o olhava com olhos cheios de preocupação.

“O que vai acontecer com meus novos clientes? Por que iriam a um bairro que havia sofrido bombardeios se nem sequer podiam estacionar? *Yallah!*”, pensou sentindo-se sem saída.

Quando o policial foi embora, ela se sentou de novo na cadeira do balcão e escondeu a cabeça entre as mãos. De repente, tocou o telefone, e ela teve um sobressalto. Era Amin, ela sabia. Deixou tocar três vezes. Não queria fazê-lo acreditar que esperava sua ligação.

– Não vai atender? – perguntou Amal enquanto varria o centro do salão. Estava tão absorta que nem sequer a havia ouvido se aproximar. – Não vai querer perder um cliente, não é? Temos tantos...

– Salão Cleópatra, *bonjour* – atendeu com a voz mais sexy que pôde, antes de fazer cara de vaso e suspirar ao ouvir a voz de sua mãe. – Não, *immi*, não posso falar com você agora. Estou ocupada – disse irritada. – Estou perfeitamente vestida, *immi*. Não, não vou ligar daqui a pouco!

Logo depois o telefone tornou a tocar. “Dessa vez tem que ser ele”, pensou.

– *Immi*, pelo amor de Alá e do profeta! Sim, vou comprar vagem no caminho para casa!

– Salão Cleópatra, *bonjour* – atendeu quando o telefone tocou pela terceira vez.

– *Allo* – cumprimentou uma voz feminina.

– Em que posso ajudá-la?

– É... Tem algum horário livre hoje?

Decepcionada porque não era Amin, abriu a agenda preta, olhou a página em branco e se sentiu ainda pior. Pelo menos, se estivesse ocupada, talvez conseguisse afastá-lo de sua mente.

– O que vai querer fazer, *madame*?

– Só quero cortar as pontas.

– Claro, *madame*. Pode ser às três? Muito bem. Se me permite, em nosso salão fazemos serviços completos, de modo que se precisar de algo mais, será um prazer atendê-la.

Desligou.

– Amal, temos uma cliente nova. Virá hoje à tarde. Você vai ter de limpar o local. Amal! – tornou a gritar. – Temos uma cliente nova!

Amal tirou os fones de ouvido e olhou para ela com cara de quem não entendeu nada. Mouna chacoalhou-a pelos ombros, abraçou-a e começou a dançar a sua volta.

– O que foi? Ganhou um marido no bingo? Foi pedida em casamento? – comentou com ironia e recolocou os fones de ouvido.

A campainha tocou, e entraram duas mulheres.

– *Bonjour*, Mouna – cumprimentaram as duas ao mesmo tempo.

– *Bonjourein* – respondeu Mouna afetuosamente.

Nisrine Saliba e Ghida Salameh moravam no edifício da frente. As duas tinham mais de 60 anos e se conheciam desde os 5. Eram excelentes confeitadeiras, famosas na vizinhança por conta dos doces que faziam sob encomenda para amigos e vizinhos.

De vez em quando recebiam pedidos de clientes que moravam fora de Gemmayzeh, mas não com muita frequência. Fazia tempo que todo mundo as estimulava a abrir uma confeitaria e rentabilizar seu talento, mas se negavam, alegando que faziam aquilo com carinho para seus conhecidos e que era o amor que adoçava os doces, não o mel ou o açúcar. Embora cada um tivesse seu favorito, o *nammura* e o *mamul* eram, sem dúvida, as estrelas dos doces. Quando apareciam em alguma celebração, ouviam-se murmúrios de aprovação, e as pessoas ficavam sem palavras ao saborear a

manteiga, as nozes e o mel que derretiam na boca, e os olhos expressavam o supremo êxtase que esses sabores provocavam.

Ambas eram casadas com homens que também haviam sido amigos desde criança. Como costuma acontecer, com o tempo haviam brigado, deixando para as esposas o dilema de apoiar cada uma seu marido e brigar uma com a outra, ou não.

– *Jair?* – perguntou a Ghida enquanto tirava o esmalte de suas unhas, e Amal acompanhava Nisrine a lavar o cabelo. Sua mente divagou enquanto a cliente repetia a mesma história que havia lhe contado várias vezes. Era quase hora do almoço, e Amin não havia ligado.

– E então ela disse... – comentava Ghida quando o telefone tocou.

“Amin, graças a Deus”, pensou. Deixou cair a mão de Ghida em um potinho com água e sabão intempestivamente e correu para o telefone.

– Salão Cleópatra, *bonjour* – cumprimentou alegremente.

– *Bonjour* – respondeu uma voz de mulher.

– Em que posso ajudá-la?

– Gostaria de marcar uma hora para hoje à tarde, por favor.

– O que vai fazer, *madame?* – perguntou, e a euforia de ter outra cliente substituiu sua decepção inicial.

– Lavar e fazer *babyliss*. Tenho uma festa hoje à noite.

– Claro. A que hora?

– Às três?

Mouna olhou a agenda. Já tinha uma cliente a essa hora.

– *Madame*, pode ser às duas e meia ou às três e meia?

– Não, se não tiver às três, terei que arranjar outro salão.

– Não se preocupe, *madame*. Será um prazer atendê-la às três.

– Meu nome é Lailah Hayek.

– Muito obrigada, *madame*. Até logo.

Olhou a agenda, vazia exceto pela dupla reserva no mesmo horário: Nadine Safi e Lailah Hayek. Perguntou-se quem seriam antes de continuar com a manicure de Ghida.

– Aliás – comentou Ghida interrompendo seu relato do enfrentamento entre seu marido e o de Nisrine –, já ia esquecendo:

temos um pedido importante de *nammura* para um cliente misterioso – disse em voz baixa inclinando-se para a frente como se estivesse contando um grande segredo.

– Ah, é? – estranhou seu próprio interesse fingido.

– Gosta desta cor cereja, Ghida? – interrompeu Nisrine, enquanto se olhava no espelho.

– Parece o esmalte que estou passando – respondeu Ghida com sarcasmo.

– Mas me favorece?

– Podemos clareá-lo um pouco – sugeriu Mouna.

– Mas você não disse que era a cor da moda? – argumentou Nisrine.

– Não ponha a culpa em Mouna por você querer parecer uma cerejeira – repreendeu-a Ghida.

– Não a estou culpando.

– É um pouco demais... Não entendo por que você é tão pouco natural. Por que não tinge o cabelo de preto? – acrescentou Ghida.

– Preto! Preto! – exclamou Nisrine. – Como o seu?

– Não parece mais natural que o dela? – perguntou a Mouna.

De repente, ouviu-se um riso contido no armário dos produtos. “Essa Amal!”, pensou Mouna, mas teve de admitir que a situação era engraçada.

– Que foi isso? – perguntou Nisrine.

– Senhoras, senhoras – interveio Mouna para acalmá-las. – Todo mundo tem gostos diferentes, e o bom de tingir o cabelo é que se pode mudar a cor – sentenciou.

Acabou de aplicar a segunda demão de esmalte cereja nas unhas de Ghida e se levantou.

Antes de cuidar de Nisrine, passou os dedos por seu cabelo ralo.

– Eu acho bonito, e assim você muda esse tom lilás. Vai parecer mais jovem. Veja – disse, mostrando-lhe uma propaganda da L’Oréal que exibia Linda Evangelista com a mesma cor.

Nisrine tirou os óculos da bolsa, olhou a fotografia e sorriu.

– Viu? É assim que vou ficar – disse a Ghida, pegando a revista e a colocando diante do nariz da amiga. – Você está é com ciúmes.

– Se você é parecida com ela, eu sou a Miss Líbano.

– Já prepararam o pedido de *nammura*? – perguntou Mouna penteando Nisrine antes de colocar os bobes. Voltou-se para Amal para pedir que lavasse o cabelo de Ghida antes que começassem a discutir outra vez.

– Deixe eu contar o que aconteceu – disse Nisrine esfregando as mãos com regozijo. – Ghida e eu estávamos fazendo *mamul* para o batizado do filho de Nicole quando o telefone tocou. Eu estava com as mãos cheias de farinha e Ghida estava pondo o mel nas nozes. Olhamos uma para a outra e depois para o telefone. Por sorte, parou de tocar.

Mouna riu.

– Mas ligaram de novo, de modo que Ghida largou a jarra de mel, eu limpei as mãos e colocamos o fone nos ombros para que as duas pudessem ouvir. Nós duas dissemos “*Allô*”, e então... – fez uma pausa, como se fosse um grande segredo de Estado –, uma voz masculina perguntou se era o número de Ghida Salameh e Nisrine Saliba. Nós duas dissemos que sim. Ele quis saber com quem estava falando, e eu disse que era Nisrine; Ghida se apresentou. De qualquer maneira, se não sabia nos distinguir não devia ser muito inteligente. Como é possível? Enfim, assim são os jovens de hoje – acrescentou meneando a cabeça. – Julgam-se muito espertos porque passam por todas essas escolas e universidades modernas no exterior...

– E o que aconteceu depois? – perguntou Mouna para que não divagasse.

– Pediu que esperássemos. Ficamos com o telefone no ombro uns quinze minutos – exagerou. – Depois, veio uma mulher e disse que queria fazer um grande pedido de *nammura*. Perguntei como havia nos localizado, e ela respondeu que não tinha importância. De fato, ela me pareceu muito arrogante e não gostei de seu tom de voz, de modo que disse a Ghida que cuidasse daquilo. Enfim, ela ligou ontem ao meio-dia, queria que fizéssemos três bandejas para as três da tarde – comentou horrorizada. – O que essa gente pensa, que somos robôs? Tivemos de explicar que não éramos uma confeitaria,

que só tínhamos dois fornos e que precisaríamos de pelo menos dois dias.

Mouna estalou a língua e meneou a cabeça.

– Ela nos garantiu que pagaria o triplo se entregássemos hoje.

– Imagino que disseram que sim – aventurou Mouna com os olhos arregalados.

– Ghida é uma verdadeira mulher de negócios – apontou enquanto a ajudava a se sentar debaixo do secador. – Ela me fez trabalhar a noite toda. Veja meus dedos e minhas mãos, estão em carne viva – queixou-se antes de desabar na cadeira para que Mouna ajustasse o secador.

– Não se preocupe, vou deixá-las como novas. Quem era essa mulher tão rica? – perguntou antes de ligar o secador.

– Disse que se chamava Imaan Sayah. Imagino que pensou que a conhecêssemos – gritou quando o ar quente começou a soprar no cabelo vermelho cheio de bobes pink.



## Capítulo 2

Nina Abboud olhou seu Cartier cravejado de diamantes. Eram 14h45, perfeito. Já estava quase no Albergó Hotel, na *rue Gouraud*. Ninguém pensaria em procurá-la em Gemmayzeh. Havia pedido ao motorista de seu marido que a deixasse no centro comercial de Verdun, onde pegara um táxi. Olhou-se em um espelho de bolso e percebeu que tinha um pouco de buço. “Deus do céu! A idiota do Alexandre não me depilou direito”, pensou enquanto tentava arrancá-lo, mas sem pinça era inútil. Que coisa! Não queria que Ahmed a visse assim. Queria estar perfeita e, além do mais, tinha a festa de Imaan Sayah naquela noite.

Quando o táxi parou, olhou em volta e viu uma placa escrito “Salão de Beleza Cleópatra”. Tinha cinco minutos. Desceu do táxi, certificou-se de que o chapéu de palha estava bem afundado na cabeça e que os óculos de sol cobriam seu rosto.

Nesse momento, Mouna estava no balcão esperando as duas clientes da tarde. Precisava de um café, mas não queria se ausentar, caso alguma das clientes chegasse mais cedo.

– Amal! – gritou. – Pode ir até o Arabica e me trazer um café, por favor?

Não obteve resposta.

– Amal! – tornou a gritar levantando-se para ir buscá-la.

De repente, ela surgiu de trás de uma coluna e lhe deu um susto.

– *Yallah!* – exclamou Mouna com o coração disparado. – Por que essa mania de me dar esses sustos?

Amal a olhou sem dizer nada.



– Pode ir ao Arabica comprar um café para mim? – pediu, procurando dinheiro na bolsa. Amal deu de ombros. – Tome, e compre um para você também – ofereceu dando-lhe umas notas.

– Obrigada.

– Mas não demore, temos duas clientes às três, e eu preciso de você.

– Eu sei, já disse isso vinte vezes – recordou-lhe fazendo cara de vaso.

Poucos minutos depois a campainha tocou, e entrou uma mulher de vestido preto justo muito decotado, um grande chapéu preto de palha, grandes óculos de sol e uma bolsa Hermès Birkin no braço esquerdo. “Uma mulher muito sofisticada”, pensou Mouna.

– *Marhaba, madame*. Você deve ser...

– Preciso depilar o buço agora mesmo! – exigiu em tom autoritário antes que Mouna pudesse continuar.

Mouna olhou a agenda; evidentemente, não era nem Nadine Safi nem Lailah Hayek. Não sabia o que dizer. Estava claro que não ia aceitar um “não” como resposta e não parecia disposta a esperar.

– Por aqui, *madame* – convidou.

A mulher a seguiu e deu uma olhada no maltratado local.

– Sente-se aqui, por favor – indicou Mouna antes de colocar uma toalha em volta do pescoço da cliente e prendê-la com um pregador.  
– Importa-se de tirar o chapéu e os óculos?

Nina obedeceu com receio, e Mouna se inclinou para examiná-la. Haviam feito um serviço porco nela.

– *Madame*, aqui utilizamos cera caseira, pode ser? É muito boa e muito suave para a pele.

– O que está dizendo? – perguntou endireitando-se subitamente.

– Não quero que ponha coisas estranhas em meu rosto.

– *Madame*, eu lhe garanto que é muito eficaz – tranquilizou-a.

– Vai irritar minha pele? Tenho um encontro muito importante daqui a cinco minutos e não posso ir com o buço vermelho.

– Não, *madame*.

Nina não parecia convencida. Checou o relógio. Tinha exatamente três minutos para surgir espetacular e impecável diante de Ahmed.

– Bem, então pode utilizá-la, mas depressa.

– É uma mistura de açúcar queimado, água e suco de limão – explicou pegando um pouco com a mão e esfregando-a na palma para aquecê-la.

– Espere! – gritou Nina erguendo-se outra vez. – Lavou as mãos?

Mouna a olhou escandalizada e inspirou profundamente antes de dizer:

– *Madame*, sei que não é o tipo de estabelecimento que costuma frequentar e que não fica nos bairros por onde anda, mas, apesar da aparência, eu lhe garanto que mantenho um nível de higiene muito elevado. Sou uma profissional. A senhora veio e me pediu que fizesse um serviço, de modo que, por favor, não me insulte. Se não quiser que faça nada, se não se sente à vontade, pode ir.

Nina ficou desconcertada e constrangida. Ninguém nunca havia falado assim com ela, muito menos no salão que costumava frequentar. Todos a tratavam com muito respeito. Mas Mouna havia deixado claro, e ela tinha duas opções: ficar ou partir. Em outra situação teria ido embora irritada, mas se inclinou e apoiou a nuca no encosto de cabeça.

– Continue, por favor.

As mãos de Mouna eram suaves como uma pluma, e ela não sentiu o ardor que sentira em outras ocasiões.

Ao acabar, Mouna colocou um pouco de loção em um algodão, aplicou-o com delicadeza acima do lábio e lhe entregou um espelho para que visse o resultado. Estava perfeita.

– Muito obrigada – disse com gentileza. – Quanto lhe devo?

– Quatro mil libras, *madame*.

– Como? Só quatro mil libras? – repetiu procurando a carteira na bolsa.

– Sim, *madame*. Espero que goste do resultado.

– Sim, muito obrigada. Você tem um cartão? – pediu enquanto deixava uma nota de dez mil libras no balcão.

Mouna meneou a cabeça. Havia distribuído no casamento os 25 cartões que tinha e ficara sem. Imprimir mais também estava na lista de coisas que queria fazer para dar uma renovada no salão.

– Lamento, *madame*, não tenho mais nenhum. Mas, se quiser, posso escrever o endereço em um papel.

– Não, não – disse Nina rapidamente olhando o relógio. – Preciso ir, mas voltarei.

– Seu nome, por favor, *madame*?

Mas ela já havia ido.

– Faça-me o favor! – ouviu a voz irritada da mulher com quem Nina havia tropeçado ao sair.

Lailah Hayek recuperou a compostura e se certificou de que não havia caído nada de sua bolsa antes de colocá-la de novo debaixo do braço e acomodar as alças no ombro. Voltou-se para a mulher com quem havia se chocado. “Parece muito com Nina Abboud. É impossível que haja outra mulher tão alta em Beirute. Mas não pode ser. O que ela estaria fazendo em Gemmayzeh? A menos que estivesse comprando algum quadro em uma galeria da Escalier de l’Art. Mas, se fosse o caso, teria me ligado para que a aconselhasse. Talvez conheça alguém por aqui. Devo estar cansada. Devia ter dado ouvidos ao médico e mandado fazer óculos”, pensou. Abriu a porta do salão e dirigiu-se ao balcão.

– *Bonjour, ahlan* – Mouna cumprimentou sua segunda cliente nova. – Como está, *madame*? – acrescentou gentilmente à espera de que se apresentasse.

– Muito bem, obrigada. Tenho hora às três para lavar e enrolar.

– Claro, *madame* Hayek. Deseja um café ou algo gelado?

– Não, obrigada. A propósito, a mulher que acabou de sair é cliente sua?

– Não, *madame*. Foi a primeira vez que veio.

– E não lhe disse como se chamava?

– Não, *madame* – respondeu conduzindo-a à parte de trás do salão. – Entrou e saiu a toda velocidade.

– O rosto me pareceu familiar, mas deve ter sido um engano.

– Quer se trocar para lavar a cabeça?

“Onde está Amal? Já devia ter voltado”, pensou.

– Graças a Alá! – exclamou ao vê-la entrar pela porta dos fundos com dois copos plásticos. – Você pode... – começou a dizer, mas

ficou perplexa. Estava sem os fones de ouvido e os óculos de sol, escovara o cabelo e debaixo da camisa larga e comprida usava uma camiseta preta. – Pode lavar o cabelo de *madame* Hayek e aplicar condicionador? Utilize o xampu adequado.

– Por aqui, por favor, *madame* – indicou Amal gentilmente.

Mouna sorriu. “O que deu nela?”, maravilhou-se enquanto voltava à recepção para esperar a outra cliente, que, graças a Deus, estava atrasada. Sentou-se atrás do balcão e pegou o celular. Nem sinal de Amin. “Onde será que ele está?” Esperava que não tivesse acontecido nada. Ficou mexendo no telefone pensando no que podia fazer. “Vai me achar muito atrevida se eu ligar? Melhor mandar uma mensagem?” Selecionou o ícone de mensagem de texto e olhou a tela vazia. “Tudo bem com você?”, escreveu, mas apagou porque lhe pareceu muito impessoal.

Começou a digitar “*Habibi*”, mas nesse momento o telefone tocou.

– Salão Cleópatra, *bonjour* – atendeu distraída enquanto apagava a mensagem.

– *Marhaba*, aqui é Nadine Safi.

– Sim, *madame*, em que posso ajudá-la? – disse Mouna voltando à realidade.

– Lamento, estou pouco atrasada, mas chegarei em dez ou quinze minutos.

– Não se preocupe, *madame*, vamos esperar – tranquilizou-a e suspirou aliviada.

Mouna estava penteando o longo e denso cabelo de Lailah quando Nadine entrou. Deu a escova a Amal, disse que o desembarçasse bem e foi recebê-la.

– *Madame* Safi, bem-vinda ao salão Cleópatra – cumprimentou-a sorrindo.

Seu celular começou a vibrar no balcão. Era um número restrito. Nadine Safi estava diante dela, e tinha de secar o cabelo de Lailah Hayek; Amal, subitamente eficiente e profissional, esperava ordens.

– Por aqui, por favor, *madame* – indicou gentilmente sem prestar atenção ao celular e com o coração apertado, pois sabia que era Amin quem estava ligando. O que aconteceria se isso significasse o

fim? E se não lhe desse outra oportunidade? O que faria se não ligasse mais por não ter atendido a ligação dele? Mouna sempre atendera, não importava a hora, o lugar ou o que estivesse fazendo. Uma vez, chegou a tingir de roxo o cabelo de Nisrine porque estava tendo uma conversa muito sensual com ele.

– Por favor, Amal, atenda a *madame* Safi – pediu pegando um secador de mão.

Amal assentiu e a conduziu aos fundos. Sabia que Mouna precisava de tempo. Secar o cabelo de Lailah levaria pelo menos meia hora.

– A *madame* deseja uma massagem com óleo quente? – perguntou, enquanto Nadine se sentava.

– Muito bem, por que não?

Amal pegou o óleo para cabelo e colocou um pouco em um recipiente para aquecê-lo. Mouna sorriu em agradecimento, por Amal ter lhe conseguido um pouco mais de tempo.

Duas horas depois, quando Nadine estava pagando, ouviu-se a campainha da porta e Nisrine e Ghida entraram com umas enormes bandejas de *nammura*; pareciam preocupadas. Discutiam entre si e tentavam falar com Mouna ao mesmo tempo.

Nadine pareceu se divertir com a cena.

– Desculpe, *madame* Safi.

– Não se preocupe. É *nammura*? – perguntou às duas mulheres.

– Sim – responderam as duas.

– O melhor de Beirute – garantiu Nisrine com orgulho.

– O melhor do mundo – sentenciou Ghida.

– Adoro – disse Nadine entusiasmada. – Vocês têm uma confeitaria? Acabei de me mudar para o bairro – acrescentou olhando para Mouna.

– Não, mas podemos prepará-los, se quiser. Normalmente só fazemos para pessoas que conhecemos, mas às vezes pegamos encomendas.

– São caseiros – acrescentou Ghida muito satisfeita.

– Vou fazer uma encomenda, então, meu marido adora. Acabamos de voltar para Beirute.

- De onde? – perguntou Mouna.
- De Madri – respondeu antes de se voltar para Nisrine e Ghida.
- Vocês têm um cartão ou um número de telefone? Como entro em contato com vocês?
- Temos telefone – indicou Ghida. – Mouna, por favor, dê nosso número à *madame*.
- Obrigada – disse Nadine enfiando o papel na carteira. – E, muito obrigada, Mouna. Meu cabelo nunca ficou tão solto e sedoso.
- Nadine saiu do salão e uns minutos depois uma grande Mercedes preta com vidros pretos estacionou no meio-fio. Nisrine e Ghida se encolheram atrás de Mouna para ver quem descia do carro. O motorista atravessou rumo ao edifício onde moravam as duas.
- Nisrine! – exclamou Ghida dando uma cotovelada em sua amiga.
- É o carro de *madame* Sayah! Tem de ser. Vá e diga que estamos aqui.
- Vá você – replicou dando-lhe outra cotovelada.
- Mas por que estão aqui? – perguntou Mouna com estranheza.
- Porque nossos maridos estão discutindo outra vez e achamos que era melhor esperar aqui com o *nammura* – explicou Ghida.
- Entendi. Querem que eu diga a ela que entre? – ofereceu-se ao perceber que o motorista olhava a sua volta com impaciência porque ninguém atendia à campainha.
- As duas mulheres assentiram agradecidas. Mouna saiu e o chamou.
- Com licença – disse fazendo uma viseira com a mão para proteger os olhos do sol da tarde. – Veio buscar uns docinhos?
- Você é a famosa confeitadeira? – perguntou uma mulher, que havia aberto uma das janelas do carro.
- Não, eu sou a proprietária deste salão.
- Ele me faz lembrar o salão que minha cunhada frequentava em Sídon quando eu era criança – comentou após olhar a fachada do Cleópatra.
- É mesmo? Minha família também é de lá.
- Que coincidência! Como é seu nome? – perguntou sorrindo.
- Al-Husseini. Mouna Al-Husseini.

– Seu pai era o dono da loja?  
– Sim, como sabe? Também é de Sídón?  
– Sim, mas fui embora quando era muito jovem. Nunca o esqueci.  
– Quer uma xícara de café árabe, *madame*? As mulheres que fizeram seus docinhos estão no salão.

– Por que não? – aceitou após hesitar um instante.

A mulher saiu do carro e disse ao motorista que pagasse e deixasse as bandejas na Mercedes.

Vestia-se impecavelmente, com um terninho de *tweed* Chanel, rosa e branco, que favorecia sua pele pálida. Seus olhos estavam profusamente pintados, e o cabelo louro, que não era sua cor natural, perfeitamente ondulado. Completava o modelo com uma bolsa mate-lassê Chanel e sandálias de salto alto da mesma marca. Tinha um iPhone na mão.

– Meu Deus, tem até o mesmo cheiro do salão de Sídón – exclamou ao entrar.

– Deve ser pelo cheiro do spray Elnett – arriscou Mouna.

– Sim, e do xampu de ervas que costumavam usar.

– Aqui, por favor – Mouna indicou educadamente, oferecendo-lhe uma das cadeiras de plástico junto ao balcão. – Estas são as mulheres que fazem o *nammura*.

Mouna apresentou Nisrine e Ghida após tirá-las de trás da coluna onde haviam se escondido.

– Muito obrigada. O motorista lhes pagará o que devo.

– Como soube de nós? – gaguejou Ghida enquanto Amal e Nisrine ficavam olhando para a mulher com expressão de incredulidade.

– Experimentei seu *nammura* em uma festa, não lembro qual. Gostei tanto que perguntei quem o havia feito e anotei o nome de vocês em um papel.

Mouna se sentou atrás do balcão. Quem seria essa mulher tão rica de Sídón?

– Vocês fazem todo tipo de serviço neste salão? – perguntou a mulher após tomar um gole de café.

Mouna assentiu.

– E continuam depilando com açúcar queimado?

Mouna tornou a assentir.

– Voltarei, adoro o toque da pele quando se depila com açúcar, não há nada igual. Fica tão sedosa... nem seca nem escamosa como com essas ceras estrangeiras. Preciso ir, muito obrigada – despediu-se antes de acabar o café e dirigiu-se à porta. – Ah, Mouna, não me apresentei. *Ismi Imaan Sayah*.

Dito isso, foi embora. Ghida, Nisrine, Amal e Mouna a viram entrar com elegância na Mercedes antes de o motorista fechar a porta.

Às sete da noite, Mouna estava sentada no balcão olhando seu celular quando Amal, como de costume, apareceu do nada e a assustou. Estava de fones de ouvido, óculos de sol e uma camisa folgada. Bateu continência sem dizer uma palavra para mostrar que estava indo embora. Mouna assentiu; ela também teria de ir se não quisesse chegar tarde a casa.

– Até amanhã, Amal.

A garota fez o sinal da vitória com os dedos e saiu para a rua escura. Mouna continuou olhando o telefone. Amin não ia ligar, ela sabia. Havia ligado uma vez à tarde, havia lhe dado uma oportunidade, que ela desperdiçara. Não lhe daria outra, tinha certeza. Guardou o celular na bolsa, fechou a porta por dentro, deu uma olhada em volta para se certificar de que tudo estava em ordem, colocou o capacete e tirou a Vespa pela porta dos fundos até a viela que dava para a *rue Gouraud*. Baixou a porta de ferro e colocou os cadeados. Montou na moto, prendeu a cinta do capacete sob o queixo e reparou no antiquado e faraônico estilo das letras “Cleópatra” e no velho e desgastado cartaz pintado do filme protagonizado por Elizabeth Taylor. Por quanto tempo ainda seria seu?

Arrancou com a moto e seguiu para casa, evitando o impressionante trânsito de Beirute, que naquela noite parecia até mais indômito que de costume. Ouviu buzinas enquanto se inclinava para evitar congestionamentos, abrindo caminho por estreitas passagens e algumas vezes subindo na calçada para seguir seu caminho. Entrou no pátio de sua casa quando o sol se punha. Estacionou a moto e, enquanto a prendia à grossa e pesada corrente



que ficava em volta do pé de magnólia que embelezava uma das esquinas, ouviu o reconfortante chamado do muezim da mesquita próxima, que recordava aos fiéis o cumprimento de suas orações vespertinas. Subiu as escadas já indiferente às manchas de sangue seco, às pichações e aos buracos das balas. Uma bomba havia derrubado parte da fachada no segundo andar, e ninguém havia se preocupado em retirar os escombros ou consertar o estrago. Quem se aproximasse demais da beirada corria o risco de cair pelo buraco. Cansada, faminta e mal-humorada por continuar sem notícias de Amin, introduziu a chave na fechadura, entrou e a pendurou no prego antes de ir para seu quarto para sentar-se na cama e largar a bolsa. Seu estômago roncava, e se perguntou o que sua mãe teria feito para o jantar.

– É você, Mouna? – ouviu a voz de Fátima na cozinha.

– Sim, *immi* – respondeu, enquanto pegava o celular para ver se havia alguma chamada de Amin, mas não viu nenhum ícone de mensagem recebida ou chamada perdida, só a rosa vermelha que havia posto como proteção de tela.

– Trouxe a vagem? – perguntou sua mãe.

“Deus do céu!”, pensou levando as mãos à cabeça e fazendo uma massagem nas têmporas, antecipando a bronca que estava prestes a ouvir.

– Estou indo, *immi* – respondeu calçando rapidamente as sandálias.

Queria sair antes de ter de enfrentá-la. Tinha certeza de que ouviria um sermão. Correu para o corredor, pegou as chaves e, no momento que saía, vislumbrou a *abaya* que indicava sua iminente aparição.

– Onde acha que vai encontrar *lubieh*? A barraca de verduras já deve estar fechada – ouviu-a dizer enquanto descia correndo.

Saiu correndo para o pátio, inundado pelo som de caçarolas e frigideiras, pratos e talheres, gritos de mães pedindo a seus filhos que se comportassem e se lavassem antes que seus pais chegassem, mesclados com o murmúrio das orações que chegava da mesquita.

O sol havia se posto. Era seu momento preferido. Quando criança, sua tia lhe dissera que era quando Deus enviava seus anjos à Terra em forma de estrelas para escutar as orações e os desejos das pessoas. Concediam tantos quantos podiam, mas especialmente os das meninas que haviam se comportado bem. Ela acreditara, e continuava acreditando. Olhou para o céu azul-cobalto e, ao ver brilhar a primeira estrela, fechou os olhos e pediu a Deus que lhe permitisse ver Amin de novo. Quando os abriu, olhou outra vez e notou que a estrela cintilava. “Tornarei a vê-lo”, pensou sorrindo.

Avançou a passo ligeiro com a esperança de que a barraca de verduras não tivesse fechado. Senão, teria de ir ao sujo supermercado do senhor Abdallah, na outra ponta do bairro, que ficava aberto até tarde. Droga! Por que havia esquecido? Na *rue Gouraud* havia um mercado de verduras, podia ter ido lá. Quando virou a esquina viu que havia luzes no mercadinho da vizinhança. “Maravilha! Talvez não tenha ido embora ainda. Se não tiver vagem, compro um saco de lentilha”, pensou. Percorreu apressadamente a rua empoeirada e tentou não sentir o cheiro de lixo nem pisar nas frutas podres, cascas de laranja e entranhas dos animais sacrificados que havia pelo chão e que atraíam moscas, ratazanas, cães e gatos de rua. Ouviu uma buzina e uma motocicleta passou a seu lado em zigue-zague levantando uma nuvem de pó e sujeira, enquanto os dois homens montados faziam comentários sobre seu vestido e suas pernas.

“Idiotas!”, pensou, e apertou o passo rumo ao mercadinho. A barraca de verduras já estava fechada, a porta de ferro estava abaixada, assim como a do leiteiro, do açougueiro e o resto, salvo a da que vendia sabonete, xampu, detergente e todo tipo de utensílios domésticos, exceto comida.

Suspirou e puxou a blusa de algodão para abaixá-la. Teria de ir à loja do sujo e fedido senhor Abdallah. Caminhou a toda velocidade e chegou ao supermercado no momento em que o proprietário ia fechar. Tampou o nariz com a mão e entrou.

– Estou fechando – exclamou bruscamente sem olhar para ela e passou os dedos pela língua para contar o grosso maço de notas

que havia tirado da caixa registradora.

– *Marhaba*, senhor Abdallah. Não vou demorar, só preciso de um quilo de *lubieh*.

Ao ouvir sua voz, levantou a vista e esboçou um sorriso forçado que fez o estômago de Mouna revirar. Tornou a guardar o dinheiro no caixa e se aproximou esfregando suas mãos minúsculas. “Deus do Céu!”, pensou Mouna. Não tinha mais de 1,50 metro, mas parecia ainda mais baixo porque era gordo, e a papada encobria seu pescoço. Estava ficando careca, mas conservava um pouco de cabelo na nuca e algumas mechas na parte superior, que penteava e untava com uma brilhantina pestilenta. Seu rosto era redondo e usava um fino bigode, que Mouna tinha certeza de que era tingido, junto com o que lhe restava de cabelo, sobrancelhas fartas e crespas, e olhos pretos, pequenos e brilhantes.

– Permita que a ajude – ofereceu aproximando-se com intenção de roçá-la.

– Sei onde fica a vagem – replicou Mouna prendendo a respiração enquanto escapava por outro corredor para chegar às cestas de verdura na parte do fundo.

– Quer só um quilo? – perguntou Abdallah, e, antes que o pudesse deter, seguiu-a e enfiou suas mãos engorduradas nas vagens, pegou um punhado e as pôs em uma balança antiquada. – Não precisa de mais nada? Berinjelas? Hoje tenho umas bem grandes.

– *La, merci* – respondeu deixando umas moedas no balcão, mas Abdallah foi muito rápido e pegou suas mãos.

– Pode pagar daqui a alguns dias, se precisar.

Mouna ficou tão horrorizada por ele a ter tocado que pegou o saco de vagens e saiu correndo sem dizer uma palavra. Uma vez do lado de fora, inspirou profundamente. Teria de tomar um banho e lavar a roupa imediatamente.

Enquanto voltava, pensou no quanto aquele sujeito gordo e careca precisava usar desodorante. Chegou à rua que devia atravessar para chegar ao bazar do bairro e parou. O farol estava vermelho. Enquanto decidia se atravessava correndo ou não, notou uma

Mercedes que lhe parecia familiar. Não distinguiu a placa, mas lhe pareceu o carro de Amin. De repente, o vidro escuro do passageiro se abriu, e ela viu uma mulher. Parecia Dina Nasr, em cujo casamento estivera fazia umas semanas. Prestou mais atenção e viu que o motorista se inclinava na direção dela para fechar a janela e lhe dizia para não desperdiçar o ar-condicionado. Ao ver Mouna, endireitou-se e fechou o vidro rapidamente. Quando a luz ficou verde, o carro arrancou a toda velocidade rumo à noite de Beirute.

Tudo aconteceu tão rápido que não tinha muita certeza do que ou quem havia visto. Aturdida, parou no meio-fio até que um policial se aproximou e lhe perguntou se estava com algum problema. Mouna o olhou ainda perturbada, murmurou que estava bem e atravessou rapidamente a rua. A caminho de casa, repassou o incidente várias vezes e estudou os detalhes. Era Dina ou sua vista a havia enganado? O motorista era Amin? E daí, se era? Com certeza suas famílias eram amigas. Por isso havia ido ao casamento, se conheciam desde pequenos. Subiu devagar as escadas com as vagens na mão, ainda tentando dar um sentido à cena, com a cabeça atormentada pelas dúvidas, e o coração dolorosamente confuso. Seu desejo havia se realizado: vira Amin; mas não como teria desejado. Quando entregou as *lubieh* a sua mãe, já não estava mais com fome.

– Onde esteve? Você sabe que horas são? Nenhuma moça decente passeia sozinha a esta hora da noite. Além de tudo vestida assim, mostrando as pernas e o rosto. E com toda essa maquiagem. Você não tem vergonha? – censurou-a. – Todo mundo fala do seu jeito de vestir e que se comporta como uma prostituta de rua. Como vai conseguir casar? Quem vai querer você? Nenhum homem decente lhe faria uma proposta.

Não deu ouvidos às reprimendas, foi para seu quarto e fechou a porta, mas as paredes eram tão finas que continuou ouvindo a mãe se queixar com sua tia Hanan.

– Ela já tem 37 anos... Mas, por sorte, parece mais nova, e podemos mentir sobre a idade e dizer que foi comprometida, mas seu noivo morreu na guerra.

– Mas Mouna teve dois namorados – gritou Hanan, que estava quase surda. – Os dois morreram na guerra?

– Não digas bobagens – censurou enquanto lavava as vagens na pequena pia da cozinha. – Estou me referindo à mentira piedosa que teremos de contar se um dia ela tiver a sorte de receber uma proposta. Será preciso convencer quem quer que seja de que trabalha em uma biblioteca. Ela diz que é “estilista” – debochou –, igual às prostitutas.

– Mas se ela teve dois namorados que não morreram na guerra, por que não se casou com nenhum? – perguntou Hanan, desconcertada, enquanto se remexia na pequena e desconfortável cadeira de plástico.

– Você sabe muito bem o que aconteceu. Todos pensávamos que as propostas seriam iminentes, mas nenhuma família veio fazê-las – replicou exasperada, deixando a vasilha de vagens no colo da nora.

– Então, não entendo – disse Hanan, meneando a cabeça. Começou a descascar as vagens e as deixou na mesma vasilha sem perceber. – É muito bonita, e há alguns anos era ainda mais.

– Sim, mas o tempo passa, e ela não vai ser atraente a vida inteira – comentou a mãe com amargura, sentando-se também à mesa de plástico que ocupava praticamente toda a cozinha. – É como se houvesse uma maldição que contagiou toda a família. Veja como vivemos! – acrescentou apontando com uma faca. – Veja esta cozinha! Nem sequer temos água toda hora. Às vezes, não posso nem usar a privada. Veja o teto! Qualquer dia vai cair em cima de nós enquanto dormimos. Nunca temos dinheiro...

– Você devia trabalhar – sugeriu Hanan, enquanto continuava descascando.

– O quê? Que foi que disse? – gritou irritada. – Acha que não trabalho o suficiente? Trabalho desde que me levanto até a hora de deitar.

– Se quiser mais dinheiro, vai ter de arranjar um emprego.

– Muito obrigada, Hanan... E quem vai limpar a casa, lavar a roupa e fazer a comida?

– Com certeza nós três daremos um jeito.

– Sei! Acha que Mouna vai ajudar? – comentou com maldade, levantando-se para aquecer o azeite de oliva antes de colocar a verdura na frigideira.

– Ela ajuda, Fátima. Pagamos o aluguel e nos alimentamos com o que ela ganha.

Fátima colocou a cebola na frigideira, que espirrou em contato com o azeite quente, como se fosse o reflexo de seu humor. Voltou-se com as mãos na cintura, os lábios apertados e uma expressão envenenada. Ia dizer algo, mas mudou de ideia.

– Não perco a esperança de que Mouna se case. Ela é generosa, gentil e bonita... Tenho certeza de que ainda é virgem – comentou Hanan.

– O que quer dizer? – rugiu. – Se não for, juro que vou torcer o pescoço dela com minhas próprias mãos.

– Não seja tão melodramática. Mesmo que não fosse, não seria a primeira vez nesta família que teríamos de usar sangue de cordeiro nos lençóis da noite de núpcias.

– Oh, Alá! – lamentou-se mexendo a cebola. – Que foi que eu fiz para merecer esta vida? Quem dera estivéssemos em Sídon – acrescento uenxugando os olhos.

– Por que continua vivendo no passado?

– Porque representa meu futuro – respondeu, e Hanan a olhou com tristeza. – Quem dera meu marido e meus filhos estivessem vivos para cuidar de mim.

– Sua filha cuida de você e sacrifica a vida. Não acha que ela gostaria de estar casada com um homem que a satisfizesse? Não acha que gostaria de ter filhos frutos dessa relação? Acha que ela prefere estar aqui? Com você? Comigo? – afirmou, para defender a sobrinha.

Fátima ficou em silêncio enquanto mexia energicamente as verduras na frigideira.



## Capítulo 3

Lailah Hayek estava diante da penteadeira no amplo e lotado closet contíguo a seu elegante dormitório. Ela vivia num tríplice no edifício mais exclusivo do porto marítimo de Beirute. Era seu lar desde que se casara com Rachid Hayek, havia quase dezesseis anos. Olhou-se no espelho dourado e estudou o rosto daquela que um dia havia sido a mulher mais admirada da cidade, quando fora coroada Miss Líbano, aos 21 anos. Observou as rugas do riso em volta da boca, os pés-de-galinha nos olhos, uma nova linha entre as sobrancelhas que começava a se notar, e percebeu que quando franzia as sobrancelhas sua testa ainda se movia. “Meu Deus! Faz seis meses que não vou ao doutor Giorelli?”, pensou enquanto pegava o iPhone para checar a data da última consulta com seu dermatologista brasileiro. Havia passado mais de meio ano. Programou-se mentalmente para ligar para ele no dia seguinte e descobrir se estava em Nova York ou no Rio de Janeiro, para marcar uma consulta. Largou o telefone e, ao se olhar de novo no espelho, levou as mãos ao rosto. Ninguém acreditava que tinha quase 40 anos. Quem era essa estranha que olhava para ela? Que fim levava aquela linda jovem, e seus sonhos e suas esperanças?

Lailah Khoury nasceu no seio de uma importante família de Beirute. Era a única filha e a mais nova de quatro irmãos. Colette, sua mãe, era uma destacada figura do *jet set* da cidade, e seu pai, Andre, um rico homem de negócios que seguira os passos do pai no banco e fundara uma empresa que administrava e investia o dinheiro de

alguns dos membros mais ricos da família real saudita e de outros integrantes da realeza do golfo.

Apesar de Colette não ser bonita no sentido tradicional da palavra, tinha carisma e personalidade, e havia aprendido a tirar vantagem de seus encantos, na crença de que, se seguisse uma dieta de beleza, conseguiria o que Deus não lhe havia concedido. Sua vida girava em torno da vida social de Beirute, Paris, Londres e, nos últimos tempos, Nova York. Adorava os jantares, os almoços, os chás e seu clube de *bridge*.

Suas únicas inquietudes na vida reduziam-se ao guarda-roupa, à maquiagem, ao cabelo, a usar as joias adequadas, a ser jovem e linda, a que as colunas sociais falassem dela e a que seu nome e sua foto aparecessem em lugar de destaque na imprensa. Estava constantemente preocupada com sua imagem, com convites para os acontecimentos oportunos, com a mesa em que a haviam colocado, com que companhia seria vista e com o que as pessoas pensavam dela. E, apesar de dar atenção a sua família, estava mais preocupada com o modo como a sociedade a percebia que com seus membros ou ocupações.

Lailah jamais quis se parecer com a mãe. A relação das duas não era desagradável, mas achava que sua progenitora era superficial e frívola. Sempre lhe dava razão porque lhe parecia mais fácil que discutir com ela. A única vez que tiveram um enfrentamento sério foi quando, ao voltar de uma viagem à Tailândia, Lailah comentara que queria se envolver na ajuda humanitária aos acampamentos de refugiados palestinos do Líbano.

Ela sempre quisera ir ao Extremo Oriente. Sentia curiosidade pelo budismo e atração pelas culturas da China, do Japão, da Tailândia, do Vietnã e do Camboja. Queria conhecer esses países, aprender seus idiomas, experimentar sua comida e entender melhor sua sociedade. Havia lido tudo que estivera a seu alcance sobre Buda e seus ensinamentos, com a remota esperança de ir um dia a Varanasi, onde o mestre havia pregado. Após muitas súplicas, seus pais concordaram em levá-la por uma semana à Tailândia como presente de formatura no Lycée Français. Colette escolheu esse país



porque havia lido que o *spa* do complexo turístico Amanpuri, em Phuket, era espetacular.

Lailah estava radiante quando o avião sobrevoou Bangkok.

– *Maman*, veja a cor da água – berrou quando sobrevoaram o mar de Andaman. – Que vontade de ver a cidade!

– Não está pensando em ficarmos aqui, não é, Andre? – perguntou Colette fazendo uma careta.

– Só uma noite, *chérie*. Acho que por causa das conexões dos aviões.

– Está vendo, *maman*? – exclamou Lailah triunfalmente.

– Bem, mas isso não quer dizer que você pode ver a cidade sozinha. Nem pense que vai sair à noite em um país estrangeiro.

– *Maman*, são quatro horas da tarde, e eu tenho quase 18 anos...

– Sozinha, não – enfatizou franzindo os lábios.

– Por que não vem comigo? Quem sabe, pode até gostar – arriscou Lailah sarcasticamente.

– *Ne sois pas insolente, chère fille*. Não seja insolente!

– Talvez papai queira – comentou Lailah olhando para ele com olhos suplicantes.

– Primeiro preciso fazer umas coisas, Lailah. Depois, veremos.

– Onde vamos nos hospedar? – perguntou Colette a seu marido.

– No Four Seasons – respondeu antes de se concentrar de novo no jornal.

– Meu plano é o seguinte, Lailah – propôs Colette. – Seu pai vai fazer as coisas dele e nós vamos ao *spa*. Preciso de uma massagem e fazer as unhas.

– Mas, *maman*, vamos ficar uma semana em um *spa*.

– Não discuta, *ma fille* – replicou Colette sem dar ouvidos a suas objeções. – Você precisa de uma massagem. Será bom depois de tantas horas no avião.

– Mas viemos de primeira classe!

Com Colette, não havia jeito de discutir.

Na manhã seguinte, enquanto tomavam o café da manhã, Andre soube que haviam cancelado os voos a Phuket devido ao mau tempo.

– Que dizer, então, que não podemos sair de Bangkok... – comentou Colette com desespero.

– Prefere voltar a Beirute? – perguntou Andre olhando para ela por cima dos óculos.

– Nem pensar! É meu presente! São minhas férias! Não podem fazer isso comigo! – gritou Lailah.

– Não se preocupe, iremos a algum lugar – o pai tranquilizou-a.

– Por que não vamos a Paris? – sugeriu Colette, para ver se a filha aceitava.

– Por favor, *maman*! Esta viagem não é sua, por mais que tenha tentado ao escolher esse complexo turístico de Phuket.

– Lailah, Colette, por que não vamos de carro? Assim Lailah pode ver a paisagem, e Colette... bem, não sei, pode ficar no telefone com alguma amiga ou ler uma revista – propôs Andre para que a situação não piorasse.

– Obrigada, papai! – gritou Lailah jogando-se em seus braços.

– Não se entusiasme muito, mocinha. Primeiro temos de ver se podemos arranjar isso – Andre conteve-a sorrindo.

A caminho de Phuket, em um confortável Range Rover com motorista, passaram por Tham Hin, um dos acampamentos de refugiados na fronteira entre a Tailândia e Mianmar, que estava abarrotado com milhares de birmaneses que haviam fugido de um país arrasado pelos conflitos civis e pela constante convulsão política. Lailah não perdeu nenhum detalhe.

– Meu Deus, viu isso, *maman*? – perguntou, mas Colette estava falando ao telefone. – Viu esse acampamento, papai? Eram refugiados?

– Receio que sim. São da Birmânia, ou de Mianmar, como se chama agora – assentiu tirando os óculos.

– Reparou no rosto deles? – Lailah perguntou com incredulidade.

– Neste mundo existem muitas pessoas sem lar, *ma fille* – respondeu o pai, dando de ombros.

– Viu os olhos deles? Eram vazios, como se não tivessem razão para viver.

– E não têm. Eles não podem sair, é como se fossem prisioneiros.

– Nunca vi nada igual. Essas crianças... jamais esquecerei. Imagina o que deve ser crescer em um lugar assim? Sem esperança, sem objetivos, sem futuro, sem aspirações. Faz ideia da frustração deles?

– Bem, no Líbano acontece a mesma coisa.

– O que quer dizer?

– Quando sairmos do aeroporto em Beirute, preste atenção em Shatila, o acampamento de refugiados palestinos.

– Existe um desse? Não sabia.

– Bem, agimos como se não existisse.

Lailah sabia que os refugiados palestinos no Líbano viviam em condições deploráveis: os doze campos oficiais estavam muito deteriorados, e a situação dos dezessete não oficiais era ainda pior.

Os palestinos não tinham acesso à escola, a hospitais ou ao trabalho do país. O governo havia imposto severas restrições para que não pudessem se integrar à sociedade libanesa e os considerava um problema internacional, não nacional.

Os políticos argumentavam que, se permitissem que se naturalizassem ou se tornassem *tawteen*, inclinariam a balança dos grupos religiosos e étnicos a favor dos muçulmanos sunitas.

– Onde estamos? Podemos parar para comer? Estou com fome e com a garganta seca. Preciso de algo gelado. Lailah? Andre? – interveio Colette.

Na semana seguinte, no caminho entre o aeroporto e a mansão dos Khoury, Lailah não tirou os olhos de Shatila. Viu edifícios em ruínas com as paredes cheias de buracos de bala, testemunho das guerras da última metade do século. O governo libanês havia proibido sua reconstrução e não permitia ampliá-los nem criar novos assentamentos. Viu soldados inspecionando um carro. Sabia que, além de armas ou explosivos, buscavam ferramentas ou material de construção para reparar as moradias. Perto dos soldados, em um monte de escombros, um homem segurava o que parecia um saco. Olhava para o céu e chorava desconsoladamente.

Ao prestar mais atenção, descobriu que o saco era o corpo sem vida de uma criança que não devia ter mais de 7 ou 8 anos. Tinha

um talho na cabeça e o sangue estava ainda fresco e brilhante, como se houvesse enfiado a cabeça em um balde de pintura vermelha. “Meu Deus, é só uma criança. Uma criança que jamais teve uma oportunidade”, pensou. As lágrimas brotaram em seus olhos, e ela não conseguiu se desvencilhar da imagem de um pai inconsolável, torturado pela dor, apertando o filho morto contra o peito.

Enquanto Lailah seguia viagem no luxuoso banco de trás da Mercedes após uma semana de luxos e cuidados no complexo turístico de Amanpuri, meditou se a vida era justa e igualitária, e se Deus tratava de maneira igual toda a humanidade. Sabia muito bem a opinião daquele homem que segurava um menino morto, cercado de pó, pedras e sujeira.

– O que você disse que quer fazer? – perguntou Colette com calma enquanto passava batom em frente à penteadeira quando Lailah lhe comunicou que havia decidido ajudar as crianças palestinas dos acampamentos de refugiados.

Uma vez satisfeita com o aspecto do batom, voltou-se para a filha.

– Você ficou maluca? E o que vai fazer para ajudá-las?

– *Maman*, não podemos ficar de braços cruzados. Essas crianças estão sofrendo.

– Elas estão acostumadas, minha filha. Foram concebidas, nasceram e se criaram nesses acampamentos. Não conhecem outra coisa – garantiu com frieza.

– Mas por que não podemos ajudá-las? Por que temos de deixar as coisas como estão? O fato de não terem vivido de outro jeito não significa que não queiram.

Colette olhou para a filha e começou a rir. Mas Lailah continuou:

– *Maman*, muitas dessas crianças não têm acesso a escolas, medicamentos, comida nem sequer um lar. E muitas não têm pais.

– E o que você quer fazer? Adotar todas?

– É possível ajudar de muitas formas, você sabe muito bem.

Colette foi até o armário e olhou seus vestidos enquanto decidia o que vestir.

– Não sou pouco realista, sei que não posso mudar completamente a vida delas.

– Mmm – murmurou sua mãe pegando um vestido rosa sem prestar atenção a sua filha.

Lailah suspirou. Sabia que nunca a convenceria.

– Talvez eu não consiga mudar a vida delas, mas quem sabe posso criar um programa educacional, falar com amigos e fazer turnos para ensinar essas crianças gratuitamente. Também posso pedir a Noel que convença seu pai a instalar uma clínica que funcione com voluntários.

– O doutor Hossam Ramzi? – comentou sarcasticamente Colette enquanto se arrumava. – Duvido que o filho dele se interesse por suas ideias extravagantes.

– Nunca se sabe.

– Por Deus! A única coisa que essas crianças farão é roubar você. Elas não querem educação, medicamentos ou comida, só dinheiro.

– Mas, *maman*, tenho certeza de que pouco a pouco poderemos mudá-los.

– Não seja tola, *ma chère* – repreendeu-a em tom altivo. – O que acha que vai fazer? Transformar um mundo que não quer ser mudado? Deixe isso aos homens, é trabalho deles.

– E qual é o nosso, *maman*?

– Nossa tarefa, *ma chère fille*, é ficar bonitas, ser anfitriãs maravilhosas, saber o que dizer e quando dizer e organizar nossa casa e nossa vida da maneira mais bonita e elegante possível.

– *Immi!* – protestou Lailah indignada.

– Não me chame assim, *chère fille* – objetou Colette com o que julgava ser um perfeito sotaque parisiense. – Você sabe que não falo o dialeto nativo.

– *Immi*, somos libanesas e nunca deixaremos de ser, não importa o que você diga ou faça. Tenho muito orgulhoso de ser libanesa e, se eu quiser falar árabe, falarei – sentenciou dirigindo-se à porta. – Os seres humanos têm compaixão. Vou ajudar essas crianças, mesmo que seja só uma.

Foi ver seu pai, contou a ele seus projetos e pediu-lhe ajuda. Mas ele estava absorto demais no próprio mundo para lhe dar atenção. Assentiu, mas não ouviu nem uma só palavra.

– Por que não fala com seu pai, Noel? Ele é um dos médicos mais famosos de Beirute. Por que não pode instalar uma clínica em um dos acampamentos de refugiados? – perguntou Lailah a seu melhor amigo da Universidade Americana, onde estudava Arte e História da Arte.

– Porque ele vai achar que estou maluco.

– Mas por quê? Ele é médico, supõe-se que deveria ajudar os seres humanos, salvar vidas.

– Assim é a vida, esqueça isso.

Lailah lhe lançou um olhar suplicante:

– Esse tipo de causa requer maior difusão. Hoje de manhã ouvi que abriram as inscrições para as aspirantes a Miss Líbano. Por que não se inscreve? – brincou. – Se ganhar, coisa que com certeza vai acontecer, o país inteiro prestará atenção em você.

– Está maluco? – replicou rindo.

– Com o dinheiro você poderia financiar seu programa educacional. Não teria que pedir nada a seu pai.

– Se acha que tenho alguma possibilidade, está realmente maluco.

Mas, quanto mais pensava, mais sentido fazia aquela proposta, por mais absurda que tivesse parecido a princípio. Então se inscreveu. Diferente dos concursos de beleza de outros países, o do Líbano era muito mais simples, e ela não teve que vencer uma competição local ou estadual antes da nacional. Evidentemente, ser filha de Andre e Colette Khoury ajudou muito, porque eles eram bons amigos de Antoine Maksoud, organizador e diretor do concurso, com quem almoçavam e jantavam com frequência.

Os formulários, entregues em mãos na casa de Lailah por um funcionário de Antoine, eram fáceis de preencher. Além da informação pertinente, como nome, local de nascimento, endereço, escolaridade, diplomas e *hobbies*, tinha de detalhar estatura, peso, medidas de peito, cintura e quadris, números de calçado e roupa.

Também tinha de enviar três fotografias: uma de rosto, uma em trajes de banho e outra com um vestido de noite. Não gostou da ideia de ter que tirar fotos em trajes de banho nem de desfilas na frente de juizes, do público e das pessoas que veriam o concurso na televisão, mas decidiu se preocupar com tudo isso em seu devido momento. Afinal de contas, talvez nem fosse selecionada.

Estava procurando fotos em sua escrivaninha quando Colette entrou.

– *Chérie*, vou almoçar com Antoine. Por que não me dá os formulários para que eu os entregue a ele?

Lailah levantou a cabeça por debaixo da mesa, onde estava procurando alguns álbuns.

– *Maman*, já os preenchi, mas preciso de fotos.

– Onde estão?

– Em cima da mesa – apontou para um monte de papéis antes de desaparecer debaixo da pesada mesa de mogno.

– Onde? – perguntou Colette, olhando as folhas e livros espalhados.

– Aí em cima.

Segundos depois, quando tentava abrir um álbum estragado pela umidade, ouviu sua mãe dizer “*Mon dieu!*” em tom de desaprovação.

– Que foi?

– Tenho de falar com Antoine! Isso é vergonhoso! Horrível! Inaceitável! – exclamou com os formulários na mão.

Lailah estava desconcertada. O que teria escrito para aborrecer tanto sua mãe?

– O que eu fiz de errado? – perguntou, olhando por cima do ombro de Colette.

– Estão em árabe! – vociferou levando a mão ao peito como se fosse uma grande ofensa.

– Caso tenha esquecido, vivemos em Beirute, cidade do Líbano, Oriente Médio.

– Não seja impertinente – objetou com voz glacial. – Sei onde estamos, mas é o concurso de beleza do país e custa milhões.

– E?

– E deveria ser algo exclusivo, do qual só participassem jovens cultas que falassem francês e inglês. A ganhadora vai nos representar no exterior. Imagine o que diriam as pessoas se a Miss Líbano só falasse árabe. Pensariam que somos uns ignorantes.

– A ganhadora vai para o exterior se for selecionada para o concurso de Miss Universo. Senão, fica aqui e faz o que pode para ajudar seu país.

– Sim, mas pelo menos deveria falar francês – insistiu.

– *Maman*, não posso acreditar que diga essas coisas.

– E você preencheu o formulário em árabe – comentou ainda mais irritada.

– *Immi* – disse Lailah intencionalmente em árabe –, como pode ver, estou muito enrolada, de modo que quando encontrar as fotografias eu mesma levarei tudo.

– Muito bem, faça como quiser – aceitou Colette dando-se por vencida.

Lailah não pôde reprimir um sorriso: sua mãe era esnobe. Só havia visto os formulários em árabe, mas os de baixo estavam em francês e inglês; ela os incluía para que os organizadores soubessem que falava e escrevia nos três idiomas.

– Então, vai concorrer a Miss Líbano? – comentou Noel no dia seguinte, enquanto passeavam pelo campus da Universidade Americana e aproveitavam a brisa fresca que temperava o que poderia ter sido um dia escaldante.

– Sim – admitiu um tanto perturbada.

– *Hamdellah. Mabruk, mabruk.*

– Não me dê os parabéns ainda. O que vai acontecer se eu não ganhar? – perguntou com timidez.

– Vai ganhar, eu sei. Você é a garota mais bonita do mundo.

– Noel! – exclamou Lailah ruborizando.

Achava que Noel estava meio apaixonado por ela, e suas amigas debochavam da situação, mas Lailah nunca insinuara que se interessava por algo mais que uma amizade.

– O que é preciso fazer para participar? – perguntou ele.



– Preenchi vários formulários e preciso enviar umas fotos. Procurei por todo lado, mas não encontrei nenhuma boa nem recente – confessou enquanto atravessavam o gramado.

– Espere! Georges Assaf é o melhor fotógrafo da UAB – afirmou, puxando-a em direção a três jovens que estavam deitados na relva.

– E daí? – perguntou ela seguindo Noel.

– Ele é meu amigo. Vai adorar fazer suas fotos.

– Acho ótimo, mas por que estamos indo na direção contrária?

Temos aula nesse edifício daqui a vinte minutos – comentou indicando o outro lado do gramado.

– Porque Georges está ali. É aquele de cavanhaque.

– Onde você se meteu, Noel? – perguntou Georges. – Faz semanas que não o vemos.

– Lamento, andei muito ocupado, e vieram uns parentes de Washington, você sabe... – desculpou-se.

– *Tayeb, tayeb*, perdoamos você – disse Georges amistosamente.

– Esta é Lailah Khoury, a próxima Miss Líbano.

– *Anllad?* – perguntaram os três ao mesmo tempo.

– De verdade – garantiu Noel com orgulho.

– *Marhaba!* – cumprimentou Lailah fazendo um gesto com a cabeça um pouco inibida.

– Este é Georges – disse Noel, lhe apresentando um jovem de cabelo preto cacheado e cavanhaque. – Este é Chadi, e aquele, Danny.

– *Tsharrafnah* – cumprimentou Lailah.

– *Sharrfuna*. Quer uma *ahwe*? Chadi pode ir buscar – sugeriu Georges.

Lailah sorriu ao perceber que Chadi dava uma cotovelada em seu amigo com o cenho franzido.

– Não sei se dá tempo – escusou-se Lailah.

– *Walaw!* Fiquem um pouco! – insistiu Georges.

– Ela tem razão, temos de ir para a aula – justificou Noel pegando Lailah pelo braço. – Você poderia fazer as fotos dela para se inscrever no concurso de Miss Líbano?

– Claro, será um prazer – garantiu Georges levantando-se.

- Viu? Tudo resolvido – comentou Noel, apertando o braço de Lailah.
- Muito obrigada, Georges. Vamos combinar o dia, o valor etc.
- Podemos combinar o que você quiser, mas não vou aceitar nem um centavo.
- Eu falei – repetiu Noel convencido.
- Tome, ligue quando quiser – disse Georges após anotar o número em um papel.

Lailah tornou a agradecer e se despediu antes de se dirigir à faculdade de Arte. Noel não parou de falar que as fotos ficariam lindas, que Georges era um fotógrafo fantástico. Lailah virou a cabeça e viu que Georges olhava para ela sorrindo. Devolveu-lhe o sorriso e fez um aceno com a mão. Gostou dele. Adorou seus olhos; tinham uma cor muito interessante, entre verde e turquesa, mas, acima de tudo, eram muito sensuais.

Georges se apaixonou por Lailah quando a viu através da lente de sua Nikon. Não teve pressa para ajustar a luz e, cada vez que olhava para ela com uma iluminação diferente, dava um *zoom* em seu rosto, corpo, olhos, lábios, pescoço, garganta, seios, cintura, coxas e pernas e até nos belos sapatos de salto alto que usava. De modo que quando fez a primeira fotografia, que era a de rosto, Lailah estava posando havia duas horas.

Mas ela não se importou. Achava que ia ficar muito nervosa, mas Georges a tranquilizou e a fez rir com histórias divertidas. Ela relaxou, e ele capturou sua personalidade. Adorava olhar para ela, ver a pele em volta dos olhos se enrugar; seus olhos brilhavam com malícia quando ria. Lailah começou a fazer gracinhas, e aquele flerte inocente aumentou o encanto e a atração que Georges sentia por ela.

Para o vestido de noite havia escolhido um Valentino preto, de seda, sem alças, que se ajustava às suas curvas até os joelhos, onde se abria na parte de trás em um espetacular corte de sereia de tule preto. Prendera o cabelo em um austero coque ao estilo espanhol e fizera uma maquiagem espetacular, com olhos escuros e lábios escarlate. Georges fez fotografias coloridas e em branco e preto;

gostava mais dessas últimas, porque ela parecia uma sexy e glamorosa atriz do cinema italiano dos anos 1950. Quase deixou cair a câmera quando Lailah o olhou com olhos tentadores e boca incitante.

O ambiente estava carregado de eletricidade. Georges ansiava tocá-la, sentir a suavidade aveludada de seu rosto quando o movia para aproveitar melhor a luz, e Lailah queria que a tocasse, mas cada vez que isso acontecia não tinha coragem de olhar para ele com medo de que percebesse o desejo que emanava de seus olhos. Conforme passava o tempo, o magnetismo entre os dois se intensificava; aliás, ao fazerem a foto em trajes de banho, multiplicou-se.

Lailah usava um simples maiô prateado Calvin Klein. Saiu do vestiário e se dirigiu rapidamente à poltrona de aspecto antigo que havia no meio do estúdio. Sua estrutura de madeira cor de osso e o estofamento de veludo bordô ressaltavam o traje de banho. Georges sentiu um calafrio ao vê-la. Estava ajustando o foco, e tão absorto pensando nela, que nem a ouvira entrar.

– Onde quer eu que me sente? – perguntou ela com timidez e sem se atrever a olhar para ele.

– Lailah... – começou Georges. – Lailah... é... – Ela lhe lançou um olhar inquisitivo. – Não sei se vou poder continuar – Georges confessou deixando a câmera sobre a mesa.

Houve um estranho silêncio, Lailah não sabia o que dizer, e Georges fechou os olhos e esfregou a testa e a ponta do nariz para aliviar a tensão.

– Desculpe, fiz algo errado? – perguntou a garota com doçura.

– Errado? Não, não fez nada errado. Você estava encantadora... maravilhosa e fascinante... Você é a mulher mais linda do mundo – declarou com um profundo suspiro, e essa confissão tirou-lhe um grande peso das costas.

– Não sei o que dizer... – gaguejou Lailah.

Georges começou a andar de um lado para o outro no reduzido estúdio, com as mãos às costas. Finalmente, aproximou-se dela e se ajoelhou.

– Lailah, posso convidá-la para tomar um chá?

Lailah se inclinou, pôs a mão no braço direito dele e a foi descendo até que encontrou a dele, entrelaçou os dedos, levantou-a e a manteve entre as suas.

– Estava esperando que me convidasse. Senão, eu teria de fazê-lo.

Georges olhou para ela, sorriu e, lentamente, enquanto segurava seu rosto e a olhava fixamente nos olhos, beijou-a.

As fotografias de Lailah ficaram tão impressionantes que Antoine Maksoud ligou para Colette apenas para lhe dizer como sua filha era bonita. Georges e Lailah ficaram noivos pouco depois. A primeira pessoa para quem Lailah ligou foi Noel, mas sua reação não foi a que esperava. Sabia que ele ficaria bastante surpreso, mas não que desligaria nem que não lhe daria atenção na universidade e que se afastaria quando a visse. Isso lhe doeu muito, e pensou que com o tempo ele superaria, mas não foi assim.

A data do concurso se aproximava, e havia uma interminável série de ensaios programada, mas na primeira reunião Lailah questionou sua participação. Observou as doze participantes que estavam na espaçosa casa de Antoine e percebeu que só falavam de vestidos, maquiagem e sapatos. Supôs que deviam ser simpáticas, mas eram muito superficiais; os rostos e as conversas deixavam claro que só estavam concorrendo pelo milhão de dólares que gastariam consigo mesmas se ganhassem. Era a única motivação delas.

Antoine explicou rapidamente o programa. Lailah olhou à sua volta; estavam sentadas em cadeiras e carteiras, em um cômodo que parecia uma sala de aula, e Antoine estava à frente da lousa. Desenhou um diagrama e o explicou com a ajuda de uma régua. Pediu-lhes que repetissem a ordem e onde deviam estar a cada momento do programa, que seria transmitido ao vivo pela Televisão Nacional Libanesa.

– Vocês têm de olhar sempre para a câmera, sorrir e mexer os quadris – instruiu olhando para elas por cima dos óculos de armação preta e grossa. – Vamos repassar a pergunta: O que você fará se for eleita Miss Líbano?

As demais reuniões foram exatamente iguais. Lailah demonstrou ter uma paciência de santo e compareceu a todas, mas, quando acabaram, estava fora de si. “Isto aqui é um absurdo. O que estou fazendo aqui? É uma loucura. Não preciso do dinheiro e não gosto de nenhuma das garotas”, dizia a si mesma. Havia tentado conversar ou fazer amizade com elas, mas haviam se mostrado frias e distantes.

Dois dias antes do concurso, as participantes e os familiares deveriam se registrar no Sun Hills Hotel de Adma, um complexo turístico situado a 45 minutos de Beirute, para os ensaios finais. As concorrentes haviam recebido uma lista do que deveriam levar, que incluía um traje de banho, dois vestidos de noite, dois pares de sapatos de salto alto, um pouco de dinheiro e seus medicamentos. Lailah estudou a lista, começou a rir e a mostrou a Georges enquanto escolhia a roupa. Teria gostado de que ele fosse junto, mas não eram casados, e como Colette não estava disposta a ir recorreu a sua velha babá, Nia.

Na noite do concurso, celebrado no Palace Hotel de Beirute, os camarins estavam um caos, e neles reinavam o ciúme e a intensa competitividade entre as participantes. Todas queriam ser coroadas e estavam dispostas a fazer qualquer coisa para conseguir isso. Quando Lailah entrou, as concorrentes se voltaram para olhá-la. Duas delas haviam deixado a bolsa no espaço designado para Lailah. Lançaram-lhe olhares invejosos, e ela achou ter ouvido: “Aí vem a riquinha. Talvez seu pai tenha lhe comprado a coroa”. Como não queria fazer uma cena tendo acabado de chegar, espremeu-se no pequeno espaço que haviam lhe deixado, mas a desgraça a perseguia: o salto de uma das sandálias quebrou “casualmente” e os pós translúcidos de maquiagem desapareceram como em um passe de magia. Contudo, o desfile em traje de banho, que por si só já a deixava muito nervosa, foi a gota d’água. Nia não encontrou o Calvin Klein que Lailah havia posto em sua grande bolsa de lona. Havia levado outro por via das dúvidas, mas queria pôr o prateado.

– Lailah Khoury... dez minutos... traje de banho – ouviu a voz do diretor de cena nos alto-falantes do camarim.

Olhou-se no pequeno espelho com lâmpadas em volta e disse a si mesma que era uma idiota. Aquilo era a gota d'água. Alguém havia roubado seu maiô. Estavam tentando sabotar seu desfile. Por quê? Por que não competiam honestamente?

– Lailah Khoury... cinco minutos... traje de banho.

Aquilo só conseguiu fazer que desejasse ganhar ainda mais. Como se atreviam? Como ousavam tentar minar sua confiança, sabotar a promessa que havia feito a si mesma e acabar com o que ainda não havia sido construído? Pegou um maiô branco de outra bolsa e vestiu-o rapidamente. Era menor e mais sexy que o outro, mas não se importou. Calçou suas sandálias douradas Manolo Blahnik de doze centímetros de salto e, em poucos segundos, ouviu seu nome e entrou no palco.

Sorriu, rebolou, fez biquinho e seduziu. Não teve tempo de se sentir constrangida ou nervosa. Naquela noite, anunciou ao público que se fosse eleita Miss Líbano tentaria fazer que todas as crianças do país tivessem acesso à educação, e que utilizaria o dinheiro para criar um fundo educacional porque acreditava que as crianças tinham direito a ela. Por conselho de Antoine, não mencionou as crianças dos acampamentos de refugiados. Uma vez mais haviam se transformado em um tema ardente na imprensa após uma visita de famosos organizada pela Anistia Internacional, que haviam criticado duramente o governo israelita pela maneira desumana como tratava os refugiados palestinos. Além do mais, algumas escaramuças com soldados israelitas no acampamento Ein el-Hilweh haviam trazido à baila de novo a questão dos *tawteen*.

Lailah foi eleita Miss Líbano 1991. Colette transbordava alegria. Mas conseguir o título não lhe proporcionou a plataforma de que precisava para informar às pessoas não só a grave situação das crianças refugiadas, mas também sua perseverança e coragem para superar tantos obstáculos para refazer sua vida.

– Você nunca vai conseguir mudar o jeito de pensar dos libaneses  
– sentenciou Georges fazendo referência à controversa postura política que Lailah havia adotado ao querer instaurar um programa de educação.

– Sei que não vou poder criar o programa, mas talvez consiga conscientizá-los. Eu gostaria de abrir seus olhos e que vissem o que acontece nesses acampamentos de refugiados, para que quando o próximo suicida se imolar com uma bomba no mercado entendam o desespero desses jovens que crescem acreditando que sua vida é inútil. A educação é a melhor arma que possuem, a única – argumentou para tentar convencê-lo. – Alguém precisa tentar mudar as coisas, mesmo que a mudança seja pequena. Senão, tudo continuará igual.

Mas Georges não a entendeu, nem ninguém.

Tinha perdido tempo. Todas as horas e os esforços que havia dedicado tinham sido inúteis. As pessoas não queriam uma Miss Líbano inteligente, e sim bonita. Não queriam que expressasse suas opiniões ou suas ideias políticas, mas que sorrisse e falasse pouco. Começou a se questionar e se perguntou se tudo que havia feito e em que havia acreditado era um grande engano. A decisão de investir o prêmio de um milhão de dólares em um fundo para a educação de refugiados havia gerado polêmica, atraído a atenção da imprensa e colocado sua família em uma posição delicada, para não falar das críticas pessoais que enfrentara. Se tivesse pedido o dinheiro a seu pai, teria se poupado de todas as críticas e da indignação que havia provocado. Mas, na realidade, a única coisa que queria era que as pessoas abrissem os olhos e tomassem consciência do que estava acontecendo no país.

Desanimada e ressentida com a superficialidade que representara participar de um concurso de beleza, com o fim de seu reinado, decidiu adiar sua cruzada e voltar à arte.

Então, conheceu Rachid Hayek, um magnata dos meios de comunicação que se considerava o Rupert Murdoch do Oriente Próximo. Tinha vinte anos a mais que ela, era gordo, fumava e bebia em excesso, mas deixou-a fascinada e entusiasmada, e prometeu-lhe que utilizaria seus canais de televisão e jornais para chamar a atenção sobre a situação dos refugiados. Apesar de suas promessas, no fim não fez grande coisa, e conforme se passaram os anos os sonhos de juventude de Lailah se desvaneceram na neblina do

tempo, e assim a vida que levava ao lado de Rachid se transformou em uma réplica da de seus pais, na qual não faltavam jantares e eventos sociais vinculados a ele e seu círculo de amigos.

Ali estava ela, em frente à penteadeira, com 37 anos. Depois de ter prometido a si mesma que nunca seria como sua mãe, havia se transformado no vivo retrato de Colette; utilizava suas mesmas palavras vazias, aperfeiçoara a conversa fútil nos coquetéis e só se preocupava com o cabelo, a roupa e a maquiagem.

– Lailah! – ouviu a voz de Rachid no interfone do criado-mudo.

“Ora, chegou cedo!”. Levantou-se e correu para atender.

– *Allo, chéri* – respondeu com tanto entusiasmo quanto pôde.

– Está pronta?

– Dois minutos. Vai subir para se trocar ou vai como está?

– Não é necessário, espero você aqui embaixo.

Lançou um último olhar no espelho. Usava um vestido de organza amarelo aurora, feito sob medida pela equipe de estilistas de Elie Saab, com uma estampa turquesa bordada com lantejoulas em volta do pescoço e na bainha.

Saiu do elevador no andar principal do ático e procurou o marido. O vestíbulo era muito espaçoso; no meio do piso de mármore branco havia uma imponente mesa redonda de mogno sobre a qual descansava um enorme vaso com rosas brancas que eram trocadas toda semana. Acima da mesa pendia um lustre de cristal Swarovski que não teria destoado no salão de baile de Versalles. Colocou a cabeça para dentro do escritório de Rachid, junto à entrada, mas estava vazio. Olhou também no estúdio, mas ele não estava ali. Seguiu o rastro de fumaça e o encontrou esperando-a no salão com um cigarro em uma mão e um copo de uísque na outra. Estava apoiado no aparador de mármore da lareira que nunca era acesa, na qual Lailah havia colocado uns círios brancos grossos em vez de lenha falsa.

Surpreendeu-se ao ver sua indumentária. Quase sempre usava jeans ou calça esporte com camisa feita sob medida por algum de seus alfaiates. Tinha um em Savile Row, outro em Hong Kong e, às vezes, as encomendava a Charvet, na place Vendôme, em Paris.



Tinha predileção pelas de modelo listrado e xadrez, em tons de azul, rosa, verde e lilás, e todas caíam bem. Apesar do mundo em que transitava, quase nunca usava terno e gravata, nem mesmo blazer. E não era porque não os tivesse; seu armário estava cheio de ternos Brioni e Zegna feitos sob medida, mas achava que depois de ter criado sua empresa do zero, com apenas duas pessoas em 1980, tinha o direito de se vestir como quisesse.

Naquela noite usava um terno escuro, camisa branca com abotoadura e uma gravata prateada. Embora ninguém pudesse dizer que era um homem bem-apegoado, sua confiança em si mesmo e sua enérgica personalidade compensavam a falta de beleza física. Sua estatura era um pouco acima da média, e seu leve sobrepeso se acentuava em sua proeminente barriga e sua volumosa papada. Seu cabelo completamente branco estava começando a ficar ralo (tinha entradas), mas restava-lhe o suficiente para penteá-lo para trás. Tinha olhos azuis, que brilhavam com malícia, e usava um pequeno bigode grisalho bem recortado.

“Está muito distinto”, pensou Lailah quando entrou no salão.

Rachid não se mexeu, permaneceu onde estava e a observou enquanto se aproximava, com os olhos semicerrados e uma enigmática expressão meio oculta pelas espirais de fumaça.

– Você está muito bonita – elogiou-a com um estranho tom de voz.

– Estou? – perguntou insegura de sua beleza e da impressão que causava. Fazia tempo que ele não a elogiava. – Obrigada – disse com sinceridade. – Você está muito elegante, faz muito tempo que não usa terno. Como foi a viagem?

– Bem – respondeu sem mais detalhes.

– Onde esteve? – continuou ela, enquanto via de relance sua imagem no enorme espelho do vestíbulo. Rachid tinha quase 60 anos. Sempre mentia sobre sua idade, mas ninguém mais acreditava nele.

– No lugar de sempre.

Evitou dar-lhe uma resposta concreta, o que propiciou que ela se perguntasse com quem estaria.

“Que fim levou nosso amor?”, pensou quando Rachid se sentou no banco de trás do carro e colocou o apoio de braços de couro entre eles. Antes não fazia isso nunca. Sempre pegava sua mão e brincava com seus dedos ou tocava sua coxa. Aquele apoio de braços havia se transformado no muro que se erguera entre eles e que se reforçava e crescia conforme passavam os anos, separando-os física, metal e intimamente.

– O que fez hoje? – perguntou Rachid aconchegando-se no banco.

– Tive uma reunião no museu Sursock com o comitê de aquisições – respondeu Lailah, olhando pela janela distraída. – Querem comprar umas peças que saíram no mercado.

– Muito bem, assim se mantém ocupada. Está feliz por eu ter lhe arranjado esse emprego?

Lailah permaneceu em silêncio; aquele comentário a incomodou. Sabia que estava na junta graças ao marido, mas ele também não tinha por que ficar recordando isso toda hora.

– E depois foi dar uma volta – mencionou distraidamente.

– Como? – exclamou, voltando-se para ele.

Esteve prestes a lhe perguntar como sabia, mas se conteve. Evidentemente, Marcos, seu motorista e aprendiz de espião, contara ao patrão que ela havia pedido que a deixasse na Escalier de l’Art porque estava um dia muito bonito e queria tomar ar. Ultimamente seu marido cismara que ela não devia ir a lugar nenhum sozinha. Queria saber o que fazia, aonde ia e quem via. Por que não confiava nela? Diferente dele, ela jamais havia sido infiel. Evidentemente não haviam lhe faltado oportunidades e se sentira tentada, mas nunca as havia aproveitado.

Estava ficando inseguro com a idade? Como não a tocava havia tanto tempo, talvez acreditasse que havia se entregado a algum dos muitos homens que a achavam irresistivelmente linda.

– Fui ver a obra de uma nova artista.

– Onde?

– Na galeria de Hala Najjar – respondeu pouco convencida de que a estivesse escutando.

Rachid estava devorando com os olhos uma jovem de pouca roupa e parecia impossível que prestasse menos atenção ao que a esposa dizia. Ela havia lhe pedido muitas vezes que não fizesse isso na frente dela, que a deixava em uma situação muito constrangedora, mas não havia adiantado nada, de modo que se dera por vencida. De qualquer maneira, já não lhe importava o que ele fizesse.

– Mas não tive muito tempo para ver os quadros porque estava ficando tarde.

– Então, foi à *rue Gouraud*.

Embora parecesse mentira, ele havia prestado atenção.

– A um novo salão de beleza. O que está acontecendo?

– Cansou dos salões elegantes e caros ou está tentando economizar? – perguntou em um tom que conseguiu preocupá-la.

– Não lembrava que tínhamos este compromisso e não dava tempo de ir do museu até o Alexandre e depois para casa. O trânsito estava impossível – explicou sabendo que ele estava tentando provocá-la.

– Verdade?

– Perguntei se havia algum salão decente perto, e acho que fizeram um bom trabalho. De fato, voltarei semana que vem, quando for ver Hala – esclareceu negando-se a morder a isca.

– O que Hala queria?

– Pedir minha opinião sobre se deveria organizar uma exposição de uma nova artista que descobriu.

– Lailah, a última que você organizou foi um desastre, e os quadros que disse que eram bons, os que comprou para a casa da praia, são tão ruins que cada vez que os vejo me dá dor de cabeça.

– Há quem goste – rebateu com orgulho. – Você só se interessa por artistas famosos e marcas conhecidas. Para você, o melhor é o mais caro.

– Bobagem! – riu apertando o botão para fechar a janela. – Além do mais, Hala tem um gosto horrível. A galeria dela é um desastre.

– Não é verdade – começou Lailah, mas se conteve.

Inspirou fundo e suspirou. Tempos atrás teria rebatido, mas sabia que não fazia sentido. Ele não gostava de Hala Najjar nem de sua

galeria, e ponto.

– Houve um tempo em que você confiava em mim e investia em minhas ideias.

– Sim, e veja no que deu. Quase perdi meu prestígio, e a rede de televisão quase fechou por conta do que você queria que eu fizesse.

– Sempre vai me jogar isso na cara, não é?

– Você disse que queria... Espere, como é mesmo? Despolitizar a história, mostrar a face humanitária do conflito com os refugiados palestinos, mostrar que as crianças sofriam de desnutrição, de falta de educação e que careciam de atendimento médico.

– E você achou certo.

– Sim, mas graças a Deus tive um vislumbre de lucidez; do contrário, agora estaria na rua.

– Você cedeu à política, Rachid.

– Pelo amor de Deus! A suposta falta de ajuda humanitária nos acampamentos não interessava a ninguém, nem na época nem agora.

– Não era o momento oportuno – concedeu Lailah com lágrimas amargas nos olhos.

– Já chega, Lailah! Isso é uma pobre desculpa para sua mediocridade.

Ele sempre tinha de dar a última palavra, sempre tinha razão. As pessoas lhe permitiam isso, assim como ela, que, ao contrário, retratava-se constantemente. Muitas vezes pensava que ele só a valorizaria quando estivesse morta, mas isso não o fazia mudar; seguiria seu caminho e arranjaría outra mulher. Já havia feito isso, ela tinha certeza.

O telefone de Rachid tocou, ele o tirou do bolso e começou a falar. Só murmurava monossílabos em tom baixo, e era impossível entender o que estava falando ou com quem.

“Como ele mudou desde que nos conhecemos”, pensou vendo Beirute passar a toda velocidade pelos vidros pretos da Mercedes. A luz fluorescente alaranjada dos postes se fundia com as intensas luzes dos cafés e restaurantes, e o ritmo enlouquecedor da ensurdecadora música *technofunk* que provinha dos bares

amordaçava a suave música que se ouvia no carro. Os automóveis até vibravam com aquela cadência de potentes baixos e baterias elétricas, um reflexo do turbulento rio de luz e som em que sua vida havia se transformado.

“Por que os casamentos e os relacionamentos sempre se baseiam em lutas de poder e em quem é a figura dominante? Por que é o dinheiro que dita quem se impõe? *Plus ça change, plus ça reste le même*”, pensou quando o carro entrou na rua da mansão de Imaan e Joseph Sayah.



## Capítulo 4

Imaan Sayah estava radiante quando foi receber seus convidados. Usava um longo vestido bronze sem alças, de seda *charmeuse* suave e justa dois números menor, que não favorecia especialmente sua figura roliça, pois acentuava os ombros arredondados, os braços e seios flácidos e a barriga grande demais. Parecia que havia cismado de se embutir nesse vestido e se negara a admitir que não lhe caía bem.

– *Marhaba! Marhaba!* Fico muito feliz por terem vindo. Faz meses que não os vejo – exclamou, cumprimentou Lailah e Rachid com três beijinhos, como era costume.

– *Kifek*, Imaan? – perguntou Lailah.

Conheciam-se, mas não eram amigas.

– Maravilhosamente bem – respondeu com excessivo entusiasmo e um sorriso falso.

– Onde está meu xará Joseph? – inquiriu Rachid.

– Imagino que esteja por aí – disse Imaan, fazendo um giro com a mão, como se se referisse a uma mosca.

– Olá, bem-vindos – cumprimentou eufórica o casal que entrou dois minutos depois. – Obrigada por vir. É um prazer recebê-los.

– Venha, Lailah – pediu Rachid pegando-a pelo braço.

– Divirtam-se. – A voz de Imaan ecoou no hall de entrada enquanto o casal se dirigia ao espaçoso salão.

– Essa mulher é muito dominadora. Se eu fosse seu marido, já a teria expulsado a pontapés faz tempo – sussurrou Rachid.

– Pelo menos ela diz o que pensa – defendeu-a Lailah.

– Alguém precisa colocá-la em seu lugar.

– E que “lugar” é esse? – perguntou, mas Rachid não respondeu.  
– Veja, ali está o general. Preciso falar com ele – desculpou-se soltando-lhe o braço para cumprimentar o homem que se dirigia a eles.

Imaan Sayah seguiu-os com os olhos e se perguntou como era possível que continuassem casados. Recordou ter ido ao casamento deles. Todas as mulheres haviam comentado que era uma pena que uma moça tão bonita, que merecia alguém melhor, se casasse com aquele bruto. “Como tinham razão!”, pensou.

– Imaan! – gritou uma voz risonha.

Voltou-se e viu uma mulher alguns anos mais nova que se aproximava com os braços abertos. “Meu Deus!”, pensou.

– Rima! Muito obrigada por vir – cumprimentou-a sorrindo.

– *Au contraire*, querida. Obrigada por nos convidar.

– Onde está Tony? – perguntou olhando para a porta.

– Estava atrás de mim falando ao telefone, já vem.

“Hoje está mais bem vestida, não está com seu habitual aspecto vulgar”, pensou. Rima era alta e magra, estava com uma calça de organza preta profusamente bordada e uma simples blusa plissada de organza sem mangas e com as costas abertas. O tom preto de seu cabelo parecia menos intenso, e os reflexos caramelo das mechas que emolduravam seu rosto combinavam com o bronzeado de sua pele. Estava preso em um coque estilo francês que ressaltava as maçãs do rosto acentuadas e o queixo fino. Os olhos estavam excessivamente maquiados, mas estava bonita.

– Tony! – exclamou Rima quando seu marido entrou. – Aí está. Imaan está fantástica, não, querido? – perguntou levantando a mão para que a pegasse.

– Prazer em vê-la, Imaan – cumprimentou Tony Saad.

– É um prazer recebê-los – respondeu Imaan com gentileza.

Gostava mais de Tony que de Rima, que bem que podia prescindir de toda aquela afetação e dos ares de grandeza e parar de competir com mulheres mais cultas, ricas ou mais bem casadas que ela. Tinha uma fala açucarada que soava falsa, um sorriso artificial e um riso forçado. Sempre descrevia seu marido como mais importante,

melhor e mais rico que era, atribuía-lhe um status social mais elevado e fazia o possível para que a acompanhasse a todos os acontecimentos sociais e os incluíssem nas colunas sociais. Tony, ao contrário, mostrava-se exatamente como era, um homem simpático e agradável, um bom representante que já havia trabalhado para Rachid Hayek. Ninguém sabia muito bem por que renunciara a uma carreira tão brilhante naquele império dos meios de comunicação, mas havia quem especulasse que tinha o dedo de Rima. Acabara montando uma empresa que exportava e distribuía vinhos libaneses para vários países da Europa e para a América do Norte.

– Está tudo maravilhoso, Imaan – elogiou Rima olhando a sua volta.

Jamais estivera naquela mansão; só haviam sido convidados à casa da praia em noites mais informais. Reparou no vestíbulo e no caro tapete de seda bordô que parecia verdadeiramente persa, no lustre de cristal no qual brilhavam lâmpadas em forma de vela, nas obras de arte, nos pisos de mármore, nos espelhos dourados e no bom gosto com que havia harmonizado tudo. Observou os garçons, com seus uniformes ou paletós brancos e calças pretas perfeitamente passados, que se moviam com graça com incontáveis taças de champanhe equilibradas de maneira precária em bandejas de prata, e se perguntou se faziam parte do quadro de empregados ou se Imaan os havia contratado para aquela noite. Depois do vestíbulo encontrava-se a maioria dos amigos de Imaan, *la crème de la crème* da sociedade de Beirute, uma homenagem ao que a anfitriã representava, uma imagem real de seu poder. Meneou a cabeça impressionada e com certa inveja. Daria tudo para ser como Imaan e possuir tudo aquilo.

– Quem veio? Conheço alguém? – sussurrou entusiasmada.

– Você conhece todo mundo, querida Rima – garantiu Imaan antes de se voltar para Tony. – Como vão os negócios?

– Estou começando, obrigado por perguntar – respondeu enquanto sua mulher punha a mão em seu braço.

– Vai maravilhosamente bem – interveio Rima. – Tony está muito ocupado, recebe muitas ligações.



– Rima... – interrompeu o marido sorrindo, e deu-lhe uma palmadinha na mão para acalmar seu entusiasmo com uma visão realista. – Ainda estamos engatinhando, Imaan. Temos problemas, mas nenhum insuperável.

– E todas essas ligações e faxes? – replicou Rima fazendo uma careta. – Você sempre diz que tudo vai maravilhosamente bem e que recebe pedidos sem parar.

– Receberei, querida, não se preocupe – acalmou-a olhando para ela como se fosse uma menininha malcriada.

– Você devia contratá-la como relações públicas – aconselhou Imaan.

Rima inchou de orgulho e sorriu diante do elogio vindo de uma das mulheres mais poderosas do Líbano.

– Se precisar de ajuda, Tony, conte comigo – disse Imaan.

– Obrigado. Pode ser que eu a consulte – respondeu ele afetuosamente.

– Tomem uma taça de champanhe – sugeriu a anfitriã.

– Você não vem, Imaan? – perguntou Rima.

– Logo. Tenho de receber os convidados que faltam chegar e não sei onde Joseph se meteu.

Tony e Rima sorriram. Um garçom lhes ofereceu uma taça de champanhe e se dirigiram ao salão.

– Rima... – comentou Tony quando ela tomou o primeiro gole e fechou os olhos para saborear o líquido gelado e dourado que descia por sua garganta. – Rima, por favor... Você sabe como fica.

– Esta noite me sinto maravilhosa – garantiu para tranquilizá-lo antes de tomar outro longo gole, quase esvaziando a taça.

– Tenha cuidado, por favor.

– Tony, pare de me encher! – exclamou dando-lhe um cotovelada de brincadeira. – Bem... – começou a dizer sorrindo vaidosa.

– Bem, o quê? – perguntou seu marido antes de provar o champanhe.

– Ela gosta de nós – afirmou entusiasmada para mudar o assunto da conversa.

– Ela quem?

- Preste atenção, Tony. Imaan gosta de nós.
- Rima... – começou Tony, mas sua mulher o interrompeu.
- Gosta de nós e está querendo ajudar você. Senão, não teria oferecido.
- Rima! – exclamou ele em tom recriminatório quando a esposa pegou uma segunda taça de champanhe.
- Você devia aproveitar. Não é todo dia que uma mulher como ela lhe oferece ajuda. Poderia economizar todos os trâmites burocráticos e ser apresentado a pessoas que tenham contatos no negócio do vinho.

Tony ergueu as sobrancelhas incomodado com a rapidez com que ela secava as taças e atento a qualquer indício que revelasse a possibilidade de que fizesse uma cena, mas Rima parecia se conter.

– Rima, foi uma oferta muito gentil, mas não vou me aproveitar dela. Ela é uma mulher muito agradável e inteligente, sabe como jogar suas cartas. Senão, não estaria onde está.

– O que quer dizer? Não é porque é membro da família Sayah?

– Em absoluto. Olhe a sua volta. Tudo isso, a casa, o champanhe e a elegância são fruto de seu trabalho.

– Mas os Sayah não têm muito dinheiro?

– A família sim, mas Joseph não. Ele consumiu sua herança antes de se casar com Imaan. Aparenta ser rico, mas, na realidade, vive do nome e reputação de sua família, e de Imaan.

– Quer dizer que tudo isso foi ela que fez... – comentou com incredulidade e inveja crescente conforme recebia mais informação.

– Sim. Além do mais, Joseph não tem nada a ver com a carreira diplomática dela.

– É mesmo? Achei que todos esses cargos haviam sido conseguidos pela família Sayah. Pelo menos isso é o que todo mundo pensa, que Joseph é seu pistolão.

– Bobagem! Sabe-se lá com que tipo de gente você fala.

Rima se sentiu constrangida. Não queria admitir que havia dado por certo que Imaan era uma mulher poderosa por ter se casado com Joseph Sayah. Não fazia ideia de que Imaan tinha tanto talento.

Sempre havia imaginado o que teria sido dela própria se houvesse tido a sorte de ser *madame* Sayah.

– Imaan ainda era casada com seu primeiro marido quando começou a trabalhar no Ministério de Assuntos Exteriores, logo depois de concluir seu mestrado na Universidade de San José.

– Foi casada antes? – perguntou Rima incrédula.

– Sim, e o marido era um monstro.

– Como você sabe tanta coisa?

– Porque, querida esposa, eu também fiz San José, lembra? – Rima assentiu. – Acho que o casamento não durou muito. Imaan é suficientemente inteligente para sair de uma situação difícil, mas quando se divorciou estava grávida.

– E o que aconteceu com o bebê?

– Que eu me lembre, ficou com ela, mas houve um terrível problema judicial quando a criança completou 7 anos.

– Por quê?

– Porque no Líbano um pai pode reclamar a custódia dos filhos dessa idade, e há muitas chances de que um juiz a conceda. Até então, a mãe tem todos os direitos. De modo que, antes de a menina completar 7 anos, Imaan conseguiu que a destinassem à embaixada de Madri.

– Por quê? – perguntou Rima deixando a segunda taça em uma bandeja e pegando outra cheia.

Tony franziu o cenho, mas sua mulher fez um gesto com a mão para acalmá-lo.

– Porque essa lei não pode ser aplicada se a mãe e o filho estão fora do país.

– Mas ela não era casada com Joseph Sayah já?

– Não, eram amigos. Ele também estudou em San José. Fizeram uma cerimônia civil em Madri quando Imaan conseguiu o divórcio. Depois, foi nomeada cônsul geral na Itália e embaixadora na Suíça.

– E Joseph esteve com ela o tempo todo?

Tony assentiu.

– E o que fazia?

– Não sei – respondeu ele dando de ombros.

– Pois então, se Imaan morou na Espanha, na Itália e na Suíça, poderia ajudá-lo a vender vinho em todos esses países – concluiu Rima semicerrando os olhos.

– Rima! – exclamou Tony.

– Bem, afinal de contas, vocês foram colegas de faculdade.

– Não diga bobagens, nem sequer estávamos na mesma sala. Ela fez mestrado em direito internacional, e eu fazia relações públicas. Além do mais, como já disse, nunca vou lhe pedir nada.

– Você é um tolo! – acusou-o em voz alta, e várias pessoas se voltaram para olhar para eles. – Nunca se aproveita das pessoas. Se não fosse tão orgulhoso, teríamos chegado mais longe, e você não estaria sempre começando algum negócio. Teríamos mais dinheiro e pertenceríamos a outro círculo social.

Tony suspirou, mas não se surpreendeu. Rima estava fazendo tudo de novo. Normalmente ele suportava, mas aquela noite não. Estava cansado depois de uma longa viagem a Londres, Paris e Nova York, deprimido com os números iniciais do negócio e a displicente atitude de sua mulher. Olhou para ela e, embora costumasse manter a calma e tentar vê-la como a linda mãe de seus dois filhos, pensou que tinha a sua frente uma menina malcriada que não havia feito nada na vida e que só se interessava por roupas, joias, festas e salões de beleza.

– Veja, Rima, estou começando a me cansar de seus comentários sobre minha inutilidade – disse em voz baixa e irada. – Eu faço tudo o que posso para nos sustentar e não preciso que me diga o que tenho de fazer.

Rima olhou para ele, sabia que estava irritado. Por que não havia se casado com alguém mais rico, de família melhor, alguém com mais poder que lhe desse tudo que quisesse?

– Você nunca será como Joseph Sayah ou Rachid Hayek – jogou-lhe na cara, cheia de coragem por conta do champanhe.

Aquilo o enfureceu. Olhou para sua mulher sem conseguir articular uma palavra, prestes a perder o controle. Deu um passo na direção dela e, com os punhos fechados, os lábios apertados e os olhos semi-cerrados com um brilho pétreo, disse:

– Divirta-se, Rima. Mandarei o carro buscá-la.

– O quê? Essa porcaria de Toyota? – debochou enquanto pegava outra taça de champanhe, já cambaleando.

Tony ficou em silêncio e deixou que se apoiasse nele para recuperar o equilíbrio.

– Vou embora, e acho que seria melhor se você me acompanhasse.

– Nem pensar, tenho direito de me divertir – replicou Rima com agressividade.

– Muito bem.

Tony se dirigiu à porta com a esperança de que a esposa se acalmasse e o chamasse, mas não. De taça na mão, Rima seguiu na direção oposta por um corredor, onde deu de cara com Joseph Sayah. Ele, após olhá-la de cima a baixo, convidou-a a provar sua coleção particular de champanhe e lhe garantiu que em seu estúdio poderiam conversar com privacidade.

– Faz muito tempo, Rima... – comentou pondo a mão na parte inferior das costas dela para guiá-la.

Tony se despediu de Imaan com a desculpa de que havia recebido uma ligação e que tinha de cuidar de um assunto urgente.

– Ora, é uma pena que você precise ir, mas, não se preocupe, cuidaremos de Rima. Se quiser, mandarei meu carro levá-la – sugeriu.

– Obrigado, é muita gentileza.

Pelo menos sua mulher não se envergonharia de entrar em um Toyota na frente de seus supostos amigos ricos.

– Que nada, Tony. Vamos manter contato.

“Ele é encantador. Um homem simples e humilde”, pensou e se lembrou de seu irmão.

Quanto tempo havia se passado desde o dia em que, ao voltar do trabalho, seu irmão a havia pegado no colo e havia lhe dito que era a coisa mais preciosa do mundo? Desde a fatídica tarde em que, quando corria para ele, como sempre, seu irmão desabara no chão empoeirado e árido com a boca contraída, tentando respirar. Imaan ficou paralisada quando o viu cair e observou o conteúdo das

sacolas que levava se esparramar. Era impossível, seu irmão era o homem mais forte do planeta. Não era um covarde nem estava doente. Quando chegou perto de seu corpo imóvel não soube o que fazer. Andou a sua volta com as mãos nas costas, esperando que ele lhe dissesse o que tinha de fazer.

Por fim, sentou-se a seu lado e levantou-lhe a cabeça para colocá-la no colo com cuidado.

– *Baba?* – sussurrou. – *Baba, jair?* Chamava-o de “*baba*”, que normalmente se utiliza para os pais, porque Hasan havia sido como um pai para ela.

– Imaan – disse Hasan Ossairan com grande esforço. – Prometi a nossos pais que cuidaria de vocês e falhei. Você ainda é muito jovem. Comporte-se bem e obedeça a seu irmão Amr e à mulher dele – tentou tocar-lhe o rosto, mas não teve forças suficientes.

– Por que tenho que obedecer a ele e não a você, *baba?* – perguntou com inocência.

– Porque a partir de agora você vai morar com eles.

– Por que, *baba?* Por que tenho que ir para outra casa?

– Porque vou deixá-la. Tenho de ir.

– Mas...

– Imaan – interrompeu-a. Sentia muito frio, sua vista estava embaçada e seu coração batia de maneira irregular. – Quando crescer, vai compreender mais coisas, muito mais do que eu chegarei a compreender. Quero que me prometa uma coisa – pediu com a voz entrecortada.

– Mas...

– Imaan – disse em um último esforço. – Você nasceu no Líbano, é libanesa, mas também quero que tenha orgulho de ser palestina. Quero que tenha orgulho de quem você é e de onde vem.

Hasan deu um último suspiro, e sua cabeça caiu sem vida. Imaan sabia que alguma coisa havia acontecido, mas não que estava morto. “Não pode ser. Não é nada, não é nada”, pensou. Hasan morreu aos 34 anos nos braços da irmã de oito, atingido pela bala perdida de um pistoleiro israelita quando voltava para casa com um pacote de *mamul* em uma mão e uma caixa de *nammura* na outra.

Antes de voltar à festa, Rima entrou no aposento onde ficava uma penteadeira. Deixou a bolsa em uma estante e olhou-se no amplo espelho veneziano. Seu cabelo estava revirado, seus olhos, brilhantes, e seu rosto, corado demais, mas não por causa do champanhe. Deixou escapar uma risadinha. “Ainda sou atraente”, pensou com orgulho. Havia se passado vinte anos, mas não importava que tivesse 42; Joseph Sayah ainda a desejava. Estudou seu reflexo e se perguntou se ele se lembraria daquele dia, fazia tanto tempo. Comentara com Joseph, e ele respondera “Sim, sim”. Mas era verdade ou havia dito isso porque ela estava brincando com seu pênis na boca?

“Será que este encontro significou alguma coisa para ele?”, meditou enquanto prendia o cabelo com um grampo. “Ou será como a última vez e terei de esperar sua ligação, como há tantos anos?” Passou pó no rosto para disfarçar o rubor das faces, retocou o batom e acrescentou brilho para que seus lábios ficassem mais sensuais e provocativos.

Deu meia-volta sem deixar de se olhar; sua aparência estava boa. Talvez aquela noite mudasse sua vida. Sentiu que havia se vingado de seu marido. “Assim ele vai aprender”, pensou. Apesar de saber que nunca teria coragem de lhe contar, havia permitido que outro homem a tocasse e a penetrasse, e aquilo lhe bastava. Tinha motivo para sorrir, como se fazer amor no sofá do estúdio a fizesse se sentir superior e lhe outorgasse um poder secreto sobre Tony.

– Tome essa! – exclamou com arrogância diante do próprio reflexo, como se estivesse falando com o marido. – Acha que pode me tratar assim? Não, senhor. Você não é o único homem deste mundo. Posso ter todos os que eu quiser.

A caminho da festa, pegou outra taça de champanhe. Misturou-se entre as pessoas esperando que ninguém tivesse sentido sua falta ou a estivesse procurando. Checou o celular para ver se havia alguma chamada perdida de Tony ou se o motorista a estava esperando. Não havia nenhuma. Maravilha, podia ficar e conversar com os convidados. Percorreu o salão com um sorriso nos lábios. O que diriam se soubessem que havia acabado de fazer sexo com o

dono da casa? O que pensariam se ela se tornasse a nova *madame* Sayah?

O barulho e a fumaça dominavam o ambiente: as gargalhadas e os risos abafados se misturavam ao som das conversas e da música enquanto as espirais azul-prateadas dos charutos e a onipresente neblina cinza dos cigarros subiam ao teto e formavam um pálio sob o qual se reunia a nata da sociedade de Beirute. Na ponta da sala, sem parar de beber, Rima olhou em volta. Gostava de ser vista falando com alguém rico, conhecido, importante ou poderoso, para que, por osmose ou associação, todos achassem que ela também o era. Tinha certeza de que se abrisse caminho a cotoveladas encontraria alguém, mas estava começando a sentir calor e notava o suor gotejando em um lado do rosto.

Secou-se com discrição com o guardanapo que lhe haviam entregado com a taça e passou a espiar Rachid Hayek, que tinha um copo de uísque na mão e falava com alguém que não conseguia distinguir. Aproximou-se fingindo estar procurando alguém e sorrindo para os desconhecidos como se fossem íntimos. Quando viu o interlocutor de Rachid, seu coração deu um pulo. Era o general Michel Aoun, ex-comandante das Forças Armadas libanesas e antigo primeiro-ministro. Após a guerra civil, fora obrigado a se exilar. Quinze anos depois, em 2005, regressara a Beirute, onde havia fundado o Movimento Patriótico Livre, do qual era líder. Fora eleito membro do Parlamento, e seu partido obtivera 27 dos 128 assentos.

“Do que será que estão falando?”, perguntou-se, embora não se interessasse por política nem por quem havia sido eleito primeiro-ministro ou presidente. A única coisa que queria era poder dizer que havia encontrado o general na casa de Imaan Sayah, que se sentara ao lado dele e haviam conversado longamente sobre a situação política do país. Decidida a participar da conversa, aproximou-se cada vez mais. Rachid estava de costas para ela. Ao chegar a seu lado, voltou-se e foi recuando pouco a pouco até esbarrar nele.

– Oh, Deus! – exclamou levando a mão à boca. – Desculpe! Derramei sua bebida? Meu Deus, que desajeitada! Por favor, permita-me que pague o tintureiro. Deixe-me limpar – acrescentou



enquanto passava o guardanapo como se estivesse secando um uísque imaginariamente vertido.

Rachid e o general Aoun olharam para ela sem entender por que reagia assim, já que nenhum dos copos havia perdido uma gota. Rima sorriu e soltou uma risadinha que fez seu comportamento parecer mais absurdo e estúpido.

– General! Prazer tornar a vê-lo. Como está? Faz anos que não o vejo.

Michel Aoun olhou para ela sem saber o que dizer. Não fazia ideia de quem era.

– Quando voltou de Paris? – perguntou tomando outro gole de champanhe. – Sentimos sua falta – acrescentou tocando-lhe levemente o braço.

O general estava desconcertado, e Rachid deu um passo para trás para admirar o vasto e arredondado traseiro de Rima, que prosseguia:

– A cidade não era a mesma sem o senhor.

Michel continuava estupefato; Rachid tentava conter o riso.

– *Madame* – disse inclinando-se para ela –, o general voltou há dois anos e está no Parlamento desde então.

– Sim, claro – replicou voltando-se para Rachid e soltando uma risadinha nervosa. – Eu sei que está no Parlamento. Perguntei por Paris porque li um artigo que dizia que havia estado na Europa e concluí que devia ser Paris, porque, você sabe, ele morou lá muitos anos e... Bem, foi por isso – balbuciou de maneira incoerente.

O general não sabia como reagir. Rachid ria abertamente.

– Como estão sua mulher e seus filhos? – perguntou Rima desesperada para continuar na companhia dessas pessoas tão exclusivas.

– Muito bem, obrigado. Se me dá licença, *madame* – pediu Michel antes de se voltar para Rachid. – Obrigado pelo conselho, amigo – disse estendendo-lhe a mão. – Ligo para você semana que vem e continuamos a conversa durante o almoço.

– *Tayeb, habibi* – despediu-se Rachid sorrindo.

– Quem é essa maluca? – perguntou Michel ao lhe dar um abraço.

– Não faço ideia, mas não está nada mal. Tem uma bela bunda.  
– Você continua o mesmo; vejo que os anos não o fizeram mudar  
– comentou o general dando-lhe uma palmada nas costas.  
– Almoçamos semana que vem – disse Rachid entre risos.  
Michel Aoun despediu-se e se foi.  
– Um homem educado e agradável. Muito afetuoso e simpático –  
comentou Rima, que soltou um suspiro.  
– Você o conhece bem?  
– Não, na verdade, não, mas ele tem esse tipo de rosto, sabe... –  
admitiu voltando-se para ele. Se não podia falar com o general,  
Rachid era uma boa segunda opção. – Não se lembra de mim, não  
é? – perguntou sem parar de mexer os cílios postiços acima da taça  
de champanhe.  
– Você tem certas características que eu não teria esquecido –  
respondeu sorrindo com ironia.  
Rima soltou uma risadinha.  
– Nós nos vimos em várias ocasiões... você sabe, em festas –  
afirmou passando a língua pelos lábios. – Temos amigos em comum.  
– Que surpresa que tornemos a nos encontrar – disse Rachid, sem  
parar de olhar para ela. Parecia-lhe vagamente familiar; era como o  
milhão de mulheres que viviam em Beirute. Bonita, mas sem nada  
que a distinguisse. Era insossa, tola e superficial. Mas, de qualquer  
maneira, na cama não precisava de personalidade nem de  
inteligência, era só demonstrar entrega.  
– Sim – disse sorrindo sedutoramente. – Talvez tenha sido o  
destino – acrescentou de maneira provocativa.  
– Claro! Uma fortuita guinada nos acontecimentos.  
Ficaram calados por um instante.  
– Como vai Tony? – perguntou com indiferença.  
– Tony? – Rima se surpreendeu por ele conhecer seu marido. –  
É... – Soltou uma risadinha nervosa. – Muito bem, obrigada. Acabou  
de abrir um novo negócio, e estamos cruzando os dedos.  
– Diga a ele para me ligar – disse antes de tomar um gole de  
uísque.

– Direi, muito obrigada. Se pudesse lhe dar uma mão ou um conselho, sabe... Ele o admira muito, considera-o seu mentor, ficaria muito grato.

– Ora, deixe disso – disse ele para que parasse com a bajulação.

– Não, é verdade. Você tem toque de Midas, tudo o que toca vira um sucesso.

– Tony é um homem inteligente, foi uma pena perdê-lo, mas tenho certeza de que vai se dar bem. Diga a ele que me ligue. Talvez você também deva me ligar.

– Ah, sim? – perguntou Rima arqueando as sobrancelhas.

– Sim, talvez possamos fazer algum negócio juntos. Quem sabe o que pode resultar de uma tarde trocando ideias.

Rima sorriu:

– Certamente, mas como entro em contato com você?

Rachid revirou o bolso do paletó e tirou um cartão.

– Aqui está o número de meu celular pessoal.

– Muito obrigada. Não tenha dúvida de que vou ligar.

– *A bientôt* – despediu-se dela abrindo um sorriso lascivo antes de ir.

“Qual é o nome dela?”, perguntou-se. Sempre gostara de Tony Saad, mas não se lembrava do nome da mulher dele. Nunca havia entendido o que havia visto nela nem por que havia se casado. De fato, quando a apresentara a ele, recomendara-lhe que se divertisse com ela, nada mais. Tony se incomodara com aquele comentário grosseiro; aquilo havia representado o fim da amizade.

Rima estava encantada, naquela noite havia conquistado outro homem. “Tome essa, Tony! Os homens mais poderosos de Beirute ainda me desejam. Um momento...”, pensou enquanto Rachid desaparecia entre a multidão.

– Rachid! Rachid! – gritou, mas não conseguiu divisá-lo. Podia sair correndo atrás dele, mas aquilo a colocaria em uma situação embaraçosa. – Meu nome é Rima – murmurou com suavidade para o cartão. “Não perguntou meu nome”, surpreendeu-se enquanto olhava a taça vazia.

“Onde estará Joseph?”, perguntou-se Imaan pela enésima vez enquanto ia e vinha entre os convidados. “Ele sabe como esta festa é importante e prometeu que estaria a meu lado. Se fosse o contrário, já teria chamado as Forças de Segurança Internas.”



## Capítulo 5

– *Madame?* – perguntou um garçom com uma bandeja cheia de bebidas.

Lailah estava absorta e se assustou. Olhou o que lhe oferecia e sorriu entusiasmada diante dos diversos drinques preparados em brilhantes taças coloridas, que combinavam com a cor da bebida. Sem dúvida isso era de grande ajuda para os garçons, mas, mesmo assim, achou que era um belo detalhe.

– Vejamos. Têm álcool?

– Não, *madame*, mas, se quiser, posso lhe trazer algo com gim, vodca ou rum.

– Não, obrigada, não bebo. Vejamos, o que temos aqui?

– Este é abacaxi com hortelã, *madame* – explicou indicando uma taça verde. – Este é romã com lima. – Estava servido em uma taça vermelha. – E este, tangerina com um toque de alecrim – disse apontando uma taça cor de laranja.

– Abacaxi com hortelã – pediu. – Delicioso – acrescentou após tomar um gole.

Nesse momento, uma mulher ficou de costas para o garçom. Lailah estava tomando outro gole e prendeu a respiração diante do iminente desastre, mas, por sorte, não chegaram a se chocar.

Ao sentir o garçom roçar suas costas, a mulher se voltou e viu Lailah e sua taça verde.

– Desculpe, achei que havia tropeçado em alguém – desculpou-se.

– Não, só era um garçom que passava.

– Não sei como conseguem, com tanta gente.

– Verdade, são muito profissionais. Preciso perguntar a Imaan que empresa contratou para o *catering*.

Sorriram. Lailah teve a sensação de que a conhecia de algum lugar, ou que já a havia visto antes, mas não lembrava onde. Costumava esquecer os nomes, mas nunca um rosto. Fosse quem fosse era uma mulher atraente. Tinha pele clara, maçãs do rosto pronunciadas, testa larga e sobrancelhas grossas e arqueadas que emolduravam com orgulho uns olhos ambarinos. Tinha uma boca bonita, queixo pequeno, nariz bastante longo, mais iraniano que libanês, e o cabelo preto e liso em um corte reto que caía um pouco abaixo dos ombros. Era de estatura mediana e estava um pouco gordinha. Sua pele suave e sua natureza aberta e alegre tornavam difícil calcular sua idade.

– É uma festa encantadora. Imaan não economizou – comentou a mulher.

– Verdade. Desculpe, mas não nos conhecemos? Acho que já nos vimos antes.

A mulher abriu a boca para dizer algo no momento em que Lailah se lembrou e disse:

– Já sei! – gritou entusiasmada. – Você estava hoje à tarde no salão de beleza, não é?

– Sim! – respondeu a mulher com o mesmo entusiasmo. – Isso mesmo! Eu também achei que você me parecia familiar. Acho que você ia secar o cabelo quando entrei.

– Que coincidência! E agora estamos na mesma festa – comentou Lailah.

– Talvez tenha sido o destino – acrescentou a mulher entre risos.

– Vai com frequência a esse salão?

– Não, hoje foi a primeira vez. Meu marido e eu acabamos de voltar a Beirute, e enquanto não encontrarmos uma casa estamos morando com a família dele na *rue Gouraud*.

– Bem, conviver com os sogros é complicado.

– Sim, especialmente quando se morou no exterior muito tempo e não se está mais acostumado a famílias grandes. A propósito, meu nome é Nadine Safi – apresentou-se.

- Lailah Hayek, *tsharrafnah*. Você tem um cabelo lindo.
  - Eu ia dizer o mesmo do seu.
  - Foi um grande achado esse salão. Com certeza vou voltar.
  - E sabia que... Bem, na verdade nem sei se você gosta de *nammura*... – começou a dizer Nadine.
  - Sim! – interrompeu-a Lailah.
  - Ao lado do salão moram duas senhoras, excelentes confeitadeiras.
  - Ah, é? Não reparei que havia uma confeitaria – comentou Lailah franzindo o cenho.
  - Não, trabalham só por encomenda, e, acredite, estavam com um enorme pedido de *nammura* que tinha um cheiro maravilhoso.
  - Vou ter de experimentar.
- Continuaram conversando amistosamente. Haviam se dado bem de imediato.
- Onde você morava antes de voltar para Beirute?
  - Depois do Rio de Janeiro e de Roma, passamos sete anos em Madri.
  - Nossa, que inveja! O que seu marido faz?
  - Trabalhava no Ministério de Assuntos Exteriores. Foi embaixador em Madri e antes cônsul geral.
  - Ah! Por isso você conhece Imaan e Joseph. – Nadine assentiu e tomou um gole de sua bebida. – E por que voltaram?
  - Porque Chucri, meu marido, está com 66 anos, e, segundo a lei, tem de se aposentar. Mas, na verdade, ele não queria.
  - Mas aqui é o Líbano, Nadine – recordou Lailah, insinuando que sempre havia um jeito de burlar esse tipo de normas e regulamentações.
  - Sim, eu sei. De fato, conseguimos adiar por um ano, mas, no final, foi obrigado.
  - Não havia como mudar a idade dele? – insistiu Lailah.
  - Na verdade, não. O Ministério de Assuntos Exteriores é muito rigoroso nessas questões.
  - Tenho a impressão de que você não queria voltar.
  - *Yallah!* Dá para notar? – perguntou Nadine aflita.

– Desculpe, toquei em uma questão delicada. Não queria ser indiscreta.

– Não, não se preocupe. Eu gostaria de poder disfarçar melhor, especialmente por ele.

– Não se pode mudar o que se sente.

– Imagino que não. Afinal de contas, é o nosso país. Chucri e eu nascemos e nos criamos aqui – Lailah assentiu. – A questão é que a vida em Madri e em outros lugares em que estivemos era muito diferente. Para nosso filho mais novo, é muito duro, porque tem de acabar os estudos aqui. As outras duas estão na faculdade em Madri.

– Você tem filhos? Quantos?

– Só esses três. As duas mais velhas quiseram ficar na Espanha, mas Elie teve de vir conosco. Não podíamos deixá-lo sozinho. Ainda faltam dois anos para ele acabar o ensino médio.

– Vai ser difícil para ele se adaptar.

– Sim... apesar de sempre termos passado um mês por ano aqui para que vissem minha família e a de Chucri. Todos nasceram no Ocidente. Nunca viveram aqui e se consideram espanhóis porque é onde passaram mais tempo. Os três falam espanhol, francês e inglês.

– Seu filho fala árabe?

– Entende um pouco.

– Também não importa muito, Nadine. Com francês e inglês vai se virar sem problemas. Além do mais, tenho certeza de que aprenderá árabe rapidinho. É uma questão de tempo.

– Sim, com certeza. Mas então terá de ir para a universidade, e já disse que quer se matricular em Madri.

– Deve ser muito duro. Nova escola, novos amigos, novo país e novo estilo de vida.

– E para piorar moramos com os pais de Chucri, que são muito idosos, e a casa é velha e não tem as comodidades a que ele está acostumado. E a que eu estou acostumada também – acrescentou rindo.

– Não se preocupe, tudo vai se ajeitar – tranquilizou Lailah.



– Assim espero, porque ele está começando a dar problemas. Nunca havia sido um menino mal-humorado ou insolente, mas agora...

– Filhos são assim mesmo – interrompeu-a Lailah em tom carinhoso. – Você morava em Beirute antes de se casar? – perguntou para mudar de assunto.

– Sim, mas quando me formei no Lycée fui para o Rio; meus pais trabalhavam lá.

– Eu também frequentei o Lycée. Em que ano você estudou lá? Devemos ter amigos em comum.

– Certamente. Chucri também estudou lá, mas nos conhecemos no Rio de Janeiro e tivemos de fugir para casar.

– Que história interessante, precisa me contar!

– Que histórias minha linda esposa está contando? – perguntou um homem que abraçou Nadine e lhe deu um beijo no rosto; ambos trocaram um olhar íntimo que não passou inadvertido a Lailah.

“Que bonito ver um casal apaixonado. Não há dúvida de que ele é louco por ela”, pensou.

– Este é meu marido, Chucri Safi – apresentou-o ainda em seus braços. – E esta é minha nova amiga, Lailah Hayek.

– *Enchantée* – cumprimentou Lailah.

– O prazer é meu – afirmou Chucri beijando-lhe a mão com delicadeza. – Você é uma mulher muito bonita e elegante.

– É mesmo – afirmou Nadine sorrindo.

Lailah corou e baixou a vista com timidez. Era evidente que haviam morado no exterior. Um libanês jamais faria um elogio a uma mulher diante de sua esposa com medo de sérias repercussões. As libanesas são imensamente possessivas, e a maioria mantém o marido em rédea curta. Mas, mais que isso, notava-se que Nadine confiava por completo nele e que nunca havia tido razões que comprometessem essa confiança.

– Vocês foram colegas de classe? – perguntou Chucri.

Lailah e Nadine se olharam e começaram a rir.

– Nós duas frequentamos o Lycée Français – explicou Lailah.

– E, por coincidência, também fomos ao mesmo salão de cabeleireiro hoje à tarde – continuou Nadine. – Adoramos e vamos voltar. Podemos marcar um horário no mesmo dia – sugeriu.

– E depois, podemos almoçar juntas.

– Ora, ora. Os homens nunca vão entender os segredos de um salão de beleza – concluiu Chucri.

– Adoraria apresentá-los a meu marido, mas não sei onde se meteu e, no meio de tanta gente, é impossível encontrá-lo – comentou Lailah.

– Qual é o nome dele? Talvez eu o conheça – perguntou Chucri antes de pegar um uísque de um dos garçons.

– Rachid Hayek – disse Lailah.

Chucri quase engasgou com a bebida. Tirou rapidamente um lenço do bolso e secou a boca.

– Desculpe, mas está se referindo a Rachid Hayek, o dono da Orange TV e da rede de jornais Al-Anwar?

– Ele mesmo.

– Eu o conheço muito bem, e você também – disse voltando-se para sua mulher, que lhe lançou um olhar enfático e ficou calada. – Você conhece Rachid, Nadine. Jantamos e almoçamos juntos muitas vezes quando ele ia a Madri.

Lailah não sabia o que dizer. Rachid jamais lhe dizia aonde ia, o que fazia ou a quem via.

– Claro – afirmou com tom evasivo.

– Quanto tempo faz que se casaram? – perguntou Chucri. Lailah notou que Nadine tentava lhe dar uma cotovelada. – Você deve ser sua nova esposa, porque achávamos que Rima, que estava sempre com ele em Madri, era... Ai! Nadine! Por que essa cotovelada?

– Chucri, estou morrendo de sede. Por que não vai buscar alguma bebida para mim? – pediu Nadine. – Desculpe, Lailah – disse tomando-lhe o braço assim que seu marido se afastou.

Foi como se houvessem lhe dado um soco no estômago. Apesar do barulho do salão, a única coisa que ouvia era os acelerados batimentos de seu coração e, apesar de todas as pessoas que havia, jamais se sentira tão sozinha. Sempre soube que o marido era infiel,

mas nunca que fizesse isso tão descaradamente. Nunca pensou que chegaria a apresentar essas mulheres como sua esposa. Quantas seriam? Tinha uma em Paris, outra em Londres e uma mais em Nova York? Os libaneses dessas cidades pensavam que a mulher que o acompanhava era sua esposa? Por que não dizia que eram amigos? Imaan sabia? Rachid havia ido aos lugares onde Imaan fazia parte do corpo diplomático. Todo mundo sabia menos ela? Achavam que era idiota? Era um golpe baixo. “Sou uma idiota. A esposa perfeita que espera em Beirute enquanto seu marido sai com outras mulheres no exterior. Talvez Chucri esteja enganado. Mas, então, por que o teria mencionado? Que indiscreto! Que falta de tato e diplomacia! Deviam expulsá-lo do Ministério de Assuntos Exteriores. Que erro imperdoável!”, pensou enquanto seu sangue fervia.

– Desculpe, às vezes, ele é muito insensível – ouviu Nadine dizer enquanto apertava seu braço.

As lágrimas se formaram em seus olhos, e Lailah baixou a cabeça para que Nadine não as visse. Não podia culpar Chucri pela infidelidade de Rachid. Havia sido um comentário inocente, embora nada diplomático.

– Quer se sentar? – ofereceu Nadine.

– Preciso tomar ar e beber alguma coisa, de preferência com álcool – pediu antes de ir para o terraço, e Nadine foi buscar um garçom.

Abriu as grandes portas de vidro que davam para o espaçoso terraço de onde se via Beirute inteira e o Mediterrâneo ao longe. Estava lindamente iluminada com luminárias mouriscas coloridas cujas velas emitiam um suave resplendor. Havia uma mesa e quatro cadeiras, além de um sofá e poltronas estofadas de linho cor de baunilha, uma mesinha de centro e mesas auxiliares para as taças e pratos.

– Deseja tomar alguma coisa, *madame*? – perguntou um garçom com grande reverência.

– Uma taça de vinho branco, por favor – pediu antes de se aproximar da linda balaustrada de mármore. Apoiou-se e inspirou fundo duas vezes para encher os pulmões de ar enquanto tentava

conter as lágrimas com todas as suas forças. Sentia-se humilhada. “Como ele foi capaz de fazer isso?”, repetia sem parar.

A vista era realmente espetacular, como se estivesse no ponto mais alto da cidade. As luzes dos edifícios mais elevados do centro cintilavam, e os néons dourados e rosa dos clubes e bares brilhavam no estilo brega de Las Vegas antes de dar lugar aos elegantes edifícios residenciais e luxuosos hotéis da Corniche e a agitada vida noturna dos bares e restaurantes que margeavam o mar. Em frente à costa viam-se as luzes brancas dos pesqueiros, que logo recolheriam suas capturas para vendê-las no dia seguinte a quem estivesse disposto a se levantar às cinco da manhã.

– Quer ficar sozinha? – perguntou Nadine a suas costas.

– Não, não, venha, por favor. Pedi uma taça de vinho branco – respondeu após soltar um grande suspiro.

– Sim, deixaram uma garrafa e várias taças – indicou antes de passar o braço pelos ombros dela para consolá-la.

– A vista é maravilhosa, não? – comentou Lailah incapaz de conter as lágrimas que corriam por seu rosto, antes de apoiar a cabeça no ombro de Nadine.

Nina Abboud tinha um aspecto escultural e majestoso à luz dos cintilantes cristais do lustre. Usava um vestido longo simples sem mangas que se adaptava ao seu corpo curvilíneo e bem proporcional; as partes da frente e de trás eram brancas, e as laterais, pretas. O tecido das costas era uma simples organza branca presa nos ombros, que ondulava como uma sedosa capa. Seu cabelo castanho avermelhado estava penteado em forma de colmeia ao estilo anos 1960, e ela usava brincos largos e um bracelete de diamantes.

– Nina! – exclamou Rachid Hayek dirigindo-se a ela. – Quase não a reconheci. *Kifek? Ça va?*

– *Hamdellah*, obrigada, Rachid – respondeu Nina friamente.

“Meu Deus! Com tantas mulheres nesta festa, por que esse anão barrigudo tem de reparar em mim? Aposto que quer algo de Charley. Senão, com certeza não falaria comigo”, pensou.

– O que anda fazendo? – perguntou com olhos lascivos enquanto mexia no bigode grisalho e recortado.

– Não muita coisa – respondeu com a esperança de que fosse embora. Não o suportava. De fato, achava-o desprezível.

Não sabia se comportar, tinha gostos de novo rico, e seu corpo era desagradável. Com essa barriga volumosa e essa papada parecia um lutador de sumô. A única coisa boa dele era Lailah, uma conhecida com quem almoçava de vez em quando.

– E Charley?

– Estava aqui há pouco – informou irritada. Procurou o maço de cigarro na bolsa. “Merda!”, não tinha mais nenhum.

– Cigarro? – ofereceu Rachid enquanto abria um maço de Marlboro e puxava um até a metade.

Nina não gostava de aceitar nada dele, mas precisava fumar. Pegou o cigarro e permitiu que Rachid o acendesse, e para isso precisou se abaixar, pois ele era mais baixo. Mas, bem, com seu 1,80 metro a maioria dos libaneses chegava a seus ombros.

– Diga a Charley que vou passar para vê-lo – comentou Rachid enquanto também acendia um cigarro.

– Desde quando você precisa de minha permissão? – perguntou olhando para além dele para ver se via algum conhecido.

– Bem, quando o vir – repetiu pondo ênfase no “quando” –, diga-lhe, por favor, que vou ligar para sua secretária para marcar uma hora – tentou de novo olhando para ela fixamente com olhos de ódio.

– Não se faça de esperto, Rachid. Não combina com você – cortou-o irritada.

– Ah, aqui está Imaan – indicou Rachid levantando a taça quando a anfitriã se aproximou deles.

– *Habibti* – Nina cumprimentou-a cordialmente dando-lhe um abraço. – Está tudo encantador. Você tornou a se superar.

– *Merci, merci, ma chérie. Marhaba*, Rachid. Estão se divertindo? Vão servir o jantar a qualquer momento, e depois tenho um anúncio a fazer – disse piscando para Nina.

– Aquilo que me contou há uma semana?

– O que vai anunciar? – inquiriu Rachid com curiosidade.

– Logo vai saber.

– Onde está Joseph? Estou a noite toda procurando por ele – perguntou Rachid.

– Agora há pouco estava com enxaqueca – explicou Imaan lançando um olhar cúmplice a Nina.

Um dos muitos fotógrafos que cobriam o evento se aproximou.

– Sorriam, senhoras – pediu Rachid pegando-as pelo braço e colocando-se no meio.

Imaan e Nina não tiveram outro remédio senão aceitar.

– Como vai sua bela esposa? – perguntou Nina a Rachid quando o brilho dos *flashes* desapareceu.

– Bem – respondeu com indiferença.

O casal Hayek não era normal, e todo mundo especulava por que Lailah continuava com Rachid. Era sabido que desde que haviam se casado ele a traía com todas as mulheres dentro e fora de seu círculo social.

– Veja, Rachid, acho que Lailah está no terraço. Vou cumprimentá-la – despediu-se Nina.

– Vou com você – disse Imaan.

– Com quem ela está? – perguntou Nina.

– Alguém que tenho de lhe apresentar. Nadine Safi, mulher de Chucri Safi – explicou pegando-a pelo braço. – Chucri foi embaixador na Espanha. Acabaram de voltar a Beirute. De fato, acho que você os conhece, não é, Rachid? Rachid? – repetiu voltando-se, mas ele havia desaparecido. – Onde se meteu?

– Que importa? Vamos, preciso de um pouco de ar fresco. De repente ficou muito calor.

– Lailah, Nadine! – chamou Imaan.

– Imaan! – Nadine acenou. – *Sharrfuna*.

– Nina, que prazer tornar a vê-la – disse Lailah com um sorriso. – A propósito, você estava hoje à tarde em Gemmayzeh, na *rue Gouraud*?

Nina sentiu seu coração gelar. Julgava tê-la visto quando saía do salão de beleza. Tinha uma fração de segundo para decidir se

mentia ou não.

– Gemmayzeh? – perguntou surpresa agradecendo por a fraca iluminação não permitir ver a expressão de seu rosto.

– E esta é Nadine Safi – interrompeu Imaan antes que pudesse dizer mais alguma coisa. – Nadine, esta é minha grande amiga Nina Abboud.

– *Tsharrafnah* – Nadine e Nina se cumprimentaram.

– Imaan me disse que você e seu marido acabaram de voltar de Madri – comentou Nina com intenção de que esquecessem Gemmayzeh.

– Sim, coincidentemente meu marido, Chucri, e eu estamos na casa de meus sogros na *rue Gouraud*, em Gemmayzeh. De fato, esta tarde estive no mesmo salão de beleza que Lailah – disse Nadine alegremente.

“Meu Deus, Beirute é um ovo!”, pensou. Não só nunca teria pensado que encontraria Lailah em Gemmayzeh, como também tinha que estar atenta a Nadine Safi. Teria que ser muito cuidadosa quando fosse ao Albergio Hotel, onde Ahmed Salaam se hospedava.

– Um pouco de vinho, Nina? – perguntou Imaan.

– Por que não? – aceitou sorrindo.

– Ótimo; vamos precisar de mais duas taças – disse Imaan.

– Vou buscá-las – ofereceu Nadine.

– Nem pense nisso – Imaan a deteve. – Para isso pago todos esses garçons que vão de um lado para o outro.

– Shehla, estou no terraço do salão. Você poderia me mandar duas taças de vinho e alguns aperitivos, por favor? – pediu depois de apertar um botão de um pequeno telefone.

Menos de um minuto depois abriram-se as portas de vidro, e apareceram quatro garçons com bandejas, seguidos de Shehla com duas taças.

– Deseja mais alguma coisa, *madame*? – perguntou.

– Não, obrigada. Bem, traga-nos outra garrafa de vinho e feche as cortinas para que ninguém nos veja. – Shehla assentiu e se voltou para retornar ao salão. – Ah, Shehla, avise-me quando vir *monsieur Sayah* – disse Imaan enquanto Nina lhes servia o vinho.

– Sim, *madame*.

– E venha me buscar em uma hora para que eu possa fazer o anúncio.

– Claro, *madame* – afirmou e, após fazer uma reverência, afastou-se.

– O que você vai anunciar, Imaan? – perguntou Nadine.

– Fui nomeada embaixadora no Reino Unido.

– Meu Deus, fantástico! *Mabruk, mabruk!* – exclamou Nadine levantando a taça.

– *Mabruk!* Fico muito feliz por você – felicitou-a Lailah.

– A minha grande amiga Imaan um brinde – sugeriu Nina, e todas levantaram as taças. – A você, *habibti*.

– Que Deus lhe dê grande sucesso – acrescentou Lailah.

– Digo o mesmo – brindou Nadine.

Imaan tomou um gole e olhou para elas.

– Fico feliz por terem se encontrado – disse em direção a Lailah e Nadine. – Queria apresentá-las porque tinha certeza de que se dariam bem.

– Na verdade, nós nos vimos hoje à tarde, mas não nos conhecíamos nem sabíamos que viríamos à mesma festa – esclareceu Lailah.

– É mesmo? Que coincidência! – surpreendeu-se Imaan.

– Sim, foi algo muito estranho – Nadine começou a explicar. – Fui a um pequeno salão na *rue Gouraud*, virando a esquina da casa de meus sogros...

– Espere, não me diga que se chamava Cleópatra – interrompeu Imaan.

– Isso mesmo.

– Esse mesmo – confirmou Lailah.

– Meu Deus! Hoje à tarde fui buscar uma encomenda de *nammura* lá – confessou Imaan.

– Um momento! Quando eu estava pagando, entraram duas senhoras com umas bandejas que tinham um cheiro maravilhoso – comentou Nadine.



– Eram para mim – disse Imaan orgulhosa. – São os melhores de Beirute. Na verdade, todos os doces delas são excelentes.

– Não acredito! Todas nós estivemos lá esta tarde, menos Nina! – exclamou Nadine, assombrada.

Nina riu; também estivera lá, mas elas não sabiam.

– Adorei aquele lugar. Ele me fez lembrar um pequeno salão de Sídon. Disse à proprietária que voltaria – comentou Imaan.

– Ela é maravilhosa. Veja meu cabelo, suave e solto. Nunca fica assim quando vou ao Alexandre – interveio Lailah.

– Ficou muito bem, mas você está sempre bonita – elogiou Imaan.

– Quem dera meu marido pensasse o mesmo – murmurou Lailah, que assim que as palavras saíram de sua boca desejou não as ter pronunciado, ou que não as houvessem ouvido.

Houve um breve silêncio constrangedor.

– Lailah e eu vamos voltar lá. Você também devia ir, Imaan, e você, Nina – convidou Nadine.

– Digam quando e vou tentar. Que divertido, não acha, Nina? – perguntou Imaan.

– Normalmente vou ao Alexandre – respondeu Nina.

– Eu também, sou uma de suas clientes mais fiéis – afirmou Lailah. – Mas não sei o que essa garota fez, foi maravilhoso. Tem umas mãos...

– Ela é de Sídon – acrescentou Imaan.

– Muito bem, vou experimentar – rendeu-se Nina, achando que era a solução ideal. Se alguém a visse na *rue Gouraud*, poderia dizer que ia ao Cleópatra.

– Lailah e eu vamos semana que vem e pensamos em almoçar juntas. Se alguma de vocês se animar... – convidou Lailah.

– Mande-me um e-mail dizendo o dia. Se estiver livre, irei com prazer – disse Imaan.

– Eu também vou tentar – interveio Nina.

“Sim, vem a calhar”, pensou com malícia. O salão seria um excelente pretexto para dar a Charley. Se lhe perguntasse por que ia a Gemmayzeh, diria que Imaan e Lailah lhe haviam recomendado o salão. Era perfeito.

Rima estava flertando descaradamente com Chucri Safi quando um grupo de homens passou a seu lado e o arrebatou. Embora tenha feito um bico e representado o papel de vítima, não teve opção senão abrir mão dele, porque, com exceção da força, usaram de tudo para levá-lo.

– Até logo, Chucri – despediu-se.

Mas nenhum deles respondeu. Sentiu-se um pouco constrangida e olhou em volta furtivamente para ver se alguém havia reparado que a deixaram de lado. Alisou o cabelo em um gesto defensivo e se dirigiu às janelas atraída pelo som dos risos que provinham do outro lado das pesadas cortinas com brocados de seda. Afastou-as levemente e viu quatro mulheres. Reconheceu todas menos Nadine, e, de repente, comparativamente, sentiu-se pequena e insignificante. Não se sentiu poderosa, e sim fraca. Não tinha orgulho do que havia feito com Joseph. Não queria estar lá dentro, e sim lá fora rindo com elas. Por mais imatura e egoísta que fosse, era esperta o bastante para sentir a energia positiva que aquelas quatro mulheres emanavam e desejou fazer parte do grupo.

“E por que não? Tenho classe suficiente para estar com elas”, pensou. Estimulada pelo champanhe, afastou a cortina totalmente, abriu a porta de vidro e saiu.

– *Marhaba!* – cumprimentou, mas Imaan, Nadine, Lailah e Nina não a ouviram. – Olá!

Quando Nina notou sua presença ficou calada. Rima fez o possível com seus Christian Louboutin salto quinze para não cambalear nem cair.

– Olá! – repetiu soluçando.

– Rima! – cumprimentou Imaan, levantando-se.

A mulher cambaleou, e Imaan a segurou e a fez se sentar em sua cadeira. Sua cabeça ia de um lado para o outro e não conseguia focar o olhar.

– Nossa! Vou mandar o motorista levá-la para casa – sugeriu; era evidente que estava bêbada.

– Nem pensar. Eu tenho motorista – recusou fazendo um gesto com a mão.

– Muito bem, então que ele a leve – concedeu Imaan.  
– Prefiro ficar até o ato principal da noite – insistiu com os olhos fechados e a cabeça sobre o peito.  
– Já acabou – disse Nina, tentando convencê-la de que o havia perdido.  
– Não pode ser. Joseph me disse que não começaria sem ele.  
– Ele disse isso? – perguntou Imaan com uma voz tenebrosamente baixa.

– Sim – respondeu Rima com insolência.  
– Onde está meu marido?  
Rima levantou os olhos e, apesar do estupor alcoólico que a embargava, percebeu com quem estava falando. Antes de poder articular qualquer palavra, Shehla apareceu e disse a Imaan que Joseph estava com os convidados.

Imaan sussurrou-lhe que cuidasse de Rima e pediu às outras três mulheres que a seguissem.

– Ela estava verde – comentou Lailah.  
– Tenho dó dela – compadeceu-se Nadine.  
Imaan entrou primeiro e foi buscar Joseph. Era quase uma da madrugada e fazia uma hora que queria ter feito o anúncio. Encontrou-o conversando com Rachid Hayek.

– Desculpe interrompê-los, cavalheiros – desculpou-se pegando o marido pelo braço. – Já, já, o devolvo – garantiu a Rachid.

Imaan Sayah, acompanhada pelo marido, anunciou que seria a nova embaixadora do Líbano no Reino Unido, que estava muito feliz e esperava que todos os presentes, posto que eram amigos, a visitassem em alguma ocasião: “Joseph e eu teremos muito prazer em vê-los”. O homem ficou calado durante o tempo todo e, mesmo quando todos aplaudiram, ovacionaram e assobiaram, e ouviu-se o espocar de mais garrafas de champanhe, foi-lhe impossível se sentir alegre. Os convidados estavam ali por Imaan, para parabenizá-la, para lhe mostrar respeito e confraternizar com ela. Não eram amigos, nem seus nem de Imaan. Por que os rotulara como tais?

Viu Rima entrar cambaleando, com Shehla segurando-a para que não perdesse o equilíbrio.

– Joseph! – alguém chamou e distraiu sua atenção. – Procuramos você por todo lado. *Mabruk*, irmão.

De repente, estava cercado de convidados e de um exército de garçons com bandejas cheias dos famosos *nammura*.

– Estão deliciosos – elogiou alguém.

– Imaan, Imaan! – gritou Rima tentando chegar até a anfitriã. – Você precisa dar a receita, são maravilhosos. Nunca provei nada igual.

“Meu Deus, ela ainda está aqui! Faz tempo que disse a Shehla que a enfiasse num carro”, pensou.

– Obrigada, Rima. Sim, estão deliciosos, não é?

– Excelentes, divinos. Dê-me a receita.

– Na verdade, foram feitos em uma pequena confeitaria – explicou tentando desesperadamente escapar de suas garras.

– Uma confeitaria? Alguém comentou que eram caseiros.

– Amanhã eu ligo para você e explico.

– É mesmo? Vai me ligar de verdade?

– Sim, Rima, vou.

– Estarei esperando. Muito obrigada por esta festa encantadora.

Eu me diverti muito.

– De nada, e, por favor, diga a Tony que sentimos falta dele.

Rima estava prestes a dizer algo quando Shehla apareceu e apontou para o carro e o motorista que seu marido havia mandado para buscá-la. Mas, antes de chegar, vomitou nos arbustos que margeavam a escadaria de pedra e Shehla teve de lhe segurar a cabeça para que não desabasse sobre o vômito.

Eram cerca de quatro horas quando os convidados começaram a ir. Imaan estava na porta para se despedir deles, assim como havia feito para recebê-los. Por coincidência, Lailah, Rachid, Chucri, Nadine e Nina saíram juntos. As mulheres se abraçaram, se beijaram e prometeram ir ao Cleópatra juntas.

– Obrigada, Imaan, foi uma festa fantástica – elogiou Nadine.

– Você se superou – disse Nina.

– Você é uma anfitriã maravilhosa – acrescentou Lailah.

– Obrigada por virem – despediu-se Imaan acenando enquanto desciam os degraus rumo aos respectivos carros.

Chucri Safi e Rachid Hayek haviam saído antes e esperavam embaixo.

– Quem era a mulher de Madri? – perguntou Chucri.

Rachid deu de ombros, pouco disposto a conversar a uma hora dessas, depois de tanto uísque.

– Achei que era sua mulher – insistiu Chucri, mas Rachid tornou a dar de ombros. – Era uma prostituta?

– Outra hora conversamos sobre isso – sugeriu ao ver que Lailah se aproximava. – Boa noite, Chucri – despediu-se mantendo a porta do carro aberta para que sua mulher entrasse.

Lailah permaneceu em silêncio durante todo o trajeto e ficou observando as ruas escuras com a mente a milhares de quilômetros. O ambiente estava pesado, e a tensão entre eles era evidente.

– Você se divertiu? – perguntou Rachid por fim.

Lailah assentiu.

– Conheceu alguém agradável?

A mulher tornou a assentir.

– Quer dizer, então, que Imaan vai ser embaixadora em Londres...  
– começou a dizer, mas Lailah não abriu a boca. – Tem algum plano para o resto da semana?

– Vou almoçar com Nadine Safi.

Depois disso, Rachid ficou sem palavras.

– Mas por que ele não disse que aquela mulher não era sua esposa?  
– perguntou Chucri. – Não a apresentou como tal, mas também não nos fez acreditar que não era.

– Tenho certeza de que tinha uma boa razão – afirmou Nadine.

– Mas por quê? Ele é casado com uma mulher muito bonita.

– Esqueça isso, Chucri, não é assunto nosso.

Nadine pegou o braço de seu marido que parecia inquieto demais com a situação matrimonial de Rachid.

– Imagino que...

– Sshhh – sussurrou pondo o dedo nos lábios dele. – São quase cinco da manhã e não estou com vontade de falar dele. – Fez uma

pausa. – Sabe de uma coisa? É a primeira vez que me alegro por termos voltado a Beirute.

– Ah, é? – estranhou Chucri, e apertou a mão dela. – Eu estava muito preocupado por tê-la obrigado a voltar.

– Você não tem culpa de ter feito 65 anos – tranquilizou-o, sorrindo com tristeza.

– Sim, mas continuo pensando que não fiz todo o possível para ficar em Madri. Assusta-me o fato de ter separado a família, de as meninas estarem na Espanha e o rapaz se comportar de maneira tão estranha – confessou meneando a cabeça.

– Chucri, olhe para mim – pediu ela muito séria. – Você não separou nada. Nosso filho vai superar, as meninas vão seguir em frente, e você e eu vamos nos acostumar à maravilhosa rotina dos casais que estão casados há muitos anos.

Chucri sorriu; Nadine sempre dizia as palavras que o faziam se sentir bem.

– Você devia ter sido diplomata, *habibti* – afirmou beijando-a no rosto.

Nadine se ajeitou no banco e se aconchegou no ombro do marido.

– Estou feliz por ter voltado. Especialmente agora que tenho um salão de cabeleireiro aonde ir.

– Mulheres! O que é que tem nesses salões? Quando os homens vão cortar o cabelo, em quinze minutos acabaram, mas as mulheres... As mulheres podem ficar horas inteiras, e quando você pergunta onde passaram seis horas, elas olham para você como se fosse louco e respondem: “No cabeleireiro, é claro”. Como se fosse normal. – Nadine começou a rir. – Que diabos vocês fazem tanto tempo em um lugar tão pequeno?

Enquanto Chucri continuava falando, Nadine cochilou desejando voltar ao Cleópatra.



## Capítulo 6

Mouna dirigiu freneticamente a Vespa pelo trânsito de Beirute. Não costumava abrir às segundas-feiras, mas não tinha alternativa. Não faltava muito para que tivesse de renovar a licença e pagar o imposto municipal. Duvidava que aquele dinheiro fosse investido no conserto dos buracos na rua ou dos edifícios bombardeados do bairro, e temia que iria acabar parando nos bolsos dos membros da prefeitura que votaram por sua imposição. Quando subia rumo à mesquita Mohammad Al-Amin, lembrou que não havia avisado Amal. Parou no sinal vermelho e pensou em pegar o celular, mas a luz verde se acendeu rapidamente. “Da próxima vez vou deixá-lo mais à mão”, pensou.

“Também não é que alguém vá me ligar”, refletiu tristemente. Fazia duas semanas que não tinha notícias de Amin, e havia perdido toda a esperança de tornar a vê-lo. No dia em que julgou vê-lo na Mercedes com Dina Nasr – embora depois tenha se convencido de que era *madame* Amin Chaiban – enviou-lhe uma mensagem de texto, mas ele não respondeu. Continuou desviando das profundas rachaduras do asfalto, dos buracos e das grandes crateras produzidas pelas bombas e mísseis. Olhou o relógio. Merda! Outra vez atrasada. Não importa o que fizesse, nunca conseguia chegar no horário. Alguma coisa no bolso interno da bolsa fazia-lhe cócegas no quadril, mas não podia ver o que era sem provocar um acidente. “Sou um desastre! Por que não me organizo melhor? Por que não faço as coisas como Deus manda? As mulheres de minha idade estão casadas, algumas até têm tempo para trabalhar, e eu não sou capaz nem de organizar minha bolsa”, censurou-se.

A dois quarteirões do Cleópatra, um policial motorizado se aproximou e mandou-a parar. Mouna fez cara de vaso. Que mais podia acontecer para arruinar sua manhã? Parou a Vespa, mas não desceu dela, e colocou um pé no chão para manter o equilíbrio.

– *Marhaba* – cumprimentou o guarda. Mouna fez um gesto com a cabeça. – Posso ver sua habilitação e os documentos da moto?

Mouna apertou os dentes, tirou a bolsa-mochila do ombro e começou a revirá-la. “Era o que me faltava, uma maldita multa que não vou poder pagar. Por que será?”, pensou. Enquanto procurava a caderneta onde guardava tudo o que considerava importante, percebeu que o celular piscava. O quê? Quem havia ligado ou mandado uma mensagem? Era isso que lhe fazia cócegas perto da mesquita, o maldito telefone. Pegou-o e colocou os óculos de sol na cabeça para ver o que dizia no visor, mas o reflexo do sol era muito intenso. Tornou a colocar os óculos e olhou mais de perto o Nokia colocando o outro pé no chão para se apoiar melhor.

– *Madame* – o policial chamou sua atenção.

Mouna não o ouviu e continuou apertando botões. Sua senhoria lhe havia dado esse celular, que ganhara de alguém. Ao que parecia, era um dos últimos e melhores modelos, mas era russo e não havia jeito de mudar a língua para inglês ou francês. Havia levado o aparelho a várias lojas, mas nenhuma pôde fazer nada. Assim, com exceção do botão verde para atender, os que correspondiam a “chamadas perdidas”, “correio de voz” ou “mensagens de texto” continuavam sendo uma incógnita.

– *Madame!* – repetiu o policial.

– Ah... Sim, sim... um momento. Estou esperando uma ligação muito importante.

– Talvez prefira esperá-la na delegacia – comentou ele com sarcasmo.

Mouna olhou para ele e levantou os óculos para vê-lo melhor. Pareceu-lhe familiar, mas todos tinham o mesmo aspecto: gordos, com grandes barrigas, bigode e horrendos óculos Ray-Ban de piloto. Guardou o telefone no bolso e pegou a caderneta, que prendia com um elástico para que o conteúdo não se esparramasse. Passou



rapidamente as páginas cheias de esboços até chegar às que havia rotulado como se fosse um arquivo. No final chegou à que dizia: “Vespa”. Estava vazia. *Haram!* Onde havia posto os documentos? Devia tê-los enfiado em outra divisão. Ia ter que procurar em todas as páginas, com aquele calor, e o policial que não parava de olhar para ela enquanto os minutos passavam, e o celular continuava tocando e vibrando em sua bolsa. Só Deus sabia quantas ligações de clientes em potencial podia estar recebendo no salão, a apenas algumas centenas de metros.

– Estão neste caderno, eu garanto. Acontece que não estão onde costumo colocá-los.

O policial olhou para ela com ceticismo, cruzou os grossos braços no peito, ajeitou a postura e olhou para ela por baixo dos óculos espelhados. Em seu distorcido reflexo, o rosto e o corpo alongados de Mouna haviam se transformado em ancas largas e coxas volumosas.

– Por favor, eu trabalho logo ali e estou atrasada – suplicou indicando o final da rua.

O policial deu de ombros com indiferença e se limitou a apoiar seu considerável peso na outra perna. Mouna prosseguiu:

– Importa-se de vir ao salão, e eu os mostro lá? – disse, mas o policial não se mexeu. – Está mais fresquinho, tenho ar-condicionado.

Uma SUV preta parou atrás do policial e uma de suas janelas se abriu.

– O que está acontecendo? – perguntou uma voz masculina.

– Senhor! – exclamou o policial após se voltar e prestar continência para o ocupante.

– Por que está bloqueando a passagem, oficial?

– Solicitei a documentação desta senhora, tenente – respondeu o policial em posição de sentido.

– O que ela fez? – perguntou, enquanto a longa fila de carros parados atrás da SUV começava a buzinar.

Alguns motoristas colocaram a cabeça para fora da janela e começaram a insultar o motorista do Ford e ameaçá-lo com os

punhos.

– Ele não está de capacete, senhor.

O homem da SUV sabia muito bem, porque havia sido o cabelo da motorista que lhe chamara a atenção.

– Ela lhe entregou os documentos?

As buzinas e insultos se intensificaram ao ver que nem o carro nem o policial se moviam.

– Saia da frente, idiota! Estou perdendo dinheiro! – gritou um taxista.

– Acha que pode fazer o que quiser só porque tem um carro norte-americano? – disse outro motorista.

– Não é de estranhar que o país esteja um desastre. Ninguém sabe o que fazer – gritou um terceiro.

– Vamos! Depressa! Prenda a mulher ou a deixe em paz!

Mouna soltou uma risadinha; aquela situação era ridícula. Cada vez que alguém gritava, o motorista do Ford colocava o braço pela janela para tentar acalmá-lo. Mas as buzinas e os gritos aumentaram tanto que os moradores começaram a surgir nas janelas ou sacadas para assistir ao circo que havia se formado na rua. Mouna começou a rir ao ver Claudine com seu velho e gasto vestido de algodão e quase caiu da moto quando Ghida e Nisrine apareceram uma atrás da outra em sua velha janela descascada. Quando acenou para elas, levaram a mão à boca, horrorizadas, e se retiraram para especular por que a haviam parado. Não havia só um policial de trânsito, mas também uma grande SUV norte-americana. Tinham certeza de que mais tarde as pessoas lhes explicariam com riqueza de detalhes por que achavam que haviam parado Mouna antes de perguntar a ela.

– O que está fazendo? – gritou Claudine com voz mal-humorada.

– Por que está acoçando minha inquilina? Se a prender, não vou arranjar ninguém que me alugue esse maldito salão!

– Se nos deixarem passar, eu o alugarei – brincou o taxista.

De repente, o policial se virou.

– Desta vez vou deixá-la ir só com uma advertência. Não se esqueça de usar o capacete e guarde os documentos no lugar

adequado – repreendeu-a com voz rouca antes de se dirigir à motocicleta. Não teve pressa para ajustar o fecho de seu capacete, e isso enfureceu ainda mais os motoristas presos no trânsito.

– Ande, gordo filho da mãe! Depressa! Não temos o dia todo para ficar sentados e não fazer nada além de comer, beber e incomodar cidadãos honrados – gritou alguém.

– Cale-se, ou vou detê-lo por insolência e insubordinação! – gritou o policial.

– Era só o que faltava! – ouviu-se a voz de Claudine nas alturas. – Os policiais se acham muito poderosos. Este país está afundando porque idiotas como você fazem o que lhes dá na telha. Como vamos esperar que nos protejam e controlem os malditos palestinos se nem sequer conseguem cuidar do trânsito?

O policial acionou o pedal de arranque com força, e o motor rugiu. Fez continência para o homem da SUV e desapareceu pela *rue Gouraud* em direção a Achrafieh.

Mouna olhou para o veículo, mas o reflexo do sol impediu-a de ver o motorista. Baixou os óculos de sol, mas só enxergou uma mão que acenava antes que a janela escura subisse, e os pneus do carro cantassem levantando pó. “Ora, foi o melhor golpe de sorte que tive nos últimos tempos; senão, teria de arranjar mais 20 mil libras”, pensou enquanto caminhava ao lado da Vespa pelo curto trecho que restava até o salão.

Apesar do que havia imaginado, o telefone não estava tocando quando abriu os três cadeados e ouviu a campainha de bicicleta. Olhou o relógio. *Haraam!* Eram mais de meio-dia. Havia perdido todas as ligações da manhã, mas, afinal de contas, era segunda-feira. Ninguém esperava que o salão estivesse aberto. Suspirou aliviada, jogou-se na cadeira do balcão e deixou a bolsa sobre o banquinho no qual costumava pôr os pés. De repente lembrou-se do celular, levantou-se e pegou-o. Por que não estava em um idioma que entendesse?

Tinha quatro mensagens: uma da Alfa, a companhia de telefonia celular, que pedia que ligasse para um número para ver seus novos serviços, e três chamadas perdidas de um número restrito. “Será

que foi Amin? Talvez tenha sido engano”, pensou e, com renovada determinação, deixou-o no balcão, pegando o livro de contabilidade e a agenda.

A rua estava tranquila; era hora do almoço, de modo que quando ouviu a porta se abrir teve um sobressalto. Não esperava ninguém, muito menos Claudine com um lenço roxo na cabeça.

– *Tante, kifek* – cumprimentou, pondo o lápis na orelha.

Claudine soltou um grunhido e avançou devagar até o balcão. Mouna se levantou rapidamente e a beijou três vezes.

– O que foi, *tante*? *Shu ajbarik*?

– Está aberto?

Mouna assentiu.

– Por quê? Os salões não fecham às segundas-feiras?

– Estou tentando arranjar novos clientes, preciso de dinheiro – explicou Mouna dando de ombros.

– Neste buraco?

Mouna suspirou.

– O que posso fazer pela senhora, *tante*? Amal não está...

– Pode arrumar isto? – interrompeu-a enquanto tirava o lenço.

Mouna ficou estarrecida e precisou levar a mão à boca para conter o riso. O cabelo de Claudine estava laranja. Andou em volta dela. Não era amarelo nem louro, e sim cor de laranja.

– Como fez isso, *tante*?

– Não faça perguntas impertinentes e diga se pode arrumar – falou bruscamente.

– Mas, *tante*, preciso saber o que fez, senão posso estragar mais.

– Passei henna – confessou.

– Oh, não! Não me diga que usou esse novo produto que estão anunciando. É pura química, não tem nada de natural.

– Sim, usei – admitiu irritada. – A propaganda dizia que o cabelo ficava mais volumoso.

– É uma propaganda! Venha, sente-se e deixe-me dar uma olhada.

Claudine se sentou contrariada. Enquanto Mouna estudava seu cabelo, apalpando-o e sentindo a textura, Claudine olhou-se no

espelho. Parecia mais velha. Tinha muitas rugas, mas os profundos sulcos entre suas sobrancelhas a faziam parecer constantemente irritada, mesmo que não estivesse. Tinha consciência de que as pessoas não gostavam dela, de que era brusca, de que se queixava de tudo e de que seu comportamento era desagradável. Também sabia que os filhos dos vizinhos a chamavam de “a bruxa” e cacarejavam quando imitavam sua voz para que parecesse mais verdadeira. Nem sempre foi assim. Lembrou-se de quando era jovem e bonita, os tempos em que se vestia com elegância, passava batom, usava perfume francês e ia dançar. Havia sido uma jovem muito popular, cheia de vida, animação, risos e otimismo.

Ninguém sabia o que havia suportado; a dor, a humilhação e o sofrimento que lhe causava a rejeição com que tivera de conviver nos últimos anos. Mas tudo aquilo estava chegando ao fim.

– Pode consertar?

– A única coisa que podemos fazer, *madame Claudine*, é descolorir – aconselhou.

– Mas como vai ficar?

– Quase branco.

– Sim, mas como vai ficar em mim? – insistiu mal-humorada.

– Bem, talvez lhe pareça um pouco estranho, pela cor de sua pele, *tante*.

– *Haraam*, menina. De que me serve se não pode consertar isso? Supostamente você é cabeleireira – atacou com crueldade.

– *Tante* – respondeu Mouna, que estava começando a perder a paciência. – Lamento, mas acho que nem no Alexandre vão poder fazer alguma coisa. A única solução é descolorir o cabelo e depois de um tempo tingi-lo com seu castanho habitual. Mas durante algumas semanas a senhora vai parecer Marilyn Monroe – explicou sorrindo.

– Algumas semanas? Algumas semanas? O que quer dizer com isso? – resmungou.

– Quero dizer algumas semanas, *tante*. Não sei exatamente quantas. Terei de olhar de vez em quando para saber se o dano foi reparado – respondeu com delicadeza.

Claudine ficou calada, com a boca crispada em uma careta rabugenta.

– Não é tão terrível. Farei tudo o que puder – disse Mouna.

– Tudo o que puder? – queixou-se Claudine. – Você sabe muito bem que só venho aqui porque é muito confortável e grátis, não porque acho que você é boa – disse de má vontade enquanto Mouna ia buscar uma capa de plástico e misturava o descolorante. – E essa sua assistente idiota... Nunca na vida vi alguém mais desrespeitosa.

“Que Alá me ajude”, pediu Mouna em pensamento. Apoiou-se na borda da pia, inspirou fundo e contou até dez lentamente antes de voltar a Claudine, que continuava resmungando por tudo o que não lhe agradava naquele salão.

Aplicou o descolorante no pouco cabelo de Claudine e o envolveu em plástico.

– Quinze minutos, *tante* – disse, e deixou umas revistas antigas ao seu lado.

– Está um calor impressionante – queixou-se Claudine.

– O ar-condicionado está ligado, *tante*.

– Pagou a conta da luz?

– Sim, e tenho de pagar mais algumas contas; se me der licença...

Quer um pouco de água, *tante*?

– Não – respondeu Claudine secamente.

Quinze minutos depois Mouna levantou a vista. Claudine havia adormecido com a cabeça no peito e a boca aberta, de onde escorria um fio de baba. Levantou-se e foi inspecionar o descolorante. Ainda faltavam alguns minutos. Quando voltou, notou que do outro lado da rua havia uma SUV preta. “Que estranho. Será que é a mesma desta manhã?”, perguntou-se.

Ao girar a cadeira para que Claudine se visse no espelho julgou distinguir a mesma expressão irada e mal-humorada, mas levemente suavizada. Mas, uma fração de segundo depois, voltou a assumir sua tosca personalidade.

– Está lindíssima, *tante* – elogiou Mouna inclinando-se para que seu rosto se refletisse ao lado do de Claudine. Havia cortado o

cabelo dela, colocado bobes e penteado para que parecesse mais volumoso. – Parece a Madonna em 1986.

Claudine não gostou do comentário. “Talvez não saiba quem é”, pensou Mouna enquanto se esforçava para encontrar um nome que lhe fosse mais familiar.

– Ou Jessica Tandy. Sim, *tante* Claudine se parece com Jessica Tandy.

– Está bem, está bem. Quem quer que seja, achei horrível – comentou levantando-se com dificuldade.

Mouna estranhou, pois sua aparência estava melhor que com o marrom pardo que costumava usar. De fato, queria convencê-la a conservar esse louro descolorido.

– Por que não troca estas cadeiras por essas modernas que sobem e descem?

“Por que não pode ser um pouco agradecida? É pedir demais?”

– *Tante*, a senhora sabe que não posso me permitir isso por enquanto. Já tenho problemas suficientes até o fim do mês; além de tudo, tenho uma casa para sustentar.

– Nunca vai arranjar mais clientes se não arrumar o salão.

– Eu sei, *tante* – aceitou, fazendo um gesto para a frente com a esperança de que ela fosse embora. Não sabia quanto mais poderia aguentar. – Mas também tenho de renovar a licença e pagar o novo imposto municipal.

– Eu não pretendo pagar, que venham me buscar, se quiserem – afirmou desafiadora.

– Bem, *tante*, pode fazer o que quiser, mas eu preciso arranjar esse dinheiro.

– Não sei por que tem de renovar a licença.

– Porque agora o quarteirão é residencial. Se eu quiser que o salão continue aberto, terei que renová-la, ou a polícia vai fechar o local.

Claudine sentiu remorsos, pois havia sido ela que chamara a polícia noite após noite porque aquela boate degenerada fazia uma barulheira infernal até a madrugada. Havia solicitado ao prefeito que o quarteirão fosse residencial sem pensar nas consequências que

teria para o Cleópatra ou as demais lojas, muitas das quais haviam sido obrigadas a fechar. Não queria lhes causar problemas, especialmente porque conhecia a maioria dos comerciantes; a única coisa que queria era se livrar daquela casa noturna. Mas agora era tarde demais.

– Bem, *tante* Claudine. Aproveite seu novo cabelo, ficou muito bem na senhora. Amanhã nos vemos – despediu-se abrindo a porta. Sabia que ela voltaria. Apesar de suas queixas, aparecia todos os dias, sem falta.

– Sim, preciso ir. Eu também tenho contas para pagar – comentou pegando o lenço roxo, sem agradecer nem despedir-se.

“Sim, *tante* Claudine”, pensou Mouna ao fechar a porta.

A SUV continuava estacionada do outro lado da rua. “Talvez o motorista more ali”, concluiu enquanto punha a vasilha do descolorante, os pincéis, os bobes, os grampos e os pedaços de papel-alumínio em uma bandeja.

Quando Claudine voltava para casa, encontrou um grupo de jovens na calçada.

– Vejam, aí vem a bruxa! – gritou um deles.

– O que ela fez no cabelo? – perguntou outro.

– Meu Deus, parece um vovô! – soltou um terceiro.

– A bruxa é um vovô, a bruxa é um vovô! – cantaram os três em coro.

Claudine tentou passar na frente deles sem se alterar, mas a dor nos pés a impediu, de modo que os arrastou com toda a dignidade que pôde enquanto lhes mostrava o punho e grunhia. “Não têm nenhum respeito. Os jovens de hoje em dia não respeitam os mais velhos”, pensou. Abriu a porta de seu pequeno apartamento. Continuava igual aos últimos cinquenta anos. Nada havia mudado. Tudo estava no mesmo lugar.

Não tinha nada para fazer além de escutar o rádio ou ver televisão. Ficara feliz ao ver Mouna pôr a placa de “Aberto”. Odiava os domingos e as segundas-feiras, quando o Cleópatra estava fechado. Ir lá era o momento de que mais gostava no dia todo. Adorava. Proporcionava-lhe um estímulo, algo pelo que esperar. Não



tinha vontade de voltar para casa; com prazer teria ficado com Mouna, mesmo que a cabeleireira tivesse coisas para fazer. Não queria enfrentar o vazio, a solidão, as lembranças, os demônios e as tragédias que a atormentavam, mas era obrigada a manter as aparências e fingir que também tinha de cuidar de sua vida.

De repente, sentiu-se extraordinariamente vulnerável, sozinha, sua dura aparência externa minada pelo desastre que havia feito no cabelo e os cruéis deboches daqueles garotos. Sentou-se em uma velha poltrona, tendo o cuidado de não apoiar a cabeça para não estragar o penteado. Olhou-se no espelho que havia na console da lareira. Talvez Mouna tivesse razão. Ficava bem, e era da mesma cor que seu couro cabeludo, de modo que disfarçava o pouco cabelo.

O telefone preto antiquado que ficava na mesinha tocou, e ela se assustou. Nem se lembrava da última vez que alguém havia lhe telefonado. Às vezes alguém discava errado ou lhe passava um trote. Quem podia ser?

– Alô – atendeu após pegar o fone com receio.

– *Madame* Haddad? – perguntou uma voz.

– É *mademoiselle* Haddad – corrigiu.

– Desculpe; *mademoiselle* Haddad?

– Ela mesma.

– Meu nome é Carol Hachem, do consultório do doutor Nouri. Para quando quer marcar a primeira sessão de quimioterapia?

Desligou o telefone e, pela primeira vez em muitos anos, chorou.

Do outro lado da rua, Mouna estudava as duas folhas de papel amarelo à sua frente. Na da esquerda estava escrito “Casa”, e na da direita, “Salão”. Na primeira havia anotado meticulosamente os gastos do mês e os somara várias vezes, mas sempre obtinha um resultado diferente. “Vamos, Mouna, controle!”, repreendeu-se. A matemática não nunca fora seu forte, mas aquilo era uma simples soma em uma calculadora com números tão grandes no visor que até alguém quase cego poderia vê-los. De qualquer maneira, números não eram com ela. Decidiu que precisava de um café e de ar. Olhou o relógio, já eram quatro e meia. O dia havia passado voando. Inspirou fundo, contente por sair, mesmo que só por alguns

minutos. O local estava vazio. Pediu um café árabe sem muito açúcar e, enquanto esperava, observou os deliciosos doces no balcão. Perguntou-se por que Ghida e Nisrine não abriam um pequeno café ou confeitaria. Daria supercerto. Inclinou-se para olhar as bandejas de *baklawa* que pingavam mel; a mistura de pistaches e nozes parecia esponjosa e suculenta, mas afastou-se para não sucumbir à tentação de comprar um. Havia comido *knefe* no café da manhã; a maneira como sua mãe o preparava não era nem pobre em calorias nem adequado para quem quisesse cuidar do corpo.

Estava tão absorta que não reparou no homem que estava atrás dela; ao se levantar, bateu a cabeça no nariz dele. O homem soltou um grito, levou as mãos ao rosto e, girando sem parar, tentou pegar um lenço no bolso.

– Oh, Alá! – exclamou Mouna aproximando-se do homem que parecia um daroês dançante no meio do café.

Os garçons sorriam. Conheciam-na bem. Todos gostavam dela e flertavam com ela toda vez que aparecia. Havia apostado qual deles ela escolheria, mas até o momento nenhum havia ganhado. Não sabiam quem era aquele homem, exceto que estava claro que buscava um pretexto para falar com ela. Enquanto preparavam o café, haviam apostado sobre como a abordaria. Nenhum deles havia imaginado que Mouna acertaria o nariz dele, de modo que, quando o homem recebeu o impacto, todos começaram a rir.

– Lamento muitíssimo, não vi que você estava atrás – desculpou-se Mouna, tentando ajudá-lo.

O homem meneou a cabeça sem soltar o nariz nem aceitar ajuda, até que a dor passou, e ele afastou o lenço.

– Sinto muito, de verdade – disse Mouna com as mãos juntas, muito nervosa.

O homem olhou para ela, assentiu aceitando suas desculpas e estudou o lenço para ver se havia sangue.

– Você está bem? – perguntou preocupada.

– Acho que sim – respondeu ele, tentando sorrir.

– E o nariz?

– Bem. Também não preciso dele perfeito – brincou.

Os garçons caíram na gargalhada.

– Acha que quebrou? – inquiriu Mouna sem parar de retorcer as mãos.

– Não, acho que não. Já o quebrei em outras ocasiões e conheço a sensação. É só uma contusão.

– Oh... quer colocar gelo? Se está contundido... gelo, por favor! E um pano limpo! – gritou Mouna correndo para o balcão.

O garçom mais novo olhou para ela sem conseguir se mexer; era o mais encantado por ela.

– O que está olhando? Eu pedi gelo! – insistiu Mouna.

O jovem voltou com um balde cheio. Mouna tirou a jaqueta, colocou-a em uma das mesas e esvaziou o balde nela.

– Sente-se! – ordenou ao homem com o nariz contundido, que parecia tão aturdido quanto os garçons e o pessoal da cozinha, que haviam surgido na porta que dava para o café.

– Não se preocupe, estou bem.

– Não, não está. Sente-se! – tornou a ordenar, dando-lhe um pequeno empurrão que o pegou desprevenido e o fez cair para trás na cadeira.

Os garçons tornaram a rir. Mouna levantou o queixo do homem.

– Assim não vai sangrar. Isto vai evitar que inche – acrescentou enquanto aplicava com força a jaqueta cheia de gelo. – Do que estão rindo? Eu podia ter quebrado o nariz dele! – disse aos garçons. – Onde está meu café? – perguntou irritada, incapaz de ver o lado divertido da situação.

– Aqui está, *madame* – disse um deles oferecendo-lhe um copo de papel.

– E um *baklawa, madame*, cortesia do *chef* – acrescentou outro entregando-lhe uma caixinha marrom.

Levantou os olhos e viu que o *chef* sorria. Assentiu para agradecer o presente, e ele piscou para ela. Exasperada e constrangida, virou-se e saiu dali, deixando o homem jogado na cadeira com a cabeça para cima e a jaqueta cheia de gelo no nariz.

“*Haraam*, a jaqueta!”, lembrou. Poderia voltar, o que significaria ter de enfrentar os garçons que tanto riam de sua falta de jeito, ou

deixá-la e comprar outra depois. Ora, gostava daquela jaqueta. Era velha, mas ficava bem nela. “Bom, tanto faz. Alá me proporcionará outra”, convenceu-se no momento em que entrava no salão decidida a acabar as contas.

Na manhã seguinte, como sempre, Amal chegou pontualmente às onze, com aqueles óculos pretos que cobriam grande parte de seu rosto pequeno e delicado, os fones de ouvido nas orelhas e balançando a cabeça de um lado para o outro, curtindo a música que escutava. Usava seus jeans surrados e folgados, uma camisa xadrez sem mangas azul-marinho e bege, tênis Converse e o cabelo preso sob um boné de beisebol dos New York Yankees. Sentou-se no local de costume e pegou um maço de Marlboro no bolso da jaqueta; tirou um cigarro com os dentes em um gesto muito masculino. Antes que pudesse acendê-lo, um isqueiro apareceu a sua frente. Sem hesitar, abaixou a cabeça e aspirou com força.

– O que você quer? – perguntou com indiferença, sem tirar os fones de ouvido nem olhar para o dono do isqueiro. – O que quer? – repetiu.

– *Bonjour* – cumprimentou uma voz masculina.

– Ouça, se não sabe o que quer ou está tentando me pegar, esqueça e caia fora.

– Eu só disse *bonjour*...

Mas antes que ele tivesse tempo de acabar a frase, Amal voou para cima dele, pegou-o pela gola da camisa e aproximou seu rosto do dele.

– Eu disse para cair fora, amigo.

– Ok, ok. Calma – disse ele ajeitando a camisa.

– Suma daqui! – grunhiu tornando a se sentar enquanto mastigava chiclete e fumava ao mesmo tempo.

– Só queria dar isto a Mouna – explicou mostrando um saco plástico.

– Entregue você mesmo. Quem pensa que sou, sua secretária? Porra, cada uma que me aparece!

– Quando ela chega? – perguntou com educação.

– Quando chegar – respondeu Amal dando de ombros.

- Não posso esperar muito.
- Isso é problema seu – disse Amal, fungando e limpando o nariz com o dorso da mão.
- Pode lhe dizer que eu vim?
- Diga você – respondeu Amal indicando com a cabeça a moto que estava a dois quarteirões.
- Como você sabe que é ela?

Amal deu de ombros antes de aumentar o volume do som e acender outro cigarro sem deixar de olhar para a rua e balançar a cabeça ao ritmo da música.

O homem protegeu os olhos com a mão para ver se era verdade.

Alguns minutos depois, Mouna desceu da Vespa, tirou o capacete e abriu os cadeados da porta de ferro antes de fazer um gesto a Amal. Não havia notado o homem, que saíra de perto para não a assustar. Ao se afastar para que Amal entrasse, viu a SUV. “Que diabos está acontecendo?”, pensou, mas sua cabeça estava ocupada demais com as contas que estivera fazendo no dia anterior. Havia passado a noite toda revirando-se na cama pensando em como poderia economizar, sem encontrar a solução. Vivia com o dinheiro contado.

Entrou atrás de sua assistente e virou a placa para “Aberto”. Fechou a porta e deixou a bolsa no balcão antes de desabar na cadeira. Seria outro dia muito quente.

- Amal, pode ligar o ar-condicionado, por favor? – gritou.

Esperou alguns minutos, mas, como de costume, Amal não respondeu, e Mouna teve de se levantar com dificuldade da cadeira em forma de ovo. “Deus do céu, não tem jeito de sair desta situação”, praguejou em voz baixa. Uma vez em pé, viu seu reflexo nos longos espelhos descascados que ficavam de cada lado da porta e ficou horrorizada ao ver que seu vestido estava grudado no quadril e na parte de trás das coxas. Virou-se para abaixá-lo e balançou de um lado para o outro, mas não se soltou. Era um belo vestido de verão de alças muito finas, estampado com flores cor-de-rosa e roxas, mas de poliéster, e como era um pouco transparente havia posto uma anágua, também de poliéster, que aumentava a estática.

Tentou descer o vestido de novo virando para o outro lado sem parar de rebolar em direção à porta. Por fim olhou em volta para ver se Amal estava por ali e, quando não a viu, abaixou a anágua, deixou-a cair até os tornozelos e procurou na bolsa um pote de Nivea para aplicar nas coxas e se livrar da estática.

A campainha da porta tocou, e o homem cujo nariz julgava ter quebrado no dia anterior entrou com uma sacola e ficou estupefato. Mouna ficou horrorizada. Deixou cair a anágua, saiu dela com o máximo de elegância que pôde e chutou-a para trás esperando que fosse parar debaixo do balcão. Depois, alisou o vestido, recolheu uma mecha de cabelo que havia caído no rosto e foi até o homem com todo o aprumo que conseguiu reunir.

– Como está seu nariz? – perguntou ainda constrangida.

– Um pouco machucado, mas não é nada sério.

– Em que posso ajudá-lo?

– Eh...

– Como deve ter percebido, isto é um salão de beleza feminino – tentou dizer com soberba e as mãos na cintura, mas teve de olhar para cima, porque ele era muito mais alto. – Então se o que deseja é fazer a barba ou cortar o cabelo, posso lhe indicar um cabeleireiro em Centre Ville.

O homem olhou para ela fixamente, e seus lábios esboçaram um sorriso. Mouna era muito bonita, e ele adorou a paixão que viu em seus olhos quando fingia estar irritada. Ela tentou manter o olhar, mas a franca e verdadeira gratidão que viu em seus olhos fez seu rosto relaxar, e, de repente, sem querer, riu. O homem sorriu abertamente e deixou à mostra lindos dentes brancos.

– Desculpe, não quis ser mal-educada.

– Não foi nada. Tenho uma boa couraça.

Mouna se apoiou no balcão e olhou para ele. Nada mal. Seu cabelo era castanho claro, sua pele bronzeada dava a impressão de que passava muitas horas ao sol, e seus olhos eram verdes e travessos. Estava de barba benfeita, coisa incomum em um libanês, mas aparentava timidez, algo que lhe agradou muito. Usava calça cáqui e camisa branca, com os onipresentes óculos de piloto no

bolso. Na mão direita ostentava um grande relógio preto que a fez presumir que era canhoto.

Os dois ficaram se olhando sem saber o que dizer.

– Você não tem um pacote para entregar? – a voz de Amal os surpreendeu.

Mouna olhou à sua volta; ouviu-a, mas não a viu.

– Amal é minha assistente.

O homem assentiu.

– Entregue logo o pacote! – urgiu a voz incorpórea de Amal.

– Ah, sim – pegou a sacola que havia posto atrás e si e a entregou. – Vim para lhe dar isto.

Os olhos de Mouna brilharam, adorava presentes. O homem não conseguia afastar os olhos dela quando o abriu com um grande sorriso na boca. Sua alegria e entusiasmo irradiavam por todo o salão. Até Amal, de vassoura em mão, surgiu de trás de uma poltrona para ver o que havia dentro da sacola. Mouna tirou uma jaqueta azul, quase idêntica à que havia usado para o gelo, mas de uma mistura de seda e algodão mais suave, e da Zinnias, uma famosa boutique da *rue* Verdun. Ficou sem fala, colocou-a contra seu corpo e começou a girar.

– Muito obrigada, não era necessário, é muito gentil de sua parte – agradeceu olhando para o homem.

– De nada. Não pude fazer nada pela que me deu ontem.

– Era muito velha.

Amal sorriu e começou a varrer. A dura vassoura arranhou o chão enquanto ela recolhia o que havia restado do corte de cabelo de Claudine.

– Meu nome é Samir Abboud.

– Mouna Al-Husseini

No fundo do salão Amal cantarolava *La vie en rose*.

O telefone rosa no balcão tocou assim que Samir saiu.

– *Bonjour*, salão de beleza Cleópatra – atendeu Mouna, ainda sorridente por conta de sua nova jaqueta.

– Olá, aqui é Lailah Hayek.

– Ah, olá, *madame* Hayek.

– É Mouna?

– Sim.

– Eu gostaria de marcar uma hora para quinta-feira, é possível?

Mouna abriu a agenda na quinta-feira. Evidentemente, estava vazia.

– A que hora prefere, *madame*?

– Ao meio-dia?

– Perfeito, *madame* Hayek. Lavar e fazer *babyliss* como da última vez?

– Sim, por favor. Ah, pode atender Nadine Safi na mesma hora também?

“De novo!”, pensou coçando a cabeça com o lápis. “Não tenho mais ninguém o dia todo e as duas têm que vir à mesma hora.”

– *Madame* Hayek – começou, mas se conteve. – Claro, sem problema nenhum.

– Ótimo, obrigada.

Desligou e começou a rir. Talvez sua sorte estivesse começando a mudar: duas novas clientes que voltavam, uma jaqueta da Zinnias, e talvez um homem?

– Amal! – gritou enquanto ia para o fundo do salão dançando e agitando as mãos no ar.

Amal parou de varrer, apoiou-se na vassoura e olhou para ela por cima dos óculos de sol Prada falsos.

– Temos duas clientes novas que vão voltar, Lailah Hayek e Nadine Safi. Querem vir à mesma hora. Semana passada não se conheciam e agora vêm juntas.

– Incrível! – comentou Amal mordaz. – Ficaram amigas! – acrescentou antes de continuar varrendo.

Mouna voltou à recepção dançando “Badi Doob”, uma de suas canções preferidas do rádio. Consultou o relógio. Ghida e Nisrine chegariam a qualquer momento, e Claudine apareceria à tarde. O telefone voltou a tocar justo quando as duas mulheres entravam pela porta, pontualmente, discutindo por algum motivo.

– *Bonjour*, salão Cleópatra.



– Você pôs mel demais, ficaram muito doces – recriminou Ghida em voz alta.

– Não é verdade – replicou Nisrine.

– Senhoras, por favor... – interveio Mouna, para indicar que estava falando ao telefone.

– Você franziu os lábios ao provar a calda dos *awamat*.

– Estavam no ponto.

– *Mesdames* – sussurrou Mouna.

– E por que fiquei com os lábios enrugados como os seus? Vamos, reconheça. Cometeu um erro, não tem problema – insistiu Ghida.

– Um momento, *madame* – pediu Mouna colocando o fone na barriga.

– Não cometi erro nenhum – insistiu Nisrine. – Quer saber? Deixe Mouna provar e decidir.

– Senhoras, por favor. Não ouço nada – protestou Mouna.

– Ah! – exclamou Ghida, e levou rapidamente o dedo aos lábios. – Sshhh.

– Não cometi erro nenhum – repetiu Nisrine entre dentes.

– Cometeu, sim – sussurrou Ghida.

Mouna revirou os olhos, virou-se e puxou o fio o máximo que pôde.

– Desculpe, está um grande alvoroço na rua – desculpou-se.

– Costuma acontecer. Posso falar com Mouna, por favor?

– É ela.

– Olá, aqui é Imaan Sayah. Estive em seu salão para buscar uns *nammura*. Sou de Sídon.

– Sim, *madame* Sayah – cumprimentou Mouna, surpresa por ela ligar.

– Queria saber se você tem horário disponível.

Mouna não podia acreditar.

– Claro, *madame*. Quando quer vir?

– Na sexta-feira? Por volta das quatro, ou está muito ocupada?

– Em absoluto – tranquilizou-a enquanto anotava o nome.

– Obrigada. E se vir suas vizinhas, diga a elas que o *nammura* foi um sucesso.

– Direi, *madame* Sayah. Espero-a na sexta-feira – despediu-se alegremente.

Desligou, virou-se e levantou os braços.

– Amal! Amal! – gritou enquanto corria para o fundo, onde a garota estava dobrando as toalhas que havia recolhido do varal improvisado entre um encanamento e uma árvore seca no pátio dos fundos. – Amal! *Madame* Sayah vem na sexta-feira! Não posso acreditar! É a mulher que veio pegar os *nammura*!

– Talvez seja o primeiro dia do resto de sua vida – Amal se limitou a dizer de maneira prosaica, fazendo o V da vitória antes de voltar a seus afazeres.

– Senhoras – anunciou após voltar dançando –, *madame* Sayah me pediu para dizer que os *nammura* foram um sucesso na festa dela, ou celebração, ou o que quer que fosse.

Ghida e Nisrine, que continuavam provocando uma à outra, pararam de discutir.

– O quê? – perguntou Nisrine.

– Eu disse que...

– Não ouviu, velha surda? – disse Ghida. – *Madame* Sayah gostou dos *nammura*.

De repente, as duas sorriram, deram um aperto de mão e começaram a rir.

– Viva! *Al-hamdellah!* Deus é grande!

Mouna se alegrou ao vê-las tão animadas.

– Ela vai encomendar mais? – perguntou Ghida, que já havia esquecido por completo os quitutes doces demais.

– Ela não disse nada.

– Vamos ter mais trabalho? – interveio Nisrine.

– O que mais ela disse? – quis saber Ghida.

– Nada, só que dissesse a vocês que os *nammura* foram um sucesso.

– Ela vai voltar? – perguntou Ghida.

– Sim, sexta-feira.

– Nisrine, deveríamos preparar uma seleção de doces para que ela provasse – sugeriu Ghida entusiasmada.

– Senhoras, lamento, mas isto aqui é um salão de beleza, não uma confeitaria. As clientes vêm para relaxar e para arrumar o cabelo, não para ser obrigadas a comer doces.

– Mas, Mouna... – começou Ghida.

– Lamento, Ghida – disse Mouna, se mantendo firme.

– A que horas ela vem? – perguntou Nisrine aparentando desinteresse.

– Disse que ligaria para marcar assim que pudesse – interveio Amal, que havia aparecido de repente ao lado de Mouna e segurava a vassoura com firmeza.

Ghida e Nisrine se acalmaram, mas estavam decididas a descobrir quando Imaan iria ao salão. Enquanto Mouna fazia suas unhas e as penteava, elas além de lhe contar as fofocas, idas e vindas de todo mundo, tentaram sondá-la, mas a garota se negou a dizer qualquer coisa. Antes de ir, Nisrine a distraiu, enquanto Ghida virava as páginas da agenda, aberta sobre o balcão. Mas a sexta-feira estava vazia. Não havia nada escrito nem apagado. As duas mulheres saíram frustradas, mas discutindo o que iriam preparar para Imaan, certas de que descobririam seu horário. Quando fechou o salão, já à noite, Mouna percebeu que Claudine não havia aparecido. Andara tão imersa nas novidades do dia que não notara que sua senhoria não viera às duas e meia, sua hora habitual. “Que estranho”, pensou enquanto montava na Vespa. “Espero que não tenha acontecido nada. Talvez devesse ir vê-la.” Olhou o relógio: eram quase sete, tinha de comprar berinjela antes que a barraca das verduras fechasse se não quisesse ir à loja engordurada do sebo Abdallah. “Com certeza vem amanhã”, disse a si mesma antes de ligar a moto, colocar o capacete e fechar a correia. “Se não vier, vou ver como está.”

A caminho de casa, voltou a pensar no dinheiro de que precisava para pagar o imposto municipal e a licença. Não tinha muito tempo e não sabia o que fazer ou onde consegui-lo.

Entrou no empoeirado pátio do edifício, colocou o cadeado na Vespa, cobriu-a com um pedaço grosso de lona que um vizinho lhe havia dado e pegou a sacola de plástico com as três berinjelas que

sua mãe havia pedido. Subiu as escadas cansada, e notou que alguns degraus estavam desmoronando e que não havia luz. Fazia meses, alguém havia roubado a lâmpada que ela colocara em um abajur ligado a um fio que sabe-se lá a quem pertencia. Logo que se mudara para lá, substituía as lâmpadas toda vez que faltava uma, mas parou na semana em que começaram a desaparecer todos os dias.

Procurou as chaves e abriu a porta. No rádio tocava uma canção de Fairuz. Atravessou a cozinha e encontrou a tia vendo televisão, sem volume.

– *Khala!* – gritou deixando a sacola pesada em uma cadeira para fazer barulho, pois não queria assustá-la aparecendo de repente.

– Minha filha! – disse a tia enrugando o rosto em um amplo sorriso quando Mouna lhe deu um beijo na cabeça e apertou seus ombros.

– Onde está *immi*? – perguntou enquanto tirava as berinjelas da sacola.

– Faz um tempo que foi ver uma vizinha, disse que voltaria em uma hora, mas acho que já passou mais tempo.

– Quer preparar o *batinllan* enquanto isso?

– Claro.

– Ótimo, adoro o jeito que você faz.

– Você é muito boa, sempre me faz sorrir.

– Já volto. Vou lavar o rosto e me refrescar.

– Está bem. Ah, e ponha uma camisa de manga comprida. Sua mãe não gosta desses vestidos.

Mouna voltou e a beijou.

– Obrigada, *khala* – disse sorrindo. – Por que estava vendo televisão sem som?

– Sem som? – perguntou surpresa.

– O rádio estava ligado, mas a tevê estava sem voz.

– Ah! Por isso o filme não fazia sentido. Não entendi por que tocavam uma canção de Fairuz no meio de uma perseguição de carros – explicou com um grande sorriso.

Mouna começou a rir.

– Isso é porque você aumentou o volume do rádio, não da tevê – esclareceu ajustando o pequeno aparelho. – Não está muito melhor agora?

– Sim. Obrigada, filha.

De repente, a imagem começou a se distorcer, e Mouna mexeu na antena.

– O que estava vendo?

– Um filme desse ator de olhos azuis de que eu tanto gosto.

– Ah, Pierce Brosnan. Estava vendo um filme do James Bond?

– Sim, isso.

– Tem razão, acho que não teria sentido colocar uma canção de Fairuz em um filme do James Bond.

– Estou completamente de acordo – afirmou a tia com tanta seriedade que ela riu e a abraçou.

Mouna foi para o quarto sorrindo. Tirou o vestido e as sandálias, mas, antes de vestir uma calça confortável e uma camiseta folgada, colocou seu vestido azul e branco e experimentou a jaqueta nova na frente do espelho para ver como ficava. Adorou. Passou a mão por uma manga, era suave e luxuosa. Jamais tivera nada da Zinnias, e, quando recordou o rosto de Samir, sorriu timidamente e sentiu um formigamento na ponta dos dedos. Ao se lembrar de como ele ficara girando no café segurando o lenço no nariz começou a rir. Perguntou-se quando tornaria a vê-lo. Quando ele se foi, não disse nada, não pediu seu telefone nem lhe deu o seu; ainda que ela jamais fosse ser a primeira a ligar. Ao se dar conta de que talvez não tornaria a vê-lo, seu sorriso se apagou. Talvez achasse que era muito velha, mas como ia saber sua idade? Talvez não a tivesse achado bonita o suficiente, ou pensasse que não tinha classe suficiente. Meu Deus, e se for casado? A incerteza conseguiu fazer sua alegria se transformar em abatimento, e uma vez convencida de que Samir desapareceria como todos os outros, voltou à cozinha para fazer companhia à sua tia.

Hanan colocou as berinjelas cortadas em um coador e espalhou uma boa camada de sal grosso para tirar o amargor. Enquanto isso,

picou cebola e tomate e estava prestes a descascar alguns dentes de alho quando Mouna apareceu.

– Vai rechear as berinjelas, *khala*?

– Se quiser... mas pretendia fazer só com cebola, tomate e salsinha.

– Não temos nada de carne para o recheio? – perguntou abrindo a geladeira.

– Não sei, menina – respondeu sem parar de descascar o alho.

– Não – afirmou antes de se largar em uma das cadeiras pequenas e duras e apoiar a cabeça na mesa.

– Não se preocupe, vão ser berinjelas muito especiais. Veja se encontra pinhão e um pouco de *baharat*.

– Você é maravilhosa – disse Mouna sorrindo antes de ir buscá-los.

– E aproveite e traga arroz e *vermicelli*.

– Meu prato favorito! – exclamou entusiasmada.

– Lembro muito bem como você gosta. Minha visão e meu ouvido podem falhar, mas conservo a memória.

– Obrigada, *khala* – disse Mouna abraçando-a e apoiando a cabeça em seu ombro. – Hoje preciso de uma comida reconfortante.

– E vai ter. Agora venha, vamos fazer tudo antes que sua mãe chegue e comece a gritar – animou-a piscando para Mouna. – Precisa me ajudar, não posso me mexer muito.

– Do que precisa? – perguntou Mouna em posição de sentido e batendo continência.

– Ponha uma caçarola com água no fogo.

Mouna rapidamente cumpriu a ordem.

– E agora?

– Agora ajude-me a ir até o fogão, e eu continuo dali.

– Só isso?

– Só isso.

Ficaram em silêncio enquanto se ouvia o filme de James Bond ao fundo. Mouna se sentou, pôs os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça nas mãos.

– *Khala* – começou Mouna –, ficamos muito melhor...

– Sei o que vai dizer – disse Hanan, sentando-se em sua cadeira junto ao fogão e virando os *vermicelli* com manteiga.

– Mas, *khala*, ficamos muito mais tranquilas quando *immi* não está aqui. Não há tensão, não precisamos andar pisando em ovos e ninguém grita. Veja, é a mesma casa, não é que tenhamos nos mudado para um apartamento maior ou melhor, mas parece.

– Ora, Mouna – replicou Hanan, embora soubesse que ela tinha razão. Mesmo quando Fátima só ia fazer compras ou ver uma vizinha, ficavam melhor.

– O que há com ela, *khala*? Por que é assim? Por que é tão amargurada, irritada e tão intolerante?

– Mouna... – suspirou, acrescentando arroz aos *vermicelli* e pondo mais manteiga.

– E por que tem de descontar em nós? Ela se comporta como se tivéssemos feito algo errado e nos castiga gritando conosco.

– Sua mãe é uma mulher difícil... – defendeu a tia com diplomacia.

– Difícil! – Mouna explodiu. – Ela não é difícil, é impossível! É cabeça-dura, arrogante e nada razoável, e sua irritação e caráter pioram com o tempo. E não é que nós a enganemos. Eu lhe entrego todo o dinheiro que posso, e mesmo assim ela continua irritada e não agradece, como se eu passasse o dia inteiro na cama sem fazer nada. Queria ver se ela tivesse de trabalhar.

– Eu sei que você trabalha muito – afirmou Hanan incapaz de justificar o comportamento de Fátima.

– Sabe, às vezes ela se enfurece tanto e fica tão agressiva que parece que fui eu que bombardeei nossa casa, e não os israelitas.

Hanan olhou com tristeza para a sobrinha, sabia o que ela queria dizer. Não ouvia bem, mas a voz de sua cunhada era tão alta, a boca, tão biliosa e tão cheia de ressentimento, que seus olhos se enchiam de lágrimas só de imaginar como Mouna podia se sentir.

– Eu tenho medo de falar com ela. Tenho medo de lhe contar minhas coisas, abrir-me com ela, com receio de que ela me ataque, se não física, pelo menos verbalmente.

– Por que, filha? Alguma coisa a preocupa?

– Claro que sim! – gritou. – Não estamos sempre preocupadas com alguma coisa? Todo mundo tem problemas, não tem? Eu gostaria de contar a ela, explicar o que me inquieta, para que, como mãe, ela me ajudasse a encontrar uma solução. E, se não, pelo menos me tranquilizasse e me dissesse que tudo vai dar certo, mesmo que não seja verdade. Mas não posso, porque se eu lhe confessar que não tenho dinheiro para chegar ao fim do mês ela perde as estribeiras e me diz que sou uma péssima cabeleireira e que não vou conseguir ganhar a vida assim. E então, evidentemente, vai começar a se meter na maneira como me visto e em minha maquiagem, e a me ameaçar dizendo que ninguém vai se casar comigo porque sou velha demais. Depois, vai começar a chorar argumentando que se tivesse um filho não estaria nesta situação, e ele não a deixaria viver assim...

Hanan suspirou.

– É sempre a mesma coisa – continuou Mouna irritada. – Minha paciência está acabando. Já aguentei o suficiente. Faço tudo o que posso desde que viemos para Beirute e não me casei porque andei tão ocupada tentando pagar o aluguel e as contas que não tive oportunidade de conhecer ninguém. Além do mais, que diabos ela ia fazer se eu me casasse? – vociferou. – Ela realmente acha que meu marido a ajudaria quando o dote acabasse ou que lhe permitiria viver conosco?

Hanan assentiu.

– Por que ela é tão ingrata e tão hipócrita?

– Hipócrita? – estranhou Hanan.

– Sim, *khala*, hipócrita. Diz que não trabalha porque as mulheres muçulmanas nunca saem de casa, mas acha certo que eu vá trabalhar para pagar o aluguel. E – deu um soco na mesa – acha que sou uma puta por me vestir como me visto, só porque é isso que dizem as mulherzinhas de mente estreita que fingem ser suas amigas, e ela acredita. Por que não me defende? Por que não diz que ninguém ia querer arrumar o cabelo com uma mulher que cobrisse a cabeça com um lenço? Além do mais, ela não tem ideia do que essas doces meninas que moram neste prédio e usam *hiyab*



fazem quando saem de casa. Tiram os lenços e a *abaya*, e são as piores vagabundas. E ela e todas as vizinhas que acham que suas filhas são virgens e boas meninas... Pois bem, *khala*, deixe que eu lhe diga que nenhuma é.

– Acha que eu não sei? – perguntou Hanan em voz baixa. – Sei muito mais do que as pessoas acreditam. Sei que não são virgens, eu as vejo escapar à noite.

– Eu me visto deste jeito, mas não acho que seja indecente – bufou. – Pelo menos não uso minissaia nem tangas, nem camisetas sem sutiã; uso vestidos decentes, e pode ser que mostre os braços e as panturrilhas, mas não abro as pernas para o primeiro que sorri para mim.

– O que é tanga? – perguntou Hanan com o rosto enrugado, entre perplexa e divertida.

Mouna olhou para ela e se deu conta do que havia acabado de dizer. Como ela ia saber o que era? Afinal de contas, era uma muçulmana conservadora, uma xiita do sul do Líbano sentada ao lado do fogão e coberta por uma *abaya* preta. De repente, caiu na gargalhada.

– Oh, *khala* – disse com lágrimas nos olhos.

– É como uma calcinha? – perguntou ainda divertida.

– *Khala!* – exclamou Mouna, surpresa, antes de rir tanto que teve de segurar a barriga. – Meu Deus! – disse quando se acalmou. – Como você sabe?

– Posso ser velha, mas também fui jovem – disse sorrindo. – E, ao contrário de sua mãe, que acha que essas revistas norte-americanas são indecentes, eu gosto das fotografias. Não posso lê-las, mas às vezes, quando vejo uma foto interessante, entendo alguma palavra. Você devia esconder essas revistas, menina... – aconselhou. – Um dia, sua mãe estava limpando, encontrou uma *Vogue* e a jogou no lixo xingando e dizendo que era nojenta e pornográfica. Quando ela saiu, peguei-a e a folheei.

– Então foi isso que aconteceu com essa revista. Não sabia onde havia ido parar.

– Não achei indecente. Havia fotografias de mulheres de roupa íntima, acho que vi em uma propaganda.

– *Khala*, é ótima.

– O jantar está quase pronto, e sua mãe ainda não chegou.

– Quem se importa?

– Não seja mesquinha, menina, é sua mãe – repreendeu-a com doçura. – Que horas são?

– Já passa das oito.

– Ah! Deve estar vendo *Noor*. Acho que hoje vão passar dois capítulos, mas na nossa tevê não dá para sintonizar, então ela foi à casa da vizinha.

– A novela?

Hanan assentiu.

– Eu gosto.

– Eu também... É muito picante. E aquela atriz é muito sexy...

– Faz tempo que não vejo, mas tenho certeza de que continua sendo picante como sempre – comentou Mouna rindo.

– E é. Outro dia li no jornal que o líder do Conselho Superior de Clérigos a proibiu para os muçulmanos porque contradiz os princípios do Islã e fomenta o pecado.

– O que você acha? – perguntou Mouna, arqueando as sobrancelhas.

– Que ele está louco, todos estão. Eu gosto.

– Como todo mundo no Líbano. *Khala*, estou com fome, posso provar um pouco de arroz e berinjela?

– Eu também estou com fome. Por que não comemos, e Fátima se senta à mesa quando chegar?

Mouna pegou rapidamente dois pratos e os entregou à tia para que as servisse.

– Quer pão?

– *La, la, habibti*. Só arroz já é suficiente.

Mouna pegou uma grande colherada e a levou à boca. Fechou os olhos e degustou os sabores que a faziam recordar quando era pequena e corria por Sídón sem responsabilidades, sem horários, quando aproveitava o fato de ser uma menina. Era uma cozinheira

terrível e, mesmo quando seguia as receitas de Hanan ao pé da letra, sabia que não iam ficar iguais.

– Está bom? – perguntou a tia.

– Bom? É o melhor que já comi na vida.

– Você parece uma criança.

– Eu me sinto como se fosse.

– Como vai o salão?

– Se você soubesse, *khala* – suspirou soltando a colher.

– Aconteça o que acontecer, tenho certeza de que você vai achar um jeito de resolver. Alá proverá – afirmou cheia de confiança.

– Neste caso, não sei se poderá prover.

– O que aconteceu?

– Preciso de dinheiro, simplesmente. E não é para mim, como *immi* pensa, mas para renovar a licença e para o novo imposto que todos os moradores e comércios de Gemmayzeh têm de pagar. Eu gostaria de reformá-lo e arranjar novas clientes, mas para isso também preciso de dinheiro.

– De quanto precisa?

– Umas seiscentas mil libras.

– Alá! – exclamou, e fez rapidamente uma oração.

– A licença custa uma fortuna porque o quarteirão vai passar a ser residencial. Então o conselho municipal vai sugar meu sangue se eu quiser ficar ali – concluiu desanimada.

– Ouça, menina, não quero que diga nem uma palavra, especialmente à sua mãe, mas tenho um bracelete de ouro que guardei para lhe dar no dia de seu casamento, ou para uma emergência – sussurrou Hanan sorrindo enquanto tirava um pequeno saquinho de sua longa *abaya* preta. – E isto é uma emergência.

Mouna olhou para ela com lágrimas nos olhos. Não podia acreditar. Jamais teria imaginado que a tia a acabaria socorrendo. Levantou-se e, sem dizer uma palavra, abraçou-a.

– Ora, Mouna. Era para você de qualquer jeito, para que fizesse com ele o que quisesse. Mas não diga nada a sua mãe, que certamente vai se zangar.

– Não me dizer o quê? – perguntou a voz rabugenta de Fátima enquanto observava os restos de comida e sua filha chorando e abraçando Hanan. Entrou feito um turbilhão, respirando pesadamente, com os olhos semicerrados e uma careta na boca. – O que é que estão me escondendo? Você está grávida? Sim, está grávida! – respondeu a sua própria pergunta, voou para cima da filha e a endireitou com brusquidão. – Diga, vagabunda, a quem você se entregou? Quem é? – gritou sacudindo-a pelos ombros antes de lhe dar uma bofetada.

– Fátima, pare! Pare agora mesmo! – ordenou Hanan.

Mas ela não podia parar. Era uma mulher de idade que acreditava que a vida a havia enganado. Não só a haviam obrigado a se casar com alguém inferior ao que acreditava que tinha direito, como também o haviam tirado dela. Era obrigada a viver num apartamento nojento e encardido cheio de móveis de segunda mão tirados de um ferro-velho. Arrebentara suas mãos e unhas limpando, esfregando e cozinhando, e tinha de carregar nas costas uma cunhada surda e uma filha que todo mundo achava ser uma puta. Essa era a prova. A imbecil estava grávida.

De repente, Fátima sentiu alguém a empurrar para trás. Teve que soltar Mouna, que caiu no chão, e antes que pudesse perceber o que estava acontecendo sentiu uma bofetada. Quando recebeu a segunda, na outra face, também caiu, aturdida, segurando o rosto. Levantou os olhos e viu Hanan com os olhos brilhantes de fúria e indignação.

– Não se atreva nunca mais, está ouvindo, Fátima! – grunhiu com suavidade. – Não se atreva a tocá-la.

Fátima conseguiu ficar de joelhos apoiando a mão no batente da porta e estava prestes a dizer algo quando ouviu:

– E não se atreva a me dirigir a palavra enquanto não o fizer com a educação e o respeito que mereço.

Fátima se levantou com lágrimas de ódio nos olhos e levou a mão à face para aplacar o ardor.

– Vamos, menina – disse Hanan tentando ajudar Mouna, mas suas forças falharam e desabou em uma cadeira com o braço da sobrinha

nas mãos. Mouna se levantou com um sorriso apagado nos lábios.

– *Yislamo, khala* – agradeceu em lágrimas.

– Mouna – chamou Fátima com receio.

– Sim, *immi* – respondeu sem voltar o rosto.

– Você está grávida?

– Não, *immi* – disse Mouna olhando-a nos olhos.

Fátima não conseguiu sustentar seu olhar e afastou a vista.



## Capítulo 7

Jumana Chadarevian e sua filha Nina estavam dormindo quando um grande alvoroço diante da porta de sua casa invadiu seus sonhos. Era junho de 1975, na aldeia de Ras Baalbek, no vale do Beqaa, a uns noventa quilômetros a noroeste de Beirute. Jumana acordou com uma estranha sensação na boca do estômago. Olhou o relógio, ainda não eram seis da manhã. Vestiu rapidamente o roupão e foi para a porta. Quando a abriu, viu vários homens de uniforme; seu coração deu um salto. O militar no comando se aproximou dela.

- Estamos procurando Sarkis Chadarevian.
- Por quê? Quem são vocês? – replicou indignada.
- Não é assunto seu. Diga onde está.
- Não sei.
- Está mentindo.
- Não. Além do mais, quem pensa que é para vir esmurrar minha porta a esta hora da manhã e me acusar de mentir? – reagiu colérica.
- Não se faça de esperta comigo. Diga onde está Chadarevian.
- Já disse que não está aqui e que não sei onde está.
- Quando foi a última vez que o viu?
- Há alguns dias.
- É mulher dele e não sabe seu paradeiro?
- Só o que sei é que estava em Beirute.
- Pois não está mais – afirmou o homem. Jumana deu de ombros.
- Precisamos falar com ele. Voltaremos daqui a alguns dias.
- Quem são vocês?
- O Exército de Libertação da Palestina.

Jumana fechou a porta e se apoiou nela com o coração acelerado. Quem eram esses homens? Pertenciam realmente ao exército palestino ou eram sírios? Talvez fossem de alguma dessas novas milícias palestinas que financiavam e armavam os sírios. Onde estava Sarkis? Fazia dias que havia ido a Beirute. Devia ter voltado na noite anterior, mas não havia aparecido, ligado nem mandado mensagem. Correu para o telefone, mas continuava sem linha. Estava incomunicável desde o dia da partida do marido. O que podia fazer?

No Líbano reinava o caos. Fazia seis meses que havia estourado uma guerra civil, e os sírios semeavam o pânico e a confusão depois daquilo que Hafez al-Asad, presidente sírio, havia dito: "O Líbano é parte da Síria e será devolvido a ela". Pouco antes, soubera que um batalhão das forças especiais sírias entrara no Líbano pelo vale do Beqaa e que outro do Exército de Libertação da Palestina, sob comando sírio, também se encontrava na região e enfrentara o Exército libanês. Mais tropas sírias e palestinas haviam entrado pelo norte e atacavam a polícia e as forças de segurança.

– Nina! Nina! – já desperta, chamou a filha adolescente.

– Que foi, *immi*? – queixou-se Nina virando.

– Nina, acorde! Precisamos ir!

– *Immi*, não estamos em Beirute. Você mesma disse que aqui não nos aconteceria nada – murmurou antes de se enfiar debaixo dos lençóis.

– Nina, agora! – ordenou pegando uma mala embaixo da cama.

– O que aconteceu? – perguntou Nina ao notar a urgência na voz da mãe.

– Não sei, mas temos de ir.

– Não vamos esperar papai?

– Não sei... Não consigo entrar em contato com ele. Acho que as linhas telefônicas não funcionam.

– O que vamos fazer?

– Vamos para Beirute.

– Beirute? Mas não estão em guerra lá?

– Há guerra por toda parte, Nina – explicou Jumana enquanto colocava algumas coisas na mala, aliviada porque a filha não ouvira os palestinos. – *Yallah!* Depressa! Vamos partir imediatamente.

– Se vamos para Beirute, vou poder ver minhas amigas de Jounieh? – perguntou Nina, sentado-se no fusca com os pés no banco, olhando as pontas do cabelo.

– Hoje não, Nina – disse Jumana ao parar em um semáforo antes de chegar à estrada de Damasco que as levaria à capital. Não queria dizer à filha que a cidade não estava como dois anos antes, quando haviam voltado para a casa comprada com Sarkis em Baalbek quinze anos antes, depois de se mudarem de Sídon para o vale do Beqaa.

Sarkis Chadarevian, de pais armênios, nascera em 1930 em uma casinha com pomar na cidade de Anjar, no vale do Beqaa. Sua mãe, grávida de seis meses quando fugiram dos massacres turcos, chegou lá poucas semanas antes de Sarkis nascer. Os Chadarevian tiveram uma vida muito dura. Em 1945, aos 15 anos, Sarkis abandonou a escola e começou a trabalhar na divisão blindada do Exército francês. Quando os franceses aceitaram a independência do Líbano e abandonaram a região, graças à pressão internacional, ele entrou no recém-criado Exército libanês, que o enviou à fronteira meridional para supervisionar a maciça afluência de refugiados palestinos.

Em 1958, estava em Sídon quando quase houve uma guerra civil entre muçulmanos e cristãos. Camille Chamoun, presidente pró-ocidente do Líbano, pediu ajuda aos Estados Unidos, e o presidente Eisenhower enviou o exército e muitos milhares de fuzileiros navais.

Os norte-americanos defenderam o aeroporto internacional e o porto de Beirute. Sarkis e seu batalhão foram enviados a Tiro para conter qualquer distúrbio que pudesse ocorrer no acampamento de refugiados de Rashidiyeh.

Estava de patrulha com seus homens quando ouviu gritos furiosos.

– Vamos ver o que está acontecendo – disse a seus soldados.

Chegaram a um pequeno salão de chá onde dois grupos de homens separados por uma mesa de madeira capenga trocavam



gritos e insultos. A discussão foi ficando acalorada e podia explodir a qualquer momento.

– Dispersar! – ordenou Sarkis.

– Quem diabos pensa que é para se meter?

– Isso mesmo, caia fora! Não o queremos aqui! – provocou outro homem dando-lhe um empurrão no peito.

– Não precisa ficar violento. Dispersem – pediu com calma.

– Você não nos dá ordens, imbecil!

– Ok, chega. Detenham-nos. Alguns dias na prisão vão fechar a boca deles.

– Ah, é? – replicou um deles com atitude beligerante. – Vamos ver se vai nos levar para a cadeia – debochou antes de puxar uma arma e atirar nos soldados libaneses.

O caos se instalou, e houve mais tiros. As pessoas começaram a correr em todas as direções, as mulheres gritavam e pegavam as crianças que brincavam na rua, e os bebês começaram a chorar. Os dois grupos de homens tentaram se organizar aos gritos para atacar os militares.

Sarkis utilizou uma mesa como parapeito e ordenou a seus soldados que cercassem o grupo de insurgentes. Uma bala passou raspando; ao mesmo tempo que se protegia, atirou para assustá-los.

Não havia apontado para Hamdan Ossairan, que estava em uma escada na casa ao lado consertando um buraco no teto. Ao ouvir os tiros, desceu correndo; quando procurava abrigo, a bala de Sarkis o atingiu no flanco.

– Cubram-me! – gritou Sarkis ao perceber seu erro e correr para o homem que estava caído no chão. Esperava tê-lo atingido no braço, mas a bala havia entrado por baixo do tórax, na parte direita do peito. – Resista, irmão – pediu, enquanto apoiava a cabeça do homem no colo e punha a mão na ferida para conter o sangue.

– Por favor... meu nome é Hamdan Ossairan – arfou Hamdan.

– Não fale. Vou salvá-lo. Aguarde, isto vai doer.

Levantou-o e o levou à clínica da UNRWA (Agência das Nações Unidas para Refugiados Palestinos), a algumas centenas de metros,

enquanto se esquivava das balas da contenda, que havia se intensificado.

Chegou encharcado de sangue e suor. Reinava o caos na clínica, e o pessoal corria de um lado para o outro. Havia corpos por toda parte: uns gemiam, outros choravam, alguns gritavam, e outros estavam calados como mortos, literalmente. Afastou um cadáver e depositou Hamdan com o máximo cuidado possível.

– Ajudem este homem, por favor! – gritou. – Alguém ajude este homem, porra! – Baixou os olhos, Hamdan parecia prestes a falecer. – Aguarde dois minutos, irmão, por favor.

– Escute... Sou de Sídon – começou a falar com apenas um fio de voz. – Minha mulher se chama Jumana... Somos palestinos – conseguiu explicar antes de fechar os olhos.

– Não! Não morra! Não se vá!

– Por favor... Ajude minha esposa, ela é uma boa mulher – pediu com seu último suspiro, antes de virar o rosto sem vida para o lado.

Sarkis fechou os olhos, beijou o medalhão de ouro e a cruz que sempre levava ao pescoço e fez uma oração pelo homem que havia matado. “Deus! Por que sempre os inocentes morrem? Por que matamos uns aos outros? Para quê?”, pensou.

– O que posso fazer por você? – perguntou um médico com o jaleco cheio de sangue.

– É tarde demais.

– Lamento – desculpou-se, mas antes de ir olhou o cadáver. – Oh, não! É Hamdan Ossairan!

– Você o conhece?

– Sim, sua família vivia no acampamento até pouco tempo atrás. Acho que ano passado se foram para Sídon. Gente boa, muito trabalhadora, sempre disposta a ajudar. Sua esposa é uma mulher encantadora, é enfermeira.

– Ossairan, você disse? Vou procurá-los em Sídon.

Sarkis agradeceu e saiu para se unir a seus homens e tentar restabelecer a ordem no acampamento.

– Chadarevian, onde esteve? – perguntou seu superior quando apareceu mais tarde no quartel. – A situação se acalmou e preciso

que vá a Beirute como intermediário. O exército norte-americano vai permanecer um tempo no país para nos ajudar, e preciso de alguém de confiança lá, alguém que fale inglês. Você fala, não é?

– Sim, claro. Mas, senhor... pensei em tirar um dia de folga. Tenho uma coisa para fazer em Sídón, depois irei a Beirute.

– Está desobedecendo minhas ordens, Chadarevian?

– Não, senhor. Só preciso de um dia, umas horas...

– Não! – opôs o superior categoricamente. – Partirá agora mesmo. Seus assuntos vão ter de esperar.

Sarkis saudou seu superior e foi buscar o jovem soldado designado para levá-lo à capital. Este o esperava na entrada do acampamento, apoiado em um velho Jeep norte-americano. Ao ver que se aproximava, ficou em posição de sentido e prestou continência.

– Vamos – disse Sarkis, devolvendo a saudação antes de se acomodar no banco do passageiro. – Vamos parar em Sídón – apontou com voz decidida e séria.

– Eh... senhor, tenho ordens de levá-lo ao quartel de Beirute – disse o soldado com a voz entrecortada antes de ligar o veículo.

– Dirija!

– Sim, senhor.

– Para Sídón!

– Mas, senhor, tenho ordens...

– Danem-se as ordens! A partir de agora, você só obedece às minhas, soldado! – vociferou.

Os dois viajaram em silêncio até que chegaram à periferia da cidade.

– A propósito, qual é seu nome?

– Michel Aoun, senhor.

– Prazer em conhecê-lo, soldado Aoun. Não o esquecerei.

Ao entrar na cidade, Sarkis pediu que Michel checasse o motor, pois achava ter visto fumaça debaixo do capô.

– Fique aqui e faça uma revisão criteriosa do carro. Se necessário, procure um mecânico.

– Sim, senhor! – respondeu o soldado antes de deixá-lo junto às muralhas da antiga cidade medieval.

– Venha me buscar às quatro – ordenou antes de entrar no labirinto abobadado da cidade velha e caminhar a toda velocidade por seus estreitos becos e ruas retorcidas, abaixando-se nos corredores arqueados que ligavam os diferentes bairros da cidade.

Quando chegou à padaria e confeitaria Al-Kaisar, cujo dono conhecia todo mundo na cidade, já passava das duas, e Mansour Al-Kaisar estava prestes a fechar para ir almoçar.

– *Ahlan, ahlan*, irmão – saudou, feliz ao reconhecê-lo.

Era impossível não o notar. Media 1,90 metro, era muito mais alto que a média dos libaneses e pesava cem quilos. Seu abundante cabelo preto e ondulado estava sempre curto, e a barba e o bigode, bem aparados. Sua pele era branca, e seus olhos castanhos pareciam pretos. Aquela aparência imponente assustava a maioria das pessoas, mas a verdade é que era um gigante sensível e gentil que não faria mal a uma mosca. Aos 28 anos continuava solteiro, para grande consternação de seus pais.

– *Kifek?* – perguntou Mansour. – Ouvi dizer que os norte-americanos conseguiram conter o golpe contra Chamoun.

– Isso mesmo, foram de grande ajuda para reprimir as rebeliões instigadas pelos sunitas nos acampamentos de refugiados.

– Chamoun perdeu muita credibilidade? – inquiriu Mansour, colocando um pedaço de *nammura* em um prato para Sarkis.

– Creio que sim. Cruzou os braços quando o Ocidente atacou o Egito durante a crise do canal de Suez, e o escândalo dos subornos prejudicou muito sua reputação.

– Vai permanecer no cargo?

– Duvido – respondeu Sarkis antes de levar o doce à boca. – Não vai ser fácil apaziguar os muçulmanos.

– A vida continua – comentou Mansour, dando de ombros.

– Sim – concordou Sarkis, sorrindo antes de tomar um gole de café. – Conhece uma família xiita chamada Ossairan?

– Sim, muito bem. São palestinos, vieram em 1948, após perder tudo em Acre. Os dois irmãos, Hamdan e Amr, chegaram dois anos

antes, e depois vieram os pais e os outros dois filhos, Hussain e o mais novo, Hasan. Ficaram um tempo no acampamento de refugiados de Rashidiyeh. Montaram um negócio de construção dentro do acampamento para reformar e construir casas para os refugiados. Economizaram e, há um ano mais ou menos, se mudaram daqui e compraram duas casas na cidade velha, perto da rua dos carpinteiros – informou Mansour antes de acabar o café. – Por que pergunta?

– Preciso vê-los.

– Por quê?

– Um dos irmãos, Hamdan, morreu hoje.

– Alá! – exclamou Mansour pegando rapidamente o rosário. – Isso é terrível. Como aconteceu?

– Ele estava arrumando uma goteira em um telhado quando estourou uma briga entre um grupo de homens exaltados em um salão de chá. Ele tentou se proteger, mas uma de minhas balas o atingiu. – Fez uma pausa para recuperar o fôlego. – Foi um acidente. Se ele tivesse se agachado... – Mansour suspirou. – Fiz todo o possível para salvá-lo.

– Não foi culpa sua, Chadarevian.

– Preciso dar a notícia à família – explicou Sarkis olhando o relógio. – Eu não podia estar aqui. Mandaram-me para Beirute. Se o comandante souber, vai me mandar para o conselho de guerra.

– Entendo, não direi uma palavra – garantiu enquanto rabiscava o endereço em um pedaço de papel.

Sarkis agradeceu o café e o doce e deixou algumas moedas no balcão.

– Não, Chadarevian, hoje não – Mansour rejeitou o dinheiro. – *Allah ma'aak*. Que Deus o proteja.

Sarkis sorriu e saiu. Enquanto percorria os becos, perguntou-se por que a morte de Hamdan o havia afetado tanto. Havia visto centenas de homens morrerem diante de seus olhos, homens em quem havia atirado e matado por terem-no atacado. Era a lei da guerra. Viver ou morrer, mas sempre lutar para sobreviver. Jamais se comportara como naquela manhã. Por que correra para ajudar

Hamdan? Talvez porque ele não tivesse feito nada de errado, não o havia atacado nem o ameaçado ou a sua família.

Chegou à rua dos carpinteiros com o coração batendo a toda velocidade e tentou se preparar para a terrível dor que ia causar a essa família, que, de acordo com todo mundo, era composta de pessoas honradas e decentes. Bateu em uma pesada porta de madeira. Não houve resposta. Olhou o relógio, eram duas e meia. Estariam almoçando? Dormindo? Voltou-se sem saber o que fazer.

– Pois não? – perguntou uma voz feminina, e ele se surpreendeu por uma mulher atender.

Virou-se e, pela abertura quadrada de sua veste, viu um par de olhos castanhos que o observavam inquisitivamente. Eram honrados e francos e esperavam com paciência que ele respondesse.

– Sinto muito incomodá-la – desculpou-se antes de tirar a boina e apertá-la nas mãos. – Estou procurando a família Ossairan.

– Sim – repetiu a mulher, dando a entender que estava no lugar certo. – Algum problema? Aconteceu alguma coisa? – perguntou, e, de repente, o medo embaçou seus olhos.

Sarkis nunca entendeu como soube que era Jumana Hamdan Ossairan. De repente, sentiu uma premente necessidade de protegê-la, de derrubar a porta, aproximar-se dela, cercá-la com seus grandes braços robustos, deixar que chorasse em seu peito e apertá-la contra si enquanto soluçava.

– Estou procurando *madame* Hamdan Ossairan – disse com seriedade.

Os olhos de Jumana se encheram de lágrimas. Sabia que seu marido estava morto. Abriu a porta, afastou-se para o lado e deixou que Sarkis entrasse no pátio.

– Espere, por favor.

Entrou na casa de pedra e voltou amparada por outras duas mulheres que, como ela, usavam *abaya* e *hiyab*.

– Eu sou Tala Ossairan – apresentou-se uma delas –, esposa de Amr, o primogênito, e esta é Zainah, esposa de Hussain Ossairan, o terceiro filho – disse indicando uma mulher que estava do outro lado

de Jumana. – E esta é Jumana, esposa de Hamdan. – Sarkis saudou a todas com um gesto de cabeça. – O que deseja?

– Meu nome é Sarkis Chadarevian, sou sargento do Exército libanês. Estamos posicionados em Sídon, mas hoje nos enviaram a Tiro, ao acampamento de Rashidiyeh. Fomos informados de que poderiam ocorrer distúrbios.

– Ele está morto, não está? – perguntou Jumana olhando para ele. Sarkis baixou os olhos para a boina e franziu os lábios sem saber o que responder. – Meu marido, Hamdan, está morto, não é? – repetiu perfurando-o com seu olhar.

Sarkis assentiu.

– Foi um acidente, *madame*. Sinto muito.

Fez uma pausa e esperou os gritos, uivos e urros de dor e sofrimento. Mas aquelas mulheres não deixaram escapar som algum, nem sequer um soluço. Olhou nos olhos cheios de lágrimas de Jumana.

– O senhor atirou nele, não é? – perguntou, aproximando-se dele.

Sarkis assentiu, incapaz de continuar olhando para ela.

Jumana se virou, mas suas pernas falharam, e as duas cunhadas se colocaram imediatamente ao seu lado. Ela recuperou o equilíbrio, dirigiu-se a um pequeno banco de pedra em um canto de sombra do pátio empoeirado e se sentou. As lágrimas começaram a correr em silêncio por seu rosto e molharam o lenço que cobria seu nariz e suas faces.

– Obrigada por nos informar. Por favor, vá embora – disse Tala Ossairan abrindo a porta que dava para a rua.

Sarkis recolocou a boina, despediu-se da mulher e saiu. Queria ter lhe perguntado se podia ficar, se podia compartilhar sua dor, participar dos quarenta dias de luto, ou se podia fazer alguma coisa por Jumana. A simplicidade, generosidade e delicadeza que seus olhos transmitiam o haviam cativado. Havia se portado com dignidade, não gritara nem desmaiara. Não quisera se mostrar vulnerável ou fraca. Tinha orgulho e era forte. Quis voltar, bater à porta, suplicar que o perdoasse, dizer quão mal se sentia por ter destruído sua vida. Mas não pôde.

Quando chegou a Beirute, várias horas depois, ordenou a Michel Aoun que providenciasse imediatamente que o corpo de Hamdan fosse levado à sua casa no dia seguinte, para que a família o pudesse lavar e enterrar. Era o mínimo que podia fazer antes de ocupar seu novo cargo.

Durante os seis meses seguintes, trabalhou como intermediário entre o exército libanês e o norte-americano, fez amizade com os oficiais, conquistou a confiança deles e demonstrou ser um digno aliado, e se entrosou especialmente com Robert Murphy, um poderoso diplomata enviado como representante pessoal do presidente Eisenhower, e Jim Quinn, um agente da CIA alocado na embaixada norte-americana de Beirute para espionar as forças subversivas que operavam no Líbano com o apoio do Egito.

Quando as tropas norte-americanas se retiraram, no final de 1958, Murphy propôs que fosse a Washington com ele, mas Sarkis preferiu voltar ao seu antigo posto em Sídon.

Em um sábado de janeiro de 1959, Sarkis Chadarevian foi à casa de Michel Aoun, que havia sido promovido a cabo, para um almoço em homenagem à sua mulher, Gisele, que havia tido um filho. Como o compromisso era às duas, passeou pelo mercado e passou a manhã jogando gamão e tomando chá com um conhecido antes de ir à padaria de Al-Kaisar pegar os doces que levaria à festa.

Naquela manhã havia decidido ficar elegante e vestira o único terno que tinha. Era cinza, com a calça justa na cintura, assim como o paletó cruzado. Usava uma camisa branca do exército, gravata bordô, sapatos pretos que havia limpado e meias da mesma cor. Aparou o bigode e a barba e penteou o cabelo para trás com brilhantina. Como toque final, aplicou um pouco de loção pós-barba Old Spice. Quando se olhou no pequeno espelho do banheiro do quartel achou que estava bastante apresentável.

Caminhou a passos rápidos e aproveitou o passeio. Apesar de ser inverno, o tempo estava bom, e soprava uma agradável brisa marinha que vinha de Castillo del Mar. Ao dobrar uma esquina, deu de cara com uma mulher, e a caixa marrom de doces que levava saiu voando pelos ares. Uma verdadeira chuva de *baklawa*, *nammura*,



*burma* e *mamul* caiu sobre eles. Sujou seu terno e cobriu o cabelo, a barba e o bigode de pistache, nozes, tâmaras, sêmola, amêndoas e mel. Olhou-se e não pôde acreditar. “E agora, o que faço?”, pensou. Tentou se limpar, mas, quanto mais esfregava, pior ficava.

A mulher deu uma risadinha e levou o véu à boca para não o ofender. Mansour, que estava na porta da padaria, começou a gargalhar.

– Desculpe, sargento Chadarevian – disse uma voz por trás do véu.

Sarkis olhou para ela e se perguntou quem poderia ser.

– Eu a conheço, *madame*? – perguntou feito um trapo. Sabia que teria de ir ao quartel e vestir um uniforme.

– Já nos vimos antes – afirmou através do véu. – Eu sou Jumana Ossairan.

– *Madame!* – disse Sarkis prestando continência.

– Sargento Chadarevian, não faço parte do exército. Não precisa prestar continência.

Sarkis estava confuso. Não sabia o que dizer ou fazer. Aquele encontro o pegou de surpresa. Mas o que o surpreendeu ainda mais foi quanto lhe agradou tornar a vê-la; seu coração batia como nunca.

– Sim, claro, *madame* Ossairan.

– Se me permite, preciso voltar para casa.

– Claro, *madame* – disse, movendo-se para o lado e observando enquanto ela se afastava com a sedosa *abaya* flutuando à sua volta. Quando ela virou a esquina, ele entrou na padaria de Mansour, que voltou a rir até as lágrimas saltarem de seus olhos.

– Que tal, pequeno *mamul*? – brincou.

– Deixe de brincadeira ou vou pular o balcão e torcer seu pescoço.

– É uma mulher lindíssima.

– O quê? Já a viu sem véu?

– Sim! Do jeito que você gosta – Mansour continuou debochando dele.

– Já chega, Mansour! Você sabe o que aconteceu, eu matei o marido dela.

– Isso faz meses, e, além do mais, vou lhe contar um segredo – sussurrou Mansour apesar de a loja estar vazia. – Dizem que não se dava muito bem com Hamdan.

– Por quê?

– Era um casamento arranjado, e não tinham filhos.

– Quando vai poder me fazer uma caixa com os doces que deixei cair?

– Para você, segunda-feira.

– E por que não hoje à tarde?

– Não posso, não tenho os ingredientes.

– Ok, tudo bem. Segunda-feira de manhã.

– Assim vai poder levá-los aonde ela trabalha, em vez de à casa dos Ossairan.

– O quê? Ela trabalha? Onde?

– Ahá! – brincou Mansour animado.

– Pelo amor de Deus, diga-me!

Mansour começou a rir e a esfregar as mãos, entretido com a situação.

– Juro que vou torcer seu pescoço.

– Querido Sarkis, você não sabe? – perguntou o padeiro, inclinando-se no balcão. – Ela é enfermeira, trabalha na clínica do seu quartel. É estranho que nunca a tenha visto.

Segunda-feira de manhã, Sarkis chegou à padaria às oito em ponto.

– Chadarevian! – cumprimentou Mansour, que levava duas bandejas de pão e *manush* recém-preparados para a longa fila que esperava. – O que está fazendo aqui?

– Você prometeu que faria os doces para *madame* Ossairan.

– Eu disse de manhã, não às oito. Antes preciso atender a todas as pessoas que querem pão. Os doces vão ter de esperar.

– Mas, Mansour, ela entra na clínica às nove, e quero deixar a caixa lá antes que ela chegue.

– Impossível, Sarkis, impossível. Ah, *marhaba, madame*. Sim, claro, quantos quer? *Sabah al nur, kifek?* – disse Mansour, voltando-se para seus clientes.

Quando apareceu com uma caixa na mão, cabelo e bigode brancos de farinha e o avental com manchas verdes e marrons de pistache e tâmaras já eram onze horas.

– Aqui está. Nunca trabalhei tão rápido na vida – bufou pesadamente com o rosto vermelho.

– Obrigado, amigo – disse Sarkis, deixando várias notas de cem libras no balcão.

– Vá com Deus.

– *Allah Ghalib.*

Sarkis apertou o passo rumo ao quartel com a caixa que Mansour havia amarrado com uma fita vermelha. Foi direto para o pequeno edifício branco onde estava instalada a clínica. Lá dentro havia um médico e duas enfermeiras, e outra na recepção, ocupada com um monte de papéis. Como ia reconhecê-la sem nunca tê-la visto sem *hiyab*?

– *Madame Ossairan* está?

A enfermeira levantou os olhos; não era Jumana.

– Não, a enfermeira Jumana não veio ainda. Posso ajudar em alguma coisa?

– Não, obrigado. A que horas ela chega?

– Hoje é seu dia de folga – explicou depois de consultar umas folhas presas em um prendedor de papéis.

– Ah! – exclamou ele antes de se virar para sair.

– Quer deixar um recado? – perguntou a enfermeira, curiosa para saber por que queria vê-la e o que havia na caixa.

– *La, yislamo.*

Uma vez lá fora, parado em frente à clínica sob o sol com uma caixa de doces na mão, perguntou-se o que podia fazer. Estava prestes a ir embora quando a enfermeira da recepção apareceu.

– Sargento! É possível que ela venha hoje à tarde – disse depois de correr até ele. – Quer que eu guarde a caixa?

– Muito obrigado.

Naquela tarde, Jumana estava trocando o curativo de um jovem soldado quando uma explosão sacudiu as paredes da clínica. As enfermeiras correram para preparar leitos vazios, macas, bandagens,

álcool, desinfetante, seringas, iodo e algodão. Mal haviam acabado quando as portas se abriram e chegaram os primeiros feridos. Jumana e as outras duas enfermeiras determinaram quais precisavam de atendimento com maior urgência. Jumana foi de leito em leito. A maioria dos homens apresentava ferimentos, mas não tão graves quanto o som da explosão a havia feito acreditar.

– Como está o resto? – perguntou um dos feridos.

– Todos têm muitos ferimentos, mas podemos tratá-los. Não vi nada grave – tranquilizou-o.

– Graças a Deus.

– Sabe o que aconteceu? – perguntou alguém.

– Só ouvimos uma grande explosão – respondeu Jumana meneando a cabeça.

– Com certeza foram os muçulmanos, que queriam mandar uma mensagem ao governo – especulou outro.

– Sim, mas Chamoun não está mais no poder e achei que preferiam Chehab – comentou outro.

– Sim, mas certamente é um grupo radical que quer chamar atenção – sugeriu o primeiro soldado.

– Logo vamos saber o que aconteceu exatamente – concluiu Jumana.

Quando percorria o corredor para anotar o estado de cada ferido, viu a corpulenta figura de Sarkis em um dos leitos. Seu rosto estava queimado, os olhos, inchados, tinha um corte profundo na testa, e a camisa e calça estavam encharcadas de sangue. Sua aparência era péssima; estava pálido. Quando tomou seu pulso, notou sua pele fria e suada, e viu que seu coração batia de maneira irregular.

– Doutor El Hajj, venha rápido! – chamou enquanto punha o estetoscópio no peito de Sarkis.

– O que foi, enfermeira?

– Este parece grave.

– Zeinab! – chamou uma das enfermeiras. – Solicite um helicóptero, precisamos levar este homem para Beirute. Precisa ser operado imediatamente. Enquanto isso, Jumana, prepare-o caso tenhamos de operá-lo aqui.

Jumana assentiu. Cortou a camisa de Sarkis e meneou a cabeça ao estudar os ferimentos. Havia estilhaços alojados em um braço, no peito e possivelmente em todo o corpo. Tinha uma hemorragia interna, e o sangue encharcava a gaze e o algodão que Jumana havia colocado na ferida aberta no flanco. Pensou que ele não sobreviveria. Tudo dependia de quão rápido chegasse o helicóptero.

– Doutor! Doutor! O helicóptero não chegará antes de uma hora. Houve outra explosão em Tiro, e estão tirando gente de baixo de um edifício – informou Zeinab.

– Só temos um helicóptero? O que é isto, um exército ou um circo? – queixou-se, mas levou apenas um segundo para decidir. – Jumana, vou operá-lo. Zeinab, alguém precisa de atendimento imediato?

– Há outros, doutor, mas nenhum dos ferimentos apresenta gravidade. Yousra e eu podemos cuidar deles.

– Muito bem. Vamos, Jumana.

Jumana ia colocar um acesso no braço de Sarkis, quando ele se mexeu e abriu os olhos.

– Desculpe, machuquei você? Estava tentando encontrar uma veia boa.

– Dói – disse Sarkis quando Jumana tentou de novo.

– Não se mexa, por favor.

– Soldado – chamou o médico, que estava ao lado enquanto Jumana empurrava a maca rumo ao centro cirúrgico improvisado. – Soldado, está me ouvindo? Aumente a dose e coloque a máscara de óxido nítrico. Este homem é um touro – disse enquanto verificava se tinha o instrumental necessário e bastante gaze.

Sarkis se voltou para Jumana quando ela injetou mais tiopental no acesso.

– Deixe-me ver seu rosto. Se eu morrer, gostaria de recordá-lo.

– Você não vai morrer, e estarei a seu lado quando acordar – garantiu Jumana para tranquilizá-lo.

– Por favor, só vi seus olhos... – foi a última coisa que conseguiu balbuciar antes que a anestesia fizesse efeito, e Jumana colocasse a máscara.

O doutor El Hajj salvou a vida dele. Sarkis estava ao lado da bomba que explodiu. Quando acordou, o médico lhe disse que tinha tido muita sorte. Se estivesse uns centímetros mais perto, não teria se salvado. Sarkis agradeceu enquanto o médico anotava algo no prontuário que ficava pendurado no pé da cama.

– Posso me sentar? – perguntou pelo lado da boca que não estava enfaixado.

– Sim, claro – disse o médico acionando a alavanca que levantava a cabeceira –, mas não se mexa muito, só se tiver de ir ao banheiro. As enfermeiras já vêm para trocar os curativos e tirar sua temperatura. Também deixei anotado que observem sua reação ao analgésico. E, por favor, coma – pediu sorrindo. – Faça o que mandarem e não discuta, especialmente com Jumana. Ela é inflexível.

Sarkis tentou sorrir, mas as faixas no olho direito e na lateral do rosto o impediram, de modo que se limitou a levantar o polegar.

– Ela é uma excelente cozinheira. Se você se comportar direitinho, talvez ela lhe prepare algo durante sua estadia.

– Por quanto tempo terei de ficar aqui? – resmungou Sarkis quando o médico já se afastava com um monte de papéis debaixo do braço.

– Pelo menos quatro semanas. Vai depender da velocidade de sua recuperação.

Sarkis olhou a sala, era ampla e luminosa. Sua cama ficava ao lado de uma janela que dava para um pequeno jardim. Viu flores, plantas e até uma abelha e uma borboleta amarela revoando, cujas finíssimas asas capturavam a luz do sol.

As paredes estavam pintadas com uma relaxante cor de pêssego claro; o console da lareira e os batentes das janelas e da porta eram brancos. De um lado da cama havia um suporte para o soro e do outro um criado-mudo branco com um abajur, uma jarra de plástico com água e vários frascos com diversos comprimidos. Na parede distinguiu um aparador alto também branco com um vaso cheio de flores. As outras cinco camas estavam separadas por cortinas que permitiam um pouco de privacidade.

“Não é ruim. É mais bonito e amplo que o do quartel”, pensou.

Nesse momento surgiu uma mulher que, ao ver que estava acordado, se aproximou e leu as anotações do doutor El Hajj. Olhou para ele um segundo e tornou a baixar os olhos para o papel. O coração de Sarkis se acelerou. Apesar de estar com um olho vendado, reconheceu Jumana. Usava uniforme de enfermeira: saia longa e ampla, camisa e sapatos confortáveis, tudo branco. Usava uma touca sobre um lenço branco que cobria quase todo seu cabelo e as orelhas, como uma freira, e um estetoscópio no pescoço.

Com uma mão no bolso e a outra no estetoscópio, ela se aproximou pelo lado esquerdo da cama, onde podia ver com clareza.

– Como se sente?

– Bem.

– Eu disse que você ia sobreviver – comentou ela, enquanto pegava um termômetro em uma bandeja prateada e o colocava na boca de Sarkis. – Não fale, ou não saberemos se está com febre. – Levantou o punho dele para tomar o pulso.

Sarkis se sentia um pouco constrangido, porque sabia que ela perceberia que seu coração estava acelerado.

– Ótimo, está normal – disse ela com um sorriso irônico nos lábios. – Incline-se para a frente para eu ajeitar os travesseiros.

– Obrigado.

– Precisamos trocar seu curativo. – Pegou a bandeja e a deixou em uma mesa aos pés da cama para não se esquecer de desinfetá-la. – Agora não posso, mas vou mandar outra enfermeira.

– Quando terá tempo?

– Daqui a duas horas.

– Precisa trocar os curativos agora mesmo?

– Não, estão bastante limpas.

– Então, por que você mesma não troca depois? – perguntou, colocando a cabeça de lado, jocosamente.

– Vou ver – disse ela sorrindo antes de ir.

Sarkis se recostou nos travesseiros. Então, essa era Jumana Ossairan. Fechou os olhos e memorizou o rosto que havia sorrido depois de tomar seu pulso. Era uma mulher bonita e de semblante

sério. Tinha pele escura, e pela mecha que escapava da touca imaginou que devia ter cabelo escuro e cacheado. Falava com os olhos, grandes e escuros, emoldurados por longos cílios e fartas sobrancelhas pretas que expressavam todos os seus sentimentos. Perguntou-se como ficava quando ria.

Menos de cinco minutos depois, Jumana voltou.

– Desculpe, esqueci de agradecer pelos doces. – Sarkis fez um gesto com a mão querendo dizer “não foi nada”. – Estavam deliciosos, especialmente os *burma*.

– Fico feliz, porque senão teria de dar um chute no grande traseiro de Mansour.

Jumana riu. Sarkis era como ela havia imaginado: grande, risonho e sincero.

– Vou vê-la mais tarde?

– Com certeza, só depende do trabalho.

“*Haraam!*”, pensou. Queria que ela voltasse, que se sentasse ao seu lado, que conversasse com ele e trocasse seu curativo.

Duas horas depois entrou Zeinab, a enfermeira que estava na recepção quando ele perguntara por Jumana.

– Onde está a enfermeira Ossairan?

– Está com o médico – explicou ela se aproximando com uma bandeja cheia de bandagens, tesouras, unguento e material de primeiros socorros.

– Gostaria que ela trocasse os curativos.

– Ela não pode – replicou mal-humorada.

– Então prefiro não trocar.

– Preciso trocar. Temos de manter os ferimentos limpos.

– Jumana trocará quando tiver tempo.

– Não vai ter – insistiu ela em tom condescendente.

– Vou esperar.

– Você é quem sabe – disse Zeinab anotando algo no prontuário.

– Vou ter de informar o doutor El Hajj sobre seu comportamento insolente.

– Eu não disse nenhuma insolência.

– O que disse parece implicar que não estou qualificada.



- Eu não disse nada disso – respondeu ele quase rindo.
- De qualquer maneira, foi insolente – afirmou ela com arrogância antes de ir.

Não sabia quantas horas havia dormido, mas deviam ter sido muitas, porque a luz do sol havia mudado. Parecia ser à tarde. Abriu o olho e olhou a sua volta. Ao ouvir a porta, fingiu estar dormido. Jumana colocou a cabeça para dentro e entrou sem fazer barulho com um buquê de flores frescas para substituir as murchas. Saiu do quarto e, segundos depois, bateu e entrou com atitude profissional e eficiente, e as mãos cheias de todo o necessário para trocar o curativo.

Sarkis fingiu acordar.

- Desculpe tê-lo acordado, mas precisamos trocar os curativos – explicou Jumana enquanto se aproximava com uma tesoura.
  - Obrigado por se lembrar de vir.
  - Zeinab é uma boa enfermeira – disse ela afastando a gaze com cuidado.
  - Tenho certeza de que é.
  - Então, por que foi insolente?
  - Não fui.
  - Por que não a deixou fazer seu trabalho? – perguntou, enquanto jogava a bandagem em um balde.
  - Porque eu queria ver como você faz.
- Jumana sorriu.
- Sou muito exigente em questão de bandagens.
  - Ah, é? É exigente com alguma outra coisa? – ela quis saber sem olhar nos olhos dele.
  - Não, só com as enfermeiras que trocam as bandagens.
  - Você deve ter muita experiência – comentou Jumana, soltando uma risadinha.
  - Sim, sou especialista.
  - Vou me lembrar disso – disse ela olhando o curativo do olho e da parte direita do rosto.
  - *Madame Ossairan...*
  - Aqui vai ter de me chamar de enfermeira Jumana – ela corrigiu apontando para a placa no bolso da camisa.

– Enfermeira Jumana, quero agradecer.

– Por quê?

– Por salvar minha vida.

– Só fiz o meu trabalho.

– Sim, mas eu atirei em seu marido... Foi um acidente, eu sei, mas foi minha bala que o matou. – Jumana ia dizer algo, mas Sarkis meneou a cabeça para que o deixasse continuar. – Quando me dei conta do erro, tentei salvá-lo, mas não consegui. Fui descuidado, não cumpri minha tarefa. Um soldado deve proteger as pessoas, defendê-las, não matá-las. Ele morreu porque eu não encontrei uma enfermeira ou um médico que cuidasse dele. Se tivesse encontrado, talvez o tivessem salvado, como você me salvou. Fazia muito tempo que queria lhe dizer isso.

Jumana ficou em silêncio, concentrada nos ferimentos.

– Então, acha que quando o vi ferido devia tê-lo deixado morrer porque atirou em meu marido sem querer e não encontrou ninguém em um acampamento mal equipado que cuidasse dele?

– Sim.

– Acha que eu devia tê-lo deixado morrer para me vingar? – perguntou sem fazer rodeios. Sarkis permaneceu calado. – Quando me tornei enfermeira, jurei salvar vidas, não acabar com elas, não importa o que eu sentisse, pensasse, ou o que os pacientes tivessem feito. Disse que não cumpriu sua tarefa porque, em vez de defender quem havia jurado defender, você o matou. Se eu tivesse deixado que morresse, também não teria cumprido a minha, não acha? – Continuou trocando as bandagens em silêncio. – Além do mais, acho que cumpriu, sim. Você é um soldado e deve defender seu país e seus cidadãos diante de ameaças e invasões. Como ia saber que Hamdan não representava uma ameaça?

– Porque não representava.

– Sim, mas você sabia naquele momento? – Sarkis olhou para baixo sem saber o que dizer. – Foi um erro, sargento, nada mais. Foi difícil superar, mas consegui. Sofri, chorei sua morte e o deixei ir. – Colocou a bandeja com as bandagens encharcadas de sangue junto

à porta e voltou para recolher o resto dos instrumentos. – Se não se deixa o passado para trás, não se pode avançar.

– Mas não devemos esquecê-lo– argumentou Sarkis. – Não se pode trancar o passado e jogar a chave fora.

– Não foi isso que eu quis dizer. Claro que podemos recordar; na verdade, devemos recordar, e aprender com ele. Com tudo de ruim que nos acontece, podemos aceitar, compreender o que aconteceu e por quê, e seguir em frente. Como poderíamos avançar se continuássemos vivendo no passado e cometendo os mesmos erros que nossos pais, avós, bisavós e seus antepassados? Como enfermeira, aprendemos que a morte faz parte do ciclo da vida, e você, como soldado, deveria saber que a morte é parte integrante das responsabilidades de seu cargo. – Olhou para ele e se afastou para observar as bandagens. – Agora a perna, tire os lençóis – pediu com as mãos na cintura.

De repente, Sarkis sentiu vergonha. Mas, mais que envergonhado, se sentia constrangido pelo que não conseguia esconder debaixo da fina camisola do hospital. Começou a se retorcer e a deslizar para baixo da roupa de cama. Jumana entendeu o que estava acontecendo e dobrou a manta branca sobre a perna direita dele, segurou-a entre os joelhos e trocou rapidamente os curativos da perna esquerda.

– Pronto!

– Enfermeira Jumana, disseram-me que você é uma excelente cozinheira – comentou ele para mudar de assunto.

– Quem disse? – estranhou ela rindo.

– Muita gente. Faria um *mulladarah* algum dia?

Jumana sorriu. Aquele grande soldado parecia uma criança.

– Esta noite vou lhe trazer o jantar normal, sargento. Amanhã... veremos.

– Obrigado. Ah, enfermeira Jumana – ela se voltou e sorriu –, se importaria de me chamar de Sarkis?

– Não, se você me chamar de Jumana.

Sarkis ficou quatro semanas se recuperando dos ferimentos, durante as quais passou muito tempo com Jumana. Ela escondeu aquele

florescente relacionamento de sua família, ciente de que não a entenderiam. Para eles, Sarkis era o assassino de seu marido. Mas, em outubro de 1960, descobriu que estava grávida. A princípio duvidou que estivesse, porque Hamdan a havia convencido de que sua falta de herdeiros se devia a um problema. Então, quando soube com certeza, ficou louca de alegria.

Sarkis insistiu em ir falar com Ali, o sogro dela, para pedi-la em casamento, mas Jumana se opôs.

– Não faça isso, por favor – suplicou.

– Por quê?

– Porque não só ele não acredita que você atirou acidentalmente no filho dele, como também...

– Eu lhe explicarei – a interrompeu.

– Ele nunca vai acreditar – garantiu ela, agarrada à camisa dele para convencê-lo. – Você é sargento do exército libanês, que acata as ordens de um presidente maronita cristão. Você é armênio libanês e cristão ortodoxo, e o acidente aconteceu em Rashidiyeh, um acampamento de refugiados da Palestina famoso por fomentar o nacionalismo palestino e organizar ataques surpresa a Israel. Além do mais, somos muçulmanos, xiitas.

Ele se sentou com as mãos de Jumana entre as suas e levantou os olhos.

– Não vou renunciar a você. Você é a mãe de meu filho, e para mim estamos casados. Sei que aos olhos de Deus, aos seus e aos meus também estamos.

– Sarkis...

– Vou me casar com ou sem a permissão dele.

– É minha família.

– Não – corrigiu-a. – É a família de seu marido.

– Sim, mas quando me casei com Hamdan tornaram-se minha família.

– Mas eles não têm direitos sobre você.

– Sarkis – disse ela sentando-se no chão de frente para ele –, não tenho outra opção, eles são minha única família. Não sei onde está a minha. Fomos separados em 1948, e não sei o que aconteceu com

eles. Tive sorte de minha prima Hania me encontrar e propor que eu me casasse com seu filho.

– Assim, como eles a encontraram, você se sente em dívida para com eles pelo resto da vida?

– Você nunca vai entender... Sem eles estou completamente sozinha. Se acontecesse alguma coisa, eu não teria a quem recorrer – explicou Jumana, baixando os olhos e balançando a cabeça.

– Você tem a mim, sempre estarei com você – afirmou Sarkis, levantando-lhe o queixo.

Sarkis foi ver Ali Ossairan, que, inexpressivo, sereno e calado, ouviu seu pedido enquanto fumava um narguilé. Depois houve um silêncio constrangedor, só interrompido pelo contínuo ruído das borbulhas, até que Ali pediu que lhe levassem chá. Também chamou seus dois filhos. Sarkis esperava respeitosamente diante dele. Sem sequer olhar para Sarkis, Ali disse ao primogênito, Amr, que o acompanhasse até a porta e a Hussain que comunicasse a Jumana que era livre, que podia pegar suas coisas e ir embora imediatamente.

– Diga a ela que quando chegar à rua não olhe para trás, que nos esqueça e não nos escreva, nem ligue, nem volte. Diga que jamais a receberemos nesta casa – pronunciou com voz carente de emoção e olhos inescrutáveis.

Sarkis e Jumana se casaram em uma cerimônia civil celebrada pelo prefeito de Sídon antes de se mudarem para Beirute, onde, em 1961, Jumana teve uma filha que recebeu o nome de Nina.

Sarkis continuou no Exército e fez alguns trabalhos esporádicos para complementar sua renda até que um dia, inesperadamente, encontrou seu velho amigo da CIA, Jim Quinn, que tomava chá com o homem de confiança de Yasser Arafat, presidente da Organização para a Libertação da Palestina.



## Capítulo 8

Jumana e Nina seguiam em silêncio, até que a garota, cansada de olhar as pontas do cabelo, tentou achar alguma emissora de música no rádio.

– *Immi*, por que não acelera? Até as lesmas andam mais rápido. – disse, mas Jumana permaneceu calada. – Já que não posso ver meus amigos em Beirute, vamos àquela loja de que eu gosto tanto ver se eles têm alguma camisa nova?

– Você não sabe que o país está em guerra? – perguntou Jumana com expressão de surpresa.

– Sim, mas isso não quer dizer que todas as lojas precisam estar fechadas. Não há pausas, quando não lutam, e as pessoas podem fazer compras? Senão, como iam conseguir comida e coisas?

Jumana suspirou. Nina era uma típica adolescente. Não conhecia as penúrias da guerra, por enquanto. Vivera confortavelmente em uma bela casa em Jounieh, a poucos quilômetros do centro de Beirute, e frequentara um bom colégio de freiras francesas.

– Em Baalbek não há nada para comprar, é muito chato – comentou Nina.

– Entendo que tenha 14 anos e que, de repente, se sinta interessada por cabelo, maquiagem e até garotos, mas...

– Sei, *immi*, quando você tinha minha idade atravessou escondida a fronteira palestina, não tinha sapatos, só a roupa do corpo, não tinha dinheiro e caminhou muitos quilômetros pelo deserto com medo que alguém atirasse, blá, blá, blá – repetiu com sarcasmo. – Por favor, *immi*, já me contou isso centenas de vezes, mas não

estamos em 1948, tudo mudou, o mundo evoluiu e agora é mais moderno, não como quando papai e você eram jovens.

Jumana não teve outra opção além de sorrir: Nina era muito dura, e também teimosa.

– *Immi*, por que estamos em guerra? – perguntou a filha, de repente muito séria.

– É uma questão de poder – respondeu Jumana, tentando simplificar o máximo possível para que ela entendesse. – Os muçulmanos não gostam que os cristãos controlem o governo porque acham que favorecem os seus e não dão as mesmas oportunidades aos islamitas.

– Mas como começou? Nosso professor disse que uns pescadores em Sídon se rebelaram e que os palestinos mataram dois sacerdotes cristãos.

– São duas coisas diferentes, embora estejam relacionadas. Os pescadores muçulmanos de Sídon achavam que o presidente Camille Chamoun favorecia os cristãos e então organizaram uma manifestação que resultou na morte do prefeito da cidade. Muitas pessoas dizem que foi assassinado por um franco-atirador do próprio governo porque apoiava os pescadores muçulmanos.

– O mesmo prefeito que casou você e papai?

– Não. Aquilo provocou mais manifestações, e o Exército foi mandado para impor a paz, mas foi impossível. Houve mais enfrentamentos com os muçulmanos, especialmente quando a OLP e outros grupos começaram a sair dos acampamentos de refugiados para protestar contra as injustiças cometidas contra seus irmãos muçulmanos.

– E o que aconteceu, então?

– O governo começou a perder o controle e depois... Bem, você já sabe. Lembra quando aqueles dois pistoleiros abriram fogo em uma igreja de Beirute oriental e mataram dois sacerdotes?

– Não muito.

– Bom, os cristãos disseram que os assassinos eram palestinos e, em represália, armaram uma emboscada em um ônibus cheio de civis em Ain El Rummaneh e os mataram.

- Ah! Então, são muçulmanos contra cristãos.
- Bem, são as milícias de extrema direita cristãs, apoiadas pelo governo, contra as milícias de extrema esquerda, apoiadas pela OLP.
- E o Exército não pode intervir e acabar com isso?
- Esse é o problema. O exército libanês está sob o controle de um comandante cristão de extrema direita; houve um grande debate político, porque, se houvesse intervenção, evidentemente seria a favor dos grupos cristãos de extrema direita.
- Ele está do lado dos palestinos?
- Eu não me meto em política. Minha vida não foi nada típica. Sou palestina, muçulmana xiita, estive em um acampamento de refugiados do qual saí para trabalhar como enfermeira no exército libanês e me casei com um armênio que é cristão ortodoxo.
- Mas não sente nada pelas pessoas que vivem nos acampamentos? São seu povo, não são?
- E o seu, querida. Você tem sangue palestino nas veias. O que aconteceu com os palestinos quando o Estado de Israel foi criado foi injusto. Os britânicos expulsaram um povo que havia vivido naquele canto do mundo durante gerações e estabeleceram ali outro povo porque não o queriam nem em seu país nem na Europa. De modo que, de certa forma, não posso culpar os palestinos. A maioria só quer que lhes devolvam sua vida e a de sua família. O problema é que ninguém nos quer. Então, aonde vamos? Fomos expulsos da Síria, da Jordânia e do Egito, e quando a OLP se estabeleceu em Beirute alterou o equilíbrio político no Líbano. Agora há muitos muçulmanos e poucos cristãos.
- E em que tudo isso me afeta?
- O que quer dizer?
- Bem, o que eu sou? Muçulmana? Cristã ortodoxa? Palestina? Armênia?
- Você é libanesa. Nasceu em Beirute de pai nascido no Líbano e sargento do exército libanês. – Fez uma pausa. – E, quanto à religião, depende do que sentir em seu coração.
- Levaram quase sete horas para percorrer os noventa quilômetros de Baalbek a Beirute. Praticamente a cada quilômetro havia



controles de milícias de diferentes posições políticas e religiosas, que obrigavam Jumana a parar e justificar sua viagem o tempo todo. Quando finalmente chegaram, a estrada para o aeroporto estava fechada.

– E agora, que vamos fazer, *immi*?

– Podemos tentar ir para nossa antiga casa e ver se seu pai está lá – sugeriu, ligando o carro de novo.

Não restavam muitas horas de luz, e Jumana não se sentia segura dirigindo à noite com uma adolescente. Com exceção do som de algum tiro isolado, a capital parecia tranquila. Rumou para Gemmayzeh pelas ruas principais caso acontecesse alguma coisa. Sabia que, mesmo se topasse com carros blindados, havia mais possibilidades de dar tudo certo que nas ruas estreitas, cheias de guerrilhas de gatilho fácil que iam de casa em casa destruindo e matando sem clemência. Quando passaram no cruzamento com a avenida General Fouad Chehab, tudo estava tranquilo demais. Seu coração se acelerou, e Jumana sentiu uma descarga de adrenalina, ao mesmo tempo que a sensação que tinha na boca do estômago se espalhava por todo seu corpo.

– Ouviu isso, *immi*?

Abaixou a janela e prestou atenção. Era como o retumbar de um trovão, sinal inequívoco de que os tanques estavam se aproximando da cidade.

– Alá! – exclamou entre dentes.

– O que está acontecendo? – perguntou Nina com voz assustada.

– Não quero que fique nervosa – pediu Jumana sem alterar a voz e em tom tranquilizador, pois Nina nunca havia presenciado lutas de rua nem se deparara com homens armados sedentos de sangue. Jamais havia visto a morte de perto.

– *Immi...* – começou Nina, rígida no banco e olhando em volta assustada.

– Não perca a calma. Vou pela *rue* Gouraud e depois à esquerda para a mesquita Al-Amin. Vamos entrar e esperar.

– E como você sabe que vai estar aberta? – chorou Nina com voz trêmula.

– As mesquitas não fecham – tranquilizou-a sorrindo.  
– E não vão bombardeá-la?  
– Não vão tocar em uma casa de Alá – mentiu Jumana para acalmá-la. Já havia visto incontáveis mesquitas e igrejas atacadas sem escrúpulos.

Conseguiram chegar quando o som metálico dos tanques se ouvia muito perto. Deixou o carro atrás de uns arbustos, pegou a mala e correu para a mesquita segurando a mão de Nina. Assim que entraram, cobriu a cabeça com um lenço e disse à filha que fizesse o mesmo. Viram duas mulheres e dois homens, um deles sacerdote, agachados em um canto. Sentaram-se junto deles sem dizer uma palavra. Então, vieram os disparos.

As duas mulheres começaram a gritar. Os tanques dos comboios blindados patrulhavam lentamente as ruas, seguidos pelos assovios de bombas e granadas e a descarga de metralhadoras. O som das explosões se misturava com os gritos de dor dos que ficavam esmagados sobre as pedras e o cimento. Jumana apertou Nina, que escondeu a cabeça no peito e levou as mãos às orelhas para abafar aqueles estranhos sons a que não estava acostumada.

Uma granada entrou por uma janela aberta. Estava sem o pino e podia explodir a qualquer momento. Jumana se virou para o clérigo, e seus olhos lhe comunicaram o perigo.

– Rápido, ali embaixo! – sussurrou ele, e foram para um corredor sem fazer barulho.

Ele afastou um antigo *kilim* pendurado na parede e abriu uma porta. Entraram atropeladamente em uma sala e, quando fecharam a porta e passaram a tranca, ouviram a explosão.

Nina olhou para aquelas pessoas. As mulheres pareciam mãe e filha, mas mais velhas que elas; os dois homens, pai e filho, também mais velhos.

– *Shukran. Ismi* Jumana; esta é minha filha, Nina.

– Meu nome é Mohammad Al-Jubair, e esta é minha família: meu filho, Nizar; minha filha, Zamzam; e minha mulher, Sahar – o homem, que devia ter mais de 60 anos, apresentou-os.

– O senhor rege esta mesquita? – perguntou Jumana, intrigada por ele conhecer aquela sala.  
– Não, mas costumamos vir aqui rezar.  
– São muçulmanos? – perguntou Sahar.  
– Sim, xiitas, de Sídon.  
– Nós também somos xiitas, de Bint Jabayl, também no sul – disse Sahar.

As duas mulheres começaram a conversar. Nina percebeu que Zamzam olhava para ela com receio.

– Você não é religiosa, é?  
– Por que pergunta? – estranhou Nina, notando que o irmão da moça também a olhava.  
– Pela forma como se veste.  
– É porque tivemos de sair correndo.  
– Entendi.

Jumana e Nina ficaram com a família Al-Jubair até amanhecer e dividiram com eles a pouca comida que tinham.

Quando o céu começou a se iluminar, Jumana chacoalhou suavemente sua filha.

– *Shu?*

Nina se levantou de imediato; esse não era exatamente seu jeito habitual de se levantar.

– Temos de ir para Jounieh procurar seu pai.

A família, que havia decidido permanecer na mesquita, se despediu delas.

– Vão com Deus – desejou Sahar dando-lhes um abraço. – Talvez um dia nos encontremos em melhores circunstâncias.

Jumana sorriu, pegou a mão de Nina, abriu a porta, e as duas foram para a sala principal da mesquita, parcialmente destruída pela granada. Do lado de fora, por mais estranho que parecesse, o fusca continuava intacto.

– São indestrutíveis – disse Jumana quando entraram nele.  
– *Immi*, tem certeza de que é uma boa ideia? – perguntou Nina, ainda nervosa pelo que havia acontecido na noite anterior.

– Precisamos encontrar seu pai. Se não estiver em Jounieh, iremos a Sídon.

– Mas não é pior ir para lá? Não é onde a OLP está lutando contra os israelitas?

– Não temos opção – disse Jumana, enquanto girava a chave, e o motor arrancava. – Temos de escolher entre Sídon e os palestinos, ou Baalbek e os sírios e seu Mukhabarat.

– O que é Mukhabarat?

– O serviço sírio de inteligência. Se alguma vez os encontrar, corra o mais rápido que puder.

– Como vamos até Jounieh?

– Com cuidado – Jumana se limitou a dizer, enquanto percorria a rua Amin Bachir em direção à *rue Gouraud*. – Acho que se atravessarmos Gemmayzeh até chegar ao porto e acompanharmos o mar, não teremos problemas.

– Você não tem medo?

– É como se estivéssemos em um filme de ficção científica e fôssemos as duas únicas sobreviventes no mundo – disse Jumana ao ver a devastação que as cercava: edifícios bombardeados, buracos enormes, pedras, tijolos e escombros espalhados pela rua. – Estou um pouco nervosa, só isso – mentiu. Estava tão assustada quanto sua filha, mas tinha de parecer forte.

– Meu Deus! – gritou Nina cobrindo o rosto. À direita havia um miliciano com o rosto e a cabeça cobertas por um *keffiyeh*, apontando para a nuca de um homem.

– Não olhe! – exclamou Jumana, abraçando-a.

Ouviram um disparo, e o homem caiu morto. Era justamente o que havia tentado evitar; não acreditava que pudesse acontecer no meio da *rue Gouraud*.

O pistoleiro deu alguns tiros para o ar, como se fosse seu grito de guerra.

– *Allaho Akbar! Allaho Akbar!* – gritou por cima do barulho das balas.

Após esse arroubo de júbilo, virou-se e viu o carro no meio da rua com duas mulheres encolhidas dentro.

– Não diga nem uma única palavra – preveniu Jumana, acariciando a cabeça de Nina.

– Documentos! – ordenou o homem olhando para Jumana.

Ela lhe entregou o documento de identidade. Seu coração batia a toda velocidade.

– E os da menina – exigiu o homem apontando a arma.

– Queimaram junto com nossa casa. Solicitei uma segunda via, mas vai demorar um pouco – mentiu olhando-o nos olhos.

– Jumana Hamdan Ossairan – leu ele em voz alta.

“Nossa, que não veja que está vencido”, rezou. Era o documento de antes de se casar. Havia entregado esse porque sabia que ele era muçulmano.

– A fotografia é muito antiga. Palestina? – Jumana assentiu. – De onde?

– Do sul, do acampamento Rashidiyeh.

O rosto do miliciano relaxou.

– Vão em paz – despediu-se devolvendo o documento. – Aonde estão indo?

– Meu marido está em Jounieh.

– Vire à esquerda na próxima rua e pegue a direita até o porto. Lá, pegue a estrada do mar. Vou avisar por rádio aos irmãos para que a deixem passar.

– *Shukran, Allah ma’aak* – disse Jumana ligando o carro.

Não tiveram nenhum contratempo até Jounieh, onde o fusca parou a uns duzentos metros de sua velha casa. Havia ficado sem gasolina. Caminharam para a porta em absoluto silêncio. Eram seis horas da tarde. O sol estava começando a se pôr no Mediterrâneo. A casa parecia abandonada e vazia. Antes de entrar, Jumana soube que algo havia acontecido com seu marido.

Exaustas, dormiram em camas improvisadas com dois velhos colchões em um quarto ao lado da cozinha. Na manhã seguinte ouviram um grande alvoroço do lado de fora, gente gritando, portas de carro se fechando e barulho de passos no pátio.

– É esta! Esta é a casa de Chadarevian!  
Alguém bateu à porta e gritou que abrissem.

- Não há ninguém! Parece vazia!
- Não seja idiota! Derrube a porta!
- É muito sólida, senhor.
- Quebre a fechadura, imbecil! Preciso encontrar Chadarevian ou as armas que esse filho da puta nos deve!
- Senhor, senhor, encontrei um Volkswagen na estrada! Está registrado no nome de Jumana Chadarevian!
- É a mulher dele! Ela está aqui! Derrubem a maldita porta!
- O que está acontecendo, *immi*? – perguntou Nina com os olhos arregalados de medo.
- Não diga nem uma palavra. Precisamos sair daqui imediatamente.
- Onde está papai?
- Não sei. Vamos, Nina – urgiu em voz baixa enquanto pegava a mala.

Não tinham muito tempo antes que aqueles homens as encontrassem, e sabe-se lá quem eram. Não ia esperar para descobrir. Tinha de levar Nina para Sídon ou de volta a Baalbek. Para onde iriam dependia do transporte que encontrassem.

Na manhã seguinte, conseguiram embarcar num micro-ônibus Suzuki que ia para Baalbek. Jumana não sabia o que faria depois, mas tinha certeza de que encontraria uma solução.

Quando o pequeno ônibus se uniu às longas filas de veículos que abandonavam a cidade, o estouro dos disparos e as explosões dos mísseis sacudiram as ruas semidesertas de Beirute. Nina viu famílias inteiras fugindo daquele lugar devastado pela guerra em qualquer tipo de transporte e com tudo o que podiam carregar. O ônibus avançava pouco a pouco porque tinha de atravessar vários controles, onde os soldados inspecionavam meticulosamente a documentação e detinham tudo que lhes parecesse suspeito. Ela sabia que sua mãe tinha medo que as detivessem e prendessem, porque seu pai havia desaparecido. Onde estava ele? Por que sua mãe não sabia?

– Por que um chefe de terminal de linhas aéreas ia desaparecer assim? E por que ia nos abandonar? – Nina perguntava sem parar.

Jumana não sabia responder. Sabia que Sarkis estava envolvido na guerra, mas não como parte do exército libanês. Ele havia dito que, para a própria segurança dele e de Nina, era melhor que elas não soubessem dos detalhes, mas havia confessado que estava ajudando Jim Quinn, seu amigo da embaixada norte-americana, que trabalhava para os palestinos e os cristãos ao mesmo tempo.

– Não creio que tenha nos deixado de propósito – afirmou Jumana, pouco disposta a assustar sua filha contando-lhe o pouco que sabia.

– Lembre que seu pai é militar. Está reformado, mas talvez tenha sido chamado para uma missão secreta.

– Que missão secreta? – perguntou Nina morrendo de curiosidade.

– Não sei; se eu soubesse lhe diria.

– Mas você tem de saber – insistiu Nina.

– Não sei, filha. Precisamos acreditar que nos ama e que sabe o que está fazendo – tranquilizou Jumana, abraçando-a.

Foram deixando para trás o pranto, os gemidos e gritos dos soldados, mas Nina já não sentia medo. Com o braço de sua mãe à sua volta se sentia segura. Na metade do caminho o ônibus freou abruptamente. Nina e sua mãe foram jogadas para a frente, e Jumana bateu a cabeça na parte metálica de um apoio. Quando o ônibus deu outra sacudida, e Jumana protegeu Nina com o braço, machucou-se de novo.

– Todo mundo está bem? – perguntou o motorista, recebendo como resposta diversos tipos de queixas, grunhidos e xingamentos.

– Desculpem, mas estou dirigindo há muitas horas e não enxergo bem à noite. Preciso descansar um pouco.

Algumas vozes o repreenderam e recriminaram, enquanto outros saíam em silêncio para esticar as pernas, aliviar-se atrás das rochas ou dar um passeio pelos penhascos para respirar o ar marinho e se recompor.

Jumana e Nina se sentaram a alguns metros do grupo. O sol havia se posto, a escuridão as envolveu rapidamente e eclipsou os coralinos raios do horizonte.

– Aqui é tão bonito e tranquilo – comentou Jumana. Desde que haviam saído de Beirute não pararam de ouvir descargas de metralhadora.

– Pegue um pedaço de chocolate, *immi* – ofereceu Nina, partindo um dos chocolates que levavam como ração de sobrevivência.

Durante o trajeto não encontraram nada de comida e só um pouco de água quando tiveram a sorte de passar por um poço com balde.

– Não, obrigada, não quero nada doce. Minha cabeça está doendo muito, e acho que é por causa de tanto chocolate.

Ela tocou a parte da cabeça que havia batido e notou que tinha sangue. Pegou o lenço e o amarrou o mais forte que pôde para deter a hemorragia e não alarmar a filha.

– Precisa repor as energias. O açúcar ajuda, é o que você sempre me diz.

– Você é muito boa – Jumana agradeceu, sorrindo e acariciando a cabeça da filha. – Vamos sair dessa.

– Estou com saudades do papai.

– Eu sei.

Jumana ficou calada. Ficou feliz pelo fato de a noite estar fechada e Nina não poder ver a expressão de seu rosto nem as lágrimas em seus olhos. Tocou o medalhão de ouro partido ao meio que sempre levava no pescoço, gravado com uma arca de Noé no cume do monte Ararat, símbolo da Armênia. “Onde você está, Sarkis?”, perguntou ao céu sombrio. “Você me prometeu que sempre encontraria um jeito de voltar para mim.”

Quando voltaram ao ônibus, Jumana se sentiu mal; a dor de cabeça havia piorado. Um viajante lhe ofereceu uma aspirina, ela a tomou agradecida com as últimas gotas de água da garrafa térmica e, enquanto o ônibus chacoalhava pela estrada para Baalbek, adormeceu no ombro de sua filha, com o lenço encharcado de sangue. Acordou quando o dia clareava, mas a dor de cabeça não havia melhorado.

– Não estou me sentindo bem, acho que vou vomitar – disse desabando sobre a filha.



– Moço! – gritou Nina para o motorista enquanto tentava endireitar a mãe.

– Cale-se, menina! Estamos dormindo – censurou alguém na parte de trás.

– Por favor, senhor! Pode parar um instante? Minha mãe não está bem! – insistiu sem ligar para as reclamações.

O motorista olhou para ela pelo espelho retrovisor e, sem lhe dar atenção, voltou os olhos para a estrada.

– Senhor! – gritou Nina com maior decisão, o que provocou mais queixas dos passageiros. – Por favor! O senhor precisa parar! Minha mãe está doente – rogou com voz assustada enquanto Jumana afundava ainda mais em cima dela.

– Sim, pare! – ordenou o homem que estava ao lado delas. – Essa mulher não está bem.

Finalmente, o motorista parou o ônibus, e Nina desceu com a mãe. Horrorizada porque ninguém lhe oferecia ajuda, deitou-a ao lado da estrada e colocou um xale debaixo da cabeça dela. Um viajante lhe entregou a mala. Jumana estava muito pálida.

– Alguém tem um pouco de água? – suplicou aos rostos que se assomavam pelas janelas. – Por favor, arranjem-me um pouco d'água.

– Não resta muito, mas pode beber tudo – disse uma senhora pegando sua garrafa térmica da bolsa.

Nina levantou a cabeça de sua mãe e tentou levar a água à sua boca. Então, sentiu algo úmido e gelatinoso. Era sangue, que havia coagulado no cabelo dela.

– Beba, *immi*, por favor. – Quando acabou a água, devolveu a garrafa à senhora. – O que posso fazer? – perguntou alarmada ao motorista.

Ele comunicou aos passageiros que iam fazer um descanso e foi até Nina.

– Veja, não sei o que sua mãe tem, mas não está com cara boa.

– Os olhos de Nina se encheram de lágrimas. – Não posso parar muito tempo, preciso levar essa gente para Baalbek agora de manhã. Todos pagaram, assim como você.

– O que quer dizer? – perguntou com um nó na boca do estômago.

– Que se não entrar no ônibus com todo mundo, terei de deixá-las aqui.

– O quê? O que vamos fazer? Ela está sangrando!

– Veja, ali é Deir Saidat Ar-Ras, o convento de Notre Dame Ras Baalbek. Fica a algumas centenas de metros.

– Faço o que me pedir, mas leve minha mãe até lá. Por favor!

O motorista olhou pra Nina:

– Não posso. Minha obrigação é chegar a Baalbek, ainda faltam muitos quilômetros e quem sabe o que nos espera.

Estava com a barba por fazer e parecia cansado, com os olhos escurecidos pela falta de sono, a fome e a sede, para não mencionar o medo de dirigir por um país em plena guerra civil.

– Ouvi dizer que os sírios estão na fronteira, alguns até em Baalbek, incitando os muçulmanos sunitas. Se for verdade, não vai ser fácil chegar a salvo.

Nina olhou para ele, e seu coração começou a bater com força quando os passageiros entraram no ônibus, e ela entendeu que seu tempo estava acabando. Não podia perguntar a sua mãe o que fazer, ela estava quase inconsciente por conta da dor. Olhou para a paisagem deserta e desoladora que se abria ao Leste, onde o sol acabava de sair por trás do mosteiro. “O que faço? O que eu deveria fazer?”, perguntou-se, mas não soube responder. Olhou a cor cinza prateada do Mediterrâneo a essa hora do amanhecer e lhe pareceu apagado e triste, muito diferente do intenso e lindo verde turquesa que o envolveria quando o sol alcançasse o zênite. Recordou quanto gostava do mar e de ir às rochas debaixo da casa de Jounieh para brincar nos charcos transparentes e cristalinos, e como gritava quando um peixe encostava nela. Voltou os olhos para sua mãe, que parecia ter piorado.

– Leve minha mãe ao convento, por favor. Farei o que quiser – repetiu.

– Me dará uma *Bakshish*? – perguntou o motorista sem nenhum constrangimento.

Nina sabia que se lhe desse dinheiro suficiente encontraria um jeito de atrasar o ônibus, arranjaría uma desculpa para ajudá-la, diria que o motor estava muito quente, qualquer coisa. Já o vira fazer isso quando alguém lhe molhara a mão. Estivessem em guerra ou não, tudo funcionava assim. Mas ela não tinha dinheiro.

Jumana morreu sozinha ao lado da estrada para Baalbek. As duas batidas na cabeça provocaram uma hemorragia interna. Nina não estava com ela. Tinha ido ao mosteiro pedir ajuda.

Nunca se perdoou por tê-la abandonado e se culpou pela morte da mãe e por não ter tido dinheiro. Pegou o pequeno medalhão que ela levava no pescoço e o pôs no seu, como símbolo de sua culpa. Enquanto o ataúde descia em seu túmulo, jurou que teria dinheiro, porque isso significava poder sobre tudo, até mesmo sobre a própria vida.

Após a morte de Jumana, Nina permaneceu em Notre Dame Ras Baalbek, um antigo convento católico ortodoxo do século VIII. A aldeia mais próxima, apenas um grupo de cabanas de adobe habitadas por pastores, chamava-se Ras Baalbek.

– Aonde estava indo com sua mãe? – perguntou a madre superiora.

– A Baalbek.

– Você tem família lá? Podemos levá-la. – Nina meneou a cabeça.

– E em Beirute? – Tornou a menear a cabeça. – Onde está seu pai?

– Não sei. Minha mãe e eu fomos a Beirute buscá-lo.

– Você conhece alguém lá? E em algum outro lugar? – Nina baixou os olhos envergonhada. – Bem, vamos começar pelo nome de seu pai.

– Sarkis Chadarevian.

– Armênio?

– Sim, armênio-libanês.

– E sua mãe?

– Minha mãe era palestina.

– Veja, a menos que conheça alguém em Baalbek, vai ter de ficar conosco.

Nina assentiu.

Nina Chadarevian ficou no convento por quase dez anos, durante os quais todos os dias esperou notícias de seu pai. De menina alta e magra se transformou em uma jovem que herdou a altura do pai: descalça, media 1,82 metro. Não era bonita no sentido clássico da palavra, mas chamava a atenção pela altura e pelo volumoso e voluptuoso traseiro, que rebojava ao andar. Foi educada pelas freiras até onde puderam, mas, ao concluir o ensino médio, sua única opção era ir para a faculdade. Podia escolher entre as universidades Jinan e Al-Manar em Trípoli ou a Americana e a Americana Libanesa de Beirute.

Quando, em 1983, completou 22 anos, a guerra civil continuava sangrenta. A madre superiora sugeriu que pedisse uma vaga em Beirute. Ela achou bom, e pretendia pegar um ônibus para a capital no fim de abril, pois queria começar em setembro. Mas em 18 de abril um suicida investiu com uma van carregada de explosivos contra a embaixada norte-americana e matou 63 pessoas, incluindo dezessete norte-americanos, entre eles o chefe de operações da CIA e oito dos seus funcionários, além de ter ferido centenas de civis que faziam fila para solicitar um visto de emigração.

Assim como muitos libaneses, Nina ficou horrorizada com o ocorrido e teve medo. Os norte-americanos não eram bem recebidos no Líbano; aquela bomba fora, sem dúvida, um aviso. Beirute mergulhou no caos, e esperavam-se represálias por parte das forças armadas posicionadas no país ou um ataque aéreo de algum dos porta-aviões situados perto do Chipre. Não teve o que fazer além de esperar. Mesmo se quisesse ter ido, não poderia. A cidade estava isolada, e os controles começavam a vários quilômetros de distância. Passou um verão longo e quente esperando notícias sobre se era seguro ir à capital. Dedicou horas a passeios pelos campos e pelo rio Litani; admirou as ruínas de Baalbek, que se recortavam contra as montanhas; aproveitou a tranquilidade do vale; e se entristeceu por tanta gente querer destruir aquela linda terra. Fazia muitos anos que conviviam com a morte e a destruição. Por quantos mais isso

continuará? Para quê? “Por que não podemos simplesmente viver e deixar viver?”, perguntava-se.

Um dia, enquanto falava com um sacerdote que ia para o sul, perguntou-lhe por que os norte-americanos não eram bem recebidos.

– Porque eles se metem no que não lhes diz respeito – respondeu o sacerdote católico ortodoxo. – Porque se acham a polícia do mundo; toda vez que há um conflito, acham que são os únicos capazes de solucioná-lo. Mas não sabem como, e sempre fazem merda. Estão convencidos de que, como são os Estados Unidos da América, podem fazer o que quiserem e são arrogantes o suficiente para acreditar que ninguém vai tocá-los.

– Mas eles não vieram para nos ajudar? – estranhou Nina.

– Isso é o que dizem sempre, mas eles não têm ideia de como fazer isso, especialmente nesta parte do mundo. Eles não entendem este país, esta região, esta cultura, nem sequer nossa história. Vêm armados até os dentes e trazem barcos e tanques enormes com o pretexto de nos ajudar. Mas, em vez de trabalhar conosco, eles nos impõem seus princípios e seu modo de vida, que talvez funcionem lá, mas não aqui.

– Que desastre!

– É, porque nunca entenderão. E, quanto mais tempo ficam, maior é a merda.

– O que vai acontecer em Beirute?

– Depois da bomba na embaixada?

Nina assentiu.

– A cólera vai amainar. Então, outra coisa vai acontecer de novo, sem parar, até eles irem embora e deixarem que nos matemos em paz. Os homens estão lutando no Líbano há milhares de anos, pela religião e em nome dela. Por que seria diferente no século XX?

No início de outubro, Nina achou que seria seguro ir para Beirute, mas, ao arrumar a mala, sentiu-se invadida pela tristeza. Não tinha nem ideia de quando voltaria, ou se o faria. Deixaria para trás as mulheres que haviam se portado com tanta delicadeza e generosidade, que haviam cuidado dela como se fosse uma delas e

havam lhe dado o pouco que tinham. Mas lhe era ainda mais difícil abandonar o túmulo de sua mãe, o pequeno pedaço de terra aonde havia ido todos os domingos com uma flor, qualquer uma que encontrasse, para fazer uma oração e desejar-lhe paz e tranquilidade onde quer que estivesse. No dia de sua partida foi se despedir da mãe e lhe disse que ia para Beirute, que esperava entrar na faculdade e tentaria fazer alguma coisa da vida. Prometeu-lhe que voltaria assim que pudesse e que lhe compraria uma lápide de mármore com seu nome gravado, para que todo mundo soubesse quem jazia ali. Nesse momento, decidiu que utilizaria o sobrenome de solteira de sua mãe. Sarkis Chadarevian havia partido para sempre.

O micro-ônibus parecia o mesmo de uma década atrás. Talvez fosse o mesmo. Tinha o mesmo aspecto e a mesma cor, e sem dúvida havia presenciado combates. Estava amassado, e nos bancos havia buracos de bala por onde saía o estofamento. Quando partiu, ficou triste. Havia prometido a si mesma que não choraria, mas, quando viu o convento ficando cada vez menor, mordeu o lábio inferior para conter seus sentimentos e as lágrimas. Não podia deixar de recordar aquela viagem, nem conter as imagens de sua mãe se apressando para sair de Beirute e subornando a quem fosse necessário para conseguir transporte. Quando recordou o rosto do homem que havia se negado a levá-las por meio quilômetro enquanto sua mãe estava estendida ao lado da estrada, deixou escapar um gemido. Levou as mãos aos olhos e à boca e tentou conter a dor que havia trancado à chave, mas que escapara pela fenda causada em suas lembranças pelo ônibus e pela viagem. Recordou ter dito a sua mãe que ia buscar ajuda, mas os lábios de Jumana não se mexeram. Com suas últimas forças tentou levantar a cabeça para beijar a mão da filha, mas não conseguiu e se limitou a apertá-la.

– *Immi*, volto logo. Não saia daí.

Jumana abriu os olhos pela última vez e tentara sorrir.

Pouco antes de chegar a Beirute, quando começavam a se ver os altos edifícios da periferia, o ônibus parou na fila de veículos que

tentavam entrar na cidade.

– O que está acontecendo? – perguntou um passageiro.

– Por que paramos? – inquiriu outro.

– Está cego? – respondeu o motorista irritado. – Não vê os carros na frente? Há apenas uma pista, como quer que eu ultrapasse? Se eu tivesse um tanque, abriria caminho, mas não tenho.

– Aí na frente há um controle – apontou outro passageiro.

Todos os ocupantes foram para o lado esquerdo para se certificar, e o micro-ônibus se inclinou.

– Por que puseram um aí? – comentou o homem gordo de bigode que havia viajado ao lado de Nina. – Não estava antes.

Duas horas depois continuavam parados. Os motoristas haviam desligado os motores e saído para esticar as pernas. Nina se perguntou o que teria acontecido. Depois de um tempo, quando a fome e a sede aumentaram sua frustração, as pessoas começaram a se impacientar.

Começaram a fazer perguntas aos gritos, acreditando que os soldados do controle os ouviriam. Os bebês choravam, e as crianças corriam gritando. As mães brigavam com os filhos, e uma cacofonia de sons, amplificada pela acústica do deserto, substituiu a habitual calma do anoitecer. Finalmente, alguém arranhou um rádio.

A estática deixava a voz do locutor quase inaudível. “Beirute... está sitiada...” As notícias que se seguiram não podiam ser piores. Pouco depois das seis da manhã, um carro-bomba havia explodido em um quartel norte-americano próximo ao aeroporto, e haviam morrido 242 fuzileiros navais. Minutos depois, outra explosão em um quartel francês a três quilômetros de distância havia acabado com a vida de 75 paraquedistas. Houve centenas de feridos.

Quando a notícia se propagou pelo congestionamento fez-se um silêncio sepulcral, interrompido apenas pelo choro de alguma criança. As pessoas se sentaram em círculos sem saber o que pensar, o que dizer ou o que fazer.

– O que vamos fazer? – perguntou uma das mulheres do micro-ônibus enquanto embalava o filho.

Todos os presentes olharam para ela esperando uma resposta, mas ninguém respondeu.

– Vamos ficar parados até amanhã, pelo menos. E não podemos voltar, a fila é grande demais – disse Nina.

– Não vamos poder prosseguir enquanto não abrirem o controle – acrescentou o homem do bigode.

– Meu Deus, e se tivermos de ficar vários dias aqui? Não temos água nem comida, nem banheiro, e preciso fazer minhas orações! – queixou-se uma idosa que segurava um tapetinho.

– É verdade – completou outra mulher. – Não temos nada, pretendíamos chegar a Beirute hoje à noite. O que vamos fazer com as crianças? O que vamos lhes dar de comer?

“Por que esses homens estão parados, olhando uns para os outros? Por que não fazem alguma coisa?” Era muito típico; quanto mais nervosas ficavam as mulheres, mais calmos eles pareciam. Era como se a histeria feminina os deixasse mudos e os impedisse de agir. Eram incapazes de dizer ou fazer algo para acalmá-las. Talvez achassem que, se não lhes dessem atenção, como faziam com as crianças, elas se cansariam e se acalmariam.

– Diga a essa mulher que se cale – interveio um homem.

– Por quê? – perguntou o interpelado.

– Porque está delirando e vai nos enlouquecer.

– E por que eu tenho que falar?

– Porque você estava sentado com ela no ônibus.

– Era o único assento livre.

– Não é sua mulher?

– Não!

– Então, por que estava pondo a mão na coxa dela?

– Não é verdade!

Nina quase começou a rir. Estavam em uma estrada empoeirada em plena guerra, centenas de estrangeiros haviam morrido em solo libanês e eles só pensavam em discutir.

Passaram-se várias horas até que começaram a andar. Nina estava cochilando ao lado do micro-ônibus quando ouviu vozes que diziam que os carros estavam avançando. Levantou-se, esticou os braços e



esfregou as pernas para recuperar a circulação. Seu estômago roncou. Estava com fome, não havia comido nada desde que saíra do convento.

O micro-ônibus levou mais um dia para chegar. Em Beirute reinava o caos: veículos blindados, soldados, policiais e gente armada, muitos com o rosto coberto com lenços brancos e pretos, abarrotavam as ruas. “O que aconteceu com as pessoas normais? Que fim levou a vida nesta cidade?”, pensou Nina olhando a sua volta.

Conseguiu chegar ao prédio de apartamentos de Beirute oriental onde moravam a irmã e a mãe da superiora de Deir Saidat Ar-Ras, e onde ficaria até resolver a papelada nas universidades.

Não sabia se voltava ao convento e esperava até a situação se normalizar ou se ficava ali. As freiras lhe haviam dito que a Universidade Americana havia garantido que permaneceria aberta, mas isso havia sido antes do carro-bomba. No momento reinava a anarquia. Circulavam rumores em que as pessoas acreditavam, o que fomentava o caos. A única coisa certa era que os norte-americanos e os franceses haviam começado a retirar sua presença militar e urgiam seus cidadãos a abandonar a cidade. Temia-se uma represália norte-americana que arrasaria o país.

Decidiu correr o risco e entregar as solicitações de vaga. Não havia ônibus nem transporte público, e ela teve de pedir uma bicicleta emprestada para poder ir da Universidade Americana Libanesa em Hamra, Beirute ocidental, até a Universidade Americana, próxima à Corniche, no norte da cidade, onde ouviu o assobio de um míssil. Procurou refúgio. Estava perto do Hotel Commodore e pedalou o mais rápido que pôde antes de abandonar a bicicleta e correr para a entrada. Estava fechada.

– Abram, por favor! – gritou batendo na porta. Aproximou o rosto do vidro, mas estava protegido com painéis. – Deixem-me entrar!

De repente, a porta se abriu, e uma mão a puxou justo no momento em que uma grande explosão sacudia as janelas e portas do hotel, seguida do som de mais mísseis e descargas de metralhadora.

– Venha, vamos para o refúgio! – gritou um homem. Pegou-a pela mão, colocou o braço em volta dela para protegê-la, e percorreram rapidamente um corredor até chegarem a uma porta que dava para um porão.

– *Merci*. Estou muito agradecida – disse Nina com lágrimas nos olhos e tremendo.

– Não tem de quê, só abri a porta. Venha, vou lhe dar um pouco de água – propôs ele pondo de novo o braço em volta dela.

Nina assentiu e deixou que a guiasse por um corredor escuro. Do outro lado, ele afastou uma grossa cortina, e os dois entraram em uma pequena sala com vários sofás velhos, duas cadeiras de plástico, uma geladeira e uma cozinha improvisada. Todos os presentes se voltaram para olhar para a jovem encolhida contra o homem que havia salvado sua vida.

– Este é um dos refúgios antibombas do hotel – explicou. – Claudia, temos outra refugiada – disse, dirigindo-se a uma das mulheres. – É... *shu esmik?* – perguntou virando-se para Nina.

– *Ismi* Nina Ossairan – apresentou-se.

De repente, sentiu-se um pouco constrangida ao olhar para os calorosos olhos castanhos daquele homem.

– Venha, querida – convidou uma mulher rechonchuda indicando uma cadeira. – Quer um pouco de água? – Nina assentiu. – Meu nome é Claudia Beatrice di Sole; sou italiana.

Usava um vestido de manga comprida preto, meias e sapatos de salto alto da mesma cor, um coque muito apertado; sua pele era branca, e seus olhos, escuros. Parecia uma viúva siciliana.

– Prazer em conhecê-la.

– Este é Charley Abboud – disse voltando-se para o homem que a havia socorrido –, o homem mais encantador de Beirute, se ele olhar para você... porque é casado com seu querido Banco de Beirute. Venha, Charley.

– Obrigada outra vez – repetiu Nina sorrindo para ele.

– *Tekrame*, querida – disse ele com um amplo sorriso e olhos agradecidos.

A garota lhe devolveu o sorriso e baixou os olhos com recato. Era a primeira vez que um homem olhava para ela assim e não sabia como reagir. Sentiu um frio no estômago. Aquele sorriso havia conseguido acelerar seu coração.

– Todas essas pessoas são jornalistas – explicou Claudia, indicando quatro homens e uma mulher, que datilografavam freneticamente em suas máquinas de escrever e fumavam sem parar. – Como vê, estão muito ocupados. Mas, diga-me, o que uma mocinha tão bonita como você faz sozinha?

– Bem... – começou com um sorriso tímido. – Por estranho que pareça, estava tentando levar uma solicitação para a Universidade Americana. Acabei de chegar de Baalbek.

Charley Abboud a observou em silêncio. Ela era muito interessante. Perguntou-se quantos anos poderia ter. Sabia que era jovem por conta de sua inocência e ingenuidade, mas possuía um arumo natural que a fazia parecer mais velha.

Seu rosto era atemporal e espetacular: pômulos pronunciados, sobrancelhas arqueadas e testa larga. Tinha a pele branca e sardas nas faces e no nariz arrebitado, e a boca mais sexy que já vira em toda sua vida. Seus lábios não eram carnudos nem tentavam parecer sensuais. Além do mais, não tinha dentes perfeitos; os superiores sobressaíam levemente. Por que sua boca era tão desejável? Seu cabelo castanho-escuro chegava abaixo dos ombros e uma mecha caía nos olhos, que não eram amendoados e felinos como os das mulheres do Levante, e sim pequenos. Também não conseguiu saber se eram verdes ou marrons, ou uma mistura de ambos.

Notou que era muito alta, algo estranho em uma libanesa, e se perguntou se um dos seus pais seria estrangeiro.

– O que você faz? – Nina perguntou a Claudia.

– Sou cozinheira. Gosto de pensar que sou uma *chef*, mas não tenho formação profissional. Quero abrir um restaurante, mas, evidentemente, não é o momento adequado.

– Claudia, só porque estamos em guerra não quer dizer que as pessoas não comam – brincou Charley. – Se quiser, eu a financio. Lembre-se de que sou banqueiro.

- Seu banco já não existe, foi bombardeado ontem.
- Pode ser que essa agência já não exista, mas o Banco de Beirute, sim – pontuou. – Eu era o diretor – explicou a Nina.
- Meu Deus! Fico feliz por não ter lhe acontecido nada.
- Não era minha hora. E hoje tive a sorte de salvá-la – acrescentou piscando para ela.

Nina sorriu e tornou a sentir um frio no estômago. “Certamente acha muito estranho que eu seja tão alta. Deve me considerar a garota menos atraente que já viu na vida. Nem sequer isso “repreendeu-se pelas palavras que havia escolhido”, objetivamente feia. Ele deve se relacionar com as mulheres mais bonitas de Beirute”, pensou, recordando as glamorosas fotos das cantoras e atrizes que havia visto em algumas revistas.

– Eu também gosto de cozinhar – confessou a Claudia. – Minha mãe era uma cozinheira fabulosa e me ensinou a preparar alguns pratos. Costumava dizer que meu pai se casara com ela por sua comida.

- Não há nada como uma boa comida caseira – disse Claudia.
- Totalmente de acordo – interveio Charley.
- Temos que preparar alguma coisa juntas, com certeza vai ter algum conselho para me dar – propôs a italiana enquanto ia à geladeira pegar alguma coisa para beber.
- Acho que não. Com certeza você sabe mais que eu.

De repente, todos ficaram quietos ao ouvir outra granada e, segundos depois, uma imensa explosão que sacudiu o edifício. As luzes piscaram, o chão tremeu e Charley segurou o copo de Nina antes que caísse. Apesar de estar preparada, a garota se sobressaltou, e seu coração começou a bater forte.

– Esse caiu perto. Você está bem? – perguntou ele segurando a mão dela. Sentia um estranho impulso protetor em relação a ela e desejava abraçá-la.

Nina assentiu com o coração disparado, grata por ele segurar suas mãos.

– Estamos há nove anos assim e não há jeito de se acostumar – disse Charley. – É horrível o que estão fazendo com este país. Era

um dos lugares mais bonitos do mundo. Diziam que Beirute era a Paris do Oriente Próximo, mas para mim era melhor, era um paraíso.

Podíamos esquiar pela manhã e ir à praia à tarde. Agora, estão matando uns aos outros, os sírios e os israelitas se envolveram, e até o Irã interveio. Onde vamos parar?

– Não precisa ser tão negativo – censurou Claudia.

Nina olhou para ele disfarçadamente e evitou que seus olhares se cruzassem. Ele não era tão alto quanto ela, mas achou-o atraente. Tinha olhos castanhos calorosos e doces, e o cabelo curto e preto salpicado de branco fora penteado para trás. Estava com a barba benfeita, e sua pele era cor de bronze. Tinha sulcos na testa e enrugava os olhos quando ria. Tinha uma pequena covinha no alto do nariz e sua boca se curvava sensualmente. Vestia-se com elegância e combinava um paletó cinza de *tweed* com calça azul-marinho e camisa branca. Quando a cercara com seus braços no vestíbulo do hotel, Nina sentira-se segura ao seu lado.

– Desculpe, não pretendia ser negativo. Tudo vai se ajeitar logo. Eles não podem continuar lutando assim para sempre – afirmou olhando diretamente nos olhos de Nina.

– Não, certamente não – concordou Nina, que tentou lhe devolver o olhar, mas não conseguiu. – Pelo menos espero que não, ou não restará nada para a próxima geração além de pó e escombros.

– De quem puxou essa altura, de seu pai ou de sua mãe? – perguntou Claudia.

– De meu pai, ele media 1,80 metro.

– É estranho um libanês tão alto – observou Charley.

– Ele era armênio.

– Mas Ossairan não é um sobrenome armênio – comentou Charley.

– Não, é palestino. É o sobrenome de solteira de minha mãe.

– E por que não usa o sobrenome de seu pai? – perguntou Charley.

– Eu usava... – começou a dizer, mas não continuou.

– Por quê?

– É uma longa história.

– Acho que as coisas se acalmaram lá fora – interveio Claudia, ciente de que Nina preferia não continuar falando.

A garota assentiu.

– Sim, pode ser uma trégua temporária – aventurou Charley.

– Vamos esperar mais meia hora – aconselhou Claudia.

– Onde está hospedada, Nina? Porque se precisar de alojamento, tenho um quarto de hóspedes – ofereceu Charley.

– Nem pensar, ela vai ficar comigo – objetou Claudia dando-lhe uma cotovelada.

– É muito gentil de sua parte, mas estou na casa da família da madre superiora, em Achrafieh.

– Vai para lá agora? – perguntou Charley.

– Acho que primeiro vou à Universidade Americana e depois a Achrafieh.

– Acho que eu deveria acompanhá-la – ofereceu-se galante.

– Não vai acontecer nada. Você já me salvou a vida uma vez.

– Será uma honra – insistiu Charley.

Nina olhou para Claudia, que sorria discretamente.

– Por que está perguntando? Vá com ela, Charley – incentivou Claudia.

Várias horas depois, o hotel fervia de atividade e parecia de novo um estabelecimento normal. Os recepcionistas atendiam os clientes, os porteiros organizavam por telefone o pouco transporte disponível, e os carregadores tentavam não perder as malas. Faziam rapidamente tudo o que podiam até a rodada seguinte de bombas.

– Espero tornar a vê-la – despediu-se Claudia, dando-lhe um abraço.

– Claro que sim.

O porteiro abriu a porta, e Charley lhe deu uma gorjeta.

– Espere, Nina! Como vamos manter contato? – perguntou Claudia.

– Não sei – respondeu dando de ombros. – Imagino que o melhor seja mandar uma carta para o convento de Baalbek. Elas sempre sabem onde estou.

A confusão e a anarquia continuavam reinando em Beirute, e a situação não parecia que ia mudar. As universidades estavam fechadas, e ninguém sabia quando abririam de novo. Não valia a pena ficar. Nina decidiu voltar, e a madre superiora e as freiras a receberam com prazer. Antes de ir, mandou cartas a Charley e a Claudia para avisar de sua partida e garantir que faria todo o possível para não perder contato com eles.

– O que vou fazer, madre Catherine? – perguntou na primeira noite.

– Gostaria de lecionar?

– Dar aulas? Não havia pensado nisso.

– Precisamos de outro professor. O senhor Waleed está com muito trabalho, e não posso dar mais aulas à irmã Angélique.

– Mas não sou qualificada.

– É mais uma ajuda, algo temporário, até que encontremos um substituto permanente. Não é fácil nestes tempos.

Nina ponderou em silêncio a oferta.

– Por favor, Nina...

– Como vou dizer não?

– Você vai adorar, tenho certeza.

– Muito bem, mas só alguns meses, tudo bem?

A madre Catherine sorriu.



## Capítulo 9

No primeiro dia como professora da escola do convento de Baalbek, encontrou uma menina de 8 ou 9 anos sentada na grama com um bloco de papel e uma caixa de giz de cera, concentrada no que estava desenhando.

– Bom dia, *marhaba* – cumprimentou-a.

A menina recolheu rapidamente o giz de cera e fechou o bloco.

– O que está pintando? – perguntou Nina, esboçando um amplo sorriso.

– Flores – respondeu a menina sem olhar para ela.

– Posso vê-las? – pediu Nina sentando-se junto da garota.

– Não estão acabadas ainda – respondeu com timidez.

– Você me mostra depois, então?

– Sim – respondeu a menina, sorrindo.

– Meu nome é Nina. Sou a nova professora, e hoje é meu primeiro dia.

– Está com medo?

“Que olhos mais bonitos!”, pensou Nina. Eram cor de mel escuro, com manchas verdes e âmbar.

– Sim – assentiu Nina.

– O que aconteceu com a irmã Angélique? – perguntou a menina, brincando com a barra do vestido.

– Continua aqui.

– E o senhor Waleed?

– Também.

– O senhor Waleed é meu professor.



– É uma pena que você não seja minha aluna, mas o senhor Waleed é muito bom professor. De que matéria você mais gosta?

– História.

– E arte? Não gosta de arte?

A menina assentiu.

– Tenho de ir. Não quero chegar atrasada no primeiro dia. Até logo  
– despediu-se Nina após consultar o relógio.

Limpou a grama da saia e se dirigiu à pequena escola para achar sua sala e cumprimentar os demais professores.

– Senhorita Nina – chamou a menina enquanto se afastava.

Nina se virou e a viu correr para ela com um papel na mão.

– É para você.

– Muito obrigada – disse Nina, abaixando-se. – É muito bonito! – exclamou ao ver as flores, e a menina sorriu. – Não vai assinar? Os grandes artistas assinam.

A menina pegou um giz de cera vermelho e com timidez escreveu seu nome.

– Amal? Seu nome é Amal? – A menina assentiu. – Muito obrigada. Vai me dar sorte.

Nina gostou de dar aulas mais do que imaginava, e os poucos meses que havia prometido à madre Catherine se transformaram em vários anos. Manteve uma relação especial e calorosa com seus alunos e ficou amiga da irmã Angélique e de Khaled Waleed, os outros dois professores. Os três se reuniam às vezes para desfrutar de longos jantares que Nina preparava ou para tomar um copo de suco.

– Gosta de ser professora? – perguntou irmã Angélique numa tarde em que saboreavam um copo de suco de romã gelado no pátio do convento enquanto olhavam a paisagem à luz tardia do início do verão.

Nina assentiu.

– E a universidade?

– Não me importaria de ir, mas Beirute é uma zona de guerra, e não quero morar lá.

– Acha que estamos melhor aqui, cercados de sírios? – brincou irmã Angélique.

– Aqui é muito bonito, irmã – disse Nina indicando à sua volta. – Às vezes, é difícil acreditar que há uma guerra.

Assim que pronunciou essas palavras, o lindo sussurro da brisa entre as árvores e o trinado dos pássaros foram interrompidos por várias explosões consecutivas, tiros e gritos.

– Veja, colunas de fumaça – disse irmã Angélique, apontando para o arvoredo onde as bombas haviam explodido. – Só porque aqui é rural e bucólico não quer dizer que é mais seguro que Beirute.

– Eu sei, mas pelo menos aqui temos dias bonitos, podemos nos sentar para tomar alguma coisa, aproveitar a vista e respirar. Em Beirute é evidente demais, a guerra se vê. Todos esses edifícios bombardeados e abandonados no meio da cidade vão se enchendo de mato... é uma pena.

Angélique assentiu.

– Por isso a chamam de linha verde, que separa os muçulmanos de Beirute ocidental e os cristãos de Beirute oriental – completou Nina.

– A guerra é muito dura, mas a vida continua. Eu perdi dois irmãos – confessou a irmã Angélique com voz entrecortada.

– Sinto muito – compadeceu-se Nina.

– Desapareceram assim – disse estalando os dedos.

Nina pegou a mão dela, sabia do que estava falando. Com Sarkis acontecera o mesmo.

– Iam jantar com tio Georges, mas não chegaram – disse, balançando a cabeça com pesar. – Ele esperou e esperou achando que devia ser por causa do trânsito, mas, quando no dia seguinte não apareceram, ligou para meu pai: também não haviam voltado para casa. Meu pai ainda espera que voltem... passaram-se quase dez anos.

Nina não sabia o que dizer. Ela também havia esperado seu pai e, no fim, se dera por vencida. Apertou a mão da irmã Angélique e deu-lhe um lenço para que enxugasse as lágrimas.

– Senhoritas! – ouviram a voz alegre de Khaled Waleed. – Lamento chegar atrasado à nossa reunião de equipe.

– Venha, ainda temos um pouco de suco e não começamos os *mezze* – disse Nina acenando para ele.

– *Marhaba, massá al khair, mesdames.*

– Veja só, árabe clássico, professor Waleed! – brincou Nina enquanto lhe servia um copo do escuro suco de romã.

– Boa noite, Khaled – murmurou Angélique.

– Vejamos, o que temos aqui? – disse ele esfregando as mãos e olhando com prazer os aperitivos que Nina havia colocado em uma mesinha.

Pegou um *falafel*, untou-o em *tahini* e levou-o à boca. Nina esperou sua reação.

Khaled sorriu com os olhos fechados e suspirou.

– Deus a abençoe, Nina. Não sei como consegue fazer desse jeito. Precisa me dar a receita.

– Não posso anotar, já disse que tem de ver como eu faço. Foi assim que aprendi com minha mãe.

– Muito bem, avise-me da próxima vez.

– Sei, é o que você diz sempre. Acho que prefere não aprender para que eu continue fazendo – brincou Nina.

Waleed riu e assentiu com a boca cheia de sua entrada favorita.

– Então, *mesdames*, como vão as coisas? Alguma notícia? – perguntou pegando um pouco de *kibbeh*.

– Não muitas – respondeu Nina.

Angélique permaneceu calada.

– *Shu?* – perguntou a Nina, movendo os lábios e fazendo um gesto para ver se Angélique estava bem.

Nina fez que não com a cabeça para que ele não perguntasse.

– Bem, tenho algo para contar. Acho que encontrei um jeito de arranjar dinheiro para comprar livros, canetas e papel – disse o professor, pegando um pouco mais de comida.

– Como? – perguntou Nina, molhando um pedaço de pão no *hummus*.

– Khaled, você é muçulmano? – inquiriu Angélique.

Ele ficou quieto com um pedaço de pão a meio caminho da boca, e Nina olhou para ela com estranhamento.

– Estamos no ramadã? – perguntou Angélique.

– Não... – respondeu Khaled com os olhos arregalados sem saber o que ela queria dizer.

– Pergunto porque você está comendo como se fosse o *iftar* e estivesse quebrando o jejum – explicou ela muito séria.

Nina começou a rir. Khaled se sentiu tão envergonhado que deixou o pedaço de pão no prato.

– Não deixe isso aí, coma e acabe de uma vez – ordenou Angélique.

Nina tornou a gargalhar. Khaled, chateado, pegou o pedaço de pão e o engoliu quase sem mastigar. Angélique deixou escapar uma risadinha, e logo estavam os três rindo, comendo e bebendo.

– Qual é seu plano para arranjar dinheiro? – perguntou Nina.

– Vamos ter de organizar tudo, mas o que acham de montar umas barraquinhas na escola para vender comida e artesanato?

– Muito pobre – sentenciou Angélique com voz tediosa.

Nina voltou a rir.

– Não é – replicou Khaled.

– É sim. Que tipo de barraquinhas? – perguntou Angélique.

– Bem, para começar, minha aluna Amal Abdo fez uns lindos esboços das ruínas de Baalbek.

– E quem vai comprar os garranchos de uma menina?

– Irmã! – exclamou Khaled, pondo-se em pé. – Não são garranchos! Ela tem muito talento. Você devia ver seus desenhos e aquarelas antes de julgá-la.

– É verdade, Angélique. Faz tempo que não a vejo, mas Khaled me mostrou seus desenhos. Ela é muito boa – interveio Nina.

A Irmã Angélique bufou.

– Também quero que Nina prepare aperitivos e sobremesas – acrescentou Khaled.

– E que mulher, em seu juízo perfeito, ia comprar e admitir que Nina é melhor cozinheira, mesmo que seja?

– Eu acho uma boa ideia – disse Nina.

Khaled ficou lisonjeado. Nina sorriu. Tinha muito carinho por ele, era como um irmão mais novo. Ambos olharam para Angélique, que

parecia incomodada, e permaneceram em silêncio enquanto ela ponderava a ideia.

– Posso provar o *kibbeh*, Nina? Está com uma cara deliciosa – perguntou Angélique por fim.

Khaled soltou um suspiro, aliviado.

– Você sabe quanto engordei por causa de toda essa comida que você faz? – disse Angélique de brincadeira.

– É, eu também engordei. A culpa é de Nina, por ser tão boa cozinheira – disse Khaled.

– Não me culpem por comerem demais – defendeu-se Nina.

Continuaram falando sobre a feira até tarde, e suas vozes se mesclaram com o som dos tiros e granadas quando o sol se pôs no vale do Beqaa.

Quando a guerra civil acabou, em 1990, Nina começou a pensar em ir para universidade e se perguntou se seria uma boa ideia. Havia completado 30: estava dez anos atrasada. Além do mais, após quinze anos de guerra civil não acreditava que as universidades tivessem solvência suficiente para lhe conceder uma bolsa de estudos, e mal tinha o suficiente para viver com o salário de professora. Recordou sua última viagem à capital e lembrou-se de Charley Abboud e de Claudia di Sole. Fazia tempo que não tinha notícia deles, mas sabia que ela havia voltado para a Sicília e que ele estava em Washington.

– O que faço, Khaled? – perguntou a seu amigo.

– Por mais que eu odeie que vá embora, você devia se dar uma oportunidade.

– É?

– Especialmente porque tenho certeza de que é o que quer.

– Sou feliz aqui, tenho sido todo esse tempo.

– Nina, você devia ir para Beirute, sério.

– Mas como vou me manter? Sejamos realistas, você sabe muito bem quanto ganhamos.

– Sim, mas talvez pudesse arranjar um emprego para complementar suas economias.

– Trabalhando como professora em Beirute? Não tenho diploma.

– Nina, a única coisa que os colégios querem é voltar a funcionar. Se você se apresentar com boas referências, ninguém vai checar nada.

– Não sei, Khaled. Não sei se tenho coragem suficiente para abandonar tudo e ir para a universidade.

– Acho que deveria.

– Você tem mais fé em mim que eu mesma.

– Se pudesse, eu mesmo iria, mas meus pais vivem aqui e estão ficando velhos. Você não tem família que a detenha.

– Tenho as crianças, você, Angélique e a madre Catherine.

– Sempre pode voltar.

Nina assentiu e avaliou as possibilidades.

– Vá para Beirute – aconselhou-a. – Você precisa de uma mudança. Além do mais, quem sabe acaba se casando.

– O casamento não está em meus planos. Sou muito velha, querido amigo.

– Não diga bobagens. Eu só tenho quatro anos a menos que você e também não me casei.

– Sim, e sua mãe está louca para que se case.

– Ela disse isso?

– Claro. Queria que eu o convencesse a se casar com alguma das mulheres que ela escolheu.

– E o que você disse?

– Disse que tentaria.

– E isto é uma tentativa?

– Foi uma conversa sem importância. Faz meses que ela me pediu que falasse com você, mas não falei porque acho que o casamento é algo que se deve desejar, pelas razões certas. Senão, é impossível que funcione.

– Isso me parece muito acertado, irmã. Obrigado por não me pressionar.

– Não o pressionei porque, apesar do carinho que tenho por sua mãe, sua amizade é muito importante para mim e não quero perdê-la. De qualquer maneira, não acho que se deva pressionar nem obrigar ninguém a fazer algo para o qual não está preparado. Tudo a

seu tempo. – Os lábios de Khaled desenharam um amplo sorriso. – A propósito, por que não se casou ainda? Não é por falta de mulheres...

– Ainda não encontrei a certa.

– Veja só, um romântico!

– Pode ser, mas continuo achando que a idade não tem nada a ver com o amor ou o casamento. Para mim, é possível amar aos 16, aos 30, aos 50 ou mais. Nossa cultura dá muita importância à idade e à absurda necessidade de se casar e ter filhos assim que se chega à puberdade.

– Então, não é só um romântico, mas também um rebelde, irmãozinho.

– E você? Também não se casou. Por quê?

– Com quem ia me casar, Khaled? – Nina sorriu com tristeza. – Nos últimos quinze anos não tive muitas oportunidades. Minha única escolha seria entre as milícias palestinas e os serviços de inteligência sírios.

Os dois começaram a rir.

– E em Beirute?

– Por favor! Cheguei a Beirute no dia em que atacaram o quartel dos fuzileiros navais. Não era o melhor momento para arrumar um namorado.

– É, tem razão.

– Apesar de... – começou a dizer com um sorriso enigmático.

– Estou pressentindo uma confissão.

– Durante um bombardeio, fui para um refúgio antiaéreo onde havia um homem... Acho que já lhe falei dele, aquele que salvou minha vida, Charley Abboud.

– E o que aconteceu?

– Nada. Depois de conhecê-lo, só fiquei dois dias na cidade, mas ele foi muito gentil e generoso, e me acompanhou a todos os lugares. Era um cavalheiro, ou o que acho que deva ser um cavalheiro. – Khaled ficou em silêncio, e os dois se perderam em seus pensamentos. – Ele fez eu me sentir segura, como se sempre pudesse contar com ele, para o que quer que fosse.

– Continuam em contato?

– Tanto quanto possível nestas circunstâncias. Faz tempo que não tenho notícias dele. A última coisa que soube é que estava nos Estados Unidos. Pode ser que tenha se mudado para lá. Mas, de verdade, casamento não é para mim. Sou independente demais. Tornei-me muito intransigente.

– Continuo acreditando que o homem certo a faria mudar de ideia. O casamento é uma coisa maravilhosa, com a pessoa certa, claro.

– Muito bem, então case-se você primeiro e, se funcionar, eu pensarei – propôs Nina dando-lhe uma palmada no braço.

Enquanto continuavam conversando, Nina se deu conta de que jamais se apaixonara. Sabia que o amor existia porque havia sido testemunha do que seus pais sentiam um pelo outro, e sua mãe havia lhe contado como conhecera seu pai e se apaixonara por ele; também havia lido coisas e visto na televisão. Quando era adolescente, desejava sentir esse amor, experimentar essa paixão, saber o que se sente quando não se consegue respirar quando não se está com a pessoa amada. Mas, quando cresceu, teve de reconhecer que estava assustada; vira o que havia acontecido com seus pais e inconscientemente endurecera. Jurara jamais permitir essa proximidade a ninguém, porque, se desaparecesse, doeria demais, como havia doído em Jumana.

– Aposto o que quiser que você vai se casar antes de mim – sentenciou Nina.

– *Allah ghalib*, isso está nas mãos de Alá. Continuo achando que você devia ir a Beirute – urgiu-a. – Não sei, tenho um pressentimento – disse Khaled antes de se jogar em cima dos *fatayer* que Nina havia tirado do forno.

Depois daquela conversa, Nina ainda levou vários meses para entrar num micro-ônibus e ir para Beirute. Todas as freiras foram se despedir dela, assim como Khaled.

– Você sabe que pode voltar quando quiser – disse madre Catherine, abraçando-a.

Nina assentiu triste, com lágrimas nos olhos, e abraçou as outras freiras quando o pequeno ônibus se aproximou sacolejando.



– Adeus, irmã Angélique – disse, abaixando-se para abraçar a pequena mulher.

Angélique não conseguiu articular uma palavra, abraçou a garota e a afastou rapidamente antes de esconder o rosto com um lenço. O ônibus parou, e Khaled colocou a mala que pertencera à mãe de Nina na parte de cima para que o motorista a amarrasse com uma corda ao bagageiro.

– Vá em paz – disse Khaled, oferecendo-lhe a mão para que embarcasse.

– Obrigada por tudo, irmão.

– Não se esqueça de nós.

Nina assentiu, e foi difícil controlar suas emoções quando viu que as freiras haviam formado uma fila com toda a solenidade.

– Ah, quase esqueci – disse Khaled, pegando um pacote de sua mochila. – Amal me pediu que lhe entregasse isto.

– Agradeça a ela por mim – respondeu Nina, abraçando-o com lágrimas nos olhos.

– Ora, Nina, parece que está indo embora para sempre. Logo nos veremos – sussurrou Khaled em seu ouvido com voz rouca, à beira das lágrimas, e ela assentiu. – *Maa salama*, irmã – despediu-se levando uma mão ao coração.

Nina enxugou rapidamente as lágrimas e subiu no ônibus. Sentou-se junto a uma janela e acenou quando partiram para atravessar Baalbek em direção à estrada de Damasco. Ao passar pelas ruínas, lembrou-se do pacote que Khaled lhe havia dado. Desamarrou o barbante e abriu com cuidado o papel marrom. Dentro havia uma pequena aquarela que mostrava três pessoas sentadas no pátio do convento. Sorriu. Amal soubera capturar o momento, e, apesar do tamanho, eram perfeitamente distinguíveis: a irmã Angélique sentada com afetação em uma cadeira; Khaled com a mão em um prato; e ela recostada em uma cadeira de vime com as pernas sobre um pufe. Estava assinado no canto inferior direito.

Enquanto avançavam pela estrada, Nina observou a exuberante paisagem que iam deixando para trás e que lhe trazia à memória a viagem com a mãe. Mas essas lembranças não a fizeram chorar, ao

contrário; infundiram-lhe coragem e a fortaleceram para enfrentar essa nova etapa da vida.

Apesar de Beirute continuar mergulhada no caos mesmo um ano e meio depois do fim da guerra, a cidade tinha uma nova energia. Nina esperava encontrar uma cidade exausta, consumida e destruída após quinze anos de guerra, mas não. As pessoas caminhavam resolutas, desejosas de recuperar o emprego e a vida.

Havia reservado um quarto em um pequeno albergue perto da Universidade Americana, muito popular entre os estudantes que não se alojavam no campus. Era pequeno e estreito e não tão limpo quanto teria desejado, mas era barato e ficava perto das duas universidades onde queria solicitar uma vaga.

Durante a primeira semana, entregou suas solicitações na Universidade Americana e na Universidade Americana Libanesa, e começou a procurar emprego. Tinha poupado dinheiro para passar seis meses, mas esperava arranjar um emprego para se manter os outros seis meses. Sabia que corria um grande risco e desejou ter tido mais meios ou a perspectiva de um emprego para se sentir mais segura, mas não era assim.

Perguntou no campus se havia algum emprego, mas lhe disseram que não, que tivesse paciência. Comprou um jornal e procurou nos classificados. Encontrou algumas ofertas para professora e, apesar de não se sentir qualificada, enviou seu currículo. Também olhou empregos de secretária, auxiliar e até recepcionista de consultório médico. Depois de um mês sem receber respostas, nem sequer negativas, enviou outra série de cartas para responder a anúncios de caixa de banco, processamento de dados e qualquer coisa que pudesse fazer. Mas não teve sorte. Dois meses depois, continuava sem emprego e sem saber se haviam aceitado alguma de suas solicitações. Sentia-se abatida e desiludida.

Um dia, estava na lanchonete da Universidade Americana Libanesa tomando um café quando ouviu duas garotas falando das ofertas de emprego do quadro de anúncios. "Para que olhar?", pensou. Com certeza eram para estudantes da universidade, e ela ainda não era. Havia vários anúncios, quase todos de gente que precisava de babá,

mas um a intrigou: “Precisa-se de mulher alta para trabalhar em um cargo de responsabilidade em um restaurante novo. Interessadas ligar para...”. Sempre se sentira complexada por sua altura, e eis que um dos requisitos dessa oferta de emprego era justamente ser alta. Quando discou o número de telefone manteve os dedos cruzados para que não houvesse nada estranho naquela vaga.

– *Allo? Pronto?* – respondeu uma voz masculina com forte sotaque italiano.

– Olá, estou ligando pelo anúncio da lanchonete da UAB.

– Um momento, por favor – pediu e retornou alguns segundos depois. – *Per favore*. É... quanto você mede? Em centímetros.

– Tenho 1,82 metro.

– Idiomas? – perguntou após um curto silêncio.

– Árabe, francês e inglês.

– É libanesa?

– Sim – respondeu, curiosa por saber como acabaria aquela conversa.

– Incrível! Parece perfeita. A única coisa que nos importa é a altura, o resto pode se ajeitar com maquiagem e roupa.

– Ah, tudo bem.

– Pode vir falar com a chefe?

– Sim, sem problemas. Quando?

– Agora.

– Agora? – repetiu, caso houvesse escutado mal.

– Sim, agora.

– O endereço, por favor?

– Rua Abdel Wahab, em Achrafieh. Seu nome, por favor?

– Nina Ossairan.

– Um momento, *per favore*.

“É a conversa mais estranha que já tive em minha vida”, pensou Nina enquanto esperava.

– *Signorina* Ossairan, o emprego é seu. A chefe me pediu que a contratasse e que você venha depressa.

– *Tayeb* – agradeceu perplexa.

Quando chegou ao edifício, no lado oriental da linha verde, não conseguiu ver grande coisa. Estava cercado de andaimes e coberto por uma lona grossa, de modo que foi impossível saber se estava no endereço certo. Afastou a lona e entrou.

– Demorou – disse uma voz no interior escuro.

Nina protegeu os olhos da intensa luz que entrava por uma viga que faltava no teto e tentou ver quem estava falando. Aproximou-se um pouco e prendeu a respiração. Sentada a uma mesa cheia de papéis, com os óculos apoiados na ponta do nariz e vestida com o que ela mesma descrevia como “modelito de viúva siciliana”, estava Claudia Beatrice di Sole.

Nina soltou um grito, correu para ela e a abraçou forte, chorando e rindo ao mesmo tempo.

– Minha querida amiga! Não posso acreditar que seja você! – exclamou Nina.

– Eu não sabia se você estava aqui ou em Baalbek.

– Cheguei há dois meses.

– Quando coloquei o anúncio pensei em você.

– O que está fazendo aqui? Achei que estava na Itália. O que é isto?

– Ah! – Claudia suspirou com grande teatralidade. – Muitas perguntas. Venha, primeiro vamos tomar um aperitivo e depois falaremos de tudo. Você tem de me contar o que fez todo esse tempo.

Nina se tornou braço direito de Claudia: cuidava das reservas e recebia os clientes na hora do almoço e do jantar. Não foi fácil para ela, pois era tímida por natureza, mas sua amiga italiana insistiu que a altura lhe conferia autoridade, e, assim, era mais difícil que a intimidassem.

Tudo parecia perfeito. Mudou-se para um quarto vazio na casa de Claudia, adorava trabalhar com ela e aprendeu não só italiano, mas tudo o que se relacionava a vinhos e cozinha italiana. Costumavam jantar tarde e riam e conversavam até altas horas da noite. Seu único problema era o dinheiro; não ganhava muito e, apesar de gostar do trabalho, não podia pagar a universidade.

– Claudia’s, *buongiorno* – atendeu a uma ligação no meio da manhã, pouco depois de o restaurante abrir oficialmente. Da noite para o dia havia se transformado no restaurante do momento, frequentado pela alta sociedade de Beirute. Todo mundo tentava conquistar Nina, que cuidava das reservas. E Claudia tinha razão, ninguém discutia com ela por conta de sua “posição elevada”.

– Bom dia, aqui é Annabelle, do escritório de Charley Abboud. Quería fazer uma reserva para duas pessoas, por favor.

– Pois não, a que horas?

– Às duas?

“Espero que se lembre de mim”, Nina pensou ao desligar. Claudia por acaso estava na porta quando Charley Abboud entrou acompanhado de um jovem na casa dos vinte.

– Ora, ora, veja quem está aqui. O investidor finalmente veio ver como anda seu investimento.

– Querida Claudia, fico muito feliz em vê-la – cumprimentou-a dando um abraço na italiana rechonchuda.

– Tenho uma surpresa para você.

– Ok, mas primeiro deixe-me apresentar meu filho Samir.

– Samir, *ragazzo*, ouvi falar muito de você – disse Claudia antes de dar dois beijos no jovem belo e robusto. – Bem-vindo ao Claudia’s.

– Obrigado, meu pai também me falou muito da senhora.

– Ele é fuzileiro naval – explicou Charley com orgulho.

– É mesmo? Impressionante!

– Acabou de voltar da guerra do Golfo.

– Charley, por favor, meu bem, por que não deixa que ele fale? – pediu juntando as mãos com esse gesto de súplica tão italiano.

– Onde está minha surpresa?

– Atrás de você – anunciou sorrindo e esfregando as mãos.

– *Marhaba* – saudou Nina com voz sedosa.

Ao ouvi-la, Charley se voltou e, diante da *crème de la crème* de Beirute, abraçou-a como se não fosse soltá-la nunca mais.

O flerte de Charley e Nina se passava principalmente no Claudia’s e surpreendeu Beirute inteira. As grandes damas da sociedade de Beirute fofocavam sem parar sobre a gigante que havia seduzido o

recém-nomeado presidente do Banco de Beirute e o havia tirado do mercado como potencial marido para alguma delas ou das filhas. Ninguém sabia nada sobre Nina nem de onde havia saído; corriam muitos rumores.

Charley começou a almoçar e jantar no Claudia's todos os dias, o que deixou todo mundo desconcertado, incluindo Nina, que estava muito ocupada. Sempre ia sozinho e esperava que ela se juntasse a ele depois de comer. A garota o esperava com impaciência e sorria quando a Mercedes estacionava na porta. No seu dia de folga, Charley a pegava na casa de Claudia em Hamra e a levava para fazer piquenique na praia ou na montanha, onde ela aprendeu a esquiar. Também eram vistos em outros restaurantes da cidade. Nina sempre ia de braço dado com ele a todos os eventos relacionados ao banco, mas ninguém tinha ouvido falar que estivessem noivos, o que, era desnecessário dizer, avivava as especulações nas rodas da cidade.

– Sabia que ela é uma excelente cozinheira? – comentou Claudia uma noite, enquanto servia duas taças de limoncello a Charley e Nina depois de tomarem café e comerem tiramisù.

– Ah, é? Você não me disse – comentou Charley, sorrindo para Nina.

– *Dai, dai*, Charley. Claro que ela falou. Lembro com tanta clareza como se fosse ontem – interrompeu-o.

Ele lançou um olhar inquisitivo a Nina.

– Acho que está se referindo ao dia em que nos conhecemos, no refúgio antiaéreo, e eu disse algo sobre minha mãe ser uma excelente cozinheira – explicou a garota.

– Claudia, isso faz mais de dez anos! – protestou Charley.

– Mas eu me lembro – respondeu ela.

– Tudo bem, Charley. Na verdade, eu também não lembrava – tranquilizou Nina pondo a mão em seu braço.

– Homens! – resmungou a italiana. – Mencionei isso porque talvez Nina queira cozinhar para você uma noite, em vez de você vir aqui.

– Mas, Claudia... – protestou a garota.

– Nada de mas, *cara mia* – interrompeu-a. – Você tem um dia livre na semana, pode convidá-lo.

Nina olhou para Claudia e depois para Charley e sentiu que estava ficando vermelha.

– Será uma honra se cozinhar para mim – disse ele pegando a mão dela.

– *Va bene!* – exclamou Claudia. – Agora que já está resolvido, querem mais café?

No sábado seguinte, a cozinha da casa de Claudia era um fervedouro de atividade. Nina fora cedo ao mercado comprar carne, peixe e verduras e voltou carregando um grande buquê de girassóis que saía dos sacos de papel marrom que carregava nos braços. Colocou tudo na mesa causando um grande estrondo e soltou um gemido, porque não queria ter feito tanto barulho. Esperava não ter acordado Claudia. Sabia que aos sábados, quando chegava ao restaurante ao meio-dia em vez de às nove, ela gostava de dormir até mais tarde. Estava saindo na ponta dos pés para ir à loja buscar algo que havia esquecido quando ouviu sua voz sonolenta.

– Vai preparar um banquete?

– Oh, Claudia, acordei você? Desculpe.

– Não se preocupe – tranquilizou-a enquanto preparava um café ainda meio adormecida.

– Quer que eu prepare o café da manhã?

– Nem pensar. Quero que continue preparando seu jantar. Vou pegar um *cornetto* no restaurante.

– Já vou, tenho de comprar mais coisas.

Claudia se despediu e preparou um segundo café antes de tomar o primeiro, enquanto acendia um cigarro.

Nina sorriu e saiu sob o morno sol invernal. Quando voltou, uma hora depois, Claudia não estava mais. Assim que acabasse o turno do jantar ia passar o resto do fim de semana na montanha, no chalé de um amigo.

Sobre a mesa havia deixado duas garrafas e um papel com o desenho de uma carinha sorridente. Nina riu e o guardou na bolsa como lembrança. Olhou o relógio. Tinha de pôr a mão na massa. Fez

uma lista de todos os *mezze* que ia servir acompanhados de prosecco antes do jantar. Sentou-se em uma cadeira e mordiscou a ponta do lápis. “Muita coisa”, pensou. Charley não era de comer muito, e servir quatro pratos seria excessivo. Riscou alguns, colocou o avental, ligou o rádio e começou a cozinhar.

Às oito estava tudo pronto. Os girassóis resplandeciam nos vasos, e se ouvia um suave jazz. A casa cheirava a limpeza, e o perfume de jasmim das jardineiras entrava com a brisa noturna e competia com os exóticos e incitantes aromas da cozinha, onde Nina dispôs os *mezze* em uma grande bandeja antes de levá-la para o pátio dos fundos. Ela havia acendido velas e as colocado em antigas lamparinas árabes distribuídas pelo pátio e jardim. Deixou a bandeja e repassou a lista mentalmente. Ouviu um carro, sabia que era Charley.

Deu uma olhada rápida no espelho do vestíbulo. Não estava mal. Tinha ido ao salão de cabeleireiro de Claudia aquela tarde e cortado o cabelo para que caísse ondulado sobre os ombros. Preferira se maquiar ela mesma, porque, por experiência, sabia que as maquiadoras dos salões de beleza se excediam, e, além do mais, o estilo delas não favorecia seus traços, que não eram tipicamente libaneses. Delineara os olhos com *kohl* verde escuro, curvara os cílios para deixá-los mais longos e cheios, aplicara um pouco de pó bronzeador nas pronunciadas maçãs do rosto e um batom rosa natural. Olhou as sardas do nariz e das faces, mas sabia que nada as ocultaria, exceto uma grossa maquiagem, de modo que não se preocupou com elas. Usava uma longa túnica preta de organza com mangas transparentes e pedraria turquesa e diamante em volta da gola e dos punhos e calça preta justa.

Ouviu Charley se aproximar e esperou que tocasse a campainha. Tornou a se olhar no espelho. Seu coração batia forte, mas não podia deixar de sorrir para sua imagem. Estava louca para vê-lo. Passou um minuto, mas não ouviu nem a campainha nem o ferrolho de latão. Foi na ponta dos pés até a porta e, estranhando, colou a orelha nela. Ele tinha de estar ali, havia ouvido seus passos nos



pedregulhos. “O que está acontecendo?”, perguntou-se conforme se passavam os minutos e esperava ansiosa.

“Isso é ridículo!”, pensou. Endireitou-se, arrumou a túnica, passou a mão pelo cabelo, respirou fundo e pôs a mão na maçaneta. No momento em que encostou nela, Charley bateu o ferrolho, e Nina deu um pulo para trás, assustada. O salto de sua sandália enroscou em uma prega do *kilim* do vestibulo, e ela caiu sobre o traseiro fazendo um grande estrondo.

– Nina! Nina! *Yallah!* Você está bem? – perguntou Charley, que havia deixado cair o buquê de copos-de-leite e corrido para ela.

Nina olhou para ele aturdida.

– Por favor, diga-me que você está bem – repetiu ele estudando sua expressão.

Pegou a mão dela e a levou ao peito enquanto com a outra acariciava sua testa. Nina estava confusa demais para responder, mas conseguiu sorrir e assentir.

– Venha, deixe que eu a ajude.

Ele se ajoelhou e colocou os braços em volta dela para levantá-la. Nina gemeu; seu tornozelo doía; esperava não ter sofrido uma luxação. Fez uma careta e mordeu o lábio para não chorar quando ele tentou levá-la até uma poltrona.

– Venha, Nina, um pouco mais. Assim poderei dar uma olhada – disse enquanto a soltava com cuidado.

Olhou em volta e encontrou um pequeno banquinho de couro; aproximou-o, junto com uma almofada, para que ela apoiasse o pé enquanto ele se ajoelhava ao seu lado.

– Charley – conseguiu dizer com mais vergonha que dor –, não foi nada, com certeza só torci.

– Deixe que eu olhe para ter certeza de que não foi uma luxação – propôs ele, enquanto pegava o pé dela como se fosse o objeto mais precioso e frágil do mundo.

Observou, virou, tocou os ossos e massageou com suavidade.

– Acho que foi só uma torção, Nina – disse depois de recolocar o pé sobre a almofada.

Ela olhava o tornozelo, inchado e vermelho, que começava a ficar roxo.

– Mas é melhor chamar um médico – acrescentou Charley, que pegou um celular que acabara de chegar ao mercado e digitou um número.

– Não, Charley, estou bem, não preciso de médico.

– Precisa sim. Doutor Talal... Sim... é Charley Abboud... Não, estou bem, obrigado, mas preciso que venha a Hamra... Sim, um tornozelo... Não, não é o meu, é o de uma mulher... muito especial... Sim, o endereço é...

Nina o olhava atônita. Charley guardou o telefone e voltou ao seu lado.

– Você é tão bonita – disse acariciando-lhe o rosto e passando o dedo pelas pálpebras, pelo nariz e pelos lábios. – E é muito importante para mim. Quero cuidar de você, zelar por você. Não quero que nada de ruim lhe aconteça.

Nina olhou para ele, pegou sua mão e a beijou.

– Por favor, deixe que eu a ame.

Nina assentiu levemente perturbada e afastou a vista sem soltar a mão dele.

– Quero que você seja a mulher mais feliz do mundo.

Nina virou o rosto, olhou-o nos olhos e viu o que a esperava: doçura, honradez e sinceridade. Charley pôs a mão no queixo dela e aproximou seu rosto.

– Estou apaixonado – disse antes de cobrir seus lábios e dar-lhe um beijo elegante, delicado e sutil, como ele mesmo.

Quando se afastou, ela o olhou com timidez. Apesar de sorrir, sentiu-se desiludida por não ter sentido os fogos de artifício de que sua mãe havia falado, que havia sentido quando seu pai a beijara pela primeira vez. Não havia sentido o frio no estômago quando ele pegara seu queixo e, ao beijá-la, não experimentara o tremor que Jumana lhe havia descrito, essa sensação de se derreter como chocolate, nem o ardor ou a paixão desesperada para que a possuísse. Talvez tudo isso viesse com o tempo, consolou-se.

O doutor Talal chegou logo e diagnosticou uma torção feia. Após enfaixar o tornozelo, disse que aplicasse gelo e o mantivesse para cima.

– Não apoie o pé por uma semana ou dez dias.

– Vou cuidar para que não o faça – garantiu Charley, que havia decidido cuidar pessoalmente da recuperação dela.

– Muito bem. Vou indo, então – disse o médico, piscando para Charley. – *Madame* Nina – despediu-se antes de fechar a maleta –, o cheiro está ótimo, a senhora deve ser muito boa cozinheira.

– Quer ficar para jantar? – convidou gentilmente.

– O doutor Talal tem uma esposa que o espera – interveio Charley, pegando o médico pelo cotovelo e acompanhando-o até a porta.

– Sim, sim – corroborou o médico um tanto desconcertado.

– E teve de sair no meio do jantar, não é?

– Desculpe tê-lo feito sair por uma bobagem – desculpou-se Nina, despedindo-se com um aceno.

– Não foi uma bobagem. Eu faria qualquer coisa por meu amigo Charley. *Bonsoir, madame.*

Charley fechou a porta, sentou-se no banquinho de couro e colocou cuidadosamente o pé enfaixado em seu colo.

– Ele teria gostado de ficar para jantar – comentou sorrindo.

– Fiz um monte de comida – disse Nina sorrindo também.

– Outro dia. Esta noite é minha.

– Sim, mas como vou preparar tudo? Acho que consigo andar mancando.

– Nem pensar! Vamos até a cozinha e você me diz o que fazer.

– Quem? Você?

– Sim, eu – disse Charley tirando o paletó, e deixando-o no encosto de uma cadeira.

Arregaçou as mangas, tirou a gravata e se colocou em posição de sentido:

– Às suas ordens na cozinha!

– Não sei, Charley – duvidou ela rindo.

– Primeiro, tenho de levar você – disse ele e, antes que Nina pudesse perceber, estava em seus braços.

Quando Claudia voltou, na segunda-feira de manhã, Nina estava na cozinha tomando um café com o pé para cima.

– *Mamma mia!* Eu disse para não se pendurar no lustre! – exclamou ao vê-la.

– Muito engraçado. Não foi exatamente isso que aconteceu.

– O quê? Está me dizendo que eu deixei a casa só para você e não fizeram *hamimi*? Não houve mãos bobas? Que espécie de mulher é você?

Nina riu com gosto e explicou o que havia acontecido.

– Meu Deus, Claudia, foi tão embaraçoso. Você me imagina tropeçando no *kilim* e caindo de bunda?

– Está roxa?

– O quê? O que está roxa?

– A bunda.

– Não! Claro que não! Você sabe que a minha é bem acolchoada.

As duas explodiram em risos. Quando se acalmaram, Claudia lhe disse que Charley queria levá-la a Roma de surpresa para passar um fim de semana. Ele havia lhe pedido que fizesse uma reserva no Hassler Hotel, no alto da Escadaria Espanhola, e reservasse uma mesa para domingo à noite no Vivendo, um dos restaurantes mais caros da cidade.

Nina ficou estupefata.

– Tem certeza de que ele quer me levar a Roma? – perguntou pela segunda vez.

– Sim. Isso é *l'amore*, querida – disse Claudia antes de Nina lhe contar o final da noite: Charley havia queimado o peixe, as verduras e o *kibbeh* por deixá-los tempo demais no forno a quinhentos graus.

– Esse homem é um desastre na cozinha, mas não há dúvida de que se divertiram.

– Sim – admitiu Nina com um amplo sorriso.

– Maravilha, é o que eu queria ouvir.

– Não posso apoiar o pé por alguns dias, e Charley quer me levar para sua casa de praia.

– Vá e divirta-se. Apaixone-se. Vai gostar, você vai ver – aconselhou antes que ela pudesse lhe pedir permissão.

Era o meio da tarde, os clientes do almoço haviam partido, e os do café ainda não haviam chegado. Nina havia acabado de desligar o telefone quando ouviu Claudia às suas costas.

– Nina?

Ela se voltou, mas não teve tempo de enxugar as lágrimas.

– *Figlia*, que aconteceu?

– Não, não aconteceu nada, são boas notícias. Meu amigo Khaled, que é como meu irmão mais novo, vai se casar.

– Fantástico – Claudia aplaudiu. – Venha, sente-se aqui comigo um instante. Eu também tenho boas notícias para você. Mas antes, um aperitivo.

Pedi duas taças de prosecco antes de se sentarem à mesa de Charley.

– Você adora esse vinho, não é?

– Certos momentos merecem um brinde – disse enquanto esperavam a bebida borbulhante.

– Está delicioso – comentou Nina após um longo gole.

– Quero lhe oferecer parte do restaurante – propôs Claudia sorrindo.

– *Yallah!* Não sei o que dizer – respondeu Nina com os olhos arregalados.

– Diga que sim – sugeriu Claudia, dando de ombros em um gesto tipicamente italiano.

– Tem certeza?

– Não costumo fazer nada enquanto não tenho certeza de que é uma boa ideia. É você quem precisa pensar antes de aceitar.

– Claro que é uma boa ideia. É que você me surpreendeu. Quando vim para Beirute jamais teria imaginado que acabaria trabalhando com você em um restaurante. Eu sonhava em ir para a universidade.

– Ouça – disse Claudia pegando as mãos de Nina –, você é uma jovem preparada, para que quer ir à universidade? Por que precisa de um título para mostrar às pessoas que é inteligente? Você não precisa disso.

– Porque... bem, porque eu achava que para arranjar um bom emprego, que pagasse bem, era necessário um diploma

universitário.

– Para ganhar dinheiro não é necessário fazer faculdade, *bella ragazza*. É preciso ter cérebro, bom senso e dom para lidar com pessoas. Olhe para mim, acha que eu fiz faculdade? Em absoluto. Cresci durante a Segunda Guerra Mundial; acredite, naquela época ninguém pensava em estudar. Simplesmente tentávamos sobreviver. A guerra sempre interfere nos nossos sonhos.

– Eu sei.

– Aqui você vai ganhar dinheiro. Não ficará milionária, se é isso que quer, mas terá o suficiente para viver. E trabalhar em um restaurante é muito duro, *bella*. – Nina inspirou fundo. – Agora, por mais que eu queira tê-la só para mim, como sua amiga ou irmã muito mais velha, devo dizer que você tem outra opção. – Nina lhe lançou um olhar inquisitivo.

– Case-se com Charley de uma vez para que ele não continue se torturando nem eu o veja seguindo você por todo lado como um cachorrinho.

– Casar-me com Charley? – gaguejou Nina surpresa. – Por que eu ia me casar com ele?

– Você está cega? – perguntou Claudia meneando a cabeça. – Beirute inteira sabe que ele quer se casar com você.

– Ah, é? – disse Nina ainda desconcertada. – Ele nunca me disse nada.

– Acredite, ele quer.

– Mas, Claudia... Posso ser sincera com você? – perguntou com timidez.

– É evidente!

– Não sei como dizer isso sem que você me interprete mal – começou obviamente constrangida.

– Diga já! A esta altura, acho que nada do que conte pode me escandalizar.

– Não sei se quero me casar.

– E por quê?

– Sei que vai parecer estranho, mas quero ser independente, ser eu mesma, ganhar a vida e não ter de pedir dinheiro a ninguém.

Estou sozinha há muito tempo. Assusta-me amar um homem porque sempre penso que ele irá embora, e o que farei nesse caso?

– Nem todos os homens são como seu pai – disse Claudia, apertando a mão da amiga. – Além do mais, ele desapareceu no início da guerra, e você não sabe em que circunstâncias.

– Sim, minha mente entende, mas meu coração não. Tenho medo de me apaixonar. Charley é o primeiro homem que se aproxima de mim, além de Khaled, embora de uma maneira diferente.

– Nina, não seja egoísta. Pare de se trancar nesse castelo que você construiu à sua volta. Vamos, respire! Aproveite a vida! Já disse, apaixone-se! Você vai adorar, eu prometo. Você é uma mulher linda, compartilhe essa formosura com alguém. Deixe que a amem. Não vou convencê-la a se casar, mas viver com alguém, compartilhar experiências e ter lembranças é muito bonito. Talvez Charley não seja um lindo príncipe montado em um cavalo branco, mas é um homem bom, generoso e gentil, e está apaixonado por você. Deixe que ele a ame à sua maneira. Talvez não seja o amor com que você sonhou, mas ele a adora e a seguiria até o fim do mundo para que não lhe acontecesse nada. Está um pouco perdido e é viciado em trabalho, mas jamais a machucará.

Nina pensou com calma naquelas palavras. Gostava muito de Charley e sempre desejava ver seu carro em frente ao restaurante, mas casar-se com ele? Ele a tratava como uma rainha, fazia todos os seus caprichos, e, quando seu tornozelo ficou bom, levou-a a Roma e a Paris para passar um fim de semana e a encheu de roupas, joias e perfumes. O que mais podia pedir? Com certeza Claudia lhe diria que a maioria das mulheres não deixaria escapar essa oportunidade.

– Casar-se com Charley é uma vitória – disseram-lhe Claudia. – Você terá o melhor do melhor e acesso imediato à alta sociedade libanesa, para não dizer que a presidirá.

– Mas eu não quero ser uma *madame*. Além do mais, como vou saber se estou apaixonada por ele? Não sei o que se sente quando se está apaixonada.

– Gosta dele?

– Sim.

- Acha-o atraente?
- Sim.
- Acha repulsivo quando ele a toca?
- Não.
- Então, não seja boba. Vai resolver sua vida para sempre.
- E o amor?
- Virá com o tempo. Você vai aprender a amá-lo.
- Como você sabe que ele quer se casar comigo?
- Está escrito na cara dele. Ele só precisa se armar de coragem para pedi-la em casamento.

Mas Nina se debatia. Nunca havia pensado que fosse das que se casam. “Talvez seja bom levar a vida conjugal que meus pais tiveram”, dizia a si mesma enquanto meditava durante seus longos passeios pela Corniche. “Mas será possível? Serei capaz de reproduzi-la se me casar com Charley? Provavelmente não”, dizia-lhe uma voz interior. “De qualquer maneira”, pensou meneando a cabeça com força para se livrar de qualquer ideia sobre o casamento, “por que estou pensando em tudo isso? Ele nem sequer se declarou. Resolverei quando chegar o momento.”

Era um lindo sábado, o sol brilhava, e o Mediterrâneo cintilava com a luz da manhã. As flores se abriam no jardim da casa de praia de Charley. Nina estava desfrutando de um *pain au chocolat* recém-saído do forno quando percebeu que Charley a olhava. Baixou os olhos para a própria camisa, mas não havia nada. Olhou para ele e sorriu inquisitivamente.

- Tem chocolate no meu nariz?
- Charley meneou a cabeça.
- Meu cabelo está desarrumado?
  - Não – respondeu ele rindo.
  - Então, por que está me olhando?
  - Porque você é muito bonita.

Nina sorriu. Ele lhe dizia com frequência que estava muito bonita, mas, naquela ocasião, seu tom era diferente.

- *Merci, monsieur.*
- Quer se casar comigo?



- O quê? – exclamou Nina desconcertada. – Por quê? Por que quer se casar comigo?
- Porque eu a amo. Porque quis você desde o momento em que a vi. Porque quero continuar amando-a.
- Mas por que me pergunta isso agora? Não é feliz assim como estamos?
- Sou, mas quero cuidar de você.
- Mas você já cuida.
- Quero ter certeza de que você não terá problemas se acontecer alguma coisa.
- Não entendo. Está acontecendo alguma coisa?
- Não, *habibti*, não está acontecendo nada. Esperei para lhe perguntar porque queria ter certeza de que você se sentia bem e estava feliz.
- Estou – garantiu Nina sorrindo antes de se levantar para abraçá-lo e dar-lhe um beijo.
- Vai se casar comigo?
- Olhou-o nos olhos e assentiu.

Charley e Nina se casaram em uma discreta cerimônia celebrada pelo prefeito de Beirute. Estiveram presentes Samir, Claudia, a madre Catherine, a irmã Angélique e Khaled, que estava noivo de Amal.

Nina estava radiante quando Khaled percorreu com ela o corredor que haviam improvisado no meio do restaurante e que os funcionários haviam forrado com todo tipo de flores. Charley a esperava nervoso junto ao prefeito, que sorria, assim como Claudia. Nina usava um longo vestido solto de organza comprado de última hora em uma pequena boutique de Verdun. Não usava véu, decidira-se por uma rosa branca na orelha e levava um buquê de copos-de-leite, sua flor favorita.

- Viu, eu disse que você se casaria em Beirute – sussurrou Khaled.
- Você também vai se casar – replicou ela em voz baixa dando-lhe uma cotovelada. – Jamais teria imaginado que seria com Amal.
- Eu também não, mas somos felizes.

- É a única coisa que quero para você.
- Digo o mesmo. Cuide dela, Charley – pediu quando a deixou em suas mãos.

Ao se aproximar, notou que o pai dele estava ao seu lado.

Tudo parecia mágico. Sentiu-se segura, feliz e amada. No banquete celebrado no restaurante, depois da breve cerimônia, maravilhou-se ao ver quanto sua vida havia mudado, e em tão pouco tempo. Ao olhar para os comensais da única mesa, sentiu-se à vontade com os que a cercavam. A felicidade de seus amigos e a sua própria era tangível, e Nina rezou para que durasse para sempre.

Naquela noite, antes de ir para a cama, abriu uma pequena caixa de veludo vermelho que havia guardado em uma gaveta da cômoda e pegou o medalhão de ouro partido ao meio e a corrente que sua mãe sempre usava no pescoço. A outra metade estava com Sarkis. “Será que ainda está vivo?”, perguntou-se. Sua mãe havia lhe contado que seu pai cortara o medalhão quando se casaram, pusera uma metade no pescoço dele e lhe dissera que só se recebesse a outra metade poderia ter certeza de que estava morto. Senão, prometera-lhe que sempre encontraria um jeito de voltar para ela. Nina levantou o medalhão e deixou-o pender da corrente de ouro.



## Capítulo 10

Nadine escutava Lailah enquanto se sentavam a uma mesa do Claudia's. A proprietária as cumprimentou efusivamente quando entraram e disse a Lailah que fazia muito tempo que não a via.

– Prazer em vê-la. Ela não está fantástica? – perguntou Lailah, voltando-se para Nadine, que assentiu entusiasmada. – Parece Sofia Loren. Claudia, esta é minha amiga Nadine Safi. E Nadine, esta é a famosa Claudia Beatrice di Sole, proprietária e *chef* deste excelente restaurante.

– *Benvenuta* – cumprimentou Claudia, apertando a mão de Nadine e dando-lhe um beijo em cada face.

– *Piacere* – respondeu Nadine.

– Ah, *parli italiano!* – exclamou Claudia levantando as mãos.

– *Sì.*

– *Ma non sei italiana.*

– *No, no, sono libanese e indiana.*

– *Perciò sei tanto bella* – elogiou-a.

– *Grazie, Claudia, come lei* – devolveu o elogio.

– *Ma parli italiano perfettamente.*

– *Perché il mio marito e io abbiamo vissuto a Roma molti anni fa.*

– Ah! *Brava, brava.*

– Você precisa tratá-la como me trata – disse Lailah em tom de brincadeira fazendo um gesto autoritário com o dedo.

– *Ma, Lailah* – exclamou Claudia dando de ombros e gesticulando.

– *Certo, certo.*

– Então, posso praticar meu italiano enferrujado com você? – perguntou Nadine.

– Quando quiser. O que vão beber?  
– Que tal uma garrafa de champanhe gelado? – sugeriu Lailah.  
– *Che?* – exclamou Claudia com as mãos na cintura. – Você bebendo champanhe ao meio-dia? Estão comemorando alguma coisa? – perguntou, se inclinando para elas e baixando a voz. Lailah negou com a cabeça, e Claudia olhou para ela com ceticismo. – *É incinta?*

– *Io no credo* – respondeu Nadine. – Ela perguntou se você está grávida – comentou para Lailah.

– Grávida? – disse Lailah gargalhando. – Por favor, Claudia!

– Tudo é possível, querida.

– Não com o marido que tenho – pensou Lailah, sem perceber que havia falado em voz alta.

Houve um silêncio constrangedor.

– Que champanhe você tem? – interveio Nadine.

– Champanhe ou prosecco? – perguntou Claudia.

– O que prefere, Lailah?

– Escolha você – respondeu a outra, que ainda não havia se recuperado de seu embaraçoso comentário.

Enquanto Nadine e Claudia discutiam as excelências do champanhe e do prosecco, a mente de Lailah divagou. Era curioso que nunca tivessem tido filhos. Nem mesmo no início, quando seu marido a procurava todas as noites, conseguira engravidar. Havia pensado muitas vezes em ir a um ginecologista para ver se havia algo errado, porque Rachid tinha dois filhos, Tania e Roger, de suas duas mulheres anteriores. Os dois eram adultos, e Rachid não era próximo de nenhum deles. Tania era casada, morava em Roma e tinha uma filha, e Roger havia ido para os Estados Unidos estudar Medicina. Era tudo o que sabia, porque seu marido nunca falava deles. Nos últimos anos, quando Rachid se cansou dela, como todo mundo havia previsto, perguntava-se se ele teria algum filho fora do casamento. Achava que não, mas como ia saber? Ninguém ia lhe contar, a menos que deixasse escapar por engano, como aconteceu quando soube da amiga que ele havia apresentado como sua mulher em Madri.

Nesse momento, pensou na improbabilidade, e até impossibilidade, que seria engravidar. Não só não dormia na mesma cama que Rachid, como também tinham quartos separados. Além do mais, seu marido dormia com frequência em outra casa, com certeza com alguma ou muitas mulheres casadas, dadas suas diversas e pervertidas inclinações sexuais. Sentiu tanta vergonha quando as descobriu que ficou em silêncio, mas não para proteger Rachid (já não lhe importava o que as pessoas pensassem dele), e sim para se proteger. Não teria sido capaz de suportar o que diriam ou pensariam as pessoas se soubessem o que ele queria que ela fizesse. Ainda ouvia sua voz: “É disso que eu gosto. É pegar ou largar. Se largar, tanto faz para mim, sempre haverá alguma disposta a pegar”.

Não sabia por que continuava com ele, se era por medo do fracasso, do que sua mãe diria, do que pensariam dela... Jamais teve coragem de abandoná-lo e estava acostumada a uma vida de luxos na qual se sentia protegida e bem cuidada, mas também acorrentada e sozinha: ele controlava tudo o que ela fazia e investigava tudo o que via.

– Vamos tomar champanhe rosado – pediu Nadine. – Lailah! Lailah! Por que essa expressão tão séria? – perguntou em voz alta para tirá-la de seu devaneio.

– Não é nada. Acabei de lembrar algo que esqueci de fazer – disfarçou.

– Quer tomar champanhe rosado?

– Ótimo!

“Nadine sempre sorri”, pensou Lailah. Nunca se sentia desconfortável com ela. Ela sempre se mostrava alegre, risonha, otimista, atenta ao que lhe diziam, e mostrava interesse pelas pessoas. Dava-se bem com todo mundo, nunca dizia nada inoportuno de ninguém, dominava a diplomacia e sempre tinha a palavra certa na boca. Não era ciumenta nem invejosa, nem intimidava. Atraía as pessoas com seu generoso sorriso, e sua personalidade calorosa e acolhedora as conquistava. Era inteligente, havia viajado muito e sabia como se comportar com a realeza, com

os políticos e os famosos, mas também com as pessoas normais, e tratava a todos igualmente. Adorava as pessoas, e se notava. Era simples e natural. Uma mulher encantadora e verdadeira.

– Eu não sabia que você falava italiano nem que era meio indiana – comentou Lailah sorrindo e em tom inquisitivo. – Não me estranha que tenha uma pele tão bonita.

Nadine riu:

– Você é muito gentil, muito obrigada – agradeceu corando.

– Onde mora sua família?

– Em Jubail. Quando meu pai se aposentou, decidiram morar lá.

– O que ele fazia?

– Era embaixador, por isso viajamos muito.

– *Signore* – disse Claudia, que havia voltado para ver o que queriam –, hoje temos uma grande seleção de coisas deliciosas, além do *à la carte*.

– Surpreenda-nos – falaram as duas juntas.

– Vocês serão boas amigas – profetizou Claudia quando começaram a rir por conta da coincidência. – Não precisavam nem pedir – acrescentou, enchendo novamente as taças com a garrafa que estava em um balde de gelo. – Há alguma coisa que vocês não comem? São muçulmanas? Pergunto porque vários pratos levam presunto.

– Não sou muçulmana e adoro presunto, mas de porco não gosto muito – confessou Nadine.

– *Va bene* – disse Claudia recolhendo os cardápios antes de dar ordens escritas em italiano aos garçons.

– Eu não gostaria de me indispor com ela – comentou Lailah.

– Pelo que ela acaba de dizer, eu também não.

– Como é que você fala tão bem italiano? Seu pai trabalhou lá?

– Não... Roma é outra história.

Chucri Safi desligou o telefone completamente abatido. Julgava ter feito a coisa certa, mas seu chefe lhe dissera, muito irritado, que o havia colocado em uma situação muito comprometedoras. Como pôde ter sido tão tolo? Por que não avaliou as consequências? Em sua defesa, só podia alegar que era seu primeiro dia nesse emprego.

Sentou-se diante da mesa e afundou a cabeça nas mãos. Talvez não devesse tê-lo aceitado. Talvez não servisse para o cargo. Nada na vida o havia preparado para aquela situação.

Levantou-se, foi até a sacada e afastou as cortinas transparentes que filtravam o reflexo do sol. Abriu a porta de vidro, apoiou-se na balaustrada e inspirou fundo. Pouco a pouco, sua testa relaxou, ele abriu os olhos, e sua perturbada expressão se transformou em um sorriso. Na praia, em frente ao estacionamento, havia duas mulheres que pareciam do país. Tiraram a camiseta e o sarongue e soltaram o cabelo. Usavam os menores biquínis que já vira na vida. Começaram a passar creme e, quando se viraram para esticar a toalha na areia, ofereceram-lhe uma visão perfeita de dois traseiros de tanga, perfeitamente redondos. Estava tão encantado que não ouviu o interfone nem a batida na porta.

– *Monsieur Safi* – disse uma voz feminina. Chucri se virou, era sua assistente. – Desculpe incomodar, como não atendeu ao interfone bati na porta, mas não deve ter me ouvido.

– Que foi, Chantal? – perguntou, limpando a garganta e esperando que ela não tivesse notado que ele estava olhando as mulheres.

– Uma ligação para o senhor. É a senhora Ossairan, de Beirute. “Meu Deus!”, pensou Chucri, voando para o telefone. “Além do chefe, só me faltava irritar minha superiora.”

– Chucri, *habibi* – disse a voz de Imaan Ossairan, alta e clara.

– *Marhaba*, Imaan. *Kifek?*

– Bem, obrigada. Não estou ligando por nada importante, só para lhe desejar boa sorte em seu novo emprego. Sei que o embaixador tomou a decisão certa quando o nomeou cônsul, e tenho certeza de que se sairá muito bem.

– *Merci*, Imaan – agradeceu ele aliviado.

– De nada, Chucri. Muito boa sorte no Rio de Janeiro.

Imaan Ossairan havia corrido um grande risco ao escolhê-lo novo cônsul-geral no Rio. Naturalmente, havia consultado Fadi Assaf, o embaixador, e, apesar de ambos pensarem que por não ser diplomata de carreira a eficácia de seu trabalho seria imprevisível,

Chucri trabalharia de maneira diferente e daria nova vida a um cargo que havia perdido pujança.

Chucri jamais havia pensado em ser diplomata. Quando adolescente, quis ser ator e depois humorista. Assim, quando acabou a escola, decidiu ser ator de comédias. Durante quinze anos fez todos os testes que pôde para teatro, televisão ou cinema, para qualquer papel. Conseguiu entrar no elenco de um filme para a televisão egípcia, no qual, vestido de submisso comerciante do mercado, dizia umas frases para confraternizar com o herói do filme. Mas, além disso e de alguns papéis em duas produções teatrais, e um comercial de televisão de uma brilhantina que evitava a queda de cabelo e o mantinha saudável e abundante, não havia chegado muito longe. O curioso era que tinha uma graça natural, mas, quando tentava ser engraçado, fracassava espetacularmente. E, quando era espontâneo, as pessoas riam assim que abria a boca, antes que dissesse qualquer coisa.

Não tinha mais de 1,65 metro, era corpulento e tinha o rosto retangular, mas seus traços faziam lembrar um doce coelhinho. Tinha sobancelhas fartas, que se uniam quando ficava confuso ou irritado. Quando contava alguma coisa, enrugava o rosto e o nariz, gesticulava com as pequenas mãos e os dedos grossos, e se divertia com suas próprias histórias; ria, segurava a barriga e batia nas coxas, dando rédea solta a seu alvoroço.

Aos 30 continuava solteiro e sem sucesso na vida, duas circunstâncias que afligiam seus pais e sua família, de modo que, quando seu tio lhe sugeriu que passasse uns anos no exterior para pensar no futuro, ele decidiu ir, antes de perceber que não tinha dinheiro, nem próprio nem alheio. Ninguém lhe emprestou nada, e mesmo que conseguisse viajar não teria como se manter. Então, teve a ideia de ir ao Ministério de Assuntos Exteriores para propor que lhe pagassem a estadia em algum país. Não se sabe como, convenceu a então diretora de Relações Políticas e Consulares, Imaan Ossairan, a lhe dar uma oportunidade. Imaan não parou de rir durante toda a entrevista e, por incrível que pareça, colocou-o na seção de Assuntos de Emigração e Relações com a União Cultural



Libanesa Mundial. Chucri trabalhou duro e conseguiu alguns destinos nos Estados Unidos, como Nova York, Los Angeles, Detroit e Washington.

Aquele era seu primeiro dia como cônsul-geral no lugar que julgava ser a cidade mais sexy do mundo. Havia comunicado a nomeação aos pais, que finalmente se convenceram de que seu filho estava no bom caminho.

– Agora, a única coisa que falta é se casar; aí, o sucesso será completo – disse sua mãe.

– Não ouça o que ela diz, isso é bobagem – interveio seu pai, que estava lendo o jornal e fumando um cigarro.

– Por que preciso me casar para ter sucesso, *immi*?

– Porque sua esposa lhe dará muitos filhos saudáveis que levarão seu sobrenome. Só então você será um homem de sucesso.

– E se eu só tiver filhas? – perguntou Chucri, surpreso com esse argumento.

– Não é a mesma coisa, mas elas vão se casar e, se Deus quiser, terão filhos, e seu sobrenome perdurará, mesmo que não de maneira direta.

– Deixe o rapaz em paz. Chucri, case-se só se quiser. *Allah ghalib!* – interveio o pai.

– Você fique calado. O que você sabe? Por que deixar o destino nas mãos de Alá se só depende de você?

Chucri coçou a cabeça e se perguntou se devia se casar e ser o homem de sucesso que a mãe queria ou seguir o conselho do pai e deixar tudo nas mãos de Alá. Então, quando voltou aos Estados Unidos para finalizar seu contrato, comprou um livro que prometia que, se fosse seguido ao pé da letra, ele encontraria a companheira perfeita. Adorou. Era fácil de ler e garantia uma esposa; do contrário, devolviam seu dinheiro. Tinha certeza de que não podia se dar mal. Tinha tudo nas mãos. Saiu com várias mulheres e as convidou a jantares caros, jantares baratos, cinema, passeios pelo parque e tudo o que o livro recomendava. Até seguiu o conselho de renovar seu guarda-roupa.

Mas não encontrou ninguém com quem se casar. Nenhuma das convidadas tornou a ligar para ele. Sem conseguir entender por quê, escreveu para o autor para que lhe devolvesse o dinheiro, mas jamais obteve resposta. Talvez, só talvez, o Rio fosse diferente. Sorriu ao se lembrar das mulheres de tanga e teve o pressentimento de que sua sorte ia mudar.

Enquanto isso, em Brasília, Nadine Assaf, filha mais nova do embaixador Fadi Assaf e de sua mulher, Marina, entrou enraivecida em seu quarto e fechou a porta violentamente. Estava tão furiosa que teria jogado a cadeira em que tropeçou pela janela, ou a teria despedaçado no chão, mas a cadeira não tinha culpa de nada. Sem poder acalmar sua raiva, soltou um forte grunhido, voltou até a porta e a bateu ainda com mais força. Dessa vez, as dobradiças rangeram, a porta tremeu, e ficou claro que havia formulado uma sonora declaração de indignação na residência do embaixador.

– Toma essa! – gritou. – Porco! Como se atreve a me tratar assim?

Uma vez aquietada sua ira, sentiu incredulidade, tristeza e auto-comiseração, seguidas de lágrimas. Ouviu uma suave batida na porta.

– Filha? – Nadine distinguiu a doce voz de sua mãe, Marina.

Estava deitada de bruços na cama e não olhou para cima. Marina se sentou na cama e acariciou o cabelo da filha. Não disse uma palavra, porque não sabia o que dizer. Aquela havia sido sua segunda desilusão, o segundo namorado que havia quebrado o compromisso.

– O que há de errado comigo, *umma*? Por que ninguém me quer? – disse, enquanto começava a chorar e o edredom abafava suas palavras.

– Porque são imbecis, cretinos, uns porcos...

– Mas por que eu, *umma*? Tenho uma maldição. Deus me castigou por alguma coisa.

– Talvez ele reserve o melhor para o final.

– Para quando? Para quando eu tiver 50 anos?

– Vai acontecer antes do que você espera. Tudo tem sua razão de ser – explicou Marina filosoficamente. – O universo e os deuses têm

planos para todos nós e, quando nos desviamos desses planos ou tentamos forçar algo, eles intervêm e evitam que façamos uma bobagem.

– Isso é uma estupidez.

– Não é, pense bem. Imagine onde estaria se tivesse se casado com Claudio. – perguntou se referindo ao primeiro namorado da filha. Nadine negou com a cabeça. – Estaria morando em algum apartamentinho em São Paulo, e ele estaria bêbado o dia inteiro jogado no sofá achando que seria o próximo Pelé. E com Sergio... hum... já, já encontraremos algum defeito. Simplesmente ainda não sabemos qual é.

– Com certeza tem a ver comigo. Não valho o suficiente para ninguém – queixou-se entre soluços.

– Isso não é verdade, e você sabe – afirmou Marina com firmeza.

Mas sabia que, dissesse o que dissesse, não conseguiria consolá-la. Não era algo que se esquecesse da noite para o dia, mas esperava que, como de costume, o tempo, o grande curador, usasse sua varinha mágica e recompusesse o coração de sua filha.

“Por favor, Ganesh”, rezou Marina, sentada ao lado de sua filha chorosa. “Por favor, chega de heróis do futebol, chega de atores, chega de diletantes latino-americanos. Você fez muito bem com minhas outras duas filhas. Por favor, envie a esta um homem bom e gentil que cuide dela e a ame, um homem que ponha um sorriso em seu rosto e a faça rir.”

Nadine estava tomando seu café matutino e comendo um *croissant* no terraço de um pequeno café, contemplando a vida e lamentando sua sorte.

“Pelo amor de Deus, Alá e Ganesh! Por que tenho um emprego que não é melhor que o de uma velha casamenteira de Beirute se sou formada em francês e literatura comparada pela Golena? E, dados os péssimos resultados que tive comigo mesma, também não é que eu esteja fazendo as coisas muito bem”. Olhou o relógio. “Merda! São quase dez. Como o tempo passa!”, pensou enquanto recolhia rapidamente suas coisas e as enfiava em uma mochila.

“Preciso de outro emprego”, pensou antes de suspirar e entrar no café para pagar e começar uma nova vida.

Nadine era coordenadora de atividades para solteiros no clube Monte Líbano, um clube social formado por 650 famílias libanesas, um pedaço do Líbano no Brasil. Havia sido fundado para manter vivos a cultura, as tradições e os costumes na diáspora libanesa e criar um vínculo com sua terra, mesmo para quem não voltasse. Ela havia conseguido o emprego porque a junta diretiva estava mais que contente por contar com a filha do embaixador libanês. O único problema é que ficava no Rio e, como ela morava em Brasília, um lugar terrivelmente chato em comparação, tinha de viajar com frequência para São Paulo e para o Rio de Janeiro.

Seu cargo exigia que organizasse noites especiais, atividades sociais e festas para os solteiros do clube, sem importar a idade. Uma das atividades que havia organizado era o “Amor de uma noite”, um coquetel para que os jovens libaneses pudessem se conhecer. E, apesar do que o nome sugeria, fora pensado para pessoas que procuravam alguém para casar.

– Querida, é perfeito! – exclamou Marina, entusiasmada quando ela falou de sua nova atividade. – Talvez eu pudesse ir.

– Muito engraçada, *umma*.

Nadine conheceu Chucri em um desses coquetéis, ou melhor, Chucri a viu pela primeira vez ali.

Fazia seis meses que ele estava no Rio e não havia encontrado uma esposa. Tentara de tudo, inclusive organizar uma festa em sua luxuosa cobertura na rua Barão da Torre, em Ipanema, que contava com um terraço espetacular com vista para o mar e o famoso Pão de Açúcar. Convidou os moradores do edifício, e todos foram. O espaçoso apartamento estava abarrotado, uma imensa quantidade de comida e bebida foi consumida, e havia mulheres por toda parte, algumas vestidas e outras nuas na piscina e na jacuzzi do terraço. Mas, no fim da noite, quando todo mundo foi embora comentando quanto havia se divertido, a única coisa que ele conseguiu foi uma conta colossal da loja de bebidas e um apartamento de pernas para o ar.

Estava começando a perder a esperança de encontrar alguém para casar quando um amigo lhe sugeriu participar das atividades para solteiros do clube Monte Líbano, onde lhe garantiu que encontraria uma libanesa bonita, do tipo que sua mãe teria orgulho de chamar de nora.

O clube ficava em um grande edifício na rua Visconde de Pirajá, uma das principais ruas de Ipanema. Havia sido um hotel e contava com um espaçoso salão de baile e um restaurante, necessários para os grandes acontecimentos. Graças a Nadine, as atividades para solteiros, em especial o "Amor de uma noite", eram muito populares. Ela as havia estruturado de modo que ninguém se sentisse constrangido ou tímido, e as anunciava como coquetéis ou jantares onde a possibilidade de conhecer alguém era a consequência natural, quase orgânica, de duas pessoas que se encontram no mesmo lugar em um dado momento. Sendo abertos a todos, inclusive a casais que os entendiam como um evento social, não pareciam um "mercado de carne".

Em geral, os eventos eram divertidos e haviam propiciado muitos compromissos e casamentos, exceto no caso de Nadine. Seu único inconveniente era a constante presença de três senhoras, que não perdiam uma única festa. Nadine não ia com a cara delas, e vice-versa. Achavam que a moça era uma intrometida que tentara lhes proibir a entrada e que havia dito à junta que elas não tinham de estar ali, que iam só pela comida, que enchiam seus pratos, embrulhavam o que não conseguiam comer em guardanapos que colocavam nos bolsos e, às vezes, até iam com saquinhos para levar o que sobrasse; coisa que, segundo Nadine, tinha a grande vantagem de ser verdade.

Mas o problema, mais que a comida, era a tendência delas de gritar, de comentar em voz alta sua opinião sobre os casais, de pressionar os presentes dizendo quem deviam conhecer e o que deviam dizer, de fazer comentários desagradáveis das mulheres de quem não gostavam e, em geral, de ser indiscretas e interferir na vida dos outros, algo que, em uma atividade na qual as pessoas se

sentiam um pouco tímidas e vulneráveis, era totalmente inapropriado, na opinião de Nadine.

Mas a junta não podia proibir a presença delas, e Nadine tinha de suportar seu comportamento impertinente. Evidentemente, aquilo não impedia de tentar fazê-las se sentir incomodadas lançando-lhes olhares furiosos, mas aquele trio era como três bruxas implacáveis. Elas a menosprezavam e se queixavam dela com qualquer um com um mínimo de autoridade que se aproximasse, mas Nadine não estava nem aí.

Eram quase seis horas e estava arrumando as flores na encantadora mesa de mogno redonda e antiga da biblioteca. Naquela noite não esperava muita gente e achava que o salão de baile ficaria grande demais. Quase não lhe restava tempo para se arrumar, de modo que acabou com as flores rapidamente, deu uma olhada em volta para se assegurar de que tudo estava em ordem, verificou com o encarregado dos garçons se não faltava nada e foi para seu escritório, onde ia se trocar. No caminho, viu as três velhas.

“Que Deus me ajude!”, pensou fazendo cara de paisagem.

– *Monsieur Safi. Ahlan, ahlan* – cumprimentou o doutor Karam, servil presidente da junta, na porta.

“Não é só um adulator, mas também um fofoqueiro – pensou Chucri, que sabia que ele contaria a todo mundo que o cônsul-geral havia ido ao evento “Amor de uma noite” e às demais atividades para solteiros e não encontrara esposa. Só de pensar o que diziam dele, seus ouvidos zuniam. “Agora eles vão ver”, pensou com determinação. “Esta noite vou encontrar a mulher dos meus sonhos.”

– Por aqui, por favor – indicou-lhe fazendo uma leve reverência.

Chucri passou pelas três velhas, que haviam entrado instantes antes dele, e ouviu-as perguntar em voz alta quem era ele e o que estava fazendo ali. Aquilo o fez lembrar das velhas que se sentavam nos mercadinhos e bazares sem nada para fazer além de beber chá, fofocar e se meter na vida dos outros.

Nadine estava em um canto da biblioteca. O ambiente estava lindo, confortável, caloroso e acolhedor, tal como esperava. As

grandes flores de gengibre rosa escuro haviam caído bem, e o resplendor das velas lhes conferia uma imagem suave e sensual. O escuro piso de madeira, coberto com antigos tapetes persas, as prateleiras repletas de livros, as confortáveis e desgastadas poltronas de couro e as longas e adamascadas cortinas de seda conferiam à noite um leve ambiente colonial vitoriano. Eram sete horas, e, até o momento, tudo corria bem. Quase todo mundo que havia respondido ao convite estava presente. Havia rostos familiares e alguns desconhecidos. “Maravilha, sempre é bom que venha gente nova. Acho que vou tomar uma taça de vinho”, pensou finalmente relaxando depois do estresse que antecede o início das festas. Pegou uma taça de vinho branco de um dos garçons sem perceber que estava perigosamente perto das três velhas.

– Ei, doutor Karam! Doutor Melham Karam! – gritou a primeira delas.

Contrariado, mas obrigado por ouvir gritar seu nome, o lisonjeiro presidente da junta foi até elas.

– Senhoras – cumprimentou, forçando um sorriso e com a expressão de quem está sendo assaltado em um caixa eletrônico –, aqui estão, como sempre, no “Amor de uma noite”, só para solteiros.

– O que está insinuando? – perguntou a terceira.

– Nada, querida senhora – replicou ele, rindo como se sentisse dor. – Só que sua devoção a esta atividade é inquebrantável.

– Para sua informação, vou lhe dizer que somos solteiras, de modo que nem o senhor nem essa mulher podem nos impedir de vir – disse a primeira senhora, apontando para Nadine.

– Isso mesmo – reforçou a segunda.

– Ninguém tentaria fazer isso – afirmou o doutor Karam. – Em que posso ajudá-las?

– Quem é esse homem de terno azul-marinho? Ele me parece muito familiar – perguntou a primeira.

– Minha querida senhora, é Chucri Safi, nosso novo cônsul-geral no Rio – explicou com orgulho.

– Quem ele a faz lembrar? – quis saber a terceira, e as três colocaram os óculos e esticaram a cabeça para olhar para ele.

– Um momento! – disse a segunda. – Um momento! – repetiu. Tirou os óculos, limpou-os com um lenço e tornou a colocá-los para ver melhor. – Meu Deus! – exclamou com os olhos arregalados por trás daqueles óculos fundo de garrafa de armação redonda grossa.

– Quem é? – perguntou a primeira, voltando a olhar para Chucri.

– Sim, quem é? – interveio a terceira.

Nesse momento, Chucri estava no centro da biblioteca, ao lado da mesa com flores de gengibre rosa, com uma taça de vinho branco na mão, olhando a sua volta com discrição e cumprimentando as pessoas que conhecia de festas anteriores.

Reparou em uma mulher que estava sozinha em um canto e olhava pela janela. “Quem será?”, perguntou-se, pois não se lembrava de tê-la visto antes. “É muito atraente.” A luz das velas criava uns reflexos avermelhados em seu cabelo castanho e reverberava o dourado de sua linda e suave pele marrom. Usava um vestido simples cor de chocolate que ressaltava seu corpo e sandálias abertas de salto alto de um marrom mais claro, com a bolsa combinando no braço. Ela se virou, e Chucri a olhou. Estava lindíssima. Era a mulher com quem queria se casar, ele sabia. Um homem se aproximou dela e sorriu. Quem era? Chucri sentiu um leve ataque de ciúmes. O homem sussurrou algo em seu ouvido, e ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha para ouvi-lo melhor. Sorriu. “Como se atreve a sorrir para outro homem?” Depois riu. “Não, não pode rir com mais ninguém. Um momento, cavalheiro”, pensou, pronto para se colocar em um duelo até a morte com ele.

No momento em que se armou de coragem para se aproximar da dupla e separá-la, ouviu:

– Chucri Safi! Meu Deus! É ele! É ele!

Olhou à sua esquerda e, para seu horror, viu uma idosa roliça correndo para ele. A surpresa daquela situação o paralisou, como um cervo diante da luz dos faróis de um carro, com a boca aberta, incapaz de se mexer. Tudo pareceu acontecer em câmera lenta. No último momento conseguiu cruzar os braços diante do rosto para se proteger. A mulher se jogou sobre ele e, com isso, a taça de vinho



voou longe; aplicou-lhe um golpe que o derrubou, sentou-se sobre ele e pôs uma mão de cada lado de seu rosto.

– Ahhh! – gritou Chucri quando viu o rosto da mulher sobre o seu e tornou a cobrir-se com os braços.

No final, ela desabou sobre ele, suas grossas coxas se abriram de forma provocadora sobre a pelve dele, cravaram-no no chão, e o generoso peito da velha aterrissou no rosto de Chucri enquanto ele, incapaz de respirar, se mexia desesperadamente para tentar se libertar.

O doutor Karam, ajudado por outros homens, conseguiu afastá-la de Chucri, que ficou de costas no chão, sem fôlego e aturdido, e com uma expressão de surpresa mais moderada.

– Excelência! Excelência, está tudo bem? – perguntou o doutor Karam enquanto o ajudava a se sentar.

Chucri, ainda em estado de choque, não respondeu.

– Rápido, chamem uma ambulância! – ordenou à multidão que havia se aglomerado.

– Não é necessário, acho que estou bem – disse Chucri, que havia se levantado, ajeitado o paletó e a gravata e passado a mão pelo cabelo.

– Tem certeza? Deixe pelo menos que um médico o examine – suplicou Karam com medo que aquela mulher tivesse quebrado algum osso dele ou causado um dano irreparável.

– Não, estou bem.

– Sinto muito, excelência, estou muito envergonhado. Isso jamais havia acontecido na história do clube e garanto que não tornará a se repetir.

Chucri olhou em volta para ver se a mulher de cabelo avermelhado continuava ali.

– Por favor, aceite nossas desculpas – Karam continuou se desculpando com as mãos unidas. – Vamos proibir a entrada dessa mulher, será expulsa imediatamente. Não pense que é o tipo de comportamento que permitimos neste clube. Temos normas muito estritas para evitar essas situações e jamais um dos nossos membros foi molestado dessa maneira.

Chucri não prestava atenção a suas palavras. A única coisa que lhe interessava era saber onde estava a mulher de cabelo avermelhado, pele oliva e vestido cor de chocolate. Olhou acima das cabeças que o cercavam, mas não a encontrou.

– Por favor, excelência, a mulher que o atacou quer se desculpar. Disse que o reconheceu de uma propaganda de brilhantina, mas certamente é um engano. Deve tê-lo visto pronunciar algum discurso no Parlamento.

– Não é um engano. Eu fiz essa propaganda quando era jovem – explicou Chucri, decepcionado porque a mulher com quem sabia que se casaria havia desaparecido.

– Ah! – exclamou Karam sem saber muito bem como reagir diante daquela confissão.

– Onde está essa mulher? Acho que devíamos fazer as pazes.

– Por aqui, por favor – indicou Karam.

A mulher estava amparada por duas amigas, que falavam de maneira ininteligível a toda velocidade. Chucri incorporou seu papel de simpático cônsul-geral, apesar de, na realidade, ter desejado estrangulá-la.

– *Bonsoir, madame* – cumprimentou ele oferecendo-lhe a mão.

– Ohhh! – exclamou ela prestes a se derreter.

– Desculpe, ela está feliz por conhecê-lo. Ela comprou essa brilhantina durante muitos anos por sua causa – explicou a segunda mulher.

– Mas onde viu a propaganda? Com certeza não foi aqui.

– Não. Nós viemos para cá quando começou a guerra civil – interveio a terceira mulher.

– Meu filho morava aqui, e decidimos viajar juntas – esclareceu a primeira.

Chucri não conseguiu entender por que haviam se mudado para lá se só uma delas tinha um filho no país. A não ser que fossem da família; mas pouco importava. Não queria lhes fazer mais perguntas nem tinha forças para escutar suas complicadas explicações.

– Muito bem. Prazer em conhecê-las, especialmente a senhora, *madame*. Se houver algo que possa fazer por vocês no consulado,

não hesitem em me ligar. Agora, se me permitem, tenho um compromisso – despediu-se sorrindo da segunda mulher e apertando a mão de Karam, que insistiu em acompanhá-lo até a porta.

– Excelência – disse Karam enquanto abria a porta do carro. – Por favor, volte e honre nossas noites com sua presença.

– Não se preocupe – tranquilizou-o Chucri antes de apertar um botão para fechar a janela –, voltarei.

O doutor Karam ficou olhando para um vidro preto, e Chucri se sentiu como o exterminador do futuro.

– Para onde, senhor? – perguntou o motorista.

– Para casa, por favor.

Não tinha nenhum compromisso; esperava ter jantado com alguém no coquetel, em especial com a mulher com quem ia se casar.

“Meu Deus, que desastre!”, pensou com pesar. Por fim havia visto a mulher dos seus sonhos, mas fora atacado por um hipopótamo.

“Quem será?”, perguntou-se abatido. Não sabia seu nome nem o que fazia ali, se era libanesa, membro do clube ou se havia ido como convidada. Não sabia nada dela além de que era a mulher com quem ia se casar.

“Será que ela presenciou o incidente embaraçoso? O que terá pensado? Será que riu?”, perguntou-se. Atormentava-o pensar que ela o acharia um palhaço. Quando chegou em casa, sua desilusão havia se transformado em desânimo; ao subir no elevador, estava terrivelmente deprimido. Aquela mulher era um absoluto mistério e nem sequer havia deixado uma pista, como a Cinderela. Sentiu vontade de chorar. O Rio estava se transformando em um verdadeiro desastre.

– Chucri, preparou o programa para o general Aoun e sua esposa? – perguntou Fadi Assaf pelo telefone, com voz firme.

– Sim, excelência. Chantal o está passando a limpo. Já o envio ao senhor.

– Muito bem. Não esqueça que Imaan chega daqui a algumas semanas e que você terá de ir com ela a Brasília.

– Eu sei.

Assim que desligou, fechou sua caderneta e saiu da sala. Precisava ir a um coquetel organizado pelo cônsul francês para o Ministério de Assuntos Exteriores francês e estava atrasado.

– Chantal, termine esse programa e mande-o a Brasília. Até amanhã – despediu-se e desapareceu antes que ela pudesse desejar boa noite.

O apartamento do cônsul francês não ficava muito longe do seu em Ipanema. Assim que entrou, viu-se cercado por uma multidão de rostos e pegou uma taça de vinho branco de um dos garçons.

– Ah, Chucri, *bonsoir* – cumprimentou Thierry de Gourillon, cônsul francês no Rio e embaixador anterior em Beirute.

– *Kifek? Comment vas-tu, habibi?* – perguntou com o típico costume libanês de misturar os dois idiomas de que o cônsul tanto gostava.

Trocaram um aperto de mão e se abraçaram. Eram bons amigos.

– Venha, quero apresentá-lo ao chefe.

– Quanta gente! Como vai sua esposa? – perguntou enquanto se dirigiam ao fresco terraço.

– *Très bien, très bien.* Ela adora o Rio. Está pensando em se aposentar na Bahia. Você sabe que este cargo foi um presente do ministro de Assuntos Exteriores. Depois de tantos anos em Beirute, eu pretendia me aposentar.

– Sim. Lembra-se de Imaan Ossairan? – perguntou Chucri em um aparte.

– A grande dama da diplomacia libanesa? Claro que sim.

– Ela chega em algumas semanas, então vamos todos nos reunir.

– Precisamos fazer isso. Vou oferecer um jantar aqui e vamos levá-la a...

Mas Chucri não ouviu as últimas palavras do amigo. Estava paralisado. Na sacada estava a mulher: a mulher com quem ia se casar, linda à luz dos dourados raios do sol poente em Ipanema.

*Subhan Allah!*

– Chucri! – Thierry gesticulou freneticamente para que fosse cumprimentar o ministro de Assuntos Exteriores francês, mas Chucri

não sabia o que fazer. À sua esquerda estava a mulher com quem ia se casar falando e rindo com um homem, como no clube Monte Líbano. Seria o mesmo? À sua direita encontravam-se o cônsul e o ministro, motivo pelo qual havia ido àquele coquetel. “Por favor, não se vá, já volto”, pensou.

Uma hora depois, quando conseguiu se livrar dos franceses, a mulher já não estava ali. “Merda!”, quase gritou. Não era possível. Como podia tê-la deixado escapar pela segunda vez? Primeiro o ataque do hipopótamo e depois os franceses. Suspirou, desalentado.

– Johnnie Walker Black Label – pediu ao garçom. – Duplo, sem gelo, por favor.

Durante os dias seguintes, não teve tempo de sentir pena de si mesmo, pois teve de organizar uma recepção para o general Michel Aoun no clube Monte Líbano. Recorreu ao doutor Karam para que avisasse a comunidade libanesa e se encarregou de convidar os funcionários brasileiros que achou que deviam conhecer o general. Tudo corria à mil maravilhas. Chegou com antecedência para se assegurar de que o presidente havia feito tudo o que havia pedido. Era o primeiro ato social que organizava na cidade e precisava que tudo corresse bem. Deu uma volta pelo salão de baile para checar se haviam colocado as mesas para o jantar, se haviam testado o som e se o palanque estava instalado.

Os convidados começaram a chegar às seis. Chucri, que vestia seu melhor terno azul-marinho, estava muito elegante esperando ao lado da porta para lhes dar as boas-vindas. Fazia um calor insuportável, e ele desejou poder estar no salão de baile, equipado com ar-condicionado. O general e a sua comitiva eram esperados às seis e meia, o que lhe daria tempo mais que suficiente para falar com os convidados durante os coquetéis, fazer um pequeno discurso para apresentar o Partido do Movimento Patriótico Livre e arrecadar dinheiro para ele, e depois se sentar para jantar. Estava nervoso, mas não sabia por quê. Notou que o suor atravessava as mangas de sua camisa e impregnava o terno, e sentiu que sua nuca estava excessivamente quente. Passava das seis e meia, e o general não

havia aparecido. Costumavam chegar dez minutos atrasados. Ora, devia ter ido buscá-los pessoalmente.

– Chucri! – cumprimentou-o Marco Sleimane<sup>2</sup>, prefeito da cidade.

– Marco, querido colega! – exclamou Chucri dando-lhe uns tapinhas nas costas, pois sabia que ele tinha outro compromisso. – Vai chegar a qualquer momento, acabaram de me avisar. É o trânsito...

– Chucri, você sabe que aprecio você e quero conhecer o general, mas não posso esperar muito mais – desculpou-se-se o prefeito, que tinha ascendência libanesa.

– São só mais alguns minutos, Marco – respondeu Chucri, assim como havia feito com outros pouco dispostos a esperar. – Por favor, um uísque duplo, puro – pediu a um dos garçons.

Suando profusamente, tomou-o de um gole só com a esperança de que acalmasse seus nervos.

Finalmente viu duas SUVs pretas se aproximarem. “Graças a Deus!”, pensou consultando o relógio. Eram quase dez para as sete. Quando cumprimentou o general e sua esposa, sentiu uma leve tontura e, ao acompanhá-los ao salão, começou a passar mal. Sua vista se ofuscou e achou que ia desmaiar. Precisava beber água, mas a única coisa que os garçons ofereciam eram taças de vinho. De repente, o salão começou a rodar, e as vozes soavam distorcidas. “Meu Deus, fui envenenado!”, foi a última coisa que pensou antes de desabar no meio do salão enquanto apresentava o general ao chefe do governo do estado do Rio de Janeiro.

Poucos minutos depois, abriu os olhos e viu vários rostos olhando para ele. “Meu Deus, estou morto. Isto é o Inferno. Onde está São Pedro?”, pensou.

– Pode dizer seu nome? – perguntou alguém.

– Sim, claro.

– Como se chama?

– Chucri Safi.

– Sabe onde está?

– Sim.

– Onde?

– No clube Monte Líbano, no Rio de Janeiro. Um momento. O que aconteceu? – balbuciou, e tentou se levantar, mas várias mãos o impediram.

– Acalme-se, por favor. O senhor desmaiou e precisa manter a cabeça baixa.

– Desmaiei?

– Sim, senhor. Agora acalme-se – recomendou o paramédico que o clube havia chamado.

– Não posso, preciso cuidar de uma solenidade. Não posso decepcionar o embaixador nem o ministro – protestou ignorando o conselho.

– Por favor, se não se acalmar, terei que amarrá-lo à maca e levá-lo para a ambulância – ameaçou o paramédico.

– Não pode fazer isso! Deixe eu me levantar! – Chucri começou a gritar.

Tal como o havia advertido, puseram-no em uma maca e o levaram a um canto do salão. Assim que ficou claro que Chucri não corria perigo de morte, o general decidiu fazer seu discurso e garantiu a todos que o valente cônsul-geral do Líbano estava bem e que logo se juntaria a eles.

De repente, enquanto tentava se soltar da maca, Chucri viu que aquela mulher estava falando com outro homem.

– Um momento, por favor! – pediu. Era a terceira e talvez sua última oportunidade. – Por favor, só um segundo! É muito importante! Preciso falar com aquela moça. É a mulher com quem vou me casar, a que deixará minha mãe feliz. Por favor!

Os paramédicos trocaram olhares e sorriram pensando que estava delirando.

– Por favor! – Chucri continuou suplicando.

– Chega. Onde está a mulher com quem vai se casar? – perguntou por fim um dos paramédicos.

– Ali! Ali!

– Mas ela está com outro homem.

– Não importa, não importa.

Os paramédicos sorriram e levaram a maca até onde estava Nadine.

– Desamarrem-me, por favor – pediu e, quando se viu livre, se levantou tão rápido que voltou a sentir a tontura que o uísque duplo e o calor lhe haviam provocado e desmaiou antes de poder dizer qualquer coisa a ela; mas, naquela ocasião, com um sorriso nos lábios.

Acordou no hospital Copa D’Or. Abriu os olhos e, sem mexer o corpo, olhou em volta e viu Nadine. Assustou-se tanto que quase perdeu o acesso que haviam colocado em seu braço.

– Estou morto?

– Está mais vivo que nunca – garantiu ela.

– Onde estou?

– No hospital. Ontem à noite você desmaiou no clube Monte Líbano.

– E o que faz aqui?

– Os paramédicos me disseram que sou a mulher com quem você vai se casar.

– Disseram, é?

– Sim.

– E você acreditou?

– Por que iam mentir?

– Não sei... Tem certeza do que disseram?

– Sim. Por que quer se casar comigo?

– Não sei o que dizer – disse-se envergonhado.

Nadine começou a rir.

– O que acha de perguntar meu nome?

– Como é seu nome?

– Nadine... Nadine Assaf.

– *Allaho Akbar!* Assaf! Você é libanesa. Eu sabia! Eu sabia!

– Meio libanesa.

– E a outra metade?

– Indiana, minha mãe é indiana.

– Mas seu pai... é libanês?

– Sim – afirmou com um sorriso.



– De que parte do Líbano é seu pai? O que ele faz? Talvez eu o conheça, ou a sua família.

– A família de meu pai é de Jubail, e você o conhece. Ele é seu chefe, o embaixador Fadi Assaf.

Quando não viu nenhum movimento na cama nem nenhuma reação, Nadine se levantou para ver o que estava acontecendo.

Chucri havia desmaiado de novo.

Nadine não sabia o que pensar de Chucri, mas não conseguiu parar de sorrir durante toda a viagem de avião do Rio a Brasília. Assim que chegou em casa, contou à sua mãe o que havia acontecido.

– Que palhaço! Absoluta e totalmente ridículo! E é o cônsul-geral no Rio? Em que diabos seu pai estava pensando? Como Imaan teve uma ideia dessas? – explodiu Marina.

– *Umma*, na verdade, ele é muito doce. Havia algo encantador na maneira como insistiu que o levassem de maca até onde eu estava, muito romântico.

– Romântico? Ficou maluca? Dá a impressão de que depois de dois compromissos rompidos você perdeu a cabeça.

– *Umma*, não posso explicar o que vi nele, mas tem um rosto gentil e uma forma de se comportar muito doce.

– Você só o viu uma vez e, porque disse aos paramédicos que queria se casar com você quando estava bêbado, ficou louca por ele?

– *Umma*, não foi a primeira vez. Eu o vi em um “Amor de uma noite” no Rio e na casa do cônsul francês.

– Acho que você está confusa, querida.

– Pode ser, mas ele me fez rir de verdade. E pode ser que seu comportamento tenha sido estranho, ridículo e uma palhaçada, mas nenhum dos outros dois conseguiu.

– Esperamos você amanhã à noite com Imaan por volta das sete, Chucri. O jantar é informal, de modo que nada de cerimônias. Vou mandar um carro – disse Fadi Assaf.

Chucri desligou e escondeu o rosto nas mãos. Não sabia o que fazer. Não tinha certeza de que ir a Brasília era uma boa ideia.

Nadine estaria lá, e não podia prever como se comportaria. Ele havia feito o mais absoluto papel de ridículo diante dela. Como ia se atrever a olhar para ela? Tocou o interfone.

– Sim?

– *Monsieur* Safi, há uma mulher no telefone que diz que se chama Nadine e que o senhor sabe quem é.

– Nadine? – gaguejou. – Tem certeza, Chantal?

– Sim, senhor. Digo que deixe recado?

– Não, não – inspirou fundo e pegou o telefone. – Chucri Safi.

– Excelência, aqui é Nadine Assaf.

Pelo tom de sua voz, Chucri soube que ela estava sorrindo.

– Ah! Nadine... – disse tentando parecer surpreso.

– Queria me assegurar de que virá ao jantar que meu pai vai oferecer a Imaan Ossairan.

– Eh... sim... espero poder. Ainda não sei... Terei de fazer algumas mudanças em minha agenda...

– *Wa Allah*. Espero que possa, porque gostaria de vê-lo.

– Sim... Eh... bem... Eu também.

– *Tayeb*, então nos veremos. *Yallah!* Tchau.

Quando desligou, Chucri percebeu que seu coração batia a toda velocidade. O que não sabia é que com Nadine acontecia a mesma coisa. Ela sorriu e começou a pular e dançar como uma menina, encantada com seu segredo.

No avião para Brasília, sentado ao lado de Imaan, Chucri tentou por todos os meios esconder o nervosismo que sentia. Imaan havia chegado no dia anterior. Chucri tinha ido buscá-la no aeroporto, acompanhara-a ao hotel e depois a levava ao jantar que seu amigo Thierry havia oferecido. Alegrou-se por haver mais dez comensais, pois tinha certeza de que não teria suportado um interrogatório profundo por parte de Imaan.

– Esteve na residência do embaixador em Brasília? – perguntou Imaan.

– Ainda não – respondeu Chucri olhando pela janela.

– É um edifício encantador, com colunas muito bonitas e tetos altos, colonial português.

- Parece bonito – respondeu distraído.
- Conheceu Marina? – continuou tentando sondá-lo.
- Ainda não.

– Ela é uma mulher muito agradável, mas é um pouco difícil conhecê-la e é meio cética. Mas quando gosta de alguém, gosta mesmo. É preciso conquistá-la, ela é uma mulher séria, nada frívola.

– Chucri assentiu. – É indiana, sabia? Conheceu Fadi em Beirute quando seu pai era embaixador lá e se apaixonou perdidamente por ele. Seu pai se opôs categoricamente ao casamento, e Marina teve de fugir. Tiveram três filhas encantadoras. Duas se casaram e a mais nova ainda mora com eles, Nadine. – Chucri continuou olhando pela janela sem dizer nada. – Eu a adoro, é uma garota maravilhosa. Espero que encontre o melhor dos maridos. Ela merece.

Chucri assentiu, tentando se concentrar nas suaves nuvens brancas.

Quando o carro parou na entrada, o coração de Chucri batia a tal velocidade que tinha certeza de que Imaan o estava ouvindo. Imaan não podia deixar de sorrir, era encantador ver um homem tão apaixonado.

Tal como havia dito Fadi, o jantar foi informal; só havia convidado alguns funcionários da embaixada que queriam conhecer Imaan. Chucri estava uma pilha de nervos, e Marina se comportou como uma verdadeira sogra potencial: intimidou-o até fazê-lo ficar em silêncio, testou-o tanto quanto pôde e lhe fez as mais estranhas perguntas, que com certeza havia tirado do jogo Trivial Pursuit. Chucri tinha certeza de que havia fracassado e que Marina se oporia a qualquer tentativa dele de se casar com sua filha.

– Você não lhe deu nenhuma oportunidade, Marina – Imaan repreendeu-a docemente quando, mais tarde, se sentaram para tomar chá com biscoitos. – Você já o havia desclassificado antes que chegasse a Brasília.

– Por Deus, Imaan, olhe para ele! É um palhaço! Sua cara dá vontade de rir.

– Não se deixe enganar, ele é um bom homem. Tem um bom coração e não mataria uma mosca. – Marina suspirou, incrédula. –

E, pelo que vi e ouvi no jantar, adora Nadine.

– Ela pode arranjar alguém muito melhor.

– Ah, é? – inquiriu Imaan deliberadamente.

– Imaan! – exclamou Marina pondo-se na defensiva. – Ela teve azar com os dois pretendentes anteriores, mas é certo que merece coisa melhor.

– Você se comporta como uma esnobe. Além do mais, Nadine parece gostar dele.

– Nadine não sabe o que quer. As duas decepções a afetaram muito.

– Acho que você a está menosprezando. Ela sabe perfeitamente distinguir algo bom quando o encontra.

– Desde quando você é casamenteira? – perguntou Marina rindo.

– Por que insiste tanto? Ele está lhe pagando comissão?

– Não diga bobagens. Eu gosto dos dois e os vejo bem juntos.

– A propósito, como vão as coisas com Joseph?

– Instáveis.

– E sua filha?

– Tala está bem. Ela me dá muita alegria e paz, e me sinto muito contente e abençoada por tê-la.

– Então vai entender como me sinto em relação a Nadine e por que quero evitar que cometa um erro.

– Marina, querida, Nadine é adulta. Você precisa deixar que ela tome suas próprias decisões e que aprenda com a vida.

– Mas com esse Chucri está cometendo um engano.

– Deixe que ela decida – disse, mas Marina ficou em silêncio. – O que Fadi acha disso tudo?

– Acha que ela tomará a decisão certa.

– Então, deixe que o faça.

Mas Marina não podia. Dava a impressão de que os dois compromissos rompidos haviam afetado mais a ela que à filha. Mãe e filha se envolveram em duras discussões por causa de Chucri, principalmente quando Nadine tinha de ir trabalhar no Rio. Marina a proibiu de vê-lo, e a garota insistiu em fazê-lo e, assim, passou tanto tempo com ele quanto pôde. Finalmente suplicou a seu pai que

interviesse, mas ele se limitou a dizer que era uma questão entre ela e a mãe.

– Você tem minha bênção, filha; por mim, pode se casar com ele amanhã.

– Então, por que não posso me casar? – perguntou retoricamente.

– Tenho sua bênção, de que mais necessito? Por que *umma* não entende? Por que nunca confia em mim? Por que não vê o mesmo que você?

– Sua mãe a ama muito, não quer que a machuquem de novo.

– Mas Chucri não vai me machucar. Sei que ele é o homem a quem estou destinada. – Os dois ficaram calados. – Devo me casar com ele e esquecer *umma*? Afinal de contas, é minha vida, não é?

– Não sei, Nadine. Essa é uma pergunta a que só você pode responder.

Nadine não pretendia ferir sua mãe. Amava-a e não queria se afastar dela, queria que ela fosse feliz. Precisava da bênção de sua mãe, queria compartilhar com ela sua felicidade e não podia entender por que não confiava em sua escolha.

Tentou de tudo para fazê-la mudar de ideia. Chucri voltou a Brasília uma dúzia de vezes nos meses seguintes, mas a única coisa que conseguiu foi deixar Marina ainda mais louca, aumentar sua ira e sua aversão e forçá-la a se fechar àquele que havia apelidado de “Mr. Bean”.

Quando as visitas não funcionaram, Nadine sugeriu que escrevesse cartas para ela, mas também não surtiram efeito. Marina jogava-as fora depois de lê-las e argumentava que não fazia nem ideia do que diziam porque sua letra era incompreensível. Chucri escreveu uma datilografada, mas Marina alegou que não tinha sentido gramatical.

– Por que não vem a Brasília e fala com ela? – propôs Nadine durante um jantar em um encantador e pouco conhecido restaurante italiano em Ipanema.

– Já fiz isso.

– Mas não podemos continuar assim – afirmou Nadine desesperada.

– E se eu falar com seu pai?

– Por que pergunta? Tenho certeza de que já falou.

Chucri sorriu, ela o conhecia muito bem.

– E se você escrever outra carta para ela?

– Já fiz isso muitas vezes, e ela me insultou outras tantas.

Nadine não sabia o que fazer; torceu as mãos e tentou encontrar uma solução.

Quase um ano depois, continuavam se encontrando em segredo e jantavam em restaurantes onde sabiam que não seriam vistos por ninguém que conhecesse Marina, mas, no mais das vezes, comiam em casa, aproveitavam o terraço, a vista e o fato de estarem juntos.

Então, vieram as más notícias: a estadia de Chucri no Rio chegara ao fim. Seu destino seguinte era Roma. Nadine estava desolada. Sentiu que tudo se repetia, que mais uma vez seria abandonada no altar, só que naquela ocasião não era porque o homem não a amava, e sim porque sua mãe não gostava do homem que amava.

Antes que Chucri ocupasse seu novo cargo, Fadi foi a Beirute por questões de trabalho, e Marina o acompanhou, com intenção de passar um mês na Índia; duas semanas em Délhi com seus pais e o resto em Calcutá com sua irmã. Nadine aproveitou sua ausência para passar todo o tempo no Rio. Conforme se aproximava a data de Chucri partir, ela começou a se preocupar cada vez mais. Não sabia o que fazer. Debatia-se entre o amor e o casamento, o dever e a responsabilidade. Amava Chucri, e ele a amava, e sabia que seriam felizes juntos, mas também sentia uma profunda lealdade filial em relação aos pais, em especial à mãe, que sempre estivera ao seu lado.

– O que faço, Chucri? – perguntou pela enésima vez.

– Minha linda Nadine – respondeu ele também pela enésima vez com sua costumeira doçura e paciência. – Você sabe o que eu quero, mas não posso lhe dizer o que fazer. Você precisa decidir.

– Mas o que vai acontecer se eu ficar?

– Se ficar, ficou – respondeu dando de ombros.

– Mas eu quero ir com você.

– E eu quero que venha – disse pegando suas mãos. – Para mim, você é a mulher mais bonita do mundo. É a mulher com quem eu soube que me casaria no momento em que a vi, e que amo e a quem sou fiel desde então.

Nadine engoliu em seco e tentou conter as lágrimas.

– O fato de eu ir para Roma não significa que vou deixar de amá-la. Vou esperá-la, eu prometo. Se necessário, o resto da vida. Vou esperar até que você decida o que quer fazer.

– Estou confusa – confessou derramando uma lágrima. – Não sei o que é o certo. Eu gostaria que meus pais continuassem me amando e ficassem felizes por mim, o mesmo que espero de você. É pedir demais?

– Não posso responder por seus pais, mas eu a amo. Seja qual for sua escolha, está bem para mim.

– Oh, Chucrí! – exclamou ela apoiando a cabeça em seu ombro e deixando que a abraçasse. – Por que você é tão bom comigo, meu maravilhoso e querido Chucrí?

Ele teve de fazer um grande esforço para não chorar.

Chucrí foi para Roma com o coração partido e se instalou no apartamento deixado pelo cônsul anterior e sua família, um palácio do século XVIII em pleno Trastevere; mas não conseguia tirar Nadine da cabeça. Tentou se concentrar no trabalho, mas só via seu rosto; perdeu-se pelas antigas e sinuosas ruas da cidade e sentiu que pegava a mão dela. Foi à Escadaria Espanhola e quase morreu de tanto chorar ao imaginá-la correndo para ele com um sorvete de chocolate na mão.

Começou a lhe escrever todos os dias. Eram cartas formais, com estilo antiquado, dessas que escrevem os amantes separados, mas destinados a se ver de novo um dia. Descreveu-lhe a cidade, o que fazia a cada dia, o que via, aprendia, comia, quem encontrava, os vinhos que descobria, suas atividades, sua vida, seus sentimentos por ela, sua filosofia do amor, tudo.

Nadine começou a recebê-las, dia após dia. Guardava-as em ordem e as lia e relia, aproveitava cada uma; adorava Chucrí cada vez mais e se apaixonava ainda mais ao ler suas palavras, ao

perceber sua entrega, ao entender seu amor por ela no tempo e esforço que dedicava a fazê-la parte de sua vida. Aquelas cartas o mantiveram presente em Brasília, seus olhos jamais deixaram de vê-lo, e seu coração, de senti-lo.

Seis meses depois da partida de Chucri, ela escreveu uma carta aos pais dizendo quanto os amava, expressando à sua mãe quanto a admirava e contando que a considerava sua heroína, e que após meses de reflexão havia percebido que queria o mesmo que eles tinham: uma vida, uma família e o amor de um companheiro; queria rir e ser feliz; e esperava que seus pais também desejassem para ela o mesmo, coisa que só poderia encontrar em Roma.

Encheu uma pequena mala com o imprescindível, deixou a carta no aparador da lareira do estúdio e comprou uma passagem de ida para Roma. Quando chegou ao aeroporto de Fiumicino ligou para Chucri.

– *Signore* Safi, uma ligação para o senhor – avisou a assistente.

– Quem é, Maria? – respondeu mal-humorado.

Sabia que ela era nova no trabalho, mas não gostava que o incomodassem por bobagens.

– É uma mulher, *Signore*. Disse que o senhor a conhece.

– Maria, eu conheço um monte de gente, pode descobrir quem é?  
– pediu quase perdendo a paciência.

– *Signore*, ela disse que se chama Nadine – informou Maria depois de alguns segundos.

Chucri olhou para o telefone achando que não havia ouvido bem. Pegou o aparelho certo de que era um engano ou uma coincidência, de que era alguém com o mesmo nome ou que havia acontecido alguma coisa no Brasil.

– Chucri Safi.

– Excelência... – disse a voz de Nadine.

– Nadine! Aconteceu alguma coisa? Você está bem? Por que está me ligando?

– Por favor, Chucri, não grite, não sou surda.

– Desculpe, é que me assustei. O que aconteceu?

– Preciso fazer uma pergunta muito importante.



– Pois não...  
– Ainda me ama?  
– Por favor, Nadine, espero que não seja outra prova exigida por sua mãe...

– Chucri, isso não tem nada a ver com minha mãe, e sim com você e comigo. Ainda me ama?

– Claro que sim!

– E ainda quer se casar comigo?

– Quando quiser.

– O que acha de hoje?

– O quê? – perguntou ele surpreso.

Ouviu anúncios em italiano e o inimitável som da sirene de um carro dos *carabinieri*.

– Nadine – quase teve medo ao fazer a pergunta –, você está em Roma?

– Espero você no Fiumicino; eu só tinha dinheiro para a passagem de avião.



## Capítulo 11

– Bem-vinda à sua casa, *madame* Abboud – Charley a recebeu abrindo a porta.

Nina ficou fascinada e entrou no belo vestíbulo de mármore branco da cobertura que ele havia comprado em um edifício de apartamentos recém-reformado na Corniche.

– Não é o que eu queria – desculpou-se –, mas interromperam a construção do que eu gostava.

– É maravilhoso! – interrompeu-o Nina.

– Gostou? – perguntou Charley aliviado.

– Se gostei? Adorei! – disse ela, voltando-se para ver o vestíbulo.

– Mostre-o – pediu antes de pegar sua mão e percorrer os quartos vazios sem parar de rir e de sugerir a decoração.

Os dois primeiros anos do casamento foram os mais felizes de sua vida. Charley a levou a Paris na lua de mel, e, quando voltaram, ela continuou trabalhando com Claudia como acionista do restaurante, ainda que não fosse todos os dias devido aos muitos compromissos sociais que tinha por ser esposa de Charley. Não gostava muito dos almoços beneficentes nem das juntas de instituições culturais e artísticas que tentavam se reestruturar depois da guerra e às quais tinha de pertencer; também não lhe agradavam as festas, as atividades, os jantares, os casamentos e até os funerais aos quais devia estar presente, mas entendeu que faziam parte do cargo de presidente do Banco de Beirute. Charley adorava sair com ela, apresentava-a orgulhoso como sua esposa e sorria quando a reconheciam por trabalhar no restaurante. Desnecessário dizer que houve uma verdadeira profusão de comentários ciumentos e

invejosos por parte de algumas mulheres de Beirute, que a consideravam uma aproveitadora que havia se infiltrado na alta sociedade e seduzido Charley só por seu dinheiro e posição social.

Tudo parecia ir bem. Beirute estava se reconstruindo, e, como sempre, os libaneses enfrentavam seu passado e o superavam olhando para o futuro. Grande parte do otimismo que impregnava o país se devia a Rafik Hariri, um empresário muçulmano nascido em Sídón eleito primeiro-ministro. Seu mandato inspirou o povo libanês, que sentiu que ele não era como os demais políticos, que só sabiam falar. Rafik tinha um plano para a reconstrução do Líbano e o colocaria em prática, mesmo que tivesse de recorrer a seu próprio dinheiro, grande parte do qual havia ganhado em construção.

– Claudia's, *buongiorno* – atendeu Nina.

– *Habibtî!*

– Olá, Charley.

– Nina, *chérie*, lamento, mas tive tantas reuniões estas últimas semanas que esqueci de lhe dizer que hoje à noite temos um jantar importante na residência do primeiro-ministro.

– Oh, não! Eu prometi a Claudia que cuidaria do restaurante esta semana. Por isso ela foi a Roma.

– Eu sei, eu sei, *habibtî*, sinto muito. Não pode deixar alguém em seu lugar? Só por esta noite?

Ele a deixou em uma situação delicada. Nina conhecia suas responsabilidades, mas havia dado sua palavra de que cuidaria do restaurante.

– Está bem, mas só hoje, ou Claudia vai me pedir para devolver as ações.

Desligou e foi dar instruções a Amr, o assistente egípcio que haviam acabado de contratar.

– E, por Deus, não brigue com Marcello. Você sabe que ele fica muito tenso e que se considera mais um artista que um cozinheiro.

– Não se preocupe, *madame* Nina – tranquilizou-a antes que entrasse na SUV.

– Estes são os números de casa e do carro. Qualquer coisa, pode me ligar.

- Prefiro não ligar quando estiver com seu marido, *madame*.
- Ligue, por favor. Não quero que Claudia encontre um desastre quando voltar, por menor que seja.
- Tudo bem, *madame* – disse Amr fechando a porta e acenando.

Naquela noite Nina usava um vestido de organza preto sem mangas meio rodado que terminava acima dos joelhos e ressaltava suas pernas, uma sandália preta sem salto de pele de alce e uma pequena bolsa Chanel. Teria gostado de usar salto alto, mas não queria ficar muito mais alta que Charley. Na verdade, quando estava com ele costumava se abaixar, pois o marido era cinco ou seis centímetros mais baixo que ela.

– Então, esta é a famosa Nina. Ouvi falar muito de você – cumprimentou-a Rafik.

– É um honra conhecê-lo, senhor – respondeu Nina.

Como a maioria dos libaneses, ela era uma ardorosa seguidora daquele homem.

– Charley, Nina, gostaria de apresentá-los a várias pessoas. Conhece Fouad Sayah, Charley?

– Claro. Como vai, meu amigo? – Charley o cumprimentou com um abraço.

– Meu filho Joseph está por aí – comentou –, veio comigo, sabe lá Deus por quê. É um inútil, só se interessa por carros e mulheres.

– Ah, *habibtî!* – exclamou Rafik ao ver uma loura que se aproximava deles e cumprimentava Charley afetuosamente.

– Charley Abboud? *Kifek? Ça va?* Faz muito tempo que não nos vemos.

– Imaan, você está linda como sempre.

– Acabo de voltar do Brasil. Vi Fadi Assaf, que lhe manda lembranças, assim como Marina. Acho que virão logo a Beirute.

– Como vai nosso amigo ator em seu novo cargo?

– Muito bem, muito apaixonado pela filha mais nova de Fadi, Nadine, mas Marina se opõe categoricamente a esse casamento.

– Pois vai ser difícil convencê-la. Venha, Imaan, deixe que eu lhe apresente minha linda mulher, Nina.

– Você é tão alta... mas tenho certeza de que já lhe disseram isso muitas vezes – comentou Imaan. – *Tsharrafnah*. Prazer em conhecê-la.

– Igualmente.

– Imaan é a nova promessa do Ministério de Assuntos Exteriores, uma mulher muito poderosa – elogiou Charley juntando as sobrancelhas. – Vocês têm algum parentesco?

– Por favor, Charley! Como vou ser parente de uma mulher tão alta, majestosa e escultural?

– Estou falando sério. Seu sobrenome é Ossairan, igual ao sobrenome de solteira de Nina.

– Então, você me parece ainda mais interessante. Venha comigo, *habibtî*, vamos tomar alguma coisa – sugeriu Imaan, pegando-a pelo braço.

– Vamos – aceitou Nina sorrindo.

– Então, herdou essa altura de seu pai – comentou Imaan quando se sentaram nas confortáveis cadeiras do jardim.

– Como você sabe? – perguntou Nina, perplexa.

– Você é filha do armênio.

– Você é Sherlock Holmes?

– Ouvi falar de você minha vida inteira. A história de seus pais é famosa em minha família.

– Sempre quis conhecer algum membro do clã Ossairan. Pertencemos à mesma família?

– Sim.

– Tem certeza?

– Só existe uma família na qual um sargento armênio do Exército libanês matou um homem, apaixonou-se pela viúva e se casou com ela – explicou Imaan rindo.

– Bem, falando assim... Não sei o que dizer. Sinto-me um pouco constrangida, afinal de contas, meu pai matou seu irmão.

– Sim, mas um irmão que eu não conhecia. Isso aconteceu há muito tempo, eu nem sequer havia nascido, e, evidentemente, você também não.

– Mesmo assim, sinto-me estranha...

– Não tem por quê. Eu sempre me perguntei como você seria.  
– Mas eu não sabia nada sobre você. Minha mãe não falava muito de sua família.

– Não é de estranhar, ela foi expulsa. Meu pai lhe disse que fosse embora e nunca mais voltasse.

As duas mulheres sentiram uma afinidade instantânea, uma agradável sensação de compreensão, e continuaram conversando abertamente como se fizesse anos que se conhecessem. Compartilharam experiências, intimidades e lembranças, e reforçaram sua camaradagem rindo de algumas das curiosas semelhanças que compartilhavam.

– É como se eu estivesse falando com minha irmã – confessou Imaan.

– É mesmo. Eu nunca conheci ninguém que gostasse tanto de *nammura* quanto eu.

Imaan riu.

– Você é uma mulher muito corajosa, Nina.

– Como você, minha amiga – disse, e, de repente, teve uma ideia.

– Você poderia me fazer um favor?

– O que quiser, afinal de contas, somos parentes.

– Meu pai desapareceu em junho de 1975, e eu nunca mais soube dele.

– E você gostaria de saber o que aconteceu – disse Imaan após tomar um gole de vinho.

– Exato.

– Quer que eu a ajude?

– É pedir demais? – perguntou Nina levemente envergonhada.

Imaan negou com a cabeça.

– Sei que milhares de famílias procuram seus parentes e amigos, e não peço um tratamento especial. Eu gostaria que me pusesse em contato com a pessoa certa. Você sabe, alguém que cuide de encontrar pessoas desaparecidas.

– Vou adorar ajudá-la.

– Só quero saber o que aconteceu e por que abandonou a mim e a minha mãe.

– Você tentou achá-lo quando desapareceu?

– Sim. Quando minha mãe morreu, fiquei em Baalbek e comecei a lecionar. Nos dias livres, ia perguntar aos líderes da guerrilha no vale do Beqaa.

– Isso demonstra muita coragem – elogiou Imaan com os olhos arregalados. – Poderiam tê-la matado.

– Sim, pensando agora, parece uma loucura, mas na época eu era jovem e me julgava invencível.

– Sabia que muitos desses líderes são agora burocratas? Se você fosse procurá-los, eles lhe diriam que abandonasse a busca, que esquecesse e tocasse sua vida.

– Eles nunca se mostraram muito dispostos a ajudar. Estou em paz com o desaparecimento de meu pai. Só quero virar a página.

– Nesse caso, vou falar com alguém que com certeza vai descobrir o que aconteceu – disse Imaan pegando uma pequena agenda. – É um velho amigo que trabalhou nos serviços de inteligência.

– Ouça, Imaan, sério, não quero que faça nada especial ou que ache que estou me aproveitando...

– Não diga nem mais uma palavra – ordenou Imaan arqueando a sobancelha.

– Só se você tiver certeza – murmurou Nina, envergonhada.

– Tenho mais que certeza.

– Ei, Imaan! – ouviu alguém chamar enquanto anotava algo na agenda.

Viraram-se e viram uma mulher vestindo uma calça preta muito justa, uma blusa de organza com grandes e volumosas mangas e sapatos de verniz de salto alto com os quais mal podia andar.

– Prepare-se – Imaan alertou Nina com um sussurro, fazendo cara de paisagem. – Rima! Prazer em vê-la. *Kifek?*

– Que surpresa! Quando voltou? – gritou Rima avançando para lhe dar um abraço.

Quando se jogou em cima dela, Imaan pensou: “Oh, que a terra me engula”.

– Como está?

– *Hamdellah, habibti* – respondeu Imaan suspirando profundamente e deixando-se cair em uma cadeira vazia.

– Rima, esta é Nina Abboud.

– Nina Abboud? A mulher de Charley? – disse, e Nina sorriu e assentiu. – É a dona do restaurante.

– Não exatamente, tenho algumas ações. Claudia continua sendo a dona.

– *Habibti*, estou há não sei quanto tempo tentando reservar uma mesa – queixou-se Rima.

– Não se preocupe, vou me assegurar de que consiga.

– Você vai se arrepender do que acabou de dizer – sussurrou Imaan meneando a cabeça.

– Quando voltou, Imaan? Por que não me ligou? O que anda fazendo? – Rima formulou uma pergunta atrás da outra sem lhe dar tempo de responder.

A conversa continuou, e o resto da noite transcorreu sem incidentes.

– Obrigado, *chérie* – disse Charley pegando a mão de Nina no carro quando voltavam para casa. – Sei que você tinha obrigações no restaurante.

– Não se preocupe, meu amor – Nina o tranquilizou apertando sua mão. – Foi só uma noite, e não aconteceu nada. Pelo menos é o que espero. Senão, com certeza eu teria sido avisada.

– Bom, de qualquer maneira, sempre pode pôr a culpa em mim; pagarei o que for necessário.

– Talvez ela esteja tentando fazer você aumentar o empréstimo.

– Conhecendo Claudia, tenho certeza que sim. Gostou da noite, *habibti*?

– Sim, adorei conhecer Imaan. É uma dama.

– Além disso, está escalando cargos no Ministério de Assuntos Exteriores. Vai chegar muito longe.

– Ela me disse que vai tentar descobrir o que aconteceu com meu pai.

– Se existe alguém que pode fazer isso, é ela.

– E você, gostou?



– *Habibtj*, para mim, esses eventos fazem parte de meu trabalho, você sabe.

– Sim, *chéri*, mas talvez esta noite tivesse sido diferente.

– Não foi. Hariri propôs um plano para reconstruir Beirute e quer colocá-lo em prática em muito pouco tempo.

– O que significa isso?

– Que gente como Fouad Sayah ou como eu mesmo vamos ter de trabalhar duro durante semanas, meses e até anos. Há muito que fazer. Creio que Hariri não sabe realmente quanto, nem nós – comentou Charley profeticamente.

Nina estava na cama quando a criada entrou na ponta dos pés com uma bandeja antes de abrir as cortinas.

– Hoje vou tomar o café da manhã no terraço, Suzi.

– Muito bem, *madame*.

– Suzi... Afofe os travesseiros e traga meu celular.

– Agora mesmo.

– A que hora *monsieur* Abboud saiu esta manhã?

– Levantou-se às seis e saiu pouco depois, *madame*.

Nina se sentou na cama de casal, bocejou e respirou fundo. A manhã estava linda, e o formato de meia-lua do dormitório lhe permitia ver o mar em frente e as montanhas a leste. Consultou o calendário no telefone. Alguns anos antes Claudia comprara de volta as ações de Nina, devido à sua situação de residente e aos impostos que tinha de pagar, um processo que seria mais simples se fosse a única proprietária.

Naquela manhã tinha de fazer algumas ligações e duas coisas na rua; Suzi poderia cuidar disso. E havia marcado de almoçar com Imaan, mas talvez cancelasse. Olhou o relógio, eram apenas dez horas. Afastou a colcha e se sentou sem tocar os pés no chão. Pegou o jornal da enorme bandeja de prata que Suzi havia deixado sobre o antigo baú ao pé da cama. Maravilha! Mais políticos corruptos, mais subornos, mais fraudes, quadrilhas de traficantes e redes de prostituição, tráfico de armas. Quando haveria alguma boa notícia, para variar?

Colocou os pés nas suaves pantufas de pele de bezerro feitas sob medida e foi até o banheiro, que também tinha uma vista de 180 graus, do Mediterrâneo às montanhas. Tudo era feito de mármore branco com janelas enormes e espelhos do chão ao teto. Fazia alguns anos que haviam se mudado para a exclusiva Bay Tower do porto esportivo e abandonado o apartamento de que ela tanto gostava. O novo era muito frio e asséptico.

Olhou-se no espelho. Estava com 46 anos. Nunca havia sido bonita, mas sim atraente, e sua altura chamava a atenção e lhe conferia presença e caráter. Prendeu o cabelo castanho em um rabo de cavalo antes de escovar os dentes e lavar o rosto. Com o cabelo preso parecia ter o rosto maior, e era difícil discernir o formato devido à papada que se havia instalado, um traço que havia herdado de sua mãe. Apertou a pele flácida do pescoço e a puxou para trás. “Não sei se deveria arrumar isto aqui”, pensou.

– Café ou chá, *madame*? – ofereceu Suzi quando Nina se sentou para tomar o café da manhã.

– Café.

Enquanto era servida, observou o grosso anel de diamantes e o anel de noivado com um diamante em forma de esmeralda que usava no dedo anular esquerdo. Eram lindos, como tudo o que seu marido lhe havia dado durante quinze anos. Franziu os lábios.

Charley continuava sendo o todo-poderoso presidente do Banco de Beirute; ela, a esposa exemplar. Não tinham filhos, mas nenhum dos dois sentia falta disso. Aparentemente, seu casamento era perfeito, e ninguém pensava o contrário, mas Nina não se sentia satisfeita. Charley havia se dedicado de corpo e alma ao projeto de Hariri para a reconstrução de Beirute, o que o absorvia a ponto de praticamente excluir a tudo e a todos. O assassinato de Rafik Hariri redobrou sua determinação de finalizar o projeto começado pelo amigo. Quase nunca estava em casa e, quando chegava, parecia ausente. Já não saíam para jantar nem iam à casa de praia, não viajavam... haviam deixado de fazer coisas juntos. No que lhe dizia respeito, viviam como colegas que dividem um apartamento e só compartilhavam uma rotina tediosa.

Fazia anos que não tinha relações com Charley. Ele também não havia mostrado muito interesse; após os dois primeiros anos de casamento, sua vida sexual foi se apagando. Durante um tempo achou que ele tinha uma amante, mas não. Ele era fiel. Tímida e envergonhada demais para falar desse assunto, tentou embebedá-lo, mas nada aconteceu. Depois, tentou ela mesma se embebedar para ver se ele se aproveitava, mas não o fez. Parecia que Charley era feliz assim. Sabia que a amava, e ela o amava. Era seu melhor amigo, o homem a quem recorreria se acontecesse alguma desgraça, e sabia que podia contar com ele para sempre.

Mas sentia falta da intimidade, de alguém que a abraçasse e fizesse amor com ela. Queria alguém que lhe dissesse de novo que era bonita, queria sentir seu coração pular quando ouvisse uma voz masculina ao telefone. Queria sorrir, compartilhar sua vida, experimentá-la com alguém como havia feito com Charley no início.

Terminou de tomar o café da manhã, entrou no banho e decidiu ir ao almoço. Afinal de contas, Imaan o havia organizado e lhe suplicara que fosse porque queria lhe apresentar alguém. Vestiu uma calça jeans, uma camisa colorida de listras roxas e rosa e sandálias baixas abertas. Ia se maquiar, mas preferiu passar um pouco de protetor para lábios sabor pêssego e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo frouxo. Amarrou à bolsa Hermès um lenço cor de tijolo da mesma marca, colocou grandes óculos Tom Ford e seu inconfundível chapéu de palha preto e se olhou no espelho. Essa era ela. Estava como se sentia mais confortável e não lhe importava ter o característico heterogêneo aspecto de Beirute.

Chegou ao Claudia's à uma e meia em ponto. Não valia a pena ir antes, pois sabia que Claudia estaria ocupada e não teriam tempo para conversar.

– *Tesoro! Come stai, amore!* – exclamou Claudia ao vê-la.

– *Bene, bene* – respondeu Nina dando-lhe um forte e caloroso abraço.

– Por que não passa um dia para tomar café comigo e conversarmos com calma?

– Farei isso, prometo. Hoje pretendia ter vindo antes, mas sabia que você estaria ocupada.

– Ah, veio almoçar com a *signora* Sayah – comentou Claudia consultando a agenda.

– Nunca entendi por que ainda a chama de *signora* Sayah.

– Agora ela é embaixadora, preciso mostrar respeito – explicou Claudia dando de ombros.

– Falando nela... já chegou?

– Ainda não, mas há um verdadeiro gato na mesa dela.

– O que quer dizer? Achei que fosse um almoço de mulheres; senão, teria me vestido melhor.

– Você está belíssima, como sempre.

– E quem é? – perguntou Nina, curiosa.

– Não sei, mas é tão bonito... um gato – respondeu Claudia dando de ombros. – Venha, vou acompanhá-la.

– *Madame* Sayah ainda não chegou, *signore* – comunicou ao homem que estava na mesa. – A *signora* Nina Abboud é a outra convidada.

Nina estremeceu. Claudia tinha razão.

– Por favor – indicou ele levantando-se imediatamente e segurando a cadeira à direita para ajudá-la a se sentar.

Nina sorriu timidamente.

– Quer beber alguma coisa, *signora* Abboud? – perguntou Claudia piscando para ela. – Um aperitivo? Uma taça de prosecco?

– Água San Pellegrino, por favor, Claudia – pediu Nina devolvendo a piscada.

– *Ma...* água é muito sem graça. Aproveite a vida.

– Talvez com a sobremesa – respondeu Nina, lançando-lhe um olhar furioso.

– E o *signore*?

– Vou tomar o mesmo que a *signora* – pediu ele com voz grave e rouca; tinha olhos cor de avelã intensamente sensuais.

Claudia levou a mão ao coração fingindo que tentava acalmar as batidas, e Nina afastou o rosto e colocou uma mecha de cabelo atrás

da orelha para que o homem não visse a risadinha que havia provocado.

– Muito bem – suspirou Claudia.

– Não há dúvida de que você a impressionou – comentou Nina quando a italiana saiu.

O homem sorriu lentamente, recostou-se na cadeira e colocou as mãos nos bolsos.

– Conhece bem Imaan? – perguntou Nina, e se deu conta de que não sabia o nome dele.

– Sim.

Nina não parava de olhar para ele. Quando o garçom chegou com a água e algumas rodela de lima, ele colocou a mão no cotovelo dela, e o pulso de Nina se acelerou. “Calma, não é o primeiro homem bonito que você vê”, disse a si mesma.

Ele era alto, com 1,90 ou 1,95 metro, e devia ter uns 50 e tantos ou quase 60 anos. Parecia um homem sério, cercado de uma aura magnética e absorvente. Era reservado e falava com frases curtas, quase monossilábicas, lenta e intencionalmente. Apesar de sua discrição, parecia agradável e gentil. Seu cabelo era preto e curto, com muitos fios brancos. Não havia dúvida de que era árabe, mas com traços bem definidos, e havia acabado de fazer a barba. Tinha uma testa ampla e poderosa, marcada pela experiência acumulada ao longo dos anos; um longo nariz fino e um tímido e misterioso sorriso, quase adolescente, que deixava ver dentes perfeitos. Sua pele oliva estava bronzeada, e usava roupa esporte, jeans com camisa branca e blazer azul-marinho.

Nina deu um salto quando o celular a tirou de seu devaneio. Era uma mensagem de Imaan dizendo que estava em uma reunião e que podiam começar a comer sem ela. Olhou para o homem, que também estava consultando seu telefone.

– É Imaan... – explicou Nina.

– ...quer que comecemos a comer sem ela. – O homem acabou a frase e fez um gesto com a cabeça para perguntar se tudo bem.

– Se ela tem outros planos ou prefere fazer outra coisa... – começou Nina, que se sentia um pouco constrangida.

O homem balançou a cabeça.

– Nesse caso, vamos comer?

– Achei que não ia propor isso nunca.

– Vou pedir o cardápio – sugeriu Nina, levantando-se.

Imediatamente o homem colocou a mão no braço dela e meneou a cabeça. Nina se sentou, e o homem levantou a mão para chamar um garçom.

– Já trabalhei aqui, por isso...

– Mas hoje não está trabalhando.

Quando o garçom entregou os cardápios, Nina notou que havia ruborizado.

– Não sei se vem mais alguém – comentou ela enquanto estudava seu menu, mas o homem não disse nada.

– O que recomenda?

– Eu deixaria nas mãos de Claudia para que preparasse algo especial.

– De acordo. Mas o que gosta de comer aqui?

– *Ossobuco*, terneiro à milanesa... embora não sejam pratos típicos sicilianos, são excelentes, e o *rigatoni* com berinjela, e o robalo, que são típicos, são uma delícia.

– Parece delicioso, mas vou deixar em suas mãos – aceitou ele sorrindo.

– Não nas de Claudia?

– Nas suas – repetiu ele.

Nina escondeu o rosto atrás do cardápio, tinha certeza de que estava vermelha.

– A propósito, meu nome é Ahmed Salaam.

O tempo passou voando; comeram, beberam, conversaram, riram e perceberam que tinham muitas coisas em comum, como preferências por livros, filmes, músicas e sua atitude diante da vida. Nina cada vez se sentia mais atraída por ele, seduzida pela maneira como a olhava, fascinada por seu jeito de pensar e pelo modo como se comportava.

Imaan finalmente chegou às três e meia e se desmanchou em desculpas.

– Sabia que vocês se dariam bem – disse antes de tomar um pouco da água de Nina. – Por isso não achei tão ruim me atrasar.  
– Você sempre sabe como aproximar as pessoas – elogiou Ahmed.  
– Como está, Ahmed? Como está lidando com a aposentadoria? – perguntou Imaan, e ele riu levemente. – E, o mais importante, como sua linda esposa está lidando com ela?

Nina se sobressaltou. “Casado? Ele é casado?”, pensou. Ele não havia comentado, mas ela também não lhe dissera nada sobre sua situação. Não podia culpá-lo. “Merda! Ele é casado!”, repetiu para si um tanto decepcionada. Havia passado duas horas com ele e se deixara encantar, fantasiar, e usufruir das atenções de um homem casado. “Você é uma idiota”, pensou. Adorava tudo nele: sua inteligência, sua presença cativante, o jeito como a olhava, falava ou tocava suavemente seu cotovelo ou braço... Mas, droga, era casado.

– Está lidando bem – respondeu Ahmed dando de ombros.

– Ele tem a mulher mais paciente do mundo, e dois filhos – explicou Imaan.

“Maravilha, além de tudo tem filhos!”. Nina não sabia por que estava tão desiludida. Afinal de contas, por que um homem bonito e bem-sucedido como ele seria solteiro? Era a primeira vez em muitos anos que se sentia atraída de verdade por alguém, e inconscientemente havia criado muitas expectativas acerca do que poderia acontecer.

O celular de Imaan tocou; ela pediu licença e se levantou para atender.

– Onde vive sua família? – perguntou Nina enquanto se recostava e cruzava os braços sobre o peito, com a esperança de que ele não notasse o tom de decepção. Mas, pela maneira como ele sorriu, tinha certeza de que havia notado.

– Em Amã.

– E você mora lá também?

Ahmed assentiu.

– O que está fazendo aqui, então?

– Vim a trabalho.

– O que você faz?

– Como você ouviu, estou aposentado.

“É de enlouquecer. Fazer que fale de si é como pedir jaca a uma bananeira”, pensou.

– O que fazia antes de se aposentar?

– Fui chefe da inteligência jordaniana, o DGI – respondeu ele se endireitando.

– E por que veio?

– Preciso fazer um trabalho para as Forças de Segurança Interna.

– Meu enteado trabalha com inteligência militar.

– Sim, Samir.

– Você o conhece?

– Sim, ele é meu braço direito nesse projeto com as FSI.

– E por que não me disse?

– Não veio ao caso.

Nina se recostou, ainda mais irritada.

– Nina... – começou ele.

Colocou os cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos enquanto olhava para ela de maneira misteriosa, como se estivesse medindo as palavras. Prosseguiu:

– Sei muito mais de você do que imagina.

– O que quer dizer?

– Há alguns anos, Imaan me pediu que descobrisse o que aconteceu com seu pai.

Ela ficou boquiaberta. Havia perguntado a Imaan várias vezes se seu amigo havia descoberto alguma coisa, mas ela sempre respondia que continuava investigando. E ali estava ele, diante dela.

– Comecei a investigar, mas tive de parar. Depois de aposentado, continuei. Encontrar alguém que desapareceu no início da guerra é um longo processo. Não existem pistas documentadas nem nada parecido, entende?

Nina assentiu, tentando assimilar o que estava ouvindo.

– O que comeram? – perguntou Imaan ao voltar à mesa.

Ela olhou para Nina e depois para Ahmed, que assentiu para indicar que sua amiga já sabia quem ele era.



– Nina, *habibti*. Eu devia ter lhe dito com quem íamos almoçar – desculpou-se colocando a mão no braço dela com delicadeza.

– Não tem problema – agradeceu Nina, antes de se voltar rapidamente para Ahmed. – Encontrou alguma coisa?

– Por ora, tudo o que sei é que seu pai tinha relação com a CIA.

– O que isso quer dizer?

– Que trabalhava para eles.

– A CIA norte-americana? Meu pai trabalhava para a CIA? – perguntou incrédula. – Está brincando?

– Não.

– *Walaw!* Meu pai não trabalhou para a Agência Central de Inteligência. É impossível. – Ahmed não tentou discutir com ela. – Ele foi oficial do Exército libanês. Era um homem valente, lutou por seu país. Ele tinha orgulho de ser libanês – garantiu ela com o cenho franzido.

– Só porque se relacionava com a CIA não quer dizer que fosse um traidor. Talvez naquele momento achasse que estava fazendo a coisa certa – arriscou Ahmed.

– Você sabe o que ele fez para a CIA?

– Começou como um IC, um informante confidencial.

– Meu pai, um espião? – espantou-se meneando a cabeça.

– Bem, não exatamente. Ele fornecia informação para a CIA em troca de dinheiro.

– E por que faria isso? – perguntou Nina desconcertada.

– Não sei. Todo mundo tem suas razões.

– Por que ele se envolveria em algo assim?

– Não sei, mas espero descobrir.

– Sabe se ele ainda está vivo?

– Isso também não sei.

– Nina, quer que investiguemos o que aconteceu ou prefere deixar para lá? – perguntou Imaan, que estivera calada todo esse tempo.

O celular da mulher voltou a tocar. Imaan revirou os olhos e lançou um olhar de desculpas para a amiga, que assentiu para que atendesse.

– Desculpe – disse antes de se levantar.

– Quero saber – disse Nina olhando para Ahmed. – Quero saber por que abandonou a mim e a minha mãe – acrescentou com a voz abafada, escondendo o rosto nas mãos. – Minha mãe morreu no acostamento de uma estrada porque eu não tinha dinheiro para que aquele motorista *haraami* nos levasse a um hospital. Morreu porque estávamos procurando meu pai. Morreu acreditando que ele havia morrido, e quero saber se era verdade.

Sentiu as lágrimas encherem seus olhos; não queria começar a chorar na frente de um estranho, mas o assunto do desaparecimento de seu pai havia agido como um catalisador que remexera as emoções e os sentimentos dos últimos anos, em especial o da solidão, que havia reprimido e silenciado.

– Não queria chateá-la – desculpou-se ele.

– Lamento ter perdido o controle. É que tive uma grande surpresa – desculpou-se enquanto enxugava os olhos com um lenço.

– Preciso ir, mas gostaria de vê-la de novo. Gostaria de tomar um drinque? Estou no Albergio Hotel, perto daqui.

Nina hesitou. Sentia-se vulnerável e não tinha certeza de que era uma boa ideia. Evidentemente, não passaria disso. Afinal de contas, os dois eram casados, e ele a estava ajudando a encontrar seu pai. Mesmo assim, aquilo não soou como se um amigo a convidasse para beber alguma coisa. Havia algo entre eles, tinha certeza, uma fagulha que havia se acendido antes da chegada de Imaan: temia que, se voltasse a vê-lo, se transformasse em uma intensa chama.

– Se não se importa, eu ligo para você depois – propôs Nina.

– Muito bem. Eu lhe dou meu número ou você pergunta a Imaan?

– Tome, anote-o aqui – pediu enquanto pegava uma agenda Moleskine na bolsa.

– Foi um prazer conhecê-la, Nina Ossairan Chadarevian Abboud.  
*Maa salama.*

Nina sentiu a tristeza invadi-la. “O que há comigo?”, perguntou-se antes de esconder o rosto nas mãos. Quando levantou os olhos, Imaan continuava ao telefone.

– Um aperitivo? – ofereceu Claudia, que estava diante dela com uma garrafa de prosecco e duas taças. – Seja o que for, não há nada

que algumas borbulhas não possam resolver – disse sentando-se e servindo o líquido gelado, dourado e borbulhante.

– O que há comigo, Claudia? Acho que estou ficando louca.

– Não há nada errado. Você é uma mulher, tem necessidades, e ele é um gato. Na minha opinião, gostou muito de você.

– Mas, Claudia, sou casada, e ele também.

– E daí?

– O que quer dizer?

– Que às vezes precisamos de um pouco de amor e emoção na vida – explicou piscando para ela.

– Claudia! Não vou ser uma esposa infiel – replicou em um sussurro e ruborizando.

– O que aconteceu com Ahmed? – perguntou Imaan ao voltar à mesa.

– Disse que tinha uma reunião – explicou Nina.

– Isso é o que eu chamo de homem – interveio Claudia.

Imaan olhou para ela e começou a rir.

– Sim, ele é muito atraente, mas o que mais atrai nele é que é muito agradável... e muito bom em seu trabalho. Se alguém pode descobrir o que aconteceu com seu pai, é ele – garantiu voltando-se para Nina.

Nina estava encolhida em uma confortável poltrona do estúdio olhando a página na qual Ahmed havia escrito seu número. Não tinha parado de pensar nele. Digitou-o, mas não foi capaz de apertar o botão de chamada. Tentou mandar uma mensagem de texto, mas apagou-a. Jogou o celular no sofá. “Por quê? Por que tenho tanto medo de tomar um drinque com esse homem?”, perguntou-se pela enésima vez. “Só almocei com ele, e teoricamente Imaan estaria presente”, disse a si mesma para se justificar. Perguntou-se o que teria acontecido se sua amiga estivesse com eles o tempo todo. Continuaria sentindo o mesmo? Não soube responder. “De qualquer maneira, não aconteceu nada”, disse a si mesma. Mas havia acontecido; sentia que havia enganado seu marido. – “Não posso fazer isso, é uma traição. Sou uma mulher casada e prometi amar e

respeitar Charley. Preciso parar de me comportar como uma adolescente. Meu Deus! Por que ele me olhou daquele jeito?”

Tocou seu celular, e ela sabia que era Ahmed.

– Vai aceitar aquele drinque? – perguntou quando Nina atendeu o telefone.

– Onde você está?

– Esperando-a no bar do Albergó, na *rue Gouraud*, em Gemmayzeh.

– Não pode ir mais depressa? – perguntou Nina ao taxista, consultando seu Cartier de diamantes.

Não queria chegar atrasada. O taxista deu de ombros e apontou para os carros à sua frente.

– Não vê o trânsito? O que acha que é isso aqui, um helicóptero?

Olhou-a pelo espelho retrovisor. Quem seria essa mulher? E o que alguém como ela estava fazendo em um táxi a caminho de Gemmayzeh? Parecia muito rica, muito elegante. Com certeza aquele relógio custava mais do que ele havia ganhado em três anos.

– Não pode ir por outra rua? Mesmo que o trajeto seja mais longo.

O taxista deu de ombros e coçou a cabeça. Não se importava, fazia seu trabalho. Se queria ir mais rápido, que fosse com o próprio carro ou que seu motorista a tivesse levado.

– Olhe, se chegarmos em dez minutos, eu lhe darei mais cinquenta mil libras.

O taxista freou abruptamente e deu meia-volta. Voltou pela rua em que haviam estado quinze minutos antes, fez uma curva fechada em uma viela, virou à esquerda em outra e ziguezagueou por ruas que na maioria eram de mão única ou exclusivas para pedestres.

Tudo o que fez era ilegal, mas dez minutos depois desceu a toda velocidade uma rua, que Nina não tinha certeza de que fosse uma rua, nem mesmo uma trilha, e chegaram diretamente na frente da Escalier de l’Art. O hotel ficava duzentos degraus mais abaixo.

– Pode descer até a *rue Gouraud*? – perguntou Nina rindo.

– Vou levar mais cinco minutos.

– Não tem problema.

– A senhora disse que só tinha dez minutos, e eu não queria perder essa gorjeta.

– Eu lhe darei mais vinte mil se me levar até lá.

– *Haraam*, senhora! Deus a guarde, porque está louca.

Arrancou de novo e virou em uma rua estreita paralela às escadas que Nina não sabia que existiam. “Esta mulher está maluca”, pensou o taxista enquanto dirigia com centímetros de distância de cada lado do veículo e roçava as paredes caiadas de duas casas com menos de três metros de distância entre elas. Não só ia cobrar o trajeto, como também ia ganhar mais setenta mil libras. Algo que para aquela mulher não devia ser muito, mas que para ele significava poder pagar o aluguel. O táxi saiu na *rue* Gouraud e quase bateu em um carro que circulava na direção contrária. Ambos frearam e evitaram a colisão por pouco. Nina começou a rir quando foi lançada à frente pela freada. Era como uma perseguição no estilo James Bond pelos becos de Beirute, com a exceção de que não estava em um Aston Martin.

– Que diabos está fazendo? – gritou o outro motorista ameaçando com o punho.

– Eu? E por que diabos você está descendo a Gouraud a cem por hora?

– Eu? A cem por hora? Viu de onde saiu? Isso é uma trilha de cabras – gritou o outro descendo do carro, pronto para uma briga ou, pelo menos, uma discussão com gritos e cuspidas.

– Certo, muito bem, pronto. Como pode ver, a rua existe.

Nina pegou uma nota de cem mil libras e a entregou ao taxista, que a olhou duas vezes. Jamais havia visto uma. Estava atônito. Ela havia cumprido sua promessa, dera-lhe uma *Bakshish* de setenta mil libras e mais quinze mil libras pela corrida. Ficou extasiado, alheio ao motorista que o insultava e soltava improperios colado à janela do táxi.

Voltou-se para agradecer, mas Nina havia desaparecido aproveitando a confusão. Passou para o banco do passageiro e abriu a janela.

– Ei! Ei! Onde pensa que vai? – perguntou o outro motorista furioso pegando-o pelo pescoço.

– Solte-me! – gritou o taxista afastando-lhe as mãos. – *Madame! Madame! Shukran! Yislamo! Merci!* – Nina se virou. – *Madame! Merci!* – gritou beijando a nota e sorrindo com o rosto bronzeado saindo pela janela. – Deus a abençoe, *madame!* Deus a proteja e a faça feliz! *Maa salama* – despediu-se com a mão no coração.

– *Barak Allah Fik* – disse Nina acenando.

– E que a abençoe um milhão de vezes, *madame.*

Ela sorriu. A sinceridade daquele homem era tão verdadeira, e sua gratidão, tão franca, que havia lhe contagiado sua alegria e a fizera esboçar um amplo e lindo sorriso. Estava tão contente por ter alegrado tanto a vida do homem que esqueceu o hotel e continuou caminhando, desfrutando da liberdade que sentia de repente. Virou-se e soltou uma risadinha. O táxi estava atravessado na *rue Gouraud* bloqueando o trânsito. Os dois motoristas gritavam um com o outro e se culpavam mutuamente, agitavam os punhos e se xingavam aos gritos. Por fim, os demais motoristas bloqueados se juntaram à confusão.

– Você não devia dirigir um táxi! Não está qualificado nem para montar um camelo! – gritou um.

– Um camelo? Eu, montando um camelo? Você deve estar falando de sua família, porco.

– Como se atreve? Minha família não andava a camelo, e sim a cavalo.

– A cavalo coisa nenhuma! Com certeza seu pai andava de burro e punha uma cenoura na frente dele para que fosse mais rápido.

– Não se atreva a insultar meu pai.

– Seu pai? Tenho dó é do burro.

Nina começou a rir. Pegou o celular para ver a hora. Cinco e meia, estava atrasada. Apertou o passo e correu para o hotel.

Ao chegar, seu coração disparou; jamais estivera ali, e não sabia onde ficava o bar. Esperou encontrá-lo sem problemas, porque não queria perguntar na recepção. Estava bastante paranoica e não queria que alguém a visse e avisasse Charley. Por sorte, assim que

passou as portas giratórias, viu o bar. Entrou em uma sala escura, cavernosa e cheia de fumaça, e olhou em volta até que seus olhos se acostumaram à penumbra. Deu uma volta, mas não encontrou Ahmed. Voltou à porta e, por um momento, pensou que talvez ele tivesse mudado de ideia.

– *Madame*, se importaria de me seguir? – perguntou uma voz masculina.

Nina se voltou e viu um homem fazendo-lhe um sinal; seus olhos penetrantes e a barba fechada conferiam-lhe um aspecto um tanto sinistro.

– Quem é o senhor?

– Mustapha Kassab, chefe de equipe do senhor Salaam.

– Onde ele está?

– Por aqui, *madame*, por favor.

Dirigiram-se para a parte dos fundos, onde havia cabines reservadas em forma de tendas beduínas, cujo tecido semitransparente parecido com organza flutuava com a corrente gerada pelo ar-condicionado. Quando as cortinas estavam fechadas era impossível distinguir quem estava lá dentro, por isso havia passado por elas sem vê-lo.

Mustapha abriu as cortinas, convidou-a a entrar e depois as fechou e ficou do lado de fora montando guarda. Ahmed estava recostado confortavelmente em uma pilha de opulentas almofadas; havia um copo de uísque em uma mesa baixa.

– Fico feliz que tenha vindo – agradeceu ele com voz suave. – Está muito bonita.

Nina sorriu e notou que ele não parava de olhar para ela. Ficou feliz por ter vestido calça, pois sentar-se de saia ou vestido com um mínimo de elegância teria sido muito complicado.

– O que quer tomar?

– Uma taça de champanhe.

Antes de pronunciar as palavras, Ahmed estalou os dedos, e segundos depois Mustapha tossiu discretamente antes de abrir as cortinas para deixar um balde de gelo na mesinha.

– Abro, senhor?

Ahmed assentiu quase imperceptivelmente.

Consciente de que ele não tirava os olhos dela, Nina olhou para as próprias mãos, apoiadas em seu colo, enquanto Mustapha abria a garrafa. Sentia-se tímida. “O que digo?”, perguntou-se.

Mustapha serviu o líquido borbulhante em uma taça alta e a deixou à distância adequada antes de voltar a seu posto.

Quando Nina pegou a taça, esperando que ele não notasse que sua mão tremia, um furtivo sorriso se desenhcou nos lábios de Ahmed. Tomou um bom gole, fechou os olhos, saboreou seu frescor revigorante e sentiu-o deslizar por seus músculos relaxando-os. A curta distância que os separava estava carregada de uma eletricidade quase palpável, que atraía para ele até os pelos praticamente invisíveis de seu corpo.

– É de seu agrado?

Nina olhou para ele e assentiu. Seus olhos a tragavam. Levantou-se para sentar sobre os tornozelos, roçou acidentalmente os joelhos de Ahmed e notou que sua pele ardia.

– O que Mustapha faz exatamente? – conseguiu dizer por fim, depois de tomar outro gole para acalmar os nervos.

– Quase tudo. Sempre viajo com ele. Mantém contato com minha secretária para consultar minha agenda, dirige, é meu guarda-costas...

– Faz tempo que o conhece?

– O suficiente – respondeu Ahmed, e fez uma pausa. – Mas não creio que tenha vindo para falar dele, não é?

Nina meneou a cabeça. Acabou a taça e a deixou na mesa. Nunca soube exatamente o que aconteceu depois, mas Ahmed colocou a mão em sua cintura e a puxou para si, cobriu a boca dela com a sua e a explorou com a língua. Levou a outra mão à nuca dela e puxou seu cabelo para abaixar sua cabeça enquanto lhe beijava o rosto e o longo pescoço, e seus dedos desabotoavam a blusa dela e puxavam seu sutiã de renda. Ele se levantou, levantou-a, e as bocas tornaram a se unir enquanto Nina respondia aos seus beijos com o mesmo ardor e a mesma paixão. Ela passou os dedos pelo cabelo grisalho



dele e apertou o corpo contra o dele quando Ahmed lhe beijou o pescoço e a acariciou com doçura e firmeza ao mesmo tempo.

Quando se afastaram para respirar, Nina ofegava de desejo. Olhou-o nos olhos e descobriu neles o mesmo desejo que havia sentido quando apertava seu musculoso corpo esbelto contra ela.

– Nina, se ficarmos aqui, serei preso – sussurrou com voz rouca, e ela começou a rir em seu peito. – Quer...

– Sim, vamos para sua suíte agora – pediu com voz entrecortada.

– Tem certeza? É o que você quer?

– Sim.

– E aceita as consequências e repercussões de estar comigo? Sou casado, você sabe, e tenho filhos.

– Sim, eu também estou casada.

– Mas não é a mesma coisa, Nina. Você não tem filhos.

– Eu sei.

– Tem certeza?

– Parece que está tentando me dissuadir – disse ela, passando a mão pelas costas dele.

– Não, mas não quero que crie falsas expectativas ou que se arrependa. Não quero machucá-la.

– Não vai me machucar – garantiu ela, acariciando seu rosto e buscando sua boca para selar o início daquela aventura.

Nada no caso entre Nina e Ahmed foi calmo: não eram velhos amigos que se conheciam, que haviam compartilhado bons e maus momentos, ou que haviam rido juntos. Foi como uma erupção vulcânica, inevitável, ardente e sexual, com uma atração mútua visceral e intuitiva na qual ambos, necessitavam e bebiam do outro como se tivessem vagado por um árido deserto durante toda a vida. Às vezes, não precisavam de palavras, pois seus olhos diziam tudo, e os corpos necessitavam se tocar, não queriam se separar.

O sexo com Ahmed abriu os olhos de Nina, e ela se deu conta de como sua vida sexual com Charley era sóbria e entediante. Jamais fora excitante; e nos últimos anos havia se reduzido a uma absoluta ausência. Mas, com Ahmed, cada vez era diferente, estimulante, apaixonante. Sentia-se bastante à vontade para tomar a iniciativa,

jogava-o na cama, sentava-se sobre ele e lhe fazia coisas que o obrigavam a suplicar que parasse, algo que jamais teria feito nem teria se atrevido a sugerir com Charley. Ahmed a fazia se sentir liberada. Com ele se sentia mulher. Não conseguiam tirar as mãos um do outro.

“Você é minha cara-metade”, dizia Ahmed sobre ela. “Nasci para você”, gemia Nina em resposta.

E quando ela se via obrigada a ir embora depois de horas de orgasmos seguidos, muitas vezes era incapaz. Jogava-se de novo em seus braços para ficar um pouco mais, nem que fossem cinco minutos, e sentir os lábios dele nos seus, sua língua em sua boca, suas mãos tirando sua blusa, às vezes, arrancando os botões, impelidos pela urgência, pela necessidade de Ahmed de estar dentro dela, e a de Nina de sentir a excitação dele nas profundezas de seu ser enquanto murmuravam palavras apaixonadas que culminavam na doce descarga que se segue à satisfação do desejo sexual.

Voltar para casa depois de passar a tarde com Ahmed era uma tortura. Não suportava estar sem ele. A dor de estarem afastados era como se a tivessem cortado ao meio, e às vezes sucumbia ao pranto. Vivia pelos momentos que passava em Gemmayzeh e morria de desejo de seu toque, seu cheiro, suas atenções e seu amor.

Nos momentos de lucidez se perguntava se Charley teria percebido o que estava acontecendo, se havia notado que ela brilhava, que havia perdido peso e estava mais bonita. Mas não, continuava absorto demais em seu trabalho. Imaan e Claudia foram as únicas que perceberam, mas não se intrometeram nem a importunaram. Claudia só se atreveu uma vez a cantarolar a canção de Dean Martin “That’s amore”.

Estava surpresa pela rapidez e facilidade com que havia mergulhado na aventura com Ahmed e perguntou-se se sua mãe alguma vez teria enganado seu pai. Mas tinha certeza de que não. Sarkis era tudo para Jumana; pela maneira como se lembrava da mãe falando dele, sabia que ele a satisfazia plenamente: eles se adoravam e respeitavam.

Quando se casou com Charley quis o mesmo que seus pais haviam tido: uma relação de amor e entrega mútua entre duas pessoas cuja vida gira em torno delas mesmas. Mas havia estabelecido um padrão muito alto. Charley não era capaz de satisfazer suas expectativas. Não havia dúvida de que a amava, mas era incapaz de lhe dar o tipo de amor que esperava dele. Mesmo assim, jamais havia pensado em traí-lo, até que Ahmed entrou em sua vida.

Aquela aventura lhe causava uma luta interior. Sua mente tentava justificar um comportamento que seu coração aceitava sem problemas. “O que faço? Deixo Charley por causa de Ahmed?”, perguntava-se. Seu coração respondia que sim, mas um pedacinho dele a continha. “Mas Ahmed é minha cara-metade, minha alma gêmea”, argumentava consigo mesma. “Você diz que o ama agora, que deixaria Charley por ele, mas o que vai acontecer quando a novidade desaparecer? O que vai acontecer quando a monótona rotina do dia a dia ofuscar a relação? Vai amá-lo tanto?” Seu coração lhe dizia que sim. Sua cabeça, friamente, respondia que não.

Nina abandonou a suíte de Ahmed às seis e meia, momento em que Imaan ligou.

– Onde você está, *habibtī*?

– Tentando pegar um táxi – respondeu Nina nervosa, paranoica, temendo que ela soubesse de alguma coisa.

– A esta hora? Está louca.

– Não, ainda conservo a fé.

– Bem, espero que tenha muita. Você parece muito contente...

Está livre na sexta-feira?

– Sim, por quê?

– Preciso falar com você.

– Parece sério.

– E é.

– O que pode ser tão sério? Você devia estar muito feliz, excelência, é a nova embaixadora no Reino Unido.

– Não é por isso. Queria lhe contar outro dia no Claudia’s, mas o telefone não parou de tocar, e Ahmed estava junto.

– Oh, não! – exclamou percebendo a que se referia. – É Joseph, não é? – Imaan ficou em silêncio. – Onde nos vemos?

– Na *rue* Gouraud. Há um salão de beleza que se chama Cleópatra, no número cinco ou coisa assim.

– Sim, eu conheço.



## Capítulo 12

Na sexta-feira de manhã, Mouna chegou ao Cleópatra, e, como de costume, Amal a esperava mascarando chiclete e fumando um cigarro, com os óculos de sol no rosto e um boné de beisebol para trás. “Quem me dera saber como consegue sempre chegar na hora”, pensou Mouna.

– *Bonjour*, Amal – cumprimentou carinhosamente, e a garota fez um “V” com os dedos. – *Kifek? Ça va?* – perguntou esperando algo mais que um aceno de cabeça.

Amal deu de ombros. “Bem, pelo menos é mais que um meneio de cabeça”, consolou-se.

– Hoje vem a *madame* Sayah – disse enquanto abria os cadeados da porta de ferro e a erguia.

– Eu sei, o salão vai estar impecável, mas...

– Mas o quê?

– Preciso de uma folga hoje à tarde.

– Por quê? O que você precisa fazer? Por que hoje? Por que no dia em que *madame* Sayah vem?

– Não é da sua conta.

– É sim, sou sua chefe! – gritou Mouna.

– Não é – replicou Amal com voz calma. – Eu chego todos os dias na hora e nunca peço uma folga. Por coincidência, hoje preciso e tenho todo o direito.

Mouna estalou a língua e franziu o nariz. Ela tinha razão.

– Não vou largar o emprego – esclareceu Amal diante da reação de Mouna.

– Muito bem. De quanto tempo precisa?

– Vou lavar a cabeça de *madame* Sayah e depois saio. Se quiser, volto depois.

– O que vou fazer sem você?

– Vai se virar – concluiu Amal antes de ir para a parte dos fundos.

Mouna se sentou na frente do balcão e abriu todas as gavetas, contrariada com o lixo que havia se acumulado. Tirou pacotes de chiclete, lápis sem ponta, papel-carbono que usava para os recibos, artigos de revistas e coisas que já era hora de jogar fora.

– Amal! Pode me trazer um saco de lixo grande?

Talvez não fosse o melhor dia para uma limpeza geral. Esperava Imaan Sayah e havia colocado sua jaqueta nova de algodão e o vestido estampado azul-cobalto. Mas decidiu fazer aquilo de uma vez. Tirou a jaqueta, deixou-a em uma cadeira para não sujá-la e começou a esvaziar as gavetas em um saco. Ao balançá-lo para que coubesse mais lixo, caiu uma fotografia de três homens, dois deles seus irmãos. Estavam em uma obra em frente ao que pareciam os alicerces de uma casa. Estavam com os braços sobre os ombros uns dos outros: um de seus irmãos segurava uma pá, e o outro, um martelo. Mas quem era o homem do meio? Não o reconheceu. Olhou o verso da foto, mas só dizia “Sídon, 1965” em tinta meio apagada. Deixou-a na mesa e se assegurou de que não havia jogado fora mais nenhuma. Voltou a olhar para ela. Seus irmãos deviam ter 20 ou 25 anos. Na gaveta seguinte encontrou um velho envelope marrom onde alguém havia escrito “Ibrahim e Ghassan” com tinta também desbotada. Aquele envelope a fez recordar seu pai sentado no escritório da loja de Sídon, escrevendo endereços em envelopes e passando a língua nos selos antes de colocá-los com cuidado em um canto sem parar de olhar para ela. Ela se sentava diante dele e tentava imitá-lo.

Abriu o envelope amassado e tirou um punhado de fotos, todas amassadas e com os cantos dobrados. Uma delas era uma antiga foto de classe de Mouna, e as outras quatro, de seus irmãos em diversas obras. Em duas delas aparecia o mesmo homem da primeira fotografia; em outra, uns doze sujeitos, seis em pé e seis agachados, uma imagem de grupo. A última era a mais danificada.

Tentou alisá-la o melhor que pôde. Era de um desconhecido com uma menina no colo que não devia ter mais de 6 ou 7 anos. A menina sorria timidamente para a câmara com a cabeça reclinada sobre o ombro do homem e uma mão em seu peito. Virou-a, mas não dizia nada além de “Sídon, 1965”. Tornou a guardar todas no envelope, deixou-o na mesa e continuou limpando o resto das gavetas, mas não encontrou nada de valor.

A campainha tocou, e entraram Ghida e Nisrine. Mouna olhou o velho relógio. “Já são 12h30! Como o tempo passa!”, pensou. Fechou o saco de lixo, pediu a Amal que passasse um pano nas gavetas e foi atender as confeitarias e saber das fofocas do bairro.

– Vocês viram Claudine? – perguntou enquanto penteava Ghida antes que Amal lavasse sua cabeça.

As duas mulheres trocaram olhares.

– Eu a vi outro dia comprando ervilha no Said – disse Ghida.

– É verdade, acho que comprou 250 gramas e queria uma berinjela, mas discuti com o dono porque não queria que pesasse mais de um quarto de quilo, e as que ele tinha ultrapassavam os trezentos gramas – especificou Nisrine.

– E por que não comprou uma qualquer? – perguntou Ghida.

– Porque devia ficar mais caro – aventurou Nisrine.

– E quanto poderia custar cinquenta gramas a mais? – replicou Ghida, e as duas começaram a falar sobre o preço da verdura e sobre como era barata e saborosa antes.

“Graças a Deus concordam em alguma coisa”, pensou, para depois mandar Amal lavar a cabeça de Ghida antes que comessem a discutir.

– Se Claudine não vier hoje, vou vê-la – disse Mouna a Nisrine enquanto a penteava. – *Tante*, precisa retocar as raízes.

– Outra vez? – perguntou Nisrine incrédula.

– Sim. Por que a surpresa? Já se passaram três semanas.

– E por que não retoca as de Ghida? Por que só as minhas? – replicou indignada. – Tingimos no mesmo dia.

– Porque ela não precisa de nenhum retoque – explicou enquanto ia misturar a tinta.

– Por que não? Está tentando me dizer que eu tenho mais cabelo branco ou que sou mais velha?

– De jeito nenhum – tranquilizou-a Mouna. – Sua cor é diferente da de Ghida e perde o tom mais rápido.

– Por quê? É de pior qualidade?

– Não, algumas cores duram mais que outras. Não fiz nada diferente, mas vocês têm tipos distintos de cabelo.

– Mas hoje não tenho dinheiro para pagar. Achei que só ia precisar semana que vem.

– Quando tiver, me paga – cedeu Mouna enquanto colocava avental e luvas.

– Muito bem.

Nisrine sorriu pensando que Mouna esqueceria, e que o retoque sairia de graça.

– Amal, pode anotar “retoque” em nome de Nisrine na caderneta que acabei de comprar, com a data e a quantidade, por favor?

Amal, que estava secando Ghida com uma toalha, assentiu. Quando Mouna olhou para ela no espelho, o sorriso de Nisrine havia desaparecido.

– Novo sistema. É o único jeito de eu lembrar o que me devem.

– Eu sempre lembro e pago – disse Nisrine mal-humorada.

– Eu sei, *tante*. Você é a única que faz isso – mentiu, pois, na verdade, ela sempre tentava não pagar. – É a nova política do salão, e a aplicamos a todo mundo, inclusive a *madame* Sayah.

– Ah! Quando ela vem? Ghida e eu havíamos planejado fazer outros doces para que visse que não fazemos só *nammura*.

O celular de Mouna tocou; ela suspirou aliviada.

– Um momento, *tante*.

Sorriu e enfiou a mão enluvada no bolso para pegar o telefone. Antes de atender, olhou o número, mas não o reconheceu.

– *Allo, allo*. – disse, mas não obteve resposta. – *Marhaba*. – Olhou o celular, havia sinal. Disse “alô” mais duas vezes e desligou. – Deve ligar de novo.

– Esses telefones... Não me surpreende que não funcionem, são muito pequenos. Como vão servir para alguma coisa se nem estão



ligados na parede?

– *Tante*, são telefones móveis. Se estivessem ligados, não seriam. Recebem o sinal de uma antena de telefonia celular e supostamente podem ser utilizados em todos os lugares.

– O que é uma antena de telefonia celular?

– Uma antena ligada a um satélite.

– Um satélite? Essas coisas que andam pelo céu?

– Sim.

– Isso é que eu não entendo.

O telefone voltou a tocar, era o mesmo número. Quando atendeu, só ouviu o sussurro da eletricidade estática e desligou. Tocou mais vezes, mas não conseguiu estabelecer comunicação. Na sexta vez estava com as luvas cheias de tinta e pediu a Nisrine que o pegasse, apertasse o botão verde e atendesse. Ela obedeceu com receio e, segurando-o como se fosse um microfone, gritou:

– Alô!

– *Tante*, tem que pôr na orelha, como um telefone normal.

– Alô! – gritou de novo após seguir as instruções. Mouna riu. – Por que não liga para um número normal, como fazem as pessoas normais? – gritou segurando o celular na orelha com as duas mãos.

– Dá para ouvir alguma coisa?

– Não. O que eu devia ouvir, a operadora de um satélite?

– É igual. Aperte o botão vermelho e coloque-o em meu bolso.

Acabou de retocar as raízes de Nisrine. Ia começar com os bobes de Ghida quando o telefone fixo tocou, e o toque dos anos 1970 ecoou por todo o salão.

– Finalmente! Talvez a operadora do satélite tenha transmitido minha mensagem – comentou Nisrine.

– Que operadora de satélite? Que bobagens está dizendo? Estava falando com a operadora de um satélite? – interveio Ghida.

– Agora sou uma espiã, como nos filmes de James Bond.

– Salão de beleza Cleópatra, *bonjour* – respondeu Mouna sorrindo para as duas mulheres.

– *Allo*, é Mouna? – perguntou uma voz feminina.

– Sim.

– Não sei se você se lembra de mim, meu nome é Dina Chaiban... Dina Nasr. Você me penteou no dia de meu casamento.

Mouna ficou calada. Então, Dina era *madame* Chaiban, esposa de Amin Chaiban. Amin havia flertado com Mouna no dia de seu casamento, e em sua primeira semana de casado haviam começado uma aventura. Era ela que havia visto na Mercedes no dia em que fora comprar vagens, e eram casados... Sua mente funcionava a toda velocidade.

– Desculpe, tentei ligar no celular, mas você não me ouvia. Estou no apartamento novo e não tem boa cobertura aqui. Foi bom que tenha sugerido que eu ligasse no fixo.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou Mouna secamente.

– Estou desesperada. Preciso fazer o cabelo e as unhas das mãos e dos pés.

Queria realmente ver essa mulher? Suportaria?

– Quando quer vir? – respondeu, pois precisava de dinheiro. Os sentimentos podiam esperar.

– Pode vir à minha casa? Estou cuidando de minha sobrinha e, enquanto a mãe não vier buscá-la, não posso sair.

– Bem... – Olhou o relógio, eram quase duas da tarde. Claudine chegava normalmente às duas e quinze, e às quatro esperava Imaan. – Depende de onde estiver, *madame*. Tenho horários marcados para a tarde que não posso cancelar.

– No clube náutico. Por favor, pagarei o que quiser, e o táxi.

Mouna coçou a cabeça. Poderia ir ao apartamento de Amin? Suportaria ver onde morava, dormia, comia e fazia amor?

– *Madame*, só poderei ir depois das seis.

– Não pode vir às duas e meia, por favor?

– Impossível. Mesmo que estivesse livre, conseguir táxi não é fácil; é sexta-feira, e o trânsito está pior que de costume.

– Bom, às seis, então. Mas se puder vir antes, ligue, por favor. Meu número é 187-2983.

“Pelo menos pediu por favor”, pensou Mouna.

– Farei o que puder, *madame*.

– Por favor, pode me chamar de Dina. *Madame* me faz sentir como se fosse minha mãe.

– Tudo bem, Dina.

– Quanto vai custar?

– Sessenta mil libras, em dinheiro – Mouna respondeu e desligou antes que ela pudesse responder.

Sorriu. Era 10% do que precisava para pagar o novo imposto municipal e renovar a licença. Dina Chaiban e seu marido infiel iam pagar caro.

Era muito estranho que Claudine não tivesse aparecido às duas e meia. Olhou o celular, vinte para as três.

– Amal! – gritou.

A garota apareceu de repente.

– Não precisa gritar, não sou surda.

– Desculpe, achei que estava nos fundos.

– Lá eu também escuto – disse Amal apoiada na vassoura com um pano pendurado na cintura da calça jeans.

Ia lhe perguntar como podia ouvir com os fones no ouvido, mas sabia que ela daria de ombros ou não prestaria atenção.

– Preciso fazer um atendimento em domicílio hoje à tarde, então você vai ter de voltar depois que fizer o que tem de fazer.

Amal assentiu. Não sabia se devia explicar que precisava ir ao fisioterapeuta exercitar a mão, mas, se o fizesse, teria de contar a história toda e não queria fazê-lo, pelo menos por ora.

– Vou à casa de Claudine ver como ela está. É muito estranho ela não ter vindo.

– Ela não está.

– Como você sabe?

– Eu a vi sair.

– Quando? – perguntou meneando a cabeça com estranheza.

– Há meia hora. As duas *mamul* ainda estavam aqui.

– Quem? Ah, Ghida e Nisrine – disse ao se dar conta e começou a rir. – É muito estranho. Deve ser alguma coisa importante, ela nunca deixa que nada interfira em seu cabelo.

– Pode ser que já não tenha mais cabelo.

– Amal, isso é muito cruel. É verdade que o cabelo dela cai, mas não há razão para ser desagradável.

– Disse isso porque ela estava com um lenço quando saiu.

– Meu Deus! Espero que não seja por minha culpa.

– Por quê?

– Ela veio na segunda-feira quando eu estava fazendo as contas. Havia feito um desastre no cabelo, e o único jeito de arrumar foi descolorindo.

– E daí? Descoloriu, pronto.

– E se eu fiz a mistura errada ou forte demais?

– Se o cabelo dela caiu, não foi por sua culpa, senão ela já a teria despejado.

– Amal, por favor!

– É sério, acho que você não fez nada. O cabelo dela cai, mas o pouco que lhe resta é muito forte.

– Talvez eu devesse escrever um bilhete e deixar embaixo da porta.

– O que você devia fazer é deixá-la em paz e não se intrometer.

– É porque estou preocupada.

– Preocupada com ela ou com o despejo? – Amal recolocou os fones de ouvido e passou a ignorar Mouna e o mundo.

“Claro que estou preocupada com ela. Por que teria de me sentir culpada? Arrumei o cabelo dela e estava bom quando saiu daqui”, pensou. Grunhiu por ter dado ouvidos a Amal e se sentou para escrever um bilhete para Claudine.

– Vou colocar isto embaixo da porta dela.

– Eu não faria isso – retrucou Amal.

– Por quê?

– Porque ela é uma pessoa muito reservada; se você se meter na vida dela, vai se irritar.

– Bem, muita gente gosta que alguém se preocupe e pergunte como está.

– Claudine, não. Se ela quiser contar alguma coisa, vai contar. Senão, vai soltar os cachorros por você se intrometer nos assuntos dela.

– Por favor, Amal!

– Talvez pense que você quer alguma coisa; dinheiro, por exemplo. Ou que está puxando o saco dela porque não pode pagar o aluguel.

– Está enganada – disse Mouna categoricamente, e fechou a porta, irritada por ter novamente dado atenção a Amal.

Tocou a campainha de Claudine e esperou para ver se atendia ou se ouvia algum barulho lá dentro. Depois de um tempo, bateu com os nós dos dedos e colocou o bilhete por baixo da porta. Na volta ao salão, um Ford Explorer preto parou ao seu lado.

– *Bonjour, mademoiselle* Al-Husseini – cumprimentou Samir após abrir a janela e se inclinar para o banco do passageiro.

– *Kifek?* – perguntou ela, sorrindo e cobrindo os olhos com a mão para se proteger do sol.

– *Hamdellah, mademoiselle*. Muito melhor agora que a vejo.

– O que está fazendo na *rue* Gouraud?

– Tenho um assunto para cuidar. Preciso falar com uma mulher.

– Ah, é? Quem é? Talvez eu a conheça – disse Mouna sorrindo de maneira sedutora.

– Ela é muito exótica, tem um cabelo maravilhoso, usa vestidos bonitos, adora azul... E tem os olhos mais expressivos que já vi em toda minha vida.

– Hmm... – murmurou Mouna com uma mão na cintura e outra na testa fingindo pensar. – Ela é alta, baixa, gorda, magra?

– É a mulher mais bonita do mundo – disse ele olhando para ela diretamente nos olhos.

– E por que quer falar com ela? O que ela fez?

– Trata-se de um assunto muito sério. Ela roubou uma coisa.

– Nossa! – exclamou perguntando-se o que teria feito.

– Vai ter de pagar uma multa ou receber um castigo, nada sério.

– E qual é a multa?

– Jantar comigo – explicou sorrindo.

– Um momento! Primeiro, que delito ela cometeu?

– Ela roubou... meu coração.

– E não vai para a cadeia por algo tão sério?

Samir sorriu.

Uma buzina interrompeu a conversa. A SUV impedia a passagem de uma van e se formara uma longa fila de veículos.

– Ei, vocês dois! Vão para um quarto! – gritou um motorista.

– Depois eu ligo – prometeu ele colocando o carro em marcha. – Podemos jantar hoje à noite?

Mouna sorriu e assentiu.

– Não, espere! Tenho que atender uma cliente em domicílio.

Amanhã?

Samir ergueu o polegar, sorriu e se despediu acenando.

– Malditos casaizinhos apaixonados! – disse o motorista. – Não sabem que tudo acaba mal? O homem perde o interesse, a mulher engorda, os filhos lhes cospem na cara... um nojo.

– Cale a boca! Não precisa nos contar sua vida! – gritou um transeunte.

Mouna começou a rir. Quando ia para o salão, viu chegar uma Mercedes preta. Parou em frente ao Cleópatra, e o motorista saiu para abrir a porta para Imaan Sayah. Olhou o celular, eram quatro em ponto. Se tivesse levantado os olhos, teria visto Ghida e Nisrine olhando pela janela com expressão horrorizada.

– Por favor, Tony, leve-me à *rue* Gouraud – pediu Imaan a seu motorista quando entrou em seu luxuoso carro depois de almoçar com o ministro de Assuntos Exteriores.

– Sim, *madame*.

– Tenho um compromisso às quatro.

– Sim, *madame*.

A mulher se recostou e aproveitou aqueles minutos livres para entregar-se aos seus pensamentos. O tempo passava voando e tinha tantas coisas para fazer antes de ir para Londres que não sabia por onde começar. “Preciso fazer uma lista”, pensou enquanto pegava uma caderneta. Abriu-a e anotou na parte esquerda de uma das páginas: “Coisas para fazer”; na direita: “Problemas”. A primeira coisa que escreveu na segunda coluna foi “Joseph”, seguido de um grande sinal de interrogação.

Olhou pela janela. O que ia fazer? Havia se passado duas semanas desde a festa em que anunciara sua nomeação para embaixadora no Reino Unido e não tornara a vê-lo desde então. Evidentemente, não estava surpresa, fazia tempo que levavam vidas separadas. “Nós nos distanciamos ou nunca estivemos realmente juntos?”, perguntou-se.

Sempre pensara que haviam começado em igualdade de condições. Ela estava subindo no Ministério de Assuntos Exteriores, e ele começava a se estabelecer como empresário por conta própria, sem ter que recorrer a seu prestigioso sobrenome, como havia feito quando estavam na faculdade. Tudo havia corrido bem no início, mas é o normal, não? Todo mundo se comporta da melhor maneira e mostra seu lado bom, e até as discussões se resolvem com sexo apaixonado. Tinha de reconhecer que ele a havia ajudado e que estivera ao seu lado quando Kamal, seu primeiro marido, jogara sujo durante o divórcio. Pela primeira vez em sua vida acreditara que não estaria sempre sozinha, que realmente havia alguém ao seu lado, alguém em quem confiar, que a levantaria se caísse. Recordou que era seguro de si, o interesse que ele demonstrava em seu trabalho, que ele lia tanto quanto ela e a surpreendia nas festas quando demonstrava ter argumentos firmes, sólidos e coerentes sobre qualquer tema de que se tratasse e estava à altura do espírito de seu tempo.

– *Ahlan, madame Sayah* – cumprimentou Mouna quando a viu descer do carro. – Bem-vinda.

– Por favor, pode me chamar de Imaan.

– Bem na hora – comentou Mouna segurando a porta aberta para que entrasse.

– Gosto de ser pontual. Ah, outra vez esse cheiro. Faz-me lembrar de Sídon.

– Muito gentil, aceito isso como um elogio.

– Era essa minha intenção.

– O que quer fazer hoje? Anotei lavar e cachear, mas se quiser mais alguma coisa...

– Se tiver tempo, poderia fazer a sobrancelha.

– Claro. Por aqui – pediu indicando duas pias cor-de-rosa.  
– Sabe de uma coisa? Todas as minhas amigas estão enlouquecidas com este salão.  
– Muito obrigada.  
– E costumam ir ao Alexandre, de modo que você deve ser muito boa.  
– É muito gentil de sua parte.  
– É a verdade, Lailah Hayek e Nadine Safi me disseram.  
– Ah, sim! As duas estiveram aqui na quarta-feira.  
– Foi uma coincidência, vieram separadas no dia em que dei uma festa. Você sabe, quando vim pegar os *nammura* de suas vizinhas. Depois, elas se conheceram em minha casa, lembraram que haviam se visto aqui e agora são amigas.  
– Que coincidência! Esta é Amal, vai lavar seu cabelo.  
A garota estava com uma camiseta preta, tirara os fones de ouvido e os óculos e prendera o cabelo com um rabo de cavalo.  
– *Marhaba*, ouvi falar muito bem de você.  
– *Yislamo* – agradeceu Amal.  
– Também é de Sídon?  
– Não – respondeu Amal enquanto lhe entregava um avental plástico e punha uma toalha em volta do pescoço de Imaan. – Quer que lhe faça uma massagem, como fiz em *madame* Hayek? – perguntou ansiosa para que parasse de fazer perguntas.  
– Sim, por favor. Lailah e Nadine adoraram.  
Mouna a deixou nas mãos de Amal e voltou para a frente do salão. Notara que, embora o salão tivesse um aspecto decadente, estava limpo e arrumado. Amal havia limpado e organizado os bobes, os grampos, as escovas e os pentes em suas bandejas de plástico rosa, e o chão brilhava. Sorriu e reconheceu que não poderia viver sem ela. Apesar de sua rudeza habitual, era gentil e eficiente com as clientes; era uma parte vital do Cleópatra, tanto quanto ela mesma. Além do mais, quando queria, se arrumava e tinha boa presença. “Como será que ela ficaria maquiada? Quando tiver um pouco de dinheiro preciso aumentar o salário dela”, pensou.



Enquanto esperava Imaan, pegou a bolsa que havia guardado em um armário desde o casamento de Dina Nasr, caso tornassem a chamá-la para uma emergência. Continha todo o necessário, desde xampu e condicionador até bobes, grampos, um *babylist*, maquiagem, remove-dor de esmalte – tudo. Olhou para o balcão. Amal o havia encerado e limpado as gavetas, onde só havia deixado as chaves do salão, a agenda, um talão de recibos, a nova caderneta onde havia anotado o que suas três clientes habituais deviam, uma calculadora, uma caixinha onde havia colocado dois lápis apontados e uma caneta, além do envelope com as fotos que Mouna havia encontrado anteriormente. Estava olhando para elas quando Amal levou Imaan para uma das poltronas e deixou uma das bandejas com rodinhas perto dela.

– Aceita um café?

– Sim, muito obrigada.

– E um docinho?

– Um *mamul* seria perfeito – disse Imaan quando Mouna se aproximou. – Lembra a padaria e confeitaria Al-Kaiser?

– A que ficava dentro das muralhas da cidade antiga?

– Essa mesma – disse Imaan, sorrindo. Acho que o dono se chamava Mansour; fazia uns *nammura* e uns *mamul* deliciosos. Os das suas vizinhas são bons, mas os dele eram extraordinários.

– Ghida e Nisrine me perguntaram quando você vinha, pois queriam que provasse todos os doces libaneses que possa imaginar.

– Espero que não tenha dito a elas, preciso perder alguns quilos antes de ir para Londres.

– Quando vai?

– Daqui a alguns meses, mas, você sabe, o tempo passa voando.

– Eu sei. Vai passar férias?

– Não, vou para ficar.

– Que ótimo!

– Sim, estou adorando.

Mouna queria lhe perguntar por quê, mas preferiu não se intrometer e parou de falar enquanto lhe secava o cabelo.

– Seu cabelo é maravilhoso.

– Obrigada.

Amal voltou da lanchonete da rua de baixo, trazendo um *mamul* para Imaan.

– Preciso ir – sussurrou Amal para Mouna.

– Mas não deixe de voltar, tenho de ir à casa de Dina Chaiban hoje à noite.

– Não se preocupe, estarei de volta antes de você sair – garantiu Amal.

– Está muito bom – comentou Imaan depois de uma mordida. – Não tanto quanto os de Al-Kaisar, mas está bom. Voltou a Sídon desde que partiu?

– Não, mas gostaria. Na verdade, estava limpando o balcão hoje e encontrei umas fotos antigas dos meus irmãos.

– Onde eles moram? Estão em Sídon ainda?

– Morreram na guerra de julho.

– Oh, sinto muito! – exclamou, e o pesar criou uma ruga em sua testa.

– Uma bomba atingiu a casa e matou meu pai, meus irmãos, meu tio, meus primos... Morávamos todos em uma casa muito grande, típica de família tradicional.

– Meus pêsames.

– Obrigada. Infelizmente, essas tragédias fazem parte de nossa vida.

– É verdade.

– Não acredito que alguém que não tenha vivido neste país possa entender. É algo que nós, libaneses, aceitamos.

– Sim, a morte faz parte da vida no Líbano. Você tem mais parentes?

– Sim, minha mãe e minha tia. Tivemos muita sorte. Naquele dia tínhamos ido visitar uns parentes em uma cidade próxima.

– Toda sua família trabalhava na loja de seu pai?

– Não, só meu pai, mas meus irmãos o ajudavam às vezes e, em algum momento, o substituíam. Nas fotos que achei hoje parecem estar trabalhando em uma obra, algo que eu não sabia.

– É mesmo? Minha família também se dedicava à construção. Meus irmãos tinham uma pequena empresa. Depois você me mostra as fotos, quem sabe reconheço seus irmãos?

– Isso sim seria uma coincidência.

A campainha de bicicleta tocou. Mouna se virou para ver quem era.

– Nina! Estou aqui! – chamou Imaan sinalizando com a mão.

Nina tirou os óculos e entrou. Usava calça jeans justa, sapatilhas cor de telha combinando com a bolsa Hermès Birkin e camisa branca.

– Imaan, *cherie. Comment vas-tu?* – cumprimentou antes de dar três beijinhos na amiga.

– *Hamdellah, très bien, très bien.* Estou quase pronta, depois vamos tomar alguma coisa com calma. Você conhece Mouna, não é? Mouna, esta é minha grande amiga Nina Abboud.

Nina olhou para ela e se perguntou se devia dizer algo sobre a depilação com cera, mas não falou. Mouna preferiu esperar alguma indicação da parte de Nina. Como ia esquecer essa mulher ultrarrefinada? Mas as regras de um salão são as regras de um salão, Mouna sabia. O que se dizia, ouvia e via em um salão de beleza ficava entre suas paredes. Nunca se falava nem sobre os clientes nem sobre o que faziam. As fofocas haviam arruinado mais de um salão.

– *Marhaba, madame* – limitou-se a dizer.

– Ouvi falar muito de seu talento, vou ter de marcar um horário – comentou Nina, que agradecia sua descrição.

– Obrigada, *madame.*

– E ainda depila com o antigo açúcar caramelizado – acrescentou Imaan.

– Também vou precisar daqui a pouco. Então, minha amiga, o que está acontecendo? Conte-me tudo – pediu virando para Imaan.

Enquanto Mouna secava e dava forma ao penteado fingindo não ouvir, como toda boa cabeleireira, soube do desonroso estado do casamento de Imaan.

Imaan foi até o balcão para pagar, balançando o cabelo.

– Adorei. Nina, você precisa marcar uma hora. Essa moça tem mãos mágicas.

– Obrigada, mas grande parte se deve à lavagem e à massagem.

– É verdade! Sua assistente é fantástica, tenho de lhe dar uma gorjeta. Onde está ela? – perguntou enquanto rebuscava na bolsa.

– Teve de sair.

– Bem, então dê-lhe isto – disse entregando-lhe uma nota e pegando o celular para chamar o motorista. – Voltarei.

Segundos depois apareceu a Mercedes preta, e o motorista saiu para abrir a porta.

– Venha, Nina. Vamos ao Claudia's?

Minutos depois Amal chegou, sem fôlego.

– Espero não estar atrasada.

– Não, mas preciso sair agora mesmo – disse Mouna, que havia olhado o relógio e visto que eram cinco e meia. Prometi a Dina que chegaria às seis.

– Graças a Deus.

– Tome, *madame* Sayah deixou para você – disse entregando-lhe a nota de dez mil libras.

Ao vê-la, os olhos de Amal se arregalaram; guardou-a rapidamente.

Enquanto olhava rapidamente dentro de sua bolsa de emergência para se certificar de que não esquecera nada, Mouna disse:

– Amal, obrigada por tudo. O salão estava impecável e você fez um bom trabalho com *madame* Sayah – agradeceu Mouna pendurando a bolsa no ombro.

Amal franziu os lábios e assentiu.

– Você também está impecável. – continuou Mouna.

– Obrigada.

– Vou pegar a moto. Acho que não vou encontrar um táxi a esta hora.

– Quer que eu vá agora?

– Você pode fechar?

Amal ficou olhando para ela.

– Mas isso quer dizer que amanhã vai ter de abrir.

A garota permaneceu calada.

– Olhe, não quero apressá-la, mas estou atrasada – disse Mouna, caminhando em direção à porta.

– Onde estão as chaves?

– Você sabe onde estão. Você limpou o balcão. Até amanhã – Mouna despediu-se e saiu.

A porta se fechou, e Amal ficou sozinha no meio do Cleópatra. Onde estavam seus óculos? E seus fones de ouvido?



## Capítulo 13

Amal nem sempre foi tão arisca e introvertida. Aliás, quando vivia em Deir el-Ahmar, uma cidadezinha do vale do Beqaa, era uma menina normal e feliz. Seu pai, Zakaria Abdo, era especialista em literatura árabe e havia lecionado durante muitos anos na Universidade Libanesa de Beirute, até que decidiu se aposentar e se dedicar à pesquisa acadêmica e a escrever ensaios. Sua mãe, Youmna, era síria, e na juventude havia sido uma das mulheres mais belas do Oriente Próximo.

Amal adorava passar o tempo nos lindos campos, riachos, pomares e jardins que cercavam a cidade; adorava as ruínas de Baalbek, onde se perdia entre os antigos templos e sonhava com lindos reis e rainhas que haviam passeado por aqueles lugares. Começou a pintar tudo o que via e tinha bom olho para os detalhes e a cor, algo surpreendente para uma menina tão pequena. Na escola mostrou grande gosto por história, algo que deleitava seu professor, Khaled Waleed, antigo aluno de seu pai.

Por ser filha única, passava muito tempo sozinha, mas não se importava e sempre encontrava um jeito de se distrair, especialmente lendo e pintando. Sua maneira favorita de passar o dia era pegar um livro, papel, tintas e lápis de cor, ou as queridas aquarelas que seu pai lhe havia dado quando completara 10 anos, e passear pelos campos até encontrar algum lugar fresco, à sombra, onde colocava sua preciosa carga e se sentava para comer o que tivesse levado; não voltava até que o sol começasse a se pôr, já tendo acabado o livro e utilizado todo o papel. Ao chegar, mostrava orgulhosa ao pai o que havia pintado, e ele “comprava” um dos

desenhos depositando uma moeda em um cofrinho em forma de porco e o colocava em seu estúdio.

Na feira de final de ano, em 1986, quando Amal tinha 12 anos, o senhor Waleed e as outras duas professoras, irmã Angélique e Nina Ossairan, solicitaram aos alunos com mais talento que os ajudassem a levantar dinheiro para comprar livros e outros materiais muito necessários. O senhor Waleed perguntou se ela gostaria de vender algum dos seus esboços, e ela aceitou com prazer. Com a ajuda de seu pai, montou uma barraca com suas pinturas e seus desenhos dos templos de Baalbek. Estava sentada ao lado dele esperando a feira começar quando viu duas meninas de sua classe rindo, cochichando e apontando para ela. Ouviu uma delas dizer que seus pais eram muito velhos para ter uma filha de 12 anos.

– Meu pai disse que você é adotada – comentou uma.

– Minha mãe também. Disse que é porque sua mãe não podia ter filhos. Por isso você não se parece com eles.

– Você era órfã – continuou a primeira.

– Minha mãe disse que abandonaram você na porta deles – acrescentou a segunda. – E que tiveram de adotá-la para que você não morresse de fome.

– Meus pais nunca me deixariam morrer de fome.

– Nem os meus, eles me amam muito.

– E também lhe dão muita comida – debochou a primeira.

– O quê? Eu me pareço com minha mãe – disse orgulhosa. – E ela é muito bonita.

– Você está gorda demais para se parecer com ela – disse a primeira, e saiu correndo seguida da amiga.

Amal já havia notado que seus pais pareciam ser mais velhos que os das meninas de sua classe, que sempre a provocavam dizendo que era adotada. Na primeira vez que perguntou a eles, começou a chorar, mas os pais a abraçaram, a acalmaram e a encheram de beijos. Garantiram que eram seus pais e disseram que não ligasse para o que diziam suas colegas invejosas.

Assim, não deu atenção àquelas duas meninas e continuou calada, pensando em suas coisas, enquanto Zakaria falava com todas as

pessoas que perguntavam sobre o artista. Todos se surpreendiam ao saber que era ela.

– Professor? – disse um homem indo até a barraca. – Você é o professor Zakaria Abdo?

– Sim. Eu o conheço?

– Espero que sim. Eu sou Bashir, Bashir Hachem. Lembra-se de mim?

– *Hamdellah!* Quanto tempo! – cumprimentou Zakaria, saindo da barraca.

– Muito tempo, meu querido Zakaria, muito.

– Venha, deixe-me apresentar a joia da família – disse Zakaria orgulhoso, colocando a mão no ombro do amigo. – Amal, este é meu grande amigo Bashir Hachem, ele foi professor de Línguas Clássicas na Universidade Libanesa.

– *Salam aleikum* – cumprimentou Amal.

– *Wa aleikum assalam* – respondeu passando a mão pela cabeça da menina. – Então, você é a artista da família...

– E muito talentosa! Minha filha pintou tudo isto – indicou Zakaria com orgulho.

– Filha? Você quer dizer neta... – corrigiu Bashir com expressão de estranheza. De repente esboçou um amplo sorriso e soltou uma gargalhada. – Ah, malandro! Casou de novo e nem me convidou para o casamento! – Zakaria e Amal olharam para ele, surpresos. – Que sorte! – comentou piscando. – Deve ser bom ter uma mulher jovem. O que aconteceu com Youmna? Como a convenceu a deixá-lo se casar outra vez? Ela não parece o tipo de mulher que permite essas coisas...

– Bashir, *habibi*... Vamos tomar um chá, e eu explico tudo. Você precisa ir almoçar lá em casa um dia. Youmna vai adorar vê-lo, e assim podemos contar tudo com calma. Amal, já volto – disse, voltando-se para a filha. – Vou dizer ao senhor Waleed que fique com você um pouco.

Amal não entendeu o que estava acontecendo e, ao vê-los se afastar, perguntou-se por que Bashir se virava para trás de vez em



quando com os olhos arregalados e a boca aberta, levando as mãos à cabeça.

– Amal, minha melhor aluna! Tenho muito orgulho de você. Está se saindo muito bem – elogiou-a o senhor Waleed, sentando-se ao seu lado. Ela parecia pensativa. – É a que mais vendeu até agora. Finalmente vamos poder comprar livros, e devemos isso a você.

Amal não disse nada. Era muito estranho que não se alegrasse.

– Senhor Waleed, eu sou filha de Zakaria Abdo?

– *La ilaha ila Allah*. Por que pergunta isso? Claro que é.

– E de Youmna Abdo?

– Claro.

– Então, por que o senhor Hachem perguntou a meu pai se ele tinha uma segunda mulher mais jovem?

Khaled percebeu. “Alá, me ajude a lhe explicar como este mundo funciona. Mas como vou fazer isso se seus próprios pais não o fizeram?”, pensou.

– Meu pai tem outra mulher?

– Não, claro que não.

– Então, eu sou adotada?

– Você não sabia que Zakaria e Youmna não são seus pais biológicos? – foi forçado a perguntar.

A garota negou com a cabeça.

– Senhor Waleed, se Zakaria e Youmna não são meus pais, então, quem são?

– Essa é uma pergunta que você terá de fazer a eles.

Amal ficou calada. Khaled se sentou e notou que a atitude dela mudou imediatamente: de alegre a triste, de faladora a calada, e de animada a pensativa. Entendeu que se sentia traída pelos pais que amava e em quem confiava; abandonada pelos pais que deveriam amá-la e indignada com todos os que a cercavam e haviam escondido isso dela, inclusive ele. Mas como ia lhe explicar que, apesar de não ter saído do útero de Youmna, para efeitos práticos ela era filha de Zakaria e Youmna, que haviam cuidado dela e a amado desde que fora abandonada em sua porta poucos dias depois de nascer? Ao ver seu rosto triste, desejou ardorosamente que um

dia ela entendesse e se libertasse do ressentimento e da desaprovação que sentia pelas únicas duas pessoas que a haviam amado de verdade.

– Você mentiu para mim! Disse que era minha mãe! – Amal gritava com Youmna.

– E sou.

– Não, não é.

– Amal, por favor, eu não a carreguei dentro de mim nove meses nem a trouxe ao mundo, mas cuidei de você.

– O que aconteceu com minha mãe? Por que ela me deixou aqui? Com certeza você fez alguma coisa, obrigou-a a ir embora, porque, senão, ela jamais teria me abandonado!

– Amal, minha filha...

– Não me chame assim – gritou Amal.

Youmna começou a chorar, incapaz de fazer Amal entender; deixou-a em seu quarto e rezou para que sua raiva se apacasse, para que pudesse conversar com calma com ela. Mas Amal não se acalmou. Seus pais não deram atenção ao seu comportamento mal-educado e agressivo. Ela fazia o que queria, não lhes dizia aonde ia, desaparecia por horas e horas e, às vezes, voltava ao pôr do sol com uma expressão carrancuda e hostil.

Seu rendimento no colégio caiu muito; quando Zakaria e Youmna tentavam falar com ela, respondia com um “O que vocês têm com isso?” que os machucava. Durante as semanas e os meses seguintes, Amal se fechou em sua concha e se negou a exteriorizar seus sentimentos; refugiou-se em sua pintura e fechou a porta ao mundo sem deixar que ninguém visse o que expressava no papel. Nem Zakaria nem Youmna entenderam qual havia sido seu erro terrível. Afinal de contas, eram seus pais e a amavam. Ela precisava saber disso e sentir isso. Jamais tiveram a intenção de esconder a verdade, apenas preferiram esperar que crescesse para que pudesse entender. A partir do sexto aniversário, Youmna começou a perguntar ao marido se deveriam lhe contar, e a cada ano ele argumentava que ela era muito nova, que deviam esperar um pouco mais.

– Devíamos ter contado – repetia Youmna sem parar, enquanto Zakaria tentava consolá-la.

– Não tivemos má intenção. Nunca escondemos de propósito.

– É, mas se tivéssemos contado quando era mais nova, não estaríamos nesta situação.

– E o que você queria fazer? Contar a ela e a todo mundo que uma puta a carregou nove meses no ventre sem saber quem era o pai? Falar do comportamento pecaminoso de sua mãe a uma menina de 12 anos?

– Precisamos contar que somos seus avós e explicar o que aconteceu com Heba – implorou Youmna chorando sobre o travesseiro.

– Não pronuncie esse nome em minha presença, por favor.

– Por mais que doa, ela é nossa filha, e Amal precisa saber quem é mãe dela.

O rosto de Zakaria se tingiu de cólera. Jamais esqueceria o dia em que sua própria filha estava tão bêbada que tentara seduzi-lo.

– Sinto muito, Youmna. Não queria machucá-la ainda mais. Não chore, por favor.

Mas naquela noite Youmna não conseguiu conter as lágrimas. Culpou-se por não ter sido uma boa mãe e por tudo o que havia acontecido com sua filha. Depois de suplicar por uma segunda chance a Alá, ele lhe havia concedido Amal, e ela havia falhado de novo.

Youmna estava grávida quando se casou com Zakaria, aos 17 anos. Ele tinha 20 e havia acabado de se formar. A possibilidade de fazer um mestrado e o nascimento de uma menina saudável encheu o jovem casal de felicidade. Tentaram ter mais filhos, mas Youmna sofreu vários abortos seguidos, e o médico recomendou que, devido à gravidez e ao parto de Heba terem sido complicados, não abusassem da sorte. Decidiram, então, adiar a ampliação da família e se concentraram em sua linda filha. Não havia dúvida de que havia herdado a beleza da mãe. Cativava todo mundo com seus grandes olhos azuis, seus cabelos dourados e seu riso inocente.

Os problemas chegaram quando ela completou 14 anos e começou a andar com más companhias. Transformou-se na Lolita de Beirute e passou a consumir drogas, a beber e a sair com homens ricos, quase todos mais velhos que seu pai. Gostava de desobedecer à mãe e chegava tarde a casa, pois sabia que ela a esperava acordada. Procurava fazer barulho e acariciava e apertava quem a tivesse acompanhado bem em frente à janela de onde Youmna estaria olhando. Quando tinha 15 anos, uma noite, chegou cambaleando e rindo. Estava com sapatos de salto muito alto, minissaia e uma camisa que deixava ver seu sutiã de renda, batom vermelho nos lábios e o cabelo despenteado. Quando tentou se concentrar para colocar a chave na fechadura, uma cópia da original que havia roubado de sua mãe, Youmna abriu a porta. Zakaria estava atrás, os dois de roupão, zangados, tristes, desconcertados e horrorizados.

– Heba, seu comportamento é escandaloso – repreendeu-a Youmna.

– Mamãe, não seja chata – protestou a menina antes de se deixar cair em uma poltrona do vestíbulo, colocar uma perna sobre o braço do móvel e levantar a minissaia.

– Você não tem vergonha? O que há com você? – continuou Youmna.

– Você vive no passado. Não seja tão antiquada. As mulheres de hoje se comportam assim, estamos liberadas – proclamou Heba, arrastando as palavras e balançando a cabeça de um lado para outro. – Preciso fumar.

Pegou um maço da bolsa, acendeu um cigarro e se acomodou na poltrona olhando para eles através da fumaça azul acinzentada.

– Pelo amor de Deus, Zakaria! Diga alguma coisa!

Heba olhou para seu pai e levou o polegar à boca de maneira insinuante. Sua camisa estava desabotoada, deixando o sutiã de renda branca que tentava conter seus seios túrgidos à mostra.

– Tem algo a me dizer? – perguntou ela abrindo mais as pernas.

Não estava usando calcinha. Youmna soltou um grito, cobriu os olhos e lhe deu as costas, mas seus ombros encurvados delatavam

as lágrimas.

Zakaria ficou sem fala. Parecia que havia levado uma pancada na cabeça que o deixara inconsciente e incapaz de pensar ou ver com clareza.

– Venha, Youmna – pediu pegando a mão da esposa. – Não temos mais filha. Não reconheço essa puta que está sentada no vestíbulo oferecendo sua mercadoria sem nenhum tipo de vergonha.

Começaram a subir as escadas, mas, no meio do caminho, ele se virou e disse:

– Vá embora e não volte nunca mais. Para nós você está morta.

No dia seguinte ela desapareceu sem deixar um bilhete. Youmna caiu em uma profunda depressão, e lhe recomendaram que fossem embora de Beirute, que se mudassem para um lugar mais tranquilo e pacífico.

Os Abdo se mudaram para Deir el-Ahmar.

– Vocês não têm filhos? – estranhou a vizinha Rima Waleed quando os convidou para jantar no dia que chegaram.

Youmna olhou para Zakaria. Não haviam decidido o que dizer se alguém perguntasse.

– Tivemos uma filha, mas, infelizmente, foi tirada de nós quando tinha apenas 15 anos – disse Zakaria, dando a entender que estava morta.

– Oh, não! Sinto muito, Youmna – compadeceu-se Rima, colocando a mão no braço dela com lágrimas nos olhos.

– Foi uma tragédia – explicou Zakaria.

– Você não devem se dar por vencidos. Ainda são jovens – animou-os.

– Tentamos, mas sofremos muitas decepções.

– Não desanimem. Vocês vão ter um filho, eu sinto isso.

– Espero que seja logo, o tempo passa depressa.

– Eu sei. Eu tive Khaled com 39 anos – confessou abraçando o filho de nove, que tentou escapar dos braços da mãe.

Num dia de fevereiro de 1975, Youmna estava na cozinha, e Zakaria, em seu estúdio. O ambiente estava carregado de insegurança. De

repente, milícias sírias e palestinas haviam aparecido no vale, e todos estavam muito preocupados. Ninguém sabia o que estava acontecendo nem em quem confiar. Amigos se voltavam contra os amigos; irmãos contra os irmãos. A delicada paz do Líbano, que sempre dependeu do equilíbrio entre muçulmanos e cristãos e suas diversas facções, foi perturbada e levou o país e os diversos povos que o habitavam havia milhares de anos à confusão e ao caos.

Youmna estava muito triste. Logo faria 38 anos, o que significava que Heba estava com 21. Fazia sete anos que não a via. Não sabia o que fazia, onde vivia nem se havia se casado. Algumas vezes, tinha visto fotos de Heba em revistas de fofoca. Havia tentado ser atriz, cantora e modelo. Aparecia cercada de todo tipo de personalidades, com um sorriso nos lábios e uma taça de champanhe na mão. Sempre parecia pouco natural e falsa. Uma revista afirmava que havia se submetido a todo tipo de cirurgia plástica: havia arrumado o nariz, esticado as pálpebras para dar um aspecto mais felino aos olhos e aumentado os já generosos seios.

Youmna estava tão perdida em seus pensamentos que quase não ouviu uma tímida batida na porta. Limpou as mãos rapidamente com um pano e foi para a porta, com medo que fosse alguma das milícias que rondavam o vale. Ainda que, se fosse alguma delas, teriam esmurrado a porta, e não batido educadamente.

– Quem é? Quem é? – perguntou.

Abriu com cuidado, esperando que não fosse algum tipo de armadilha, mas não viu ninguém. “Devo ter imaginado”, pensou antes de fechá-la e voltar aos afazeres da cozinha. À meia-noite o pranto desconsolado de um bebê rasgou a tranquila e silenciosa noite de Deir el-Ahmar, assustou os animais e acordou outras crianças que dormiam no berço. O bebê começou a chorar de novo, como se fosse seu grito de guerra, e acordou aqueles que haviam ignorado o pedido de que a pegassem no colo, a alimentassem, a acalmassem e pusessem para dormir.

Youmna se revirou na cama, aquele som havia penetrado seu sono profundo.

– De quem é essa criança? – perguntou Zakaria meio adormecido.

– Não sei, mas a mãe deveria acalmá-lo; senão, vai acordar o vale inteiro.

O choro continuava, e Youmna colocou a cabeça debaixo do travesseiro para abafar os soluços. De repente, ouviu batidas na porta.

– Zakaria! Zakaria! – chamou uma voz masculina.

Ele se levantou e abriu a janela para ver quem estava chamando. Era uma noite muito fria. Era Ilyas Waleed, o vizinho.

– O que foi?

– Não ouviu o choro de um bebê?

– Claro que ouvi! Acordou o vale inteiro.

– Está na sua porta.

– Ouça, isto aqui é o vale do Beqaa, não a Bíblia. Então, por favor, nada de brincadeiras, especialmente a esta hora da noite. Depois vai me dizer que é Moisés em uma cesta – resmungou começando a fechar a janela.

– Muito bem, não acredite se não quiser. Vou deixá-lo na igreja, lá vão saber o que fazer com ele. Faz séculos que as pessoas os abandonam.

– Ótimo, assim vamos poder dormir.

– Quem era? – perguntou Youmna, que havia tirado a cabeça de baixo do travesseiro.

– Ilyas, queria aprontar comigo. Disse não sei o que de um bebê na porta – explicou enquanto voltava para a cama.

– Que bobagem – sussurrou Youmna.

Segundos depois abriu os olhos. “Será que foi por isso que bateram à porta? Não, foi imaginação minha”, convenceu-se antes de adormecer de novo.

No dia seguinte, duas freiras de Nossa Senhora de Deir el-Ahmar tocaram a campainha dos Abdo. Youmna abriu a porta, sorriu ao vê-las e as convidou a entrar.

– Em que posso ajudá-las? – perguntou quando se sentaram para tomar café com biscoitos.

– *Madame* Abdo – começou a irmã Jeanne –, ontem à noite deixaram um bebê em um bercinho na porta da igreja.

– Foi Ilyas Waleed, seu vizinho – acrescentou a irmã Josephine.  
– Disse que o encontrou em frente à sua casa – continuou a irmã Jeanne.

– Na porta – especificou a irmã Josephine.

– Não vi nenhum bercinho – Youmna se justificou.

– Não, claro, não é lugar onde se pensa encontrar um bebê – concordou a irmã Jeanne.

– Não estranhamos que não o tivesse visto – interveio a irmã Josephine.

– Mas, evidentemente, era para vocês; senão, não o teriam deixado ali.

– Sim, mas quem foi?

– Foi isso que viemos perguntar – explicou a irmã Josephine.

– Não conheço ninguém capaz de fazer algo assim, especialmente em uma fria noite de fevereiro – explicou Youmna.

– Foi uma absoluta imprudência – comentou irmã Jeanne.

– Bem, *madame* Abdo – começou a irmã Josephine lentamente –, sabemos bem que seu marido e você andam rezando por um filho. Youmna assentiu.

– Então, vai concordar que esta é a resposta a suas preces – concluiu a irmã Jeanne.

– Sim, foi obra de Deus. Um milagre! – acrescentou a irmã Josephine.

Youmna quase começou a rir. Não sabia se poderia manter a seriedade se as freiras continuassem com aquela história.

– Irmãs, rezamos para ter um filho, mas não sei o que meu marido vai pensar desse milagre.

– Estava destinado a ser seu – insistiu a irmã Jeanne perfeitamente ereta na cadeira da cozinha, com as mãos juntas sobre o colo.

– Pode ser que sim, pode ser que não – replicou Youmna. – A guerra deixou muitas crianças órfãs no país. Outro dia, li no jornal que as mulheres grávidas que perderam o marido e não têm meios abandonam os filhos em igrejas, mesquitas ou casas para que alguém cuide deles.



– Sim, é verdade. A guerra é uma coisa horrível – admitiu a irmã Josephine.

– De qualquer maneira, *madame* Abdo, deixaram-no aos seus cuidados – continuou a irmã Jeanne.

– Obrigada por pensar em nós, mas como tem tanta certeza de que é nosso?

– Bem, a menina se parece com você – comentou a irmã Josephine.

– Ah! É uma menina?

– Sim, não havíamos mencionado?

– Parece muito com você – insistiu a irmã Josephine.

– Bem, não totalmente – precisou a irmã Jeanne.

– Mas é evidente que há uma semelhança de família – acrescentou a irmã Josephine.

– Havia algum bilhete no berço ou algo que possa ser considerado prova, além da semelhança?

– Só havia uma coisa que parece um poema – disse a irmã Jeanne, tirando um papel do bolso e entregando-o a Youmna.

Quando Youmna o leu, seus olhos se encheram de lágrimas:

Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E, embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã,

Que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós,

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a sua força

Para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como ele ama a flecha que voa,  
Ama também o arco que permanece estável.

Era um poema de Khalil Gibran de que ela gostava muito e lia com frequência para a filha no berço. Sem nem mesmo ver o bebê, soube que era filha de Heba.

Com o tempo, a raiva de Amal por aqueles que continuava considerando seus pais adotivos sossegou e foi substituída pela triste constatação de que jamais conheceria os biológicos. Por mais que insistisse, nunca conseguia mais detalhes: Zakaria e Youmna negavam sistematicamente saber quem a havia abandonado em sua porta; quanto às freiras, a única coisa que lhe diziam era que Ilyas Waleed a havia levado para a igreja.

Youmna às vezes tentava convencer Zakaria a revelar que Amal era neta deles, mas ele se mantinha firme. Heba era o mal, a encarnação da maldade, e Amal era tão inocente, e ele a amava tanto que preferia protegê-la daquela libertina e desavergonhada viciada em álcool e drogas.

Em 1991, a guerra civil acabou oficialmente, e o Líbano tentou se refazer após quinze anos de devastação. Os sírios continuavam no vale do Beqaa e se negavam a abandonar seu quartel-general em Anjar, próximo a Deir el-Ahmar. Amal ia completar 16 anos. Youmna, Zakaria e seus vizinhos Ilyas e Rima decidiram fazer uma festa de aniversário conjunta, pois ela havia nascido no mesmo dia que Rima.

Amal estava em um quarto do andar de cima usado como sótão procurando um lenço de seda bordado que Youmna lhe havia pedido em um baú. Encontrou-o em uma pilha de lenços e xales cuidadosamente dobrados. Ao pegá-lo, puxou junto um xale de lã muito fino e quase transparente. Quando tentou dobrá-lo para colocá-lo de volta no lugar, encontrou um pequeno caderno de couro trabalhado de onde caiu uma fotografia. Olhou para ela; parecia a família de Youmna em frente à mesquita Omeya, de Damasco. Na parte da frente havia várias crianças sentadas e uma em pé. Reconheceu Youmna segurando a mão da mãe. Sentiu curiosidade e tirou a faixa de couro que fechava o caderno para ver se havia mais.

Suas páginas amareladas estavam cheias da linda escrita árabe de Youmna, mas a tinta estava apagada em algumas linhas. Também havia algumas fotografias pequenas em preto e branco, sem dúvida da numerosa família de Youmna. Viu outra de Zakaria e Youmna; ela estava sentada em uma cadeira com as mãos na barriga olhando para ele amorosamente; ele estava em pé sorridente, com o braço no encosto da cadeira. No verso lia-se: "Outubro de 1953, cinco meses". Perguntou-se o que significava aquilo. Colocou-as de novo no caderno um tanto confuso, porque tinha certeza de que haviam se casado em novembro de 1953 e pareceu estranho que aquelas fotos mostrassem tanta intimidade antes do casamento, visto que muitos casais nem podiam se ver antes da cerimônia.

Folheou o caderno rapidamente e leu várias palavras aqui e ali. Era uma espécie de diário. Quando o estava amarrando de novo, um saquinho de feltro caiu. Dentro havia um medalhão de ouro. Sentou-se com as pernas cruzadas e virou-o entre os dedos. Havia perdido o brilho com o tempo e estava arranhado, mas continuava sendo muito bonito, ovalado, preso a uma fina corrente de ouro. Enquanto o estudava, ouviu um ligeiro clique, e ele se abriu. Dentro havia uma pequena fotografia em preto e branco de uma menina. Era loura e sorria. "Deve ser Youmna quando jovem", pensou.

Deixou tudo como estava e fechou o baú. Pegou o lenço preto e desceu as escadas. Parou um instante e pensou se devia pegar o caderno e perguntar a Youmna sobre as fotografias, mas não o fez. Apesar da curiosidade, continuava chateada por ter descoberto que era adotada, pela vergonha que sentia no colégio e por ter de admitir diante das meninas que sempre riram dela que tinham razão e que Youmna e Zakaria jamais haviam feito nada para descobrir quem eram seus verdadeiros pais.

Às vezes, tentava obter uma resposta.

– Amal, você precisa entender que estávamos em plena guerra civil, era impossível descobrir qualquer coisa. Os serviços de inteligência sírios nos vigiavam, e tínhamos de ter muito cuidado com o que fazíamos, dizíamos e perguntávamos – dizia Zakaria.

A menina não entendia por que Youmna não dizia nada. Quando lhe perguntava diretamente, sempre respondia que falasse com seu pai. E quando ele lhe dava sempre a mesma resposta, notava a expressão contrariada da mãe enquanto Zakaria lhe dava um sermão sobre o que era a vida nos piores momentos da guerra; então, Youmna voltava a seus afazeres se estavam na cozinha ou saía do quarto com o pretexto de que estava cozinhando ou tinha roupa no varal.

Amal desceu as escadas entusiasmada com a festa. Havia presenciado os preparativos, e, ao que parecia, a cidade inteira estaria presente. A festa seria a meio quilômetro da casa dos Abdo e dos Waleed, no pátio de um antigo mosteiro construído sobre as ruínas de um templo romano. Olhou da janela de seu quarto. Havia colocado mesas compridas cobertas com toalhas brancas. Havia gente distribuindo os pratos, as bandejas e cestas que seriam utilizadas para a comida. Havia levado gelo, e os gritos do pessoal que colocava as lanternas e as luzes coloridas a fizeram sorrir. Ouvia Youmna e Rima discutindo sobre a hora que levariam os bolos, e Zakaria e Ilyas falando com o encarregado dos fogos de artifício.

Tinha bastante tempo para se arrumar, então pegou o caderno de desenhos, carvão e aquarelas e foi para os campos que ficavam além do jardim. Dirigiu-se à caverna que havia descoberto uns dias antes, mas que não havia explorado ainda. Pensou que seria interessante retratá-la. Procurou-a onde achava que estava, mas não a encontrou. Com certeza havia pegado o caminho errado. Estava em uma parte do vale que não conhecia bem, mas era cedo, e o sol estava ainda muito alto. Percorreu um pequeno vale e, na extremidade, descobriu uma fenda na rocha vermelha. Entrou por ela, ouviu um som estranho e o seguiu. O piso era plano, e havia luz. A caverna foi se estreitando; do outro lado de uma fenda pela qual podia passar uma pessoa descobriu uma lagoa natural. O sol entrava pela parte de cima, e a água brilhava. Prendeu a respiração. Era magnífica. A água era transparente, turquesa; quando colocou a mão, sentiu a temperatura fria. Sem dúvida, vinha de uma fonte subterrânea.

– Quer dizer, então, que minha aluna favorita descobriu minha caverna secreta – uma voz a assustou.

Ao se virar, viu o professor Khaled Waleed.

– Senhor Waleed! – cumprimentou-o um tanto constrangida. – É um lugar maravilhoso.

– Sim, venho aqui sempre que quero ficar sozinho.

– Alguém sabe que isso existe?

– Não sei, acho que não. Por que não está se arrumando? – perguntou, sentando-se ao lado da lagoa. – É um aniversário muito importante, não é?

– Sim – respondeu ela, se sentando também.

– Não está com vontade de comemorar?

– Sim – respondeu Amal sorrindo, enquanto a suave luz da tarde se refletia em seu rosto.

Khaled ficou tão fascinado que não sabia o que dizer, então se limitou a olhar para ela perplexo.

– Senhor Waleed, está tudo bem?

– Sim, sim, estou bem – desculpou-se. – Não sei em que estava pensando.

– Acha que é uma caverna romana? – perguntou Amal com os olhos arregalados e brilhantes.

Não havia perdido o interesse por história.

– Acho que é ainda mais antiga – respondeu Khaled antes de falar sobre o vale do Beqaa e as civilizações que viveram nele antes dos romanos.

Ficou feliz ao fazê-lo, pois assim desviava sua atenção dela; seu sorriso o havia impressionado. Talvez fosse o reflexo da luz em seus olhos, mas a beleza e a tristeza que havia visto naquelas doces profundezas verdes o haviam cativado.

Eram quase sete horas, e começava a escurecer na caverna; mas a lagoa continuava tendo luz.

– Preciso ir – disse Amal levantando-se.

– Vou com você – ofereceu Khaled. – Eu ia tomar um banho, mas vou deixar para outro dia.

– Dá para nadar aqui?

– Sim, claro. A água está uma delícia.

– Um dia virei nadar.

– Você devia sorrir mais em sala de aula. Seu sorriso é encantador.

– Não tenho muito por que sorrir lá – disse Amal, sentindo-se repentinamente envergonhada e olhando para o chão. – Não sei... fora de lá, as árvores, as rochas, a água... eu me sinto segura. Olhar essa lagoa me faz feliz. – Khaled assentiu para que continuasse. – Aqui me sinto livre. É como se pudesse respirar, apesar de ser uma caverna.

– Sim, é a magia da natureza.

Caminharam em silêncio e logo chegaram à casa.

– Amal, sei que estes últimos anos foram difíceis para você e que ainda está magoada. Também sei que está procurando alguma coisa e que não vai parar enquanto não encontrar. Eu gostaria que soubesse que, além de ser seu professor, sou seu amigo, e você pode contar comigo para o que precisar, e quando quiser.

– Obrigada, senhor Waleed.

– Ótimo, até daqui a pouco.

– Senhor Waleed, por que nunca se casou?

Khaled riu; casamento era um tema delicado em sua família. Logo completaria 30 anos e continuava solteiro.

– Ainda não encontrei a mulher certa.

Naquela tarde, havia encontrado.

– Onde esteve? – perguntou Youmna quando a viu entrar.

– Pintando.

– Você sabe que horas são?

– Sim, *immi*. Não se preocupe, vou me aprontar a tempo.

– Quando se vestir, avise-me para que a penteie.

Amal correu escada acima e tomou um banho rápido. Sua mãe havia feito para ela um vestido levemente rodado de algodão sedoso branco com grandes flores rosa. Rima lhe emprestara sandálias para combinar, e Youmna também havia tricotado um colete de algodão branco.

– *Immi!* Estou pronta!

Youmna subiu até o quarto e a encontrou em frente ao espelho.

– Como estou?

– Está linda, estou muito orgulhosa de você – disse Youmna, aproximando-se com lágrimas nos olhos. – Agora sente-se e me deixe arrumar seu cabelo. Vai ficar ainda mais bonita – disse enquanto pegava um brilho labial rosa que Amal lhe havia suplicado para comprar.

De início havia negado, mas depois decidiu lhe fazer uma surpresa. Amal deu um gritinho e a abraçou.

– Muito obrigada, *immi*.

– Está bem, sente-se – pediu, pois não queria que a visse chorar.

– O que acha? – perguntou afastando-se.

Amal estava deslumbrante. Youmna havia escovado seu longo cabelo escuro e feito um rabo de cavalo alto para fazer um coque, mas depois achou que só o rabo ficava melhor, especialmente com uma rosa vermelha na orelha. Fazia pouco tempo que a deixava fazer as sobrancelhas, que curvou com delineador.

– Muito bem, agora o brilho labial... e depois...

– *Immi!* – gritou Amal ao vê-la pegar um tubinho de rímel.

– Parabéns, Amal! Que Alá lhe dê saúde e que você seja feliz a vida toda – desejou Youmna, enquanto sua filha a abraçava. – Estou muito orgulhosa. Agora é minha vez de me vestir, ou vou parecer uma velha.

– Nunca vai parecer velha, *immi*.

– Obrigada, Amal, é um elogio muito bonito.

– *Immi...*

– Sim, *habibtî?*

– Sei que me comportei muito mal.

– Ora, ora, vamos deixar o passado em paz.

– Por favor. Eu sei o que disse, e que fui egoísta e desagradável.

Eu a magoei e quero que saiba que sinto muito.

– Não precisa se desculpar – disse Youmna sorrindo.

– Preciso – respondeu Amal dando-lhe um abraço –, tenho de me desculpar, sim.

– Você sabe que vou amá-la sempre, faça o que fizer, por pior que seja ou por mais coisas feias que me diga – enfatizou Youmna inclinando a cabeça da filha para olhá-la nos olhos. – Mesmo que eu fique brava ou grite, nunca vou deixar de amá-la. – Os olhos de Amal se encheram de lágrimas. – Eu prometo.

– Você é minha mãe, *immi*, não a outra – confessou Amal com a cabeça apoiada no ombro da mãe.

– Ora, ora – acalmou-a secando suas lágrimas com um lenço. – Se chorar, o rímel vai borrar.

Foi a única coisa que conseguiu dizer.

A festa foi um sucesso. Praticamente Deir el-Ahmar inteira se reuniu naquele amplo pátio e comeu, bebeu e dançou até depois da meia-noite. Khaled tirou Amal para dançar. Era evidente que havia se apaixonado por ela. Após várias canções, sentaram-se em um bloco de pedra em um canto.

De início criou-se um silêncio desconfortável, e nenhum dos dois sabia o que dizer. Khaled estava com peso na consciência. “O que estou fazendo? Isso é uma loucura. Como posso me apaixonar por ela? É uma das minhas alunas!”, pensou.

– Está uma noite muito bonita – comentou por fim.

Amal sorriu timidamente. Os sentimentos de Khaled por ela o haviam pegado totalmente desprevenido. Tinha uma sensação muito estranha. Afinal de contas, ela só tinha 16 anos; ele, 28. Recordou o começo de sua vida como professor. Quando conseguiu seu diploma, pensou em ficar em Beirute, mas, depois de vários meses procurando emprego, algo praticamente impossível em tempos de guerra, decidiu voltar e se dedicar ao magistério no colégio da cidade. Naquele momento, Amal tinha apenas 8 anos e lhe chamou a atenção que uma menina tão pequena demonstrasse tanto interesse por história antiga e desenho.

– Andou pintando ultimamente?

– Sim, comecei algumas pinturas a óleo – respondeu Amal sem deixar de sorrir.

– Ah, é? Quando? – perguntou Khaled com sincera alegria.



– Não faz muito tempo. *Baba* me deu de presente de aniversário um cavalete, pincéis e tinta.

– Bem, isso quer dizer que não perdi essa nova virada em sua carreira artística.

– Não, não muito – respondeu Amal, balançando os tornozelos cruzados e olhando timidamente para o chão. Tinha medo de olhar para cima. Khaled olhava para ela como nunca antes, e a intensidade de seus olhos a coibia.

– Tem alguma coisa acabada?

– Sim.

– Quando posso ver?

– Quando quiser.

– O que esses dois lindos jovens estão fazendo sentados aí? A festa está aqui! – perguntou um dos músicos com um grande sorriso.

– Venham! – animou outro.

– É, precisamos de gente jovem, já temos velhos demais.

Khaled e Amal sorriram um para o outro e concordaram em silêncio em voltar para a festa. O rapaz foi o primeiro a saltar e colocou as mãos na cintura dela para ajudá-la. Ela se apoiou nos ombros dele, jogou a cabeça para trás e começou a rir porque ele estava lhe fazendo cócegas.



## Capítulo 14

O trânsito estava horrível. Até a moto de Mouna estava parada. Normalmente ela conseguia abrir caminho, apesar de atrair a ira dos demais motoristas que não podiam fazer o mesmo, mas não naquele dia. Olhou o relógio, tinha dez minutos para chegar à Corniche e não estava nem perto. “Por que continuamos tendo policiais que controlam o trânsito? Estamos no século XXI. Por que o país continua nos anos 1950?”, pensou enquanto esperava os carros avançarem. Ouviu a sirene de um carro de polícia ao longe e revirou os olhos. Certamente ocorrera um acidente e teria de procurar um caminho alternativo. “Maldição!”, praguejou. Ligou para Dina para avisar que estava em um congestionamento, e ela insistiu para que fosse imediatamente.

– *Madame* Chaiban, se eu tivesse asas, iria voando, mas não tenho.

Quando chegou à torre Marina Garden, já eram seis e meia. Estacionou a moto e correu para o edifício.

– *Bonsoir, madame* – cumprimentou o porteiro mantendo a porta aberta.

– *Bonsoir* – respondeu passando rapidamente por ele para encontrar um elevador que a levasse ao 24<sup>o</sup> andar.

– *Madame, s’il vous plaît* – gritou um homem, mas Mouna não parou e se dirigiu aos elevadores. – *Madame*, espere por favor! – Mouna apertou o botão para subir. – *Madame!* – um homem uniformizado tornou a chamar.

– Estou atrasada, o que deseja?

– *Madame*, este é um edifício com porteiro.

– Não sei o que isso significa nem me importa. Estão me esperando no apartamento 2.407, e estou meia hora atrasada.

– *Madame*, não posso deixá-la subir sem avisar antes.

– Olhe, acho que você não me entendeu. A mulher está me esperando desde as seis.

– *Madame*, tenho de avisar. Não posso deixá-la subir.

– Mas isto é um caso de urgência.

– O que quer dizer?

– É uma urgência pessoal. Feminina... – esclareceu entrando no elevador.

– Muito bem. Deixem a enfermeira passar, é uma emergência – disse o porteiro em seu rádio transmissor. – Sinto muito, *madame* – desculpou-se levando a mão ao chapéu.

Enquanto subia, Mouna perguntou-se por que ele havia insistido tanto em avisar Dina. Afinal de contas, ela a havia chamado. Chegou ao apartamento e procurou a campainha, mas não havia. Bateu suavemente e colou a orelha à porta. Não parecia haver ninguém. Bateu com mais força, mas não obteve resposta. No final, pegou o celular.

– Olhe, Mouna, é muito tarde. Se ainda estiver nesse congestionamento...

– *Madame*, estou na porta.

Segundos depois, Dina apareceu com uma toalha na cabeça, e o celular na orelha, como se não acreditasse que Mouna estava ali.

– Entre. Por que não me avisaram? Supostamente é o que esses idiotas deviam fazer. Nós pagamos para que perguntem quem vem e liguem para avisar. Senão, qualquer um poderia entrar, ladrões, bandidos, delinquentes... Deus sabe quem. Por sorte era você. Perguntaram-lhe quem era?! – Mouna deu de ombros, envergonhada. Por isso o homem havia insistido tanto. Jamais havia estado em um edifício assim e não tinha ideia de como funcionava. – Vou ter de reclamar.

– O que quer que eu faça primeiro? – perguntou Mouna para mudar de assunto.

– O cabelo. As mãos não estão tão ruins.

Mouna tirou a toalha de Dina e começou a trabalhar. Deu uma olhada em volta. Então, essa era a casa de Amin. Teria gostado de ver alguma fotografia, mas não parecia haver nenhuma. O apartamento era impessoal e frio.

– Oi, Amin – disse Dina quando seu celular tocou. – Claro que estarei pronta às nove. Espere-me embaixo. Uma garota está aqui me penteando e fazendo as unhas. Você sabe, aquela que *immi* arranjou para o casamento... O quê? Para que quer vir para casa agora? Achei que tinha de ir a um coquetel... foi cancelado? Como podem ter cancelado em cima da hora? Não! Não estarei pronta... Tudo bem, você é quem sabe, mas vai ter de me esperar – replicou antes de desligar. – Homens!

Mouna fingiu se concentrar nas unhas dos pés de Dina.

– Não os entendo. Mudam de ideia e de planos mais que as mulheres, mas, se nós fazemos alguma mudança, por menor que seja, acusam-nos de ser loucas, de criar confusão. E falam de um jeito que nós acreditamos.

Mouna sorriu novamente, inclinou-se para a frente e precisou reunir toda sua força de vontade para se concentrar nos pés de Dina.

– Achei que eu tivesse tempo até as nove, e, de repente, agora ele vem para casa – comentou Dina acendendo um cigarro. – Que chatice! Odeio que ele esteja aqui quando estou pintando as unhas, me penteando ou maquiando. Ele só atrapalha.

Mouna deu de ombros e assentiu de maneira evasiva. Dina ficou calada um instante, perdida em seus pensamentos.

– Mouna, não pinte as unhas dos pés. Hoje à noite vou usar sapatos fechados.

– Muito bem. – Se Amin ia chegar logo, não sabia como se sentiria ao vê-lo em sua casa, com sua mulher. – Há quanto tempo moram aqui? – perguntou para tentar aliviar o estresse que lhe causava o fato de o marido de Dina, que supostamente amava, chegar antes do previsto.

– Meus pais compraram o apartamento para nós há dois anos, quando ficamos noivos.

– Parece novo.

– Contratei um decorador minimalista – explicou Dina, cujo roupão se abriu quando apagou o cigarro em um cinzeiro. Mouna não queria olhar, mas a curiosidade venceu. Sua pele parecia muito grosseira. Tinha manchas, e ela usava um sutiã em tons de rosa e um excesso de tom de lavanda, o que fazia sua pele parecer amarelada. – Esse vermelho fica muito bonito nas unhas – disse apontando os esmaltes que Mouna havia levado.

Ela se apressou a pintar, angustiada diante da ideia de que Amin poderia chegar a qualquer momento.

– Pronto! – anunciou quando acabou a última. Começou a recolher suas coisas a toda velocidade, ansiosa para ir embora.

– Mouna, sinto muito, mas não tirei o dinheiro do cofre. O porteiro não me avisou que você estava subindo.

– Não entendi – estranhou Mouna olhando para ela com receio.

– O que quero dizer é que não estou com o dinheiro à mão e que não posso abrir o cofre enquanto minhas unhas não secarem. Você entende, não é?

– Não, *madame*. Está me dizendo que não pode me pagar?

– Não diga bobagens. Eu lhe mando o dinheiro amanhã. Olhe em volta, acha que eu não tenho dinheiro?

Mouna tentou pensar em uma resposta, mas nesse momento a porta se abriu e Amin apareceu. “Ou ele se apressou, ou estava muito perto, porque chegou em tempo recorde”, pensou. Notou que cravava os olhos nela, mas Mouna não se atreveu a olhar para ele.

– Tem dinheiro com você, Amin? – perguntou Dina sem sequer cumprimentá-lo. – Pode pagar Mouna? Lembra-se dela, não é? – comentou soprando as unhas. – Ela me penteou no dia do casamento.

– Quanto precisa?

– Não sei – respondeu olhando para as mãos com o cenho franzido. – Pode cuidar disso? Se quiser sair às nove, preciso me trocar – acrescentou saindo da sala sem agradecer ou se despedir.

Mouna não se importou. Seu coração estava acelerado. Havia imaginado aquele momento muitas vezes, o que lhe diria, como se

comportaria. Faria cobranças? Mostraria sua irritação, ficaria calada, calma? Deixaria-o plantado com elegância? Daria uma bofetada nele? Chegando o momento, não sabia como reagir. Por um lado, queria voar para cima dele, dar-lhe uma bofetada, puxar seu cabelo e castigá-lo pelo que a havia feito passar, por fazê-la sentir a dor que havia sentido quando, ao abandoná-la de repente e sem explicações, a transformara em uma puta. Mas, por outro lado, para quê? Se tivessem se encontrado por acaso umas semanas antes, quando ela ainda se perguntava o que havia acontecido, com certeza teria lhe arrancado os olhos. Mas, nesse momento, quando o fogo de sua ira havia se reduzido a duas brasas mornas, não sabia se valia a pena.

– Mouna... – começou Amin.

– Sua mulher me deve sessenta mil libras – disse ela friamente.

– O quê? Parece-me um pouco caro.

– Não acha que ela merece? – perguntou, arqueando uma sobrancelha.

– Não é isso... É que simplesmente me surpreendeu... Mouna, por favor...

– Se não se importa, estou com pressa – respondeu com a mão estendida. – Preciso ir para casa, e moro muito longe daqui, em Dahiya. Talvez você conheça? Os subúrbios pobres do sul da cidade.

Amin tirou seis notas de dez mil da carteira e lhe entregou o dinheiro.

– Obrigada – disse ela pendurando a bolsa no ombro.

– Posso ajudá-la?

Mouna olhou para ele com olhos furiosos.

– Uma vez você usou essa frase comigo, e eu acreditei. Não tornarei a fazê-lo.

– Mouna, por favor, me deixe explicar...

– É inútil – disse ela antes de sair.

Foi rapidamente para o elevador e apertou o botão. Amin saiu atrás dela.

– Mouna, por favor... Eu sinto muito – desculpou-se enquanto as portas se fechavam.

Julgou ver lágrimas nos olhos de Mouna.

E havia, mas eram de cólera. Mouna respirou fundo para contê-las. Já havia derramado lágrimas demais por causa dele. “Como se atrevia a falar com ela? Como ousava tentar desculpar seu comportamento? Como podia pensar em justificar um caso no dia de seu casamento?”, perguntou-se enquanto se sentava na moto e colocava o capacete. Havia repassado o acontecido centenas de vezes, havia acreditado em sua palavra, mas ele havia mentido, enganado e traído não só a ela, mas também a sua mulher e a todos que o cercavam. “Que nojo!”, pensou. Recordou que antes se derretia quando os dedos dele roçavam os seus. Naquela noite, seu toque a teria repugnado. Perguntou-se o que a havia atraído tanto. Teria sido porque ele a fazia se sentir mulher, feminina e linda? Porque a havia desejado? Teve de admitir que no início gostava de esperar suas ligações e sentir um sobressalto no coração cada vez que ouvia sua voz; de pensar nele a toda hora, fantasiar, passar os dias em um devaneio, estar radiante e feliz, para não falar dos quilos que havia perdido, pois o amor saciava seu apetite.

Surpreendeu-se por se incomodar com a ideia de vê-lo, por ter se apressado para acabar as unhas de Dina e por ter se irritado quando ele apareceu. Sentiu uma certa pena dele quando corraera atrás dela pelo corredor. Parecia um menino que foi castigado, com olhos tristes, desesperado para consertar as coisas. Para quê? Para mitigar sua culpa se ela o perdoasse? Achava que ia voltar para ele para que a tratasse de novo como lixo? O que estava pensando? Ela havia começado aquela relação porque tinha certeza de que Amin era um homem livre. Ele realmente imaginava que iam retomar a aventura? Sabendo que era casado? Conhecendo sua mulher? Estava feliz por ter lhe dado as costas, ainda que ele merecesse coisa pior. Pelo menos, havia tido a decência de sentir culpa; para muitos homens teria sido indiferente. “Bem, de qualquer maneira, ele que sofra”, pensou enquanto pegava o caminho que levava ao aeroporto. Mas, com certeza, ser casado com Dina era castigo suficiente. Em que estava pensando? Um fracassado! Havia conhecido muitos. Não queria saber dele nem tornar a vê-lo. Havia cortado o mal pela raiz. Seguia seu caminho. Mouna sorriu enquanto o escapamento da

moto soltava estouros. Sentiu que havia amadurecido, que havia crescido, que havia encontrado uma força interior que ignorava ter. Finalmente sabia o que queria: não cabiam em sua vida moleques mimados e malcriados como Amin Chaiban.

Imaan e Nina estavam em uma mesa no Claudia's degustando uma taça de vinho branco. Claudia se alegrou ao vê-las e contou que estivera com Lailah Hayek pouco antes e havia conhecido Nadine, que todas achavam uma mulher adorável.

– Como é possível que Nadine não tenha problemas? – perguntou Imaan quando ficaram sozinhas. – Parece contente com seu casamento com Chucri.

– São um casal um pouco estranho. Chucri se comporta como um palhaço, mas Nadine tem mais compostura.

– Talvez funcione porque equilibram um ao outro.

– Não sei. Eu não encontrei esse equilíbrio em minha vida – confessou Nina com tristeza girando o líquido dentro da taça.

– Conheço essa cara. O que há com você?

– Não sei, Imaan... Estou confusa, farta, não sou feliz.

– Por quê?

Nina deu de ombros.

– É recente?

– Não – confessou olhando para ela com tristeza. – Faz tempo que estou assim.

– E por que não me disse antes, *habibt?*

Nina suspirou e voltou a dar de ombros.

– É por causa de Charley?

– Por quem mais seria?

– Não entendo, achei que eram felizes. Todo mundo acha que são o casal perfeito.

– Ah, Imaan, não sei como explicar – disse, e Imaan apertou sua mão. – Ele está ocupado com a reconstrução de Beirute, especialmente depois da morte de Hariri. Pensa que é obrigado a realizar o sonho do amigo, mesmo que tenha de abrir mão de tudo na vida, inclusive de mim. Cada vez se afasta mais. Passo semanas sem falar com ele, sem sequer vê-lo.



– Oh, não! – exclamou Imaan solidária.

– Não sei que o aconteceu com nosso casamento. Assusta-me pensar que trabalhar tanto o levará ao túmulo. – Fez uma pausa. – É como se não fôssemos casados.

– Se eu puder fazer alguma coisa...

– Obrigada, Imaan. Mas vamos deixar minha vida para lá. Devíamos estar falando de você.

– E estamos, mas como ultimamente só nos vemos em coquetéis e jantares, cercadas de gente, como a vulgar Rima, queria tomar um drinque tranquila com você.

– Meu Deus, Rima! Foi você que a apresentou a mim em um coquetel de Hariri há alguns anos, lembra?

Imaan assentiu e sorriu ao recordar.

– Ela não é tão tonta quanto parece.

– É fútil e bêbada.

– Não a subestime. Ela usa esse comportamento estúpido e tímido para disfarçar. Para que você baixe a guarda e a aceite.

– Mas como pode levá-la a sério depois que ela vomitou em seu jardim?

– É que ela sabe o que quer e não tem escrúpulos para fazer o que for para conseguir.

– E o que ela quer?

– Ela sempre quis ter um marido rico com status social. Vem de uma família pobre, o dinheiro a cega.

– Bem, se gosta tanto de dinheiro, por que não ganha o próprio?

– E para que se esforçar e trabalhar se pode se casar e aproveitar?

– O marido dela não tem dinheiro?

– Acho que não. Ele trabalha muito, mas nunca ficou rico.

– Então, por que se casou com ele?

– Porque foi o único que conseguiu. Ninguém a queria como esposa. Ela havia transado com metade de Beirute, e você sabe como as notícias voam. Tinha má reputação, e as mulheres da alta sociedade a rotularam de puta. Nenhuma delas queria que seu filho lhe propusesse casamento.

– E o que aconteceu? De onde saiu Tony?

– Tony morava nos Estados Unidos e não sabia de nada. Quando voltou, Rima fez o habitual, seduziu-o com sua timidez achando que ele tinha dinheiro, mas não tinha. E, evidentemente, Tony mordeu a isca e se declarou. – Nina sorriu e assentiu. – A mãe de Rima insistiu para que se casassem porque, como eu disse, ela já não era tão jovem nem choviam propostas.

– Ela é feliz com ele?

– Acho que não é feliz consigo mesma. Quanto a Tony, tenho pena, porque gosto dele. É uma boa pessoa, mas Rima debocha dele porque não tem o status que acha que merece nem é suficientemente rico.

– E por que não se divorcia e faz o que lhe der na telha?

– Ela faz o que lhe dá na telha de qualquer maneira. Persegue quem e aquilo que quer, e não está nem aí se fere ou pisa em alguém. A única coisa que lhe importa é o dinheiro e a posição social.

– Por que estamos falando dela?

– Porque vou usá-la como motivo de divórcio.

– O quê?

– Preciso de um pretexto para me divorciar. Preciso alegar razões para o fim do casamento.

– Sinto muito, Imaan. Tem certeza de que quer fazer isso?

– Sim, estou decidida.

– Você é muito dura.

– Sou como um cirurgião. Quando algo não funciona, corto o mal pela raiz.

– Então, imagino que seu casamento não esteja indo bem.

– Não, há muitos anos já.

– E por que usar Rima? Por que não alega diferenças irreconciliáveis?

– Porque ela transou com Joseph na festa. Em minha casa, debaixo do meu nariz – asseverou Imaan com toda a naturalidade.

– O quê? Está falando sério?

– Sim – Imaan respondeu e acendeu um cigarro. – Preciso de um divórcio rápido. Não quero que o caso se arraste nos tribunais. Se eu alegar e provar que ele foi infiel, em minha casa, vão concedê-lo logo, quase instantaneamente. – Fez uma pausa. – Sei que isso a escandaliza, sei que você acha uma forma muito fria de abordar a questão, mas quero esquecê-lo rapidamente. Antes de ir para Londres, eu gostaria de zerar tudo. Não quero deixar esse assunto pendente.

– E que prova você tem de que ela esteve com Joseph?

– Shehla, a governanta, me contou – explicou Imaan tragando o cigarro.

– Tem certeza de que ela não está mentindo?

– Shehla é a pessoa que mais sabe das atividades extracurriculares de Joseph.

– Estou surpresa com sua calma.

– Não é a primeira vez.

– Com Rima, ou em geral?

– Nina, não seja ingênua. Você sabe que Joseph é um mulherengo. Já era quando o conheci, mas, estúpida que sou, achei que poderia fazê-lo mudar.

– Não se castigue, todas pensamos que podemos fazê-los mudar. Nossa vida seria muito mais fácil se não tivéssemos essa esperança.

– Imaan assentiu. – O que não entendo é por que ele não foi mais discreto.

– Como você?

O coração de Nina se encolheu.

– Você sabe? – perguntou corando. Imaan tornou a assentir. – Quando soube?

– Não se engane, quando cheguei para o almoço era evidente que havia química entre vocês.

– Por favor, não me julgue.

– Não vou. Você é minha amiga e uma pessoa leal. Tenho certeza de que tem suas razões, e que são boas.

– Obrigada, Imaan – suspirou aliviada.

– Está feliz?

– Muito.

– É o que parece.

– Ele é tão diferente de Charley. Gosto muito dele. Não conseguimos nos largar.

– E... – urgiu Imaan.

Nina esvaziou a taça.

– Acho que estou apaixonada por ele. Não sei se poderia viver sem ele.

– Bem, então você tem um problema – disse Imaan após respirar fundo.

– Eu sei, eu sei – aceitou Nina servindo-se de mais vinho. – Sei que pensar que poderemos ficar juntos para sempre, que ele abandonará a mulher e os filhos e que eu deixarei Charley é uma loucura. Mas não posso evitar, penso nele o tempo todo.

– *Ya Allah!* Em que confusão você se meteu.

– Mas, quando estou com ele, esse sonho não parece tão inverossímil. Ele diz que me ama, que queria ter me conhecido antes de se casar.

– Não seja tola. É uma aventura, nada mais, e vai acabar. Se continuar assim, a única coisa que vai conseguir é se machucar.

– Sei que ele me ama. Sei que é verdade, sinto isso...

Imaan ficou em silêncio.

– Com Ahmed tenho o que sempre sonhei em um homem. O tipo de amor que meus pais tiveram. Quando conheci Charley, achei que ele me daria isso, mas não deu. Jamais senti por ele o que sinto por Ahmed.

– Nina, você infringiu a regra principal de um *affair*; Ahmed jamais abandonará sua mulher.

– E por que não? Nestes tempos, os divórcios estão na ordem do dia.

– Você imagina como Charley se sentiria se você pedisse o divórcio? Você seria capaz de causar tamanha dor a um homem que evidentemente a ama e cuida de você? – Nina parecia envergonhada. – Veja, Ahmed está muito bem e está desfrutando o melhor sexo de sua vida; jamais teve tantos orgasmos, e quer mais

e mais, mas não confunda amor com sexo, nem deixe que isso a impeça de ver o que é melhor para você. Não jogue fora a vida que construiu com Charley nem destrua a reputação dele e a sua por uma aventura. Porque, depois de dois anos, ou talvez três ou quatro, quando o sexo deixar de ser uma novidade excitante, a realidade vai se impor, e nada como a rotina para acabar com uma aventura.

Nina assentiu, mas Imaan não tinha certeza de que havia entendido nem de que daria ouvidos aos seus conselhos. De nada adiantava falar com sensatez a uma mulher mergulhada em uma aventura apaixonada.

– Está bem, chega de falar de mim – pediu Nina após um curto silêncio no qual ambas se perderam em seus pensamentos. – Vai seguir em frente com o divórcio, então?

Imaan assentiu, e tornaram a ficar em silêncio.

– Eu me sinto fracassada – admitiu Imaan.

– E por que acha que a culpa é sua? Relacionamentos dependem dos dois.

– Sim, mas fui muito egoísta. No início, quando estávamos na Espanha, Joseph era fantástico. Apoiava minha carreira e minhas ambições, era generoso, sempre estava disposto a me colocar na frente, a deixar eu me destacar; e eu não fiz nada por ele. Aceitei o que ele me deu sem oferecer nada em troca. E, com o tempo, eu nem sequer valorizava o que ele fazia, nem o valorizava. Nunca lhe perguntei como se sentia, nem me importava; eu só pensava em mim mesma e no que estava fazendo. Eu sabia que ele havia começado a fazer negócios por conta própria, investimentos e coisas assim, mas não deram certo. Acabou se tornando pessimista e negativo. Ficava estressado sem motivo e se queixava de que nada que fazia dava certo. Tudo era uma perda de tempo porque sempre acabava mal. Então que parei de prestar atenção, eu não podia tolerar tanto desânimo.

– Entendo.

– As coisas iam bem para mim, eu gostava do que fazia e estava numa maré de sorte. Lamento tanto...

– Por que se desculpa?

– Porque eu não queria que ele me arrastasse junto e, em vez de ajudá-lo, como deveria ter feito, deixei-o jogado e só me preocupei comigo mesma. Não notei quanto precisou de mim, nem que tentava chamar minha atenção. Eu estava absorta demais em ser a diplomata importante para me preocupar com ele; eu era excessivamente arrogante para me preocupar com um homem que se achava um fracassado – confessou sem nenhum tipo de rodeios.

– E agora?

– Agora acho que o dano é irreparável.

– O casamento não funciona para todo mundo.

– Olhe à sua volta. Estamos em Beirute, no Líbano, em um país onde as mulheres são mulheres, e os homens, homens; onde o casamento faz parte da vida.

– Uma parte muito importante – interrompeu Nina.

– Um país onde a maior ambição de toda mulher é se casar e ter filhos; onde nossas mães se casaram para a vida toda. E aqui estou eu, uma representante do país no estrangeiro, incapaz de fazer o mesmo.

– Imaan – exclamou Nina em tom jocoso –, se você fosse uma típica mulher libanesa, não teria chegado tão longe em sua carreira. Estaria casada, teria dez filhos e faria *manush* todos os dias.

As duas começaram a rir.

– Eu devia lhe dar uma segunda chance? Não é o que teriam feito nossas mães? Devia ir com ele para Londres, ou é tarde demais?

– Já não lhe deu chances suficientes? Imagino que, se você sabe sobre Rima, deve ter sabido de muitas outras. – Imaan assentiu. – Ouça, acho que, no fundo, você ainda o ama e lhe dói o fato de ele não lhe dar atenção e buscar satisfação em outras mulheres como Rima. – Imaan olhou para ela atentamente. – Você pode argumentar, racionalizar e justificar o fracasso do casamento dizendo que foi porque você não lhe deu atenção, mas a realidade é que ele também não tentou nenhum tipo de reconciliação. Tentou? Está me entendendo? – Imaan assentiu. – Sempre achei que um homem que busca prazer fora do casamento quer ser livre. E, se isso é o que ele quer, deixe que seja, com a vantagem de que, ao mesmo tempo,

– você também será. Para que ir para Londres sentindo-se presa e tensa, preocupada com o que ele dirá ou fará, ou com o que seria capaz de fazer para deixá-la em uma situação constrangedora? Lembre que a imprensa britânica é implacável.

– Sim, eu sei; por isso me preocupa tanto que ele vá comigo.

– Você vai começar um novo capítulo de sua vida. Ponha fim neste e comece do zero. Para que carregar o passado nas costas?

Houve um novo silêncio, em que as duas estavam absortas em seus pensamentos.

– Outra garrafa de vinho, *signore*? – interrompeu-as Claudia.

Imaan e Nina se olharam indecisas.

– Por que não? – respondeu Nina.

– *Brava! Brava!* – aplaudiu Claudia, que pediu vinho, queijo e o pão de alecrim e limão pelo qual o restaurante era famoso. – Aqui – indicou ao garçom que a seguia, que lhe entregou a garrafa e deixou a comida na mesa. Tirou a rolha e serviu as taças. – Provem, é delicioso. É siciliano, de uma adega que remonta aos romanos.

– Então, deve ter virado vinagre – brincou Nina.

– *Dai, dai*. Experimentem e comprovem.

As duas mulheres o acharam delicioso.

– Eu disse. Agora, vou deixá-las para que continuem falando desses assuntos tão importantes.

– É a impressão que damos?

– Deu para notar até na Sicília, por isso achei que um pouco de vinho ajudaria.

– E acertou. Chega de conversas sérias. Sirva mais vinho – pediu Imaan.

– *Certo, signora*.

– Por que não toma uma taça conosco? – convidou Imaan.

– Porque não gosto de conversas sérias. A vida é curta demais.

– Tem razão – interveio Nina erguendo a taça. – À saúde e à vida!

– E ao amor, porque sem ele a vida não é divertida. As mulheres deveriam estar apaixonadas todos os dias – acrescentou Claudia servindo-se de um pouco de vinho.

– Isso mesmo! – aplaudiu Imaan.

– *Cent'anni!* – brindou Claudia.  
– *Cent'anni!* A nós! – acrescentou Nina.  
– Agora, que linda história de amor vocês vão me contar? – perguntou Claudia.  
– Parece que está procurando algo picante e sensual – brincou Imaan.  
– E sexy – pediu Claudia.  
– Bem, Nina é a especialista – brincou Imaan, erguendo a taça na direção dela.  
– Eu? Por que eu?  
– Porque, querida, você sabe tudo do *amore* – disse Claudia.  
– Assim como os italianos – devolveu.  
– Vou contar uma fofoca muito interessante – anunciou Imaan sabendo que Nina era discreta demais para falar de Ahmed, mesmo conhecendo bem Claudia.  
– Dizem que Rima está de olho em Rachid Hayek. Ao que parece, nem sequer desmentiu o rumor. – Nina ficou perplexa, e Claudia fez cara de quem já imaginava. – Inclusive comentou abertamente as inclinações sexuais de Rachid.  
– Meu Deus, ela é inacreditável! – exclamou Nina.  
– Sim, nossa Rima é uma puta – comentou Imaan.  
– Ela me dá nojo – disse Nina.  
– Bem, ele era o próximo. Ela já havia se deitado com praticamente todo mundo – acrescentou Imaan maliciosamente.  
– Ela não tem vergonha – comentou Nina.  
– Não, mas ele também não. Os dois são implacáveis – disse Imaan.  
– Mas por que alguém ia querer se deitar com Rachid? Ele é nojento – perguntou Nina.  
– E por que alguém ia querer se deitar com ela? – replicou Imaan, e as três começaram a rir.  
Estavam tão absortas nas fofocas e especulações que não repararam na pessoa que se escondia atrás de uma coluna.





## Capítulo 15

Rima procurou no guarda-roupa. “*Haraam!*”, amaldiçoou entre dentes. Não encontrava a bolsa que havia usado na festa de Imaan.

– Lina! Lina! – gritou. “Onde está essa maldita vagabunda?”, pensou enquanto abria gavetas e caixas, e revirava tudo o que a criada havia organizado com extremo cuidado. – Lina! – gritou mais alto.

– *Madame?* – respondeu Lina na porta do dormitório.

– Onde está minha bolsa?

– Qual, *madame?* – respondeu Lina com um tom que disfarçava condescendência.

Rima estalou a língua, incomodada com a ignorância fingida, e se deixou cair em uma poltrona.

– Lina – começou após inspirar fundo para não perder a calma –, não se faça de tonta. A que usei na festa.

– Qual festa, *madame?* A de terça-feira? A de quarta? As da semana passada? – inquiriu Lina sem alterar o tom.

– Não faça perguntas idiotas! A bolsa que usei com a calça preta e o top!

– Ah, agora entendi, *madame*.

– Certo, então você sabe a qual estou me referindo. Por que se faz de tonta?

– *Madame*, a senhora sempre se veste de preto quando sai.

– Encontre-a!

Lina entrou no closet. Dez minutos depois, Rima largou o exemplar da *Mondanité* no qual estava checando as colunas sociais

para ver se aparecia em alguma fotografia ou se sua presença em alguma festa ou jantar era mencionada.

– Lina, o que está fazendo?

Não houve resposta. Rima bufou e tornou a se concentrar na revista. Pouco depois, fechou-a bruscamente e se levantou. “Que diabos está fazendo?”, pensou. Estava prestes a entrar no closet quando viu Lina sair cambaleando com um monte de caixas.

– Por Deus, o que é isso?

Lina as depositou no chão.

– Está surda? O que está fazendo?

– *Madame*, pensei em lhe mostrar todas as bolsas que tem.

– Mas eu só quero a que usei na festa de Imaan.

– Essa está na tinturaria.

– Por quê?

– Porque vomitou nela, *madame*.

Rima ficou em silêncio. Naquela noite estava tão bêbada que não se lembrava de nada.

– O que fez com o que havia dentro?

A empregada abriu uma caixa onde, entre outras coisas, estava o cartão de Rachid.

Rima voou sobre ela com um sorriso nos lábios, sabia perfeitamente o que ia lhe dizer.

– O que está olhando? Recolha tudo isso e faça um café para mim!

Rima deixou Lina no dormitório e foi para a sala falar com privacidade. Havia esperado alguns dias antes de ligar, não queria parecer ansiosa.

Digitou o número, mas a chamada foi direto para a caixa postal. Não sabia se devia deixar uma mensagem. Esperou alguns minutos e apertou o botão de rediscagem. Dessa vez começou a tocar, e seu coração se acelerou.

Rachid estava só de cueca branca, com sua enorme barriga caindo sobre o elástico, e os peitos chegando quase até o umbigo. Estava despenteado e via televisão sentado em um sofá da sala na casa que havia montado para Heba Abdo, uma velha amante com quem

voltara a se relacionar fazia pouco tempo. Havia acabado de pagar e dispensar a francesa que dividira a cama com Heba enquanto ele olhava. Acendeu um cigarro e atendeu.

– *Allo*.

– Rachid? – perguntou em tom sedutor.

– Quem é?

– Rima – respondeu alegremente.

– Rima?

– Sim... Lembra-se de mim, não é?

Com quem estava falando? Devia valer a pena, visto que havia lhe dado seu número restrito. Pena que não tivesse ligado antes, certamente teria adorado juntar-se a Heba e à francesa.

– Claro, *chérie*. Nós nos vimos outra noite.

– Sim – disse Rima feliz por ele se lembrar.

– *Kifek?* – perguntou para que continuasse falando.

– Muito bem. Não liguei antes porque andei muito ocupada. Tony convidou uns amigos de Londres, e foi um caos.

“Tony? Rima? Claro, Tony Saad! É sua mulher! A bêbada da festa de Imaan. Nada mal. Tem uma bela bunda e é gostosa”, pensou.

– Não se preocupe. Pelo menos não se esqueceu de mim. Antes tarde do que nunca.

Rima deu uma risadinha.

– Estou ligando porque você comentou que talvez pudesse ajudar Tony em seu novo negócio.

– Sim, eu adoro novos negócios – disse rindo dissimuladamente.

– Então?

– Por que não nos encontramos antes? Eu adoraria que me fizesse uma demonstração.

– Vou adorar – disse Rima sedutora. – Uma demonstração... sim, estava pensando a mesma coisa.

– Vou dizer ao motorista para buscá-la às sete – disse Rachid com voz imperiosa.

– Ótimo! – aceitou Rima entusiasmada; adorava homens que tomavam a iniciativa. – Aonde iremos?

– Você vai ver.

– Quero vê-lo. *Yallah!* Até logo.

Lailah olhou seu iPhone. Eram seis e meia. Não sabia se devia cancelar o jantar que havia organizado em casa para sua mãe e duas tias, mas com certeza sua mãe já estaria se arrumando. Ligou para a cozinha pelo interfone.

– Teresa, pode vir aqui, por favor? Espere; antes pode dizer a Marcos que saia às sete e meia para pegar minha mãe? – pediu à criada paraguaia.

– *Madame*, Marcos saiu com o *monsieur*.

– Por quê? Achei que Rachid havia dito que não precisava dele.

– Não sei, *madame*. Ele disse que ia sair com *monsieur*. – Lailah ficou em silêncio. – Quer que eu ligue para ele?

– Não. Suba, por favor, direi a minha mãe que venha com seu motorista.

Escondeu o rosto entre as mãos. Sabia o que ele estava fazendo. Por que tinha de envolver os criados? Por que não era mais discreto? Já era bastante vergonhoso que dormissem em quartos diferentes, não precisava que Marcos fizesse o trabalho sujo para ele. Tinha certeza de que Teresa e o resto dos empregados sabiam. Olhou-se no espelho da penteadeira e afastou o cabelo do rosto. Como podiam ter acabado assim? Rachid a havia afastado porque ela se negava a fazer o que ele pedia. Mas repugnava-a, dava-lhe nojo, e só conseguia fazê-la sentir mais repulsão por ele. Ele havia tocado no assunto poucos meses antes de se casarem, e ela havia rido, achando que era brincadeira. Mas não era. Ele continuou tocando no assunto, insistindo, mostrando fotografias... Ao recordar isso, Lailah sentiu um calafrio. Alegrou-se por não ter cedido a suas exigências nem satisfeito suas perversões sexuais.

– *Madame?* – Teresa bateu suavemente à porta.

– Sim, entre.

Teresa era paraguaia, tinha quase 60 anos e trabalhava para Rachid fazia muito tempo. Já vira e ouvira de tudo, ou quase tudo. Gostava de Lailah e ficara feliz por ela ter se tornado a dona da casa. Por sua vez, Lailah também gostava muito dela. Gostava do

jeito como cuidava de tudo e, além do mais, confiava nela e gostava de conversar com Teresa.

– Minha mãe e minhas tias virão jantar esta noite.

– Sim, *madame*. Tomei a liberdade de preparar alguns pratos de que sua mãe gosta.

– Obrigada, Teresa. Vão chegar às nove, mais ou menos.

– Muito bem, *madame*. Se não precisa de mim para mais nada...

– Não, Teresa, obrigada.

A mulher parou diante dela olhando para baixo.

– O que foi?

– *Madame*, sei que não é assunto meu, mas notei que ultimamente anda muito triste. Algo errado?

– Não sei, Teresa...

– Tem a ver com *monsieur*, não tem? – perguntou, embora soubesse muito bem que essa era a razão.

Lailah assentiu e olhou nos olhos dela.

– O que vou fazer?

– *Madame*, tente não se estressar. *Monsieur* é como é, sempre será assim.

– Eu sei, sei que os homens não mudam nunca; por mais que digamos que depois de casadas conseguiremos mudá-los, mentimos para nós mesmas.

Teresa sorriu.

O telefone tocou. Quem poderia ser?

Lailah fez um gesto com a cabeça, indicando a Teresa que podia se retirar.

– Se houver alguma mudança de planos, eu aviso.

– Obrigada, *madame*.

– Alô? – disse ao telefone.

– *Madame* Hayek? – perguntou uma voz feminina.

– Sim, sou eu. – A linha ficou muda. – Alô? – Tornou a perguntar, mas não obteve resposta.

– Eh... *Madame* Hayek..

– Quem é?

– Aqui é...

– Quem? Quem é? – repetiu irritada.

Mas Amal não conseguiu articular uma palavra e, ao notar o tom de irritação em sua voz, desligou. Lailah olhou o número, era do salão de beleza Cleópatra. Perguntou-se o motivo daquela ligação e concluiu que devia ter sido um engano.



## Capítulo 16

No dia dos namorados de 2005, Amal, que havia acabado de fazer 30 anos, estava pintando um quadro de umas vinhas que havia encontrado perto da caverna de Khaled. Ela estava muito agasalhada, enquanto ele se sentava sob o tênue sol de inverno. A luz criava um lindo reflexo nas videiras. Não era a luz nítida da primavera nem a intensa claridade do verão. Era suave. As cepas pareciam velhas, mas tinham força, e seus frutos começavam a brotar. Eram silvestres. Khaled havia lhe dito que certamente estavam ali havia séculos sem que ninguém cuidasse delas e que não faziam parte dos vinhedos das cidades próximas. Amal estava sentada em um banquinho diante de uma tela apoiada em um cavalete improvisado quando ouviu tiros e um grande alvoroço ao longe. Khaled olhou na direção do ruído.

– O que foi isso?

Amal meneou a cabeça; Khaled se aproximou dela, abraçou-a, deu-lhe um beijo no rosto e olhou o quadro.

– Não olhe! – pediu ela, tentando escondê-lo.

– Tarde demais, *habibti*. Está ficando ótimo. O que acha que está acontecendo?

– Não sei. Devem ser soldados sírios se divertindo, como sempre – disse Amal antes de continuar pintando.

No vale do Beqaa, ocupado pela Síria fazia trinta anos, ouviam-se tiros com frequência, especialmente pela presença do quartel-general da inteligência síria em Anjar, próximo dali.

Khaled a abraçou, beijou-a no rosto e nos olhos e escondeu a cabeça em seu ombro e cabelo.

– Khaled, estou trabalhando!  
– Não pode parar um instante?  
– Não, deixe-me em paz – resmungou ela rindo.  
– Deixá-la em paz? De verdade? Realmente quer que eu pare? – perguntou apertando-a com mais força e fazendo-lhe cócegas.

Amal gritou e riu quando ele a pegou e a colocou no chão. Uma vez imobilizada, levantou a cabeça dela.

– Amal, quer se casar comigo? – perguntou muito sério.  
– O quê? Sou nova demais para você.  
– Não tem problema, case-se comigo.  
– Idiota, já somos casados, lembra?  
– Sim, mas eu a amo tanto que gostaria de me casar outra vez.

Amal o empurrou de brincadeira. Estavam casados havia dez anos e eram muito felizes. Zakaria havia falecido, e Ilyas dependia muito de Youmna desde a morte da esposa.

Continuavam ouvindo tiros e gritos.

– Amal, acho que está acontecendo alguma coisa grave.  
– O que quer dizer? Como você sabe?  
– Recebi uma mensagem de texto muito estranha, algo sobre o assassinato de Hariri.

– O quê? Isso é impossível.  
– Acho melhor irmos para casa ver o que está acontecendo.  
– Sim, vamos.

Quando chegaram, sem fôlego depois da corrida desde a caverna, todos estavam vendo televisão. Khaled continuava recebendo mensagens de amigos que moravam em Beirute. Era verdade. Uma bomba havia explodido em frente ao St. Georges Hotel quando passava o veículo de Rafik Hariri, antigo primeiro-ministro do Líbano. O país estava em estado de choque. Hariri era uma pessoa muito querida. Havia sido um homem de negócios filantropo e liderado a vida política e empresarial do Líbano desde o fim da guerra civil; além disso, havia investido grande quantia do próprio dinheiro na reconstrução de Beirute.

– Não posso acreditar – disse Amal levando a mão à boca. Youmna estava chorando, e Ilyas meneava a cabeça. – O que vai



acontecer agora?

O Líbano prendeu a respiração após aquele assassinato. Todo mundo imaginava que havia sido apoiado e certamente instigado e executado pelo governo sírio e seus agentes. Acreditava-se que o país voltaria a mergulhar em outra guerra civil e no caos, que era exatamente o que os sírios queriam para justificar sua presença e influência. Mas aquele assassinato provocou uma grande mudança política que uniu os libaneses de uma maneira que nem os políticos nem os partidos e suas facções jamais conseguiram. O povo soube que, se quisesse se tornar independente e se livrar de Síria, teria de se unir, e deu início à Revolução dos Cedros ou *Intifadat al-Istiqlal*, a intifada da independência, que consistiu em diversas manifestações pacíficas em Beirute que exigiram não só a retirada total das tropas sírias, uma exigência respaldada por George W. Bush e Jacques Chirac, mas também o fim da influência síria na política libanesa, um Parlamento eleito livre e democraticamente e uma comissão internacional que investigasse o assassinato de Hariri, que por fim foi aprovada pelo secretário das Nações Unidas, Kofi Annan.

– Khaled, precisamos participar – sugeriu Amal, que estava preparando café quando ouviu a notícia no rádio. – É a coisa mais importante já organizada neste país, e devemos estar presentes.

– Amal... – protestou Khaled, mas sabia que não adiantaria nada. Ela estava decidida, e nada do que dissesse a dissuadiria.

Ela também havia acabado de ler a edição matutina do *Al-Anwar*. Como parte da *Intifadat al-Istiqlal*, na segunda-feira, 14 de março, um mês depois da morte de Hariri, haveria uma concentração na praça dos Mártires de Beirute. Era muito importante porque seriam anunciados oficialmente os objetivos da intifada.

– Khaled? – suplicou Amal com as mãos na cintura.

– Acha que posso dizer não para você?

– Ótimo! – gritou levantando os braços. – Obrigada, muito obrigada.

– *Tayeb, tayeb*. Vou ter de pedir uma licença esse dia.

– Khaled...

– Tudo bem, sou o diretor do colégio.

– Eu sei; mas é um evento histórico. Vamos poder dizer a nossos netos onde estávamos quando os libaneses expulsaram os sírios a pontapés.

– Netos? Não há um passo intermediário?

– Claro, ora – disse Amal com um sorriso enigmático.

– Um momento. O que foi que você disse?

– Eu não disse nada, *habibti* – respondeu Amal rindo.

– Sei, mas insinuou alguma coisa.

Khaled colocou o jornal na mesa, virou-se na cadeira e ficou de frente para a barriga dela. Olhou para cima com o rosto cheio de expectativa e os olhos perguntando o que não se atrevia a dizer com palavras. Amal assentiu sorrindo.

– Louvado seja Deus! – exclamou ele, colocando os braços em volta da cintura dela e apertando o rosto contra seu ventre.

Khaled queria filhos desde que se casaram, mas Amal não engravidava. Os médicos não conseguiram encontrar nenhum problema físico e, por fim, recomendaram que tivesse paciência e deixasse nas mãos de Alá.

– Eu não queria lhe contar enquanto não tivesse certeza – confessou Amal beijando-lhe a cabeça.

– Tem certeza de que é uma boa ideia ir à concentração? – perguntou preocupado. – Talvez devêssemos ficar em casa.

– Não, quero fazer parte dessa revolução.

– E se acontecer alguma coisa?

– O que espera que aconteça? O que pode me acontecer se estou com você? – brincou ela dando-lhe uma palmadinha no rosto.

Partiram para Beirute na segunda-feira de manhã. Queriam chegar com tempo suficiente para tomar café da manhã e estar ao meio-dia na praça dos Mártires. Tal como imaginavam, havia muito trânsito, mas, ao se aproximar da cidade, começaram a avançar lentamente até parar. Parecia que todo mundo havia tido a mesma ideia, mas Amal estava decidida a estar presente às 12h55, hora em que a bomba acabou com a vida do homem que tanto havia feito pelo país. Era impossível chegar de carro, então estacionaram e

caminharam os seis quilômetros restantes, acompanhados por uma multidão que levava bandeiras libanesas.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao caminhar ombro a ombro com gente que não conhecia. Não sabia se eram muçulmanos, cristãos, sunitas, xiitas, maronitas, drusos, católicos ou cristãos ortodoxos. Mas ninguém parecia se importar. Havia deixado de lado a religião. Eram libaneses e tinham orgulho de estar ali, de ter sobrevivido, de lutar por seu país. Cantaram o hino nacional, rezaram pela

alma de Rafik Hariri e gritaram palavras de ordem da revolução, *hurriyya, siyada, istiqlal, haqiqa e wahda wataniyya*.

No horário marcado, fez-se um silêncio sepulcral em Beirute inteira, durante o qual todos meditaram e rezaram, e ao qual seguiu-se a gritaria da multidão que exortava os sírios a ir embora, a parar de intervir, a permitir que os libaneses governassem a si mesmos, e exigia uma investigação independente sobre o assassinato de Rafik Hariri.

No meio da tarde começaram a andar de volta ao carro. Havia sido um dia muito longo, e Khaled estava preocupado com que Amal tivesse se cansado demais.

– Foi um dia glorioso – suspirou Amal, colocando a mão no braço do marido.

– Sim, foi fantástico. Deixou-me orgulhoso de ser libanês. Jamais havia me sentido patriota. Antes, só se era leal ao clã ou à tribo. Ver toda essa gente unida por uma bandeira foi extraordinário.

– Talvez Hariri não tenha morrido em vão, talvez sua morte tenha tido o efeito contrário do que os sírios pretendiam – disse Amal.

– Tem razão. Os sírios achavam que o país voltaria a se separar e, em vez disso, reconciliou-se e se uniu.

– Está feliz por ter vindo?

– Sim, muito.

Caminharam junto com as pessoas que voltavam para seus carros. Havia jovens e muito jovens, saudáveis e fortes, mas também idosos de bengala ou cadeira de rodas que haviam ido expressar seu orgulho de ser libaneses, unidos em um propósito comum.

– Acha que Hariri teria ficado feliz em nos ver? – perguntou Amal.  
– Acho que agora mesmo está nos olhando e está contente porque os sírios irão embora muito em breve.

Chegaram bem tarde ao pequeno Toyota que Khaled havia pedido emprestado ao pai. Ficou preocupado por ter de dirigir a essa hora porque os faróis não funcionavam direito, mas estava apenas anoitecendo e esperava conseguir chegar a Deir el-Ahmar antes que anoitecesse totalmente. Os milhares de carros que tentavam sair da cidade e a neblina complicaram a viagem de volta. Os jovens de moto que pilotavam temerariamente e passavam por todos os lados gritando e agitando bandeiras, bêbados de lealdade e patriotismo, tornaram as estradas ainda mais perigosas.

Khaled dirigiu pacientemente, não tinha pressa. Além do mais, Amal havia adormecido, e queria que os três chegassem sãos e salvos. Sorriu diante da ideia de ser pai. Olhou para a esposa. Ela estava com a cabeça apoiada no ombro dele e segurava o ventre com as mãos, como se soubesse instintivamente que o que crescia dentro dela precisava de proteção contra a crueldade do mundo em que nasceria. Pensou que estava muito bonita. Tinha a pele suave e clara. Ela não gostava muito de sol; quando saía para pintar, vestia camisetas de manga comprida, chapéu e enormes óculos Gucci falsos com lentes rosa que havia ganhado de presente dele pouco depois de ficarem noivos. Não era de surpreender que seus quadros tivessem cores tão profundas e intensas. Sempre havia estranhado que pintasse o rosa pálido com um tom fúcsia, o violeta em tons de roxo, e o vermelho, bordô. “Agora já sei por quê”, riu Khaled. Amal se mexeu e gemeu, e ele olhou para ela para se assegurar de que estava bem. “Vai ser uma linda mãe”, pensou. De repente, um grande resplendor o cegou, seguido de uma forte freada. Ouviu o impacto das cabeças contra o vidro e depois o escuro e absoluto silêncio.

Amal notou uma luz muito brilhante, e gente à sua volta. Julgou ouvir seu nome, mas como se estivesse em câmera lenta. Fechou os olhos. Quando tornou a abri-los não conseguiu focar o olhar. Via imagens borradas e ouvia um monótono zumbido interrompido por

um som grave ou agudo. Fechou os olhos de novo e rezou para que tudo aquilo acabasse. Ao tornar a abri-los, havia um rosto tão perto do dela que se assustou, respirou fundo, mas começou a sufocar. Não conseguia respirar, não conseguia falar. Assustou-se. Ouviu um monitor cardíaco se acelerando, como nos filmes quando alguém está prestes a morrer. “Meu Deus! Sou eu! Onde está Khaled? Preciso vê-lo. Preciso dizer que o amo, que cuide da criança. Meu Deus! O bebê! O que aconteceu com ele?”, pensou enquanto escorria uma lágrima de seu olho esquerdo.

– Amal, não respire! Não respire! – ordenou alguém que acabava de entrar correndo no quarto. Fechou os olhos, mas as lágrimas continuavam brotando sob seus cílios. – Não respire, por favor!

Mas ela já não ouvia nada, tornara a mergulhar nas escuras profundezas da inconsciência. Então, isso é o que se sentia ao morrer...

Quando recuperou a consciência, distinguiu uma mulher de touca. Abriu mais os olhos e os levou de um lado a outro para tentar descobrir quem podia ser. Era uma enfermeira. Além da touca, tinha um crachá de identificação que atestava isso. Notou que estava olhando para ela e se aproximava com rapidez.

– Amal – disse suavemente enquanto pegava sua mão. – Não respire. Não tente respirar. Sei que parece uma loucura, mas não respire; relaxe.

Sentia a língua como um pergaminho, precisava beber alguma coisa. Tentou mover os braços, a cabeça, qualquer coisa, mas tudo parecia de chumbo. Tentou dizer com os olhos que estava com sede, mas não conseguiu; tentou respirar e tornou a sufocar. Teve um ataque de pânico, e a enfermeira correu para ela.

– Amal, relaxe. Você está ligada a um respirador que não lhe permite respirar. Cada vez que tentar, vai sufocar.

Precisava de algo para molhar a língua. Olhou para a enfermeira. “Por favor, entenda-me”, rogou.

– Sei que é difícil, mas não respire sozinha.

“Maldição! Já sei! Já me disse isso três vezes! Quero água!”, quis gritar.

– Vou procurar o médico para avisar que está acordada.

“Não, por favor, não vá embora. Preciso beber alguma coisa.” Com um esforço supremo, conseguiu apertar levemente a mão da enfermeira.

– O que foi? O que você quer?

“Maldita idiota! Para que diabos me pergunta se sabe que não posso responder sem sufocar.” Teve vontade de bater nela.

– Quer gelo? Está com a boca seca?

“Por fim!”, pensou revirando os olhos.

– Não posso lhe dar água, mas vou trazer uma pedrinha de gelo.

Saiu do quarto e voltou logo depois com um pote de plástico cheio de gelo. Pegou uma pedrinha e a passou com cuidado pelos lábios e pela língua de Amal.

– Sente-se melhor? – Amal assentiu com os olhos. – Ótimo, vou avisar o médico.

Amal queria saber onde estava Khaled. A última coisa que recordava era que estavam no carro depois da concentração.

O médico entrou no quarto seguido pela enfermeira e ficou ao pé da cama. Olhou o prontuário, olhou por cima dos óculos para Amal e tornou a olhar para baixo. Assinou a ficha e se sentou junto à paciente. Tirou os óculos e os limpou com um lenço.

– Eu sou Roger Hayek – apresentou-se o médico de sotaque americano –, um dos cardiologistas do Centro Médico da Universidade Americana e sou o responsável pelo pronto-socorro, para onde a trouxeram – informou tornando a pôr os óculos. – Vou tirá-la do respirador porque acho que está forte o suficiente para respirar sozinha. Depois conversamos, tenho certeza de que quer fazer um monte de perguntas. Vou tentar respondê-las o melhor que puder.

Amal viu-o colocar luvas, apertar uns botões na máquina que estava ao seu lado e puxar lentamente o longo tubo que haviam introduzido nela pela boca.

– Está melhor? – perguntou, dando o tubo à enfermeira. Amal assentiu. – Não quero que fale muito. Você esteve conectada a essa

máquina vários dias, e sua garganta precisa descansar. Se precisar falar desesperadamente, sussurre, por favor.

Amal tornou a assentir e esfregou a garganta.

– Você sofreu um acidente. Havia muita neblina, e o carro de vocês bateu em uma van. O motorista ficou ferido e garantiu que não os viu. Segundo ele, o carro de vocês circulava sem luzes.

– Onde está Khaled? – sussurrou Amal.

– Infelizmente, ele morreu no ato. Sinto muito.

Amal olhou para o médico e meneou a cabeça como se não acreditasse.

– Amal – começou o médico pegando em sua mão, mas a garota a retirou. – Sinto muito.

Era impossível, ele não podia estar morto. Haviam acabado de estar na concentração e iam para casa, felizes e contentes porque haviam feito história. Não, ele não estava morto, estavam enganados. Era uma brincadeira. Alguém estava aprontando com ela.

Virou o rosto. Queria lhe dar as costas, mas não podia se mexer, tinha uma agulha em cada braço. A enfermeira foi para o outro lado da cama; como também não queria vê-la, fixou o olhar no teto.

– Amal, sei que está abalada e que esse tipo de notícia é difícil de aceitar...

Não o escutava. Era um mentiroso, um farsante, um impostor. Como se atrevia a lhe dizer que Khaled estava morto?

– Se precisar de um tempo, podemos conversar mais tarde.

Amal permaneceu imóvel, com os olhos abertos, olhando sem piscar para o teto. Se não estivesse ligada ao monitor, poderiam ter pensado que estava morta.

– Voltarei depois. Descanse, conversaremos mais tarde.

O médico sussurrou alguma coisa à enfermeira, que se aproximou e sorriu enquanto inseria uma seringa na agulha e aumentava a velocidade do gotejamento.

– Infelizmente, você também perdeu o bebê – disse o médico antes de abandonar o quarto seguido pela enfermeira.

Sua mente estava vazia e confusa ao mesmo tempo. Não sabia em que acreditar nem o que pensar. Como sua vida podia ter mudado tanto em um instante? Como Deus podia ter sido tão cruel de lhe tirar o marido e o filho ainda não nascido? Onde estava Youmna? Onde estava Ilyas? Começou a sentir sono, mas não queria dormir. Queria ficar acordada. Precisava encontrar Khaled. Não podia dormir, mas suas pálpebras se fechavam: o sedativo fez efeito, e ela perdeu a consciência.

Quando acordou, achou que já havia escurecido, mas estava só começando a entardecer. Ouvia uma leve batida na porta, e outra enfermeira apareceu. Parecia mais simpática que a anterior. Tinha um sorriso doce, era rechonchuda e alegre, e segurava uma bandeja com o que parecia ser o jantar.

– Que bom que está acordada. Você teve uma visita, mas estava dormindo tão profundamente que não quisemos incomodá-la.

Amal assentiu. Continuava aturdida e zozna por conta do sedativo.

– Sei que vai ser difícil comer, mas são coisas muito moles. Vai conseguir engolir. Quero ver você comer tudo.

– Não consigo.

– Mas precisa. Como vai recuperar as forças?

Amal deu de ombros.

– Vou deixar a bandeja aqui e espero que tenha comido alguma coisa quando eu voltar.

A enfermeira se foi, e Amal ficou recostada nos travesseiros. “O que aconteceu? Por quê?”, perguntava-se sem parar. O doutor Hayek entrou depois de poucos minutos.

– Ah, desculpe. Achei que já havia acabado de jantar. Queria falar com você e lhe explicar algumas coisas.

Amal continuou olhando para o teto, não queria que ele lhe desse detalhes. Khaled havia morrido, o que mais poderia lhe dizer? Ia relatar sua morte imediata com riqueza de detalhes? O que há com os médicos? Por que são tão obcecados com a morte? Por que não podem com ela?

– Não precisa me explicar nada, doutor Hayek – sussurrou Amal, na esperança de se livrar dele.



– Há algumas coisas que você precisa saber.  
– Por favor, doutor Hayek – interrompeu-o. – Não quero saber. Ele se foi, isso é tudo.

– Não se trata de Khaled, e sim de você.

– Como?

– Em primeiro lugar, você esteve em coma. Seus ferimentos eram muito graves, e durante um tempo sua evolução foi imprevisível. Acho que, de alguma forma, você sabia que Khaled estava morto e não queria viver. Fizemos tudo o que pudemos para não a perder.

– Por quê?

– Porque esse é meu trabalho, manter as pessoas vivas.

– Desta vez, teria sido melhor se não tivesse feito bem seu trabalho – gritou Amal forçando as cordas vocais.

– Você é muito bonita, tem a vida toda pela frente.

– Sem Khaled, não.

“Isso vai ser difícil. Ela não aceitou a morte do marido, não chorou, nem sequer começou o luto”, pensou. Havia presenciado essa situação muitas vezes, e esse tipo de paciente demorava muito mais para se recuperar. Quanto mais rápido o deixavam ir, mais rápido podiam seguir a vida. Perguntou-se se devia lhe dizer que sua mãe havia ligado.

– Sua mão e sua perna direitas foram lesadas. – Amal continuou calada. – Pela forma como a encontraram, acho que Khaled se jogou em cima de você para protegê-la, mas o carro patinou, e foi o lado do passageiro que bateu na árvore. Você sofreu a pior parte do impacto.

Amal fechou os olhos e respirou com as narinas muito abertas.

– Talvez você não recupere por completo o controle da mão, mas é cedo para dizer. Os ossos foram esmagados, e fizemos todo o possível para reconstruí-los; talvez você não volte a ter a mesma mobilidade. Não conseguimos recompôr muitos nervos. Vai precisar fazer fisioterapia para recuperar a mobilidade e a sensibilidade.

– Quero ir para casa. Quero ver minha mãe e falar com ela.

– Sua mãe veio hoje à tarde, mas você estava dormindo. Ela preferiu não ficar, então lhe dissemos que a avisaríamos quando

estivesse acordada.

– O quê? Que bobagem! Minha mãe estaria sentada ao meu lado. Não acredito que ela iria embora. Quero ir para casa agora mesmo.

– Não posso deixá-la ir. Vai ter de ficar alguns dias. Se continuar melhorando, sairá em algumas semanas.

– Algumas semanas? Quero falar com minha mãe.

– Por favor, Amal, acabamos de tirá-la do respirador. Acalme-se. Vou ligar para ela e lhe pedir para vir. – O médico se levantou e se aproximou da cama. – Sinto muito, de verdade.

– Obrigada – Amal conseguiu dizer.

Não entendia por que Youmna não estava ali.

– Quanto tempo estive em coma?

– Quase três meses.

– Que dia é hoje?

– Vinte e seis de abril. Um dia muito importante para você e para o Líbano.

– Por quê?

– Para você porque a tiramos do respirador; para o Líbano porque hoje os últimos sírios foram embora. Viramos essa página. Hariri não morreu em vão.

– Obrigada, doutor.

– Enquanto há sonhos, há esperança.

Roger Hayek saiu da UTI, onde Amal estivera internada todas essas semanas. Perguntou-se quem seria Amal. Sabia muito pouco, mas havia cuidado dela desde o dia em que chegara, quase morta, com fraturas múltiplas e sangrando. Sentara-se ao lado dela diariamente para pegar a mão dela, falar com ela, informar as últimas notícias e atualizá-la sobre a retirada síria e a série de bombas e assassinatos que continuavam convulsionando Beirute, um presente de despedida dos sírios. Sabia que havia cometido um erro. Havia sido instruído a não criar vínculos emocionais com os pacientes, mas algo em Amal o impelia a cuidar dela. Havia tocado seu coração.

Pegou o celular e ligou para a central de enfermaria.

– Aqui é o doutor Hayek. Posso falar com a enfermeira que esteve com a mãe de Amal Waleed hoje à tarde?

– Fui eu.

– Ela deixou algum número?

– Sim, doutor, eu disse que o senhor entraria em contato com ela.

– Dê-me o número, por favor... Importa-se de ligar para ela para dizer que vamos transferir Amal para o andar de recuperação daqui a dois dias, e que então poderá vir?

“É muito estranho para uma mãe. Aparece de repente e diz que acaba de saber que sua filha está no hospital depois de tanto tempo”, pensou.

Poucos dias depois, Amal foi transferida. O doutor Hayek mexeu alguns pauzinhos para colocá-la em um quarto bonito com uma vista boa, já que passaria ali um tempo antes de voltar para Deir el-Ahmar. Foi vê-la pensando que um ambiente mais agradável a teria alegrado, mas ela continuava pouco comunicativa.

– Onde está minha mãe? Por que não veio? Ligaram para ela? Por que não posso ligar? Existe alguma estranha lei que me proíba?

– Nós ligamos, mas ela não atendeu – informou uma das enfermeiras. – O doutor Hayek também tentou fazer contato com ela.

– Deixamos várias mensagens – acrescentou outra enfermeira.

– Mas não temos secretária eletrônica em casa... Além do mais, ela quase nunca sai, sempre atende o telefone.

– Não se preocupe, tudo tem uma explicação. Nestes últimos meses aconteceram muitas coisas.

Amal assentiu, mas sabia que algo estava errado.

O telefone do doutor Hayek tocou quando ele estava olhando o prontuário.

– Alô... Sim, quem é? Ótimo, estou indo – disse sem deixar de olhar para Amal por cima dos óculos. – Sua mãe chegou, vou buscá-la – anunciou ele hesitante, como se estivesse lhe pedindo permissão.

– *Imm!* Finalmente! Que bom que ela veio. Não costuma viajar.

– Ok, volto logo.

– Doutor Hayek – chamou Amal quando ele ia sair. – Ela veio me ver quando eu estava em coma? Ela ligou?

– Sim, claro – mentiu.

Amal assentiu.

– *Madame* Abdo, sou o doutor Roger Hayek – apresentou-se à mulher que o esperava na recepção.

– *Enchantée, docteur* – disse a mulher de pele branca, muito arrumada e penteada. Usava óculos pretos que cobriam grande parte de seu rosto.

– Que bom que veio, Amal perguntou muito pela senhora desde que saiu do coma.

– É mesmo? Que interessante...

– Ela tem muita sorte de estar viva, *madame* Abdo.

Informou-lhe tudo o que havia acontecido enquanto percorriam os corredores, e seus saltos altos ecoavam ao tentar manter o passo; sua saia, estreita demais, não lhe permitia andar depressa.

– Chegamos.

– Importa-se de nos deixar sozinhas? É um pouco complicado de explicar...

– Claro – disse o médico mantendo a porta aberta.

A mulher inspirou fundo e entrou, mas o doutor Hayek não fechou a porta. Queria entrar com a mãe; pensou que Amal talvez precisasse de sua proteção, mas não sabia por quê. Foi até o balcão da enfermaria, de onde podia vigiar a porta.

De repente uma campainha começou a tocar. Ou era uma urgência real, ou alguém havia se sentado no botão. O doutor Hayek estava levemente distraído lendo o histórico de um paciente.

– Eu vou. Onde é?

– No quarto de Amal Waleed – respondeu uma enfermeira.

– Venha comigo – ordenou, correndo para lá.

Amal estava virada de lado com o rosto escondido em um travesseiro. Sua mãe estava sentada em uma cadeira junto à cama com as pernas cruzadas e a ponta dos dedos das mãos juntas, a elegância em pessoa.

– Amal! Amal! – exclamou o doutor Hayek correndo para ela, pois estava tendo convulsões. – Amal!

– Fora! Quem você pensa que é?! Não quero vê-la nunca mais na vida! Não se atreva a se aproximar de mim! – gritou Amal com o rosto crispado de raiva.

O doutor Hayek olhou para a mulher, que, sem óculos, parecia familiar. Quem era? Tinha certeza de que a havia visto antes. Mas onde? Havia sido uma de suas pacientes? Ou da família de uma? Vira-a em alguma festa?

– É melhor que vá embora, *madame* Abdo. Chamaremos quando ela estiver mais calma.

– Ela não é minha mãe! Não sou filha dela! – gritou Amal.

– Querendo ou não, você saiu daqui – disse a mulher se aproximando e apontando para seu ventre.

Amal se sentou. O médico ficou ao lado dela, preparado para segurá-la se tentasse bater na mulher.

– Minha mãe é Youmna Abdo. Você não tem nada a ver comigo – disse em voz ameaçadoramente baixa.

– Por que não perguntamos ao médico? – sugeriu a mulher com frivolidade. – Não acha que uma mulher que carrega um bebê nove meses em suas entranhas é sua mãe? – perguntou com ironia.

De repente, uma grande gosma aterrissou no olho perfeitamente pintado da mulher e fez seu rímel escorrer. Amal havia cuspidado nela.

– *Madame*, venha comigo, por favor – pediu uma enfermeira em um tom categórico e enérgico que não admitia negativas.

Horrorizada e atônita, a mulher se limpou com um lenço, colocou os óculos e saiu atrás da enfermeira.

O doutor Hayek não sabia o que dizer ou fazer. Havia reconhecido a mulher. Lembrava-se dela das poucas semanas que havia passado com seu pai antes de ir estudar Medicina nos Estados Unidos. Chamava-se Heba Abdo e havia sido amante de seu pai, Rachid Hayek.

Roger Hayek ficou com Amal até que ela se acalmou.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou meia hora depois, quando viu que ela inspirava fundo e recostava os ombros no travesseiro.

A garota meneou a cabeça sem tirar os olhos do teto.

– Tente dormir esta noite. Precisa de mais analgésicos? – perguntou depois de tê-la examinado; seu pulso voltara ao normal.

Ela tornou a negar com a cabeça.

– Doutor Hayek – disse depois de um tempo –, preciso ir para casa. Preciso ir para Deir el-Ahmar.

– Dê-me alguns dias e prometo que lhe daremos alta. Sei que é importante para você.

– Sim, é – disse Amal olhando-o nos olhos finalmente. – Minha mãe, minha verdadeira mãe, Youmna Abdo, morreu de um ataque cardíaco pouco depois do acidente.

– Amal, você tem algum parente que possa vir buscá-la? São as normas – perguntou o doutor Hayek quando se sentou para preencher a papelada da alta.

Ela negou com a cabeça.

– Entendo. Onde vai ficar depois de ir para Deir el-Ahmar? – inquiriu enquanto colocava o próprio nome como parente responsável.

– Não sei – admitiu Amal depois de um tempo.

– Eu gostaria que você viesse para Beirute e fizesse fisioterapia para a mão. Conheço um bom fisioterapeuta no hospital. É amigo meu.

– Eu lhe informarei. Posso ir andando até a porta – protestou ao se sentar em uma cadeira de rodas.

– Sim, eu sei e fico feliz que sua perna esteja boa, mas as normas a obrigam a sair assim.

Amal sorriu; foi uma das poucas vezes que o doutor Hayek a viu sorrindo. Na entrada havia um táxi esperando-a para levá-la ao ônibus no qual voltaria para o vale do Beqaa.

– Bem, é hora de nos despedirmos. Muito obrigada, doutor Hayek, obrigada por tudo.

– Vou sentir sua falta. Vai ser chato aqui sem você.

– Certamente vai ter muitas vidas para salvar – comentou Amal rindo.

– Sim, mas continuarei sentindo sua falta.

– Obrigada de novo – Amal se despediu dando-lhe um abraço. O doutor Hayek ficou tão surpreso que não sabia se a abraçava ou não.

– Cuide-se e mande notícias – ele a fez prometer quando se sentou no banco de trás do táxi. – Se precisar de alguma coisa, ligue.

– Pode deixar.

Quando o táxi se perdeu no caos do trânsito de Beirute, o médico se perguntou com quem Heba teria se casado e de quem Amal seria filha. Talvez continuasse solteira e simplesmente tivesse entregado o bebê aos pais, o que explicaria por que Amal falava de sua verdadeira mãe, que devia ser sua avó. Senão, teria sido muita coincidência que tivesse o mesmo sobrenome de Heba. Mas quem será o pai? Será que Rachid saberia? “Se um dia voltar a falar com ele, vou perguntar. Seria um capricho do destino se Amal fosse minha meia-irmã”, pensou quando entrava no hospital de novo.

Amal olhou pela janela e admirou a paisagem do vale do Beqaa no ônibus. Continuava sendo muito bonito, muito mais desde que os sírios haviam partido. Pensou em Heba; não conseguia deixar de pensar nela desde que fora visitá-la. Inconscientemente sabia que ela dizia a verdade, mas não podia admitir. Não conseguia entender aquilo de maneira lógica e razoável. Nada nela a atraía, tampouco se vira refletida de forma alguma. Também não tinham nenhum vínculo além de Zakaria e Youmna, que estavam mortos. Pelo menos sabia que tinha sido algo mais que seus pais adotivos; eram seus avós. E a haviam amado como se fossem seus pais biológicos. Heba a abandonara na porta deles quando era um bebê. Por que não lhe contaram? Eles deviam saber a verdade. Envergonhavam-se de ser pais de Heba? Com certeza. “Eu teria vergonha se fosse minha filha e me recuso a reconhecer que seja minha mãe”, pensou. Tentou imaginar o que teria acontecido se soubesse da existência de Heba quando tinha 12 anos e se a teria reconhecido se tivesse ido vê-la em Beirute.

A maioria dos passageiros desceu em Baalbek. Amal saiu um pouco para esticar as pernas. Estava um dia bonito e o sol brilhava.

O verão havia chegado ao vale. Recordou quanto gostava desse lugar e a quantidade de pinturas e desenhos que havia feito nos templos. Tinha a mente inundada de lembranças dos últimos vinte anos. Recordou o dia que conheceu Khaled, o dia em que Zakaria pendurou o primeiro desenho na parede de seu estúdio; quando Youmna a deixou usar batom; seu décimo sexto aniversário, quando olhou nos olhos de Khaled e viu neles o que faltava a ela. Ele a havia completado, curado e depois partido. Sentia-se como uma boneca de papel, uma pessoa unidimensional. “Por que ele me deixou?”, perguntou-se. As lágrimas inundaram seus olhos bem no momento em que o motorista buzinou para avisar que o ônibus ia partir.

Voltou a seu assento. Colocou os grandes óculos de lentes rosa para esconder as lágrimas que ameaçavam transbordar, mas nada podia esconder seu desespero. Quanto mais se aproximava de Deir el-Ahmar, mais abatida se sentia; quando finalmente chegou à casa de sua infância e viu todas as janelas fechadas, o portão fora das dobradiças e um grande cadeado na porta de entrada, a dor tomou conta dela. O portão rangeu. Por um momento, pensou que era um pesadelo e que acordaria, que Youmna abriria a porta, e ela subiria correndo os degraus e se jogaria em seus braços. Mas não era um sonho, e a porta estava fechada.

– *Immi! Immi!* – gritou.

Sentou-se na varanda, escondeu o rosto nas mãos e chorou. Sentia-se perdida e fria, indesejada e sozinha, como o bebê que Heba havia deixado nessa mesma porta trinta anos antes.

Recompôs-se e foi ver Ilyas. Heba lhe havia dito que não estava muito bem, mas não imaginara encontrá-lo em estado catatônico. Uma das freiras do convento ia todos os dias cuidar dele, mas já não falava, não via nem ouvia. Ficava de pijama o dia todo, sentado em uma cadeira dura de madeira, apoiado em sua bengala, com o olhar perdido na frente da tevê.

Ficou um pouco do lado de fora da porta de tela com a esperança de que notasse sua presença, de que se virasse e sorrisse como sempre havia feito. Mas não.

– *Baba* – disse Amal quando por fim entrou.



Deu-lhe um beijo na cabeça. Pegou uma cadeira, sentou-se ao lado dele e colocou a mão enfaixada sobre as dele na bengala. Os olhos dele estavam chorosos e inexpressivos, o rosto, murcho e enrugado, e o cabelo, branco. Amal apertou as mãos dele, colocou o braço em volta de seu ombro e tentou abraçá-lo. Como não houve reação, apoiou a cabeça no braço dele.

– Fale comigo, *baba*. É Amal, voltei.

Mas ele não disse nada.

Os olhos de Amal se encheram de lágrimas.

– *Baba*, por favor, fale comigo.

Não conseguiu fazê-lo reagir.

– Eu também sinto falta dele, *baba* – disse antes de se levantar e dar-lhe um beijo na cabeça. – Voltarei logo.

Queria ir até o convento e pedir a chave do cadeado de sua casa antes que anoitecesse. Quando se virou para sair, sentiu que Ilyas tocava seu punho direito. Olhou para ele, mas não havia se movido.

Abriu a porta e entrou na casa onde havia crescido. Deu uma volta; jamais se sentira tão sozinha. Sentia o cheiro do perfume de Youmna e via Zakaria colocando os óculos para admirar um de seus desenhos como se fosse um profissional, coçando o rosto antes de fazer uma oferta.

Subiu para seu quarto e depois ao sótão, onde guardava seus quadros. Todas as telas estavam ali, apoiadas na parede e cobertas por um lençol. Olhou em volta; não havia grande coisa além de alguns móveis velhos e o baú de sua mãe. Passou a mão pelo couro suave e notou que fazia quinze anos que o vira pela primeira vez. Abriu-o. Dentro estavam os lenços e xales de Youmna, umas sandálias com pedraria que havia usado no dia de seu casamento e o caderno. Folheou-o e tornou a olhar as fotografias. Encontrou as de Youmna e Zakaria, onde estava escrito três meses e cinco meses. Sabia que, quando se casaram, em novembro de 1953, Youmna estava grávida de seis meses e que Heba era a menina loura de uma das fotografias.

Sentou-se no chão e abriu o caderno que Youmna havia começado a escrever pouco depois de conhecer Zakaria. Nele falava de seus

desejos, suas esperanças e aspirações e, depois do nascimento de Heba, de suas decepções e problemas para aumentar a família. Leu sobre sua dor quando Heba cresceu e se mudaram para o vale do Beqaa. O último registro era de quando Amal foi deixada na porta, e a vida de Youmna voltara a ter sentido. Ali estava bem claro: era filha de Heba. “Quem será meu pai?”, perguntou-se desejando saber a resposta antes de chegar ao final.

Estava quase amanhecendo quando acabou de ler, mas não encontrou nada sobre seu pai. Abriu todas as janelas para ventilar a casa e colocou a cabeça para fora de uma delas para encher seus pulmões de oxigênio. A luz logo seria perfeita.

Pegou uma tela pequena e tintas, e foi para o campo desejosa de tornar a ver cores e pintar. Era a única coisa que lhe restava. Deus não podia ter lhe tirado isso.

Foi para a caverna do canhão próxima ao afluente do Litani. O sol estava surgindo no horizonte, e o céu era uma espetacular exibição de lilás, rosa, coral e laranja que envolvia a paisagem com uma energia e uma vivacidade magnéticas e inspiradoras. Apoiou o cavalete em uma rocha e tirou as tintas da bolsa de pano que levava ao ombro. Olhou os veios terracota, vermelho tijolo e marrom da rocha. Untou um pincel em tinta. Sua mão tremia, e seus dedos suavam. Levantou o braço para dar a primeira pincelada na tela branca, mas não conseguiu controlar a mão. O simples traço parecia ziguezaguear da direita para a esquerda. Tentou de novo, mas aconteceu a mesma coisa. Largou o pincel, horrorizada, e pegou um carvão e o bloco que sempre levava na bolsa. Tentou desenhar a rocha que ficava na entrada da caverna de Khaled, mas não conseguiu. Parecia o rabisco de uma criança de 5 anos. Começou a andar de um lado para o outro. Não era possível. Precisava deixar a mão descansar e começar de novo. Estava só nervosa. Não aceitava não ser capaz de pintar. Decidiu dar um passeio e relaxar.

Mas não conseguiu. Voltou à caverna e, ao levantar os olhos, julgou ver Khaled sentado na grande rocha acenando para ela. Correu para ele, mas, ao chegar, já havia desaparecido. Entrou na caverna e foi até a lagoa. Suas cores eram espetaculares e refletiam

os veios das rochas. A luz e a água provinham do mesmo lugar; parecia que a lagoa estava iluminada de dentro. Sentou-se. “O que vou fazer se não puder pintar? O que será de mim se não puder usar a mão direita de novo?”, pensou.

“Vai aprender a usar a esquerda”, julgou ouvir Khaled lhe dizendo.

“Sinto sua falta”, sussurrou Amal, passando os dedos pela água. Sentiu-a quente, era junho. De repente, sentiu necessidade de se banhar, de deixar que a água lavasse a raiva, a dor, a tristeza, o trauma e a tragédia que havia vivido desde 14 de maio. Empilhou sua roupa e entrou com cuidado pisando os degraus naturais da rocha. Mergulhou para recuperar a esperança, ressarcir o sofrimento e renovar suas forças. Voltou à superfície e se sentou em um dos degraus, com a água a sua volta. E ali, cercada pela água da lagoa de que Khaled tanto gostava, começou a chorar. Mas não se sentiu sozinha; imaginou que Khaled a envolvia com os braços sem dizer nada, enquanto esvaziava sua dor e deixava que se desfizesse o nó que sentia no estômago e acabasse a imensa dor que sentia em seu coração. Nesse momento, Amal o deixou ir.

Decidiu ir para Beirute. Apesar de gostar daquele recanto no vale do Beqaa, precisava de uma mudança radical para começar uma nova vida. Passou várias semanas organizando a casa, resolvendo os assuntos pendentes de seus pais e deixando tudo em ordem antes de entregar a chave a uma das freiras do convento.

Estava pensando onde poderia ficar até encontrar um alojamento permanente quando o telefone tocou.

– Alô?

– Amal? Aqui é doutor Hayek.

– Olá, *kifek?*

– Melhor, como você está?

– Muito bem.

– É mesmo? – perguntou surpreso.

– Estou indo pouco a pouco. Não estou totalmente bem, mas logo estarei.

– E a mão?

– Nada, não posso fazer nada com ela.

- Mesmo assim, parece alegre.
- É mesmo?
- Mais que da última vez que liguei.

Roger havia telefonado todas as semanas para se assegurar de que ela estava fazendo exercícios com a mão, mas sem pressioná-la.

- Tenho dias bons e maus.
- É assim mesmo.

Amal não sabia se lhe contava que pretendia ir para Beirute. Sabia que ele tentaria ajudar, mas não queria que ninguém interviesse. Queria fazer as coisas sozinha, ser livre e independente.

– Por que não vem para Beirute? – perguntou Roger como se tivesse lido os pensamentos dela.

– Pode ser que eu vá – respondeu ela com evasivas.

– Não sei quem mais você conhece aqui, mas tenho uma pequena casa de hóspedes com entrada independente, se precisar.

– Eu agradeço muito – disse ela emocionada com sua generosidade.

– Não é muito grande. Na verdade, é um estúdio, mas, se quiser, é seu.

– Obrigada, doutor Hayek. Fico muito grata.

Amal se perguntou se ele ofereceria a casa a todos os pacientes que se recuperavam de um acidente de trânsito quase fatal; e Roger, se ela estaria se fazendo essa mesma pergunta.

– Doutor Hayek, essa oferta é parte de seu trabalho?

Roger teria se esbofeteado; com certeza ela agora achava que era um médico excêntrico e solteiro de meia-idade que fazia o mesmo com todas as suas pacientes. Mas não era isso. Amal era a primeira com quem havia tido confiança suficiente para lhe oferecer a casa; a primeira com quem havia ignorado a regra fundamental de não estabelecer vínculos emocionais. Queria ajudá-la, mas não sabia por quê. Evidentemente, era normal que ela lhe tivesse feito essa pergunta. Ela não sabia nada dele; jamais havia lhe contado nada de sua vida, passada ou presente.

– Veja bem, não é isso – gaguejou tentando se explicar. – Entendo que estranhe e que não aceite a proposta. Concordo que soa um

pouco forçado... estranho até... você não sabe nada de mim.

– Doutor Hayek.

– Sim?

– Está se enrolando.

– Ah... sim... é verdade...

Amal quase começou a rir. Imaginou-o envergonhado, tirando os óculos para limpá-los com um lenço.



## Capítulo 17

Na primavera de 2006, Amal se mudou para a casa de hóspedes de Roger Hayek em Raboueh, uma elegante zona residencial de Beirute. Desde o primeiro momento, insistiu em pagar aluguel. Tinha um pouco de dinheiro que haviam lhe dado no colégio em que Khaled trabalhava e um pouco mais que Youmna havia deixado. Sabia que não duraria muito e que teria de arranjar um jeito de ganhar a vida, mas queria fazer as coisas a seu tempo, e a primeira coisa era curar a mão.

A casa tinha o tamanho perfeito. Era uma sala grande dividida em sala de estar e dormitório. Tinha banheiro, mas não cozinha, de modo que teria de usar a da casa de Roger. Além disso, possuía todas as comodidades imagináveis, inclusive duas lareiras, o que lhe pareceu excessivo.

Antes de fazer a mudança, Roger se sentou um dia com ela e lhe falou de sua vida: tinha quase 50 anos, nunca se casara, havia tido uma infância enlouquecida e caótica, e sua mãe era uma francesa que havia se casado com Rachid Hayek porque perdera uma aposta numa noite de bebedeira em Monte Carlo. Jamais tiveram nada em comum, e ele era fruto de um acidente. Logo depois de se casarem, a relação foi se desintegrando, porque não tinha alicerce em que se sustentar. Seus pais se separaram quando ele tinha apenas alguns meses. Havia estudado em Paris e passava duas semanas em Beirute de vez em quando. Foi aos Estados Unidos estudar Medicina e passou quase 25 anos em Nova York antes de voltar a Beirute, onde não mantinha nenhum tipo de relação com seu pai nem sabia se ele sabia de sua volta. Não lhe importava.

Durante os meses seguintes, Roger e Amal mantiveram uma relação cordial, mas havia dois temas que nunca abordavam. A princípio, por respeito, e, depois, porque se transformaram em tabus. Roger nunca mencionava Heba; Amal jamais lhe perguntava por que não havia se casado. Os dois tinham suas respectivas teorias, mas não as expressavam.

Acostumaram-se a uma rotina cômoda: tomavam o café da manhã e iam juntos para o hospital, onde Roger dava seus plantões, enquanto Amal ia ao fisioterapeuta. Após a sessão diária, costumava ir a Achrafieh e passava horas no Sursock, o museu de arte moderna que exibia obras de artistas libaneses, fosse em exposições itinerantes ou permanentes. Envolta no silêncio e sentada em um banco, pegava um caderno e exercitava a mão direita com carvão ou lápis. Um dos guardas comentou que para expor ali era necessário ser escolhida pelo comitê de curadoria do museu e depois mais três comitês estudariam sua obra para decidir se era digna do Sursock. Havia lhe indicado quem eram os vários dos membros da junta e dito que a mais influente era Lailah Hayek.

Mas os ossos de sua mão não haviam se curado o suficiente para pintar com a mesma confiança e segurança. Suas esperanças começaram a desaparecer quando percebeu que possivelmente não o faria como antes. Havia voltado a usar a mão, mas não o suficiente para dar as pinceladas controladas que ressaltavam a profundidade de seus quadros.

Seu dinheiro também estava acabando; apesar de Roger lhe dizer que não precisava pagar aluguel, ela se sentia obrigada a fazê-lo. Precisava de um emprego. O fisioterapeuta a incentivou a procurar um em que tivesse de usar a mão de maneira lenta e metódica, abrindo e fechando os dedos, para recuperar a sensibilidade.

Num dia de inverno, passou pela Escalier de l'Art a caminho do Sursock e parou em uma galeria que exibia umas obras muito interessantes, estilo Modigliani. Aproximou o rosto da vitrine para tentar ver os quadros do estreito corredor que dava para a parte de trás. Duas mulheres que lhe davam as costas admiravam um deles. De repente se viraram. Amal se afastou rapidamente. Estava prestes

a seguir para o museu quando julgou reconhecer uma. “É Lailah Hayek, membro da junta do Sursock! Quem dera eu pudesse entrar e me apresentar. Daria tudo para conhecê-la. Se gostar de minha obra, talvez me dê uma oportunidade”, pensou. Mas era tímida e envergonhada, e estava nervosa demais para isso.

Então, teve uma ideia. Parecia que Lailah era amiga da dona da galeria e ia lá com frequência. “E se eu lhe enviar minha obra de maneira anônima para ver o que acontece?”, pensou.

Conforme o plano ia tomando forma, um amplo sorriso se desenhava em seus lábios, e seus olhos se iluminaram, brilhando com cintilações esverdeadas. Enviaria seus quadros um a um, simplesmente com uma nota sobre a história de cada um. Mas teria de ficar de olho. O que aconteceria se não gostassem? Seria muito estranho se a vissem subindo e descendo a rua o tempo todo. E se procurasse um emprego nesse bairro? E se conseguisse um na galeria? Talvez a dona precisasse de uma assistente. Mas não teve coragem de entrar e perguntar.

Poucos dias depois tornou a passar pela galeria Najjar a caminho do museu e viu que a dona estava fechando a porta. “Esta é minha chance! Vamos, você consegue!”, pensou. Mas, quando viu a expressão de pressa da mulher, decidiu passar reto. “Meu Deus! Por que não tenho coragem de lhe dizer alguma coisa?”, pensou.

– Com licença... – ouviu uma voz atrás de si, mas estava absorta demais em sua autocrítica. – Perdão... – repetiu em voz mais alta. – Por favor... – Amal se virou, era a dona da galeria. – Tem troco? Só tenho uma nota de vinte mil libras e preciso de moedas para o parquímetro. – Amal olhou para ela atônita. – Você tem?

– Sim, acho que sim – conseguiu gaguejar enquanto procurava na bolsa.

– Obrigada, estou muito agradecida.

Quando ela estava indo embora, Amal inspirou fundo:

– Estou procurando emprego.

A mulher olhou para seu carro e para o policial de trânsito que a multaria se não pusesse moedas no parquímetro.

– Lamento, preciso correr.



No meio da Escalier de l'Art sentiu remorsos. A garota parecia desesperada; havia se virado para lhe dizer que esperasse, mas Amal já havia desaparecido. Havia algo nela... talvez sua sensibilidade e elegância a tivessem atraído.

Amal se sentiu muito mal. Havia pisado na bola. "Por que sou tão tola? Foi uma estupidez", martirizou-se por todo o trajeto até o Sursock. Naquele dia, perambulou pelo museu incapaz de se concentrar, mas depois conseguiu levantar o astral; quando chegou a casa, passou um bom tempo olhando suas telas. Finalmente se decidiu por um belo campo de trigo amarelo brilhante que havia pintado fazia alguns anos. Seria o primeiro que enviaria à galeria Najjar. Sabia que a proprietária se chamava Hala Najjar e tinha uns 40 anos.

Colocou o quadro entre duas placas de madeira balsa, embrulhou-o em papel pardo e o amarrou com uma corda. Não sabia muito bem o que faria com os maiores, mas decidiu não se preocupar por ora. Escreveu uma nota dizendo que era uma artista de perto de Baalbek, no vale do Beqaa, que havia pintado o quadro fazia cinco anos e gostaria de saber a opinião dela. Foi à agência dos correios com o pacote debaixo do braço, mas teve uma ideia melhor. Sabia que abria às onze, de modo que o entregaria ela mesma. No dia seguinte, vestiu uma calça jeans folgada, uma velha camisa de Roger que usava para pintar, tênis, boné de beisebol para esconder o cabelo e uns grandes óculos pretos. Olhou-se no espelho. Estava perfeita. Todo mundo pensaria que estava fazendo uma entrega. Pegou a bolsa de pano na qual costumava levar os pincéis e foi pegar o ônibus. No caminho, colocou fones para ouvir música.

Chegou à galeria justo no momento em que Hala ia abrir. Por sorte não precisou dizer nada.

– Ah! Graças a Deus! Que bom que chegou. Faz tempo que estou esperando esse quadro. – Amal estranhou, com certeza estava confundindo as coisas. O disfarce havia funcionado, Hala acreditava que era uma entregadora. – Onde assino?

Amal não havia pensado em recibo, mas, por sorte, o telefone tocou, e Hala começou a falar de um quadro que queria encontrar.

Abriu a porta com o celular preso entre a orelha e o ombro e entrou. A garota deixou o pacote apoiado em uma parede, fechou a porta e desceu a Escalier de l'Art sorrindo. "Ótimo! Agora só preciso arranjar um emprego por aqui", pensou.

Hala foi ligar o ar-condicionado sem parar de falar. Finalmente desligou e se concentrou. "Um momento! Onde está a entregadora? E o quadro? Oh, não!", pensou. Olhou por todo lado. Por que não havia prestado atenção? Então, viu o pacote perto da porta. Pegou a nota e, antes de ler, desembalou o quadro. O que era aquilo? Evidentemente não era o que Lailah lhe havia prometido. Era uma impressionante interpretação de um campo de trigo, sem dúvida do vale do Beqaa. Colocou-o em uma mesa e se afastou para vê-lo melhor. Era extraordinário, tão real que dava para se imaginar passeando por ele, mas tão pessoal a ponto de ser preciso pedir licença ao artista para entrar em seu mundo. "De quem será?", perguntou-se sem perceber que tinha um bilhete na mão. Abriu-o e a leu. Amal Abdo? Perto de Baalbek, no vale do Beqaa? Espremeu os miolos. "Eu a conheço? Quem é? Meu Deus, é o quadro mais sensacional que vi nos últimos tempos."

Sentou-se diante da mesa e começou a escrever para a artista. Olhou no bilhete se havia algum número de telefone ou de celular, mas só aparecia uma caixa postal. "Maldição! Por que essa gente é tão reservada? Por que não tem um telefone?", pensou. Na nota, perguntava a Amal se podia passar por seu ateliê, pois estava muito interessada no resto de sua obra. Disse que adoraria conhecê-la e agradeceu por confiar na galeria. Enquanto fechava o envelope e colocava um selo, perguntou-se se a entregadora conheceria Amal.

Estava distraída com esses pensamentos quando seu celular voltou a tocar.

– Lailah! Estava justamente pensando em você, *habibti*... *Hamdellah*, tudo bem. Você não me mandou o quadro que prometeu. Não, não, não tem problema... Quando pode vir? Oh, não! Vai para onde? Paris! *Masbut*... Que dia? Sei... E quando voltam? Excelente, *tayeb*. Não, não é nada urgente; acho que descobri uma joia rara. Divirta-se, e nos vemos daqui a algumas

semanas; talvez eu tenha mais coisas para lhe mostrar. Ok, *tayeb habibti... Merci chérie, yallah!*

Desligou e olhou o *Campo de trigo*. Tinha certeza de que Lailah adoraria, era muito seu estilo. Essa jovem, mulher ou o que fosse, era boa, muito boa. Poderia até estar no Sursock. “Vamos, Hala, já está exagerando. Espere para ver mais alguma coisa. Pode ser que esse seja uma exceção”, pensou.

Ao sair da galeria, Amal desceu a Escalier de l’Art até a *rue Gouraud* para ir ao café Arabica. Sorria. “Tem de funcionar. Com certeza vai gostar. Por favor, Alá, dê-me uma mão.” Estava tão ensimesmada que, em vez de virar à esquerda, virou à direita. Alguns minutos depois continuava não encontrando o café, mas decidiu seguir caminhando.

Um pouco mais adiante viu o salão de beleza Cleópatra e decidiu perguntar ali. O cartaz rosa na porta dizia “Aberto”, e a porta estava encostada. Abriu-a um pouco mais e olhou para dentro, mas não havia ninguém. O salão parecia meio decadente.

– *Bonjour* – cumprimentou enquanto se dirigia cautelosamente ao balcão.

Na parede esquerda havia três espelhos e três cadeiras pretas remendadas com fita adesiva. Junto aos espelhos, mais três cadeiras debaixo de secadores antiquados em forma de ovo. Nas três bandejas com rodinhas reinava um absoluto caos de escovas, pentes, grampos e bobes rosa e violeta. Havia bobes e grampos pelo chão, que estava cheio de cabelo que não havia sido varrido. Na parede da frente havia uma cortina de flores rosa e brancas, e atrás uma velha cadeira dobrável e uma mesa de fórmica branca manchada com uma substância marrom pegajosa, e um fogareiro. No chão, uma caixa de papelão com açúcar e limões, e o que pareciam toalhas usadas.

– Em que posso ajudá-la? – disse uma mulher que saiu da parte dos fundos, onde outras duas mulheres, idosas e mais roliças, estavam sentadas com a cabeça apoiada em dois lavatórios. – Posso ajudá-la em alguma coisa? Ah, foi você que ligou antes pela vaga. Maravilha, fico feliz que tenha mudado de ideia. Está contratada.

Era bastante bonita. De seu cabelo preso displicentemente caíam na testa uns cachos, que ela afastava o tempo todo. Pegou uns óculos de sol de uma das bandejas e os colocou na cabeça. Estava muito maquiada e usava um vestido curto e justo. Parecia meio distraída; pelo aspecto do salão, com certeza não era muito organizada.

– Que vaga? Só quero tomar um café. Estou procurando o café Arabica.

A mulher não escutou.

– Veja, apesar do que lhe disse antes, não precisa de referências. Preciso de ajuda, e você parece competente. Vai começar lavando os cabelos e limpando o salão; depois, veremos – disse a mulher antes de olhá-la de cima a baixo. – Tem alguma coisa mais bonita para vestir? Sabe de uma coisa? Não se preocupe. Tanto faz, isso aqui não é um salão elegante.

Amal tentou interrompê-la, mas a mulher não parava de falar. Teve vontade de rir. Era muito divertido, havia acabado de ser contratada por um salão de beleza.

– *Tayeb*... Ok... Pode lavar o cabelo delas? – perguntou indicando as duas senhoras. – São clientes habituais. A da esquerda se chama Ghida, e a da direita, Nisrine. Vai ter de se apressar, porque Claudine chegará a qualquer momento e não as suporta. Ah, vou pagar o salário mínimo, pois é só o que posso me permitir no momento, *tayeb*? Venha, vamos trabalhar! – ordenou sem esperar resposta. – A propósito, qual é seu nome?

– Eh... Amal – respondeu um tanto surpresa.

Não sabia como sua mão responderia, mas talvez fosse bom para ela. Era exatamente o tipo de exercício que o fisioterapeuta havia recomendado.

– Achei que havia dito que se chamava Mireille. Tanto faz, Amal, Mireille, são parecidos.

“Não para de falar, vai me deixar louca”, pensou Amal.

– Meu nome é Mouna Al-Husseini.



## Capítulo 18

Mouna olhou o relógio: eram quase oito e meia, hora em que Samir passaria para pegá-la no salão. Era melhor assim, de sua casa não poderia sair vestida daquele jeito. Perguntou-se onde iriam jantar. Quando ele perguntou se queria ir a um libanês ou a um italiano, ela optou pelo segundo, mas o restaurante seria uma surpresa. Foi até a porta e olhou pela cortina rosa, mas a SUV preta não havia aparecido.

Enquanto andava de um lado para o outro, olhou-se no espelho. O vestido estava muito melhor do que acreditava. Fizera-o para essa noite, copiado de uma revista, com o crepe preto de uma das *abayas* de sua tia. Tivera o cuidado de pegar um xale, caso fizesse frio, ou, por ser aberto nas costas e não ter mangas, caso mostrasse demais e não fosse apropriado para o restaurante.

Usava sandálias abertas de salto alto e uma bolsa sem alça. Estava bem maquiada, sem excessos, exceto os olhos, um pouco carregados e delineados com *kohl*. Havia cacheado o cabelo, que estava preso no alto com uma presilha e uma fita fina, deixando cair longos cachos que lhe davam um ar grego.

Olhou o relógio outra vez: oito e quarenta. “Ou é culpa do trânsito ou está trabalhando. Por que não me liga?”, perguntou-se, frustrada. Pegou o celular. Merda! Havia uma chamada perdida e uma mensagem de texto. Eram de Samir, para dizer que chegaria tarde, que a pegaria às nove.

No horário marcado tocou uma buzina, e ela deu uma última olhada no espelho, desligou o ar-condicionado e a luz, e saiu. Samir

saiu do Ford Explorer para ajudá-la a fechar a porta de ferro e colocar os três cadeados.

– Obrigada – disse Mouna.

– Espero que tenha recebido a mensagem.

Mouna assentiu.

– Vamos? – convidou ele, abrindo a porta do passageiro e mantendo-a aberta até que ela se acomodasse. – O cinto, *madame*.

– Sim, claro.

Quando ele se dirigiu ao banco do motorista, Mouna reparou como estava bonito. Estava de jeans, uma camisa de seda azul e mocassins. Estava bronzeado, e seu aspecto era muito saudável.

– Prazer em vê-la – disse sorrindo antes de sair com o carro.

– Aonde vamos? – perguntou Mouna enquanto circulavam por ruas estreitas para evitar as avenidas congestionadas.

– Você disse que queria ir a um italiano.

– Sim – mentiu Mouna.

Não entendia nada de comida italiana além da que serviam no Pizza Hut, onde comprava alguma coisa a caminho de casa quando chegava tarde.

– Conheço um excelente que não fica longe do salão a pé, mas de carro leva meia hora com todas as obras, os desvios e o trânsito.

– Então, por que não vamos andando?

– Que tipo de homem seria eu se a convidasse a jantar e não a levasse de carro?

Mouna olhou para o chão com timidez, surpresa com quanto gostava dele.

Quando viraram na rua Abdel Wahab Inglezi engoliu em seco. Sabia que iam ao Claudia's e começou a ficar insegura. Era o tipo de local que Imaan Sayah ou Lailah Hayek costumavam frequentar.

“Não posso entrar ali, não estou à altura. Vão rir de mim”, pensou, mas, antes que pudesse reagir, Samir disse:

– Chegamos. É meu restaurante italiano favorito em Beirute.

Mouna sorriu, mas sentia um nó no estômago e o coração acelerado. Nem sequer estava adequadamente vestida. Os clientes desse local eram a elite, os ricos que compravam em Aishti e saíam

em revistas e jornais. E ali estava ela, uma cabeleireira desconhecida, com um vestido feito com uma *abaya* velha e sapatos comprados em uma barraca do mercado.

“Que foi que eu fiz, Meu Deus!”, pensou.

– Está bem este ou prefere ir a outro? Conheço muitos italianos.

– Não, não, por que ia querer ir a outro? Este me parece ótimo.

Samir assentiu, pegou-a pelo braço para entrar e só a soltou quando cumprimentou Claudia.

– *Signor Abboud*. Prazer em vê-lo. Faz muito tempo desde a última vez.

– Claudia – cumprimentou-a dando-lhe um abraço e dois beijos. – Estive trabalhando e não tive oportunidade de vir a seu belo restaurante para provar sua deliciosa comida.

– Até agora – respondeu Claudia com um sorriso maroto.

– Certo. Esta noite tenho a desculpa mais bonita do mundo.

– Bem-vinda ao Claudia's. Meu nome é Claudia di Sole – apresentou-se, dando dois beijos em Mouna.

– Mouna, Mouna Al-Husseini.

– *Piacere*. Venham, vou colocá-los em uma mesa romântica – disse enquanto os conduzia com os cardápios na mão, sem deixar de cumprimentar e beijar outros clientes pelo caminho.

– Você está muito bonita, Mouna – sussurrou Samir.

– Obrigada.

– Fico muito feliz que tenhamos vindo.

Mouna continuava sentindo o coração acelerado. Reconheceu cantores, atores e atrizes, modelos, celebridades, *la crème de la crème* da sociedade de Beirute. O restaurante estava cheio, mas, quando se sentou, não o achou tão barulhento como esperava. Evidentemente, Claudia havia lhes oferecido uma mesa em um canto afastado e imediatamente lhes levou duas taças de champanhe.

Sorriu nervosa; jamais havia provado champanhe, só havia tomado vinho algumas vezes.

– *Cent'anni* – desejou Claudia. – Espero que gostem do jantar – acrescentou levantando os braços como se fosse o papa.

– Saúde – brindou Samir erguendo sua taça para Mouna.

Ela o imitou, mas não pôde evitar se sentir um pouco perdida. Olhou o borbulhante líquido rosa espumante da garrafa e lhe pareceu bonito, bonito demais para beber.

Tomou um gole, e as bolhas saíram por seu nariz. Estava tentando não tossir quando, de repente, Samir começou a fazê-lo ruidosamente e atraiu a atenção dos comensais próximos.

– Desculpe – escusou-se pegando um lenço. – As borbulhas subiram para o meu nariz.

– Para o meu também, não soube como detê-las.

– O truque é não respirar quando se bebe.

– Vou tentar me lembrar – disse Mouna sorrindo. Não tinha certeza se ele havia notado o incômodo que sentia e quisera ajudá-la ou se havia tossido de verdade.

– Vamos ver o menu para escolher o prato?

Mouna assentiu e pegou o menu forrado de couro que estava na ponta da mesa. Não sabia por onde começar. Estava dividido em seções: *Antipasti, Insalate, Zuppe, Primi Piatti, Secondi Piatti, Contorni e Dolci.*

– Mouna – disse Samir pondo a mão no cotovelo dela. – Lamento, mas não tenho nem ideia do que significa tudo isso. Estive aqui algumas vezes, mas Claudia mudou o menu. Por que não deixamos que ela nos recomende alguma coisa?

– Acho perfeito, porque eu também não sei o que esses nomes querem dizer.

– Maravilha, quando Claudia vier, ou algum dos garçons, pediremos que decifrem para nós.

Mouna suspirou, aliviada.

– Diga-me uma coisa, já cortou cabelo de homem?

– Não, por quê?

– Porque há pouco tempo dispensei meu cabeleireiro. Da última vez, fez um serviço porco. Estava com ele há anos e sempre pedia a mesma coisa. Não sei o que deu nele.

– Eu gosto do seu corte de cabelo.

– Você mente muito bem.



– Não, de verdade. Estou falando de coração. Fica muito bem em você.

– Eu não gosto.

– Acho que está sendo muito duro com ele, fez um bom corte.

– Devo continuar com ele?

– Sem dúvida – respondeu antes de perceber Claudia junto à mesa com uma caderneta e um lápis na mão.

– O que vão querer?

– Claudia, estamos um pouco perdidos...

– *Ma perché?* – estranhou Claudia gesticulando e falando com as mãos, como fazem todos os italianos.

– Porque você mudou os cardápios. Há coisas demais para escolher.

– Bem, meu amigo, isso é o que acontece quando você deixa de ir a um lugar durante um ano e aparece de repente. Se continuasse vindo, teria visto as mudanças paulatinamente.

– Desculpe.

Mouna baixou os olhos, incapaz de olhar para Claudia. Tinha a impressão de que ela sabia que não tinha muita experiência nem era sofisticada, e, pela maneira como havia olhado para ela, de cima a baixo, ao entrar, tinha horror de pensar o que pudesse ter achado de seu vestido.

– Realmente, Claudia, este ano foi uma loucura. Passou voando.

– Bem, nunca pode ser tanta loucura a ponto de esquecer os amigos – ela o repreendeu.

– Não, e concordo que não se deve fazer isso, mas não foi minha intenção. Pensava em você todos os dias.

– Ah, Pinocchio! Isso, sim, não é verdade.

– O que recomenda a duas pessoas famintas que há muito tempo não comem comida italiana de verdade?

– Eu cuido disso – disse com voz firme anotando na caderneta. – Há alguma coisa que vocês não comem?

– Nem presunto nem porco – disse Samir, sabendo que Mouna era muçulmana. – Você é ótima, Claudia.

– Você sabe que, com elogios, consegue o que quiser de mim – comentou Claudia sorrindo antes de se inclinar para Mouna. – Você tem muita sorte. Ele é o solteiro mais bem cotado de Beirute. Todas nós o perseguimos. Ficamos loucas para que nos leve para jantar, mas ele sempre tem uma desculpa: está muito ocupado, tem outros compromissos, sua tartaruga está doente... – Mouna sorriu sem saber o que dizer. – O que você faz? Trabalha também para o governo?

Mouna não tinha nem ideia do que Samir fazia; de fato, não sabia nada dele.

– Não, sou cabeleireira – disse Mouna com humildade.

– Ela tem seu próprio salão – interveio Samir.

– É mesmo? Fica perto? Porque preciso de um bom. Ir ao Alexandre às quintas-feiras é praticamente impossível.

– Fica virando a esquina.

– Samir! – exclamou Claudia cravando nele seu intenso olhar siciliano. – Sei que você está muito orgulhoso de estar aqui com ela, e está em seu direito, porque é uma mulher muito bonita, mas você poderia se calar, por favor, e deixar que ela fale?

Mouna começou a rir, e Samir fez a expressão de uma criança castigada. Gostava de Claudia, ela era ousada, falava com franqueza e dizia às pessoas o que pensava.

– Fica na *rue* Gouraud – explicou sorrindo.

– Vou aparecer. Como se chama?

– É... – começou Samir, mas Claudia o fulminou com o olhar.

– Cleópatra. Vou adorar recebê-la.

– Irei. E agora, antes que eu passe a noite toda aqui, deixem que lhes sirva algo para comer. Vinho? – Samir assentiu. – Branco ou tinto?

– Um bom branco fresco. Escolha você – pediu Samir.

Claudia sorriu, tinha gostado de Mouna. A princípio, havia pensado que era inexperiente demais e pouco sofisticada para alguém como Samir, mas as aparências a haviam enganado. Podia ser que não tivesse muita vivência nem fosse refinada, mas demonstrava

maturidade e humildade, algo de que muitos dos seus clientes careciam.

– Então, você trabalha para o governo... – comentou Mouna, quando Claudia saiu.

– Sim. Desculpe, deveria ter lhe dito.

– Não precisa se desculpar.

– É que ainda não tivemos tempo de conversar com calma.

Mouna assentiu.

– Trabalho para o exército libanês.

Ele não quis assustá-la no primeiro encontro explicando que na realidade era membro da inteligência militar e que seu trabalho abarcava desde proteger políticos libaneses ou diplomatas estrangeiros até participar de operações secretas, fazer busca de informações e, inclusive, atividades paramilitares.

– Você nasceu nos Estados Unidos?

– Nascido e criado em Washington D.C.

– Sempre quis ir para lá

– Então, vamos ter de fazer isso.

– O que você fazia lá?

– Depois da universidade, entrei para o exército para pagar o empréstimo estudantil. Não queria pedir dinheiro a meu pai. Queria ser independente, autossuficiente e tudo isso. Depois me escolheram como intermediário no Kuwait porque eu falava árabe.

– E como aprendeu árabe?

– Meus pais se divorciaram quando eu tinha 2 anos, mas minha mãe insistiu que eu visse meu pai com frequência, apesar de ele ter voltado para Beirute. Então, quando eu era pequeno, ele ia aos Estados Unidos, e, quando adolescente, comecei a vir eu; aprendi de ouvido.

– Por que veio morar em Beirute?

– Tornei-me fuzileiro naval e passei um tempo no Afeganistão. Depois, em fevereiro de 2005, quando Hariri foi assassinado, fiz parte da missão investigadora das Nações Unidas.

– É mesmo?

– Sim, conhecia Peter Fitzgerald, o delegado adjunto da polícia irlandesa que dirigiu a missão durante a Primeira Guerra do Golfo, e ele me colocou na equipe.

– Impressionante. O que você teve de fazer?

– Interroguei funcionários e políticos libaneses do governo e da oposição, estudei a investigação e atuações judiciais libanesas, inspecionei o local do crime, reuni provas...

– Meu Deus!

– Meu pai me convenceu a ficar um tempo em Beirute. “Imagine que são umas longas férias”, ele disse, e me sugeriu que encontrasse uma linda libanesa para me casar. – Começou a rir. – E aqui estou, dois anos depois...

– E a encontrou?

– Agora sim – disse olhando para ela.

Um garçom os interrompeu para servir uma pequena pizza margherita feita em forno a lenha.

– Trago o vinho ou preferem outra taça de champanhe com a pizza? – perguntou Claudia.

– Acho que outra taça de champanhe – sugeriu Mouna, que estava gostando das bolhas cor-de-rosa.

Samir olhou para ela orgulhoso, e Claudia arqueou uma sobrancelha, gostando de ver que a primeira taça a havia relaxado.

– Vou trazer outra. A propósito, como sua madrasta está linda! Outro dia, ela veio com Imaan Sayah.

– Não a tenho visto muito ultimamente, andei muito enrolado com um curso de formação, mas acho que está bem.

– E esse negócio que ouvi de que Imaan vai ser a nova embaixadora no Reino Unido?

– Ouviu bem. Foi uma nomeação fantástica, um passo muito inteligente.

– E seu pai?

– Muito ocupado, como sempre.

– Pelo menos ele tem Nina para cuidar de algumas coisas; mas eu bem que gostaria que ela voltasse a trabalhar aqui; estou ficando velha.

– Quem sabe ela volta...

“Nina?”, pensou Mouna aguçando o ouvido. Nina Abboud? A amiga de Imaan Sayah? A mulher alta? Seria ela? Tinha de ser. Só havia uma Nina Abboud na alta sociedade de Beirute. Não sabia se contava a Samir que conhecia sua madrasta, que estivera no Cleópatra falando com Imaan sobre Joseph Sayah. Mas não falou nada. As normas de um salão são inquebrantáveis.

– Você vai gostar muito de Nina. Ela é uma mulher maravilhosa. Tenho muito carinho por ela.

Por sorte, a chegada de Claudia com a segunda taça de champanhe a salvou.

– A você, Mouna. Obrigada por jantar comigo.

– Obrigada por me convidar – respondeu Mouna encostando sua taça na de Samir.



## Capítulo 19

Depois do Ano Novo, Amal abriu a caixa postal que havia alugado em Raboueh. Havia algo lá dentro. Seu coração se apertou. Tinha de ser uma carta de Hala Najjar. Ninguém conhecia esse endereço. Ficou morrendo de vontade de abri-la, mas não quis fazê-lo ali. Colocou-a na bolsa e correu para o ônibus. O trânsito estava imensamente lento. De vez em quando abria a bolsa para se certificar de que a carta continuava ali. Era a primeira vez que alguém, além de seus pais ou de Khaled, via um de seus quadros. Estava ansiosa para saber o que a dona da galeria pensava. “E se forem más notícias? E se Hala não tiver gostado? Calma, não desanime”, pensou. Mas não podia evitar. Não conseguia controlar essa sensação de nervosismo na boca do estômago. Por fim, não conseguiu suportar a incerteza. Pegou o envelope, deu uma olhada em volta para ver se alguém a observava, abriu-o e tirou o bilhete. Seu coração começou a bater com força. Louvado seja Deus! Não podia acreditar. Levou a nota ao peito e a apertou com força. Hala havia adorado o *Campo de trigo* e queria ver mais quadros.

Desceu do ônibus e foi dando pulinhos até sua casa. Estava com os óculos pretos comprados com o primeiro pagamento e os fones de ouvido, mas transbordava de alegria. No caminho sorriu para todos os vendedores de frutas e verduras, acenou para eles e ficou dançando nos semáforos vermelhos que encontrou.

- Essa era Amal Abdo? – perguntou o fruteiro ao verdureiro.
- Acho que sim, ou talvez sua gêmea malvada.
- Como, se estava sorrindo?
- Ok, como quiser; era a gêmea alegre.

Continuaram olhando para a jovem que nunca sorria e deram de ombros.

Quando entrou em casa, pegou o bloco de desenho, decidida a pintar, mas depois de algumas horas perdeu a paciência, jogou o bloco na parede e pisou no carvão até reduzi-lo a pó. Por quê? O que estava acontecendo com sua mão? Por que não conseguia desenhar nada que valesse a pena? Só servia para lavar cabelos.

Roger foi vê-la à noite e viu manchas na entrada. Foi à cozinha pegar um copo de água; também havia manchas no chão. Que estranho! Foi até o estúdio, e o tapete branco apresentava um rastro de manchas. O que estava acontecendo? Por que a casa parecia um dalmata?

Ouviu murmúrios na sala de estar e se perguntou se realmente um dalmata teria entrado ali. Entrou com cuidado e encontrou Amal no sofá com o rosto entre as mãos.

– O que aconteceu?

Amal meneou a cabeça sem mostrar o rosto.

– O que foi? Você está bem? – Tentou afastar-lhe as mãos, mas Amal não deixou. – Amal, por favor...

– Não consigo! Minha mão é inútil! Não posso desenhar! Não posso pintar! – gritou indo de um lado para o outro na sala.

Roger notou a mancha preta que deixava a cada passo.

– Amal!

– O que vou fazer se não posso pintar? Do que vou viver? Preciso ganhar dinheiro, e o único jeito é vendendo meus quadros.

– Amal! – gritou Roger.

Amal se calou e olhou para ele.

– Sente-se!

– Por quê? Você sabe o que é não poder pintar mais? Você sabe o que é ver sua paixão destruída?

– Se não se sentar, vou ter de obrigá-la! Sente-se e tire os sapatos!

– O quê? Está louco? – protestou Amal levantando as mãos. – Não quero me sentar.

– Amal – repetiu Roger em voz baixa aproximando-se dela. – Sente-se e tire os sapatos.

A garota resmungou, mas obedeceu.

Roger se agachou e pegou o sapato direito. Ela havia pisado com tanta força no carvão que um pedaço ficara grudado na sola e havia deixado um rastro de manchas pretas.

– Veja! Achei que você tivesse virado a Cruela Cruel.

Amal olhou para o sapato, o tapete e finalmente para Roger. A expressão dele estava tão engraçada que não pôde deixar de rir.

– Agora, conte-me o que aconteceu.

– A mão... Ainda não a controlo para conseguir pintar...

– Já tentou usar a esquerda?

– Não sou canhota – replicou Amal com teimosia.

– Nós temos duas mãos; se a direita não funciona, por que não tentar com a esquerda? Acho que alguns artistas fizeram isso.

– Tarde demais, estou muito velha.

– Nada disso. Venha.

Roger pegou um caderno e dois lápis de sua pasta e lhe entregou um.

– O que quer que eu faça?

– Escreva com a mão esquerda.

– Eu tentei, mas não consigo.

– Tente outra vez – ordenou Roger. – Se quiser, eu também vou escrever. Não há problema nenhum em ser ambidestro.

– E de que me serve escrever com a mão esquerda?

– Talvez aprenda a pintar com ela.

Durante as semanas seguintes, Amal levou outras três telas a Hala. Deixou-as na porta da galeria quando a viu estacionar e esperou até que ela as levasse para dentro.

Nina Abboud estava a caminho do Albergó Hotel quando recebeu uma mensagem de texto de Ahmed dizendo que chegaria atrasado. Puxa, já estava quase lá. Podia ir ao Sursock matar o tempo; Lailah a havia convidado várias vezes, mas não queria ver ninguém conhecido. Era um lindo dia de março, de modo que decidiu dar uma olhada nas galerias da Escalier de l'Art.



Algo muito familiar nos quadros de Hala Najjar lhe chamou a atenção: eram paisagens, um campo de trigo e outro de papoulas, que lhe recordaram Baalbek.

– *Marhaba, ahlan* – cumprimentou uma mulher quando entrou.

– *Bonjour*. Você é a dona?

– Sim, meu nome é Hala Najjar.

– Nina Abboud.

– Sim, eu a conheço, já a vi em fotografias nos jornais.

– Os quadros da vitrine... Posso vê-los de perto?

– Claro, *madame*.

– Quem é o pintor?

– O nome dela é Amal Abdo, é de perto de Baalbek. Infelizmente, é só o que sei por enquanto.

Nina sentiu um nó na garganta. Seria a mesma Amal? A mulher de Khaled? Tinha de ser. Mas não havia morrido em um acidente de carro?

– Você a conhece? – perguntou Nina observando os quadros mais de perto.

– Ainda não, *madame*. Eu lhe escrevi para saber se posso ir a seu ateliê, mas ainda não respondeu. Este é o quadro de que mais gosto – disse apontando para o *Campo de trigo*.

Nina assentiu e colocou os óculos de sol. Não queria que Hala fosse testemunha das emoções que estava sentindo. Amal estava viva, era seu estilo. Jamais havia visto essas breves pinceladas que costumava utilizar. Onde estaria ela? Como ia entrar em contato com ela?

– É extraordinário – conseguiu dizer.

– Este outro é espetacular – comentou Hala levantando um quadro um pouco maior, de papoulas, cujas flores escarlate se recortavam contra uma paisagem dourada e um lindo céu azul estival. – Ela acabou de deixá-los junto com mais dois. Se quiser, posso mostrá-los.

Nina olhou o relógio, precisava ir.

– Quanto custam?

– Trezentas mil libras cada um.

– Eu lhe darei quinhentas mil por cada um e levarei o *Campo de trigo* e o *Campo de papoulas*, com a condição de que entregue à artista as duzentas mil libras de diferença.

Hala arregalou desmesuradamente os olhos. Não podia acreditar, havia acabado de colocá-los na vitrine.

– Quero entrar em contato com ela. Você tem o número de telefone dela? – perguntou Nina enquanto assinava um cheque de um milhão de libras.

– Lamento, *madame Abboud*, só tenho uma caixa postal. Se quiser, posso lhe dar o endereço.

– Vai escrever para ela?

– Sim, hoje mesmo. Tenho de informá-la da venda.

– Ótimo. Pode lhe dizer que Nina Ossairan Abboud quer falar com ela? Dê-lhe este número – pediu entregando um cartão.

– Claro, *madame Abboud*. O que faço com os quadros? Mando entregá-los?

– Vou mandar alguém buscá-los.

Era quase hora do almoço, e Lailah havia passado grande parte da manhã no Sursock decidindo que exposições iam organizar, que quadros estavam interessados em comprar e que novos artistas libaneses deviam expor. Hala Najjar havia mandado um e-mail durante aquela interminável reunião para perguntar se iria vê-la. Queria saber sua opinião sobre Amal Abdo.

Por fim saiu do museu. O motorista estava devidamente posicionado junto ao Range Rover que Rachid lhe havia dado de presente. Ela colocou os óculos de sol e se aproximou.

– Obrigada – disse quando ele abriu a porta. – Vou à galeria Najjar, perto da escadaria da São Nicolau. Espere, Marcos, mudei de ideia. Fica aqui ao lado, e será mais fácil ir andando do que se me levar. Está um dia muito bonito. Depois eu ligo para lhe dizer onde me pegar.

– O que digo ao senhor Hayek? Se perguntar, claro.

Lailah sabia que Rachid lhe pedia informações detalhadas sobre seus movimentos diários, aonde ia, o que fazia, com quem se encontrava... Não entendia por que não perguntava diretamente a

ela, não tinha nada a esconder. Não tinha nenhum caso extraconjugal, nunca havia feito isso nem pretendia fazer. Muitas vezes se perguntava se ele achava que seus amigos se deitavam com ela como vingança porque ele se deitava com suas mulheres. “Eu deveria”, pensou sorrindo, mas sabia que não tinha coragem.

– Diga ao senhor Hayek que fui andando até a galeria Najjar porque estava um dia muito bonito – instruiu Lailah, incomodada por ele perguntar se queria que lhe dissesse a verdade ou não. – Obrigada, Marcos – despediu-se antes que o motorista pudesse reagir.

Sabia que ficaria olhando para ela até que virasse a esquina da igreja de São Nicolau. Era impossível estacionar na *rue* Surssock; senão, ele a teria seguido para se assegurar de que ia aonde havia dito que ia. “Que puxa-saco!”, pensou Lailah meneando a cabeça e aproveitando a brisa no rosto e nas pernas, alheia ao alvoroço que estava provocando, pois os motoristas paravam para olhar para ela e alguns assobiavam e a paqueravam.

– Hala – cumprimentou ao entrar na galeria.

– Lailah! Prazer em vê-la. Não sabia se você poderia vir. Passaram-se semanas.

– Desculpe – disse Lailah, e lhe deu três beijinhos –, o tempo voa. Os membros da junta demoram uma eternidade para tomar uma decisão – explicou enquanto deixava a bolsa sobre um monte de papéis na mesa. – Você está lindíssima.

– Obrigada, *habibti*, você também.

– *Haraam!* – exclamou Lailah ao se lembrar de algo. Voltou rapidamente à bolsa, pegou o Blackberry e olhou para Hala. – Maldição, esqueci!

– O que foi? Aconteceu alguma coisa?

– Não, é que tenho de ir a uma festa com Rachid hoje à noite e esqueci completamente. Não tenho tempo de ir ao Alexandre para fazer o cabelo e voltar para casa. Qualquer outro dia não me importaria, iria com ele preso, mas é uma “daquelas” festas, você sabe. – Hala assentiu. – É muito importante, e todas as mulheres

vão estar muito arrumadas. Espere, vou ao Cleópatra. Fica na *rue Gouraud*. Além do mais, gosto mais de lá que do Alexandre.

– Você conhece esse salão? – perguntou surpresa.

– Um dia estava com muita pressa, saindo do Sursock, e precisava me arrumar rápido. Alguém o recomendou, mas não lembro quem.

– Que coincidência, porque eu também queria ir lá mais tarde. Nunca fui, mas quero experimentar; é muito prático para mim.

– Você precisa ir, Mouna é fantástica. Nadine Safi, uma amiga minha, também frequenta. De fato, pretendia trazê-la um dia, mas o tempo passa voando.

– Irei, sim. Se você também é cliente, deve ser ótimo. Agora, dê uma olhada nos quadros.

– Tudo bem.

– Tome, ligue para o Cleópatra e marque uma hora – sugeriu Hala passando-lhe o telefone.

– Ótimo. Onde está esse novo achado? – perguntou Lailah depois de desligar.

– Você vai adorar. E o mais interessante é que não sei nada dela. É um mistério, ela me manda os quadros por uma entregadora.

– E por que não vem ela mesma?

– Não faço ideia. Talvez porque não more aqui, mas não tenho certeza.

As duas mulheres foram de braços dados até o fundo da galeria. Hala afastou o grosso tecido de algodão que cobria o primeiro quadro, e Lailah deu um grito abafado. Era uma tela de um metro por um e meio, com uma paisagem espetacular centrada em um campo cheio de girassóis. Os olhos de Lailah se arregalaram e ela passou o dedo pelos tons de laranja e amarelo antes de se afastar para vê-lo em conjunto.

Hala começou a tirar os panos dos outros; nenhum tinha o mesmo tamanho, mas todos eram extraordinários. Viu o *Campo de trigo* e o *Campo de papoulas* que Nina havia comprado; o quarto era uma vinha com exuberantes verdes e marrons.

Lailah foi de um quadro a outro para formar uma opinião.

– São maravilhosos. É a melhor coisa que vi nos últimos tempos. São muito simples, mas, ao mesmo tempo, muito elegantes. Não lhe fazem recordar o vale do Beqaa?

– É Beqaa. Amal é de perto de Baalbek.

– Vou tirar uma foto com o telefone, mas acho que você deveria organizar uma exposição. Tem mais? Porque, se tiver, poderia ir para o museu como uma das novas promessas libanesas.

– Espero que sim. Eu lhe escrevi pedindo mais.

– Escreveu? Não pode ligar para ela?

– O único jeito de entrar em contato com ela é por meio de uma caixa postal. Aliás, estes dois estão vendidos.

– O quê? Quem os comprou?

– Nina Abboud.

– A mulher de Charley Abboud? Quando?

– Foi muito estranho. Ela apareceu de repente há pouco.

– Nina? Aqui em Gemmayzeh? O que ela fazia deste lado da cidade?

– Não sei, acho que tinha um compromisso. Parecia estar com pressa.

– E por que não me ligou? – perguntou Lailah surpresa; era a segunda vez que a via nesse bairro. – Ela sabe que trabalho no Sursock, e mandei centenas de e-mails convidando-a para todo tipo de eventos.

– Foi muito estranho. Ela se emocionou muito ao ver os quadros, como se conhecesse a artista.

– Você perguntou?

– Não, não me pareceu adequado. Ela colocou os óculos de sol, e acho que foi para que eu não visse como estava perturbada.

Lailah assentiu.

– Ela me pediu para dizer à artista que entre em contato com ela e pagou um milhão de libras pelos dois quadros.



## Capítulo 20

Mouna estava sentada na cadeira do balcão pensando se pintava as unhas de novo.

– Amal? – chamou, e a assistente apareceu por trás de uma coluna, de vassoura na mão. – *Ya Allah!* Por que sempre me dá esses sustos? – A garota deu de ombros. – Da próxima vez, faça barulho para eu saber onde está – repreendeu-a. Ao beliscar a cutícula com o alicate quebrou acidentalmente uma unha. – Ai! Veja o que me fez fazer.

– Eu não fiz nada, foi você. Por que põe a culpa em mim? – inquiriu Amal em seu irritante tom habitual.

Mouna bufou. Por que ela queria ter sempre razão?

– Você viu Claudine?

– Não – respondeu Amal depois de acender um cigarro.

– Por que você precisa fumar? – protestou Mouna, afastando a fumaça.

Amal olhou para ela e continuou fumando.

– É um hábito nojento. Viu Ghida e Nisrine? – Amal meneou a cabeça sem parar de soltar fumaça. – O que será que aconteceu com elas? Faz dias que não vêm. – Amal deu de ombros. – Você sabe de alguma coisa?

A garota negou com a cabeça de novo e continuou varrendo. Depois de um tempo, quando estava arrumando a unha quebrada, ouviu:

– Talvez elas estejam bravas.

– Por quê? – perguntou Mouna, pulando da cadeira. – O que você fez?

Amal deu de ombros.

– Você sabe de alguma coisa e não quer me contar.

– Não.

– Então, por que disse que estão bravas?

– Porque é o motivo pelo qual as pessoas deixam de ir aos lugares onde costumam ir: ou estão bravas ou mortas.

– Amal, por que você é tão pessimista?

– Realista – corrigiu Amal, enquanto continuava com seu trabalho.

– Vou descobrir o que aconteceu.

– A curiosidade matou o gato.

– Eu ouvi!

Percorreu o bairro de cima a baixo perguntando por Ghida e Nisrine, e todo mundo as havia visto. Estiveram na mercearia, no fruteiro, no verdureiro... E, segundo todos, estavam bem, assim como os maridos. Voltou e contou a Amal.

– Então, se não estão mortas, estão bravas – concluiu ela.

– Mas por quê? O que eu fiz? Elas vinham todos os dias.

– São apegadas, mesquinhas e egoístas.

– Não exagere. São umas velhinhas encantadoras.

– Ah, é?

– Sim.

– Se quer acreditar nisso...

– O que você sabe que não quer me dizer?

– Nada.

– Se sabe de alguma coisa, diga, por favor.

– Acho que andaram usando você, e você deixou.

– Como?

– Você vive arrumando o cabelo delas, as unhas e faz tudo de que necessitam, e elas nunca lhe pagam o que devem.

– E o que isso tem a ver com o fato de terem deixado de vir?

– Não percebe? Antes não pagavam ou pagavam uma parte do que deviam, e você aceitava ou esquecia; mas agora que anota tudo, pararam de vir.

– Mas elas pagam – insistiu Mouna, embora soubesse que Amal tinha razão, de novo.

– Quando souberam que *madame* Sayah viria, queriam transformar o salão em uma confeitaria, e você não deixou, o que, aliás, foi certo.

– E daí?

– Elas acharam que poderiam descobrir quando viria para encher o balcão de *mamul*, *nammura* e o que quisessem.

– Acho que eu poderia ter lhes feito esse favor.

– Não, você fez o que devia. Elas são déspotas e egoístas. Isto é um salão de beleza, onde *madame* Sayah vem relaxar, não é um mercado. Se ela quer comprar doces, sabe onde encontrá-los.

– Sim, mas eu me sinto mal – disse deixando-se cair na cadeira do balcão. – *Madame* Sayah descobriu o Cleópatra graças a elas.

– Não, foi porque você fez o favor de deixar que ela pegasse os doces aqui, em vez de na casa delas, na frente dos maridos resmungões.

– Acha mesmo que elas não vêm mais por isso?

– Sim, estão bravas porque você não deixa mais que a explorem. Mas não se preocupe; quando precisarem de algo de você, vão voltar.

Ouviu-se a campainha de bicicleta. Mouna se virou para ver quem era.

– *Madame* Hayek! *Ahlan*. Bem-vinda. Não a esperava tão cedo.

– Desculpe, cheguei um pouco cedo. Acabei tudo o que tinha para fazer e preferi não esperar. Tudo bem?

– Claro, é sempre agradável vê-la. Permite que guarde suas sacolas?

– Muito obrigada, vou entregá-las a Amal – disse dirigindo-se à garota, que ficara paralisada. – *Kifek*, Amal.

– *Hamdellah*, *shukran* – murmurou.

Estava muito constrangida. O que ia acontecer se *madame* Hayek perguntasse a Mouna sobre ela? A cabeleireira não teria nem ideia do que estaria falando. “Por que sou tão tola? Ela é a mulher mais importante do Sursock”, repreendeu-se.

– Adorei seus óculos. São Prada?



– Falsos – respondeu Amal, colocando-os na cabeça; não podia usá-los na frente de *madame* Hayek.

– Não conte a ninguém, parecem de verdade – disse, enquanto Amal lhe colocava um avental e uma toalha em volta do pescoço.

– Deseja uma massagem, *madame*?

– Seria pedir demais?

– Não, claro que não.

Enquanto aplicava o óleo de que todas tanto pareciam gostar, não sabia se lhe dizia que era pintora, e que Hala Najjar tinha alguns de seus quadros.

– Acho que você vai ter mais clientes esta tarde – comentou Lailah para puxar conversa.

– É mesmo?

“Ela é muito taciturna. Tentar falar com ela é como arrancar-lhe um dente”, pensou Lailah.

– Sim, uma amiga minha, Hala Najjar.

Amal engoliu em seco.

– Ela tem uma galeria aqui perto. Estive lá hoje à tarde; na verdade, estou vindo de lá.

As mãos de Amal tremiam tanto que derramou parte do óleo na pia.

– Ela é fantástica, uma grande amiga.

A garota começou a massagear a cabeça de Lailah.

– Gosta de arte? – Por sorte não podia ver o rosto de Amal.

– Ela descobriu uma pintora incrível. O nome dela é Amal, como você. Amal Abdo. É extraordinária. Seus quadros são divinos, elegantes...

Amal deixou cair a garrafa de óleo, que se quebrou.

– Desculpe – murmurou antes de pegar a vassoura e varrer os cacos de vidro. Por sorte, a garrafa estava vazia.

– O que aconteceu? – perguntou Mouna.

– Foi um acidente – intercedeu Lailah. – As mãos de Amal estavam cheias de óleo, e a garrafa escorregou.

– Tenha cuidado com os cacos – aconselhou Mouna, e foi para a frente do salão.

- Desculpe, *madame* Hayek – disse Amal.
- O que você tem? – perguntou Lailah com a cabeça apoiada na pia para que ela continuasse a massagem.
- Nada. Como disse, foi um acidente.
- Você é de Beirute? – perguntou depois de uns minutos de silêncio.
- Não.
- De onde é?
- De Deir el-Ahmar.
- Onde fica?

“O que há com ela? Ela se mostra distante e reservada; porém, há algo nela que me agrada. Parece inteligente, trabalha bem, é eficiente, não como essas garotas adadoras do Alexandre que puxam conversa para ganhar uma gorjeta”, pensou Lailah.

- No vale do Beqaa.
- É onde você cresceu?
- Sim.
- Quanto tempo morou lá?
- Não muito.
- Você estudou para ser esteticista?
- Não.
- Estilista?
- Não.

Lailah suspirou, e as duas ficaram em silêncio.

- Conhece o museu Surssock? – Sentiu que Amal aumentava a pressão da massagem, mas não respondeu. – Amal?
- Sim, *madame* Hayek.
- Conhece o Surssock?
- Sim, *madame* – admitiu depois de um momento.
- Então, você gosta de arte – comentou Lailah, em um tom mais animado.
- Sim, *madame*. Como todo mundo.
- Nem todo mundo gosta de arte, posso garantir. – Fez uma pausa. – De que tipo de arte você gosta?
- De tudo.

– Algum período em especial?

Amal estava tímida, não sabia o que dizer. Era a oportunidade pelo qual tanto havia esperado, e não sabia como reagir. Lailah Hayek, a pessoa mais influente no museu mais importante para os artistas libaneses, estava fazendo perguntas sobre arte, e ela só respondia com monossílabos. “Meu Deus, ajude-me! O que faço?”

– No Sursock temos umas exposições itinerantes muito boas, e também permanentes, de artistas libaneses, evidentemente. Adoro ajudar os jovens com talento.

– *Madame* Hayek... – gaguejou Amal.

– Sim?

– *Madame* Hayek... Eh... Eu queria perguntar se...

– Sim, Amal – estimulou Lailah.

– Eh... a temperatura da água está boa?

– Sim, está bem, *merci*.

Lailah ficou perplexa. Amal era uma garota muito estranha.

Amal começou a lavar a cabeça de Lailah suavemente, mas com firmeza, debatendo-se sobre o que fazer. Não só não sabia o que dizer, mas também não sabia como dizer. Estava penteando-a antes de colocar uma toalha morna na cabeça dela quando o telefone de Lailah tocou.

– Hala! Sim, *habibti*... Estou no Cleópatra. Fantásticas notícias... Excelente... Bem, quanto antes localizar essa artista tão esquiva, melhor. Diga a ela que nos mande todos os quadros que puder. Sim, vou ajudá-la a organizar a exposição, evidentemente. Acha que vou deixar você levar todo o crédito? Sim, diga a ela também que quero propô-la para o Sursock... Ok, *habibti*, depois nos falamos. *Yallah!* Era minha amiga Hala – explicou. – Outra amiga minha, Nina Abboud, acabou de mandar seu motorista buscar dois quadros de Amal Abdo. Ela pagou um milhão de libras por eles.

Ouviu-se um grande estrondo. Amal havia tropeçado e derrubado todas as garrafas de plástico e as caixas das prateleiras.

Mouna estava folheando uma revista e esperando Amal acabar de lavar o cabelo de Lailah quando a porta se abriu, e um homem

entrou. Apesar do calor, usava terno e gravata, e parecia um funcionário público.

– Estou procurando Mouna Al-Husseini.

Mouna se levantou com um nó no estômago. Sabia que vinha da parte da prefeitura para cobrar o imposto. Certificou-se de que Lailah e Amal não estivessem por perto, porque ia mentir para ele.

– Hoje ela foi para casa mais cedo.

– Quando volta? – perguntou o homem semicerrando os olhos.

– Vai levar algumas semanas. Uma emergência familiar.

– Quando volta exatamente?

Mouna sabia que Amal levaria Lailah até ela em pouco tempo; se a ouvissem, estava perdida. Aproximou-se do homem, pegou-o pelo cotovelo e o levou para a porta.

– Darei o recado a *madame* Al-Husseini.

– Quem é você?

– Sobrinha dela – respondeu, e, pouco depois, ouviu um grande estrondo.

Lailah estava chegando. Onde diabos estava Amal?

– Bem, não sei... mas se é da família...

“*Ya Allah!* Qual o problema desse homem? Por que é tão lento?”

Começou a ficar nervosa e fez um gesto a Lailah para indicar que já estava indo.

– Lamento, preciso ir. Ou me diz o que tenho de comunicar a *madame* Al-Husseini, ou terá de voltar daqui a dois meses.

– Dois meses?

“Era o que faltava, ainda por cima é tolo!”, pensou, enquanto colocava a mão nas costas dele para tirá-lo dali.

– Da próxima vez, avise antes de vir. Não fazemos depilação com cera para homens – disse em voz alta antes de fechar a porta.

Respirou fundo antes de se voltar para Lailah e Amal. Lá fora, o homem olhava pelo vidro, mas Mouna baixou a porta de ferro.

– É incrível, certas pessoas não aceitam “não” como resposta.

Não percebeu que suas mãos tremiam até pegar uma escova redonda. Amal reparou.

– O que aconteceu? Parece que tiveram uma longa conversa – perguntou Lailah.

– Nada, era um homem que queria depilar as costas. Alguém havia lhe recomendado este salão – explicou.

Suas mãos tremiam tanto que deixou cair a escova.

– Por favor, Mouna – interveio Amal. – Importa-se de dar uma olhada no gerador? Eu atendo a *madame* Hayek, se ela não se importar, claro.

Lailah deu de ombros em sinal de aprovação. Mouna se retirou e se sentou junto à mesa de depilação. Não percebia como estava nervosa, suas mãos tremiam, e seu coração estava acelerado. Havia mentido ao homem da prefeitura. Precisava arranjar o dinheiro.

Não queria vender o bracelete da tia, mas com certeza teria de fazê-lo. Havia ignorado todas as cartas da prefeitura, mas seu tempo havia acabado. Contudo, por ora, tinha de cuidar de *madame* Hayek. Graças a Deus contava com Amal. Inspirou profundamente e voltou.

– Pronto, Amal. Estava tudo certo. Agora, *madame* Hayek – disse Mouna com um grande sorriso. – O que quer fazer hoje?

Amal foi para os fundos organizar as garrafas e caixas que haviam caído. Seu coração batia a tal velocidade que tinha certeza de que Lailah havia notado. Depois, perguntou a Mouna se podia ir comprar um chá.

– Pode trazer um para mim também? – pediu Lailah buscando a carteira na bolsa.

Amal assentiu. Na realidade, havia pensado em passar um tempo no café Arabica para se acalmar, mas não tinha remédio senão voltar com o chá.

– Desculpe a demora, *madame*. O café estava cheio – desculpou-se ao voltar.

– Não tem problema.

Ao pegar a xícara, Lailah reparou que os dedos da mão direita de Amal tinham uma forma estranha.

– O que aconteceu?

– Sofri um acidente – respondeu Amal escondendo-a rapidamente.

– Lamento. Mesmo assim, faz seu trabalho maravilhosamente.

– Obrigada, *madame*.

– Quer que passe spray, *madame* Hayek? – perguntou Mouna, enquanto ajustava o secador.

– Não, obrigada. Assim está bom.

Mouna posicionou um espelho atrás de Lailah para que se visse melhor.

– Ótimo, obrigada.

Tocou o celular de Mouna. Ela o pegou para ver quem era.

– Com licença um instante, *madame* – Lailah assentiu. – Amal, pode preparar a conta de *madame*, por favor? Volto logo.

– Obrigada, Amal, a massagem foi excelente. Recomendarei a Hala.

Amal engoliu em seco.

– Um momento, você disse que era do vale do Beqaa, não é?

Amal assentiu.

– Você sabe onde ficam esses campos? – perguntou mostrando-lhe as fotografias que havia tirado com o celular.

Amal não pôde continuar escondendo sua identidade.

– Foi você que pintou, não foi?

Amal franziu os lábios e assentiu.

– Por que não me disse?

Amal deu de ombros.

– Seus quadros são extraordinários. Você tem muito talento. Acredite, vejo um monte todos os dias, e os seus têm algo muito especial.

Amal não conseguiu olhar para ela, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Revelam uma sensibilidade muito especial, algo muito quente. Você demonstra o amor que sente pelo que pinta. – Lailah fez uma pausa. – Estou falando sério. Hala vai organizar uma exposição na galeria e certamente vai vender tudo.

– Por favor, *madame*, não conte a ninguém.

– Por quê? Você devia estar orgulhosa, gritar aos quatro ventos.

– Não sei, *madame*... Ninguém nunca viu meus quadros antes além de meu marido e meus pais. Eu sempre achei que me diziam

que eram bons para me agradar.

– Olhe, estou falando muito sério. Não só Hala vai ajudá-la, como eu vou propô-la para o Sursock. – Amal ficou sem fala. – Não diga nada. Quantos quadros você pintou? Na galeria de Hala há cinco, quantos tem em casa?

– Só mais três.

– Com isso são oito. Vai ter de pintar mais. Vai precisar de pelo menos mais quatro para a exposição.

– Não posso, *madame* – disse Amal, colocando os óculos para que ela não visse suas lágrimas.

– Por quê?

– Não consigo fazer nada com a mão direita.

– Ah, lamento. Fez fisioterapia? Acho que seria bom. Devo conhecer alguém...

– Estou fazendo – confessou Amal, olhando em volta para ver se Mouna estava ouvindo.

– E?

– Não estou avançando muito.

– Cada coisa a seu tempo. Agora, precisamos dar um jeito de você voltar a pintar – insistiu Lailah. – Seria horrível que não pudesse. Vou falar com Hala para ver se tem alguma ideia, e, na pior das hipóteses, com o marido dela para que pergunte a seus conhecidos, inclusive no estrangeiro. Se encontrarmos alguém que a possa ajudar, vai poder pagar?

– Trabalho porque preciso de dinheiro, *madame*.

– Deixaria que eu a ajudasse?

– Depende, *madame*.

– Bem, se Hala vender os oito quadros, estaria disposta a largar este emprego e investir em algo que a ajude a pintar de novo?

– A pintura é minha vida, *madame*. Faria o que fosse preciso para voltar a pintar.

– Bem, como já disse, Hala vendeu dois. A propósito – comentou ao lembrar que Nina queria entrar em contato com Amal –, a mulher que os comprou, Nina Abboud, quer conhecê-la. Este é seu número – disse entregando-lhe o papel onde o havia anotado.

Amal o observou em silêncio.

– Você conhece Nina? Ou Nina conhece você?

– Nina Ossairan era a melhor amiga do meu marido – explicou, enquanto uma lágrima caía sobre o papel.

A campainha de bicicleta tocou, e Claudine entrou com um lenço na cabeça e um papel na mão.

– Obrigada, *madame* Hayek – despediu-se Mouna. – Amal, pode acompanhá-la até a porta? *Tante* Claudine, prazer em vê-la. Faz tempo que não vem, sentimos sua falta.

– O que está acontecendo? Fico uns dias sem vir, e você apronta?

– Como? – perguntou Mouna perturbada.

– O que significa esta carta? Por que a mandou?

– *Madame* Claudine, eu não pretendia ofendê-la. Só queria saber se estava bem.

– Não preciso de sua compaixão. Estou bem. Por que não estaria? Só porque não venho uns dias ao salão acha que estou doente?

– Mas *tante*...

– E não me chame assim, não somos parentes.

– Por favor, *madame* Claudine. A senhora vem às duas e meia todos os dias desde que abri e, de repente, desaparece sem dizer uma palavra... É normal que me preocupe com a senhora.

– Por quê? Por que vai se preocupar com uma velha como eu?

– Porque, *tante*, perdão, *madame* Claudine, a verdade é que gosto muito da senhora. Sei que é minha senhoria, mas...

– Ahá! É porque sou sua senhoria. A única coisa que pretendia era ser gentil comigo porque não pode pagar o aluguel este mês. Ou quer que lhe empreste dinheiro.

– Não é isso, *madame* Claudine.

– Não tem dinheiro para o aluguel porque precisa pagar o imposto, e não tem dinheiro para as duas coisas.

– Não é verdade.

– Ah, não? Então, por que mentiu para o coletor? – disse Claudine com as mãos na cintura.

– Não menti abertamente. Foi uma mentira pequena.



– Uma ova! Você disse que era sobrinha de Mouna, que ela ia se ausentar por uns meses por uma emergência familiar.

– Mas só porque preciso de tempo para arranjar o dinheiro.

– E você acha que ele acreditou? Pois, para que saiba, não acreditou. – Mouna não sabia o que dizer. – Graças a essa mentira, como sou sua senhoria, eu vou ter de pagar. E não pretendo fazer isso. Não estou nem aí se vão fechar seu salão.

– *Madame* Claudine, estou juntando o dinheiro. Trabalho muito, tenho novas clientes...

– Por favor! Só porque sou uma velha não quer dizer que me deixo enganar.

– *Madame* Claudine, não estou tentando enganá-la, em absoluto.

– Então, se não queria nada de mim, por que escreveu esta carta? Sei que foi porque não tinha dinheiro e queria me fazer acreditar que estava preocupada comigo. Assim, quando chegasse a hora de pagar, eu me comoveria e a ajudaria.

– Mas, *madame* Claudine... – protestou Mouna à beira das lágrimas.

– Não se meta em minha vida – advertiu Claudine brandindo um dedo acusatório.

– Não me meto – defendeu-se Mouna com lábios trêmulos.

– Sabe, *madame* Claudine – interrompeu Amal –, ela escreveu essa carta porque se preocupa de verdade, mas a senhora está tão amargada e é tão egoísta que não pode acreditar que alguém se preocupe.

– Não se meta comigo, lavadora de cabelo.

– Eu estou só começando – respondeu Amal.

– Por favor, Amal – Mouna tentou interceder.

– Está doente e acha que as pessoas vão ter dó da senhora. Pois saiba que Mouna se preocupou com a senhora porque não sabe que está doente. Só queria ver se estava bem. E, se acha que é por dinheiro, está enganada. Ela não precisa de seu dinheiro ou de sua compaixão porque podemos pagar. Tome! – gritou Amal jogando na cara de Claudine a nota de cinquenta mil libras que Lailah havia deixado. – Aí está! Agora me diga o que vai fazer com ele quando

estiver comendo capim pela raiz, miserável! – Claudine olhou para ela boquiaberta. – E não me importa que seja uma velha. Não tenho respeito pela senhora porque não fez nada para mostrar que o merece. Não tem o direito de tratar Mouna assim nem de acusá-la sem fundamento. Lamento que esteja doente, não desejo isso a ninguém, mas se não aceita que alguém se preocupe com a senhora merece ficar sozinha e ser testemunha de sua vida miserável. Nem tudo na vida é dinheiro.

– Claro que é! E não estou doente. Uso este lenço porque essa idiota estragou meu cabelo, e agora estou careca – gritou Claudine acusando Mouna. – Quer ver que horrível? Pois vou lhe mostrar, foi por isso que ela escreveu a carta – disse enquanto tirava o lenço.

Estava completamente careca, mas Amal sabia que não tinha nada a ver com a cabeleireira.

Mouna, que ignorava que aquilo se devia à quimioterapia, achou que era por causa do descolorante que havia usado. Ficou sem fôlego e escondeu o rosto entre as mãos.

– *Tante* Claudine, sinto muito, vou lhe fazer uma peruca.

– Você só se preocupa com você. Neste mundo, as pessoas só se preocupam consigo mesmas ou com dinheiro. A única coisa que conta é o dinheiro. O dinheiro e a cobiça é que motivam as pessoas – sentenciou antes de enfiar a nota no bolso do roupão, pôr o lenço e ir embora.

– O que foi que eu fiz? Ela está careca por minha culpa? – perguntou Mouna desfeita em lágrimas.

– Não, é por causa da quimioterapia. Ela tem câncer. Está escrito em seu rosto – respondeu Amal.

– Como você sabe?

– É óbvio, basta ver os olhos e a pele dela. Não estou inventando, eu a vi entrar no Departamento de Oncologia do Centro Médico da UAB.

– E o que estava fazendo ali?

– É uma longa história. Vou ao edifício ao lado fazer fisioterapia para a mão direita – confessou, não sabendo se devia lhe contar tudo. Inspirou e se sentou diante da chefe. – Sou artista, pintora. Há

alguns anos sofri um acidente e não posso mais pintar com a mão direita. Os fones de ouvido, os óculos... eram para me isolar do mundo. Eu estava cheia de amargura e autocomiseração, mas chegou a hora de me abrir e aproveitar a segunda chance que me foi concedida.

Nina olhou para os dois lados antes de sair do Albergo Hotel. Sentia-se maravilhosamente bem. Havia passado uma tarde prazerosa nos braços de Ahmed e preferia não ter de ir embora. Tentara se levantar da cama várias vezes, mas ele a segurava, e seu simples toque tornava impossível que se negasse. Estava atrasada. Ainda em chamadas e eufórica, correu para a esquina para chamar um táxi sem que ninguém a visse. Preferia não ter de chamar o motorista e dar um monte de explicações por estar em Gemmayzeh.

– Nina! – Ouviu alguém chamá-la e rapidamente colocou o celular na orelha para fingir que estava falando. – Nina! – Ouviu de novo, acompanhado de uma sonora buzina.

“Ora! Seja quem for, está de carro. Se eu não chegar logo à rua Lebanon, vai me alcançar”, pensou. Era uma voz muito familiar, mas não se atreveu a se virar.

Um Ford Explorer preto acelerou e freou cantando os pneus junto a ela. Nina fingiu continuar falando e se surpreendeu ao ver Samir, seu enteado, acenando da janela do carro.

– Samir! – cumprimentou desconcertada. O que ia lhe dizer? – Imaan, acabei de encontrar Samir. Ligo depois – disse ao telefone e fingiu escutar algo enquanto procurava uma desculpa que justificasse sua presença em Gemmayzeh. – *Tāyeb, habibti*. Ok, *yallah!* Tchau. – Desligou e tirou os óculos de sol. – Samir, que surpresa! O que você faz deste lado da cidade? Não sabia que andava por Gemmayzeh.

– Sim – disse ele dando-lhe um abraço. – Estou trabalhando em dois assuntos com um jordaniano que está hospedado perto daqui e tenho uma amiga no bairro.

– Que curioso.

– Faz semanas que não a vejo – comentou ele com um grande sorriso. – Aonde vai? Posso levá-la a algum lugar?

– Eh... não... – respondeu Nina olhando a sua volta.  
– Não estou vendo seu carro.  
– É que havia tanto trânsito que o motorista me deixou perto da Escalier de l'Art e vim andando.  
– E o que faz aqui? Fica um pouco longe de casa, não?  
– Sim – respondeu Nina tentando arranjar um pretexto.  
– E?  
– E o quê?  
– O que faz por aqui...  
– Ah! – exclamou Nina dando uma risadinha nervosa. – Imaan descobriu um salão de beleza, e, como vou a uma festa hoje à noite, queria experimentar. Mas não o encontrei, por isso estava falando com ela.  
– Não me diga que se chama Cleópatra – comentou Samir sorrindo.  
– Como você sabe?  
– É que... – balbuciou ficando vermelho. – Estou saindo com a dona.  
– O quê?  
– Sim, ela é maravilhosa.  
– Não acredito!  
– Na verdade, ia vê-la agora.  
Nina ficou de queixo caído.  
– Se quiser, posso levá-la.  
– Muito obrigada – disse Nina enquanto entrava na SUV.  
“Maldição, agora vou ter de lavar e pentear o cabelo!”. – Há quanto tempo estão juntos? – perguntou para centrar a conversa na vida amorosa dele.  
– Não muito – respondeu Samir, e contou como a havia conhecido.  
Chegaram ao Cleópatra e entraram juntos.

Mouna achava que seria uma tarde tranquila. Havia pegado o livro de contabilidade e estava conferindo os gastos mensais. Colocou o lápis na orelha e começou a digitar na calculadora. Continuava no vermelho. Estava mordiscando o lápis olhando para a calculadora

quando ouviu a campainha. Surpreendeu-se muito quando viu Nina com Samir. Não esperava por ele, e muito menos por ela.

– *Marhaba*. Surpresa? – perguntou Samir.

– Claro, não o esperava. *Marhaba, ahlan*.

– Minha madrasta, Nina Abboud, a linda mulher de quem lhe falei no jantar.

Mouna sorriu e esperou que Nina fizesse algum sinal. Não havia dúvida de que as normas do salão lhe serviam muito bem.

– Minha amiga Imaan Sayah é cliente e me aconselhou que viesse – disse Nina como pretexto.

– Fico feliz, *madame*.

– Tentei ligar para marcar um horário, mas devo ter anotado o número errado. Pode me atender agora?

– Claro, *madame*, será um prazer. Venha comigo, por favor – disse, enquanto fazia um gesto a Samir para que esperasse.

– Muito obrigada – sussurrou Nina quando a ajudou a pôr o avental plástico.

– Por que, *madame*?

– É a segunda vez que você age com discrição sobre minha presença na *rue Gouraud*. É que... bem... é um pouco complicado; é alguém que conheço bem... mas... isso... é uma amizade importante. Como posso explicar? É...

– Por favor, *madame* Abboud – interrompeu-a Mouna.

– Pode me chamar de Nina, por favor.

– Nina, não precisa explicar nada. Estamos felizes em vê-la.

Obrigada por vir. Vou buscar Amal, espere um instante.

Nina se sentou em uma das cadeiras e pegou uma revista.

– Amal! – gritou enquanto ia para os fundos, onde a encontrou pendurando toalhas. – Temos uma cliente.

– Estou indo.

– Encontrei minha madrasta na *rue Gouraud*. Ela estava procurando o salão – comentou Samir quando Mouna voltou ao balcão.

– Ah, é? – perguntou com um sorrindo maroto. – E o que você estava fazendo ali? – continuou para afastar a conversa de Nina.

– Estava observando com fins suspeitos.  
– Suspeitos?  
– Com o fim de perguntar a uma linda garota se tinha tempo de tomar um café – confessou tocando o rosto dela e olhando-a nos olhos.  
– Ela tem, mas não muito.  
– Que tal um jantar?  
– Não sei, não estou vestida para sair e não trouxe nada bonito para me trocar. Também não dei nenhuma desculpa a minha mãe, e ela deve estar me esperando.  
– Desculpa? Não pode lhe dizer simplesmente que vai sair para jantar?  
– *Haraam!* Estamos no Líbano, não nos Estados Unidos. Minha família é muçulmana. Aqui não temos encontros, a não ser que estejamos noivas, e mesmo assim não são vistos com bons olhos.  
– Um momento... Na outra noite, quando fomos jantar, sua mãe não sabia?  
– Está louco? Claro que não.  
– Mas você é grande o suficiente para saber com quem quer sair.  
– Essa não é a questão. Aqui as coisas são assim.  
– Então, minha pequena rebelde, vamos infringir as normas de novo e tomar um café onde você quase quebrou meu nariz? – propôs Samir, oferecendo-lhe o braço.  
Mouna começou a rir.  
– Sim, já vamos. Vou ver por que Amal não foi atender sua madrastra. Amal! Vou tomar um café com Samir! Pode lavar a cabeça de *madame* Abboud? Volto em meia hora.  
Amal ficou paralisada quando ouviu esse nome. *Madame* Abboud? Nina Abboud? Olhou o papel que Lailah havia lhe dado com o número de telefone. Fechou os olhos para evitar que as lágrimas caíssem. “O que está fazendo aqui?” Por acaso, Amal não estava presente quando havia ido depilar o buço nem quando fora buscar Imaan Sayah. Esperou ouvir a campainha de bicicleta que anunciou que Mouna já tinha saído. Não podia encontrar Nina na frente dela.

Aproximou-se pouco a pouco e olhou para ela pelo espelho. Nina levantou os olhos.

– Senhorita Nina... – foi a única coisa que conseguiu dizer antes de as lágrimas a sufocarem.

Nina não disse nada. Levantou-se e abraçou a jovem, que não parava de soluçar. Ao vê-la, recordou Deir el-Ahmar e Khaled, e a dor e o sofrimento que havia sentido nos meses seguintes a sua morte.

– Senhorita Nina – repetia sem parar –, tenho tanta saudade dele. Não suporto ficar sem ele. Por que ele teve de ir sem mim?

Nina não encontrou resposta. Também tinha os olhos inundados de lágrimas, mas fez tudo o que pôde para acalmá-la acariciando-lhe o cabelo.

– Tudo vai ficar bem, Amal.

Quando Amal se acalmou, Nina a sentou em uma cadeira e lhe deu uma garrafinha de água que levava na bolsa, e um lenço.

– Beba e assoe o nariz.

– Parece que estou de novo no convento – comentou Amal, dando uma risadinha.

– É verdade. Estou muito feliz em vê-la. Não acredito que a encontrei. Eu a teria procurado, mas não sabia que estava em Beirute. Achei que você tivesse morrido no acidente – explicou com a voz embargada de emoção. – Vim duas vezes aqui, é estranho que não a tenha visto. – Amal continuou secando os olhos em silêncio. – Não é o lugar nem o momento, mas precisamos nos encontrar e conversar bastante. Por ora, só digo que estou muito feliz de vê-la de novo. Você não pode imaginar como me senti ao ver seus quadros na galeria Najjar.

– Obrigada por comprá-los.

– São extraordinários. Eu sempre soube que você tinha talento, mas esses são... Não tenho palavras para descrever.

– Obrigada.

– Ainda guardo o desenho de flores que você fez quando tinha 8 anos – confessou enxugando uma lágrima. – Estamos Khaled, a irmã

Angélique e eu; ganhei de Khaled quando entrei no ônibus para Beirute, há quinze anos.

– Oh, não! – Amal riu em meio ao choro.

– Olho para ele com muita frequência. Está no meu criado-mudo.

– Obrigada, senhorita Nina.

– Agora sou só Nina. – Amal se levantou e se jogou em seus braços. – Não vou perdê-la de novo. Onde você mora? Precisa de uma casa? De dinheiro? O que posso fazer por você?

– Estou bem, de verdade. Só quero voltar a pintar.

– Por quê? O que aconteceu? – perguntou Nina preocupada.

Amal lhe contou o que havia acontecido no acidente; falou de Heba, do doutor Hayek, que morava em sua casa de hóspedes e que trabalhava no Cleópatra.

– Nossa, quanta coisa!

– Tenho um grande segredo – disse Amal, tentando esboçar um sorriso.

– Conte!

– A galeria onde você comprou os quadros vai organizar uma exposição.

– *Mabruk!* É uma notícia excelente!

– Também existe a possibilidade de eu expor no Sursock.

– Sei que Khaled ficaria muito orgulhoso de você – disse Nina sorrindo antes de torná-la com lágrimas nos olhos. – Eu conheço Lailah Hayek, ela é membro da junta do Sursock. Pode ajudá-la.

– Ela me deu seu número – informou Amal, pegando o pedaço de papel. – É cliente, adora Mouna. Ela prometeu que me ajudaria.

– Então, você está em boas mãos.

Amal assoou o nariz e sorriu. Pela primeira vez desde a morte de seu marido, sentiu que tudo ia dar certo, e que, se Nina estava ao seu lado, Khaled também estava de alguma forma.

Mouna se sentou em frente a Samir no café Arabica e sorriu. Estava feliz em vê-lo, contente com a surpresa, e ele se inundava em sua beleza e energia, e sorria tanto quanto ela.



– Sabe de uma coisa? – Se estivéssemos nos Estados Unidos, eu pegaria sua mão.

– Eu adoraria.

– Não entendo por que não se pode fazer isso aqui – disse inclinando-se para a frente.

Mouna se inclinou para trás meneando a cabeça timidamente.

– Já estamos dando um espetáculo suficiente para que os garçons parem de trabalhar e fiquem olhando para nós.

– A propósito, obrigada por atender Nina sem hora marcada.

– Não há de quê. A agenda não estava cheia. Além do mais, eu já estava ficando deprimida.

– Por quê? O que aconteceu?

– Nada importante. Vou resolver.

– Mas de que se trata?

– Nada com que você precise se preocupar. Veja, estou sorrindo.

Acha que estou deprimida?

– Mas você disse que...

Pr fim, Samir conseguiu que falasse o que a preocupava.

– Posso entender o imposto até certo ponto. Mas esse dinheiro com que temos de contribuir, nós que não temos muito, realmente será destinado à reconstrução de Beirute? Porque, para mim, acho que vai parar no bolso de todos esses burocratas mesquinhos.

– Não sei, Mouna. Não gosto de me envolver na gestão da prefeitura, mas...

– Não, por favor, não faça nada. Eu vou resolver. Sei que você ia me oferecer ajuda e estou muito agradecida. Sua intenção já é suficiente.

– Conheço alguém que poderia retardar o processo, tanto do imposto quanto da licença.

– Não, por favor. Isso é exatamente o que não quero que faça.

– Mas por quê? Se posso livrá-la de um problema...

– Esse é o problema deste país. Há gente demais tentando encontrar um subterfúgio ou conseguir que seus conhecidos não paguem algo que deveriam. Não, vou fazer as coisas direito.

Arranjarei o dinheiro e pagarei minhas dívidas.

– Amém. Essa é minha garota! – exclamou Samir e, na frente do café Arabica inteiro, dos garçons e do cozinheiro, que olhavam de uma janelinha quadrada na porta vaivém, inclinou-se e a beijou.

Samir insistiu em voltar para o salão de mãos dadas. Mouna estava tímida e envergonhada como uma menina de 15 anos; tentava retirar a mão e se esconder atrás dele quando cruzavam com alguém. Mas Samir não a soltou.

– Por que me evita?

– Não é isso. É que não estou acostumada a essa demonstração pública de afeto.

– Pois terá de se acostumar. Se tornar a soltar minha mão, vou beijá-la na rua.

– Meu Deus! Olhe a hora! Preciso atender sua madrasta, ou vai achar que aconteceu alguma coisa.

– Vou com você. Não vai demorar muito, não é? Vou esperá-la e a levarei para casa. Assim, poderei vê-la enquanto trabalha e ficar um pouco mais com você.

Mouna sorriu e ficou na ponta dos pés para se aproximar mais dele. Ia colocar o braço em volta dele quando ouviu:

– Mouna Al-Husseini.

Ghida e Nisrine, de braços dados, lançavam-lhe um olhar reprovador.

– Traidora! – murmurou Ghida.

– Agente dupla! – grunhiu Nisrine.

– Viu o que ela estava fazendo?

– É uma desavergonhada.

– Pior.

– Pior que o quê?

– Pior que desavergonhada.

– O que é pior que ser desavergonhada?

– Não sei.

– Você que disse.

– E você é a sabe-tudo.

– Não é verdade.

– É sim.

– Boa tarde – cumprimentou Mouna, mas as duas fizeram uma expressão de desdém. – Não as vejo pelo salão ultimamente. – Não responderam. Cruzaram os braços e levantaram o queixo. – Muito bem, então vou indo.

– Desavergonhada.

– E mal-educada.

– Nem sequer nos apresentou.

– *Mesdames* – interveio Samir, que havia preferido se manter à margem. – Meu nome é Samir Abboud, e Mouna e eu estamos noivos. Vamos nos casar em breve.

Ghida e Nisrine ficaram de boca aberta, assim como Mouna.

– Vamos, Mouna – disse ele pegando-a pelo braço para ir ao salão. – Viu a cara das vovozinhas?

Pararam na porta do Cleópatra, e ela lhe perguntou com os olhos o que não conseguia dizer com palavras.

– Sim, Mouna, quero me casar com você.

Mouna ficou sem fala.

– Senhorita Al-Husseini, quer... – começou a perguntar de joelhos, mas não pôde acabar porque Mouna se jogou em seus braços e, na frente de todo mundo e das pessoas que olhavam das varandas, beijou-o na boca.

Quando se afastaram, ela tinha lágrimas nos olhos. A sua volta as pessoas olhavam, algumas com desaprovação, outras contentes.

– Sim! – gritou ela antes de abrir a porta e entrar no salão, o que fez que toda a vizinhança começasse a comentar a notícia. Não reparou que Claudine a havia visto da janela.



## Capítulo 21

Imaan Sayah andou de um lado a outro de seu escritório até finalmente se sentar diante de sua ampla mesa de mogno *art nouveau*. Olhou em volta. Tinha um dos gabinetes mais bonitos do Ministério de Assuntos Exteriores e o havia decorado com o gosto e o estilo que a caracterizavam. Era moderno, mas confortável, em tons neutros de marrom, areia e bege, agradáveis aos olhos, arrematado com seu toque pessoal: longos e elegantes copos-de-leite.

– Amira, diga ao motorista que venha me pegar, por favor – pediu pelo interfone.

– Sim, *madame*. Informo a ele para onde vai?

– Vou para casa.

– Para casa, *madame*? São apenas quatro horas – comentou surpresa.

– Sim, Amira, para casa – confirmou Imaan levemente exasperada.

– Mas, *madame*, e todos os seus compromissos?

– Remarque para amanhã.

– Mas, *madame*, amanhã tem o dia todo ocupado.

– Então, para o dia seguinte.

– Mas, *madame*...

– Amira! Preciso de umas horas para decidir o que vou fazer do resto de minha vida. Então, por favor, pode fazer seu trabalho e remarcar meus compromissos?

– Claro, *madame* Sayah. Desculpe, farei isso imediatamente.

– Obrigada, Amira – disse Imaan um pouco chateada por ter sido tão seca com sua secretária de tantos anos.

Ela não tinha culpa. Nunca saía cedo do escritório, e jamais às quatro. Colocou algumas pastas em sua maleta elegante, pegou a bolsa e saiu.

– Ligue se aparecer algo urgente – pediu antes de sair.

Refugiada na Mercedes, pensou em como abordar Joseph. Melhor ser direta? Melhor suavizar a situação com o diálogo? Era capaz de se sentar a uma mesa com o secretário-geral das Nações Unidas, presidentes e primeiros-ministros para negociar o destino de um país e de seu povo, mas não de falar com seu marido e consertar seu casamento. Pegou o celular para ligar para Nina. Precisava de apoio moral. Também queria lhe dizer que havia mudado de ideia em relação ao divórcio e perguntar se fazia bem dando outra chance a Joseph, mas caiu na caixa postal.

“Caramba!” Sempre se sentia melhor depois de falar com ela. Quando chegou em casa, sentiu um nó no estômago e reconheceu o estado de ansiedade em que se encontrava; tinha estado nessa situação muitas vezes. Abriu a porta e entrou.

– *Madame!* – cumprimentou a surpresa voz de Shehla.

– Onde está *monsieur* Joseph?

– Eh... *madame*, ele disse que tinha uma reunião.

– Você mente muito mal. Por que não me diz a verdade?

– *Madame*, garanto que foi o que me disse.

– Onde ele está?

– Não sei, *madame*.

Imaan suspirou.

– Não me trate como idiota. Você sabe muito bem o que está acontecendo, então não me obrigue a fazê-la falar. – Shehla permaneceu calada. – Quem é? Com quem ele está?

– Olá, Imaan – disse a voz de seu marido às suas costas, e se ela virou. – Você me decepcionou muito – disse tomando um bom gole de uísque.

– O que quer dizer? – perguntou, enquanto Shehla desaparecia de cena.

- Você sabe muito bem o que fez.
- Do que está falando?
- Ao que parece, Beirute inteira está louca para saber se a grande Imaan Sayah vai levar seu marido fracassado a Londres ou se vai deixá-lo aqui como um traste velho. Você andou dizendo em público que já não me encaixo no papel de submisso marido da poderosa embaixadora porque tem vergonha de meu comportamento libertino e depravado.
- O quê? Eu nunca disse uma coisa dessas!  
A única que sabia era Nina, e ela jamais a trairia.
- Eu soube de fonte segura.
- Acredita na palavra de outras pessoas em vez de na de sua mulher?
- Que mulher? Que tipo de esposa tive nos últimos anos? Se acredita que tem sido uma esposa, é mais iludida do que pensava.
- Sou sua esposa. Apesar de não dormirmos no mesmo quarto, ainda me preocupo com você, cuido de você.
- Não se importa em absoluto. Só se preocupa consigo mesma e com seu trabalho. Para você, sou parte da cenografia, um acessório que você abraça e beija diante das câmeras.
- Isso não é verdade.
- Acha que sou um fracassado, não é? Pelo menos, isso é o que andou dizendo. Acha que sou um pobre e lamentável alcoólatra que perdeu todo o dinheiro e depende só de você.
- Foi isso que lhe contaram?
- Isso e mais. Acha que merece alguém melhor que eu?
- Quem andou enfiando todas essas coisas na sua cabeça?
- Tudo gira em torno de você, como sempre. Nunca tem tempo para nada nem para ninguém. – Imaan tentou interrompê-lo para se defender, mas ele não deixou. – Com você é sempre pegar ou largar. Você não sabe dividir nada, muito menos sua vida.
- Já chega! Chega de falsas acusações! Diga-me em que se baseia!
- Eu não sou como você, não saio contando por aí o que me confiaram em segredo.

– Eu sempre fui leal e fiel, Joseph. Jamais disse tudo isso que lhe contaram.

– Não mesmo? Os rumores não nascem do nada. Sempre têm um germe de verdade.

– Joseph, eu juro que jamais disse nada parecido. Talvez devesse se perguntar que motivos teria a pessoa que lhe contou isso.

– São velhos amigos, gente que se preocupa comigo de verdade. Imagine como me senti quando me aconselharam a ter cuidado com minha própria mulher.

“Quem serão?” Imaan pensou em quem e o que teriam dito ou feito para provocar tudo aquilo.

– Não preciso desse tipo de lealdade, Imaan, nem de sua compaixão.

Serviu-se de mais uísque, tomou um bom gole e tornou a encher o copo antes de fechar a cristaleira.

– Hoje vim mais cedo para falar com você sobre Londres e dizer que talvez uma mudança lhe... nos fizesse bem. Achei que poderíamos começar de novo.

– Por que acha que as coisas mudariam em Londres? Não mudaram na Espanha, nem na Itália, nem em nenhum dos países em que moramos.

– Eu não imaginava que você estivesse tão ressentido – disse ela com o máximo de calma que pôde.

– Não seja ingênua. Acha que só porque no início apoiei você e suas ambições eu ia ser seu cachorrinho? – Fez uma pausa para tomar um gole de uísque. – Você achou que você era diferente das outras mulheres, mas é igual a todas.

– Não sou! – gritou cada vez mais irritada. – Como se atreve a me comparar com as mulheres com quem você sai? Com essas fulanas, essas putas com quem se mete. Ouça bem: nenhuma mulher, em seu juízo perfeito, se deitaria com você, a não ser que fosse por dinheiro, claro.

– Veja quem fala! Você está gorda, ou melhor, gorda feito uma vaca, a única coisa que faz é comer, beber e ver bobagens na televisão. Não tem *hobbies*, nem interesses, nem paixões... nada. –

Parou para olhar para ela. – Você é frígida e fria, Imaan. Não tem coração.

– Seja quem for que queira destruir nossa relação, até que fez um bom trabalho.

– Não, Imaan. Essa pessoa não nos destruiu. Você fez tudo sozinha.

Joseph se sentou em uma poltrona na frente dela, apoiou os cotovelos nas pernas e juntou as mãos. Estavam esgotados. Imaan tinha lágrimas nos olhos. Joseph parecia envelhecido, seu cabelo estava mais branco, e suas rugas, mais acentuadas. Imaan soube nesse momento que jamais deveriam ter se casado. “Como fui idiota!”, pensou. Levantou-se e se aproximou dele. Joseph não olhou para ela. Imaan se agachou e viu que ele estava chorando.

– Sinto muito, Joseph. Lamento de verdade.

– As pessoas dizem que os homens nunca mudam, que, por mais que falemos ou façamos promessas, nunca mudamos. – Fez uma pausa, seu lábio inferior tremia. – Mas as mulheres também não mudam. Eu sabia que você era ambiciosa, conheço-a desde que frequentávamos a San José. Eu estava tão apaixonado que, idiota de mim, pensei que, se me casasse com você, poderia mudá-la. Mas não pude. Eu também lamento.

Imaan olhou para ele e meneou a cabeça. Era uma pena, uma pena absoluta, dez anos em vão. Aquilo era o fim. Havia chegado ao final de outro capítulo em sua vida. Sabia que isso ia acontecer, mas não esperava que fosse dessa forma. Não esperava ter de enfrentar seus defeitos como mulher. Sabia que era tarde demais, mas colocou com cuidado as mãos sobre as de seu marido, levantou-se e abraçou-o longa e calorosamente. Joseph demorou a reagir, mas finalmente lhe devolveu o abraço. Então, as lágrimas de Imaan caíram sobre seu ombro; sabia que iria para Londres sozinha.

Rima jazia entre os lençóis amassados, espreguiçando-se e sorrindo como uma gatinha. “Ainda sou atraente”, pensou, enquanto acariciava os seios e o ventre até chegar às coxas. Havia se depilado com extremo cuidado para não deixar um só pelo em seu corpo suave. O toque de sua pele sedosa a fascinava, e adorara ver o



sorriso de Rachid quando tirara sua calcinha e ele descobrira que era lisa como uma menininha. Tinha certeza de que aquilo o havia seduzido por completo. “Bem, não há homem que resista a mim. Sou uma *femme fatale*”, elogiou a si mesma. Sorriu e se cobriu com o lençol deixando as pernas de fora. Rachid saiu do banheiro e a encontrou esparramada na cama. Pegou um pote de vaselina e, sem dizer uma palavra, virou-a de barriga para baixo sem maiores cuidados.

– O que está fazendo, Rachid?

Puxou-a pelos tornozelos para a ponta da cama, abriu-lhe as pernas e a lambuzou de vaselina. Rima continuou dando gritinhos e gemidos enquanto Rachid tirava o roupão e a segurava. De repente, soltou um grito. Ele a havia penetrado pelo ânus.

Quando acabou, Rachid voltou ao banheiro e saiu já vestido. Rima continuava de barriga para baixo na cama e sentia o ardor e o estrago que lhe havia causado ao rasgá-la, sem dar ouvido a seus gritos.

– Semana que vem, mesmo horário – disse ele, como se fosse um fato consumado, e não uma pergunta. – Vista-se, Marcos a levará para casa.

Rima se levantou e foi ao banheiro. Suas pernas tremiam como se fosse um bezerro recém-nascido. Apesar de todas as suas aventuras, jamais havia consentido que a penetrassem pelo ânus, e embora Rachid tivesse desfrutado e investido com mais força quanto mais ela gritava, não tinha certeza de que tinha gostado. Lavou-se como pôde, vestiu-se e penteou o cabelo. Suas entranhas queimavam, suas coxas doíam, e suas nádegas estavam marcadas pelas mãos que a haviam prendido e golpeado quando gritava de dor.

– Obrigada por esta noite encantadora – despediu-se tentando sorrir.

– Fico feliz que tenha gostado – disse ele dando uma tragada no cigarro.

– Então nos vemos semana que vem?

– Gosto de você, Rima.

Ela sorriu, apesar da dor que sentia.

Mouna guardou a moto no pátio de casa e sorriu ao colocar o cadeado. Não podia acreditar que Samir a havia pedido em casamento. Precisava contar a sua mãe, mas não sabia como. Enquanto subia as escadas, pensou que, se estivesse de mau humor, teria de adiar e esperar, talvez semanas. Mas para quê? Talvez seu entusiasmo fosse suficientemente contagioso para mudar o humor habitual dela.

Entrou e chamou a mãe e a tia para lhes dizer que havia chegado. Ouviu o som da televisão na cozinha e a costumeira discussão entre elas.

– Olá, *immi* – cumprimentou com a máxima alegria que pôde colocando a cabeça pela porta.

Fátima levantou os olhos, mas não disse nada.

– *Marhaba, khala* – disse a tia, que sorriu e abriu os braços para abraçá-la.

– Mouna, querida. Ande, vá se refrescar um pouco e venha jantar.

Mouna sorriu e foi para seu quarto meneando a cabeça. Era incrível como eram diferentes. Como era possível que passassem tanto tempo juntas, e sua mãe não tivesse sido contagiada pela simpatia da tia? Lavou o rosto e as mãos. Enquanto se secava e se assegurava de que não havia nenhum rastro de maquiagem, pensou em como dar a notícia.

– Como foi seu dia? – perguntou Hanan enquanto descascava quiabo sentada em uma cadeira dura de madeira.

– Muito bem – disse Mouna sentando-se ao seu lado.

– Hoje recebemos a visita da prefeitura de Gemmayzeh – anunciou Fátima de costas para Mouna, cujo sorriso ficou congelado.

– Por onde andou?

– No salão, *immi*. Por quê?

– Porque o homem disse que você havia se ausentado devido a uma emergência familiar e que só voltaria dali a alguns meses – continuou Fátima, perfurando-a com seus olhos azuis.

– Ele foi muito educado e cordial – interveio Hanan.

– Não se meta, por favor – repreendeu-a Fátima. – Onde estava, e com quem? – perguntou Fátima voltando-se para Mouna.

– *Immi*, eu juro que estava no salão. Esse homem foi cobrar o imposto, mas eu não tinha o dinheiro naquele momento.

– Ele disse que você devia ter pago há meses – enfatizou Fátima de má vontade.

– Sim, *immi*, eu sei. Eles me mandaram um monte de cartas, e estou juntando o dinheiro. Tenho várias clientes novas e estou trabalhando muito.

– Nunca vai juntar o suficiente – augurou em um tom derrotista voltando-se para a cozinha. – Vai ter de fechar e não vamos poder pagar o aluguel, nem comida nem nada. Ficaremos na rua.

Mouna escondeu o rosto entre as mãos. Por que ela fazia isso? Por que era tão negativa?

– E o bracelete? – sussurrou Hanan quando Fátima foi ao banheiro buscar água para lavar o quiabo.

– Não era de ouro, *khala*.

– O quê?

– Era só banhado a ouro, e não me deram muito por ele.

– Lamento. Sua avó me deu quando me casei com seu tio.

– Por favor, *khala*. Era muito bonito, e banhado a ouro – disse Mouna pegando-lhe a mão.

– Que sogra! Ela me odiava. Não gostava de mim porque não foi ela que me escolheu, e não foi um casamento arranjado. Seu tio e eu nos conhecemos por acaso.

– *Anllad*? Foi um casamento por amor? Eu não sabia, você nunca me contou.

– Achei que você soubesse.

– *Khala*, preciso lhe falar de Samir... – começou, mas não acabou a frase porque ouviu o roçar da *abaya* de sua mãe.

– Samir? Quem é Samir? – perguntou Hanan, que não havia ouvido a cunhada entrar.

Fátima olhou para a filha com os olhos semicerrados. Estava prestes a abrir a boca para dizer algo desagradável quando Mouna se virou para a tia e disse:

– *Khala*, é o menino do programa de Abou Riad, o que está sempre se metendo em confusão.

Hanan olhou para a sobrinha, que tentava piscar para que ela lhe desse corda, mas estava confusa. Achou que queria falar de um homem que havia conhecido.

– Não há nenhum Samir nesse programa. Eu o vejo sempre, é muito divertido – replicou Hanan com o braço esquerdo sobre o ventre e a mão direita na sobrancelha, como se isso a ajudasse a pensar.

– Sim, *khala*, há sim. O baixinho careca, de óculos. Chamam-no de Sammy – insistiu Mouna.

– Tem certeza? – começou Hanan, mas Mouna aproveitou que Fátima tinha se virado e levou um dedo aos lábios, pedindo que não dissesse mais nada.

– Ah! *Tayeb, habibti*. Depois você me conta – disse em voz alta sem querer.

Mouna arregalou os olhos, e Hanan levou a mão à boca.

– Por que tantos segredos, Mouna? Por que não os divide com todas? O que é que vai contar a sua tia e não a mim?

– Nada, *immi*. Não tem importância.

– Você está mentindo.

– Fátima, ela estava falando de Sammy, um menino desse programa de que eu gosto tanto – interveio Hanan.

– Cale-se! Estou farta de você encobrir essa fulana que tenho de chamar de filha! – gritou Fátima. – Diga, Mouna, quem é Samir?

Mouna olhou para Hanan em busca de ajuda, mas Fátima havia lhe dado as costas e perguntado em um sussurro para que não a ouvisse.

– *Immi...* É que... – Fátima se inclinou na mesa sem deixar de olhar para ela. – É... um homem.

– Com esse nome, imagino – comentou com sarcasmo.

– É um homem que me pediu em casamento.

– Ah! Já sei de quem estava falando. É esse seu amigo tão bonito e atencioso de quem você me falou. Você sabe quem – interveio Hanan piscando para ela.

Mouna suspirou; adorava sua tia, mas, cada vez que tentava ajudá-la dava bola fora.

– Não, *khala*. Ele não é gay, mas obrigada por tentar. É encantador, e eu o amo – disse voltando-se para sua mãe.

– Como o ama? Há quanto tempo o conhece para saber que o ama? Está se deitando com ele? Está esperando um filho dele? Eu sabia que estava grávida – disse dando um tapa na mesa.

– Está se deitando? Por que Mouna está se deitando? Está cansada? – interveio Hanan, mas nem mãe nem filha lhe deram ouvidos.

– Não estou grávida nem dormi com ele.

– Viu, Fátima. Não se deitou, não está cansada – interrompeu a tia de novo.

– Ele é um encanto, *immi*. É alto e bonito, louro, de olhos azuis. – Fátima ficou em silêncio. – Tem um bom emprego. Por favor, deixe que o apresente. – Fátima continuou calada. – Ele quer pedir minha mão. Vai recebê-lo, por favor?

– Onde o conheceu?

– Na rua... – começou, mas não pôde acabar porque sua mãe começou a recriminá-la.

– Eu sabia! Eu sempre soube, e agora você confessou.

– Ele evitou que eu levasse uma multa.

– Uma multa? Também infringiu a lei... Vão colocá-la na cadeia. O que vai ser de nós? – gemeu Fátima.

– Escute, por favor. O nome dele é Samir Abboud, trabalha para o Exército, é meio norte-americano e cristão, mas eu o amo e vou me casar com ele com ou sem sua permissão.

– Como se atreve a levantar a voz para mim? Sou sua mãe! Você me ouviu? – gritou Fátima com o rosto roxo de cólera.

– Ouvi, mas não me importa. Vou me casar com Samir Abboud.

– Não vai! Eu proíbo! Não vai se casar com um cristão nem com um norte-americano!

– É o que veremos – ameaçou Mouna antes de sair.

– Deus a abençoe e que Alá lhe dê felicidade – aplaudiu Hanan.

– Por que está tão contente? É um cristão, um infiel, nunca vai cuidar de nós.

Nina correu para o Albergo Hotel procurando a chave da suíte na bolsa. Estava louca para chegar.

– Vamos! Vamos! – exclamou batendo o pé no chão porque o elevador andava muito devagar. – Ahmed? – perguntou ao entrar.

– Estava com saudades – ouviu-o dizer às suas costas.

Ele colocou as mãos nos seios dela, afundou o rosto em seu cabelo e beijou-lhe o pescoço.

Ela notou a tensão em sua calça. Ele a fez virar e a empurrou para a parede sem tirar as mãos de seus seios.

– Ahmed... – murmurou Nina com voz lasciva.

Tirou a camisa dela e olhou para o sutiã, que era de renda preta. Acariciou-a e levantou sua saia. Beijou-a. Não foi um beijo delicado; abriu-lhe a boca e introduziu a língua enquanto a mordiscava e a chupava. Colocou-a sobre a mesa e abriu suas pernas. Estava muito excitado e, ao senti-la ardente por dentro e ver o movimento de seus seios a cada investida, excitou-se ainda mais. Nina se segurou na beira da mesa para não perder o equilíbrio sem tirar os olhos dele; queria ver sua expressão ao chegar ao orgasmo.

– Nina – gritou ele com voz rouca ao gozar.

Ela deu um gritinho; aquele orgasmo havia propiciado o seu. Depois, ele colocou a mão no rosto dela e a beijou.

– Você é linda.

Nina sorriu.

O telefone do quarto tocou, e Ahmed foi atender enquanto sua amante recolhia a roupa íntima e a camisa.

– Alô? Olá – ouviu-o falar em tom carinhoso, quase íntimo. – Sim... estou bem. Andei muito ocupado... Não sei quando volto. Sim, claro, eu aviso. Como estão as crianças? Chamou o médico?

Nina não quis continuar ouvindo. Pegou suas coisas, foi ao banheiro, fechou a porta e apoiou a testa no mármore frio.

Quando voltou, parecia abatida.

– O que foi?

– Acho que enganei a mim mesma para me convencer de que sua mulher não existe.

– Sinto muito, Nina. É muito estranho ela ter ligado no hotel; sempre liga no celular – desculpou-se abraçando-a.

Ela meneou a cabeça. Seu entusiasmo havia desaparecido. A invasão da mulher de Ahmed naquilo que considerava seu território a fizera confrontar a realidade. Por mais que tivesse se imaginado com ele, seria possível? Ele abandonaria a mulher e os filhos pequenos? E ela, seria capaz de fazer mal a Charley sabendo quanto doeria se o abandonasse?

– Preciso ir – disse Nina, após beijá-lo longa e carinhosamente.

– Não vá, por favor.

– Preciso. Tenho de ir a um evento com Charley – mentiu com lágrimas nos olhos.

– Você não tinha de ir a lugar nenhum quando conversamos antes.

“É difícil mentir para esse homem”, pensou Nina.

– Eu esqueci. Amanhã nos vemos – despediu-se, e conseguiu esboçar um sorriso.

– Por favor, Nina, não vá. Preciso de você. Quero que fique comigo, ao meu lado.

Normalmente teria se derretido com suas súplicas, teria abandonado toda a prudência e ficado. Mas naquele dia sua aventura havia dado uma guinada definitiva. Não havia sido tão sincera quanto queria acreditar. Não eram dois solteiros que se conheceram na juventude e se apaixonaram. Estavam envolvidos em uma situação complicada de casamentos, repercussões, consequências, outras pessoas e seus sentimentos.

Poucos dias depois, seu celular tocou. Era Rima Saad. Fazia meses que não sabia dela e pressentia que ia fazer uma cena. Por que não entendia que todo mundo tem uma vida própria?

– Rima, eu ia ligar para você – mentiu.

– Faz semanas que não me liga, *habibti* – queixou-se Rima com voz sentida. – Achei que tornaria a vê-la, mas não tive notícias suas.

– Essas semanas foram uma loucura. Como vai Tony?

– Bem, continua viajando, para variar. Por que não almoçamos juntas?

Nina pensou um momento. Não tinha compromissos. Ahmed estava no sul e só voltaria à noite. Podia encontrá-la e acabar com aquilo de uma vez.

– Acho que posso. A que horas?

– Ótimo! Tenho tantas coisas para lhe contar!

– Rima – disse Nina em voz alta para que se concentrasse no almoço. – A que horas?

– Você não vai acreditar...

– Rima! – interrompeu Nina. – Meio-dia e meia no Claudia's. Farei a reserva.

Rima estava radiante. Ia ser vista no Claudia's almoçando com Nina Abboud. Certamente sairia nas colunas sociais. Sempre comentavam as idas e vindas de Nina nos locais da moda da cidade, especialmente o *Mondanité*. Olhou-se no espelho da penteadeira. “Deviam falar de mim com mais frequência nessa revista. Não entendo por que quase nunca o fazem. Talvez agora, com Rachid, o façam. Será maravilhoso. Todo mundo vai se perguntar o que há entre mim e ele”, pensou, pegando uma escova para se pentear e sorrindo diante da ideia de ser o tema de conversa de todos os círculos sociais.

“Que diabos vou vestir?” Olhou o relógio, eram dez e meia.

“Faltam três horas, o que quer dizer que tenho duas horas antes de sair. Mais que suficiente”, pensou.

– Lina! Onde será que se meteu? Lina!

– Sim, *madame*.

– Tenho um compromisso muito importante para o almoço. Quero vestir a saia branca da Prada e a blusa amarela de borboletas.

– Isso é impossível, *madame*.

– Por quê? – perguntou largando a escova.

– Porque estão muito manchadas.

– Ah! Quando vesti isso pela última vez? – perguntou Rima surpresa.

– Há algumas noites, *madame*. Quando foi jantar com *monsieur* Hayek.

Rima ficou perplexa. Como sabia onde estava, e com quem?



– Certo, certo, vou vestir a calça branca, a blusa cinza escuro da Aishti, o cinto dourado fino e... – continuou dando-lhe instruções.

Rima chegou ao Claudia's depois da uma e meia.

– A mesa de Nina Abboud? – perguntou com arrogância.

Usava um grande chapéu flexível, como o que Nina costumava usar.

– Sim, por aqui, *madame* – indicou a encarregada da recepção. – *Madame* Abboud a está esperando.

– Nina, querida! *Habibti*. Prazer em vê-la – cumprimentou em voz alta para que todo mundo a ouvisse enquanto dava dois beijinhos no ar. – Que agradável estarmos juntas de novo, amiga. Faz tanto tempo... Se bem que andei ocupadíssima.

– Olá, Rima – respondeu Nina com delicadeza. Havia pedido uma mesa em um canto discreto. – Você está ótima.

– Como está? Conte-me tudo – pediu Rima.

– Estou bem, mas parece que você tem muito mais para contar.

Um garçom se aproximou com a garrafa de Pellegrino que Nina havia pedido.

– Onde está Claudia? Adoro ela, é uma anfitriã fantástica.

– Hoje não está trabalhando – explicou Nina enquanto o jovem lhes servia água.

– Não vai tomar vinho?

– Eu não vou beber, você quer?

– Adoraria.

– O que prefere? Peça ao garçom.

– Melhor você escolher.

Nina suspirou. Por que tinha de se dar tantos ares de grandeza? Seria muito mais agradável se se comportasse como ela mesma em vez de fingir o tempo todo.

– Um garrafa de Gavi di Gavi black label, por favor – Nina pediu ao garçom.

– Obrigada, adoro esse vinho.

– O que anda aprontando?

– Nada em particular – respondeu Rima com um sorriso enigmático nos lábios.

- Achei que tinha muitas coisas para me contar.
- Sim e não – respondeu Rima, para mantê-la curiosa.

“Pelo amor de Deus! Ela quer que eu implore que me conte”, pensou Nina.

– Você não se sente sozinha? – perguntou Rima com fingida inocência. – Não precisa de alguém que lhe dê atenção? Ter alguém ao seu lado. Alguém que a abrace, que lhe diga que está linda...

- Não sei do que está falando.

“O que está tentando insinuar? Sabe da existência de Ahmed? Como sabe? Será que me viu na *rue* Gouraud?”, perguntou-se Nina.

Quando o garçom apareceu com o vinho, Nina se esforçou para continuar aquela conversa. Rima não parava de falar.

– Sabe, Nina? Eu amo Tony, por isso me casei com ele. Sou a pessoa mais leal e fiel que você possa imaginar, e uma boa amiga, tanto com os homens quanto com as mulheres. Você sabe... se tiver algo que queira me contar... – Tomou um gole de vinho. – Ou se precisar de um ombro para chorar, estou aqui.

Nina sorriu; Rima era exatamente o contrário: uma pessoa em quem não se podia confiar. Não sabia manter a boca fechada.

“Aonde quer chegar? Está tentando me fazer falar de Ahmed? Está tramando alguma coisa, porque ela nunca faz nada sem um motivo.”

– Como está Imaan? – perguntou Rima em voz alta. – Estou me referindo a Imaan Sayah – repetiu antes de esvaziar a taça, para se assegurar de que os comensais da mesa ao lado entendessem.

- Está bem. Muito ocupada, como sempre.

– E como vão as coisas com Joseph? – inquiriu piscando para Nina.

- Não sei – respondeu Nina evasiva.

– Todo mundo está comentando que ele não vai para Londres com ela.

Rima já havia bebido quase meia garrafa de vinho.

- O quê? Como você sabe? – perguntou Nina horrorizada.

Rima estalou a língua, deu de ombros e esboçou um sorriso cúmplice.

– Você sabe por que Joseph não vai para Londres? – Nina negou com a cabeça. – Porque Imaan descobriu que ele tem uma amante.

– O quê? – sussurrou Nina.

Era como se ela tivesse colocado um microfone debaixo da mesa no dia que Nina estivera ali conversando com Imaan.

– Não posso acreditar que não saiba, está na boca de Beirute inteira – comentou Rima, brincando com o cabelo. – Joseph e eu sempre tivemos uma relação muito especial – acrescentou, piscando para Nina. – Você sabe o que quero dizer. Faz muitos anos que o conheço. Quase nos casamos.

– É mesmo? Eu não fazia ideia.

– Sim – disse Rima, cheia de confiança, e acendendo um cigarro.

– Foi antes de ele conhecer Imaan, mas não lembro o que aconteceu. Tanto faz; continuamos amigos, e ele me conta tudo. E você me conhece, eu não conto nada a ninguém. Os segredos irão para o túmulo comigo.

– Sim, você já me disse.

– Você conhece bem Rachid Hayek? – perguntou servindo-se de mais vinho.

– De vista. Não muito, por quê?

– E a mulher dele?

– Lailah? Sim, ela é encantadora – admitiu, e sem querer acrescentou: – Não sei o que ela vê em um homem como Rachid. Merece coisa melhor.

– Por quê?

– Lailah é uma mulher muito culta, elegante e inteligente, e Rachid é um grosso e mulherengo.

– Ouvi dizer que também estão prestes a se separar porque ele se apaixonou por outra.

– Meu Deus! Será que Beirute inteira está tendo um caso?

– Claro, *habibti* – disse Rima arrastando as palavras.

– E por quem ele se apaixonou?

– Bem... – começou Rima enquanto afastava uma mecha que havia caído sobre o rosto.

– Quer um café?

– Não, obrigada. Bem, querida, como ia dizendo, Rachid se apaixonou por outra mulher.

– E essa mulher é...

– Todo mundo tem segredos na vida – respondeu Rima, com um sorriso.

– Você? Está falando sério? Você tem um caso com Rachid?

Imaan tinha razão.

– Não conte a ninguém, por favor. É segredo. Lailah ainda não sabe.

– E acha que ele vai deixar Lailah para ficar com você? – perguntou Nina, horrorizada com o que acabava de ouvir.

Rima era muito mais vadia do que Nina pensava, e uma hipócrita. Como podia convidar Imaan para almoçar depois de ter se deitado com o marido dela em sua casa? Como podia perguntar por Lailah fingindo inocência se estava se beneficiando de seu marido? Era repugnante.

– É questão de tempo – afirmou Rima com absoluta confiança.

– Você está muito enganada. Rachid está usando você. Assim que se cansar, vai mandá-la passear e arranjar outra.

– Adoro ficar com ele – afirmou Rima sem dar ouvidos a Nina. – Fomos feitos um para o outro, somos tão parecidos... E o sexo é fabuloso.

“Meu Deus, vou vomitar”, pensou Nina meneando a cabeça. Não queria saber de mais nada. Não podia imaginá-los na cama. Na verdade, não podia imaginar Rachid se deitando com ninguém. Com certeza, com seu excesso de peso e seu vício em cigarro e álcool, teria um infarto.

– Ele é um animal, me obriga a fazer coisas que nunca fiz. Todo tipo de jogos pervertidos.

– Rima, por favor, não quero saber. Eu conheço Lailah e gosto muito dela.

– Claro que ela não satisfaz Rachid, por isso ele vem para minha cama.

– Por que está tentando destruir o casamento deles? – acusou Nina.

- Não posso evitar que ele se apaixone por mim.
- Você foi atrás dele, assim como fez com Joseph no dia da festa de Imaan – culpou-a Nina com veemência.
- Como você sabe? E que fique claro que eu não fui atrás dele.
- Foi, Rima. Todo mundo sabe.
- Não foi assim, ele me perseguiu – afirmou Rima com malícia. – Ele me disse que Imaan era frígida e fria, e que fazia muitos anos que não dormiam juntos.
- Imaan é uma grande amiga minha – acentuou Nina irritada. Não gostava que falassem mal dela.
- Não precisa ficar na defensiva.
- Não gosto de ouvir essas coisas sobre minhas amigas.
- Não fui eu que disse, foi o marido dela.

Nina não tinha ideia de por que ela insistia tanto em dizer que tinha um caso com Rachid ou que era confidente de Joseph. Queria simplesmente chamar atenção? Queria demonstrar que, embora não tivesse tanto dinheiro quanto ela, era poderosa à sua maneira, por ter informação em vez de dinheiro?

Sabia que Rima sempre teve ciúmes delas, que estava de olho em Charley e ficou irritada quando Nina se casou com ele porque o casamento saiu em todos os jornais e lhe proporcionou acesso aos círculos sociais e a um monte de dinheiro. Com o tempo, Rima revelou como era na realidade: uma mulher superficial, materialista e preocupada com status, disposta a fazer qualquer coisa para subir na escala social. Tolerava-a porque sabia que era uma mulher infame que, despeitada, era capaz de fazer muito mal.

- Desculpe interrompê-la, mas são três e meia e preciso ir – despediu-se Nina, pois não queria continuar a ouvi-la.
  - Mas é cedo ainda...
  - Desculpe...
  - O que foi? – disse Rima, olhando em volta de maneira furtiva. – Você tem um compromisso no Albergó Hotel?
- Nina ficou paralisada.
- O que você quer, Rima? – perguntou olhando-a bem nos olhos.
  - Como é o nome dele? Acho que é Ahmed Salaam.

– Vou perguntar de novo: o que você quer? – repetiu Nina muito irritada.

– Querida, *ma chère amie*, você está se irritando à toa. Não vou contar seu segredo a ninguém – garantiu Rima com voz cansada.

– Você não sabe nada de minha vida nem o que acontece nela – replicou Nina voltando a se sentar.

Era a pior coisa que podia ter lhe acontecido. Se fosse outra pessoa, teria sabido como lidar com a situação, mas Rima era muito perigosa, podia destruir sua reputação.

– É verdade, mas porque você acha que é muito melhor que eu... e a pobre Rima tem de ficar longe e ser ignorada. Sei de onde você vem. Sei que veio do nada, como eu, então não pense que, porque tem mais dinheiro ou um marido mais poderoso, é melhor que eu.

– Ótimo, Rima. O que você quer?

– Você não é melhor que eu, Nina. Olhe para você... Está enganando seu marido, assim como eu. – Nina não sabia o que dizer. – Só quero que sejamos amigas de novo.

Nina saiu do restaurante muito preocupada. Sabia que Rima estava com a faca e o queijo na mão. Podia traí-la a qualquer momento, e o faria. Mas ela também a havia feito pensar.

Talvez Ahmed não fosse a solução para seus problemas com Charley. Apressou-se em direção ao estacionamento do Albergó Hotel, onde seu amante havia lhe arranjado uma vaga, o que facilitava e estendia suas visitas. Tinha acabado de sair quando seu celular tocou.

– Olá, meu amor.

Ao ouvir sua voz grave e rouca, seu coração se acelerou.

– Olá – cumprimentou Nina alegremente estacionando o carro.

– Está perto do hotel?

– No estacionamento.

– Tem tempo esta tarde?

– Sim, claro. O que aconteceu?

– Pode me esperar lá em cima? Chegarei logo.

– Claro. Aconteceu alguma coisa? Achei que estava em Sídon.

– Daqui a pouco nos vemos, *ya hazzana*, Nina. Não se preocupe, não aconteceu nada.

Mas não foi essa a sensação que ele transmitiu.

Nina estacionou o Aston Martin e pegou o elevador até o último andar. Entrou na suíte, deixou a bolsa na mesa da entrada e pegou uma garrafa de água no frigobar. A sala de estar, em um nível mais baixo, estava inundada pelo cru resplendor do sol da tarde que entrava pelas cortinas brancas. Sentiu-se estranha enquanto o esperava, mas não sabia por quê. Já havia feito isso muitas vezes, mas, por alguma razão, aquela vez era diferente. Sua voz estava tão estranha no telefone... Parecera distante, sério. Aproximou-se das janelas salientes que davam para a *rue Gouraud* e viu um comboio de SUVs Escalade em frente à porta do hotel. Ao ver Ahmed saindo do primeiro, sobressaltou-se. Ele fez um gesto ao motorista do segundo veículo para que descesse. Nina inspirou fundo ao reconhecer Samir. Apesar de ninguém poder vê-la, escondeu-se atrás de uma coluna, por via das dúvidas. Quando voltou a olhar, Ahmed e Samir conversavam alegremente em um canto. Começaram a rir, e Ahmed pegou o braço de Samir para voltar aos carros, onde apertou a mão do resto da comitiva. Finalmente, abraçou Samir e lhe deu três beijos antes de acenar para o grupo e entrar no hotel. Nina fechou rapidamente as janelas e notou a mala que estava no dormitório.

Seu mundo caiu. “Meu Deus! Ele vai embora! Por que não me disse? Não estou preparada.” Mal conseguia respirar. Parecia que havia levado um soco no estômago antes de ser sentenciada à prisão perpétua em sua própria cadeia. Foi até a porta da sacada, abriu-a e saiu para respirar. Apoiou-se na balaustrada e sentiu um nó na garganta que a sufocava.

Dali se via o edifício do outro lado da *rue Gouraud*. A parte superior estava enegrecida, com buracos que um dia haviam sido janelas; escombros, pó e pedras onde antes havia salas de estar e dormitórios; apartamentos onde havia vida, onde as pessoas moravam e amavam, onde se ouviam crianças, pais e mães. Na rua as pessoas cuidavam da vida; uns voltavam para casa depois do

trabalho, outros iam cuidar de seus afazeres, todos com um objetivo, cada um com sua vida e seus altos e baixos, seus bons e maus momentos. Viu as duas confeitadeiras saindo do Cleópatra, discutindo tão alto que podia ouvi-las de onde estava. Esboçou um sorriso resignado.

– Meu amor?

Ao ouvir a voz dele, Nina fechou os olhos para saborear o momento e guardá-lo na memória para quando pensasse nele. Virou-se e sorriu com lágrimas nos olhos. Ahmed estava apoiado na porta, mais bonito que nunca. Usava uma camisa lilás listrada, gravata roxa e terno cinza, e um lenço roxo no bolso superior. Nas últimas semanas havia deixado uma leve barba e um bigode, mas mais pareciam uma barba por fazer que outra coisa. Respirou fundo e foi até ele.

– Olá – cumprimentou antes de beijá-lo.

– Venha para dentro, está mais fresco – sugeriu ele, colocando a mão no cotovelo dela para guiá-la.

O ambiente estava tenso, como uma nuvem negra prestes a se descarregar.

– Não estou bem – desculpou-se Nina, tomando um gole de água. Sentia areia quente na boca.

– O que você tem? – perguntou Ahmed, com olhos preocupados, acariciando-lhe o rosto e procurando a causa de sua dor.

Ela se sentou no sofá e afastou o rosto. Não queria que ele visse a tristeza em seus olhos e o brilho das lágrimas não derramadas.

– Diga-me, o que você tem? – repetiu Ahmed com doçura sentando-se diante dela, na mesinha.

– Por que não me contou? Por que não me avisou? – gemeu ela, escondendo o rosto nas mãos e deixando que as lágrimas regassem suas palmas. – Por que tem de ser tão de repente?

Por mais que tenha tentado controlar sua tristeza, não conseguiu evitar um grande soluço.

– Nina, Nina – murmurou ele, abraçando-a, acariciando-a enquanto ela derramava lágrimas e deixava escapar entre soluços aquele sentimento que atormentava sua alma e a partia ao meio. –



Achei que seria a melhor maneira. Não queria que você sofresse ao saber que este dia chegaria. Queria que aproveitássemos o tempo que tínhamos.

– Não... não posso, Ahmed – disse ela entre soluços. – Não posso deixar que vá. Por favor, Ahmed. Você não pode ir, não tenho mais ninguém, não tenho ninguém, por favor, não pode me deixar sozinha – gemeu e desabou, chorando, sobre o peito dele. – Por que todas as pessoas que eu amo me abandonam?

– Tenho de partir. Preciso voltar a Amã.

– Por quê? Por que não pode ficar?

– Nina... Eu tenho família, você sabe.

– Mas você mesmo disse que não se dá bem com sua mulher.

– Mas tenho responsabilidades para com meus filhos. Eles ainda são muito pequenos e precisam do pai.

– E por que não os traz para Beirute?

– Porque eles também precisam da mãe. Quem dera tivéssemos nos conhecido há quinze anos, quando éramos jovens, ingênuos e livres.

Nina sabia que era uma batalha perdida. Sabia desde o início; por mais que ele dissesse amá-la, jamais abandonaria sua família. E, apesar de para ela ser mais fácil, uma vez que não tinha filhos, sabia nas profundezas de seu ser que jamais humilharia Charley deixando-o; ele não entenderia.

– Nina – começou Ahmed quando ela se acalmou –, tenho notícias de seu pai.

Nina levantou os olhos assustada, com o cenho franzido de angústia.

– Diga.

– Seu pai era um traficante de armas da CIA que fornecia armamento norte-americano às milícias muçulmanas e às facções cristãs – explicou ele, apertando-lhe a mão.

– Não entendi – disse Nina afastando-o, incapaz de assimilar o que estava ouvindo.

– A CIA tem fama de apoiar os dois lados de um conflito. Assim, quem assume o poder sempre está em dívida com ela. Em público

dizem uma coisa; a portas fechadas, outra. No início da guerra no Líbano, decidiram apoiar os muçulmanos e os cristãos porque não sabiam quem tinha mais poder.

– O que quer dizer com o fato de meu pai ter sido um traficante de armas?

– A CIA se utilizou de seus antecedentes militares e de seu conhecimento do armamento norte-americano para armar Yasser Arafat e os palestinos, bem como a família Jumblatt, que dirigia a ala direita dos cristãos por meio do general Michel Aoun. Seu pai e Aoun estiveram juntos no exército, nos anos 1950. Em junho de 1975, ele foi entregar uma remessa de armas à OLP. Houve uma emboscada, e o negócio deu errado. Seu pai ficou preso entre dois fogos e foi morto acidentalmente por uma bala destinada a um líder da milícia palestina, Saad al-Karmi, que também foi morto nessa emboscada.

– Como você sabe que era meu pai?

– Era, Nina. Falei com um dos milicianos que acompanharam Karmi aquele dia. Ele fez tudo o que pôde para salvar a vida de seu pai, mas não foi possível.

– Mas como você sabe que era Sarkis Chadarevian? – perguntou Nina com as mãos trêmulas.

– Sei que é duro, mas estávamos em guerra.

– Não! Meu pai era um militar bem treinado. Jamais teria cometido uma estupidez. Sabia como se defender, como proteger a vida. Sempre que saía de casa prometia a minha mãe que voltaria. – Ahmed ficou em silêncio. Sabia que Nina estava sentida e que nada do que dissesse conseguiria acalmá-la. – Quero ir para casa.

– Fique, Nina. Vou embora daqui a algumas horas. Fique comigo.

– Não, prefiro ir agora.

– Não quero que vá embora assim. Você está irritada, brava e triste, e não quero vê-la assim. Gostaria que sorrisse.

– Não posso. Seria falso demais.

Ahmed a abraçou, e os dois ficaram assim alguns minutos, memorizando a sensação dos corpos, os dedos entrelaçados, o toque da pele.

– Não nos veremos mais, não é? – perguntou Nina.

Ahmed meneou a cabeça com o rosto escondido em seu ombro. Nina o abraçou.

– Nunca vou esquecer-lo, Ahmed Salaam – disse ela com doçura.

Ele desviou o olhar, tirou um lenço do bolso e o levou aos olhos. Nina olhou para ele surpresa ao vê-lo chorar. Uma lágrima caiu em seu rosto, ela a limpou com o polegar, e Ahmed voltou a esconder o rosto em seu ombro. Sabia que estava chorando e notou que tremia. Precisava consolá-lo.

– Você está em minha alma, Nina Ossairan Chadarevian. Nunca a esquecerei. Se um dia precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

– *Shukran ya habibti* – despediu-se Nina, desvencilhando-se suavemente de seu abraço. Era hora de ir. – Não me acompanhe até o elevador, meu amor... Deixe-me ir.

Ahmed assentiu. Seu carro o esperava para levá-lo ao jato particular do rei da Jordânia.

– Nina, o homem com quem falei me deu isto – disse Ahmed, entregando-lhe um saquinho de veludo azul.

Nina o colocou na bolsa e foi para a porta. Abriu-a, virou-se e olhou para ele. Ainda estava com os olhos úmidos.

– Sorria, Nina, por favor.

Ela, apesar das lágrimas, sorriu.

Nina entrou no Aston Martin, apoiou a testa no volante e levou a mão ao coração. Sentia que estava partido. Soltou um gemido que abriu a represa: as lágrimas se derramaram furiosas entre soluços, não só por Ahmed, mas também por seu pai, cuja morte nunca havia chorado. Ao recordar o homem que a havia amado e a sua mãe, e as protegeu até o final, novas lágrimas brotaram de seus olhos.

Chorou todo o caminho para casa. Por sorte Charley estava no escritório e tinha tempo para se acalmar. Deixou a bolsa no estúdio e foi ao banheiro jogar água fria no rosto para lavar as lágrimas secas e salgadas que haviam ficado em sua face.

Decidiu que precisava de um drinque e um cigarro, e, ao pegar o maço de Marlboro, viu o saquinho azul. Abriu-o e esvaziou o

conteúdo na mão. Era a metade do medalhão gravado com o símbolo sagrado da Armênia que Jumana também levava no pescoço.

Finalmente, depois de trinta anos, deixou seu pai ir.



## Capítulo 22

Mouna estava nervosa. Era domingo de manhã, e Samir ia almoçar em sua casa. Fátima cedeu e aceitou conhecê-lo porque Hanan sugeriu que ele devia se converter ao Islã se quisesse se casar com Mouna, e Mouna sabia que ele estava disposto a isso. Trocou três vezes de roupa e, finalmente, escolheu uma calça preta e uma túnica comprida e folgada turquesa que chegava até as coxas. Fez um rabo de cavalo em vez do coque emaranhado que costumava usar. Não se maquiou e se limitou a passar um pouco de brilho nos lábios.

Respirou fundo e foi para a cozinha. Fátima estava cozinhando, e Hanan sorriu ao vê-la.

– Você está linda.

– Obrigada, *khala*. Quer ajuda, *immī*?

– Imagino que esse homem não esteja esperando carne proibida – murmurou Fátima, desgostosa.

– Ele não é tolo, *immī*. Sabe que somos muçulmanas. Tenho certeza de que vai adorar tudo o que você oferecer.

– Nunca se sabe... – comentou Fátima, virando o que estava na frigideira.

Mouna ia dizer alguma coisa, mas Hanan pegou seu braço e meneou a cabeça para que deixasse para lá. Olhou em volta; queria que a cozinha parecesse mais acolhedora, mas, além de colocar almofadas nas cadeiras, não pôde fazer muito mais. Não tinham sala de estar porque a haviam transformado no dormitório que a mãe e a tia dividiam. Também não havia sala de jantar, de modo que só

restava a cozinha e seu quarto, e recebê-lo nele era totalmente inaceitável. Torceu as mãos e rezou para que tudo corresse bem.

Ouviu a campainha. Santo Deus! Já era uma! Olhou o celular para se certificar.

– *Immi, khala*, ele já chegou.

– Calma, menina. Tudo vai dar certo – Hanan tranquilizou-a.

Mouna sorriu agradecida e foi abrir a porta. Samir carregava duas grandes caixas de doces e trazia consigo um homem que ela imaginou ser seu pai, Charley Abboud. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que era o marido de Nina Abboud; e a segundo, que só tinham quatro cadeiras.

– Mouna, este é meu pai, Charley. Espero que não se importe, ele insistiu em vir.

– *Masbut*. Claro que não. Bem-vindo. Prazer em conhecê-lo. Entre, por favor. Esta é minha casa; desculpe, é muito humilde.

– Não precisa se desculpar – disse Charley.

– Moro com minha mãe e minha tia – informou Mouna, enquanto avançava pelo curto corredor até a cozinha.

– *Immi, khala*, este é Charley Abboud, pai de Samir. E este é Samir.

– Espero que não se importe, *madame Al-Husseini* – desculpou-se Charley. – Achei que era importante estar presente.

– Não nos incomoda em absoluto – disse Hanan sorrindo para os dois homens.

Fátima não disse nada. Sentaram-se à mesa enquanto Mouna servia um copo de suco de laranja e os *mezze* que Hanan havia preparado.

Houve um silêncio constrangedor durante o qual todos provaram o *humus* e o *babaganush*.

– Delicioso, é o melhor que já provei – aprovou Charley.

– Obrigada. Foi Mouna que fez, eu só dei instruções – esclareceu Hanan.

– Há quanto tempo moram em Beirute, *madame*? – perguntou Charley a Fátima.

– Muito – respondeu ela levantando-se.

Mouna olhou para Samir como que se desculpando. Ele meneou a cabeça para que não se preocupasse.

Enquanto Fátima cuidava da comida, Charley e Hanan começaram a falar de Beirute, Sídon, de comida e do programa de Abou Riad; riram de alguns *sketches*. Mouna suspirou aliviada. Se não fosse por Hanan, aquele almoço teria sido um desastre.

Fátima serviu diretamente do fogão porque na mesa não havia lugar suficiente. Havia feito *sayadieh*, um prato típico de arroz com peixe e ervilha refogada com azeite de oliva e alho. Charley elogiou a comida a cada mordida e parabenizou Fátima várias vezes por seus dotes culinários. Mouna sorriu agradecida para ele e para Samir, que comentou, por sua vez, que tudo estava delicioso.

Quando acabaram de comer, Charley mencionou o motivo de sua visita.

– *Madame* Al-Husseini, vim para falar do casamento entre meu filho Samir e sua filha Mouna.

– Estou ouvindo.

Mouna olhou para suas mãos e rezou para que a mãe se comportasse. Ao cruzar o olhar com Samir, seus olhos a inundaram de confiança e otimismo. Sua tia se desmanchava em lágrimas. Charley e Fátima estavam frente a frente. Mouna limpou a mesa para o café e a sobremesa.

– O que oferece por minha filha? – perguntou Fátima à queimadura.

– Quanto quer? Dinheiro não é obstáculo quando se trata da felicidade de meu filho.

– Senhor Abboud, como pode ver, não somos ricos. Mouna nos sustenta com o que ganha no salão de beleza. Preciso me assegurar de que alguém cuidará de nós quando ela se for.

– Isso não será problema.

Começaram as negociações, ou melhor, Fátima começou a pedir, e Charley, a aceitar tudo o que ela pedia.

– Se Samir quiser se casar com Mouna, terá de se converter ao Islã.

Charley ficou calado. Afastou-se um pouco e colocou as mãos sobre a mesa.

– *Madame* Al-Husseini, somos cristãos, mas estou disposto a ter uma nora muçulmana e não me incomoda celebrar as tradições muçulmanas em casa. Mas por que meu filho precisa se converter? Por que não deixar que mantenham a religião em que cada um foi educado?

– Para mim é inaceitável que minha filha se case com um infiel.

– Um infiel? – Charley riu. – Duvido muito que o seja.

– Se ele não se converter, Mouna não pode se casar com ele.

– *Immi...* – começou Mouna com o coração acelerado no peito, mas Fátima a silenciou com o olhar.

– Por Deus, Fátima! Não estrague a vida dela – interveio Hanan.

– *Madame*, a senhora devia escutar sua cunhada – sugeriu Charley.

– Não me importo, papai – intercedeu Samir. – Se ela quer que me converta ao Islã...

Charley o fez se calar pondo a mão em seu braço.

– E o senhor deveria escutar seu filho – replicou Fátima.

– Acabamos. Vamos, Samir.

– Pai! – exclamou Samir, desconcertado com o desenlace.

– Acabamos, vamos embora – repetiu Charley.

– Por favor, senhor Abboud, não se vá – suplicou Mouna com lágrimas nos olhos.

– Mouna! – gritou Fátima. – Deixe que vão. Se ele realmente a ama, fará o que lhe peço.

– Não! Não vou deixar que arruíne minha vida mais do que já fez! – gritou Mouna correndo para seu noivo. – Samir, por favor, não vá embora assim. A religião não me importa. Tanto faz que você seja cristão, e eu, muçulmana. O que importa? – Segurou-o pelo braço. – Como tudo pode acabar assim?

– Não se preocupe, tudo vai se resolver. Vou falar com meu pai, tudo vai dar certo – prometeu antes de fechar a porta do carro para o pai. – Eu ligo depois. Não se preocupe, eu amo você. – Segurou seu rosto e a beijou antes de entrar no Ford Explorer.



Mouna ficou com lágrimas nos olhos, um nó no estômago e a inexorável sensação de que tudo ia dar muito errado.

Nadine Safi estava em um dilema. Uma conhecida havia ligado para contar que havia acabado de sair do restaurante onde Rima Saad ficara se vangloriando do caso que tinha com Rachid Hayek. “Meu Deus!”, pensou quando ela relatou os detalhes.

Olhou o telefone; não sabia se devia contar a Lailah ou ficar fora disso. Depois de torcer as mãos várias vezes, ligou e a convidou para tomar chá.

– Você me pega no Cleópatra? Vou lá hoje à tarde, depois podemos ir ao café Gemmayzeh.

Nadine aceitou.

Havia muito pouco trânsito, e ela chegou à *rue* Gouraud muito antes do esperado. Podia ir a um café, mas preferiu entrar no salão de beleza.

– *Madame* Safi – cumprimentou Mouna.

Mouna não estava tão alegre e animada como de costume. O acontecido no fatídico almoço com Charley a havia abatido; além do mais, Samir estava nos Estados Unidos para um programa de formação de fuzileiros navais que duraria vários meses. Prometeu ligar todos os dias, mas, às vezes, devido à diferença de fuso horário, só mandava mensagens de texto. Tudo parecia estar em compasso de espera, e os dias se estendiam; as noites, mais ainda. Sentia que sua mente não descansava, que queimava os miolos para encontrar uma maneira de satisfazer sua mãe e o pai de Samir. Para piorar seus problemas, o coletor de impostos ia todos os dias xeretar, e sabia que precisava renovar a licença.

– Como está, Mouna? – perguntou Nadine.

– *Hamdellah, merci.*

Nadine cumprimentou Lailah com um abraço e três beijos.

– Você está lindíssima, como sempre.

– Obrigada. Fiquei muito feliz de ter notícias suas, parecia que não nos falávamos há anos.

– Sim. Desculpe, mas estive ocupada com uns amigos de Chucrici que chegaram.

- *Maalish*, não se preocupe. Pelo menos nos encontramos hoje.
- Onde está Amal? – perguntou Nadine.
- Teve de ir ao médico. Voltará logo – explicou Mouna.
- Você sabia que ela é pintora? – perguntou Lailah a Nadine.
- *Anllad*?
- Sim, e tem muito talento. Estou pensando em expor seus quadros no Sursock.
- O quê? – surpreendeu-se Nadine.
- Ela é muito boa. Se tivermos tempo, vamos passar na galeria Najjar. Minha amiga Hala tem alguns quadros dela.
- Que maravilha! O que acha disso, Mouna?
- Eu não fazia ideia, *madame* Safi; fiquei tão surpresa quanto você.

Nadine esperou que Mouna acabasse de pentear Lailah. Achou o salão muito acolhedor. Sem dúvida, funcionaria muito melhor se fosse reformado. O telefone tocou, e Mouna foi atender.

Nadine olhou para Lailah e sorriu para ela no espelho. Continuava sem saber como lhe dar a notícia.

– Parece que está carregando todo o peso do mundo nas costas – comentou Lailah, mas Nadine não respondeu. – O que foi, Nadine? – perguntou ao ver o rosto da amiga tomado por uma sombra de preocupação.

- Depois conversamos, enquanto tomamos café.
- Mas o que aconteceu? Dê-me uma pista.
- Lailah, prefiro não falar disso aqui.
- Por quê? Ninguém está ouvindo.
- É sobre Rachid – confessou após inspirar profundamente.
- O quê? – exclamou Lailah, pulando na poltrona para se virar para sua amiga. – O que aconteceu com ele?
- Não sei como lhe dizer... Eu soube que ele tem um caso. – Fez uma pausa para verificar o efeito de suas palavras.
- Com quem? – sussurrou Lailah.
- Com Rima Saad.

Mouna estava no balcão. Havia acabado de falar ao telefone, mas, quando ia voltar para dar os últimos retoques no penteado de Lailah,

ouviu algumas palavras do que lhe pareceu uma conversa muito séria e preferiu esperar. Sentiu muito por Lailah. Pobre mulher, que pena ter um marido assim. Apesar de todo esse verniz de *glamour* e dinheiro, no fundo devia levar uma vida muito triste.

Nadine e Lailah foram ao café Gemmayzeh, onde Lailah revelou seus segredos mais íntimos, seus sonhos despedaçados, suas frustrações, contente por ter alguém com quem conversar.

– Então, por que continua com ele? Se só a faz sofrer, por que insiste em continuar ao lado dele? Você é uma mulher inteligente e culta, pode abandoná-lo, arrumar um emprego, ganhar dinheiro, começar uma nova vida. Por que não vai para Paris? Com todos os seus conhecimentos e sua experiência no mundo da arte, com certeza vai arranjar alguma coisa.

– Na teoria, parece muito bom, mas não é tão fácil.

– Sei que significa um grande esforço, mas não é impossível.

– Nada é impossível, só depende da pessoa e de ter coragem suficiente.

– Então, por que não começa de novo?

– Porque não tenho coragem. Veja, Rachid não me trata mal, não me ofende, nem sequer dormimos na mesma cama. Limitamo-nos a aparecer juntos em alguns eventos, só isso. Ele faz o que lhe dá na telha, e eu faço vista grossa porque...

– Por quê? Por que faz vista grossa? – interrompeu Nadine.

– Porque, no fundo, sou uma covarde. E por mais que tenha jurado a mim mesma quando era jovem que não dependeria de ninguém, como aconteceu com minha mãe, cada vez me pareço mais com ela. Eu me acostumei a esta vida inútil. Sei que não vou mudar o mundo, então acho que ninguém se importa que eu leve uma vida diferente.

– Sim, mas para você seria muito importante.

– Encontrei outras coisas com que me ocupar. Meu casamento é um fracasso com o qual convivo todos os dias, então procuro não pensar nele e me consolo com meu trabalho no Sursock e meus pequenos sucessos no mundo da arte.

– E isso realmente a preenche?

– Sim, confesso que encontrar Amal me deu novo ânimo. Estou muito entusiasmada de levá-la ao Sursock e ajudá-la a se tornar uma artista de renome. – Nadine assentiu. – Não levo uma vida horrível. Sou saudável, não passo fome, moro em uma casa bonita... tudo o que havia sonhado. Quem tem tudo? Pelo caminho, todo mundo faz um “pacto faustiano”. Este é o meu.

A campainha do Cleópatra tocou, e um homem entrou. Evidentemente, não era um cliente em potencial. Foi ao balcão, tirou os óculos e olhou o papel que tinha na mão. O coração de Mouna gelou.

– Estou procurando Mouna Al-Husseini.

– Por quê? – perguntou ela tentando não parecer assustada.

– Porque vamos fechar este estabelecimento.

– Quem é o senhor?

– Pertencço à Corporação de Desenvolvimento Econômico da prefeitura.

– E o que aconteceu? Por que quer fechar o salão?

– Porque não pagaram o imposto municipal nem renovaram a licença comercial, apesar das cartas e dos requerimentos que foram enviados. Este salão é ilegal. Quando ela voltar, será multada; se não pagar, teremos de prendê-la.

– Prendê-la? – repetiu atônita.

– Sim, é ilegal permanecer aqui.

– E o que quer que eu faça?

– Dê-me as chaves. Vamos lacrar o local até que consigamos falar com *madame* Al-Husseini e ela pague o dinheiro que deve à cidade.

– Posso ligar para ela e dizer o que está acontecendo?

– Sim, mas depressa.

Discou rapidamente o número de Amal, mas caiu na secretária eletrônica.

– Olá, Amal, sou eu. Só quero lhe dizer que veio um homem da prefeitura e vai fechar o salão. Ligue para mim.

Entregou-lhe as chaves, não tinha outro remédio. Não podia dizer que era Mouna e pedir que lhe desse mais tempo. “Que vou fazer?”, perguntou-se, enquanto ia até sua moto. O homem saiu, baixou a

porta de ferro e colocou os cadeados. Tirou um lacre de uma sacola e o colocou na porta com um aviso que informava que o salão estava fechado até segunda ordem por determinação do prefeito e da Corporação de Desenvolvimento Econômico.

Mouna estava a ponto de chorar. Tudo havia dado errado. Samir tinha ido embora, e fecharam seu salão. O que ia dizer a sua mãe e sua tia? Onde iam morar? Não sabia como ia pagar o aluguel, as contas, como poderia comprar comida. Por que tudo tinha de ser sempre tão difícil?

De repente, sentiu-se muito velha e cansada: cansada de sua mãe a tratar como uma inútil, fatigada de lutar em vão, cansada de sua vida. Durante um instante, Alá havia feito Samir aparecer e lhe permitira ver uma luz no fim do túnel. Mas essa luz havia se apagado. Por que lhe dava esperanças para depois tirá-las?

Amal chegou em casa após passar o dia todo com Lailah e Hala na galeria.

– Não está mal, mas você precisa trabalhá-lo mais – disse Lailah sobre uma natureza-morta de limões.

Amal suspirou, queria que ela tivesse gostado. Queria que estivesse à altura dos quadros que iam expor na galeria, mas sabia que precisava praticar muito mais.

– Aqui não vou conseguir – reconheceu, deixando o bloco de desenho sobre a mesa.

– Vai encontrar o momento – garantiu Lailah.

– Não, aqui não consigo pintar. Não me sinto inspirada.

– Mas Beirute tem muita energia.

– Sim, mas não da que necessito. Preciso da terra, da beleza da paisagem e dos campos. Aqui só vejo edifícios e ruas. Sei que isso preenche algumas pessoas, mas não a mim.

– Entendo. O que quer fazer? Você sabe que a ajudarei em tudo o que puder.

– Quero voltar para Deir el-Ahmar, para a casa de meus avós.

– Por que não vamos juntas?

– Está falando sério? Quer realmente se isolar no campo?

– Não tenho muito que fazer. Além do mais, faz anos que não vou ao vale do Beqaa. Por outro lado, preciso descansar de Beirute e de meu marido. Vai ser bom para mim.

– Puxa, Lailah! Fico feliz que queira ir, mas não se sinta obrigada. Devo adverti-la que lá não há muito que fazer, nem salão de beleza.

– Não se preocupe, quero ir. E, se não há um salão de beleza, melhor.

– O que me faz lembrar que preciso ligar para Mouna e dizer que preciso ir embora. Espero que não tenha problemas para encontrar uma substituta, eu não gostaria de deixá-la na mão.

– Acho que ela vai dar um jeito, mas posso ligar para o Alexandre e dizer que mande temporariamente uma de suas aprendizes ao Cleópatra.

– Você tem solução para tudo...

– Pelo menos, eu tento – disse Lailah.

– Adoraria que você conhecesse Roger Hayek, o médico que salvou minha vida e dono da casa de hóspedes onde moro.

– Eu também gostaria de conhecê-lo, quando for possível para os dois.

– Vou perguntar e organizar alguma coisa.

– Que coincidência termos o mesmo sobrenome...

Amal viu o celular na mesinha da entrada. Havia esquecido de pegá-lo de manhã e tinha várias chamadas perdidas de Mouna.

– Mouna, desculpe – disse quando ligou para ela. – Deixei o celular em casa.

– Está tudo um desastre.

– Bem, só pode melhorar ou piorar.

– Amal! Minha vida está indo para o brejo. Não pode ser um pouco mais otimista?

– Desculpe; acho que vai melhorar.

– *Ya Allah!* Fico feliz por não ter perdido seu ceticismo.

– Sinto muito, de verdade. Não sou muito boa em me expressar.

– Eu sei. Não tem problema. O que vai fazer? Por estranho que pareça, nem sequer sei onde você mora. Vai se virar sem emprego? Estou me referindo ao dinheiro.

– Sim, não se preocupe. Eu teria ligado antes, mas deixei o celular em casa. Estive o dia todo com Lailah e Hala na galeria.

– Como vai a exposição?

– Bem. Bom, é mentira; por ora, está estacionada.

– Por quê?

– Porque, para poder organizá-la direito, Hala precisa de pelo menos mais quatro quadros.

– E o que quer dizer com isso?

– Que não sei se posso pintar. Não sei se vou conseguir pintar com a mão esquerda como pintava com a direita. Tentei, mas não estou avançando.

– *Haraam!* E o que vai fazer?

– Pensei em voltar para casa. Lá sempre me sinto melhor. Acho que vou progredir mais rápido. Na verdade, quando voltei da galeria ia ligar para você para ver se podia me dar um tempo e arranjar outra assistente, mesmo que fosse temporariamente. Então, ouvi sua mensagem.

– Bem, agora pode tirar todo o tempo de que necessitar.

– Então, acho que vou semana que vem. Lailah vai me levar de carro. Ela está sendo muito boa comigo. De verdade, jamais imaginei que teria uma mentora que me apoiasse tanto. Ela não se mete, não fica olhando quando estou trabalhando, não fica xeretando. Só me estimula e ajuda.

– E *madame* Nina? Você a tem visto ou falado com ela?

– Não, o que me parece estranho. Vou ligar para ela, talvez também queira ir para Deir el-Ahmar.

– Pode me fazer um favor antes de ir? Pode pedir a *madame* Hayek que me recomende no Alexandre?

– Por quê? Quer trabalhar lá?

– Preciso fazer alguma coisa. Tenho de pagar o aluguel, sustentar minha tia e minha mãe, e achar um jeito de ganhar dinheiro para pagar o imposto e a licença.

– Tenho certeza de que Lailah vai lhe arrumar emprego. Ela gosta muito de você.

– Obrigada, Amal. Depois você me conta. Ah, obrigada por compartilhar seu anjo da guarda comigo.

– Você está em casa? – chamou Roger do vestíbulo.

– Estou no estúdio.

Amal estava no sofá com o bloco de desenho e um carvão na mão esquerda.

– A artista trabalhando – brincou. Amal riu. – Como está indo? – perguntou ele, enquanto se servia de um copo de uísque.

– Paralisada – respondeu, e o carvão escorregou entre seus dedos.

– Humm...

– Doutor Hayek... – disse Amal deixando o bloco e se levantando.

– Oh, oh! Não gostei do tom. Devo me assustar?

– Não diga bobagens.

– Muito bem. Estou sentado e já tomei um uísque. Desembuche.

– Às vezes, você é muito estranho – disse antes de contar seu projeto de ir para Deir el-Ahmar. – Se não conseguir pintar esses quatro quadros, não haverá exposição.

– Para quando está programada?

– Ainda não tem data fixa. Para quê? Antes preciso saber se sou capaz de pintar com a mão esquerda.

– Quando pretende ir?

– No começo da semana que vem, depende de Lailah. A propósito, falando nela, ainda não os apresentei. Eu gostaria muito que vocês se conhecessem.

Roger ficou calado. Não queria lhe dizer por que havia feito o possível para evitá-la. Talvez tivesse chegado o momento de lhe contar tudo.

– Ouça, Amal, preciso lhe contar uma coisa, algo que eu devia ter mencionado quando você me falou de sua relação com Lailah.

– Desculpe interrompê-lo, mas ela comentou que achava muito curioso que tivessem o mesmo sobrenome. É como se eu tivesse dois anjos da guarda com o mesmo sobrenome.

– Não é uma coincidência.

– O que quer dizer? São parentes? Está de brincadeira?



– Eu sou filho da segunda mulher de Rachid Hayek – confessou. Amal ficou de boca aberta. – Feche a boca, ou vão entrar moscas.

– Espere, o que foi que você disse?

– Lailah, a terceira esposa dele, é minha madrasta.

– Meu Deus! Não acredito! Isso é incrível! – exclamou Amal, levantando-se do sofá e dando voltas pelo estúdio.

Roger começou a rir ao ver sua reação.

– Faz mais de trinta anos que não vejo meu pai. Não nos damos bem, nunca nos demos.

– Então, você conhece Lailah...

– Não, não fui ao casamento. Eu estava trabalhando nos Estados Unidos e estava muito feliz.

– Lailah sabe que você existe? Que vive em Beirute?

– Sabe que Rachid e a segunda mulher tiveram um filho que se chama Roger, mas desconhece que trabalho como médico aqui. Acha que continuo nos Estados Unidos.

– E com certeza ele também não sabe.

– Não faço ideia. Se sabe, não fez nenhum esforço para entrar em contato comigo.

– Que pena. Ele não parece um homem muito agradável.

– Certamente não. É narcisista e egoísta, e se julga muito importante. O pior é que é um mentiroso compulsivo. Sai por aí dizendo idiotices sem fundamento e consegue fazer as pessoas acreditarem. Toda sua vida e seu trabalho se baseiam em mentiras.

– Que encanto – comentou Amal com sarcasmo. – Lailah é o contrário; é bonita, generosa... uma mulher encantadora.

– Não sei o que ela viu nele.

– Não faço ideia, mas talvez ele também tenha mentido para ela para que se casassem.

– É muito possível. Apesar de ser meu pai, não tenho receio de dizer que é um mafioso. Tenho certeza de que se casou só para aumentar seu cachê.

– Vai saber. De qualquer maneira, já é hora de conhecê-la. Eu a convidei para jantar.

– Tem certeza do que vai fazer? – perguntou ele, servindo-se de mais uísque. – Não quero deixá-la em uma situação constrangedora ou fazê-la se sentir estranha. E, para dizer a verdade, não gostaria que ela dissesse a Rachid que estou aqui.

– Não vai dizer. Acho que o casamento deles não anda bem. Não só se ofereceu para me levar a Deir el-Ahmar, como também para ficar comigo. Acha que ela iria embora por um período indefinido se mantivesse algum tipo de relacionamento com Rachid?

– Suponho que você tenha razão. Faça o que julgar oportuno, confio no seu bom senso.

– Obrigada, Roger, tenho certeza de que vai se dar bem com ela.

– Ora, eu sou médico. Eu me dou bem com todo mundo – vangloriou-se rindo antes de tomar um gole. – E quem vai cozinhar, você?

– Não, querido doutor Hayek, você vai cozinhar. Vai ser fantástico. Uma reunião familiar! – gritou entusiasmada.

Amal abriu a porta da casa de hóspedes.

– *Madame* – cumprimentou a mulher que considerava sua mentora e chefe.

– *Habibti* – respondeu Lailah, dando-lhe três beijinhos. – Quando vai parar de me chamar de *madame*?

– Eh... Lailah, desculpe. Não consigo esquecer que você era cliente do Cleópatra.

– Imagine que sou sua irmã mais velha e que você lavou meu cabelo.

Amal assentiu e sorriu.

– Venha, vou lhe mostrar onde moro e depois iremos para a casa. Roger está cozinhando como um louco.

– Quero muito conhecê-lo – disse Lailah, dando uma olhada em volta. – É um lugar muito bonito.

No amplo estúdio havia uma cama de mogno com dossel e lençóis brancos na área do dormitório, prateleiras cheias de livros, vídeos, CDs e dois porta-retratos, e uma pequena área de sala de estar com um sofá e poltronas que pareciam caras e confortáveis. Segundo

Amal, o chão de lajotas brancas era fresco ao toque dos pés, e as claraboias inundavam o quarto de luz natural.

– Onde você pinta?

– No jardim – disse Amal, afastando as cortinas de listras verdes e brancas que cobriam as janelas do chão ao teto. Através delas via-se um pequeno alpendre com uma escada que conduzia a um jardim cheio de flores e especiarias.

– É lindo! – exclamou Lailah ao sentir o cheiro de alecrim e lavanda.

– Quando cheguei, não havia nada.

– Você plantou tudo isso? – perguntou Lailah impressionada.

– Tudo não. Perguntei a Roger se podia colocar flores que me recordassem minha terra. Ele me deu permissão, e falei com um jardineiro.

– Fez um ótimo trabalho.

– Sim, mas não pode se comparar com o que vai ver pela janela na casa de meus pais. É muito mais espetacular porque as plantas são silvestres.

– Quero muito ir.

– Venha, vamos ver Roger. Espere um momento – pediu Amal. – Antes, preciso contar uma coisa... sobre o pai dele.

– *Ahlan, ahlan* – cumprimentou Roger ao abrir a porta. – Bem-vinda, *madame* Hayek. Obrigado por vir a minha humilde morada – recebeu-a com uma leve reverência.

– Prazer em conhecê-lo. Muito obrigada por me convidar.

Amal entrou depois de Lailah e piscou para ele para que soubesse que havia falado com ela.

– O que posso lhe oferecer para beber, *madame* Hayek? – perguntou Roger enquanto se dirigia ao bar.

– Se tiver alguma garrafa de vinho branco aberta, aceito uma taça.

– Claro. Eu tomarei outra.

– Já volto – disse Amal, que queria desaparecer com discrição para que eles pudessem conversar tranquilamente.

– Não precisa ir, Amal. Fique, por favor – pediu Lailah enquanto Roger lhe oferecia a taça de vinho.

– Quer? – perguntou ele olhando para Amal, que assentiu encantada.

– Delicioso – aprovou Lailah após tomar um gole.

Os três ficaram em silêncio.

– Tudo isso é muito constrangedor – interveio Amal, finalmente. – Querem fazer o favor de falar para acabarmos com isso de uma vez?

– Tudo a seu tempo, Amal. Você é muito impaciente – recriminou Roger. – Fico muito feliz em conhecê-la – disse voltando-se para Lailah, que sorriu com timidez. – Amal a adora.

– Obrigada, o sentimento é mútuo. – Lailah fez uma pausa. – Diga-me, Roger, quando voltou a Beirute?

– Há alguns anos – respondeu ele, antes de tomar um gole.

– E nunca entrou em contato com seu pai?

– Não, mas não acho que ele tenha se importado.

– Não sei, talvez sim – disse Lailah arqueando as sobrancelhas.

– Tenho certeza de que não.

– Onde sua mãe mora?

– Em Paris, e ela também não fala com Rachid.

– É, ele não é um homem com quem se consiga conviver facilmente – concordou Lailah diplomaticamente.

– Na verdade, surpreende-me o fato de que continue casada com ele.

– Não quer mesmo ver Rachid nem falar com ele? – perguntou Lailah, desviando o foco.

– Não, para mim ele é um estranho. Não cheguei a conhecê-lo durante a infância.

– É próximo de sua mãe?

– Sim, falo com ela quase todos os dias.

– E por que voltou para Beirute? Por que não foi para Paris?

– Porque não pude recusar a oferta do Centro Médico da UAB.

Não teve nada a ver com Rachid.

– Quer que diga a ele que está aqui?

– Acho que prefiro deixar as coisas como estão. – Lailah assentiu.  
– Além do mais, se não fosse por Amal, com certeza não estaríamos jantando juntos – acrescentou Roger olhando para a garota, que se mantivera à parte durante toda a conversa.

– Então, a Amal! Por ter nos reunido! – brindou Lailah, levantando a taça.

– Fico feliz que tenham terminado – comentou ela levantando-se.  
– Não sei de vocês, mas eu estou com fome. Vamos jantar?

– Obrigada, Lailah – disse Roger, enquanto se dirigiam à sala de jantar.

– Por quê?

– Por ajudá-la tanto. A arte é a vida dela.

– Não há de quê. É um prazer. Tenho muito carinho por ela.

– Você lhe deu esperança. Ela parece decidida a pintar com a mão esquerda. Seu estímulo e sua fé nela tiveram um efeito muito positivo.

– Tenho certeza de que voltará a pintar. Ela tem muito talento. Nego-me a permitir que o desperdice.

– Acredita realmente nela, não é?

– Ela é uma das melhores pintoras que este país produziu nos últimos tempos, e, de minha parte, estou muito orgulhosa dela. Há muito talento no Líbano, mas muitos artistas tiveram de ir para o exterior devido às guerras. Amal é um tesouro. Não quero que vá para Paris ou Nova York. Se voltar a pintar, estará na vanguarda da nova geração de artistas libaneses.

– Fico muito feliz por termos nos conhecido.

– Eu também, obrigada por cuidar dela.

– Nós dois gostamos dela, é o que temos em comum.

Quando se sentaram à mesa, para mudar de assunto, Roger perguntou:

– Quando vão para o vale?

– Você devia vir nas suas folgas – convidou Amal.

– Irei, mas só se você não cozinhar – brincou.



## Capítulo 23

O tempo estava mudando, as tardes ficavam mais agradáveis e frescas. Era a estação preferida de Nina. Fazia vários meses que Ahmed voltara para Amã, mas ela continuava se lembrando dele, especialmente quando estava sozinha, como nesse momento. Meditou sobre o que teria sido deles se ela tivesse deixado Charley e Ahmed tivesse se separado da mulher, se ele se lembraria dela e pensaria a mesma coisa.

“Tomei a decisão acertada?”, tornou a se perguntar. Achava que sim. Esperava que sim. Estava no terraço degustando uma taça de vinho quando as portas se abriram, e Charley entrou.

– *Mon chéri!* – exclamou contente ao vê-lo e foi dar-lhe um abraço e um beijo. – O que faz em casa tão cedo?

– Não estava me sentindo bem – comentou ele, tocando o estômago. – Acho que tive uma indigestão.

– Venha, sente-se – aconselhou Nina, pegando-o pelo cotovelo para apoiá-lo. – Vou pegar uma Ginger-ale ou uma Coca-Cola.

Sabia que era algo sério, porque ele jamais teria ido para casa por uma simples dor de estômago. Ajudou-o a se sentar e foi chamar Suzi.

– *Habibti*, estou muito melhor. Diga a Suzi que me traga uma taça do vinho que você está tomando.

– Eu sirvo, *chéri* – ofereceu Nina tirando a garrafa do balde de gelo que a criada havia deixado ao seu lado. – Como passou o dia? – perguntou.

– Bem; enrolado, como sempre.

– Estou feliz por estar aqui. – Nina levantou a taça para o marido e, ao se inclinar para encostar na sua, Charley soltou um gemido.

– O que foi? Continua com dor de estômago? Quer que eu chame o médico? – sugeriu Nina alarmada.

– Não, *chérie*. É só uma indigestão.

– Quer passar um longo fim de semana na casa da praia?

– Sim, iremos este fim de semana sem falta.

Nina continuava se sentindo culpada ao recordar todas as mentiras que, extenuada por conta de sua vida com Ahmed, havia lhe contado quando ele propunha ir à praia.

– Nina... mudei de ideia... Acho melhor chamar o médico. Não estou nada bem.

Ela se levantou de um salto, pegou o celular e colocou a mão no ombro dele enquanto fazia a ligação.

– Doutor Talal? É Nina Abboud. Charley não está bem... Poderia...

– Mas não acabou a frase. – Oh, meu Deus! Charley! – gritou quando seu marido desmaiou e começou a deslizar para o chão. Ela ajoelhou para evitar que caísse e colocou a cabeça dele em seu colo.

– Doutor! Venha correndo, por favor! Charley! *Chéri! Habibti!* Está me ouvindo?

Ligou para o Centro Médico da AUB para que mandassem uma ambulância antes de avisar Suzi.

Suzi deu um grito ao ver Charley no chão, com a cabeça no colo de Nina, os olhos virados, e a boca aberta babando.

– Suzi, chame o criado pessoal de Charley e o cozinheiro para nos ajudar. – Voltou a telefonar para o médico para informar que havia chamado uma ambulância e que o esperaria no hospital. – Onde está a maldita ambulância? – amaldiçoou voltando a digitar o número do hospital.

Minutos depois os paramédicos chegaram com uma maca. Nina correu atrás deles para entrar na ambulância e segurar a mão do marido enquanto colocavam uma máscara de oxigênio e o ligavam a várias máquinas.

– O que aconteceu? – perguntou um dos paramédicos.

Nina informou que Charley havia se queixado de dor de estômago e achava ser uma indigestão.

– O que acha que é? – Nina franziu o rosto preocupada.

– Parece um ataque cardíaco.

– Ele pode me ouvir? – perguntou Nina.

O paramédico assentiu.

– Charley, estou aqui. Não se preocupe com nada, *chéri*. Você vai ficar bem.

Meio adormecido, Charley virou a cabeça para ela e tentou abrir os olhos. Nina sorriu e apertou a mão dele.

– Estamos indo para o Centro Médico da UAB, *chéri*; o doutor Talal nos encontrará lá. Ele vai fazer você ficar bem – repetiu, acariciando o rosto e a testa de Charley.

Quando chegaram, o doutor Talal os esperava na porta do pronto-socorro.

– Doutor! Doutor! – gritou Nina saindo da ambulância.

O velho médico, um dos melhores cardiologistas de Beirute, correu para eles.

– O que aconteceu, Nina? – perguntou o médico, olhando para Charley e para a folha que especificava o que os paramédicos lhe haviam administrado.

– Não sei. Ele veio cedo para casa se queixando de dor de estômago.

– Ok, Nina, obrigado. Deixe que eu cuido disso – disse o médico antes de ir para a emergência seguindo a maca.

Nina expirou com força e foi para a sala de espera. Ligou para Samir e esperou o doutor Talal. Muitas horas depois, ele apareceu com a roupa verde do centro cirúrgico.

– Doutor! – exclamou Nina ao vê-lo.

– Nina, venha, vamos nos sentar ali – disse o médico indicando um sofá confortável. – Ele está bem. Teve um infarto maciço – informou tirando a touca e os óculos para limpá-los. – Uma das cavidades está gravemente danificada, não sobreviverá a outro infarto.

– O que quer dizer? – perguntou ela preocupada.



– Vai ter de se cuidar. Vamos ter de controlá-lo de perto. Vai precisar de um longo período de recuperação. Precisa fazer repouso absoluto, nada de trabalho nem atividades físicas. Quando se recuperar, estudaremos a possibilidade de substituir uma válvula.

– *Ya Allah!*

– Ainda não posso dizer quanto tempo terá de ficar em casa, depende dele e de como conseguir se recuperar.

– Obrigada. Vai precisar de cuidados especiais? Contrato uma enfermeira?

– Conhecendo Charley, eu o faria. Sem poder trabalhar, eu não gostaria de estar ao lado dele. Vai infernizar sua vida.

Nina contemplava, de seu quarto, o exuberante jardim que se estendia para além do terraço. Estava pensativa e, de vez em quando, lançava olhares furtivos para o iPhone que estava na mesinha marroquina. Como sempre acontecia quando estava sozinha, seus pensamentos se fixavam em Ahmed. Estaria tomando café da manhã com a mulher e os filhos? Estaria tomando suco de laranja e pedindo à esposa que lhe passasse os cereais? Aquela imagem não combinava com ele, era clichê demais. Tomou um gole de limonada. Ao pegar o telefone para ligar para Claudia, o aparelho tocou em sua mão. Surpresa, atendeu rapidamente, imaginando que talvez Ahmed tivesse escutado seus pensamentos.

– Olá, Nina, é Samir.

– Olá! – respondeu ela contente por ouvir sua voz. – Como está a Carolina do Sul?

– Quem me dera estar aí com vocês. Como está o papai?

– Vai se recuperando.

– Odeio ter de passar dois meses neste programa de formação.

– Vai passar rápido.

– Preciso que me faça um favor; não tive tempo de lhe contar o que aconteceu na casa de Mouna – começou Samir antes de relatar o desastre.

– Como posso ajudar?

– Por que não fala com papai? Nem Mouna nem eu nos importamos com a religião. Achei que ele também não se

importasse, por isso não entendi por que não deixou que eu me convertesse ao Islã para contentar a mãe de Mouna.

– Deixe-me ver se entendi; ele não se importa que Mouna continue sendo muçulmana, e você, cristão, nem que se casem...

– Correto.

– Mas não quer que você vire muçulmano.

– Correto também.

– E o único jeito de a mãe de Mouna aceitar o casamento é você se converter ao Islã.

– Isso mesmo.

– Esse tipo de coisa nunca o deteve, você sempre fez o que quis. Ou é por Mouna? Ela não quer se casar se não atenderem às exigências da mãe?

– Mouna não espera sua bênção e não se importaria de fugir. O que acontece é que, com todos os problemas que tem com o salão, ela havia pensado em comprar um apartamento para a mãe e a tia com o dote.

– Qual o problema com o salão?

– Ela precisa renovar a licença comercial e pagar um imposto municipal. É bastante dinheiro, acho até que fecharam o local.

– Puxa! Mouna tem muito talento. Eu gostava desse salão. Por que não lhe dá o dinheiro?

– Ela não aceitaria.

– Pois então, empreste.

– Também tentei, mas ela não quer ter dívidas com seu futuro marido.

– Então, a coisa está complicada.

– Vai falar com papai? Eu gostaria de ligar para Mouna e lhe dar boas notícias.

– Não sei se vai adiantar, mas vou tentar.

– Obrigado.

Nina desligou e foi ao quarto onde Charley se recuperava.

– *Madame* Abboud – disse a enfermeira ao ver Nina no corredor.

– *Marhaba*, Nicole. Como ele está?

– Está melhorando, *madame*.

- Estava me referindo ao humor.
- Com altos e baixos, como sempre.
- Espero que esteja em um momento alto.

Abriu a porta do quarto onde o marido se recuperava. Havia decidido não acomodá-lo no dormitório para que as enfermeiras que cuidavam dele 24 horas por dia pudessem entrar e sair sem incomodá-la.

Sempre gostou daquele quarto. Era muito claro, a luz do sol entrava durante o dia todo pelas janelas que davam para um pátio onde costumavam tomar café da manhã. Era muito básico, contava com uma cama grande e confortável, uma mesa junto à janela e uma espreguiçadeira. Acima da cama havia uma estante embutida com os livros e CD preferidos de Charley. No chão polido e brilhante de madeira não havia tapetes. Respirava-se um ambiente sereno e tranquilo.

Nina aproximou-se da cama. Charley estava recostado nos travesseiros fofos e macios. Cochilava com os óculos na ponta do nariz e um livro sobre o peito. Olhou a lombada, era *Guerra e paz*.

- Nina – ouviu-o chamar com os olhos fechados.
- Olá, *chéri*. Como está se sentindo hoje?
- *Hamdellah*, bem.
- Está com uma aparência boa.
- Você nunca soube mentir. Sei que devo estar horroroso – comentou ele rindo.

Nina respirou fundo.

- Charley...
- Samir ligou, não é?
- Como você sabe?
- Você não devia se envolver.
- Mas já me envolvi.
- Ele tem menos talento do que eu acreditava – objetou, subindo os óculos e abrindo o livro.
- Charley...
- Não admito discussões sobre esse assunto – sentenciou de maneira cortante.

Nina se dirigiu à porta.

– Por favor, não vá. Desculpe.

– Para quê? De que vai adiantar? Você é muito teimoso, coisa que lhe cai muito bem como homem de negócios e presidente do Banco de Beirute, mas não estamos falando de um negócio, e sim da felicidade de seu filho e da mulher que ele ama. – Charley olhou para a esposa sem pronunciar uma palavra. – Você não ouviu ninguém. Eu não devia ter tentado falar com você.

– Então, por que tentou?

– Porque Samir me pediu, e eu prometi que tentaria. Ele é um bom filho, Charley...

– Para mim ele é tudo. Nina, desculpe – pediu ele, estendendo a mão para ela.

Nina a pegou. Charley beijou a mão da mulher.

– Você é linda – disse Charley, beijando-a outra vez. – Eu me comportei como um idiota. Eu me casei com a mulher mais espetacular e inteligente do mundo e não soube valorizá-la.

– Não diga bobagens, Charley.

– Deixei que você se afastasse – continuou em tom sentido. – E não a culpo... por nada. – Nina estremeceu. Ele sabia? – Sei que você tinha sonhos. Sinto não os ter tornado realidade.

– Tornou. Você me deu tudo de que eu necessitava e muito mais – disse ela acariciando o rosto dele e sorrindo.

– Venha – pediu ele abrindo os braços.

Pela primeira vez em muitos anos Nina se deitou com o marido. Apoiou a cabeça em seu ombro, colocou o braço sobre o peito dele e se aconchegou ao seu lado: ambos calados e perdidos em seus pensamentos.

– O que aconteceu conosco, Nina? Estávamos tão bem... Por que deixei que você se afastasse?

– Sshhh – pediu ela levando dois dedos aos lábios. – Para que remexer o passado? Deixe para lá, Charley... Vamos esquecer o passado e começar de novo. – Charley sorriu. – Podíamos ir para a casa de praia. Faz tempo que estamos falando disso.

– Sim, boa ideia. – Charley fez uma pausa. – Desculpe, Nina. Vai me perdoar um dia?

– Não diga bobagens, Charley.

– Não sei quanto tempo me resta. Meu coração não é mais o que era.

– Então, por que não quer que Samir se case com uma garota libanesa, e viver para ver isso acontecer? É o que você sempre quis, não é?

– Não sou contra esse casamento. Estou feliz por ele querer se casar, e muito mais se for com uma mulher libanesa, porque isso significa que ficará em Beirute.

– É porque ela é muçulmana? Não achei que você fosse tão religioso.

– E não sou. Não me importa que seja muçulmana.

– Então, qual é o problema?

– É uma questão de princípios. Não creio que se deva impor esse tipo de condição a um casamento. Quem a mãe de Mouna pensa que é para exigir que Samir se torne muçulmano? Deus não tem nada a ver com isso. Eles se amam como são. Se Deus não se importa, por que ela se importaria? Por que as pessoas precisam mudar para contentar um parente, especialmente quando é tão exigente em nome de Deus?

– Entendo.

– Mouna é boa garota, e sua tia é encantadora, mas a mãe precisa de uma boa lição.

– Concordo, mas vai castigar a filha por isso?

– Não a estou castigando. Aceitei tudo o que a mãe pediu. Pediu um apartamento, um carro, criados, joias, dinheiro, roupa... Concordei com tudo, apesar de saber que estava se aproveitando de mim. O fato de ela insistir que Samir se converta ao islã foi a gota d'água.

– Charley, não estou defendendo a mãe de Mouna, mas sei que elas têm muitos problemas.

– Pela casa onde vivem, não é de estranhar. Por isso queria ajudá-las.

- Então, o que faremos?
- Não há muito que possamos fazer. Samir ainda vai ficar algumas semanas nos Estados Unidos. Quando voltar, irei ver a mãe outra vez. – Nina assentiu. – Não se preocupe, não o decepcionarei; sei quanto ama essa garota.
- Digo a ele?
- Eu lhe direi da próxima vez que ligar. O que acha de jantar comigo? – Nina estranhou. – A menos que tenha outros planos, claro...
- Não, não tenho plano nenhum; vou adorar, *monsieur* Abboud.
- Excelente, *madame* Abboud, o que lhe apetece? Espere, por que você não prepara alguma coisa?
- Quer mesmo que eu cozinhe? – perguntou Nina com um grande sorriso iluminando o rosto.
- Se bem me lembro, seu *sheij el mehshi* era uma maravilha.
- Ah! Ainda se lembra da berinjela recheada? É uma receita de minha mãe.

O coração de Charley não melhorou, e ele morreu em paz de uma insuficiência cardíaca semanas depois, na casa de praia. Nina estava lendo a seu lado quando ele sentiu uma pressão no peito. Soube que era o fim. Esticou o braço para a esposa tentando respirar e viu em câmera lenta Nina deixar cair o livro e chamar as enfermeiras gritando.

- Desculpe, Nina. Não pude... – murmurou Charley, quando a pressão aumentou, e parou de respirar.
  - Pôde sim. Claro, Charley! Charley, não me deixe! Por favor, não me deixe... Desculpe, Charley... Eu que me portei mal com você. Eu amo você. Sempre amei – soluçou Nina, mas Charley estava morto.
- Beirute inteira foi ao funeral. Nina apertou a mão de todos, do presidente para baixo, e agradeceu pela presença. Muitos foram para ser vistos e poder dizer que estiveram ali. Samir continuava nos Estados Unidos e não conseguiu chegar a tempo.
- Eu não suportaria tantos desconhecidos que mal conheciam papai me oferecendo suas condolências porque se sentem obrigados

– disse a Nina. – Prefiro estar com as pessoas que conheço e amo, e as pessoas que o conheciam e amavam.

Nina entendeu e disse que não se preocupasse, que levasse o tempo que necessitasse e fizesse o que julgasse conveniente.

– Tem razão, Samir, esse funeral não é para os amigos e a família, e sim para os conhecidos.

Depois do funeral, Nina foi ao estúdio tomar uma garrafa de vinho branco com Claudia.

– Fico feliz por ter estado com ele no final. Conversamos, rimos, vimos filmes, comemos bem, tudo o que fazíamos quando nos conhecemos. Eu até cozinhei para ele – disse Nina com orgulho.

Ficaram em silêncio um tempo.

– Não acredito que ele morreu, Claudia.

– Você foi uma boa esposa.

– Está falando sério? Eu fui infiel.

– Chame do quiser, mas sua infidelidade a transformou em alguém mais atenciosa e carinhosa quando ele precisou de você.

– Mas eu menti para ele, o enganei; permiti que outro homem me abraçasse, me beijasse, fizesse amor comigo.

– Sim, mas não perdeu a cabeça nem jogou sua vida pela janela. Foi um caso, só isso. Você fez o correto. Percebeu que não valia a pena deixar Charley.

– Pensei em deixar.

– Pensar não é a mesma coisa que fazer.

– Acha que Charley e eu poderíamos ter tido o mesmo tipo de relacionamento que tive com...

– Ahmed? – Claudia terminou a frase por ela. – Duvido; Charley era um bom homem, mas pouco sofisticado quanto a suas necessidades. – Fez uma pausa. – Não, você estava pronta para Ahmed; as circunstâncias eram adequadas, e o momento, apropriado para que ele entrasse em sua vida e lhe permitisse se descobrir.

– Como foi que você ficou tão sábia?

– A vida...

– Sério, como você sabe tanta coisa?

- SÉrio... Um dia lhe conto – respondeu Claudia rindo.
  - O que vou fazer agora? Tenho todo o dinheiro do mundo, mas sem metas, nem objetivos, nem passatempos. Não tenho nada que me inspire.
  - Você precisa colocar a casa em ordem, *figlia mia*. Dar sentido a sua vida, fazê-la valer a pena viver... sozinha. Você tem força para isso.
  - Acha mesmo?
- Claudia assentiu e levantou a taça para brindar.
- Por que não volta a trabalhar comigo no restaurante?

Mouna estava deitada de lado olhando o movimento do ponteiro dos minutos do despertador antiquado sobre o criado-mudo. Escutava os segundos e esperava que os sinos comesçassem a tocar quando fossem nove. Não costumava acordar tão cedo, mas ultimamente não conseguia dormir muito. Desligou o despertador antes que tocasse e pegou o celular. Fazia pouco mais de um dia que não tinha notícias de Samir, mas não se preocupou. Ele telefonava sempre que podia; apesar de ser estranho que não tivesse nem mandado uma mensagem. Talvez devesse ligar para ele. Custaria uma fortuna, mas... Então, percebeu que na ilha Parris, Carolina do Sul, eram duas da manhã: ele devia estar dormindo. Tornou a ler as mensagens dele e sorriu. Era tão romântico, tão carinhoso, tão genuíno e sincero ao mesmo tempo. Recordou as que Amin lhe mandava, e, em comparação, eram adadoras e falsas. Que grande engano havia cometido com ele! Olhou para o teto se perguntando o que podia fazer o resto do dia.

Ouviu uma suave batida na porta. Devia ser sua tia; sua mãe normalmente entrava sem bater, gritando como um demônio *jinn*.

- Entre, *khala*, estou acordada – disse; colocou um travesseiro nas costas e encostou na parede.
- *Sabah al khair*, filha.
- *Sabah al nur*. Onde está *immi*?
- Foi ao mercado.
- Venha se sentar comigo, *khala* – convidou, ficando quase na beira da cama estreita para dar lugar a sua volumosa tia.



– Não vou caber...

– Tudo bem – disse Mouna apertando mais os joelhos contra o peito. – Melhor? – Hanan sorriu. – O que foi, *khala*?

– Ouvi no noticiário que o pai de Samir morreu ontem.

– *Ya Allah!* – exclamou Mouna levando a mão à boca. – Por isso ele não me ligou. Oh, não! Quem dera eu pudesse estar com ele... Deve estar arrasado, eram muito unidos.

– Eu sei, notei quando vieram. Certamente vai ligar.

– Obrigada por me avisar.

– Mouna, escute, não dê ouvidos a sua mãe. Se você ama esse rapaz, vá embora com ele. Isso de ele ter de se tornar muçulmano é uma estupidez.

– Não posso ir agora, ele está nos Estados Unidos.

– Pois vá para lá, para que ficar aqui?

– Não tenho dinheiro para ir. Nem sequer posso pagar o imposto e a licença. Além do mais, se eu fosse, *immi* e você morreriam de fome.

– Não se preocupe conosco. Já somos velhas, e nossa vida está praticamente acabada. Mas você é jovem, tem a vida toda pela frente, especialmente com Samir. Vá para os Estados Unidos.

– *Khala*, Samir vai voltar e, então, eu já terei encontrado um jeito de pagar o salão e o aluguel da casa, você vai ver – disse Mouna dando-lhe um abraço.

– Já sabe como vai fazer?

– Vou ligar para minhas clientes novas e dizer que atendo em domicílio. Também vou pedir emprego em vários salões de Verdun. Amal pediu a *madame* Hayek que desse boas referências minhas no Alexandre.

– Parece um plano muito realista, minha filha. Rezarei por você. Agora, ajude-me a levantar, e vou fazer alguma coisa para você comer enquanto se veste.

Mouna pulou da cama, puxou a tia, e as duas riram quando ela se soltou e caiu de novo na cama.

– *Manaish* e chá? – sugeriu ao sair, e Mouna assentiu vivamente ao pensar no pão caseiro com *zaatar* da tia.

Lavou-se e se vestiu, mas, antes de ir à cozinha, pensou que devia ligar para Nina para dar os pêsames. Mandaria uma mensagem de texto a Samir e ligaria quando estivesse acordado. Ligou para Nina, mas caiu direto na caixa postal. Deixou uma mensagem, com certeza estava no funeral. "*Maalish*", tentaria mais tarde, mas, por ora, Nina saberia que Mouna havia pensado nela.

Estava passando *gloss* quando tocou o celular. Atendeu logo pensando que era Nina.

– Mouna, é Amal.

– *Marhaba, kifek?*

– Soube do falecimento de Charley Abboud e queria lhe dizer que sinto muito.

– *Merci.*

– Dê os pêsames a *madame* Abboud e a Samir de minha parte.

– Darei. Como você está?

– Bem, mas tenho más notícias.

– *Ya Allah*, as coisas podem piorar?

– Soube que Claudine também morreu.

Mouna ficou muda.

– Mouna? Você está aí?

– Sim... – sussurrou Mouna.

– Sei que é triste para você.

– Oh, Amal! Não acredito. Estou péssima. Quando foi?

– Ontem à noite.

– E como você soube?

– Fui à fisioterapia hoje de manhã. Normalmente ela ia à mesma hora ao Centro de Oncologia. Como não a vi, entrei para perguntar.

– Lembra a última vez que a vimos? Foi horrível, todos aqueles gritos...

– Nem me diga. Fui eu quem jogou o dinheiro na cara dela.

– Quando é o funeral?

– Amanhã.

– Onde?

– Na igreja de Saint Joseph, no convento de Terre Sainte.

– E o enterro?

- Ela queria ser cremada. Acho que a cremação é hoje.
- Amanhã nos vemos. Obrigada por me avisar.

Sentou-se na beira da cama. Sentiu vontade de vomitar. Recordou a última vez que penteara Claudine. Estava muito bonita. Depois, ela não voltou até o dia em que a acusou de querer lhe arrancar dinheiro. Por que não acreditou que se preocupava com ela de verdade? Sabia que seu temperamento mal-humorado e difícil, assim como suas queixas constantes, eram puro teatro. Às vezes, baixava a guarda e sorria, até ria. Os olhos de Mouna se encheram de lágrimas ao lembrar o sorriso que Claudine esboçou ao ver seu cabelo louro platinado. Tinha gostado. Ela sabia. Havia visto seu efêmero sorriso e o brilho de seus olhos antes de franzir o cenho ao perceber que Mouna estava olhando. “Oh, Claudine! Lamento. Sinto muito que minha carta tenha ferido seus sentimentos. Não era minha intenção. Eu me preocupava com a senhora. Por favor, perdoe-me”, suplicou olhando para o teto com as mãos juntas e lágrimas no rosto.

Na manhã seguinte, foi à igreja de Saint Joseph às onze. Estava de calça escura, sandálias de salto baixo, túnica preta e um lenço da mesma cor na cabeça. Estava muito mais calma. Samir havia ligado antes de se deitar. Estava triste e sério, e Mouna fez todo o possível para consolá-lo. Contara-lhe de Claudine e como se sentia mal.

- Acho que ela gostava de você, embora tivesse um jeito muito estranho de demonstrar – disse Samir.
- Estou péssima. Amal jogou uma nota de cinquenta mil libras na cara dela. Quando ela se agachou para pegá-la, suas mãos tremiam.
- Eu sei, sei que se sente mal, mas continuo achando que ela gostava de você. Só fazemos mal às pessoas que amamos, porque sabemos que nunca deixarão de nos amar.
- Queria que você estivesse aqui.
- Voltarei logo.

A igreja estava vazia. Surpresa, pegou o celular para ver a hora. Eram onze, pelo menos uma vez havia chegado no horário. Amal apareceu logo depois e lhe deu um abraço.

- Prazer em vê-la, Amal.

- Prazer em vê-la também.
- Ninguém mais vem?
- Espero que sim; senão, seria muito triste. Espere, veja.

Nisrine Saliba e Ghida Salameh acabavam de entrar com os respectivos maridos. Acenaram com a cabeça para cumprimentar e se sentaram em um dos bancos. Amal arqueou as sobrancelhas, pegou Mouna pelo cotovelo e a guiou até um banco do outro lado do corredor.

- Eu ia cumprimentá-las.
- Eu sei, mas, para quê? Viu o jeito como nos olharam? Por que você tem de dar o primeiro passo? Elas lhe devem desculpas... e dinheiro também.

O sacerdote entrou com uma urna e a deixou no atril à sua frente.

- Deus receba sua alma – disse antes de ler dois parágrafos da Bíblia.

Cinco minutos depois havia terminado o ofício.

- Descanse em paz, Claudine Haddad.
- Só isso? – surpreendeu-se Mouna.
- O sacerdote não a conhecia, o que mais ia dizer?
- Amal, preciso dizer algumas palavras. Isto é penoso – queixou-se ao ver que Ghida e Nisrine se levantavam.
- Mouna – chamou Amal, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, ela já estava no atril. Tornou a se sentar e fez um gesto às duas idosas para que a imitassem.

- Gostaria de dizer algumas palavras sobre Claudine Haddad.

*Tante* Claudine era minha senhoria. Ia todos os dias às duas e meia em ponto ao salão.

Continuou falando sobre ela e sobre quão estranhamente vazia havia se sentido quando ela deixara de ir ao salão.

- Eu lhe escrevi um bilhete para dizer que estava preocupada e fiquei muito triste porque me interpretou mal. Pensou que eu a estava adulando e que queria enrolá-la porque precisava de dinheiro. Mas não foi isso. Escrevi esse bilhete porque sabia que ela era sozinha e queria que soubesse que havia pessoas que se preocupavam com ela.

Tornou a se sentar com lágrimas nos olhos. O sacerdote agradeceu e finalizou o serviço com uma oração por Claudine. Mouna e Amal foram para a porta da igreja seguidas por Ghida, Nisrine e os maridos.

Ao sair ao sol, Mouna notou que as duas mulheres sussurravam enquanto seus maridos discutiam por algum motivo.

– Vou cumprimentá-las, isso é ridículo – disse a Amal.

Ao se aproximar, elas deram um hesitante passo à frente de mãos dadas.

– Foi muito bonito, Mouna – agradeceu Ghida.

– Sim, foi muito lindo – acrescentou Nisrine.

– Foi o que acabei de dizer – protestou Ghida.

– E eu concordei com você – replicou Nisrine.

– Senhoras, senhoras. Não discutam, por favor. Quero lhes pedir desculpas se as ofendi de alguma maneira. Não era minha intenção.

– Não foi nada – tranquilizou-a Nisrine.

– Sim, não foi nada – repetiu Ghida, e Nisrine lançou um olhar assassino para a amiga.

– Podem me dizer o que fiz para aborrecê-las?

Ghida e Nisrine se olharam.

– Diga você – pediu Ghida.

– Por que eu? Você é que estava brava.

– Assim como você.

– Não tanto como você.

– *Tantes*, por favor. Uma das duas pode me dizer? – perguntou Mouna antes de se virar para Amal, que estava rindo. – Sinto falta de vocês, e Amal também.

– Ficamos bravas porque achamos que você nos diria quando *madame Sayah* ia ao salão, para que levássemos mais doces – explicou Ghida.

– Mas você não falou e feriu nossos sentimentos dizendo que o Cleópatra não era uma padaria – acrescentou Nisrine.

– Senhoras, senhoras... – Mouna as acalmou sorrindo. – O Cleópatra não é nem uma padaria nem uma confeitaria, é um salão de beleza. Se quiserem vender doces, vão ter que abrir uma loja.

Quando as clientes vêm para que eu arrume o cabelo delas, ou as unhas, ou as depile, não querem ser incomodadas com doces ou bolos.

– Mas foi você que disse que ela adorava nosso *nammura* – queixou-se Ghida.

– Sim, eu contei o que ela disse, só isso. Se ela quiser mais doces, sabe onde encontrá-las.

– Mas ela não ligou de novo – interveio Nisrine.

– Talvez esteja muito ocupada. – As duas fizeram biquinho. – Senhoras, por favor, não se aborreçam comigo. Não fiz com má intenção.

– Mouna... – começou Ghida com extremo cuidado.

– E nossa dívida? – Nisrine acabou a frase. – Agora que o Cleópatra está fechado, ainda devemos esse dinheiro?

– Acho que o mais justo seria que lhe pagassem quando abrir de novo – sugeriu Amal, que havia aparecido de repente.

– Amal – protestou Mouna, lançando-lhe um olhar. – Deixem para lá, senhoras. Quando eu abrir de novo, veremos o que acontece.

– Muito obrigada – disse Nisrine.

– Muito obrigada – repetiu Ghida.

– Eu já disse isso.

– E por que só você pode falar?

– Por que continua segurando minha mão?

– Porque você também está segurando a minha.

– Então solte, medrosinha.

– Solte você primeiro – replicou Ghida, enquanto iam para os maridos.

Mouna riu.

– O que fazemos agora? – perguntou Amal.

– Venha, vamos ao café Arabica – sugeriu Mouna, e foram de braços dados até a *rue Gouraud*.

– Você tem sorte de ter tido uma segunda chance, Amal, não a desperdice – comentou Mouna ao chegar à porta do Cleópatra.

A garota assentiu, e as duas olharam com tristeza para a porta de ferro, o antigo cartaz de cinema e o néon cor-de-rosa que já não

estava ligado. Mouna foi até a porta, observou o lacre e tornou a ler o bilhete. Seu lábio tremia, mas pegou Amal pelo braço e se afastou, ciente de que seu cotidiano continuaria tendo altos e baixos, momentos alegres e tristes, mas que a vida que Deus nos dá continua.



## Capítulo 24

Poucos dias depois, Amal e Lailah foram para Deir el-Ahmar armadas com todos os apetrechos necessários para pintar. Nina e Roger prometeram visitá-las.

Enquanto Amal pintava, Lailah passeava, explorava o entorno, percorria campos, hortas e vinhedos, colhia flores e frutas e visitava pequenas barracas de mercado e lojas para comprar verdura, pão e vinho local, que lhe agradou tanto ou mais que alguns dos caros vinhos franceses ou espanhóis com que Rachid costumava se abastecer.

Conforme passavam os dias naquela calma idílica e bucólica, o vínculo estabelecido entre elas por causa de seu amor à arte e à beleza foi se fortalecendo. Quando Amal pintava no quarto que haviam transformado em um estúdio improvisado, Lailah ia vê-la de vez em quando, para aconselhá-la ou opinar. Quando pintava fora, ajudava-a a transportar as tintas e o cavalete e aproveitava o ambiente ao ar livre. Amal conhecia bem a região e a levava a lugares pouco frequentados, como a caverna com a lagoa ou o topo de uma colina afastada das rotas turísticas. Lailah não estava habituada a esse tipo de relação com outra mulher, uma relação absolutamente não condicionada ou motivada por nada que não fosse o apreço ou o puro prazer de sua companhia e a paixão pela beleza da paisagem que as cercava. Não tinha muitas amigas, pois sua beleza as intimidava e costumavam deixá-la sozinha ou à mercê de homens que irremediavelmente a desejavam. Pela primeira vez na vida, sentiu que podia ser genuína e franca, sem ter de se vestir



impecavelmente, maquiarse ou ir ao salão de cabeleireiro todos os dias.

Entendiam-se perfeitamente. Nesse tempo, ambas amadureceram: Lailah, pessoalmente; Amal, do ponto de vista profissional.

– Aqui é tão bonito que nem parece o Líbano – disse Lailah um dia no cânion próximo à caverna.

– Parece o quê?

– Não sei. É como o melhor de Provença e da Toscana juntas – respondeu com o rosto virado para o sol.

– Não conheço.

– Nunca estive no exterior?

– Para quê? Veja como tudo isso é bonito – respondeu Amal fazendo um gesto para o entorno.

– Nunca pensou em se casar de novo?

– Não.

Lailah preferiu não forçar. Se um dia quisesse falar disso, falaria.

– Venha, veja – disse Amal.

Lailah ficou impressionada. Havia pintado a entrada da caverna, as árvores próximas, o céu e ela sentada sobre uma manta.

– Quando Khaled morreu, algo dentro de mim morreu com ele. Não acredito que possa ter com ninguém o amor que compartilhamos.

– Você tem sorte, nem todo mundo tem essa oportunidade.

– Ele adorava isto aqui, o vale, as montanhas... Amava seu país, sua história, seu povo...

– Você também ama este país, basta ver seus quadros.

– Como não amaria? Esta terra tem tanta história – disse, ajoelhando-se para pegar um punhado de terra vermelha. – Imagine quanta gente passou por aqui e quantas coisas deixaram para trás. Este cânion em particular tem uma aura e uma energia tão intensas...

– Posso sentir. Posso vê-las no quadro. Seu coração sente essa força, a beleza da terra... Seus olhos a veem, e sua mão a

interpreta. Você a trata com extremo cuidado, capturou-a com absoluta doçura.

Quando o sol se pôs, voltaram atravessando os campos até a casa de Deir el-Ahmar.

– Vamos apostar corrida! – desafiou Amal.

– O quê? – perguntou Lailah estranhando, e, antes que pudesse perceber, Amal saiu correndo por entre as flores silvestres e a grama que crescia a algumas centenas de metros da casa. – Não é justo! Estou mais carregada!

– Ganhei! – vangloriou-se Amal quando Lailah chegou sem fôlego alguns minutos depois.

– Você foi muito injusta! – arfou Lailah, tentando recuperar o fôlego.

– Na verdade, peguei um atalho – confessou Amal enquanto a ajudava a entrar na casa com os quadros e os apetrechos de pintura.

Lailah foi à cozinha preparar o jantar. Amal a acompanhou depois de guardar as telas com cuidado. Lailah serviu duas taças de vinho.

– Muito bom – elogiou a garota. – Se bem que não sou especialista.

– Eu também não, só gosto do que tem sabor bom.

– É mesmo? Achei que, por ser *madame* Hayek, era uma especialista.

– Em meu papel de *madame* Hayek, eu era outra pessoa. Eu me transformei no que Rachid queria que eu fosse.

– E agora?

– Agora sou livre, aqui sinto que posso ser eu mesma. Olhe para mim; estou de jeans, uma camisa de algodão e tênis. Faço um rabo de cavalo e não sei quanto tempo faz que não passo batom. Minha mãe ficaria escandalizada, e Rachid... quem sabe o que diria. Com certeza pensaria que sou a criada. – Começaram a rir. – Sério, estou feliz. Estou cercada de tudo o que me agrada: arte, uma amiga, boa comida, o campo... uma vida simples. O que mais posso pedir?

– Não se sente sozinha?

– E você?

– Não, mas eu escolhi ficar sozinha.

– Eu também.

– Mas eu tenho minha pintura...

– Bem, eu também estou cercada de arte. Posso não pintar, mas adoro a arte e este país, e aqui posso aproveitar os dois. Por que acha que trabalho no Sursock? – Amal deu de ombros. – Para ajudar artistas libaneses. Eu podia ter ido para Paris ou Nova York trabalhar em uma galeria de arte ou ter uma galeria própria, mas queria ajudar os artistas daqui, os novatos, e o Sursock é o primeiro passo.

– Não sei se eu gostaria de viver em Paris.

– Talvez não, mas algum dia devia ir para lá – sugeriu Lailah dando os últimos toques no jantar.

– Que banquete! – exclamou Amal quando Lailah pôs na mesa uma travessa de verdura e pão. – O que Rachid diria se soubesse que você cozinha assim?

– Rachid... – suspirou. – Eu sabia como ele era quando me casei. Todo mundo me advertiu de que ele tinha fama de mulherengo, mas cometi o erro de achar que poderia fazê-lo mudar depois de casados.

– Também não acredito que as mulheres mudem. Somos como somos, e as pessoas nos aceitam ou não. Talvez nós, mulheres, sejamos mais propensas à mudança e nos adaptemos melhor às situações, às circunstâncias, mas não mudamos de caráter.

– Verdade; simplesmente fingimos melhor.

– E somos um pouco mais dispostas ao sacrifício... e generosas. E talvez também um pouco mais pacientes.

– Sabe de uma coisa? Antes de me casar com Rachid, eu tinha muita confiança em mim mesma, sentia-me muito segura. Lembro que tinha paixão e convicções que defendia. Sabia o que desejava e o que fazer para conseguir. Depois do casamento, não sei o que aconteceu. É como se eu tivesse permitido que Rachid me ofusasse e me fizesse sentir inútil. Eu me tranquei em uma gaiola e o culpei por me sentir sozinha e insegura, mas, na verdade, eu torturei a mim mesma. Eu me castigava por ter me transformado em minha mãe, algo que jurei nunca fazer. Agora, graças a você, redescobri

quem sou. É como se eu tivesse aberto a porta da gaiola e me deixado sair. Eu me olho no espelho e gosto do que vejo.

Continuaram jantando em silêncio.

– Obrigada, Lailah.

– Por quê?

– Por me estimular a pintar. Sem você, eu não teria conseguido. Sem sua fé, eu continuaria me olhando no espelho e odiando meu reflexo.

– Continue pintando, Amal. Você precisa disso para se curar e se tornar quem é. Você tem sorte de ter descoberto sua vocação. A maioria das pessoas passa a vida tentando encontrá-la, e a maior parte das vezes não consegue.

Lá fora, ouviam-se os ruídos do crepúsculo, e uma suave brisa soprou na casa de Deir el-Ahmar.

– Quando sabemos do que necessitamos, descobrimos quem somos – concluiu Amal erguendo a taça. – A você, minha amiga – brindou para selar a amizade que havia começado quando lavava a cabeça de Lailah no salão de beleza Cleópatra.

Vários meses depois do funeral de Claudine, o celular de Mouna tocou. Graças a algumas clientes em domicílio, como Dina Chaiban, fora se virando. Apesar das tentativas de Imaan, o salão Alexandre continuava sem decidir se a contratava. Olhou o número antes de atender. Não o reconheceu, mas era de Beirute.

– *Allo.*

– *Madame* Al-Husseini? – perguntou uma voz masculina.

– *Bonjour.*

– *Madame*, meu nome é Bassam Achkar.

– Em que posso ajudá-lo?

– Você é a dona do salão de beleza Cleópatra?

– Por que pergunta?

– Preciso falar com a proprietária. – Mouna ouviu barulho de papéis. – Eh... *madame* Mouna Al-Husseini.

– Quem é você? – perguntou Mouna assustada.

– *Madame*, sou o advogado que cuida dos últimos desejos da falecida *madame* Claudine Haddad.

Mouna ficou perplexa, não sabia o que tinha a ver com tudo aquilo.

– Não entendo. Claudine Haddad era minha senhoria, e eu paguei o aluguel até que a prefeitura fechou o salão.

– *Madame*, isto não tem a ver com o aluguel – comentou o homem rindo.

– Então, por que está me ligando?

– Liguei para informá-la de que *madame* Claudine Haddad a nomeou beneficiária de suas propriedades e bens.

– Desculpe, não entendi o que isso quer dizer.

– *Madame* Al-Husseini – começou o homem limpando a garganta –, agora a senhora é proprietária do salão e dos três apartamentos que ela possuía na *rue Gouraud*: o que ela habitava e os dois onde viviam *monsieur* e *madame* Salameh, e *monsieur* e *madame* Saliba.

Mouna se levantou, não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Ainda há mais.

“Mais? Como pode haver mais?”, pensou.

– Ela lhe deixou cinquenta milhões de libras. – Ouviu barulho de papéis. – Aqui diz... um momento... que quer que utilize esse dinheiro para pagar o imposto municipal e renovar a licença comercial, reformar o salão e, se sobrar alguma coisa, para seu casamento.

Criou-se um absoluto silêncio.

– *Madame* Al-Husseini? *Allo. Madame? Vous êtes là?*

– Sim, sim.

Bassam Achkar lhe deu todos os detalhes do que tinha de fazer.

Finalmente, sua sorte havia mudado.

*Dois anos depois...*

Nina Abboud estava em seu escritório de La Dolce Vita, o último dos quatro restaurantes italianos dos quais era sócia com Claudia. Estava tomando seu segundo café enquanto lia o jornal quando o telefone tocou.

– *Habibti* – cumprimentou a voz de Imaan.

– *Votre excellence!* Como está *madame* embaixadora esta manhã?  
Como vai Londres?

– *Bonjour, bonjour, mon amie. Kifek ente?*

– *Très bien, très bien. Hamdellah.* Como vão as coisas na embaixada?

– Bem. Quando vem para cá? Vou estender o tapete vermelho.

– É tentador! Talvez eu vá mês que vem, mas antes vou para Roma e Palermo.

– Faz meses que diz a mesma coisa.

– E por que não vem você? Recebeu o convite de Lailah para a exposição de Amal na galeria Najjar?

– Sim.

– Venha, vou cuidar da comida e da bebida do coquetel de abertura.

– *Anllad?* Eu iria nem que fosse só pela comida.

– Vou fazer *mezze*.

– Você?

– Ei! Claro! *Humus, babaganush, kibbeh...*

– Estou ficando com fome só de ouvir você falar.

– Venha, Imaan. Venha nem que seja só por uns dias. Podemos ir à exposição e à reabertura do Cleópatra.

– É, eu soube. Fico muito feliz por Mouna, ela é uma mulher encantadora. O que Samir está fazendo?

– Vão se casar daqui a um ano, assim que ele acabar o que está fazendo nos Estados Unidos. Quer celebrar o casamento em Paris.

– É uma ideia adorável, romântica.

– A propósito, Joseph foi ao restaurante outro dia, sozinho.

– Agora somos muito amigos – disse Imaan. – Conversamos quase todos os dias e concordamos que nos damos melhor como amigos do que como marido e mulher.

– Fico feliz. Ele é uma boa pessoa, mas não para você; você é dura demais para ele. Ele tem seus vícios, como todos.

– Ele finalmente confessou que quem envenenou nossa relação há dois anos foi Rima Saad.

– E como ela soube da conversa que tivemos no Claudia's?

– Não me surpreenderia se ela estivesse escondida atrás de uma planta – disse Imaan, e as duas começaram a rir.

– Ela é desprezível. Que se dane. O que acha de um fim de semana em Beirute só de garotas?

Mouna retirou os cadeados e entrou no Cleópatra. As obras estavam quase acabadas. Estava muito contente com o resultado. Parecia um *loft*. Havia rebocado e pintado as paredes e o teto com um branco suave que trazia mais luz ao interior; o piso era de mármore branco. Havia uma sala fechada para depilação, uma área para manicure e pedicure que contaria com cadeiras especiais e lavabos, e outra para lavagem e tratamentos de cabelo. Só faltava que entregassem o mobiliário e alguns retoques na instalação elétrica e nos encanamentos. Adorava os lustres. No centro havia colocado um pesado e suntuoso lustre de cristal verde lima que havia sido fabricado para um salão de baile, mas ela não se importava. No resto do local colocara luminárias com vidros de diferentes cores que davam colorido ao que, sem elas, seria um ambiente austero, pois o mobiliário era simples, moderno e minimalista.

Sentou-se junto ao antigo balcão. “Talvez devesse dar uma olhada, com certeza ainda há coisas dentro”, pensou. Encontrou a antiga agenda, o caderno onde Amal havia anotado o que Claudine, Ghida e Nisrine deviam. Estas duas últimas tinham se tornado suas inquilinas. Surpreenderam-se muito quando Mouna lhes deu a notícia, mas ela prometeu manter o mesmo aluguel. Também sugeriu que elas alugassem o apartamento de Claudine e o transformassem em confeitaria, para legalizar a coisa. As duas acharam uma excelente ideia.

Ao jogar a agenda no lixo, viu o envelope com as fotografias de seus irmãos na obra de Sídon de 1964-1965. “*Ya Allah!* Quase as joguei fora!”, pensou. Ouviu a nova campanha que havia substituído a de bicicleta, olhou para a nova porta de vidro, que substituíra a de madeira rosa, e observou a vitrine de vidro que mandara colocar no lugar da de madeira e vidro com persianas. Apertou o botão que abria a porta para que o encanador e o eletricista entrassem. Colocou o envelope na bolsa e foi lhes dar instruções. Enfatizou que

precisava que tudo estivesse acabado em duas semanas, o dia da grande reabertura. Além de informar a todas as suas clientes, Lailah Hayek a havia convencido a oferecer um coquetel e disse que convidaria todas as suas amigas.

O telefone de Lailah não parava de tocar. Todo mundo queria ir à inauguração de Amal. Falava-se tanto dela que tinha certeza de que venderiam todas as peças. As novas obras não tinham a graça e elegância de seus quadros anteriores, mas eram mais modernos; Amal havia corrido riscos, e os quadros mostravam a confiança que a maturidade traz.

Hala e Lailah iam de um lado para o outro dando os últimos retoques na exposição *Papoulas*. Hala havia pedido o quadro emprestado a Nina, junto com o *Campo de trigo* também. Além da obra anterior, havia mais quatro quadros novos, pintados com a mão esquerda, como uma natureza-morta de romãs, que ela adorava. Hala pendurou as doze peças, iluminou-as com perfeição e misturou as novas com as anteriores. Queria ter mais, mas aquilo era o início.

A abertura da exposição, na qual os presentes poderiam contemplar as obras de Amal e degustar os coquetéis e aperitivos que Nina havia preparado, estava prevista para as oito. Quando as pessoas começaram a chegar, às sete e meia, Lailah teve a sensação de que ia ser um sucesso, não só para Amal, mas também para Hala. Havia convidado jornalistas, pessoas relacionadas com o mundo da arte, da política e dos negócios, um amplo espectro da sociedade de Beirute.

Às oito a galeria estava cheia, e havia gente na calçada. Ela pediu a Amal para chegar às oito e meia, mas teve medo que, ao ver tamanha multidão, desse meia-volta e fosse embora. Tentou ligar para ela, mas não obteve resposta. Queria apresentá-la a várias pessoas do Surssock. O champanhe e o vinho fluíam, enquanto os garçons serviam os aperitivos.

– Ah, Nadine! – exclamou soltando um suspiro aliviado.

– Lailah! – cumprimentou e a beijou no rosto. – Está maravilhoso! Veio todo mundo! E os quadros... são espetaculares. Não sabia que Amal era tão boa. *Mabruk, habibti*.



– Obrigada. Pode me fazer um favor? Preciso ficar aqui com toda essa gente; se importaria de ir buscar Amal ou esperá-la lá fora? Eu disse a ela que viesse às oito e meia, mas tenho medo de que, ao ver tanta aglomeração, não se atreva a entrar.

– Mas claro.

– Ótimo, ligue-me assim que a vir.

– Preciso ir – desculpou-se Nadine diante do grupo de pessoas com quem estava.

– Espere, Nadine! Veja!

Amal tinha acabado de entrar amparada por Mouna e Imaan, e seguida por Nina. Amal fez cara de espanto; as outras três mulheres pareciam suas guarda-costas, decididas a mantê-la a salvo.

– Senhoras! – gritou Lailah ao ver as amigas. – Bem-vinda a Beirute, Imaan – cumprimentou-a dando-lhe um abraço. – Nina, os aperitivos estão excelentes. Obrigada por vir, Mouna. E aqui está a estrela – disse ao abraçar Amal. – Vou roubá-la um instante.

Voltamos logo. Venha, Amal; pare de fazer essa cara de assustada, ninguém vai devorá-la.

– Deixe que eu ajude – interveio um homem, pegando Amal pelo braço.

– Roger! – Amal suspirou aliviada ao vê-lo. Continuava morando na casa dele.

– Esperem aqui, vou trazer as pessoas que quero lhe apresentar – pediu Lailah.

– Olhem para ela, está em seu elemento. Devia organizar mais inaugurações – comentou Imaan.

– Vou sugerir a ela que abra uma empresa de eventos. Seria ótimo. Além do mais, com todas as pessoas que conhece, não lhe faltaria trabalho. De fato, ela poderia se encarregar de todos os eventos que organizamos no restaurante; eu não tenho tempo – interveio Nina.

– Ela está cuidando da reabertura do Cleópatra amanhã, *madame* Sayah – comentou Mouna.

– Chame-me de Imaan, por favor.

– E a mim de Nina; você é quase minha nora.

– Muito obrigada; espero que venham amanhã.  
– Não perderei essa, mas vai ter de nos pentear para a ocasião – disse Imaan.  
– Eu também não me importaria se me penteasse – completou Nadine.  
– Claro, a que horas querem vir?  
– Por que não vamos ao meio-dia? Assim Lailah terá a tarde toda para organizar a noite – sugeriu Imaan.  
– Posso convidar umas amigas? – perguntou Nadine.  
– Eu também vou convidar – disse Imaan.  
– Vai ser um sucesso. Samir vai ficar muito orgulhoso de você – vaticinou Nina.

Mouna sorriu.

– Uma taça de champanhe?  
– Claro – disse Imaan, enquanto todas aceitavam uma.  
– Ao sucesso do Cleópatra! – brindou Nina.  
– E ao sucesso da exposição de Amal! – acrescentou Mouna, erguendo a taça.

Todas as taças se chocaram no momento em que Lailah pegou o microfone para apresentar Amal. O público irrompeu em aplausos mesmo antes de ela terminar.

A exposição foi um sucesso. Todos os quadros foram vendidos, exceto os que Nina já possuía, e Hala aceitou várias encomendas de gente que pagou uma entrada por obras que nem sequer haviam visto. Mouna estava feliz com o sucesso de sua amiga.

– Perdi minha assistente – disse, dando-lhe um abraço no final da noite.  
– Desculpe; vou voltar a trabalhar com você.  
– Não diga bobagens, era brincadeira. Vou arranjar outra. Você precisa vir amanhã à tarde. Melhor, por que não vem de manhã? Eu gostaria de lhe mostrar o salão, e Nina, Nadine e Imaan vão arrumar o cabelo. Quem sabe se...  
– Claro, vou lavar os cabelos delas, pelos velhos tempos.

Quando Mouna chegou ao Cleópatra na manhã seguinte em sua Vespa, Amal a estava esperando. Estava sentada em uma cesta

velha, de fones de ouvido e óculos, com um cigarro na mão e balançando a cabeça ao som da música.

– *Bonjour, Amal. Kifek?* – cumprimentou-a, empurrando a moto até onde ela estava.

– *Marhaba*. Quando vai comprar outra?

Mouna riu e amarrou a Vespa no poste de telefone que ficava junto ao salão. Apertou um controle remoto, e a porta de ferro começou a se levantar.

– Impressionante! – exclamou Amal. – Uau! – gritou mais alto, e ficou de queixo caído ao ver a vitrine.

Mouna abriu a porta e digitou o código do alarme antes de acender as luzes.

– É incrível – aplaudiu Amal passando os dedos pelo novo balcão.

Atrás dele estavam as prateleiras com os produtos de beleza. Na parte da frente, dos dois lados da porta, havia sofás, cadeiras e mesinhas para que as clientes esperassem. Mais além, quatro novas poltronas equipadas com secadores, bobes, grampos e escovas. Amal deu uma volta e reparou no lustre, na limpa e bem organizada área para lavar o cabelo, no armário para as toalhas e aventais, e na seção de depilação, onde resplandecia uma mesa de massagem de couro, com um rolo de papel com ponta para cobri-la, que havia substituído a velha cadeira reclinável.

Mouna sorriu ao ver a expressão de Amal.

– E agora... – Mouna apertou outro botão do controle remoto, e o salão se inundou com a música de “Thriller”, de Michael Jackson.

– *Mabruk, mabruk!* É fantástico!

– Um café?

– Dá tempo de ir ao Arabica ou quer que eu vá buscar?

– Para quê? – perguntou Mouna, afastando uma cortina atrás da qual havia uma máquina Nespresso.

– *Allaho Akbar!* Você vai dar trabalho ao Alexandre. Estou muito orgulhosa de você. Você merece todo o sucesso do mundo.

Quando estavam acabando o café, tocou a campainha. Mouna deixou entrar Imaan, Nina, Nadine e Lailah.

– *Ahlan, ahlan* – cumprimentou-as.

Todas elas deram gritinhos de admiração ao ver as mudanças e parabenizaram Mouna por seu bom gosto e por tudo estar tão bonito.

– Obrigada por virem. Quem quer ser a primeira com Amal?

Todas levantaram a mão ao mesmo tempo e começaram a rir. Nina foi com Amal e Lailah pediu a Nadine que a ajudasse com umas ligações relacionadas com a reabertura.

– Como está Londres, Imaan? – perguntou Mouna.

– Estou muito contente. Principalmente porque, quando trabalho muito, chego em casa esgotada e durmo assim que encosto a cabeça no travesseiro.

– Fico feliz por você, mas não deixe que o trabalho arruíne seu coração.

– Acho que isso não vai acontecer, *habibti*. Pelo menos é o que espero.

– Ah, *madame* Sayah... Perdão, Imaan. Lembra as fotos de que falei?

– Não muito. Estão aqui?

– Sim, queria mostrá-las a você – disse Mouna, tirando o envelope da bolsa.

Imaan o abriu e, ao olhar as fotos, ficou calada. Olhava sem parar, estudando-as com cuidado.

– Você sabe quem é o outro homem da foto e a menina?

Imaan olhou para ela com os olhos cheios de lágrimas.

– É meu irmão Hasan; a menina sou eu. Eu devia ter 6 ou 7 anos quando essas fotos foram tiradas.

– Imaan...

– Ele era meu irmão mais velho. Era tudo para mim. Morreu quando eu tinha 8 anos.

– Sinto muito. Espero não a ter entristecido. Não era minha intenção.

– Não, Mouna – tranquilizou-a, secando as lágrimas. – Fico feliz que tenha me mostrado as fotos. Foi uma surpresa, não sabia que existiam.

– Você sabe onde foram tiradas?

– Era uma obra em um acampamento de refugiados palestinos em Tiro, em Rashidiyeh. – Fez uma pausa para olhar as fotos de novo. – Sempre havia muitos problemas ali. Na verdade, foi onde o pai de Nina matou acidentalmente meu irmão Hamdan, em 1958.

– Como?

– Sim, Nina e eu já falamos sobre isso. Aconteceu antes de nós duas nascermos. Eu nunca conheci Hamdam nem sua mulher, que depois se tornaria mãe de Nina. Isso nos uniu muito.

– Fico feliz.

– Na verdade, conversamos sobre ajudar os refugiados desses acampamentos. Sei que não será politicamente correto e ignoro que repercussões pode ter o fato de a embaixadora libanesa no Reino Unido ajudar os palestinos... Vamos ver como resolvemos isso.

– Acho que deviam começar com doações – sugeriu Nina, aproximando-se delas.

– Não seria mau. Além do mais, isso me permitiria permanecer no anonimato. Como vamos saber que o dinheiro chegará aos refugiados? Vamos precisar de alguém que o controle – comentou Imaan.

– O que estão falando sobre os acampamentos de refugiados? – inquiriu Lailah, juntando-se à conversa. – Nadine está lavando a cabeça – informou a Mouna, que começou a pentear Nina.

– Nina e eu queremos ajudar os acampamentos do sul. Temos muita relação com Rashidiyeh.

– Eu também quero colaborar – ofereceu Lailah. – Tentei fazer isso há anos, quando estava na universidade. Doei todo o dinheiro do concurso de Miss Líbano à causa palestina. Houve muito má repercussão por isso.

– Então, vamos fazer. Todas podemos ajudar. Vamos entregar o dinheiro a Lailah para que garanta que chegue aos acampamentos – disse Nina.

– Quero ajudar a educar as crianças refugiadas e lhes proporcionar uma vida melhor e um atendimento médico mais completo – acrescentou Lailah.

Mouna sorriu ao ouvir aquelas três mulheres, cuja determinação certamente mudaria a vida dos refugiados palestinos no Líbano. De alguma forma, elas também eram refugiadas. Apesar de fazerem parte da sociedade de Beirute, eram diferentes, destacavam-se e eram independentes. Também eram enérgicas, valentes e fortes. Haviam tentado se integrar à sociedade em que nasceram, mas não conseguiram. Então, haviam fugido dela. De fato, o salão Cleópatra se transformou em um refúgio onde podiam ser elas mesmas. Falavam de algo que seus pares desaprovavam, mas não se importavam.

Mouna esperava um dia ter essa valentia.

O salão de beleza Cleópatra se transformou em um dos mais famosos de Beirute.

Samir e Mouna se casaram e viveram em Beirute até se mudarem para Washington D.C.

Amal voltou para Deir el-Ahmar e se consagrou como pintora.

Imaan continuou sendo embaixadora do Líbano no Reino Unido.

Nina vive em Beirute, onde dirige vários restaurantes italianos junto com Claudia.

Lailah continuou trabalhando com Amal e outros artistas. Criou uma fundação que subsidia programas educacionais e de assistência médica a mulheres e crianças dos acampamentos de refugiados palestinos. Continuou casada com Rachid, mas só legalmente.

Nadine começou a trabalhar com Lailah.

Rachid abandonou Rima, que logo pescou outro homem rico. Desesperada por se manter jovem, transformou-se em uma vítima da cirurgia plástica.

<sup>1</sup> Em Beirute, os táxis funcionam como lotações, pegando passageiros ao longo do caminho. (N.E.)

2 Nome fictício do prefeito do Rio de Janeiro. (N.E.)



# Glossário

- Abaya*: Uma túnica longa.  
*Ahlan*: Olá.  
*Ahwe*: Café.  
*Al-hamdellah*: Graças a Deus.  
*Allah Ghalib*: Deus queira.  
*Allah ma'aak*: Deus está com você.  
*Allaho Akbar*: Deus é maior.  
*Ana b'hebbek*: Eu te amo.  
*Anllad*: É mesmo?  
*Awamat*: Bolinhos de iogurte em calda.  
*Baba*: Papai.  
*Babaganush*: Pasta de berinjela.  
*Baharat*: Mistura de especiarias.  
*Bakshish*: Gorjeta.  
*Baklawa*: Doce de pistache e nozes.  
*Barak Allah fik*: Que Deus o abençoe.  
*Batinllan*: Prato feito de berinjela.  
*Burma*: Doce de tâmaras.  
*Fatayer*: Torta de espinafre.  
*Habibi*: Querido(a).  
*Habibti*: Querido(a).  
*Hamdellah*: Bem, graças a Deus.  
*Hamimi*: Cochilo erótico  
*Haqiqa*: Verdade.  
*Haraam*: Maldição!  
*Haraami*: Maldito.  
*Hiyab*: Véu ou lenço.  
*Hurriyya*: Liberdade.  
*Iftar*: Refeição noturna durante o ramadã.

*Immi*: Mãe.

*Ismi*: Meu nome é.

*Istiqlal*: Independência.

*Iza betriide!*: Ajudem-me!

*Khair?*: Tudo bem?

*Khala*: Tia.

*Keffiyeh*: Lenço tradicional árabe.

*Kibbeh*: Carne de cordeiro com bulgur e especiarias.

*Kifek*: Como vai?

*Knefe*: Torta de queijo e sêmola.

*La*: Não.

*La ilaha ila Allah*: Só existe um Deus.

*Lubieh*: Vagem.

*Maa salama*: Até logo.

*Maalish*: Não importa.

*Mabruk*: Felicidades.

*Mamul*: Espécie de biscoito.

*Manaish*: Pão caseiro.

*Manush*: Espécie de pizza.

*Marhaba*: Bem-vindo(a).

*Masbut*: Claro.

*Massá al khair*: Boa tarde.

*Mezze*: Aperitivos.

*Mulladarah*: Prato feito com lentilhas e arroz.

*Nammura*: Torta de sêmola.

*Sabah al khair*: Bom dia.

*Sabah al nur*: Resposta a bom dia.

*Salam aleikum*: A paz esteja com você.

*Sayadieh*: Arroz de peixe.

*Sharrfuna*: É uma honra.

*Sheij el mehshi*: Berinjela recheada.

*Shu*: O quê?

*Shu ajbarik*: Tudo bem?

*Shu esmik?*: Como se chama?

*Shukran*: Obrigado.

*Siyada*: Soberania.

*Subhan Allah*: Louvado seja Deus.

*Tawteen*: Assentamentos palestinos permanentes.

*Tayeb*: Tudo bem, ok, de acordo.

*Tekrame*: De nada.

*Tsharrafnah*: É um prazer.

*Umma*: Mãe.

*Wa aleikum assalam*: E também com você.

*Wa Allah*: Deus queira.

*Wahda wataniyya*: Unidade nacional.

*Walaw*: Ora!

*Ya Allah!*: Meu Deus!

*Ya hazzana*: Minha adorada.

*Yallah!*: Venha! Vamos!

*Yislamo*: Obrigado.

*Zaatar*: Mistura de especiarias.



## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas, cuja ajuda foi de valor inestimável para mim:

A Duncan Macaulay, por ter a paciência de um santo; a Eustaquio Escandon e Isabelle Peeters, por sua grande generosidade; e a meu amigo e sempre aliado Gay Walley.

E a Enrique Alda, Eva Mariscal e Blanca Rosa Roca, bem como a toda a equipe da Roca, minha editora na Espanha.